

# Memórias

Nicolau Vergueiro

Coleção de textos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados em redes sociais, jornais, revistas e livros diversos, disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 11/07/1935

Título : 001 O PRIMEIRO DOENTE

Categoria: Memórias

Descrição: Na cidade trabalhavam dois médicos licenciados:

Logo depois de formado, em 24 de dezembro de 1905, fui para Passo Fundo.

Ali chegado a 25 de janeiro de 1906, abri meu consultório na Farmácia dos Pobres, de Oscar Pinto de Moraes, anunciando-me então pelo único jornal da terra, o semanário “O Gaúcho”. Decorreu-se exatamente um mês, sem que eu tivesse uma consulta sequer. O meu desapontamento era imenso, e já estava resolvido voltar a Porto Alegre.

Na cidade trabalhavam dois médicos licenciados: Roberto Cunha e Silva e Gezerino Lucas Annes. Este tinha cerca de 80% da clínica, e era homeopata; aquele que fora estudante de medicina na Bahia, e que tomara parte saliente na revolução de 1893, no Rio Grande do Sul, nas forças de Gomercindo Saraiva, dedicava-se também à advocacia, principalmente Juíz. Ambos, mormente o homeopata, moviam-me uma guerra surda e lenta. Em 25 de fevereiro, fui chamado para atender a uma menina, filha do Sr. João Jacob Muller. Gezerino era o médico assistente. Tratava-se de um caso grave de angina diaplitérica, e até aquela época doente acometido de tal enfermidade era “defunto fresco”, pois ali não se conhecia o soro de Roux.

Parece incrível, mas é a pura expressão da verdade, que em Passo Fundo ainda não se fizera uma injeção de medicamento algum: o método de tratamento por meio de injeção era completamente desconhecido.

Atendi ao chamado, com a condição de não fazer conferência, não só porque o assistente não era formado (única vez que, por tal motivo, assim procedi na vida) como também pela campanha e descrédito que me era movida.

Além disso, soube que Gezerino dissera: “pois aí está um caso para esse menino; vamos a ver o seu preparo; sair agora da Academia; é doutor; vamos experimentá-lo”.

Clara era a intenção de me fazer estrear mal.

Na minha pequena ambulância, levava algumas ampolas daquele soro, que até então vinha de Paris. Aconselhei a aplicação. A família opôs-se porque “seria judiar da doentinha, furando-lhe a pele”. Insisti com tenacidade, lendo-lhe livros, revistas e a descrição que acompanhava o vidro. Depois de uma luta tremenda, venci e fiz a primeira aplicação; doze horas depois a segunda e após 48 horas a enferma estava restabelecida.

Foi um sucesso. Na pequena cidade só se falava nesse assunto.

Desde então tomei conta de clínica, quase por completo.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935.

Data : 11/07/1935

Título : 002 EU CUSPI

Categoria: Memórias

Descrição: Foi ferido com projétil de revólver já há 5 dias, e estava com o rosto muito inchado...

Certa vez, conversava eu com o meu ilustre colega, Dr. Arthur Leite, no “hall” do Hospital de Caridade, quando chegou um ferido.

Tratava-se de Domingos Pasqual, rapaz valente, e que seguidamente se envolvia em conflitos.

Foi ferido com projétil de revólver já há 5 dias, e estava com o rosto muito inchado e envolto em panos sujos de sangue. Retirados estes, verificamos um ferimento na parte média do maxilar inferior direito, com fratura deste e de dois dentes. Julgamos conveniente levá-lo ao raio-x para a localização da bala, ao que, mal podendo falar, nos respondeu Pasqual “A...bala... eu...cuspi”.

De fato, assim acontecera: o tiro de um revólver 32 bem ordinário, fora dado de muito perto, o projétil quebrara o maxilar e dois dentes, caindo na cavidade bucal...

Esse Pasqual, mais tarde, em 1932, pelejando briosamente nas forças do General Candido Carneiro Júnior, quando do notável movimento revolucionário de São Paulo, pela reconstitucionalização do País, foi morto no combate do Fão, em Soledade.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935.

Data : 11/07/1935

Título : 003 ROLHA

Categoria: Memórias

Descrição: Aplicamos uma injeção de pituitrina.

Quando clinicava em Passo Fundo o Dr. Varnieri, fomos chamados para atender a uma parturiente. Era o caso de uma múltipla, no seu 12º parto. Encontramo-la com o colo gradualmente dilatado, com o feto bem engajado na bacia inferior, mas com completa inércia uterina.

Aplicamos uma injeção de pituitrina. Dia de muito calor, a senhora se encontrava coberta apenas por um lençol. Cinco minutos depois ouvimos um ruído semelhante ao estouro de uma garrafa de champagne. Descobrimo-la, vimos o feto atirado perto dos pés da enferma, que estava com as pernas ligeiramente curvadas.

Perguntei baixinho ao colega: “Vistes que rolha?”, ao que, desde logo, me respondeu: “eu não me admiro da rolha, mas sim da garrafa”.... Ambos sorrimos.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935.

Data : 11/07/1935

Título : 004 COMEÇO DE BAILE

Categoria: Memórias

Descrição: Por ocasião do ataque ao quartel do 8º Regimento de Infantaria de Passo Fundo, em 3 de outubro...

Por ocasião do ataque ao quartel do 8º Regimento de Infantaria de Passo Fundo, em 3 de outubro de 1930, foi ferido gravemente um pobre moço de 19 anos de idade, por uma rajada de metralhadora no ventre. Era residente em Campo do Meio, e fazia parte das forças do Coronel Marcos de Oliveira Fortes, mais conhecido por Marcos Bandeira.

Recolhido ao Hospital de Caridade, fui vê-lo no dia seguinte, após a rendição do quartel. Estava nos seus últimos instantes de vida, mas ainda me reconheceu. Procurei confortá-lo. Ele bem compreendia o seu estado. Perguntei-lhe se tinha alguma recomendação a fazer, e se queria alguma coisa, ao que me respondeu: “muito obrigado meu querido doutor. Estou muito mal. Vou morrer e só levo para o túmulo um pesar. A única coisa que eu sinto doutor, é morrer no começo do baile”. E expirou...

Essa desgraçada revolução, tão desvirtuada pelos despistamentos getulistas, trouxe ao País um grande número de heróis, quase todos como as joias da Casa Sloper: falsos e ordinários.

Autêntico herói foi aquele humilde e desconhecido soldado.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935.

Data : 11/07/1935

Título : 005 NÃO ESCREVA

Categoria: Memórias

Descrição: Acendeu um cigarro de palha de fumo “macaio” e, contando-me ...

Uma madrugada de inverno, chuvoso e muito frio, fui procurado em meu escritório por um caboclo do sexto distrito, chamado Carolino. Atirou o chapéu e o poncho, sujos e molhados, no chão.

Acendeu um cigarro de palha, de fumo “macaio” e, contando-me ao que viera, cuspiu diversas vezes no assoalho. Dei-lhe a receita com as explicações necessárias, pagou-me 10\$000 pela consulta. Ao se retirar, procurou-a em todos os bolsos sem encontrá-la, pois, não sei como, a mesma caíra para debaixo de uma dobra do poncho. Já amolado com tanta demora, propus-lhe

dar uma outra. O caboclo, cada vez mais nervoso, pediu-me então: “não faça isso, não quero, não quero, eu hei de achá-la”

Não lhe atendi e quando ia escrever uma outra, o Carolino segurou-me no braço e secamente:

- Não escreva, por favor.

- Por quê?

- Sim, retrucou, porque o senhor escrevendo novamente, há de que querer me cobrar outros 10\$000, e eu não estou por isso.

Depois de muito trabalho, ofegante e mesmo suando, achou-a por fim.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935

Data : 11/07/1935

Título : 006 UMA CAÇADA

Categoria: Memórias

Descrição: Tornei-me assim caçador obrigado, mas, confesso, não apreciava o “sport”.

Logo depois de formado, conheci o Raul Conty. Era francês, casado, de gênio muito alegre, comunicativo, cerca de 42 anos, baixo e um pouco gordo. Era, apesar de seu físico, muito ágil: subia em qualquer árvore, grossa, alta e lisa, com a maior facilidade, e sem correias nos pés, tão somente era necessário que pudesse abarcá-la, mesmo em parte.

Gerente de uma poderosa empresa de erva-mate, Marques, Veja & Cia, sua grande paixão era a caça; tudo para ele servia: perdiz, veado, tatus, tigre, raposa, cotia ou qualquer outra. Não gostava de pescar. Não falhava um domingo sequer que não saísse para o campo ou para o mato. Possuía lindos cães, de várias raças. Lembro que comprara, em Montevideú, em perdigueiro vinagre, de nome Tell, por 1:200\$000. Tornamo-nos amigos; era eu o seu médico. De uma viagem que fizera a capital do Uruguai, trouxe-me de presente uma magnífica espingarda belga de dois canos, mocha, calibre 16 e todo o material preciso: cartuchos de papelão e metálicos, buchas secas e engraxadas, pólvora com ou sem fumaça, chumbo de diversos tipos, espoletas e máquinas especiais para tirá-las e colocá-las, medidas para pólvora e para chumbo, etc.

Tornei-me assim caçador obrigado, mas, confesso, não apreciava o “sport”. Fazia-me uma pena imensa matar pássaros, aves ou animais, e tanto eu sofria com isto, que dentro de dois meses, abandonei e denominada “diversão”. Eu nem gosto de animais e pássaros presos; penso ver, nos seus lânguidos olhares, uma imensa tristeza... a da liberdade que perderam, saudade dos

lugares onde nasceram e viveram. Nesse sentido, chego a abominar os jardins zoológicos, porque eles são verdadeiros cárceres.

Em maio de 1908, si não me falha a memória, no dia 8, Conty foi em meu consultório convidando-me a uma caçada de perdizes, à tarde. Excusei-me como melhor pude, mas o francês amigo insistiu tanto, removendo todas as dificuldades, que lembrei de momento, que acedi.

Às 2 horas, saímos: Conty, eu, Augusto Loureiro, dois meninos filhos deste e um menor Osvaldo, meu peão e meu afilhado. Levamos 3 cães: o meu chamava-se Sarandy, cão inteligente e brioso. Entramos pelo meu potreiro nos arredores da cidade. Ali, Sarandy amarrou e atirei com boa pontaria. O cão, ao alcançar a perdiz fe-la aos pedaços, e surrei-o. Disparou para casa. Já aborrecido, quis também voltar, mas continuei, combinando com o Augusto que faríamos tiros alternados. Nos campos de João Schell, tomamos uma direção e Conty outra, seguindo para o lado do cemitério. Poucos metros havíamos caminhado quando chamei a atenção de Augusto do modo como levava a arma, apontando para o meu lado, pois estava com mau presságio. O meu companheiro, ótimo amigo e querido primo, e que foi a primeira vítima da gripe epidêmica, em Passo Fundo, em novembro de 1918, era, nas caçadas, bastante impertinente. Disse-lhe de meu mau pressentimento e chegamos a discutir a respeito. Sentei-me em um cupim, e deixei que os dois caçassem a vontade. Dom Raul, como era conhecido, pois viveu muitos anos na Argentina, já se havia afastado cerca de 800 metros, quando ouvi dois tiros muito rápidos.

Chamei a atenção do meu parente para o caso, que me respondeu que Conty tinha o hábito de descarregar os dois canos, quando errava o primeiro disparo, mas tal era o meu estado de espírito que encaminhei-me para o lugar pressuposto, e mal havia caminhado cem metros, quando ouvi nitidamente: "Socorro! Socorro!" Avisei o Augusto, e ambos corremos para lá. Qu quadro estúpido e brutal, deparamos!

Conty pálido, caído, pedindo insistentemente água, com a roupa do lado direito do ventre queimando, com intestinos a mostra. Tirei um grande lenço de seda do pescoço, e atei-lhe bem apertado no ventre.

Exclamando o velho amigo: "Que horror doutor, vim procurar a morte atrás do cemitério". De fato caíra bem atrás daquele local. Conduzido de carro para a cidade, verificamos o ferimento: orificio de entrada, de cerca de 10 cm de diâmetro, a arma tinha calibre 12, cinco centímetros mais ou menos abaixo do rebordo costal direito, e toda a carga de chumbo se localizando sob a clavícula esquerda: da direita para a esquerda, e de baixo para cima. Com tal lesão, ainda viveu cerca de uma hora, e antes de tentar qualquer situação faleceu, relatando como o fato se dera: sua arma era mocha também, com um priguêlo só e tendo em cima uma pequena mola de segurança, de movimento muito suave. Por uma inadvertência, a segurança estava aberta, e exatamente com o contato do dedo no priguêlo, arma muito delicada, disparou o primeiro tiro. Com o choque inesperado, arremessou a arma para longe, e batendo a coronha no chão saiu o segundo. A coronha estava toda suja de barro e de capim. Quando cheguei ao local do desastre, Tell uivava tristemente.

No dia seguinte, presenteei a um amigo todo o material de caça, e nunca mais a pratiquei: Aquele cão sofreu muito com a falta do seu dono, e dava muita lástima ver o pobre Tell, magro, de orelhas baixas, mirando às vezes, procurava seu amigo nos lugares em que costumava frequentar.

Destino triste: Tell, como um cão vagabundo foi envenenado pela municipalidade...

Pobre Conty e não menos pobre Tell!

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935.

Data : 12/07/1935

Título : 007 MAU MOMENTO

Categoria: Memórias

Descrição: Este mesmo Raul Conty estava na véspera do trágico acontecimento que lhe roubou a vida, com uma de suas filhas doentes.

Este mesmo Raul Conty estava na véspera do trágico acontecimento que lhe roubou a vida, com uma de suas filhas doentes. Era uma moça de compleição bastante delicada e muito sensível, noiva de um engenheiro francês, e que seguidamente era acometida de ataques de grande histeria, que se prolongavam às vezes por 2, 5 e até 8 dias, durante os quais apresentava acessos de verdadeira perturbação mental. Em uma dessas vezes, Conty me procurou, dizendo que o estado de sua filha, a qual em seu delírio pedia insistentemente que me chamassem, pois tinha um importante e sensacional segredo a revelar, e que só faria a mim, e a mais ninguém.

Fui. A casa estava em grande reboliço. Introduzido no quarto, a doente, em altos brados e em gestos desordenados, exigia que todos se retirassem, pois o assunto era muito grave, e somente eu poderia ser seu conhecedor. Todos saberiam, mas Conty, de acordo comigo, se escondeu cautelosamente atrás da cama, e ela começou:

- Doutor, dê-me as suas mãos. Estou apaixonada.

- Já sei, respondi, isso é natural, tens um lindo noivo.

- Não, não é por ele, retrucou; chegue-se mais para mim; sente-se na cama e seja meu confidente. Aperte mais as minhas mãos.

Comecei a não me sentir bem, por isso que esta jovem, em seu estado de alucinação poderia criar um caso comigo, e muito desagradável.

-Estou apaixonada, doutor. E o meu grande desespero é que o homem a quem amo é casado.

Nesse momento, a coisa era mais séria e mais grave, mas como de nada me acusasse a consciência, perguntei-lhe em tom enérgico e imperativo, para, de vez, acabar com aquela situação:

-Responda-me incontinenti: quem é esse homem?

-Esse homem, doutor, é o meu cunhado.

Dá-se nesse instante uma cena indescritível. Conty sai do esconderijo, salta sobre a filha, estabelece-se a luta, a moça reage violentamente e seu próprio pai procura enforcá-la nas suas longas tranças. Conseguimos com muito custo, arrancá-lo do quarto, e fazê-lo compreender o estado de perturbação mental da filha, capaz, portanto, sem responsabilidade, dos maiores desatinos. A moça, como depois de uma tempestade, serenou, e, com altas doses de calmante, adormeceu. No outro dia, do modo trágico já descrito, Raul morreu, e houve muita gente que pensou em suicídio, mas asseguro que tal não houve.

Contam pessoas da família, o que consigno a título de curiosidade, que essa doente, na hora do desastre com seu pai, acordou-se sobressaltada, em prantos, gritando: "Onde está meu pai? O que aconteceu com ele? Vi-o todo banhado em sangue."

Poucas semanas depois, essa nervosa criatura, que dedicava, de fato, um grande e sincero amor ao seu noivo, casou-se e vivem hoje muito bem no Estado do Paraná.

Com o casamento, ficou completamente boa. Nunca mais teve um ataque. Possuo, em meu arquivo, uma carta muito bem expressiva, do então noivo.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

Data : 12/07/1935

Título : 008 UM PETIÇÃO

Categoria: Memórias

Descrição: Offereceu-me um café e a palestra generalizou-se para assuntos vazios.

Atendendo, certa vez, a uma senhora da alta sociedade de Passo Fundo, e, como se tratasse de um parto normal, mas demorado, fui à varanda, onde se encontrava o marido, cercado de pessoas amigas, dar-lhe a minha opinião.

Ofereceram-me um café e a palestra generalizou-se para assuntos vários. Nisso entra um menino de oito anos e o pai, todo alegre, inquire-o:

- Tua mamãe vai ganhar um nenê, e o que é que tu queres que seja: uma irmãzinha ou um irmãozinho?

O garoto, dando forma ao seu maior desejo na vida, respondeu incontinenti:

- Eu quero que seja um petiço.



Ecoou, em coro, uma geral gargalhada, a qual se sucedeu um grande silêncio.

A cena de constrangimento não se escreve... calcula-se e sente-se...

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935

Data : 12/07/1935

Título : 009 BERNE

Categoria: Memórias

Descrição: O Dr. Francisco Benoni mostrou-me um caso de sua clínica: uma criança de poucos meses com um tumor na parte anterior e média da língua.

O Dr. Francisco Benoni mostrou-me um caso de sua clínica: uma criança de poucos meses com um tumor na parte anterior e média da língua. Achava o colega o caso muito estranho, e, parecia-lhe tratar-se de uma goma sífilítica.

Examinando-a atentamente verifiquei que nada mais era do que um “berne” ali colocado, por certa mosca, quando por certo a criança dormia com a boca aberta.

De fato, operamos a pequenina, extraíndo um verme de tamanho regular. Cura rápida.

O colega, ilustre médico italiano e professor, há pouco tempo chegado da Europa, ainda não conhecia a mosca do berne.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

Data : 12/07/1935

Título : 010 PIPO DE IRRIGADOR

Categoria: Memórias

Descrição: Uma senhora da alta sociedade, que sofria de pertinaz prisão de ventre, costumava, de quando em quando, fazer uma lavagem estomacal.

Uma senhora da alta sociedade, que sofria de pertinaz prisão de ventre, costumava, de quando em quando, fazer uma lavagem estomacal. Certa manhã, não tendo fixado bem o pipo em seu suporte, ficou o mesmo no intestino.

Deu o alarme:

Seu marido procurou, às pressas um médico, solicitando-lhe uma visita urgente, e regressando imediatamente à casa.

Quando o facultativo, munido de aparelhamento próprio, seguia para atender a descuidada senhora, vem ao seu alcance o marido, que, todo radiante, disse-lhe textualmente:

- Doutor, não precisa mais, a mulher deu um bruto peido e atirou o pipo fora...

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

Data : 12/07/1935

Título : 011 PLACENTA CARA

Categoria: Memórias

Descrição: Numa linda madrugada de verão, veio à minha casa um senhor que trajava luto fechado, chamar-me para ver sua filha, no 3º Distrito.

Numa linda madrugada de verão, veio à minha casa um senhor que trajava luto fechado, chamar-me para ver sua filha, no 3º Distrito. Contou-me que sua mulher falecera há pouco menos de um ano, em consequência de um mau parto, quando estava eu exilado na Argentina, e que sentia muito minha ausência.

Agora sua filha estava mal, muito mal, também de parto, e queria que eu fosse até lá. A criança já nascera, mas a placenta não saía, e isso há quase 24 horas. Fui. Depois de uma hora de viagem de automóvel, lá cheguei, e a minha impressão do momento, foi a pior possível, porque todos choravam, e o desânimo era geral. Preocupado pelo triste ambiente, entrei célere no quarto. Pulso magnífico, temperatura normal, estado geral ótimo. Exame de ventre: útero retraído. Em exame geral, constatado um longo cordão umbilical atado à perna da parturiente e a placenta inteiramente acomodada na cavidade vaginal. Fiz a necessária assepsia, quase desnecessária, e, em uma manobra mais do que simples extraí a "secundina" dando a doente como salva.

Houve uma verdadeira vibração de alegria.

Todas aquelas caras sonolentas e chorosas transformaram-se em um instante.

Todos queriam abraçar-me.

Ao regressar, um tanto envergonhado pelo pouco que fizera e pelo muito que louvado, o velho pai da moça pagou ao chauffeur, e deu-me um conto de réis, perguntando-me ainda se achava pouco.

Perfídia! Com a morte da esposa, ele estava escaldado e, como gato, tinha agora medo de... água fria.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

Data : 12/07/1935

Título : 012 CIÊNCIA ERRADA

Categoria: Memórias

Descrição: Por ocasião de um chamado para o interior do município, a fim de ver uma senhora de pouco mais de 40 anos, em parto difícil...

### CIÊNCIA ERRADA

Por ocasião de um chamado para o interior do município, a fim de ver uma senhora de pouco mais de 40 anos, em parto difícil, esposa de um fazendeiro, e depois da intervenção necessária, tive que pernoitar na estância pelo adiantado da hora, chuva e porque, nesse tempo, as viagens eram feitas a cavalo. No dia seguinte, por ocasião do café, que me foi servido no próprio quarto da parturiente, perguntou-me o marido se uma criança com 3 meses de gestação podia viver.

Notei que a senhora tapava ligeiramente o rosto com o lençol. Respondendo-lhe de modo negativo, soltou o pobre homem uma longa gargalhada, retrucando-me assim:

- A sua ciência está errada, doutor. Vou lhe provar já e já o contrário; casei-me e minha mulher no fim de três meses teve uma menina, que é esta que está lhe servindo o café, e eu lhe juro que não tive nada com ela antes do casamento.

Notei que o rubor subia às faces pálidas da recém-parida.

Achei de bom aviso não discutir, e tratei algum tempo depois de indagar a respeito, sabendo, por velhos moradores da vizinhança de causos escabrosos com um outro homem, capazes de explicar a “ciência errada”.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

Data : 12/07/1935

Título : 013 TENTATIVA DE AGRESSÃO

Categoria: Memórias

Descrição: Alguns meses mais tarde, esse “ingênuo” caboclo foi à cidade operar-se de um fleimão na mão esquerda.

Alguns meses mais tarde, esse “ingênuo” caboclo foi à cidade operar-se de um fleimão na mão esquerda. Depois de trinta curativos, e conseqüente restabelecimento, apresentei-lhe uma módica conta de 300\$000. De momento, achou-a muito razoável, e à tarde, por um seu afilhado, mandou-me levar o dinheiro pedindo recibo. Como não tivesse selo na ocasião, em se tratando de pessoa de confiança, prometi mandar-lhe no dia imediato. Aconteceu, porém, que tive de atender, no interior, a um enfermo, no outro dia. Fui de “aranha”. Muito calor, cerca de 11 horas, passei no topo de uma coxilha, para dar alce ao meu “zaino” que, por gordo, estava um tanto “alombado”. Viajava comigo Homero Leite, meu cunhado, que se afastara para um valo, onde fora satisfazer imperiosa necessidade fisiológica. Homero levava o meu revólver, e eu um mosquetão Winchester, 44, que estava descarregado. Nessa altura fui alcançado por três cavalheiros: o ingênuo, o seu afilhado e um mulato por nome Chico. Saudei-lhe amavelmente, e a resposta do primeiro foi esta: “O senhor ontem mandou-me uma conta, paguei, ficou com o dinheiro e não me deu o recibo. Agora vai me devolver a metade porque acho-a muito exagerada; é um roubo; escolha: por bem ou por mal...”

Com o espanto, que era natural, procurei aproximar-me da “aranha”, tomar a arma e meter-lhe cinco balas, o que fui conseguindo com certa habilidade e concordando, em parte, com ele, visto como o meu adversário tomava impertinente atitude agressiva, e eu estava desarmado. Isto feito, dei um salto para traz do carrinho, tomando boa posição e gritei; apontando-lhe a arma:

- Miserável, nem mais uma palavra, porque te mato.

Homero chegara nesse ínterim, de revolver na mão e Chico também se colocara ao meu lado, sacando a arma. Ficamos 3 por 2. O “valente” percebendo minha decisão e a gravidade imediata, guardou a pistola, desculpou-se, pediu perdão... enfim, portou-se como um covarde, retirando-se entre boas gargalhadas nossas, a todo galope, em seguida. Chegou ao meu conhecimento, mais tarde, que ele fora aconselhado a tal, por um médico licenciado, que lhe afirmara cobrar, por semelhante trabalho 150\$000.

Passado um mês, foi o “herói” à minha casa, desculpando-se novamente.

Tratei-o bem, como manda a educação e tornamo-nos, de novo, camaradas. Esse homem era apontado em Passo Fundo como um grande usurário.

Conta-se dele o caso, entre muitos outros, de nunca haver usado botinas: só tamancos e bota, cujo cano, de boca notavelmente larga, sempre foi o mesmo, durante 30 anos.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

Data : 13/07/1935

Título : 014 A MORTE DO VELHO

Categoria: Memórias

Descrição: A menina, que nasceu com três meses de vida intra-uterina, quando completou 18 anos, casou-se e, como filha única ficou morando com os pais.

A menina, que nasceu com três meses de vida intra-uterina, quando completou 18 anos, casou-se e, como filha única ficou morando com os pais. Entre estes e genro, rapaz muito pobre, não tardou a desavença, principalmente com a sogra, que era geralmente conhecida como uma mulherzinha de faca na bota. Os velhos ricos e avarentos não soltavam um réis ao rapaz, que por sua vez, retribuía com constantes desaforos. O homem das botas de 30 anos, já avançado de idade, tinha tuberculose de forma aguda. Chamaram diversos médicos, mas sem o menor proveito: A doença célere procurava seu curso final. Uma noite de inverno, muito a contragosto, tive que atendê-lo. Estava em suas últimas horas: Hemoptises enormes e contínuas, dispnéia intensa, pulso mau, quase imperceptível, etc., mas conservando intacta a consciência, que é nesses horríveis casos, a última luz que apaga. Seguindo o preceito de curar alguma vez, aliviar outras e consolar sempre, expressei-lhe algumas palavras de esperança.

Pausadamente disse-me o enfermo:

-Reconheço ...doutor... a sua... bondade... estou muito mal... não amanhecerei... por favor... dêem-me um pouco de leite.

Mandei que lhe dessem; travou-se então uma polêmica entre sogra e genro.

-Ele toma de 2 a 3 litros de leite por dia, afirmou a velha.

-Mentira, retrucou o genro, ele não toma nem uma xícara; esta velha é quem bebe tudo.

- Sem vergonha, mentiroso.

- Jararaca.

-Que horror! Exclamou o doente. Vocês... não respeitam... nem os meus... últimos momentos... de vida....

-Morra de uma vez velho estúpido, disse o moço. Você agora só serve para trambolho.

-Que horror, meu Deus! Gemia o velho.

E nesse diapasão prometia continuar a querela.

Pasmo e perplexo, Dentro de íntima e profunda revolta, ouvi calado, considerando a miséria humana, todo esse dispauteiro, mas a minha indignação rebentou explosiva:

- Calem-se. Vamos parar com essa torpeza. Não admito essa estupidez. Não vim aqui para presenciar essa cena brutal. Respeitem esse homem.

- Obrigado... doutor,,, pela sua bondade...

Sai porta afora.

No dia seguinte soube que o tuberculoso falecera meia hora depois, ouvindo sempre a mesma discussão travada, em crescendo. Só enxugando-lhe o suor agônico, chorava a filha... a pseudo-filha.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935.

Data : 13/07/1935

Título : 015 APOSTA

Categoria: Memórias

Descrição: Era uma linda tarde de carnaval. Havia resolvido não sair a rua, pois não gosto de andar nessas festas populares, aos empurrões de todo o lado.

Era uma linda tarde de carnaval. Havia resolvido não sair a rua, pois não gosto de andar nessas festas populares, aos empurrões de todo o lado. Ia apreciá-las de casa, quando vem um auto buscar-me para ver, na cidade, a neta de uma fazendeira. Esta, rica, de pouca educação, de linguagem um tanto solta, era acostumada a jogar, em carreiras, quantias bem regulares. Criava uma neta, órfã de mãe, desde pequena, dando-lhe até uma boa instrução e fazendo-lhe todas as vontades.

Aos 18 anos contratara casamento com um rapaz de origem alemã.

A senhora referiu-me que sua neta comera, há dias, alguns camarões de lata, e que estava, desde ali, doente do estômago, vomitando muito.

Língua boa, sem temperatura febril, estado geral ótimo, notei, em exame ligeiro, um certo volume no ventre.

Em se tratando de uma moça, não quis, de momento, aprofundar mais a pesquisa; era preciso agir com muita cautela e limitei-me a receitar uma simples poção de citrato de sódio. No dia imediato a doente continuava no mesmo, e um novo chamado. Levei um pouco mais longe minha observação, e receitei-lhe uma poção de Rivieri. No terceiro dia, maneiramente ausculti-lhe, com toda a atenção, o ventre, e cheguei a localizar os batimentos cardíacos de

um feto de cinco meses. Levei o fato ao conhecimento da avó. Uma tempestade! A mulherzinha danada atirou-me uma porção de desaforos:

- Isto não é casa de china. O senhor está muito enganado, minha neta é uma moça honesta, isso é mentira sua e coisas parecidas.

Com a delicadeza de um homem de linha repeli as objurgatórias, e procurei sair. À porta, a velha não se conteve e me desafiou:

-Doutor, jogo com o senhor 500\$000.

-Senhora, não sou jogador, daqui há quatro meses verificará que a razão está comigo. Pode ir preparando os cueiros e toquinhas.

Bateu com violência a porta do meio e eu dei o fora.

O casamento realizou-se às pressas algumas semanas depois.

Decorridos os 4 meses, a então bisavó foi ao meu consultório desculpar-se e levar-me os 500\$000, que disse ter perdido na aposta.

Não aceitei. Ficamos bons camaradas, e sou hoje o seu médico de confiança.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935.

Data : 13/07/1935

Título : 016 ASSOPRA-ME

Categoria: Memórias

Descrição: Com o ilustre Dr. Frederico De Marco fui assistir a uma parturiente, moradora há algumas léguas da cidade.

ASSOPRA-ME

Com o ilustre Dr. Frederico de Marco fui assistir a uma parturiente, moradora há algumas léguas da cidade. Tratava-se de uma senhora de 30 anos, mais ou menos, casada com um rapaz de pouco mais de 20. Rica, feia, desbocada. O marido tinha-lhe verdadeiro respeito e medo. Por qualquer coisa, dizia, de público, o maiore disparate. À casa, como é costume no interior, acorreram parentes, amigos e vizinhos. O movimento parecia o de um dia de festa. Fomos encontrá-la em camisa, caminhando em toda a casa, indo até o pátio, sempre acompanhada pelo séquito dos mais íntimos e pelo olhar curioso dos restantes. Não queria se deitar. Quando o

marido lhe anunciou que chamara médico, gritou: "Seu filho da puta, não quero médico, prefiro morrer. Vão todos à merda."

O Doutor de Marco estava pasmo.

Quisemos nos retirar, no que fomos obstados por todos os presentes.

Resolveu, por fim submeter-se a exame.

De vez em quando dizia ao esposo: "Assopra-me, sem vergonha; abana-me cachorro; estou sofrendo por tua causa."

E era de ver o papel ridículo do pobre homem, assoprando-a sob uma saraivada de descompostura.

Resolvemos uma aplicação de fórceps, mas como fazê-la?

Depois da desinfecção do material, em outro quarto, e quando tudo estava pronto, o Dr. De Marco, chegando de surpresa no quarto, e de acordo com os dois homens que seguraram-na fortemente, rápido anestesiou-lhe com keleno, que substituiu por clorofórmio, e eu pratiquei a extração do feto.

Tudo foi feito em 20 minutos, no máximo. A criança berrava no berço, quando a mãe despertou. Esta me gritou: "Seu cachorro, porque me judiou?"

Fiz-lhe ver que já estava boa, que era mãe de uma linda menina, que sossegasse, e ela, virando-se para o marido bestificado, berrou mais: "Seu idiota, faça essa cadelinha calar a boca, porque eu estou com dor de cabeça."

Sáímos. Nunca mais vi essa gente.

Sei que, certa vez chamaram outro colega. Provavelmente tem ódio de mim pelo bem que lhe fiz.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935.

Data : 13/07/1935

Título : 017 ABORTO

Categoria: Memórias

Descrição: Chegado ontem, à Câmara Federal, conversava com o meu colega Dr. Renato Barbosa, quando de nós se aproximara o Dr. Heitor Annes Dias.

ABORTO



Chegado ontem, à Câmara Federal, conversava com o meu colega Dr. Renato Barbosa, quando de nós se aproximou o Dr. Heitor Annes Dias. Renato e Heitor, ambos médicos, velhos amigos, são representantes do Partido Republicano Liberal do Rio Grande do Sul, e eu da Frente Única, do mesmo Estado.

Heitor, pondo-me a mão sobre o ventre:

- Então, Vergueiro, 6 meses...

- E tu, Heitor?

- Aqui no Rio, eu perdi...

- Então,

Coleção de textos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados em redes sociais, jornais, revistas e livros diversos, disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

abortaste, Heitor?

Renato não conteve uma estrepitosa gargalhada, e Heitor encabulou.

Este queria explicar que perdera aqui, no Rio, alguns quilos de peso, mas eu, aproveitando o mote da palestra, envenenei a glosa.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935

# Memórias

## Nicolau Vergueiro

Data : 13/07/1935

Título : 018 UM PARTO

Categoria: Memórias

Descrição: Alguns homens passam pela vida deixando atrás de si um rastro luminoso.

## UM PARTO

Alguns homens passam pela vida deixando atrás de si um rastro luminoso; outros, a imensa maioria, cruzam apagados, medíocres, obscuros, na sombra, dentro da indiferença e do esquecimento, sem brilho, mas sem manchas; mas existem ainda outros que se notabilizam por um sulco profundo de ignorância, alardeando, o que é mais ridículo, conhecimentos que nunca, nem de leve possuíram. Coloco-me a gosto, na segunda série, mas o “herói” que, veladamente, procuro focar está na terceira. Velho médico licenciado, exercendo a clínica há cerca de 40 anos, dando-se um pouco ao abuso do álcool, tinha para todos os casos, receitas especiais, exercendo toda sua atividade terapêutica dentro de 8 a 10 fórmulas, invariavelmente escritas.

De chegada a Passo Fundo, pelo muito reclame feito, conseguiu alguma clínica, mas, pouco a pouco, foi ficando à margem. A sua especialidade era a cura do crupp e da hidropisia, por processo seu.

Como homem não era mau, mas como médico era péssimo. Vou contar dele, para começar, um caso: uma madrugada fui chamado para atender a uma principiará nas proximidades do Mato Castelhana. Lá encontrei o “colega”, que passara a noite. Havia urgente necessidade de uma aplicação de fórceps.

Durante a assepsia, perguntou-me:

- Que vai fazer, doutor?

- É muito simples: meto as mãos na cavidade vaginal, trago o útero para o exterior, viro-o de dentro para fora, tiro o filho e a placenta, reviro-o e coloco-o em seguida em sua posição normal.

- Eu não tinha me lembrado disso, disse-me então, si não eu já o teria feito, mas eu lhe garanto, doutor, que na primeira oportunidade eu aplico esse processo.

Dei uma boa risada, que ele não compreendeu, e fui assistir a parturiente.

Eu mesmo a anestesiiei, clorofórmio à la reine, e fiz a aplicação do Tarnier, extraindo, com facilidade e com felicidade, um feto do sexo masculino.

A família ficou danada com o outro “doutor”, e chegou até a ofendê-lo muito, e tive de intervir para cessar essa cena desagradável, e até luta, porque o “colega” estava disposto a pelear, revidando as grosserias com outras piores.

Quando do regresso, no meu carro, para a cidade, chamei-lhe a atenção para a caçoadá que eu fizera, que era um brinquedo meu e que quem assim procedesse, seria um criminoso.

Prometeu-me não aplicar o método, mas garantiu-me que iria comprar um fórceps.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935.

Data : 13/07/1935

Título : 019 O ROCHINHA

Categoria: Memórias

Descrição: Como eu e o Dr. Bruno de Campos pilheriássemos sempre com o “colega”, este nos prometeu mostrar um caso de cura de hidropisia.

## O ROCHINHA

Como eu e o Dr. Bruno de Campos pilheriássemos sempre com o “colega”, este nos prometeu mostrar um caso de cura de hidropisia.

Certa manhã, ele e o Dr. Bruno vieram, de carro, à minha casa, e, desde logo, foi dizendo:

- Fui buscar o Dr. Bruno, e agora o senhor para mostrar-lhe o caso do Rochinha, que os senhores desenganaram e eu curei. Esta perfeitamente restabelecido.

Fomos. Morava o Rochinha com seu irmão Innocencio Rocha, nas proximidades do cemitério. Quando chegamos o velho Innocencio tomava chimarrão à porta da casa.

O “colega” foi, de início, perguntando pelo Rochinha, ao que lhe foi informado que passara muito bem à noite, não tossira, não gemera e ainda estava a dormir.

O “esculapio” radiante resolveu acordá-lo, pois não poderia perder o ensejo de mostrar o seu caso.

Atravessamos toda a casa, pois Rochinha morava em um galpão nos fundos. O seu médico bateu, repetidas vezes, à porta, chamou-o pelo nome e, como não respondesse, o velho Innocencio, já alarmado, arrombou-a.

Eis o que vimos: Rochinha estava morto...

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935.

Data : 14/07/1935

Título : 020 SANTOMINA

Categoria: Memórias

Descrição: Lembro que foi logo depois da gripe epidêmica de 1918. Chamado para atender a uma criança de 2 anos, quando lá cheguei a pobrezinha já era cadáver.

#### SANTOMINA

Lembro-me que foi logo depois da gripe epidêmica, em 1918. Chamado para atender a uma criança de 2 anos, quando lá cheguei a pobrezinha já era cadáver.

Relatava a família que, na véspera, um “médico” receitara à pequena uns papéis para tomar, em jejum, na manhã seguinte, de meia em meia hora um, e que, desde o primeiro, sentira-se mal, tanto que, depois do terceiro, suspenderam a medicação, morrendo logo em seguida.

Eis a brutal fórmula administrada:

Santomina – 0,10 centigrama

Calomelamos – 0,10 centigrama

Para 1 papel M. iguais n.º 10. Tome 1 de meia em meia hora.

Esta receita fora aviada pelo mesmo médico em sua própria farmácia.

A família não quis levar o fato ao conhecimento da polícia e até me faz um veemente apelo nesse sentido.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1935.

Data : 14/07/1935

Título : 021 PNEUMONIA DUPLA

Categoria: Memórias

Descrição: Dois sujeitos brigaram, de manhã, em uma padaria. Um deles deu um formidável soco da cabeça do outro.

### PNEUMONIA DUPLA

Dois sujeitos brigaram, de manhã, em uma padaria. Um deles deu um formidável soco da cabeça do outro. Queda imediata do ferido que não mais articulou uma palavra, e morte horas depois. À tarde, realizou-se o enterro. Tudo foi feito mais ou menos em reserva e às pressas. Atestado médico: causa mortis pneumonia dupla. O “médico” que o fornecera era o mesmo do caso Rochinha, santomina, etc. O fato delituoso, em murmuração latente, chegou ao conhecimento da polícia, e esta prendeu, na madrugada seguinte o criminoso, quando procurava embarcar na estrada de ferro, com passagem para a fronteira. Depois das exigências legais, foi determinada a exumação cadavérica, que só se efetuou após dez dias do crime devido ao mau tempo. Convidado, aceitei a incumbência e, em longo relatório, afirmei que a morte se dera por hemorragia cerebral, por forte pancada, com vasta fratura do temporal esquerdo, tão formidável que o couro cabeludo estava fixo aos fragmentos ósseos.

A vítima, pobre operário quase desconhecido, não teve ninguém por si. O “médico” não foi processado... um seu filho era então promotor público da Comarca, e mais, íntimo amigo do chefe político da época, que, como é sabido, enfeixava em suas mãos, pelo seu prestígio, todos os poderes: Intendente, Delegado de Polícia, Juíz distrital, Promotor e outros de menor categoria, só faziam a sua vontade, previamente consultada, e eis como se explicava a ausência, quase permanente, de Juiz da Comarca, nessa zona.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1935.

Data : 14/07/1935

Título : 022 APOSTAR SOBRE A MORTE

Categoria: Memórias

Descrição: Certo “doutor” de quem me referi alguns casos foi ver um doente em Pontão.

## APOSTAR SOBRE A MORTE

Certo “doutor” de quem me referi alguns casos, foi ver um doente em Pontão. Chegou, à tarde, e o enfermo já não falava mais, tendo ainda pleno conhecimento do que se passava ao redor de si, tanto que, com as mãos, fazia sinais, pedindo qualquer coisa. O curandeiro que já estava sob pressão de alguns cálices de cognac, deu a sua opinião como um caso perdido. À noite chuvosa e muito fria ficaram à cabeceira só três pessoas: o “médico”, a mulher do doente e um amigo deste, que também gostava de dobrar o cotovelo. Cerca das 10 horas, e o “doutor” sentenciou a morte para a meia noite, o outro disse que duraria mais, e jogaram nesse sentido uma garrafa de vinho do porto, que beberam em seguida. Tudo isso foi discutido e combinado na presença do pobre homem, que, de vez em vez, sacudia a cabeça, com os olhos marejados de lágrimas. À meia-noite o doente ainda vivia, e a mesma cena, entre boas gargalhadas, se repetiu, com outra garrafa de vinho, para as duas horas. E assim foram de 2 em 2, de relógio em punho até às seis da manhã, discutindo em altas vozes e bebendo, quando, extenuados e alcoolizados, dormiram. A mulher cansadíssima, havia também se recostado em outro aposento, e, às oito, quando aflita, despertou, já havia na casa um cadáver. Algum tempo depois aquela senhora casou-se com o tal amigo de seu marido, que, em pouco, esbanjou a pequena fortuna deixada.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1935.

Data : 14/07/1935

Título : 023 TRAJETO ORIGINAL

Categoria: Memórias

Descrição: Entre os feridos, que atendi depois do combate do Cravo, em setembro de 1923, das forças do 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado...

### TRAJETO ORIGINAL

Entre os feridos, que atendi depois do combate do Cravo, em setembro de 1923, das forças do 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado, comandado pelo Tenente Coronel Edmundo de Oliveira e as revolucionárias do General Felipe Portinho, havia um, cuja bala fizera um trajeto original.

O projétil penetrou no 3º espaço intercostal anterior direito, saiu na altura do 8º posterior direito e foi alojar-se na parte média dos glúteos do mesmo lado.

O fato tem a sua explicação: o soldado estava deitado em um terreno de regular declive, ficando com a cabeça um pouco para baixo e as nádegas em posição mais elevada.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1935.

Data : 14/07/1935

Título : 024 ÚTERO

Categoria: Memórias

Descrição: Em meu consultório compareceu um cidadão de cerca de 65 anos de idade.

## ÚTERO

Em meu consultório compareceu um cidadão de cerca de 65 anos de idade. Homem trabalhador e bom, mas profundamente inculto e atrasado. Disse-me logo de entrada: "Doutor, vim consultá-lo, ando muito doente, quero que o senhor me examine bem, porque não desejo morrer já, ando sofrendo horivelmente do útero.

"Diante de tal disparate, ri-me muito, dei-lhe algumas explicações necessárias e o cândido doente pediu-me então que não contasse o caso a ninguém. "Cândido" sim, pois o seu nome é assim parecido, "marquei" a ocorrência... e agora quase que escrevi o seu nome.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1935

Data : 15/07/1935

Título : 025 INJEÇÃO EM MORIBUNDO

Categoria: Memórias

Descrição: Cheguei a Passo Fundo, vindo de Porto Alegre pelo trem da tabela...

## INJEÇÃO EM MORIBUNDO

Cheguei a Passo Fundo, vindo de Porto Alegre pelo trem da tabela, às 8 horas da noite, e, logo depois fui chamado para uma conferência com um ilustre colega. O doentinho tinha 3 anos, agonizava de uma pneumonia dupla. Nada mais havia a fazer, foi minha opinião.

O médico assistente quis ainda aplicar uma ampola de óleo canforado. Fiz-lhe ver da inutilidade e do perigo da criança expirar por ocasião da injeção, lembrando-lhe o conselho de Huchard, de nunca praticá-la em moribundo, in extremis, a não ser que se trata de um meio inteligente, e quanta gente se julga tal, quando em verdade não o é.

O colega não aceitou a observação:

-Enquanto há vida há esperança.

Ainda não havia retirado a agulha quando o menino morreu.

Houve então uma cena brutal: os pais, em altas exclamações, naquela perturbação de momento, acusaram o médico de ter morto o seu filho e foi debaixo de imprecação que consegui retirar o amigo daquele ambiente, e até hoje, decorridos, muitos anos, apesar de minhas contínuas explicações, paira ainda uma dúvida cruel no espírito daquela gente.

A clínica particular tem certos meandros que só a prática ensina.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935

Data : 15/07/1935

Título : 026 FALTA DE AUDÁCIA

Categoria: Memórias

Descrição: O estado do doente era péssimo, e, diante de tamanha gravidade ...

## FALTA DE AUDÁCIA

Em 1928, o Dr. Francisco Benoni e eu operamos, no Hospital São Vicente de Paulo, a um jovem, de família distinta e rica.



O estado do doente era péssimo e, diante de tamanha gravidade, nos foi exigido que continuássemos a atendê-lo, ambos com assistentes. Nos primeiros dois meses fazíamos dois curativos por dia; nos outros dois, um e nos dois últimos, um de dois em dois dias, além de injeções e de outros cuidados.

Restabelecido, enfim, depois de seis meses!

Resolvemos cobrar 15 contos, em conjunto. O pai do mocinho foi ao nosso consultório pediu-me a conta. Disse-lhe. Sacou do bolso um cheque do Banco da Província e ao enchê-lo:

- Ponho aqui também a quantia para o Dr. Benoni?

-Sim, respondi.

-Então são 30 contos.

E eu, a quem faltou a "audácia de afirmar", o mesmo que faltou ao Theodomiro, na Relíquia, do Eça, contestei-lhe:

- Não, são 15 contos ao todo. 7:500\$000 para cada um.

-Pensei, retrucou calmamente por último, que a conta era de 15 contos para cada um, e eu pagaria os 30 com muito prazer... e entregou-me, risonho, o cheque de 15...

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935

Data : 15/07/1935

Título : 027 ATESTADO MÉDICO

Categoria: Memórias

Descrição: Nunca forneci um atestado médico gracioso, e ...

## ATESTADO MÉDICO

Nunca forneci um atestado médico gracioso, e acho, principalmente para eximir alguém do Juiz, um ato nada correto e recomendável.

Desde que me formei fiz questão de agir assim, e tal procedimento, de que nunca me arrependi, trouxe-me algumas desafeições, até mesmo entre pessoas de grande amizade.

É verdade que tenho dado alguns atestados, mas em casos de verdadeira moléstia.

Em 1910, por uma tarde de setembro, fui procurado pelo Sr. Guilherme Leyser, homem rústico e bom, trabalhador, chefe de uma numerosa família e residente cerca de uma légua da cidade: queria um atestado para o Juiz.

Depois de examiná-lo, verifiquei que estava, de fato enfermo, bastava a temperatura de 39.6, e entreguei-lhe o documento.

-Quanto é?

-Nada, respondi. Assim como não dou atestados falsos, os verdadeiros não cobro.

- Não, insistiu. Não permito, e o senhor vai abrir uma exceção. Eu posso lhe pagar.

-Eu bem sei disso, redargui, mas não é nada.

-Bem, o doutor vai me permitir então que lhe deixe uma lembrança para charutos; faço questão fechada, é um presente e sentir-me-ei ofendido se não aceitá-lo.

E, do verbo à ação imediata, da volumosa carteira, tirou uma cédula, que colocou dentro de minha pasta.

Depois que saiu, verifiquei, com espanto, que a nota era de um mil réis!

Fiquei revoltado, e o ofendido agora era eu... mas esperei...

No dia seguinte fui chamado para atendê-lo em sua chácara.

Operei-o de uma volumosa adenite inguinal supurada, e cobrei um conto de réis, que pagou imediatamente.

Dirão: um mil réis era pouco, um conto era muito.

Responderei: lei das compensações.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935.

Data : 15/07/1935

Título : 028 SACO DE BATATAS

Categoria: Memórias

Descrição: Certa vez fui ver um doentinho de dois anos, no lugar denominado Valhinhos.

SACO DE BATATAS

Certa vez fui ver um doentinho de dois anos, no lugar denominado Valhinhos. Fiz a viagem à cavalo.

Um caso de meningite aguda.

Prognóstico fatal.

Era filho de um colono, cuja mulher estava, na própria casa, atacada de alienação mental, em crise aguda.

Fiquei penalizado diante desse quadro. A criança morreu no mesmo dia. Decorrida uma semana, o pai perguntou sobre meus honorários profissionais e respondi que nada me devia. Agradeceu muito e prometeu retribuir um dia essa gentileza.

Uma mês depois, apareceu à porta de casa, em uma carrocinha.

-Trouxe aqui para o senhor um saco de batatas. Quer que descarregue?

Por entender que era uma gentileza, e não querer melindrá-lo com uma negativa, pois sinceramente desejei aconselhá-lo a vender, concordei.

Três meses após ao ocorrido, de novo aquele homem, de chapéu na mão, cheio de desculpas, mas como estava precisando vinha me cobrar o saco de batatas, que disse que havia me vendido.

Sem dizer uma só palavra de recriminação ou de explicação, paguei os 9\$000.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935.

Data : 15/07/1935

Título : 029 A POMADA DO TITIO

Categoria: Memórias

Descrição: Havia em Passo Fundo um outro médico licenciado,...

## A POMADA DO TITIO

Havia em Passo Fundo um outro médico licenciado, que usava um só remédio para todas as moléstias: uma pomada. Esta era empregada em todos os casos que lhe apareciam, e era conhecida pelo nome de “pomada do titio” por isso que os sobrinhos do “doutor” e demais membros de uma família numerosa gabavam-lhe imensamente as propriedades milagrosas.

Tive ensejo de verificar a sua aplicação em pneumonias, derrames de pleura, meningites, infecções intestinais, lesões cardíacas, fraturas ósseas, etc. etc... e até em partos. O charlatão levou para o túmulo o segredo da fórmula.

Que egoísta!

Como ele, que também guardou na morte, só o célebre Ruysch, da Rússia antiga, que sabia de um processo seu de embalsamar, que pareciam dormir os seus cadáveres. Tinha o poder de conservar o aspecto alegre da vida, e não o quadro triste da morte.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1915.

Data : 15/07/1935

Título : 030 UM TIRO SÓ

Categoria: Memórias

Descrição: A explicação é esta: por questão de jogo, um cidadão ...

## UM TIRO SÓ

De uma feita, atendi, às 10 horas da noite, a um baleado, no Hospital de Caridade.

Apresentou os seguintes ferimentos:

- 1) orifício de entrada ao dorso da mão direita e saída na face palmar;
- 2) idêntica lesão, na mão esquerda;
- 3) no ventre, cinco centímetros abaixo da cicatriz umbilical, num orifício por projétil.

Esses três ferimentos foram produzidos por um tiro só.

A explicação é esta: por questão de jogo, um cidadão esperou o outro, em uma esquina, lugar sem iluminação pública, e meteu-lhe o revólver no ventre. O agredido, em gesto natural de defesa, levou rapidamente as mãos sobre o abdômen, e o tiro se deu nesse momento.

A bala não penetrou na cavidade abdominal, ficando encravada nos músculos da região, donde foi extraída.

Há ainda uma coisa interessante a notar: a vítima não era a pessoa procurada pelo agressor, que se enganou com a escuridão do lugar.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935.

Data : 16/07/1935

Título : 031 DEDO DO DOUTOR

Categoria: Memórias

Descrição: Eu tinha um amigo que costumava, quando perto de pessoas de sua família ...

## DEDO DO DOUTOR

Eu tinha um amigo que costumava, quando perto de pessoas de sua família, principalmente senhoras, fazer pilherias impróprias e escabrosas. Nunca presenciara essas cenas, por isso que as minhas relações com sua família eram apenas de cumprimento, mas sabia, porque era de comum conhecimento, dessas caçoadas, que se devem, sem o menor exagero, classificá-las de grosserias.

Várias vezes convidou-me para tomar mate em sua casa, e, temendo brincadeiras ásperas, recusava-me sempre, com delicadeza.

Em 1907, era eu, então, o único médico formado, na cidade. A propósito, abrindo um pequeno parêntese, quero consignar aqui que, até a presente data, sou o único filho de Passo Fundo, formado em medicina: no fim deste ano formam-se dois: Arthur da Rocha Morsch e Jovino Freitas.

Voltado à narrativa: por uma tarde de maio, fui chamado pelo marido, em referência, para assistir sua esposa, de parto.

Quando praticava o primeiro exame, aquele cavalheiro, sem mais aquela, perguntou à mulher:

- Fulana, o que é melhor: a minha p... ou o dedo do doutor?

Estavam também no quarto mais duas senhoras, mãe e irmã desse homem.

Fiquei pasmo e frio, indignado com tamanha falta de respeito.

Parei com o exame, lavei as mãos, vesti o casaco, e, em tom enérgico declarei:

- Aqui não venho mais, não admito essas brincadeiras, exijo que me respeitem... e retirei-me imediatamente, sem atender aos rogos da família e às explicações do marido.

Duas horas depois apelava-me a velha e respeitável senhora, sogra da parturiente para uma nova visita, a que não poderia me negar, por ser o único médico, e a vida da doente dependia deste.

Lá voltei, com a expressa condição do marido não entrar no quarto. Fiz com sucesso uma versão podálica.

No outro dia o fato era conhecido em Passo Fundo, contado com boas gargalhadas, pelo próprio marido, pouco, ou melhor, nada escrupuloso.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 1935.

Data : 16/07/1935

Título : 032 SUA MORTE

Categoria: Memórias

Descrição: Entregou-se à bebida, ao jogo, às mulheres e às noitadas, mas,...

## SUA MORTE

Esse mesmo cidadão dedicava à esposa uma confiança ilimitada, e ela o traiu miseravelmente. Durante uma viagem dele, a sogra, que há muito já desconfiava de sua honradez, pegou-a, uma noite, em flagrante, reunindo de manhã os seus outros filhos. Fizeram-na embarcar no primeiro trem. O golpe foi tremendo e o homem quase enlouqueceu.

Entregou-se à bebida, ao jogo, às mulheres e às noitadas, mas, ao se recolher à casa, nesse estado lastimável, sua velha mãe assistia sempre a mesma cena dolorosa: o choro, cheio de dor, de seu filho querido.

Abandonou os negócios, perdeu tudo o que possuía, fez dívidas e o seu peso, que era de 115 quilos, baixou em menos de um ano para 80.

Certa manhã de primavera apareceu cedo em meu consultório, com os olhos vermelhos e ainda marejados de lágrimas e, nos lábios um esboço, algo trágico, de sorriso.

- Quero uma receita, um grande calmante, preciso dormir, descansar e esquecer um pouco que não posso mais viver assim.

O seu estado de nervos causava dó! Com os melhores conselhos, levei-o à casa próxima de uma sua irmã, a quem tudo, com minúcias referi.

Quando atravessávamos a rua veio ao seu encontro um campeiro entregar-lhe 80\$000, de dois boizinhos que dele comprara. Ao receber, uma rajada de vento, tão comum na primavera de minha terra, arrancou-lhe das mãos as quatro cédulas de vinte mil, e ele, em um acesso de rancor:

- Até o vento é contra mim...

Sua irmã, por indicação minha fê-lo tomar um demorado banho morno de imersão, uma taça de leite quente, e algumas colheres do remédio.

Dormiu toda a tarde, mas passou à noite em prantos.

No dia imediato, 20 de setembro, segui a Porto Alegre, assumir minha cadeira de Deputado Estadual, e ali, de chegada, soube que, naquele dia, o desnaturado amigo atravessara o coração com uma bala.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 1935

Data : 16/07/1935

Título : 033 CUNHA

Categoria: Memórias

Descrição: Lá pelo ano de 1909, clinicou em Passo Fundo, um tal Dr. Cunha...

CUNHA

Lá pelo ano de 1909, clinicou em Passo Fundo, um tal Dr. Cunha...

Moço de físico pequeno e magro era de uma apreciável simplicidade. A primeira coisa de que se lembrou foi um longo anúncio no jornal local, que o publicou de modo a ter ficado uma sílaba de seu nome, em letras grandes, em um canto de linha - cu- e a outra- nha - no começo da imediata. As pessoas que o leram, nada demais. Uns chamaram a atenção, mas o clínico irritado escreveu ao diretor do hebdomadário uma interessante carta, onde, reclamando energicamente contra a falta de considerações, entre outros engraçados conceitos, solicitava textualmente:

- Peça ajustar o cu no nha ou então o nha no cu.

Passo Fundo, 16 de julho de 1935.

Data : 16/07/1935

Título : 034 NEURASTÊNICO

Categoria: Memórias

Descrição: Deu-me certa vez, um valoroso galo de briga, que ...

## NEURASTÊNICO

Osório de Andrade Neves foi meu contemporâneo de estudos. Formamo-nos no mesmo ano, ele em direito, eu em medicina. Alguns anos depois foi advogar em Passo Fundo, e nos tornamos ainda mais amigos.

Inteligente, com sólida cultura, dedicado à sua profissão, bom e digno de tradicional família, era, no entretanto muito nervoso, em excesso mesmo, o que lhe conseguiu algumas inimizades. Não admitia caçadas e brincadeiras comuns e irritava-se fortemente quando lhe recriminavam o gênio; abria nesse sentido, para mim, seu médico de confiança, uma exceção. Várias vezes tive o ensejo de lhe chamar à ordem, pela sua impetuosidade e irreflexão, ouvindo-me sempre com calma, nunca me retrucando.

Deu-me, certa vez, um valoroso galo de briga, que denominei "neurastênico", e graça achou nisso. Fomos ao rinhadeiro vê-lo brigar e o fez com sucesso. Ozório, apesar de seu gênio, era dedicado, cortês, guardando sempre muita linha.

Alto e magro sofria de uma dispepsia alcalina, que mais lhe irritava o temperamento; do meu pomar, mandava-lhe quase diariamente cestos de frutas, com o que se dava bem.

Adoeceu de uma parotidite aguda (cachumbas), e tornou ainda mais irrequieto. Eu tinha para com ele uma paciência cristã, importando, risonho e com elevada meiguice, as suas impertinências.

Uma noite, de virtuoso frio e chuva abundante, piorou muito, e, apesar do recrudescimento de suas dores, não permitiu que me chamassem, pela inclemência do tempo. O proprietário do hotel aconselhou-o então que se deixasse examinar, numa emergência pelo Dr. Cunha. Concordou com a condição expressa de ser uma só visita, de urgência, porque não queria outro médico.

Gemia desesperadamente, e caminhava, o Ozório em todas as direções do quarto: queria uma injeção calmante.

Veio o facultativo e, ao examiná-lo, nesse transe, perguntou-lhe com ingenuidade:

- Dói-lhe?

-Sim e muito, respondeu contrafeito.

- Mas que engraçado...

Foi o "quantum satis". Uma tempestade rebentou em formidável descompostura, e pôs o colega porta afora, tentando até agredi-lo, no que foi obstado.

Tive que vir... contou toda a história, indignado.

- Não sabe que isto dói meu amigo! E acha graça da minha dor, meu grande amigo! Que bruto! Que estúpido! Só você é que me compreende.

Fiz-lhe uma injeção de pantopon.



Ozório casou-se, mais tarde, em Soledade, onde sem minha assistência, por estar ausente de Passo Fundo, faleceu de pneumonia.

Bom amigo recordo-me de você com saudades e imploro a Deus paz à sua alma.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 1935

Data : 17/07/1935

Título : 035 CAROÇO

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1925, os funcionários da Viação Férrea dirigiram um memorial ...

## CAROÇO

Em 1925, os funcionários da Viação Férrea dirigiram um memorial ao seu diretor, solicitando, com empenho, minha nomeação para médico da Caixa de Aposentadorias e Pensões, em Passo Fundo, e foi, com surpresa, que a recebi, pois de nada sabia e não desejava essa colocação, muito trabalhosa e de pouco rendimento.

Além de enorme serviço da cidade, que me absorvia tempo, era obrigado a uma viagem mensal, no trem pagador, de Carazinho à Boa Vista do Erechim, e mais a atender os chamados urgentes, ao longo desse trecho, e tudo isso por 500\$000. A contragosto, aceitei.

Com grave prejuízo de minha clínica geral, as horas eram poucas para o trabalho na Estrada. Qualquer dor de barriga, dor de dente, contusão, partos normais, etc. lá ia eu, por obrigação do emprego, e qualquer hora do dia ou da noite.

Certa vez, atendi, urgente, a uma senhora de um funcionário, que engolira um caroço de pêssego. Foi uma tragédia. Levei-a ao raio-x do Dr. Arthur Leite, e não se pode localizá-lo. Desde o esôfago, estômago, intestinos, durante um mês ela acusara dores.

Um dia, pela manhã, ao evacuar, senti uma dor aguda no ânus. Foi para o hospital. Um trabalhão colosso. Ao toque digital senti a ponta do maldito caroço. Anestesia, dilatação, e depois de muito custo, em um meio aporcalhado; extração. Era de fato grande e tinha uma ponta regular. O marido chorava inconsolável, pelos corredores, e, ao entregar-lhe, naturalmente irritado, a volumosa semente, disse-lhe:

- Faça-me o favor de não deixar sua mulher comer pinhão, porque ela é capaz de engolir a pinha inteira, e caroço de pêssego sai pelo cú, mas pinha não.

O pobre diabo, sem compreender e todo alegre, prometeu, agradecido, atender ao meu pedido.

Terminado o caso verificamos às mãos, braços, aventais e sapatos, imundos.

Um formidável banho com sabão e escova, e mudança de toda a roupa, no próprio hospital.

A porcaria foi de tal ordem que o colega, Dr. Leite, que me auxiliara não pode se conter e vomitou na sala de operações

Nunca vi tanta m...Lembrava aquele ânus um daqueles pequenos vulcões de Java, com a única diferença de não ser a erupção de....lama.

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1935.

Data : 17/07/1935

Título : 036 SEXTA-FEIRA SANTA

Categoria: Memórias

Descrição: Como medico da entidade, fui, em uma sexta-feira santa, chamado ...

## SEXTA-FEIRA SANTA

Como médico da Estrada, fui, em uma sexta-feira santa, chamado para ver um seu doente, nas proximidades da Estação de Coxilha.

O telegrama do turmeiro era urgente e expressivo: uma criança gravemente enferma.

Deram-me um trem especial.

Bem contrariado, nobre se oblige, segui, recomendando ao maquinista todo o cuidado.

Ia em minha companhia o engenheiro Dr. Nelson Ehlers.

Quando nos aproximávamos da frente da casa, vimos sentadas calmamente algumas senhoras, com várias crianças brincando ao redor.

Dissemos ao que íamos, e nos foi presente uma menina de 10 anos; a grave moléstia parece incrível, era sarna.

Fiz, a respeito, uma comunicação ao Chefe da Caixa.

No fim de 3 ou 4 meses, deixei o cargo. Chamados mais ou menos semelhantes tive outros. Não me era possível continuar, não tinha descanso.

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1935

Data : 17/07/1935

Título : 037 PAPEL HIGIÊNICO

Categoria: Memórias

Descrição: Pelo seu físico pequenino e acanhado, até parece um filhote de Gandhi.

### PAPEL HIGIÊNICO

O "seu" Carpes, homem honesto, pobre e trabalhador, foi, durante muitos anos, administrador do Hospital de Caridade. Somos, até hoje, bons amigos.

Pelo seu físico pequenino e acanhado, até parece um filhote de Gandhi. Por qualquer coisa ficava encabulado e vermelho.

Entrei, certa manhã, muito preocupado naquele estabelecimento, com o Dr. Odilon Berendt de Oliveira, a fim de uma conferência urgente, a propósito de um caso gravíssimo.

Logo vem ao meu encontro o "seu" Carpes, contou-me que uma mulher indigente passara mal a noite evacuando muitas vezes.

Prometi-lhe ir vê-la tão pronto me desocupasse.

Alguns minutos depois novo e pessoal aviso do homenzinho. Estava em conferência quando este fez-me a terceira comunicação, e, ao sair dela, todo irritado:

- Doutor é a quarta vez que lhe chamo e a doente, numa meia hora foi aos pés mais de três vezes. Que lhe dou, doutor?

- Acabou agora mesmo de evacuar? Perguntei sorrindo.

- Sim, doutor, o que lhe devo dar agora?

- Nesse caso, disse, de propósito, para a incomodá-lo, é natural. Dê-lhe papel higiênico imediatamente; é a primeira coisa que precisa uma pessoa de acaba de evacuar.

A resposta foi desconcertante; desapareceu; quase virou "sorvete" na frase popular.

Fui, em seguida, ver a enferma, e não era tanto como afirmava o impertinente administrador.

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1935.

Data : 18/07/1935

Título : 038 UM CASO EM LIBRES

Categoria: Memórias

Descrição: Certa manhã veio ao Hotel Central o querido amigo...

### UM CASO EM LIBRES

Quando do meu exílio, na Argentina, por questões políticas, visto ter sido solidário com a revolução paulista de 9 de julho de 1932 contra o governo ditatorial de Getúlio Vargas, estive algumas vezes em Libres, pequena cidade e de pouca vida social, onde clinicavam três médicos, com os quais eram quase nenhuma das minhas relações.

Certa manhã veio ao Hotel Central o querido amigo Aristides Pedroso, também exilado, e que me falou de uma senhora enferma, cuja família estava com vontade de ouvir-me a propósito do seu caso médico.

Por ser morador de Uruguaiana, gozava Pedroso de sólidas amizades em Libres. Nesse ínterim, entra-me, precipitado e nervoso, pelo quarto, um cidadão:

- Doutor, estoy con mi esposa gravemente enferma. Está para morir. Se que el señor es un gran médico, y vengo apelar para sus sentimientos de humanidad. Ya clamé um médico, que he hijo una inyeccion en el corazón, pero nada adelante! Ela tuvo um ataque cardíaco. Vamos deprisa Dr., Por favor le ruego, y espero que usted atenderá, mi fervoroso pedido.

-Sim, respondi, atenderei, mas não sou, como pensa, um grande médico. E fomos os três.

Em caminho, referiu-me que sua esposa tivera, na véspera, uma contrariedade “chica” e, em seguida um colapso cardíaco, e mais que o facultativo fizera-lhe, durante a noite, uma injeção de óleo canforado, em pleno coração, sem o menor resultado.

Óleo canforado no coração?!!

Entramos. todos choravam.

Em um ambiente de lágrimas e de angústias iniciei o exame: pulso 80 por minuto; cheio, bem ritmado; temperatura 36.4; aparelhos circulatório, respiratório, urinário e digestivo, normais; apenas um ataque histérico.

O colega, que, em verdade, era muito atrasado, havia se atrapalhado todo, o que não admira, pois mandara, naqueles dias, a mulher dele a Buenos Aires para fazer uma simples raspagem uterina, por aborto!

Quanto à injeção no coração, verifiquei que fizera uma de óleo de canforado na massa muscular do seio!...

No aposento não cabia mais uma pessoa, e fiz só ficarem as íntimas. Compressão demorada dos ovários, dos globos oculares e, dentro em pouco, a enferma conversava, sorridente, comigo.

Foi um sucesso como nunca vi; abraços e agradecimentos de todos. Receitei um purgativo drástico, ligeiro calmante, alguma dieta e absoluto repouso.

Pela primeira vez, fui considerado mesmo, "um grande médico".

Passo Fundo, 18 de julho de 1935

Data : 18/07/1935

Título : 039 PAPO

Categoria: Memórias

Descrição: Tinha o clínico uma mania: operar bócios,

## PAPO

Em 1910, mais ou menos, abriu seu consultório, em Passo Fundo, o Dr. Enrico Giordano, grande médico e notável cirurgião italiano.

Deu-me dois brilhantes estudos seus, um sobre cirurgia nos ferimentos de ventre e outro sobre sutura de um ferimento de coração, os quais, com carinho, conservo em minha biblioteca.

Em sua companhia, uma linda senhora, de 22 anos no máximo, contrastando em ele, de idade superior a 50, que apresentava como esposa. Pelo que pude apreender, era apenas sua amante, talvez consequência de algum romance intenso, que os obrigassem vir ao Brasil, procurando desde logo o Rio Grande do Sul, onde havia a mais ampla e irrestrita liberdade profissional.

Praticou, comigo, muitas e melindrosas intervenções de alta cirurgia, em minha terra, sempre com impecável técnica, também auxiliado, em algumas, por aquela dama.

Gostavam imenso de passear a cavalo, e nas horas vagas, da tarde, galopavam desabridamente pelas ruas da cidade.

Tinha o clínico uma mania: operar bócios.

Quando via um papudo, ficava quase louco, não descansava enquanto não o levava para seu gabinete, procurando convencê-lo da necessidade e benignidade da operação, que fazia

gratuitamente, inclusive todo o material necessário, e mostrando fotografias de semelhantes trabalhos por ele praticados, antes e depois do ato.

Auxiliei-o, na Farmácia Brasil, de Miguel Pinto de Moraes, em uma dessas operações, que duram cerca de duas horas, numa indigente, e o sucesso foi completo. Nos arredores da cidade, vivia então um pobre homem, rústico e trabalhador, bom e benquisto, com numerosa família, e que tinha um papo enorme.

Este achado foi um delírio e um encanto para o Dr. Giordano, que, afinal, após exaustivo trabalho, conseguiu convencê-lo.

Convidado para auxiliar, excusei-me por qualquer motivo, sendo substituído pelo Dr. Fernando Carvalho.

A operação, nesse tempo não havia hospital, praticou-se em apartamento especial, adrede preparado, da Farmácia Serrana, do Senhor Ivo José Ferreira, que, nesse dia, inaugurava um possante autoclave.

A anestesia geral esteve a cargo do farmacêutico, e a senhora só se encarregava de alcançar o material. No meio da intervenção, que corria muito bem, houve entre operador e auxiliar uma pequena desavença, por motivo de uma ordem daquele: o auxiliar molestou-se e irrefletido abandonou a sala, de modo impróprio, usando até de termos de baixo calão. Giordano só continuou a árdua tarefa, e, passadas quase duas horas do incidente, o doente falecia na mesa.

Houve um grande barulho; amigos do morto queriam a todo transe, matar o médico; foi fechada a farmácia, e a polícia teve, de modo sério, que intervir, cercando a casa.

Fui chamado pela família, que depositava grande confiança em mim, e pela polícia, para exame cadavérico.

Consegui, com muito custo, que aquela gente desesperada, se acalmasse. Ao entrar, disse, sorrindo, ao Ivo:

- Amigo, que tal o autoclave?

- Foi para mim, respondeu, um verdadeiro auto-cravo, doutor.

A senhora do médico, em prantos, ajoelhou-se a minha frente, exclamando de mãos postas:

- Faça-nos voltar na Nápoles.

Giordano, pálido, de grandes barbas grisalhas à Nazareno, de braços cruzados, estava, ainda de avental branco, imóvel, como uma estátua, na frente do corpo sem vida.

-Que houve, doutor?

- Uma infelicidade... e contou-me, bastante irritado, o caso com o Dr. Fernando Carvalho, a quem acremente, e de certo modo com razão, culpava.

Examinei, com atencioso cuidado, a região operada, camada por camada, todo o plexo nervoso, todos os vasos, arteriais e venosos, perfeitamente ligados: uma técnica irrepreensível.

Fornei à polícia um longo e minucioso relatório.

Dei atestado, como causa mortis, choque operatório.

Enquanto conduziam o cadáver, fiz sair, às escondidas, o casal, que, no dia imediato embarcou para a Europa.

Rio de Janeiro, 18 de julho de 1935.

Data : 19/07/1935

Título : 040 TIO LUIZ

Categoria: Memórias

Descrição: De uma vez, fui a convite, em sua casa pela manhã.

## TIO LUIZ

Desde menino, na minha natural ingenuidade, acostumei ver, em "Tio Luiz", um homem de saber invulgar.

Alemão de nascimento, com um vasto nome: Dr. Luiz Hugo Guilherme Francisco Frederico Waldemar José Ostrich von Morsch, casado, em Passo Fundo, com uma irmã de minha avó, também alemã, dava-se, desde moço, ao estudo da medicina, principalmente de nossa flora, que merecia sua especial atenção. Em seu gabinete, vários e grandes frascos com cobras de diversas qualidades e tamanhos.

Enviuvou alguns anos depois, deixando 4 ou 5 filhos, e a sua vida desregrou-se bastante, por isso que seguidamente abusava do álcool.

Juntou-se com uma mulata chamada Thereza, com a qual viveu até os últimos anos.

No tempo em que eu estudava medicina ele já devia contar cerca de 70 anos. Usava grandes óculos de aro de ouro, e tinha uma imensa barba branca, a Humphrey, que lhe cobria todo o peito.

Quando eu era pequenino, sei que foi meu médico, e minha mãe contava-me que todos os anos "Tio Luiz", mandava-lhe uma pequena conta pelos seus serviços profissionais, a mim prestados naquela ocasião, e que, a título de auxílio, sempre lhe pagou: depois da morte de minha mãe, ainda recebi uma.

Conheci-o melhor, e já em franca decadência, durante as férias dos meus estudos, e condoía-me muitíssimo ver o modo desrespeitoso como era tratado pelos jovens de então: soube de um que, aproveitando, uma noite, de seu estado de embriaguez, atou-lhe diversos nós com a própria barba.

De uma vez, fui, a convite, em sua casa, pela manhã. Mostrou-me 12 garrações numerados, de 1 a 12, sucessivamente cheios de álcool com raízes, folhas, cascas de plantas. Ouvi-o com

paciência e delicadeza. Referiu-me que ia remetê-los para a Alemanha, afim de serem devidamente estudados e apreciados.

De grosso caderno manuscrito constava uma minuciosa descrição das infalíveis propriedades terapêuticas de cada um, sempre com este fecho: cura isto, mais isto, mais aquilo etc. etc; porém no 12º que continha de todas as plantas um pouco, apenas o seguinte: cura tudo. Fiz-lhe então ver a vantagem de so mandar o último.

O pobre "Tio Luiz" morreu paupérrimo e esquecido e Tupanciretã. Que Deus se apodere de sua alma.

Rio de Janeiro, 19 de julho de 1935.

Data : 19/07/1935

Título : 041 LULU

Categoria: Memórias

Descrição: Chamado, na manhã seguinte, para atendê-lo, encontrei-o em grande agitação,...

LULU

Entre os filhos do Tio Luiz o mais velho tinha o seu nome. herdara do progenitor a mania da medicina, mas não tinha a sua inteligência, nem o seu preparo.

Não se dava ao uso do álcool. De temperamento nervoso, foi, certa vez, a Porto Alegre, buscar os restos mortais de um seu amigo Bibiano Ribeiro, falecido no hospício, e foi tal sua impressão que, ao retirar, em Passo Fundo, do carro de bagagens, os tais despojos, enlouqueceu, descarregando na urna, todas as balas de seu pequeno revólver. O rebuliço foi enorme. Preso Lulu e em face do estado de perturbação mental, foi logo entregue aos cuidados de sua família.

Chamado, na manhã seguinte, para atendê-lo, encontrei-o em grande agitação, cometendo os maiores desatinos com a assistência, que fazia ora chorar ou a rir, ora a marchar ou ajoelhar-se, ora a cantar ou rezar, etc.

Com a autoridade de médico, fiz cessar esta cena, e, ao ver-me, dirigindo-se, ao mesmo tempo, para uma senhora excessivamente obesa:

- Doutor, apresento-lhe o cú mais gordo de Passo Fundo.

Foi uma debandada.



A senhora disparou, em prantos, para o interior, onde teve um formidável ataque... e até hoje não me cumprimenta.

Lulu, e já vão para mais de quinze anos, conserva-se ainda no hospício.

Rio de Janeiro, 19 de julho de 1935.

Data : 20/07/1935

Título : 042 UM MAÇO DE CIGARROS

Categoria: Memórias

Descrição: Passeando, certa tarde, no cavalo Cauby, lindo tordilho ...

#### UM MAÇO DE CIGARROS

Passeando, certa tarde, no cavalo Cauby, lindo tordilho 7/8, filho de Red, ao cruzar em uma esquina, vem correndo, ao meu encontro, um árabe, que, todo aflito, pedia-me ir ver, em sua bodega próxima, um seu filhinho, vítima de uma queda. Era mais vento do que chuva: pequenas contusões.

Ao me retirar, pedi um maço de cigarros e fósforos, esquecendo-me de pagá-los.

Decorreram-se para mais de três meses, quando um mocinho trouxe-me uma conta de \$700 N°.

Não me recordando dessa dívida, fiz-lhe ver de provável engano, e, no outro dia, o árabe mandou lembrar-me da compra, por ocasião do acidente do filho.

Também eu me esquecera por completo dos meus honorários profissionais: paguei-lhe os \$700 N°, e, enviei-lhe uma de 20\$000 N°, que imediatamente satisfez.

Ficamos quites...

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1935

Data : 20/07/1935

Título : 043 MORDIDA DE ARANHA

Categoria: Memórias

Descrição: Meu tio, como quase todo homem era um tanto quanto mulherengo ...

## MORDIDA DE ARANHA

Meu tio, Eduardo Manuel Araújo, era de uma brilhante inteligência e de uma formosa palestra. Ouvi-lo era um encanto: alegre, chistoso, de espírito fino e delicado. Qualquer ocorrência, por ele relatada, expressava um sabor de elegância e de elevada ironia: tinha o verdadeiro pendão do “savoir dire”. Nascido e criado em Passo Fundo, sem haver frequentado colégios, a não ser os medíocres da então atrasada vila, possuía, no entretanto, regular cultura, por esforço próprio. Embora descendente de uma família pobre, por seu trabalho honrado e profícuo fez fortuna.

Guardada a diferença de idade, e guardado também o natural respeito entre tio e sobrinho, devo declarar, e com prazer o faço, que fomos íntimos e excelentes amigos, e que sempre me distingui com muita consideração e abundante confiança, conversando comigo, desde os meus estudos acadêmicos, sem guardar aquela velha e tão decantada pragmática, entre parentes, dos nossos antepassados.

Minha tia era distintíssima, de uma moral irrepreensível, de excessiva bondade, ingênua e supersticiosa, acreditando, com facilidade, em tudo que lhe diziam: por ela e por ele, só bem poderia vir ao mundo.

Vamos agora ao caso, que, para sua boa elucidação, se fazia sugerir essas considerações.

Meu tio, como quase todo homem, era um tanto quanto bilontra, e estivera, a negócios, três ou quatro meses, em Porto Alegre, anunciando seu regresso para determinado dia. Nesse tempo, por deficiência de veículos de transporte, o trem de tabela, que chegara à cidade às 2 horas da tarde, fazendo o trajeto em 3 etapas - Porto Alegre a Santa Maria - Santa Maria a Cruz Alta - Cruz Alta a Passo Fundo, parava, antes de ir à estação, no meio da Avenida Brasil, para deixar os passageiros, como, de manhã, para recebê-los.

Depois de Pulador, a última estação, Tio Eduardo foi ao mictório, e verificou, com espanto, uma lesão ulcerosa e dura, na glândula. Ficou apavorado diante da fundada suspeita de um câncer de Hunter, porém não podia mais protelar a sua chegada, o que fez alegre, abraçando família e amigos.

Já em casa, depois de meia hora, queixando-se de ligeira cólica intestinal, de que comumente sofria, foi à latrina, para uma nova observação, e aí convenceu-se da brutal realidade.

Que fazer? Como resolver esse difícil problema? Como solucionar sua situação doméstica? Como coonestar tamanho caiporismo?

Entre essas tremendas perguntas e cruéis cogitações, assaltou-lhe o cérebro uma idéia formidável e gigantesca, capaz de salvá-lo.

Do pensamento à ação, um instante. Viu na parede de tábua da antiga latrina, de fossa fixa, uma grande aranha preta, e matou-a imediatamente com um certo cuidado. Atou bem, na perda

esquerda, as tiras de sua ceroula comprida, e, com corajosa repugnância, deixou cair em seguida a nojenta aranha, entre a pele e a ceroula. Correndo e gritando ai... ai... com as peças da roupa desabotoadas e seguras em ambas as mãos, entrou pela casa adentro diante da estupefação geral, atirando-se ao leito, contorcendo-se todo de dor.

Foi uma cena dramática desempenhada por notável artista!

Todos queriam saber o que se passara. Depois de muita algazarra e de muito custo, com a testa em suor, e ficando só com minha tia, contou-lhe:

- Eu estava sentado na latrina, e um bicho me mordeu no membro... estou desesperado de dores... que coisa horrrosa!

Assim falando, tratou de despir-se em cima da cama de alvo lençol, gemendo e afrouxando disfarçadamente os cordões da ceroula.

Nisto, a senhora exclama assustada diante da prova:

- Eduardo, foi uma aranha, aqui está e é das venenosas, vou chamar o Vergueiro.

Vim às pressas, e ficamos só os dois no quarto, e ele, depois de tudo me relatar, baixinho, quase suplica:

- Não me descubra, confirme que foi a aranha, e diga que preciso de repouso, de cuidados, de abstinência por muito tempo.

Assim o fiz, com convicção, autoridade e seriedade... estava salva a paz doméstica... mentiras convencionais de Max Nordau.

Bendita aranha!

Bem merecias um museu!

Na casa, havia uma criada que sabia de uma velha negra feiticeira, possuidora de um método, especial e certo, para uma cura rápida de picada de aranha: a benzedura. Pois bem, até a isso o pobre paciente teve, no dia seguinte, que sujeitar-se, mas sem resultado algum.

Ainda Erhlich não descobrira o bom 606, depois magnífico 914, que dá à úlcera hunteriana uma rápida cicatrização.

Seu tratamento foi, pois, demorado. Muitas vezes ouvi minha tia afirmar:

- Para mordida de aranha, qual benzedura, não há nada como licor que de van Swieten e umas injeções que o Vergueiro dá...

Ambos já são falecidos: ele de uma goma sífilítica cerebral, e ela, que levou para o túmulo a consoladora certeza de uma mordida de aranha, de uma lesão cardíaca.

Ainda nos seus últimos meses de vida, decorridos talvez mais de 20 anos, conversamos longamente a respeito e tive, mais uma última vez, ensejo de ver que ela estava convencida daquela grande verdade, que nunca tentei destruir: ao contrário, procurei sempre fortalecer.

Deus lhes dê o Reino da Glória.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1935.

Data : 21/07/1935

Título : 044 BRUTA DESCULPA

Categoria: Memórias

Descrição: Uma vez, logo depois do almoço, dia frio ...

## BRUTA DESCULPA

Num sobrado, em frente a Farmácia Central, residia, em 1932, um cidadão de origem italiana, cuja esposa, estava gravemente doente, cabendo toda a responsabilidade ao pouco escrupuloso marido, que, a princípio, para desculpar-se, procurou negar a causa, criando então para a sua pobre e inocente vítima, uma situação ainda mais difícil.

Fechada dentro de um círculo de ferro, terminou por confessar, o que, aliás, já se sabia, por conhecimento do tratamento a que, oculto, se submetia, na farmácia.

Uma vez, logo depois do almoço, dia frio de inverno e de lindo sol, as ruas, como de costume, movimentadas, conversávamos, no "hall" daquele estabelecimento, talvez 10 pessoas, e na frente, discutindo futebol, outras tantas, quando o “inocente” esposo surge todo gordo, na sacada do sobradinho, e de lá grita, a bom pulmão:

- Arthur, o Dr. Vergueiro está aí?

A um sinal meu, respondeu:

- Não.

- E o Dr. Tenack?

- Também não.

- Pois então quando um deles chegar, tu lhe pergunta se o cristal da mulher é frio ou morno, se com glicerina ou não, e se meio litro basta.

Foi uma gargalhada.

Todos comentaram a sua formidável estupidez.

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1935

Data : 21/07/1935

Título : 045 SOPA

Categoria: Memórias

Descrição: Decorridos alguns dias depois daquela consulta, ...

## SOPA

A página oito destas reminiscências íntimas, escritas ao correr da pena e como uma exclamação de saudades - recordar é viver - fiz referência a um tal Carolino, cujo nome, lembro outra vez.

Decorridos alguns dias depois daquela consulta, voltou-me o homem:

- Doutor, o doente está bem melhor, o remédio toma bem, mas não pode mais com a sopa, tem até vômitos.

-Mas que sopa?

- A que o senhor mandou dar de duas em duas horas.

Dei-me aí, em um misto de piedade pela sua incomensurável burrice, uma explicação sobre as colheres, o que, muitas vezes, em face de outros broncos clientes, achei de conveniência repetir.

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1935.

Data : 21/07/1935

Título : 046 LICINIO

Categoria: Memórias

Descrição: Entregou armas a um adversário em tempo de guerra e recolheu-se ...

## LICINIO

Licínio de Miranda Villanova, natural de Taquari, veio para Passo Fundo, com sua numerosa família, a chamada do seu compadre Ney de Lima Costa. A pedido deste, de quem fui muito amigo, mas de quem tive profundas decepções, fi-lo sub-intendente do 1º distrito, depois

delegado de polícia, em seguida sub-intendente de Carazinho e, por último, para me ver livre dele, intendente provisório de Soledade, este por solicitação minha ao Dr. Borges de Medeiros.

Licínio não era um homem mau; possuía boas qualidades, mas tinha um grande defeito: leviano, sempre leviano.

Molestei-me seriamente com ele, e desde aí perdeu minha confiança, quando, em janeiro de 1923, por ocasião de sitio de Passo Fundo, pelas forças revolucionárias de Menna Barreto e outros, entregou a este, na sede do então 4º distrito, algumas armas de guerra que eu lhe confiara. Procurou, em vão, várias vezes desculpar-se, nunca me satisfazendo suas explicações, por absurdas e indefensáveis.

Entregar armas a um adversário em tempo de guerra e recolher-se à cidade dois dias depois cercada, quando poderia, perfeitamente e sem o menor perigo, te-las trazido consigo?!

Licínio tinha um genro, natural da Província de Corrientes, na Argentina, bandido e mau sob qualquer aspecto, e a sua maior vítima era a própria esposa, a quem o “bamba” chegava a espancar em plena rua, tanto que o sogro, por isso, não se dava com ele.

Esta senhora adoeceu de um parto e, como passasse mal, seu pai, condoído pelo estado de miséria de sua filha querida, veio me chamar.

Fui, e constatei a necessidade de urgente aplicação de fórceps, levando um colega, Dr. Ivo Barbedo, para a anestesia geral.

Quando tudo pronto, uma vizinha, que já estava, nervosa, me fazendo uns sinais incompreensíveis, não se conteve, e perguntou-me baixinho, pelo meu revólver.

Observei então que o mesmo não estava mais em cima de uma mesa, em que o colocara, e de indagação em indagação, vim a saber que o “valiente” estava com ele à cintura.

- Porque pegou essa arma? Indaguei.

E de cara amarrada, em tom seco e com gestos desordenados, retrucou:

- Porque se minha mulher morrer na operação, eu sei o que vou fazer...

Não titubiei um momento: saquei-lhe imediatamente o 38 do coldre exprobando-lhe com aspereza o procedimento.

- Perdão doutor, o senhor compreendeu mal; quero lhe contar a verdade; juro-lhe que se ela morresse, eu me matava.

A explicação não me satisfez muito, porque, mau homem em pior marido não poderia haver.

A intenção, creio até hoje, era outra, e criminosa.

Depois de insistentes rogos e de tantas implorações, fiz a intervenção, com felicidade, mas com o revólver na cintura e de sobreaviso para defesa imediata, em qualquer emergência.

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1935.

Data : 22/07/1935

Título : 047 REICHMANN

Categoria: Memórias

Descrição: O fato em referência passou-se nos primeiros dias de maio do...

## REICHMANN

O fato em referência passou-se nos primeiros dias de maio do corrente ano. Fui chamado para atender ao Senhor Carlos Augusto Reichmann, chefe de numerosa e digna família, residente, há muitos anos, em Passo Fundo.

Com cerca de 76 anos de idade, seu caso era o de um cardio-hepatorenal; o seu estado era o pior possível; pulso péssimo; dispnéia intensa; insuficiência aórtica; antiga bronquite catarrada; anemia, albuminúria, congestão de fígado, edemas, etc.

Quando do exame, o velhinho, aterrorizado diante da morte próxima, assim falou:

- Doutor, não me deixe morrer, fui muito amigo de seu pai e sou seu, ainda quero viver um pouco mais, não me deixe morrer...

Nesse momento preciso, um seu filho levantou-se precipitadamente e num acesso violento de raiva:

- Meu pai, se o senhor morrer não morre sozinho, e, levantando o dedo em minha direção – aonde morre um, morrem dois.

- A quem se refere? Perguntei-lhe com calma.

- Ao senhor, foi a resposta e tomou, levando a mão à cava esquerda do colete, clara atitude agressiva. De um salto levanto-me já de revólver em punho:

- E onde morrem dois, morrem três, canalha.

Seus irmãos saltaram, de golpe, sobre ele subjugando-o e retiraram-no do quarto entre gritos desesperados, enquanto outros procuravam me atender com explicações e desculpas. Era um demente, já estivera alguns meses no hospício.

Fizeram-no embarcar imediatamente de automóvel, para Boa Vista de Erechim, onde reside seu irmão mais velho.

O velhinho Reichmann faleceu poucas horas depois.

Foi esse, sem maiores consequências, graças a Deus, o segundo incidente desagradável, dessa ordem, ocorrido comigo, em quase 30 anos de clínica.

Ao terminar, consigno, aqui, que já houve, em um ramo dessa família, um crime sensacional: a mãe desse rapaz louco é tia ou prima de Samorim Kurtz Barboza, que matou, de modo miserável a esposa do Dr. Benedito Frydberg, crime mais revoltante e bárbaro de que tenho conhecimento.

Rio de Janeiro, 22 de julho de 1935

Data : 22/07/1935

Título : 048 CASO DAS VACAS

Categoria: Memórias

Descrição: Médico muito novo, querendo tornar-me conhecido e acreditado ...

## CASO DAS VACAS

João Bibiano era um fazendeiro dos Três Passos, 5º Distrito de Passo Fundo, e com ele, em 1906, negociei três vacas de cria fêmea e boas leiteiras, pelo preço de 150\$000Nº cada uma, as quais, escolhidas por Ireno Lemes de Moraes, meu saudoso peão, domador e jóquei, muito me agradavam.

Devolveu por este os 450\$000Nº que lhe mandara, sob o fundamento de que não estava precisando de dinheiro, e, quando assim acontecesse, me procuraria.

No fim de duas meses, fui chamado para atendê-lo, já no município de Soledade, pois adoecera de uma pneumonia dupla, em casa de um parente, onze léguas da cidade. Fiz, a cavalo, duas viagens até lá, e note-se hoje, época do automóvel, que, pela sua velocidade, parece reduzir as distâncias, que onze léguas, em um dia, só mesmo bem montado, de sol a sol, com alta madrugada.

Foram 44 léguas de ida e volta, com dois dias de falha na estância, mas felizmente salvou-se o doente.

Médico muito novo, querendo tornar-me conhecido e acreditado, e, em atenção às gentilezas de Bibiano, resolvi cobrar-lhe, por todo o serviço, tão só o preço das vacas.

Ficava uma coisa pela outra.

Eu bem sabia que era uma insignificância, mas tratava-se de um...amigo.

Decorreram-se mais seis meses, ao cabo dos quais recebi, com surpresa, uma carta daquele criado, em que se dizia arrependido da venda das vacas por tal preço, que se quisesse, agora, ficava com elas por 200\$000Nº, e, em caso contrário, poderia devolvê-las, nada me cobrando pelo desfrute do leite.



Enviei-lhe pelo portador, que passou recibo, os 600\$000Nº e, pelo mesmo, uma nota dos meus honorários profissionais, no valor de dois contos de réis.

Três dias depois, regressou o moço com essa importância, e mais uma enorme carta de agradecimento e até solidariedade política.

Burro e nada sério!

Rio de Janeiro, 22 de julho de 1935.

Data : 22/07/1935

Título : 049 IRENO

Categoria: Memórias

Descrição: Urgia mandar à sede do município, buscar o soro, e determinei ao meu peão...

## IRENO

Emygdio Falkembach residia no lugar denominado “Baios”, no 6º Distrito de Passo Fundo, e há 14 léguas da cidade. Passando, a cavalo por ali, em 1907, sempre com o mesmo Ireno, para almoçar e sestar um pouco, verifiquei em uma filhinha de Emygdio um grave caso de angina diftérica, em começo.

Urgia mandar à sede do município, buscar o soro, e determinei ao meu peão que o fizesse o mais depressa possível.

Ireno partiu ao meio-dia em ponto, e, no dia seguinte, às 10 horas da manhã, estava de volta com seringa, soro, etc.

Fizera, e se tem que levar em conta não só a troca de animais como a demora na cidade – 28 léguas em 22 horas!

Hoje, o automóvel resolveria facilmente o assunto, e nada haveria, nesse particular, de importância.

Utilizou-se o meu dedicado servidor de quatro cavalos: um na casa de partida, um na sede velha da Fazenda Sarandy; outro no Pontão e o outro no Passo da Areia, os quais foram ficando em descanso da galopada e de prontidão para o regresso.

Ireno faleceu alguns anos mais tarde, em consequência de uma rodada, por se ter atravessado um cão na raia, quando, contra minha expressa vontade, tocava, em um sábado de aleluia, para graduação de tempo, um cavalo de corrida de José Maria Lima.

Bom camarada, com saudade, rezo por tua alma.

Rio de Janeiro, 22 de julho de 1935.

Data : 23/07/1935

Título : 050 ABSCESSO DE PESCOÇO

Categoria: Memórias

Descrição: Depois do esvaziamento, em um dos conseqüentes curativos, observei...

#### ABSCESSO DE PESCOÇO

Em 1911, apareceu-me, no consultório, um caixeiro viajante, por nome Schneider, muito nervoso, com enorme abscesso na face lateral direita do pescoço, e contou-me que fora, há três para quatro meses, operado em Porto Alegre, de um quisto sebáceo, e que esta era a terceira vez que ali se formara, de modo inexplicável, uma coleção purulenta.

Depois do esvaziamento, em um dos conseqüentes curativos, observei, localizado profundamente um corpo que me pareceu estranho e de cor vermelha desmaiada.

Com uma pinça longa fixei-o, e, em lentas trações, consegui exteriorizá-lo.

Era um pequeno pedaço de dreno borracha, ali, inadvertidamente, esquecido pelo operador, que era então, e ainda é, professor da Faculdade de Medicina.

Houve rápida cicatrização, e o abscesso nunca mais se reproduziu.

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1935.

Data : 23/07/1935

Título : 051 GRANDE ERRO

Categoria: Memórias

Descrição: O caso, como diagnosticado era simples: tivera um aborto de 5 meses ...

## GRANDE ERRO

Corria calmamente o ano de 1912, e eu estava em Porto Alegre, no exercício do mandato de Deputado Estadual, quando em 2 de novembro, recebi um telegrama urgente, chamando-me a Passo Fundo, a fim de atender a esposa de um fazendeiro, minha prima, íntima amiga da minha irmã, companheiras de saudosa e alegre mocidade.

Parti, de trem, imediatamente.

O caso, como diagnosticado, era simples: tivera um aborto de 5 meses, com completa retenção placentária.

Quando cheguei, faziam 8 dias. O médico, que assistira, recentemente formado, era de uma formidável timidez, tão grande nunca vi, e de indescritível indecisão, incapaz de abrir um pequeno abscesso, mas capaz, no entretanto, de brilhantes estudos de laboratório, tanto que nesse sentido, muito o aconselhei, e ocupa hoje, em São Paulo, lugar de destaque em importante estabelecimento daquela ordem.

Fizera diagnóstico de febre tifóide!?!

A pútrida placenta foi extraída imediatamente, mas a infecção septicêmica era enorme.

Depois de uma luta titânica, a morte a venceu no dia 11.

O marido, quando viu sua querida esposa falecida, em um gesto de revolta e de desespero, tentou surrar o meu colega, que vinha se aproximando da casa.

Usando grande energia e até de ameaça, contive-o, aquele mandava célere... as de bailar.

Rapahel, escapou-me o nome, fez-me alguns presentes: um cavalo tordilho, de tração; uma vaca puro sangue, raça duran, por nome Talita, e com cria; um alteroso centro de mesa, de prata, e uma “marquise” toda de brihante.

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1935.

Data : 24/07/1935

Título : 052 OSCAR

Categoria: Memórias

Descrição: Essa vida desregrada preocupava imensamente sua família.

## OSCAR

Oscar Pinto de Moraes era meu primo irmão, e cinco anos mais velho. Fizera, com bom aproveitamento, seus estudos primários no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo.

Não sei porque motivos íntimos (sei que os tinha, mas guardava segredo) dera-se, aos 18 anos, mais ou menos, ao abuso do álcool: vivia constantemente embriagado, cometendo os maiores desatinos e escândalos, tendo, por vezes várias, sido preso correccionalmente.

Essa vida desregrada preocupava imensamente sua família. Em uma de suas habituais bebedeiras, sofreu grave incidente em um joelho, que se anquilosou para sempre. Era violento e valente, considerado um terror, o bamba da zona, e rara era a semana em que não se envolvia em conflito, mormente com a polícia, a quem tiroteava diversas ocasiões. Mandado pela família, que despendeu os melhores esforços no sentido de trazê-lo ao bom caminho, afastado da sociedade, corrido dos amigos, perambulava, dia e noite, pelos bordéis, cambaleando, imundo e faminto.

Nessas condições, era sempre recolhido à casa de uma mulata por nome Christina, que o tratava com desvelado carinho, mas, mal melhorava, dela fugia, seguindo a sua triste sina. Saia então a mulata a procurá-lo de novo. Quando das minhas férias do quarto para o quinto ano, procurava-me quase todas as tardes. Era natural que o recebesse a primeira vez com certa reserva, mas tive, desde aí, ensejo de modificar minha opinião sobre ele; não era digno de desprezo, mas de piedade, porque, no fundo daquela tempestade, guardava um ótimo coração.

Aconselhei-o como melhor pude, ouvindo-me com calma e atenção, chorando às vezes, e prometeu-me regenerar-se, no que, com sinceridade não acreditei, de momento. Foi ao meu embarque, e contou-me que, há dias, não bebia. Nas férias do quinto para o sexto ano, não fui a Passo Fundo, pois precisava trabalhar no estudo da tese doutorável, mas soube, e com prazer, que Oscar abandonara o uso do álcool e que, auxiliado por Atanagildo Rodrigues da Silva, tinha uma pequena farmácia.

De chegada a minha terra natal, constatei que tudo era real: uma verdadeira ressurreição para à vida.

Abri meu consultório na “Farmácia dos Pobres” de sua propriedade, e, dia a dia, observava o seu caráter. Alegre, trabalhador, caridoso, inteligente e bom, ele mesmo troçava de seu negro passado.

O parente, como eu o chamava era um inimigo do sofrimento humano, sob qualquer forma, sua maior dedicação era suavizar as dores do seu semelhante.

Auxiliava-me em tudo: em curativos, em operação, em partos, em clínica médica, etc.

Gostava muito de falar em assuntos médicos para ouvir minhas dissertações.

Seu estabelecimento prosperou, tornando-se, em breve, o mais importante e conhecido da região.

Oscar tinha excepcional intuição médica, que verifiquei centenas de vezes. Dizia-me sempre que eu lhe gabava com justiça, aquela qualidade, que não passava de um “pelo duro”, e que o “puro sangue” era eu.

Íntimos amigos, fui seu padrinho de crisma, e ele, em atenção nos seus cuidados para com meu filho Ruy, quando pequeno e muito doente, padrinho deste, mas a política, que une os maiores inimigos e separa os maiores amigos, um dia, desgraçadamente nos separou.

Abri uma dissidência contra seu cunhado Pedro Lopes de Oliveira, então Intendente Municipal, aliás vitoriosa em 1920, depois de uma luta sem igual na serra: Oscar bem sabia dos justos motivos que me levavam aquela campanha, mas acompanhou o cunhado, desenvolvendo a mais intensa propaganda. De amigos passamos, com grande pesar meu, para inimigos. Começou então em 1917, a clinicar ostensivamente, e devo declarar que pouco era o seu tempo para atender aos seus clientes, quando eu mesmo havia deixado de trabalhar. Era um estudioso, e, conhecendo um pouco de francês, chegou a comprar a Clínica Médica de Dieulafoy.

Construiu uma sólida casa à Rua Morom, onde morava com a mulata, a quem nunca abandonara e de cujo procedimento nada podia dizer, possuía automóvel, tinha uma serraria no 3º Distrito e arrendara, no 5º Distrito, um campo, onde invernavam algumas centenas de bois.

Em 1919, tive seguro conhecimento de que meu primo estava se entregando ao uso da morfina.

Em 17 de setembro de 1920, ao regressar da Colônia Não Me Toque, depois de memorável pleito municipal, onde se assegurou nossa vitória, estava-me preparada uma estrondosa manifestação, mas, ao desembarcar, soube que Oscar estava em estado gravíssimo, e solicitei aos meus amigos que, por este motivo, não a levassem a efeito, com o que concordaram. No dia seguinte, por uma feia manhã de grossas nuvens cor de chumbo, apareceram em minha casa os Srs. Atanagildo da Silva, Cantídio Pinto de Moraes e Dr. Ivo Babedo, que, a instâncias reiteradas de Oscar, pediam meu comparecimento.

Fui, e que tristeza se apoderou de mim!

- Parente, estou muito mal, vou morrer, não há mais o que me salve e não quero levar para o túmulo dois pesos: um, morrer seu inimigo e outro, deixar a Christina desamparada. Preciso de sua amizade, o senhor foi o meu melhor amigo, perdoe-me os erros, e quero que agora providencie, com urgência, para eu fazer meu testamento.

Abracei-o compungido, e expressei-lhe a certeza de que eu ainda era o mesmo amigo seu.

O gesto de Oscar, chamando-me nessa respeitável e dolorosa hora, causou, principalmente entre alguns cunhados seus, inimigos meus até hoje, um indisfarçável mal estar, que não escapou aos parentes, mas o que mais lhes irritou foi o testamento, pois tinham um olho no doente e outro nos seus haveres, e, por isso mesmo e por aquilo, mandei imediatamente ver o notário Joaquim Pedro Daudt, que escreveu suas últimas determinações amparando a seu irmão Miguel e a sua companheira dos maus e dos bons tempos.

-Dê-me agora um novo abraço, posso e vou morrer tranquilo. Choramos ambos.

Oscar, que sofria de antiga bronquite asmática, morreu em consequência do abuso de morfina, na madrugada de 19.

Meu grande amigo, tu, apesar de teus erros, foste profundamente bom, e Deus saberá premiar, no céu, os benefícios que fizeste, na terra.

Rio de Janeiro, 24 de julho de 1935.

Data : 25/07/1935

Título : 053 CHINA

Categoria: Memórias

Descrição: Seu marido estava no interior do município, negociando.

## CHINA

Conheci uma certa negrinha por nome China, casada com um preto, retinto como ela.

Eram felizes. Ele, carroceiro, ela lavadeira. Tinham 3 filhos.

Chamado, em 1916, para atendê-la de um parto, verifiquei, ao nascer a criança, que esta era quase branca. Entre a mãe e pessoas da família do marido, por motivo do “branquinho” foram travadas fortes discussões, quase degeneradas em conflito, e o escândalo era assunto obrigatório de bisbilhoteira vizinhança.

Seu marido estava no interior do município, negociando.

Contente, em seu regresso dez dias depois, perguntou pelo novo representante, ansioso para vê-lo e acariciá-lo, ao que sua mulher, toda aflita, respondeu que o pequeno estava dormindo e que não o acordasse, pois passara mal a noite.

Conformou-se o negro, vindo então a abraçar sua velha mãe, que morava na frente.

Aí, soube de tudo e, na maior indignação, quando voltou à casa, encontrou sua mulher enforcada, em uma árvore do pátio, como um grande ponto preto de cruel interrogação para o marido: quem seria o miserável destruidor do seu pobre lar?

China procurou na morte esquecer o seu erro, e pagou de modo violento o seu crime.

Aquela criança, vítima inocente, entregue à outra família para criá-la, morre algum tempo depois.

Talvez fosse melhor assim...

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1935.

Data : 25/07/1935

Título : 054 ENTENDIDA  
Categoria: Memórias  
Descrição: Relatou então a família, que a parteira cortara, com afiado facão...

#### ENTENDIDA

Em Marau, atendendo, em 1913, a uma parturiente, constatei, ao toque inicial, no fundo da vagina, um útero completamente dilatado, uma ponta de osso, que era de úmero.

Relatou então a família, que a parteira cortara, com afiado facão, depois de muita inútil tração, o braço, já cianosado da criança, e que se apresentava para fora.

A “entendida” ao se ver descoberta e recriminada, quis, apavorada, fugir para o mato, o que se evitou, mas prometeu, entre lágrimas, sob juramentos múltiplos, suicidar-se, caso fosse denunciada à polícia.

Causava dó sua miserável situação, e só mais calma ficou quando os interessados diretos e eu lhe prometemos guardar absoluto segredo.

Ficou tão arrependida e ressabiada, eu nunca mais se deu à profissão...

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1935.

Data : 25/07/1935

Título : 055 RICOCHETE  
Categoria: Memórias  
Descrição: Um grito, e o caçador ferido, no dorso superior do pé esquerdo.

#### RICOCHETE

Certo caçador de veado, em 1926, estava em uma “espera”, à beira de um arroio, cujas margens eram altas e pedregosas. Ele ficava, um tanto oculto, em lugar elevado, quando cruzou a água, em disparada, em “pororó”.

Sua espingarda, que era de chumbo grosso, próprio para tais caçadas, funcionou imediatamente, e o lindo bichinho se embrenhou incólume no mato.

Um grito, e o caçador ferido, no dorso superior do pé esquerdo.

Conduzido, de auto, para a cidade, levei-o, antes de interná-lo no hospital, ao raio-x do Dr. Arthur Leite, para localização do projétil: estava o côncavo popliteo ao lado da artéria do mesmo nome.

A explicação só pode ser esta: um dos grossos balins batendo em uma pedra dura, ricocheteou e fez, de baixo para cima, aquele esquisito trajeto.

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1935.

Data : 25/07/1935

Título : 056 TRINTA ANOS

Categoria: Memórias

Descrição: Entre meus professores, que já são mortos, lembro-me, de momento

## TRINTA ANOS

No dia 24 de dezembro do corrente 1935, completam 30 anos que colei grau de doutor em medicina.

Foram meus companheiros de turma: Balthazar Patrício de Bem; Heitor Annes Dias; Pedro Alexandrino de Borba; Julio Mariath e Ulysses Nonohay. Este, por motivos de uma febre tifóide, que o atacou, em setembro de 1905, só pode completar o seu curso em março de 1906.

Foram as seguintes nossas teses: Heitor – Ruídos Musicais no Coração; Balthazar – Geografia médica do Rio Grande do Sul; Borba – Sobre a digitalis; Ulysses – Prognóstico nas cardiopatias; Mariath – Cremação; Vergueiro – Anestesia geral pelo Keleno.

Matriculamo-nos, na primeira série, 45 alunos; desses transferiram-se para a Faculdade do Rio 2: João Fagundes, no 4º ano e Galeno Revoredo Barros, no 5º, e os outros, ou abandonaram os estudos ou ficaram para trás.

A nossa turma foi a segunda da faculdade. O único falecido é Balthazar, em Cachoeira, em um combate no lugar denominado Barro Vermelho, em um dos primeiros dias de novembro de 1924.

Mariath era o mais velho, tinha cerca de 45 anos quando se formou; Heitor, o mais moço, menos de 23 e eu ainda não completara 24.

Heitor clinicou em Cruz Alta, Porto Alegre e atualmente no Rio.



Borba, em Rio Pardo e agora em Porto Alegre.

Ulysses e Mariath, sempre em Porto Alegre. Balthazar, só em Cachoeira, e eu só em Passo Fundo.

Ulysses é professor da cadeira de dermatologia e sífilis, na capital do Rio Grande do Sul, e Heitor, foi professor de clínica médica em Porto Alegre, e agora no Rio.

Durante os anos de 1902, 1903 e 1904 moramos eu, Heitor, Ulysses e Balthazar, juntos, na célebre “república Charcot”.

O único casado era Mariath; todos os outros noivos das senhoritas Carolina Revoredo, Jovina Leite, Celina Britto, Marina Mattos e Aracy Telles, cujos casamentos se efetuaram todos, no decorrer de 1906.

No dia da formatura, o único que possuía anel simbólico era eu, e o meu anel serviu então para todos.

Foi nosso paraninfo o Dr. Sarmiento Leite, e orador da turma o Balthazar.

Entre meus professores, que já são mortos, lembro-me, de momento os seguintes: Sebastião Leão, Rodolpho Marron, Tristão Torres, Ramiro Barcellos, Arthur Franco, Dias Campos, José Carlos Ferreira, Carlos Wallau, Victor de Britto, Dioclécio Pereira, Protásio Alves, Octávio Lisboa de Souza, Damasceno Ferreira e Sarmiento Leite; e vivos: Olintho de Oliveira, Christiano Fischer, Nogueira Flores, Carvalho Freitas, Diogo Ferraz, Frederico Falk, Marechal Gonçalves Carneiro, Ricardo Machado, Jacintho Gomes, Serapião Mariante e Freire de Figueiredo.

De todos nós alunos, que sempre fomos bons camaradas e amigos, houve um que, tanto na faculdade, como depois na clínica, muito se destacou: o Heitor.

Vergueiro e Baltazar foram intendentess em seus municípios de nascimento, e ambos também deputados estaduais. Na Assembleia do Estado, fui, durante uma legislatura, seu presidente.

Heitor foi deputado federal na Constituinte, de 1934, e reeleito neste ano. Eu fui deputado federal, em 1930, e agora também.

Encerro essas ligeiras reminiscências, nesta hora de saudades, pedindo a Deus pela alma de Balthazar, assim como pelos lentes cujos nomes referi.

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1935.

<span style="font-size:10.0pt;Times New Roman" ;="">

Data : 26/07/1935

Título : 057 GERALDINO

Categoria: Memórias

Descrição: Geraldino Xavier, aluno louvado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre,...

## GERALDINO

Geraldino Xavier, aluno louvado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1915, veio, logo depois, clinicar em Passo Fundo, e onde, de perto, tive a oportunidade de apreciar sua magnífica cultura, sua esmerada educação social: era um gentleman. O seu físico no entanto não o ajudava, por ter-lhe sido, nesse sentido, ingrata a natureza: era feio, bem feio, mas, dentro daquele corpo meio desengonçado, aninhavam-se em ritmo perfeito, um cérebro iluminado, um coração boníssimo e uma alma grande e generosa.

Casou-se em junho de 1918, e, em novembro do mesmo ano, morria da gripe epidêmica, que assolou o País, fazendo muitos milhares de vítimas: em Passo Fundo, cidade, naquela época de 15.000 habitantes, registraram-se para mais de 200 óbitos.

Estava na Capital do Estado quando ele enfermou, e só cheguei dois dias antes do desfecho fatal.

Seu médico assistente era um velho alemão da Colônia Não Me Toque, em verdade bom cirurgião, porém péssimo clínico, Dr. Otto Schmidt.

Geraldino foi acometido de pneumonia dupla gripal, e o tratamento predileto e quase único, era banho frio de imersão de três em três horas, pelo método de Brand, 18º.

Aconteceu da minha chegada logo após a um deles, e o meu querido colega, levemente cianosado, com um pulso miserável e alta temperatura que o mantinha em permanente delírio, reconheceu-me, e, com certo medo, baixinho, para que eu só ouvisse:

- Vergueiro, que tratamento péssimo!

Autorizado pela família, intervi no assunto, mandei suspender os banhos, estabeleci uma enérgica medicação tônico-cardíaca, anti-infecciosa, balões de oxigênio, etc. mas tudo, tudo foi em vão.

Morreu pela manhã de um lindo dia de sol.

Verdadeiramente contristado, diante desse quadro chocante e incompreensível dos mistérios da vida, acompanhei seu corpo até ao cemitério, onde fiz-lhe o elogio final, única vez, até hoje, que discurssei em semelhante local.

Geraldino seria na vida pública, o que foi na Faculdade, um laureado.

Paz à sua alma.

Rio de Janeiro, 26 de julho de 1935.

Data : 26/07/1935

Título : 058 ESPÍRITO

Categoria: Memórias

Descrição: Tenho um amigo muito prezado, de grande talento e de débil constituição física, que...

## ESPÍRITO

Tenho um amigo muito prezado, de grande talento e de débil constituição física, que, em certa época de sua vida, 1914, deu-se ao estudo do espiritismo, teórico e prático. Leu Allan Kardec, William Crook, com sua Katie King, e outros.

Era um prazer ouvi-lo, fervoroso e entusiasta como todo adepto novo a qualquer seita, religiosa ou política. Gostando imenso das experiências com as mesinhas, encontrou, um dia, um companheiro apaixonado como ele e entregaram-se, todas as tardes, a essas observações, mas - palavrinha impertinente e que detesto -, esse camarada, por sinal que professor público, usava e abusava, às vezes, de bebidas alcoólicas, enquanto o outro era, em absoluto, abstinente. Uma ocasião, no inverno, para obsequiar o amigo, adquiriu um bom queijo colonial, salame e algumas garrafas de saboroso vinho nacional. Lendo, comendo e principalmente bebendo, avançaram pela noite adentro, e eis que, as 11 horas, o meu Chico é atacado de violenta excitação, e, nesse deplorável estado, é conduzido à sua residência.

Sua esposa, diante do abalo, me chamou às pressas, e, em prantos:

- Doutor, meu marido está atacado de um espírito mau, acuda-o.

Baforadas ácidas de vinho e consequentes vômitos levaram-me facilmente ao diagnóstico.

- Senhora, comecei eu, o espírito que está no corpo de seu marido, é o espírito...

- De quem doutor? Atalhou assustada.

- Do vinho... respondi sorrindo.

Café forte sem açúcar, panos frios pela testa, ar puro e fresco da noite, um pouco de amoníaco e depois... um sono profundo.

No dia seguinte, com forte ressaca, formidável dor de cabeça, enjôo, boca amarga e saliva grossa...

Rio de Janeiro, 26 de julho de 1935.

Data : 27/07/1935

Título : 059 RUPTURA DE ÚTERO

Categoria: Memórias

Descrição: Caiu prostrado novamente na cadeira. Fomos os quatro novamente para a sala...

## RUPTURA DE ÚTERO

Certa noite de verão de 1931, fui chamado por um distinto amigo, ao Hospital São Vicente de Paulo, para fazer uma conferência com o Dr. Dino Caneva. Em pequena sala, anexa à da operação, encontrei os doutores Caneva, Leite e um outro. Este, que estava sentado, quando me viu levantou-se rápido e perguntou aflito:

- O senhor também veio para a conferência?
- Sim, respondi secamente, sem cumprimentá-lo ou ligar-lhe a menor importância, visto que fomos e ainda somos inimigos.

Caiu prostrado novamente na cadeira. Fomos os quatro novamente para a sala de operação, e ali verificamos que, em um caso de aborto, tinha havido, por manobra violenta, uma extensa ruptura de útero: o grande epíplon projetou-se pela vagina.

A operação estava a cargo do Dr. Caneva, hábil, inteligente e criterioso cirurgião.

O assistente, pálido e suarento, só falava em abandonar a clínica, mudar de residência, no mandato público, em processo, etc.

- Acalma-te, dizia o Dr. Leite, teremos toda reserva.
- Mas podem contar, retorquia o outro, olhando de leve e intencionalmente para mim.

Nesse instante volto-me e sendo superior, digo-lhe:

-Doutor, o senhor não me conhece; ignora o meu caráter; não costumo ter atitudes que não se coadunem com a minha dignidade; avaliei o seu estado, o seu nervosismo; por minha parte não se preocupe; guardarei o máximo sigilo e lhe juro que, de minha boca ninguém ouvirá uma só palavra.

O homem parece que ressuscitou...

O trabalho operatório foi coroado de feliz êxito, e, depois de alguns dias entre a vida e morte, salvou-se a doente.

Falando-me muitas vezes depois, sobre a leviandade desse colega, dizia-me o doutor Caneva, entre muitas outras considerações:

- ... se os papéis fossem trocados, o senhor hoje estaria nas garras da polícia, ou, pelo menos, na rua da amargura...

Eu assim o creio, por isso que não conheço tipo mais mesquinho e intrigante do que esse, agindo sempre como o gato: dando o tapa e escondendo a mão.

O marido daquela senhora várias vezes me tem interpelado a respeito do caso, e constatado sempre a sua grande desconfiança, quase certeza do erro médico.

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1935.

Data : 27/07/1935

Título : 060 MÃE E FILHA

Categoria: Memórias

Descrição: Essa criança também do sexo feminino, tem hoje 10 anos; será que o destino ainda

#### MÃE E FILHA

Em março de 1906 tive que extrair, a fórceps, uma criança, filha de uma pobre lavadeira.

Em 1925, isto é dezenove anos depois, atendi a uma moça, em trabalho de parto, e que necessitava também de uma aplicação do Tarnier, o que, com feliz êxito realizei:

Sua velha mãe inquiriu-me à saída:

- O doutor não me conhece? Esta minha filha, que o senhor acaba de operar, foi também extraída a ferros pelo senhor... e, avivando-me a memória, lembrei-me então na verdade do fato.

Essa criança, também do sexo feminino, tem hoje 10 anos; será que o destino ainda me reserva este serviço: operar avó, mãe e neta, sempre com o mesmo fórceps?... Ché lo cá...

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1935.

Data : 27/07/1935

Título : 061 UMA DENTADURA

Categoria: Memórias

Descrição: ...encontrou, por acaso e com alegria, a dentadura dentro de um sapato velho, em...

## UMA DENTADURA

Em 1908, morava em Passo Fundo, um rapaz de origem alemã, empregado na casa comercial de Octaviano Araújo, cujo gerente era Marcos Uchoa, e o qual usava uma pequena dentadura. Hoje reside no município de Palmeira.

Esse moço, de temperamento um tanto nervoso, acordou-me, alta noite, e deu pela falta daquele objeto, sentindo então uma forte dor no esôfago.

Correu a minha casa, e explicou-me que tinha certeza de que havia dormido com a dentadura na boca e de havê-la engolido durante o sono.

Sua impressão era enorme, mas seu estado geral era ótimo.

Aconselhei-o a seguir, pelo primeiro trem, a Santa Maria, só onde, nesse tempo, havia raio-x, o do doutor Nicolau Becker Pinto.

Partiu imediatamente, e o resultado, depois de muitas pesquisas, foi sempre negativo, no entanto, a sua insistência e as suas dores esparsas era aqui, era ali, continuavam.

Em seu regresso, já desanimado, encontrou, por acaso e com alegria, a dentadura dentro de um sapato velho, em abandono, num canto: ele havia deixado em cima da mesinha de luz e, não sabe como, fora ali parar... Talvez obra de algum audacioso rato esfomeado. Só assim terminou a sua sugestão, mas foi tal e tão grande que chegou a perder em poucos dias, alguns quilos de peso.

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1935.

Data : 28/07/1935

Título : 062 MILHARADAS

Categoria: Memórias

Descrição: Cursava aula de paralisia geral e, nesse tempo, ainda não se conhecia o tratamento...

## MILHARADAS

Foi meu lente, em 1905, de psiquiatria, o saudoso Dr. Tristão Torres. Todas as aulas, práticas e teóricas, realizavam-se no Hospício São Pedro, de que era diretor, no arrabalde do Partenon, e para lá íamos de “bondinho” a burro, em quase uma hora de viagem.

O professor, muito bondoso, era dedicado amigo dos seus alunos, e, por isso, até hoje, reverenciamos o seu querido nome com respeito e saudades.

Cursava aula de paralisia geral e, nesse tempo, ainda não se conhecia o tratamento para malária. A preleção, como era de hábito, foi ilustrada com a presença de dois desses enfermos, de categoria social deficiente: um pequeno e obscuro agricultor e outro juiz distrital.

Estavam ambos na fase das grandezas, em pleno período de excitação. Postos frente a frente, travou-se logo o seguinte e interessante diálogo:

- Tu de onde és? perguntou o letrado.

- De São Borja.

- Que fazes lá?

- Planto cana e tenho criação de gado, e de um tiro só de laço pego 200 reses... e você, quem é?

- Sou o homem mais rico do Brasil. Todo o Rio Grande do Sul é meu, menos o município de São Borja, que é teu.

- Qual é a tua fortuna?

- É tão grande que nem eu mesmo sei, não se pode expressá-la por algarismos: sou possuidor de milhares, milhares de contos.

Eis aí o termo que o infeliz achou para esclarecer, na mesma profundidade de sua insanidade mental, a sua fabulosa fortuna.

A pessoa em referência chamava-se Napoleão César Bueno, foi Juiz Distrital da saúde de Passo Fundo, durante muitos anos, chefe de numerosa e digna família, e meu compadre e amigo.

Rio de Janeiro, 28 de julho de 1935.

Data : 28/07/1935

Título : 063 A MORTE DE OLYMPIO

Categoria: Memórias

Descrição: Achei tanta graça que virei o rosto para o lado oposto, a fim de que...

## A MORTE DE OLYMPIO

Olympio Cezar Bueno, quando jovem, recebeu, em um jogo amistoso de espada, um pontão em uma das pernas, donde sobreveio um aneurisma da artéria femoral, que, ano a ano, gradativamente, vinha aumentando.

Consultando-me, aconselhei-o, com demora, a respeito: o aneurisma estava enorme.

Na madrugada seguinte viajou a cavalo, para sua longínqua propriedade, em Sananduva, município de Lagoa Vermelha, contra expressa determinação do seu médico e amigo. Apenas caminhara duas léguas, bem próximo a fazenda dos Portellas, foi acometido de violento mal súbito, caindo ao solo, já morto, em consequência de embolia cerebral.

Quando cheguei ao local, encontrei, cercando o corpo, a viúva, que era minha prima, e Oribe Marques. A este e a mim, Malvina, pungida de dor imensa, perguntava, insistente, como em estribilho:

- Como eu hei de agora viver? Como eu hei de agora viver?

Nisto, aproximava-se Raphael Trindade, bom caboclo, muito inculto e gritalhão, e desde logo, foi-lhe também repetido:

- Como hei de viver?

A resposta do camponês não se fez esperar. Afastando um pouco a senhora, que estava a ela abraçada e em prantos, segurando-a pelos braços, sacudiu-a de leve e respondeu também interrogativamente:

- Ora siá dona, como é que as outras viúvas vivem?

Achei tanta graça que virei o rosto para o lado oposto, a fim de que não me vissem o riso.

À mesma noite do velório, seu irmão, Napoleão, que fora trazido para morrer em casa, e que estava também em seus últimos dias de vida, completamente paralítico, quase afásico, sem carnes, fraco como um sopro, alheio a tudo e a todos, tanto assim que dias antes, morrera, de febre tifóide, na própria casa, o seu filho mais velho, e ele não atinara, sequer desconfiara de coisa alguma, lá pelas duas horas da madrugada, começara a gritar desesperado, com olhos de pavor:

- Tirem o Olympio daqui, tirem, tirem, ele está muito frio, que horror, reparem naquele clarão...

Chamado às pressas, ainda tive oportunidade de ouvir aquelas palavras, e nada mais disse, caindo em seguida, em sua apatia habitual...

Não entro em explicações - segredo da natureza – mas consigno aqui o estranho fato, e asseguro, sob palavra, a sua veracidade.

Rio de Janeiro, 28 de julho de 1935.



Data : 29/07/1935

Título : 064 A IRMÃ DE APOLINÁRIO

Categoria: Memórias

Descrição: Deu ai entrada o meu querido amigo e companheiro dedicado de tantos anos e de tantas lutas...

## A IRMÃ DE APOLINÁRIO

Já que tratei do estranho caso último, veio-me à memória, um outro semelhante, mais recente, ocorrido em 1933, no Hospital de Caridade, sendo dele valiosa testemunha o ilustre e prezado colega Dr. Odilon Berendt de Oliveira, Capitão Médico do Exército.

Deu ai entrada o meu querido amigo e companheiro dedicado de tantos anos e de tantas lutas, Capitão Apolinário Torres, em estado gravíssimo, com uma goma sífilítica cerebral, e consequente hemiplegia, afasia, etc.

Avançado já em idade, cerca de 60 anos, Apolinário é um dos homens mais conhecidos nos municípios de Passo Fundo e Carazinho, pelo seu grande valor pessoal, tantas vezes demonstrado na guerra e na paz como autoridade.

Instituí enérgica medicação mista, 914, sais de bismuto e de mercúrio, alternadamente.

Iniciou-se a melhora, já balbuciando enroladas algumas palavras, já reconhecendo as pessoas que o cercavam.

Em certa manhã, referiu-se sua mulher que o enfermo passara a noite muito mal, excessivamente nervoso, chorando em desespero e afirmando repetidamente, ter morrido uma sua irmã, residente em Santiago do Boqueirão, de cuja existência eu ignorava, e contou-me mais que essa cunhada, ainda há pouco, menos de 15 dias, viera visitá-los, em Carazinho, regressando em boa saúde.

Essa cena repetiu-se insistente durante a noite seguinte, e todos nós atribuímos o fato ao nevoeiro mental de Apolinário, mas, no dia imediato qual não foi a minha estupefação, quando recebi, daquela cidade, este telegrama:

- Favor avisar a família Apolinário sua irmã faleceu anteontem síncope cardíaca. (assinado) Chagas.

Mostrei aquele despacho àquela senhora, ao Dr. Odilon, à schvester Lydia, diretor de hospital, e outras.

Expliquem agora, se são capazes, os sábios da escritura esses segredos da natureza.

Apolinário ainda vive em Carazinho, mas conserva os sinais indeléveis do mal.

Veio, em abril deste ano, visitar-me em Passo Fundo, e aí pediu à sua esposa que, quando ele morresse, me entregasse a sua espada como lembrança.

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1935.

Data : 29/07/1935

Título : 065 SIFILITICOS

Categoria: Memórias

Descrição: Tratava-se de uma família muito ignorante e atrasada, onde a...

## SIFILITICOS

No decorrer do ano de 1921, atendi no hospital, a uma senhora com formidável hemorragia uterina, após parto. Depois da extração de resíduos placentários, necessário tamponamento, injeção e consequentes curativos, teve alta, curada, alguns dias mais.

A criança, ao que então me disseram, ia bem.

Tratava-se de uma família muito ignorante e atrasada, onde a sífilis encontrava um bom campo de desenvolvimento, em vista do inqualificável descuido, e mesmo relaxamento dessa pobre gente.

Soube, mais tarde, que todos tinham a denominada “buba”, placas mucosas sífilíticas da boca, em contágio, certamente, pelo chimarrão que usavam tomar sem o menor escrúpulo. À propósito lembro: o doutor Assis Brasil disse, a respeito do mate tomado em roda, e com muito acerto, que era o melhor meio de uma pessoa cuspir na boca da outra.

Voltando ao caso, decorreram-se oito anos sem que eles tivessem precisão dos meus serviços profissionais, mas, em 1929, fui medicar a velhinha mãe daquela parturiente, de quem já não me recordava mais.

Depois que melhorou, avivada a minha memória, conversamos a respeito, e desejei ver a criança.

Informou-me a velha que havia morrido, assim como mais três depois daquela, e, na sua linguagem simples, ingênua e sem cerimônia, justificou deste modo:

- Os pobrezinhos morrem, doutor, porque já nascem “engalicados”. Ri-me à vontade: a expressão era forte, mas, em boa e rude análise, verdadeira.

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1935

Data : 30/07/1935

Título : 066 SIMULAÇÃO

Categoria: Memórias

Descrição: No dia seguinte era grande o seu estado de prostração e, interessante...

## SIMULAÇÃO

Em os primeiros dias de agosto de 1918, o Dr. Geraldino Xavier, que só se dedicava à clínica médica em geral, chamou-me, em conferência, para um caso de hemorragia, em gravidez de cinco meses.

Exame: máscara gravídica, secreção láctea nos seios, de auréolas umedecidas, enjôos e vômitos nos três primeiros meses, cessação completa de regras já há cinco colo uterino fechado e normal, ventre aumentado de volume. À palpação não senti o feto, e à auscultar não percebi os batimentos cardíacos do mesmo. Levei a atenção do colega, para essas duas observações, que também constatou. Sem diagnóstico definitivo, aconselhei-o a prosseguir em seus exames, e prescrevemos repouso absoluto e uma fórmula com 6,0 de clorureto de cálcio.

O corrimento sanguíneo, sem cólicas, passou em poucas horas.

Logo depois, em setembro, segui para a Assembléia do Estado, em Porto Alegre, e Geraldino morria em novembro, da gripe espanhola.

Em dezembro, o marido procurou-me para expor que sua esposa já havia passado o décimo mês da prenhez, e nada de filho.

Procedi o novo exame, todos os sintomas exagerados, mormente a secreção láctea, tão abundante que passava as roupas de uso habitual, obrigando-a a tomar precauções próprias, e também não verifiquei, como da primeira vez, a presença de feto e muito menos de ruídos cardíacos, o que dei conhecimento àquele senhor.

Esse casal não tinha filho algum: a maior aspiração, constante e delicioso sonho de ventura daquela mulher, que vinha preparando, numa encantadora e embalada esperança, há bem mais de ano, um luxuoso enxoval de bebê.

Em menina e moça, fora acometida, seguidamente de grandes ataques nervosos, que se prolongavam, às vezes, por muitas horas, mesmo dias, os quais, depois de casada, não se reproduziram.

Pareceu-me então tratar-se de um caso de gravidez histérica, opinião essa que, a pedido do marido, não levei ao conhecimento da doente.

Em janeiro, esse amigo, que ainda não se conformava, foi comigo à Capital, onde o Dr. Serapião Mariante, após longo e minucioso exame, confirmou o meu modo de pensar. Era então notável

o desenvolvimento do ventre, mole e flácido, onde, com facilidade, se metiam as mãos até ao fundo.

À tarde, contei-lhe tudo, e imediatamente teve um violento ataque, passando assim a noite, inconsciente e em convulsões.

No dia seguinte era grande o seu estado de prostração e, interessante, já bem menor o volume do ventre, e, no outro, este estava de tamanho natural, e a senhora, no quarto, amanheceu com abundantes regras.

Ela mesma me referiu que, com uma sua irmã, no norte do país, de onde era também natural, já acontecera o mesmo.

Algum tempo depois, mudaram-se para sua terra natal, Pernambuco, onde aquele patricio, engenheiro de cultura e competência, Dr. Mário Gusmão, faleceu. Sua excelentíssima esposa chamava-se Maria. A família do senhor Mário Braga, de Passo Fundo, tem, como íntimos que eram, pleno e exato conhecimento do fato, que acabo de relatar.

Rio de Janeiro, 30 de julho de 1935.

Data : 30/07/1935

Título : 067 DOIS PÃES

Categoria: Memórias

Descrição: A fome é grande e devoradora, mas é preciso ir pouco a pouco, com muito cuidado

## DOIS PÃES

Em 1922, ao chegar ao Hospital de Caridade, referiu-me a enfermeira que o doente do quarto nº 5, de febre tifóide, estava muito mal, o que me causou um certo espanto, porquanto, na véspera deixara-o muito bem, e em franca convalescença, já caminhando.

Nesse período final da moléstia terrível de Eberth, a dieta tem de ser rigorosa e seguindo à risca os conselhos médicos.

A fome é grande e devoradora, mas é preciso ir pouco a pouco, com muito cuidado aumentando, em regime severo, gradativamente, os alimentos.

Manoel assim se chamava, estava nesse estado de apetite insaciável, e sua mãe trouxera-lhe, a pedido dele e inistente, e que se dizia aterrorizado, na tarde anterior, dois pães, um d'água, outro sovado, os quais à noite, comera escondido e sofregamente.

Tivera, horas depois, uma formidável hemorragia intestinal, que resistiu a toda medicação, vindo a falecer, apesar dos esforços, às 8 horas da manhã. Sua velha progenitora se sentindo responsável, quase enlouqueceu de dor, e meses após, partiu deste mundo, à procura do seu querido filho, no infinito, misterioso e incomensurável dos céus.

Rio de Janeiro, 30 de julho de 1935.

Data : 31/07/1935

Título : 068 OUTRA SIMULAÇÃO

Categoria: Memórias

Descrição: Conseguiu entrada, em um sábado de manhã, na sala dos indigentes, um rapaz russo...

### OUTRA SIMULAÇÃO

Esta deu-se no decorrer do inverno de 1927, conforme consta das minhas pequenas notas de observação.

Conseguiu entrada, em um sábado de manhã, na sala dos indigentes, um rapaz russo, de constituição robusta, muito corado, apresentando tão só uma paralisia do braço direito, e absolutamente nada mais de anormal.

Desconfiei de uma simulação.

Como, porém, ter a certeza?

Queria descansar, comer e dormir bem alguns dias dessa triste época do ano.

O estrangeiro, mal falando nosso idioma, era inteligente e vivo, e representava, em cabal desempenho, como um bom artista, seu papel.

Nisto, houve um grave incidente na sala de operação, e ao alarme, tive que ligeiro atender. Estava eu com a caneta na mão, e disse-lhe, naquele reboliço, em tom enérgico e apressado:

- Segure aqui.

Ele instintivamente, pegou-a com a mão... parálitica.

Arrependido, e vendo que eu percebera a insensatez de seu gesto, deixou-a cair na branca colcha, conjuntamente com o braço.

Li então algo de estranho em seus olhos azuis, num misto de súplica e piedade.

Não o recriminei.

Prescrevi-lhe apenas um purgativo drástico, e recomendei rigorosa dieta hídrica, do que, hoje, me penitencio.

Segunda-feira encontrei-o já no corredor: estava bom, com todos os movimentos do braço, mas muito pálido... Desaparecera o “vermelho oleoso do seu rosto” do verso de Guerra Junqueira.

Em particular conversamos alguns minutos, e mandei lhe fornecer um abundante café com leite, salame, pão e manteiga.

À hora da partida, apertou-me a mão agradecido, entreguei-lhe alguns mil réis, e lá se foi ele pela vida afora...

Rio de Janeiro 31 de julho de 1935.

Data : 31/07/1935

Título : 069 TAMANCOS

Categoria: Memórias

Descrição: Conheci uma linda gauchinha, muito graciosa e inteligente...

## TAMANCOS

Conheci uma linda gauchinha, muito graciosa e inteligente, apesar de sua pouca instrução: seu pai velho fazendeiro, descuidara-se por completo da educação dos filhos, que mal sabiam ler e movimentar as quatro operações. Aquela, casada também com filho de fazendeiro, rapaz que ia frequentemente, por negócios, à sede do município, era o verdadeiro tipo da mulher-lar: boa e meiga, alegre e ponderada, morena e esbelta - fausse maigre - trabalhadora e digna.

Nunca tiveram filhos, e gozavam, como até hoje, de invejável felicidade. Esse marido, em uma extra travessura matrimonial, contaminou-se com o impertinente Neisser, e deu por isso, já em casa, quando de regresso.

Essa noite, sob pretexto de fadiga e de súbita indisposição não teve contato com a mulher, que, ingênua, de nada desconfiava.

Levantaram-se cedo, como de costume nos estabelecimentos pastoris, e ele saiu descalço para o pátio. Disse, horas depois, sentiu-se mal da bexiga, o que atribuiu a ter posto os pés quentes no lodo frio, e, à tarde, queixando-se de piorar, foram de auto para a cidade.

Teve antes o cuidado de me escrever uma explicativa e minuciosa carta, que, às ocultas, passou ao chofer para me entregar.

Ciente de tudo, fui à noite, atende-lo, confirmando e salientando aquela imprudência, que seria, por certo, causa de uma cistite aguda.

Esteve em tratamento cerca de dois meses, mas ficou radicalmente restabelecido, como provaram sucessivos exames bacteriológicos.

Durante todo o tempo, a mulher, ficou, claro, em jejum.

No dia em que voltaram para a estância, essa senhora, com imenso espírito prático, fez ao marido uma interessante dádiva: um par de tamancos, para que, recomendação especial, nunca mais pisasse no barro, com os pés descalços...

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1935.

Data : 01/08/1935

Título : 070 PIOR QUE O SONETO

Categoria: Memórias

Descrição: Existem certos homens de uma simplicidade de expressão, que, quando...

## PIOR QUE O SONETO

Existem certos homens de uma simplicidade de expressão, que, quando em defesa sua, chegam a comprometer a eles próprios.

É um fato semelhante que passo à pinceladas largas, a relatar. Um moço há menos de ano casado pediu-me, um tanto embaraçado, para atender a sua esposa, que compareceu ao consultório no mesmo dia, e, desde logo, foi me pondo a par de sua desconfiança, aliás, certeza, de que seu marido estava enfermo e transmitiu-lhe o mal secreto.

Ela positivava tão bem sua observação, que não se poderia po-las em dúvida, e tivera o cuidado, suprema coragem, de não conversar à respeito, com ele, para exprobar-lhe, e com muita justiça, o seu brutal procedimento, preferindo sofrer calada e na máxima resignação, sem uma queixa sequer.

Iniciei-lhe o tratamento que, no caso, era preciso ser nos dois.

Durante uma semana, esquivou-se aquele amigo de mim, andava arredio, afastado, até que, em uma tarde, consegui falar-lhe, e, sem preâmbulos e cerimônias, expus o estado miserável de sua

jovem mulher, e, no uso de amistosas e antigas resoluções recriminei-lhe severamente a leviandade, ao que, sem medir as consequências, em inadvertido instinto de defesa, procurando estupidamente retirar de si qualquer parcela de responsabilidade, retrucou:

- Se ela está assim o culpado não sou eu.

- Então quem é? Perguntei admirado, recriminando-o ainda mais.

A sua emenda fora pior que o soneto. Caiu em si, e, desesperado, contou-me tudo, o que, aliás, eu já sabia. O seu arrependimento foi de tal ordem sincero e a inteligência da mulher de tal estofo frio, que a paz doméstica não foi perturbada, e formou-se, entre ambos uma felicidade sólida de que, ainda hoje, decorridos tantos anos gozam, mas, habilmente nunca entraram em discussão, nem mesmo explicação, a propósito do escabroso assunto.

Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1935

Data : 01/08/1935

Título : 071 PELAS CARTAS

Categoria: Memórias

Descrição: Depois de muitas investigações, explicou-se tudo assim:

## PELAS CARTAS

O Coronel Pedro Lopes de Oliveira, por alcunha Lolico, por motivos políticos, de descrição, neste momento, imprópria e inoportuna, tornou-se, em 1917, meu inimigo, e assim fomos, até 1931, quando me procurou para uma consulta, na Farmácia Central. Apresentava congestão intensa das mucosas pálpebrais e abundante secreção purulenta, nas conjuntivas, que, examinada imediatamente ao microscópio, revelou a presença de grande quantidade de bacilos de Neisser.

Era, em uma pessoa da sua idade, 70 anos, de organismo já alquebrado, um caso sério e grave, e aconselhei-o a ouvir e a tratar-se com o especialista Dr. Bruno Pelegrini, médico italiano de renome e de competência, o que fez, não dispensando, porém, a minha assistência.

Foi um trabalho enorme e exaustivo durante mais de mês, mas conseguimos salvar-lhe um olho, ficando outro privado de visão para sempre. Como se processou a infecção?

Lolico, de costumes severos e de rija educação moral, desde que tivera a infelicidade de perder sua esposa, não procurara outra para satisfação carnal, mesmo porque já era impotente há algum tempo.



Depois de muitas investigações, explicou-se tudo assim: morador na fazenda, no 6º distrito, costumava, todos os domingos, em sua casa, jogar “solo” com amigos, colonos vizinhos; um deles estava com uma blenorragia aguda e, durante o último encontro domingueiro, saíra, diversas vezes ao pátio para urinar, não lavando as mãos, que, desse modo, levavam os bacilos às cartas, e, daí por certo, aos olhos daquele senhor, pelas próprias mãos.

Atendi a esse enfermo com muito carinho e desvelo: a nossa velha luta fora tremenda e tempestuosa...Passaram-se anos..., velho, pobre, sem amigos, abandonado e doente, não me era desairosa a sua amizade, tanto mais quanto sempre lhe prestei justiça ao seu caráter, e cumpria-me, santo dever humano, levar-lhe auxílio dos meus conhecimentos, poucos em verdade, mas solicitados, e que, de modo algum, poderia negar.

Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1935.

Data : 02/08/1935

Título : 072 SEM ANESTESIA

Categoria: Memórias

Descrição: Pensei que tudo isso não passava de uma brincadeira, mas...

## SEM ANESTESIA

No ano seguinte ao da minha formatura, portanto, em 1906, preparara-me para uma pequena intervenção cirúrgica no consultório: uma fimose.

Na hora aprazada, o interessado comunicou-me que naquele dia, não poderia fazê-la, por viagem urgente e inadiável. Nesse ínterim, entra na Farmácia, para o habitual chimarrão da tarde, o meu velho amigo, Capitão Antonio Sá, a quem referi o ocorrido, e ele me declarou que, se eu não quisesse perder o serviço de desinfecção do material, o operasse de um quisto que tinha no antebraço anterior direito, mas gratuitamente.

Concordei, com o trato de não haver anestesia nenhuma, o que, desde logo, aceitou.

Pensei que tudo isso não passava de uma brincadeira, mas Antonio Sá estava disposto, e queria operar-se, mas só naquelas condições.

Assim fiz: o quisto mucilaginoso era grande, do tamanho de um ovo de peru, e deu relativo trabalho. No ato, fui auxiliado pelo próprio operado, que nunca deu um gemido, nem acusou a menor dor, e nem a mais leve palidez reveladora dessa importuna sensação.

Sempre tive aquele amigo, que atualmente e há muitos anos reside no Estado do Paraná, na conta de um homem audacioso e valente, o que demonstrou, não só pela revolução de 1893, como quando Delegado de Polícia de Passo Fundo, e, nesse dia, tirei-lhe a prova real.

Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1935.

Data : 02/08/1935

Título : 073 NÃO QUERO CHINA

Categoria: Memórias

Descrição: Conversei com ambos demoradamente: só desejavam casar.

## NÃO QUERO CHINA

Entre duas rudes famílias de caboclos moradores da serra do Jacuí, em Passo Fundo, por questão de limite da propriedade, travou-se uma grande contenda, causa de invencível inimizade, dando lugar a sérios conflitos, terminados, quase sempre, com a intervenção da polícia.

O ódio alastrava-se desde os mais velhos às crianças, desde os homens às mulheres, e todos eles faziam garbo: cultivavam-no, como a terra com o mesmo interesse e carinho.

O tempo, o maior anestésico da vida, amainara a tempestade, que deixou árvores em destroços, mas não lhe arrancou as raízes, tanto que, de vez em quando, obstava uma nova desavença.

Por contraste e ironia desde mundo, o destino determinou a um moço de uma daquelas famílias, o amor, mais que isso, a paixão por uma jovem da outra.

Foi o que bastou para que naqueles cérebros ignorantes e corações endurecidos “que não transigem, não esquecem, não perdoam” se reavivassem as hostilidades, que assumiram grandes proporções.

O obstáculo, de parte a parte, irritou os namorados, estimulando, cada vez mais, aquele doce sentimento: o ódio nada constrói e só o amor vence.

Combinaram um plano, maduramente pensado, e o rapto se deu.

A polícia estabeleceu escoltas à cata dos fugitivos, e, somente depois de dez dias, conseguiu prendê-los, lá bem no fundo da serra, em miserável palhoça.

Os “pombinhos” de cor de cobre, conduzidos à cidade, para onde também se transportaram as respectivas famílias, foram, para maior garantia, metidos, em quartos separados, na cadeia.

Os velhos, homens de honra, daquela boa têmpera antiga, tão rara hoje, só admitiam o casamento no caso de “mal   moça”, ainda nessa hipótese, o novo casal morar distante de seus pais, em terras deles: não queriam mais se ver.

O então Delegado de Polícia, meu prezado e saudoso amigo Affonso Lima, solicitou os meus serviços, para exame médico legal do defloramento, confessado pelo rapaz e não negado pela moça.

Conversei com ambos demoradamente: s  desejavam casar.

Ao exame, constatei com espanto, diante das afirmaoes de ambos, que a cabocla era virgem, inteiramente virgem, membrana hímen intacta e nem sequer vestígios leves de contato carnal.

Sem dar a minha opinião a ninguém, fui ao raptor, e exprobei-lhe sua mentira e, quase chorando, implorou que eu não o descobrisse, por ser só pela justiça que poderiam realizar o seu sonho de esperanças e desventuras.

-Porque então você não a deflorou?

- Olhe, doutor, eu a quero para minha esposa; eu não a quero para china, e   esse o motivo do meu respeito por ela.

Fiquei pasmo em face de tão elevado sentimento em gente de tão inferior classe social.

Não me saia da memória a frase: eu não a quero para china...

Essa moça não poderia mais viver com os seus pais; ela e o noivo fariam, dia mais dia menos, uma loucura, quia irremediável; a felicidade deles estava, pois, nas minhas mãos, e tomei uma resoluo definitiva.

Dei o meu laudo, confirmando o defloramento recente, e o consórcio efetuou-se horas depois.

Menti,   verdade, mas o fiz com os olhos em Deus, e para o bem de ambos.

São felizes e tem alguns filhos, e esses netinhos, pequenos ditadores dos lares, que governam discricionariamente os avós, mais, muito mais que os próprios filhos destes, quando crianças, e quase por milagre aproximaram aqueles velhos e rancorosos inimigos, que vivem contentes e na maior harmonia.

Por tudo isso não me arrependo da minha mentira.

Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1935.

Data : 03/08/1935

Título : 074 QUANTO P

Categoria: Memorias

Descrio: Quanto tempo e dinheiro perdi!

## QUANTO P

Houve uma época de minha vida, de 1917 a 1924, em que quase abandonei a medicina, dedicando-me à política e a administração municipal.

Trabalhava, é verdade, nas horas vagas, mas o serviço não me produzia absolutamente nada; a clientela era constituída de: pobres, parentes, políticos, padres, provisórios, putas, p 5 da estrada de ferro e prompts. P.p.p.p.ponto!

Tinha muitas vezes, e não me arrependo, de fornecer dinheiro para a medicação, dieta, enterro, não falando nas corridas de automóvel, sempre pagas por mim, mas isso tudo não era nada, diante das inevitáveis e não pequenas “facadas” de ordem política.

Quanto tempo e dinheiro perdi!

Deus, que é bom e cheio de justiça, e que, melhor de que ninguém conhece, a fundo, o meu caráter, já tem, e há de, por certo, continuar a me recompensar.

Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1935.

Data : 03/08/1935

Título : 075 ÚNICA BOFETADA

Categoria: Memórias

Descrição: Só aí compreendi tudo, e, de rosto vermelho, ouvido...

### ÚNICA BOFETADA

Tive um tio muito querido, cidadão digno e de grande conceito social, destacado comerciante atacadista e importador, um dos diretores do Banco Francês e Brasileiro, que foi, em 1916, acometido de paralisia geral, que o levou ao túmulo, em 1918. Nesse tempo a malarioterapia era desconhecida.

Estava em Passo Fundo quando, à tarde, recebo de Santa Maria, um lacônico telegrama de minha tia:

-“Araújo gravemente doente, passamos com Dionísio hoje aí destino Rio. Peço com empenho nos acompanhar”.

Até então, de nada eu sabia.

Quando entrei no vagão e dirigi-me para cumprimentá-lo, eis-lo que vem, precipitadamente ao meu encontro, e, no momento em que lhe estendi a mão, dá-me, com toda a força, uma bofetada que, pegando-me desprevenido, atira-me em um banco. De nada tive tempo, por isso que o meu agressor foi imediatamente seguro, enquanto minha tia e minha irmã Izaura, abraçadas a mim, e, em prantos explicavam-me o estado de perturbação mental daquele.

Só aí compreendi tudo, e, de rosto vermelho, ouvido em zunidos, desapontado, seguimos viagem.

Dionísio, de vez em vez, pilheriava, lembrando-me a bofetada, brincadeira sua, que, repetida, ia me desagradando, tanto mais eu ficava completamente abatido: pelo fato físico que sofri, e pelo moral da doença do meu tio e padrinho.

Quando já no Estado do Paraná, o enfermo, em indescritível excitação genésica, tão comum no começo desse mal, reclamava a todo transe, uma mulher qualquer para satisfação imediata do seu exagerado desejo, e em dado momento reclamou:

- Dionísio, eu sei que tu gostas muito de dinheiro; arria as calças que te dou 30 contos...

Avançou violento sobre ele, procurando pegá-lo pelas costas, em verdadeira luta corporal.

Foi uma cena tremenda e, a muito custo, conseguimos sacar o meu cunhado e dileto amigo de suas mãos, que livre e espavorido, disparou para outro carro.

Nunca me ri tanto em minha vida. Deixei passar alguns momentos, a fim de que ele se refizesse do susto, e fui encontrá-lo todo encorujado e mais abatido do que eu.

A vingança, diz o povo, é o licor dos deuses, e eu me vinguei.

- Escute bem, todas as ocasiões que tu contares a história da bofetada, eu relatarei a dos 30 contos.

Nunca a repetiu, e, até hoje, às vezes, eu, por brincadeira, lhe desafio para que a repita, e ele, entre risos, nega a tentativa de agressão e diz que é invenção minha, mas asseguro a verdade da cruel proposta.

Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1935

Data : 04/08/1935

Título : 076 PERFIDIA INOCENTE

Categoria: Memórias

Descrição: Imagine-se o estado em que ficamos: eu atônito...

## PERFÍDIA INOCENTE

Com o Dr. Cezar Merlo, ilustre cirurgião italiano, falecido em sua Pátria, algum tempo depois, operei a um menino de 8 anos, de osteo-mielite da tíbia esquerda. Diariamente ia lhe fazer os curativos, e era sempre um berreiro infernal, que começava logo na minha entrada e só cessava quando eu saía.

Uma vez, quando a criança estava mais calma, falei-lhe com carinho, da inutilidade daquele desespero e da desnecessidade daquela gritaria, ao que, procurando justificar-se me respondeu, de súbito, na presença de seus pais:

- A mamãe hoje também gemeu e gritou, quando meu pai mexeu na bunda dela.

Imagine-se o estado em que ficamos: eu atônito, sem pronunciar uma palavra, com vontade imensa de rir; o pai, zangado, ralhando com o filho, e a mãe, em prantos, explicando a ocorrência: “estava com um ferimento na nádega, e o marido de manhã tentava espremê-lo, e nada mais”.

Não se satisfez só com a afirmativa, levantou a roupa, e, em verdade lá estava o ferimento salvador.

Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1935

Data : 04/08/1935

Título : 077 QUE LATA

Categoria: Memórias

Descrição: Era de uma simplicidade chocante, e, nesse sentido, contam-se dele...

### QUE LATA!

José Bernardes, o Zezinho, como é geralmente conhecido, foi em 1925 e 1926, sócio do meu filho Ruy, na Farmácia São José, e, por isso, bem o conheci.

Bom cidadão em bom profissional. Falta-lhe o grande dedo da mão direita e tinha o hábito frequente de, nas horas vagas, meter o indicador no nariz, fazendo bolinhas e as atirando longe.

Era de uma simplicidade chocante, e, nesse sentido, contam-se dele anedotas interessantes, como a de uma viagem a Uruguaiana, em companhia de sua tia, velha solteirona, com passagens

fornecidas pelo 6º Corpo Auxiliar, para um tenente e para um capitão, e o cobrador do trem, ao carimbá-las perguntou onde estava o capitão, e Zezinho rindo-se apontou para a titia, que de tão encabulada, diante da gargalhada do empregado, meteu a cabeça na janela, sem ver o vidro que estava baixo, quebrando-o, sem, felizmente, machucar-se devido ao chapéu.

Um ano antes de casar-se, consultou-me sobre o corrimento uretral, procurando me convencer de que não se tratava de blemorragia, visto como, há mais de um mês não tinha relações sexuais.

Levada a secreção ao microscópio, constatou-se a presença de muitos micrococcus de Neisser.

-E agora, como foi então, seu Zezinho? Inquiri.

-A culpa de tudo isso, doutor, cabe a uma folha de lata, em que pisei, sem meias e com os pés quentes, ao me levantar da cama; é tão somente à ela que atribuo este maldito corrimento.

-Pois, meu caro amigo, asseguro-lhe que esta lata está “queimada”, convém também tratá-la, e deve ser, por certo, muito puta.. Nunca ouvi chamar aquilo de lata...

Zezinho vive, hoje, em Porto Alegre, onde é farmacêutico da Escola Militar.

Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1935

Data : 05/08/1935

Título : 078 O CASO DO MUNDICA

Categoria: Memórias

Descrição: As atenções e favores, que lhe dispensei, como inúmeras vezes

## O CASO DO MUNDICA

Edmund Dalmácio de Oliveira, mais conhecido pela alcunha de Mundica, foi o homem de quem mais, até a uma certa época, eu fui amigo, na vida.

As atenções e favores, que lhe dispensei, como inúmeras vezes fornecimento de dinheiro; empregos e colocações que lhe dei eu consegui, como, sub-intendente, delegado de polícia, comandante de um corpo auxiliar da Brigada, sub-chefe de polícia; negócios que lhe proporcionei, como o da compra de gado, no Passo da Areia, e tantos outros que seriam longos citar, são de conhecimento público de minha terra, e não há ali quem os ignore. Dele, como recompensa, em os últimos anos de sua vida, recebi as maiores ingratidões. A minha enorme decepção não se descreve; para bem compreendê-la, torna-se necessário havê-la sentido uma vez sequer.

Tornamo-nos inimigos, mas não é disso que vou tratar nestas páginas.

Em um dos meus regressos de Porto Alegre, em 1929, soube, ainda na estação, que Mundica estava à morte, desenganado, e, já em casa, recebi a visita dos senhores Álvaro Lucas e João Xavier Chicuta, respectivamente, genro e sobrinho, que, em nome de Dona Ambrosina, sua esposa, vinham me chamar, em apelo. Fui.

Cinco eram os médicos que o tratavam, com os quais conferenciei longamente. Depois do exame a que procedi, concordei com o diagnóstico, mas discordei, por completo, do tratamento.

Edmundo, com uma infecção reumática poli-articular aguda, apresentava como complicação, uma miocardite da mesma causa.

Pulso quase incontável e imperceptível, 180; alta temperatura, 40.8, delírio intenso...

Faziam-lhe injeções de 8 qualidades diferentes, por dia, e banhos de ar seco e quente, de 6 em 6 horas, em um caixão de madeira, especialmente preparado, com 15 lâmpadas elétricas no interior. No seu quarto 3 aquecedores elétricos, permanentemente acessos e nas janelas, pequenos e compridos sacos de areia, para evitar a entrada de ar.

Discordei, como já disse, desse tratamento, e propus a sua substituição por gelo.

A discussão tornou-se generalizada. Afinal não chegando a um acordo, chamei genro, sobrinho, irmã, esposa e filha do doente ao escritório da conferência, que era, cada vez mais irritante. Aí, os médicos todos, a uma voz, declararam que o enfermo não amanheceria, que a sua morte era inevitável, e que não admitiam minha medicação.

- Nesse caso perdido, na opinião dos senhores, que mal há na experiência da aplicação de gelo, nas diversas articulações mais atacadas e no precórdio? Se ele está quase morto, se morrer não será o gelo. Os senhores dizem que não há mais nada a fazer, eu afirmo que há ainda um meio a que se pode recorrer, pois bem, tratemos então.

Continuavam, obstinados, não concordando, mas a família, na esperança extrema, pensou como eu, e os meus colegas, em um gesto muito deselegante, abandonaram o doente. Um deles, ao sair declarou que eu ia cometer uma eutanásia.

Fiquei como assistente.

Mandei retirar o tal caixão, onde o enfermo, fechado, suava como um desaguasco, até correr pelas frestas; apagar as estufas; afastar os sacos de areia; abrir as portas e ligeiramente, e pouca pouca as janelas. Suspendi a salada de injeções e várias poções. Determinei: a aplicação de seis bolsas de gelo nas várias articulações e na região precordial; uma injeção de óleo canforado, 0,50, de 4 em 4 horas e uma fórmula com 8,0 de bromureto de sódio com 3,0 de urotropina e nada mais.

Depois de 2 horas, saí, prevenindo que me avisassem de qualquer ocorrência.

De manhã, pulso 140, menos fraco, temperatura 39.

Ao meio-dia pulso a 120, mais cheio, temperatura 38.5.

A tarde, pulso 100 e temperatura 38.

A infecção, acompanhando a melhora foi diminuindo. Só nesse momento, é que o doente me reconheceu. Passou bem a noite e, em poucos dias, estava em franca convalescença.

Foi um caso ruidoso e de excepcional sucesso.



Edmund veio a falecer dois anos depois, em 20 de setembro de 1931, de síncope cardíaca, em Tupanciretã.

Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1935.

Data : 06/08/1935

Título : 079 PEDRO PINTO

Categoria: Memórias

Descrição: Diga-se de passagem, que conheço alguns profissionais, ali formados, com especial competência, mas...

## PEDRO PINTO

Clinicava em 1928, em Carazinho, o ilustre colega Dr. Pedro Pinto, a quem conhecia ligeiramente, sem ter, até então, o prazer de sua amizade mais íntima.

Enfermava, e seu médico assistente era o Dr. Eurico Araújo, formado pela Médica Cirúrgica de Porto Alegre.

Diga-se de passagem, que conheço alguns profissionais, ali formados, com apreciável competência, mas o nosso em referência é uma formal negação, e tanto assim é que nunca conseguiu, em mais de 20 anos de residência, organizar sua clientela. Hoje pouco se importa com isso, depois da morte do sogro, que lhe deixou um bom dinheiro, mas antes desenvolvia o maior empenho, naquele sentido.

A sua quase única renda era a de médico da Estrada de Ferro.

Há dele uma pitoresca e autêntica anedota: o íntegro Dr. Sólton Soares, Juiz da Comarca, ao inaugurar o Fórum do novo município, em 1931, não quis incluir na relação dos jurados, o nome do Dr. Eurico, tão somente por ser médico, e, em ofício de profissão, não poder atender, muitas vezes, e convenientemente, o serviço da justiça, atitude aquela que, de modo invariável, mantém com todos os clínicos. O interessado “nouveau riche” protestou, em plena sala do Juiz, arrogante e irritado, para gozo dos presentes:

- Eu sou médico por esporte.

Atendendo a uma respeitável ponderação, o Juiz reconsiderou o seu ato e o nome foi incluído.

Não quero me furtar ao prazer de, já que acidentalmente tratei desse “notável” cavalheiro, consignar o que me contou, e mostrou nos autos, o Dr. Pedro Pacheco, Promotor Público de Passo Fundo, com jurisdição em Carazinho. Eurico Araújo, ao fazer, no começo do corrente

ano, um auto de corpo de delito em uma moça, por queixa de defloramento, ditou ao escrivão entre outras coisas, que não convém ao caso, o seguinte:

“O seu pênis muito cabeludo”

O humilde serventuário do cartório, admirado, chamou sua atenção para o engano, e ele, doutor em ciências médicas, solene e dogmático:

“Pênis sim, você não entende disso”.

E lá ficou assim registrado: o pobre confundiu pênis com púbis!

Deixemos, porém, esse “herói” na noite eterna de sua ignorância, e passamos ao caso do Dr. Pedro Pinto.

Este estava passando mal, e bastante nervoso, como todo médico doente. Seu assistente receitava-lhe Kermes mineral e Quicol, e aplicava-lhe grandes cataplasmas quentes, ora no peito, ora nas costas.

Seu diagnóstico era pneumonia. Examinei, com redobrada atenção, o enfermo, e firmei a minha opinião: “derrame de pleura”. O "colega" não balbuciou uma só palavra contradita, mas o próprio Dr. Pedro Pinto não se conformou de momento, por isso que chegara de véspera, da Capital do Estado, onde fora encaminhado por um professor e este não lhe falara em tal.

Relatou muito em uma punção, como prova provada, e fiz-lhe sentir que o seu derrame era enorme.

Nesse caso, levei-o, de auto a Passo Fundo, onde, com os colegas Dr. Dino Câneva, Arthur Leite e Benedito Frydberg, conferenciei, e o meu diagnóstico não foi contestado, aliás, confirmado unanimemente.

Feita a operação, extraímos quase três litros de líquido citrino.

Houve reprodução, que absorveu-se em seguida, com o uso de novasoral e clorureto de cálcio, por via intra-venosa.

O doente restabeleceu-se por completo; está hoje, clinicando na Palmeira, forte, gordo, e, todas as vezes que se encontra comigo, recorda, agradecido, o fato relatado.

Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1935

Data : 06/08/1935

Título : 080 PERGUNTA INDISCRETA

Categoria: Memórias

Descrição: Um certo dia, refeito de coragem, não se conteve:

## PERGUNTA INDISCRETA

Tinha um primo, já falecido há anos, bom rapaz, mas muito atrasado e indiscreto. Era de uma curiosidade imensa. Nas proximidades de sua casa, tratava eu de uma senhora, da elite social, seriamente enferma, de moléstia própria de seu sexo. O parente andava ansioso por saber o seu mal e, nesse sentido, várias vezes atirava-me, de leve, algumas indiretas, mas, com relativa facilidade desviava a palestra, deixando-o na mesma.

Um certo dia, refeito de coragem, não se conteve:

- Parente, do que ela sofre?

- Ela, Benedito, está sofrendo do externo cleido mastóideo, respondi, por troça, para embaralhá-lo, e por ser o primeiro nome arrevesado que me veio à memória.

- Eu já ouvi dizer que isso é doença grave, retrucou, muito sério e um tanto desconfiado.

- Sim, respondi, gravíssima...

Nunca mais me perguntou nada, e creio que compreendeu a brincadeira.

Pobre primo.

Vitistou-o em plena mocidade, uma insuficiência aórtica.

Deus lhe conceda a bem aventurança eterna.

Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1935.

Data : 07/08/1935

Título : 081 O MEU ANEL

Categoria: Memórias

Descrição: Não seria possível a não ser por inexplicável sentimento de injustiça e de imensa ingratidão...

O MEU ANEL

Não seria possível a não ser por inexplicável sentimento de injustiça e de imensa ingratidão, que deixasse, nestas toreas páginas íntimas, em que recordo, saudoso e sozinho, ocorrências de três decênios de clínica, de dedicar algumas palavras ao meu prezado anel de médico.

Ele tem, profundamente ligado ao seu dono, a sua história, como permanente e muda testemunha de toda a minha atividade clínica, por isso que, sempre e sempre, trouxe-o comigo, e quantas vezes, como hoje, com amor e carinho, fito-o, em doce enlevo e misteriosa palestra.

Consagro-lhe, confesso com sinceridade excepcional aflicção.

Tenho, para mim, que o verde de sua esmeralda acalenta as minhas esperanças e maciça os meus pesares; que os seus doze pequenos brilhantes são a minha coroa de alegria ou de tristeza, de vitória ou de derrota, e que o seu aro de ouro encerra, em sua amálgama, toda a seriedade e honradez com que exercia a profissão.

Anel e eu somos bons amigos e confidentes: ele enfrentará, impassível em sua matéria, a longevidade do tempo; eu, pobre mortal, terei que entregar, mais ou menos dias, o corpo à terra – “momento homo” – e a alma a Deus, e, por essa ocasião, desejo e quero que esse meu circunspecto companheiro de tantos anos seja imediatamente entregue ao meu querido filho Ruy, que bem o merece, não só por ser o meu melhor amigo, como também por ser um cidadão digno em melhor filho. Esteja, pois, tranquilo, meu anel; tenho absoluta certeza de que continuarás, em boa companhia, a ser amado, acariciado e, principalmente, venerado, por me haveres pertencido.

– Adquiri-o, em 21 de Dezembro de 1905 por 1:200 \$000, na joalheria de Pedro Leão Fcº, sita, naquele tempo à rua dos Andradas em Porto Alegre.

– No dia de colação de grau, 24 do mesmo mês e ano, serviu para todos os doutorandos: Heitor Annes Dias, Balthazar Patrício de Bem, Pedro Alexandrino de Borba, Júlio Mariath e eu, por ser então o amigo que possuía o distintivo simbólico.

– Usei-o sempre no dedo anelar da mão direita.

– Perdi-o três vezes: a primeira, em 1908, na Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre, onde deixei-o por esquecimento à cabeceira de um doente pobre e desconhecido, que, dois dias depois me entregou, em gesto de muita honestidade; a segunda, em 1911, ficou, por m’advertência, em uma mesa de pocker, e meu tio Eduardo Manoel Araújo restitui-m’o na outra noite, e a terceira foi um caso interessante, em vários aspectos, - que, passo, com por menores, a relatar. Em 22 de Junho de 1920, fui à Nonohai atender uma conferência com o Dr. Carlos Meyer. O frio era intenso, e ao deitar-me à noite, depois de longas passadas ao pé do fogo, em colchão de palha, recentemente cheio, por bondade do hoteleiro Picoli, senti algo que se movia em seu interior, e, após pesquisa, verifiquei que era um enorme ratão ali metido, no paiol, sem ser notado. Matei-o, e disse ao meu companheiro de quarto que, apesar de não ser supersticioso, ia ser vítima de um prejuízo. No dia 24 regressei a Passo Fundo, e no trajeto percorrido, cerca de 26 léguas, perdi o anel, não sei como e não sei aonde. À 25, ia fazer regressar o automóvel à sua procura, mas o mau tempo não o permitiu, pois choveu torrencialmente perto de 15 dias. Telegrafei ao Cel. Messias Berthier, ao Octávio Paraguaçu e outros residentes naquele povoado, avisando-os da perda, pois poderia algum desconhecido achá-lo. Confirmou-se ai o palpite do prejuízo. Em casa, conversando, lembrei que minha irmã Izaura, casada com o Dr. Dionyssio Cabeda Silveira, muito religiosa, me aconselhou certa vez, e disso tivera uma prova positiva na perda de uma joia de valor, que, quando perdesse algum objeto de valor, invocasse, com fé, a

Santo Antônio, que eu o acharia, o que fiz, e essa invocação deu resultado positivo, como se vai ver. O Sr. Oscar Kerchner, viajando à cavalo, pela serra da Rondinha, picada de três léguas de mato, em cuja saída estava construindo um prédio, depois da chuvarada encontrou, por acaso, no lodo, uma ferradura. Como há, no sertão, de que aquela traz felicidade aos lares, e, por isso, se a vê comumente fixada à porta das casas, de preferência nas soleiras, apeiou-se pra pegá-la e, que espanto, ao seu lado, semi-enterrado, estava um anel que, mais tarde, soube ser meu, e no dia 25 m'ô entregou. Quis recompensá-lo com quinhentos mil reis, o que não aceitou. Verificaram –se por tanto, três originalidades: o prejuízo do ratão, a felicidade da ferradura e a invocação de Santo Antônio o que mais me impressionou.

– Não uso joias, a não ser essa, com que ando sempre; tem -me acompanhado por toda a parte, em clínica, em festas, em eleições, em combates, no exílio, etc. chego, às vezes, a acordar-me, à noite, para verificar se ele está sobre a mesa de luz, isso quando não durmo com ele no dedo, o que é frequente. Tenho o costume de passar o polegar direito, na face palmar do dedo, para senti-lo.

– Tratei uma doente histérica, por meio de hipnotismo, que dormia mal lhe dava a achar a esmeralda que, pouco a pouco, ia lhe aproximando dos olhos. Nesse mesmo mister, a tenho usado muitas outras vezes.

– Costumo, quando em campanha, andar de lenço de seda ao pescoço, cuja as pontas passo pelo seu interior, levando-o bem para cima.

– Dele perdi dois brilhantes: um em 1919, e outro neste 1935, e que foram, desde logo, substituídos.

– Certa vez, viajando de trem, de Santa Maria à Passo Fundo, vinha um belga, negociante de pedras preciosas, e, depois de, com atenção, examinar o anel, disse-me ter a certeza de que a esmeralda era proveniente da Columbia, oferecendo-me, só por ela 2:000\$000, proposta que rejeitei.

– Quando da minha estadia, na República Argentina, em 1933 - 1934, causava certa admiração o uso desse anel, e me perguntavam rindo, principalmente as mulheres na sua eterna curiosidade, porque andava com esse “anillo de mujer”, e eu lhes explicava a origem do símbolo: esmeralda, de médico; topázio, de farmacêutico; rubi, de advogado; safira, de engenheiro civil; turquesa de engenheiro militar; opala, de bacharel em letras; ametista, de padre, etc, o que acharam “muy original y gracioso”. Lá, como na Europa, esse hábito é inteiramente desconhecido.

– É essa a história simples do meu anel de médico.

– Rendo-te nestas linhas o preito sincero de minha admiração e amizade.

Rio de Janeiro, 7 de Agosto de 1935.

Data : 07/08/1935

Título : 082 PÉ 42

Categoria: Memórias

Descrição: Entre os anos de 1910 e 1917, havia uma determinada “rodinha” de amigos, frequentadores assíduos, á noite, do Club Pinheiro Machado, onde se dedicavam ao jogo de xadrez. Lembro-lhes os nomes...

PÉ 42

Entre os anos de 1910 e 1917, havia uma determinada “rodinha” de amigos, frequentadores assíduos, à noite, do Clube Pinheiro Machado, onde se dedicavam ao jogo de xadrez. Lembro-lhes os nomes: Eduardo Manuel de Araújo, Gervazio Lucas Annes, Cândido Marques da Rocha, Joaquim Pedro Daudt, Pedro Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, e eu. Os quatro primeiros já são falecidos, só mesmo por motivo de força maior, deixamos de comparecer, depois, a morte de alguns e a divergência política de outros nos separaram do agradável convívio.

Certa vez, palestrando com o Coronel Gervazio, narrei-lhe que apesar do intenso frio da noite anterior, temperatura abaixo de 0, tinha me visto no dever de sair, “noblesse oblige” pela madrugada, para medicar a uma criança.

O velho político comentou esse inconveniente da profissão ao que lhe fiz ver a compensação da volta, com a cama bem quentinha...

Nesse momento, entrou, no Clube, um cidadão, notável por ser o maior mentiroso que conheço, verdadeiro emulo do Barão de Munchausen, que ouviu o final da nossa conversa e, sem ser chamado, externou, deste modo a sua opinião:

– No inverno, nunca me deito antes que a mulher; ela aquece bem a cama primeiro, e depois vou eu, e como custo muito a aquecer os pés ponho-lhe os dois na barriga, até ficarem bem quentes.

Achamos graça do seu estúpido expediente.

– Que número tu calças? Perguntei.

– 42, respondeu.

oltei uma boa gargalhada; estava mentindo; não era possível; sua esposa era, e é, franzina, raquítica, de ventre quase de menina... se tal fizesse, asseguro que a metade dos pés ficariam de fora... que triste destino o dessa magra criatura!

Aguentar os pés gelados, e certamente não muito limpos, do seu “delicado” marido!

Quando a pobrezinha tiver, às portas do céu, humilde e chorosa, a prestar contas dos seus atos aqui na terra, benefícios e sacrifícios, o primeiro a relatar sera necessariamente esse...

Rio de Janeiro, 7 de Agosto de 1935.

Data : 08/08/1935

Título : 083 NÃO QUERIA CASAR

Categoria: Memórias

Descrição: O destino já se traz do berço, e, por mais que se o queira torcer ou desviar, segue impávido o seu caminho, e as influências da hereditariedade são de valor preponderante...

## NÃO QUERIA CASAR

O destino já se traz do berço, e, por mais que se o queira torcer ou desviar, segue impávido o seu caminho, e as influências da hereditariedade são de valor preponderante: filho de peixe sabe nadar, ou filho de tigre sai pintado, sentenciam os velhos brocados populares.

É o caso de Laura, filha mais moça de uma mulata que, sem sua mocidade, entregara-se à prostituição.

Era, no gênero, de uma beleza impressionante; sua mãe, por justificado temor íntimo, afastara-a de si desde pequenina, entregando-a aos cuidados de honrada família que se esforçara por lhe dar uma regular educação, mas a travessa mulatinha, sempre endiabrada, tinha, no cérebro, a gritar-lhe, em reclamação permanente, a voz do sangue, que dia a dia, se vinha alvorotando até que, aos 18 anos, foi raptada por um soldado da polícia, de nome Propício.

Estalou o escândalo, e ambos foram presos.

Propício não negava o defloramento e Laura o confirmava. Aquele queria reparar o mau com o casamento, ao que esta, de modo peremptório, se opunha.

– Eu consinto, dizia ela ao delegado, que me examine, fui deflorada ontem; não nego, mas eu não me caso; digo e repito isso para o senhor, para o juiz e para o padre: não me caso porque não quero; não há quem me obrigue a isso... quero ser puta...

Não houve o que a convencesse, e explicava, à todas as ponderações que, casada, iria servir de criada ao marido, lavar-lhe a roupa e cozinhar, uma escrava enfim, ao passo que amigada com o seu homem, no dia em que ele procedesse mau, meteria-lhe os pés, caindo na farra.

E, agora, diante da sua imensa teimosia, tantas vezes repetida, como obrigá-la?

Não foi possível.

O defloramento recente foi, por mim, constatado.

Viveu com o seu primeiro amante alguns meses, largou-o em menos de ano, recolhendo-se para uma baixa pensão de meretrizes, onde entregou-se, de corpo e alma, ao seu grande “ideal” na satisfação do seu insaciável instinto.

Bebia e era desordeira; os registros policiais marcaram, diversas vezes, a sua presença.

Não foi, porém, muito longe. Vi-a, a última vez, num mísero leito de hospital: estava tuberculosa, e a terrível peste branca agrediu, de modo violento e agudo, aquele depauperado e gasto organismo, já minado pelo álcool e corroído pela sífilis, levando-o, dentro em pouco ao túmulo. O Rabi, de Nazareth, perdoou à Madalena, por que foi uma sincera arrependida... não sei se Laura, alguma vez, se arrependeu... creio que não... mas o meigo filho de Maria, o sublime Jesus, se é infinito em sua sabedoria, não o é menos em sua misericórdia.

Rio de Janeiro, 8 de Agosto de 1935.

Data : 08/08/1935

Título : 084 A MORTE DE JOVINO

Categoria: Memórias

Descrição: Jovino da Silva Freitas, natural da Villa de Júlio de Castilhos, veio, para Passo Fundo, 1907. Muito pobre, casado, com quatro ou cinco filhos abriu um pequeno café com um bilhar.

#### A MORTE DE JOVINO

Jovino da Silva Freitas, natural da Vila de Júlio de Castilhos, veio, para Passo Fundo, 1907. Muito pobre, casado, com quatro ou cinco filhos, abriu um pequeno café com um bilhar. Nomeado, em seguida, sub-intendente do 1º Distrito, com o ordenado de 150\$000 por mês, demonstrou logo a sua atividade política, no agitado pleito de 1909, em que foram candidatos, à coronel municipal, os coronéis Gervazio Lucas Annes e José Luccas Dias, vencendo o primeiro por grande maioria. Muito inteligente e vivo, Jovino foi subindo, pouco a pouco, mas em passo seguro. Fez alguns negócios de terrenos e casas, na cidade, e depois, lotes coloniais, nos quais ganhou boa soma, e, daí por diante, rápida foi a sua ascensão, sempre estribada em sua honestidade.

Levantou engenhos de serrar madeiras, na cidade e nos distritos; montou olarias; organizou a Companhia Telefônica; abriu a importante casa comercial A Revolucionária; negociou com terras; foi o maior construtor da cidade; dirigiu empresas diversas; foi um dos mais destacados



fundadores do Esporte Clube União; construiu sólida casa de moradia à praça Marechal Floriano, onde eregiu frequentado quiosque, etc, etc. Dispendeu grandes esforços na construção do edifício do Clube Pinheiro Machado.

Por insistente pedido do Coronel Gervazio, aceitou, em 1915, o cargo de delegado de polícia, vendo-se aí, em vazão do cargo, e com Nessim Mathias, envolvido, no momento de uma prisão, em um crime de morte, de que foram impronunciados. Em 1917, exonerou-se, para dar maior expansão ao seus múltiplos negócios, que justificam a sua fortuna.

Acompanhou-me na luta política contra o intendente Pedro Lopes de Oliveira, cuja vitória, infelizmente, não chegou a festejar. Desse prédio memorável, pode-se afirmar, que foi seu iniciador e maior propugnador.

Adoeceu de gripe epidêmica, em 1918. Levado pelo terror popular, em face de alarmantes notícias do Rio, tomou, como preventivo, dez comprimidos de aspirina Bayer, em um dia, isto é: de dois em duas horas, um.

Teve uma pneumonia com múltiplos focos congestivos.

Os pulmões eram seu fraco, a menor resistência do seu organismo, e esclareço, a bem da verdade, um fato: em 1908, examinando-o para um seguro de vida, não o aconselhei à Companhia, por isso que ele apresentava os ápices dos pulmões mais que suspeitos, e o seu seguro foi rejeitado. Daí, tratou-se convenientemente, de magro passou a gordo, e sempre, com disfarçada mágoa e com pequena ponta de ironia, referia-se à sua tuberculose.

Pela quantidade de aspirina, os seus rins funcionavam mal.

Fui imediatamente chamado de Porto Alegre, donde vim em trem especial, à minha disposição, por sua ordem. Além de íntimos amigos, eu era o seu médico de confiança.

Encontrei-o muito mal, e consegui, com o Dr. Ivo Barbedo, regularizar a diurese, melhorar a situação do pulmão atacado, tanto que a temperatura baixou, diminuiu a dispneia, etc. Estávamos satisfeitos, quando uma manhã verificamos uma nova “pousseé” aguda, com iguais lesões no outro pulmão. Não resistiu e, pela madrugada de 19 deixou de existir.

Jovino tinha um grande medo de morrer, e o seu intenso delírio era sempre com sentido.

Suas últimas palavras foram “o general manda e o soldado obedece”. A gripe espanhola nunca poupou aos fracos de pulmão.

O seu enterro foi uma consagração, falando, no cemitério, o ilustre conterrâneo Francisco Antonino Xavier e Oliveira. No 30º dia de seu falecimento, houve concorrida romaria ao seu túmulo.

Em homenagem à sua memória e pelos serviços prestados à minha terra, denominei, quando intendente em 1920, a rua que sai do Rio Passo Fundo e vai à praça do Colégio Elementar: Avenida Capitão Jovino.

Paz à sua alma.

Rio de Janeiro, 8 de Agosto de 1935.

Data : 09/08/1935

Título : 085 VÍTIMA INOCENTE

Categoria: Memórias

Descrição: Passo a registrar, nestas notas, o mais barbaro assassinio, de que em minha terra, boa e dadivosa, tenho conhecimento.

## VÍTIMA INOCENTE

Passo a registrar, nestas notas, o mais barbaro assassinio, de que em minha terra, boa e dadivosa, tenho conhecimento.

O Dr. Benedicto Frydberg, médico, judeu russo, veio clinicar, em Passo Fundo, creio que em 1924 ou 1925.

Era casado com uma francesinha, também formada em medicina, em Montepellieu, como ele.

Tinham um só filho.

Ela não se dedicava à profissão.

O Dr. Benedicto tem apreciáveis qualidades: sólido preparo, muito trabalhador e dedicado aos seus doentes.

Operou, certa vez, com êxito de hernia umbelical, a uma senhora, de cerca de 50 anos, da conhecida família Kurtz Barbosa. Decorridos alguns meses, foi novamente atendê-la, diagnosticando então: úlcera cancerosa do estômago. Chamado em conferência, observei uma atmosfera de desconfiança e, mesmo de hostilidade, aquele colega, por isso acreditavam ser atual enfermidade uma consequência da intervenção cirúrgica. Expendi minha opinião contrária ao pensamento da família, que não se conformou.

Agravando-se o mal, romperam ostensivamente com o Dr. Frydberg, e chamaram o Dr. Casteletti, médico italiano, o qual, várias vezes, deixara perceber, com maldade, o erro daquele, tão somente para insinuar-se no conceito daquela gente, atrasada e supersticiosa, procurou, em seguida, a uma sessão de baixo espiritismo, manejado por pessoas verdadeiramente incultas e mais que isso, perversas, onde lhe afirmaram ter sido a primeira operação mal feita e que o atual estado era uma resultante daquela. Arrebentou o ódio, que lavrou-se entre todos os parentes.

Nessa ocasião fui informado de uma reunião de toda a família, que, em caso de morte, jurou vingança. Avisei ao colega, disso já sabedor também, por outra fonte.

No dia do falecimento, pela manhã, mal a senhora exalara o último suspiro, Samorin, um seu filho, armou-se de revólver e saiu, afirmando, na frente do cadáver e presença de muitas pessoas; que ia matar ou o Frydberg, ou à sua esposa ou ao seu filho, tanto isso é uma verdade que a senhora de Oscar Cezar, viziinha que tudo presenciara, saiu correndo avisar ao marido, que ainda dormia, do fato e pedir-lhe evitar o crime. Calmamente bateu à porta da casa do

facultativo, sendo atendido por uma criada. Ciente da ausência daquele, pediu para falar com sua esposa. Esta, ao aproximar-se, foi alvejada, de inopino [repentinamente], caindo, no meio do corredor, em uma poça de sangue.

O delegado de polícia Gervazio Araújo Annes, que se encontrava nas proximidades, ouvindo o tiro, correu ao local, prendendo em flagrante o criminoso. O ferimento fora tremendo, atingindo a um dos rins, e a vítima inocente veio a morrer em Porto Alegre, mais ou menos um mês depois, e para onde fora conduzida à procura de melhores recursos. Indo visitar o colega, assisti com pesar imenso, ao cruel desfecho.

Samorin era, na cadeia municipal, uma fera, contra tudo e contra todos, tanto que o carcereiro Manoel Mathias Nesio por ordem do intendente Armando Annes, teve que metê-lo, por vezes, no “boi preto”, escuro e pequeno cubículo destinado aos revoltados e maus.

Requeru o seu advogado exame de sanidade mental, visto como criminoso, há meses, sofrera uma violenta pancada na cabeça, em desastre de automóvel, ficando ligeiramente hemiplégico. O laudo do especialista o considerou “irresponsável, mas digno de piedade”. Discuto as duas coisas: não é um irresponsável, e os fatos posteriores de sua vida, inteiramente normal, o confirmam em absoluto, e “digno de piedade” é uma expressão inútil, e não solicitada, porque assim devem ser, e são, todos os irresponsáveis.

O estúpido assassinio foi condenado a oito anos de reclusão. Teve irrepreensível procedimento na cadeia da Capital do Estado e, por isso, conseguiu o livramento condicional.

Esta em Passo Fundo, com saúde normal e vida também normal. Quando no cárcere dessa cidade, em andamento do processo, declarou, na presença de diversas testemunhas, que dali sairia um dia e o seu ódio precisava de mais sangue; mataria de três, um: ou o intendente, por mandá-lo meter no “boi preto”, ou o delegado por prendê-lo em flagrante ou a mim por me ter inteiramente solidarizado com o Dr. Benedicto, e por não haver, como correligionário, dispensado o apoio, que esperava.

Duas suas irmãs sabedoras dessa versão procuraram-me para dizer não ser a mesma verdadeira e que eu não me deveria receiar do Samorin a chegar naqueles dias. Respondi-lhe que: não me preocupava com ele, costumava não temer carrancas quanto mais caretas; era bem homem e previnissessem ao seu mano que, em natural legítima defesa, meter-lhe-ia uma bala nos miolos, caso tentasse contra minha vida.

Temos nos encontrado, depois disso, muitas vezes, e, como sempre, cão, que muito late, não morde.

O crime, maduramente premeditado, foi de uma brutalidade revoltante; o juri, sempre benigno, esquecendo a vítima na presença chorosa ou humilde do réu, o foi mais uma vez.

Lá vive ainda aquele “digno de piedade” para quem, em parte, a justiça da terra falhou, mas para quem a de Deus, no todo, poderá tardar, porém nunca falhar.

Aqui se faz e aqui se começa a pagar... aguardemos o desenrolar, frio e inevitável, do tempo.

Pobre senhora indefesa, que culpa tinhas tu?

Mesmo que seu marido tivesse errado, o que não se deu, poderia ser responsabilizada?

Não, e não.

Foste uma vítima inocente da sanha de um malvado, que me custa acreditar tratar-se de um ser humano.

Pelo que sofreste, senhora, deves estar no céu.

Rio de Janeiro, 9 de Agosto de 1935.

Data : 10/08/1935

Título : 086 AOS PACOTES

Categoria: Memórias

Descrição: Antonio Jose da Silva Loureiro, um dos mais antigos moradores de Passo Fundo, natural de Portugal, d'onde viera mocinho, era casado com uma irmã de minha avó, por nome Felippina...

## AOS PACOTES

Antonio Jose da Silva Loureiro, um dos mais antigos moradores de Passo Fundo, natural de Portugal, d'onde viera mocinho, era casado com uma irmã de minha avó, por nome Felippina, senhora de grandes virtudes e de excepcionais dotes morais. Foram felizes, em toda a verdadeira acepção do vocábulo, completando assim, com gerais regozijos, em memorável festa, a suas bodas de ouro, entre dozes filhos, genros, noras, sobrinhos, netos e bisnetos. Havia, no casal, um só contraste: ela, muito alta, e ele, de estatura bastante pequena. Trabalhador honrado e tenaz, avolumou fortuna superior.

Identificado com a nova Pátria não escapou dos tentáculos da política. Ardoroso adepto de Gaspar da Silveira Martins, manteve luta titânica com Gervazio Lucas Annes, chefe político de Julio de Castilhos, e, como vai quase sempre acontecer, degenerou em inimizade pessoal, que entre eles, atingiu a sérias proporções. Na revolução de 1893, a sua casa comercial foi arrombada pelas forças legalistas do Te. Cel. Pedro Lopes de Oliveira, por alcunha o Lólico, que, em pessoa, determinou e assistiu ao saque.

O “Barãozinho”, esse o seu apelido, era sadio de moral e de físico: nunca estivera doente.

Em 1910, porém, uma gripe, de forma grave, levou-o, quase um mês, à cama, e fui chamado para tratá-lo.

Minha tia, meiga e carinhosa, conhecedora das impertinências do marido, agravadas pela enfermidade, pediu-me, com empenho, a maior benevolência, excusando-o antecipadamente. Prometi atendê-la com a maior paciência, o que cumpri: quando entrava no quarto, contendo-

se, ele pouco falava, por isso que me tinha um certo respeito e acatamento, mas arreliava depois com todos pelas minhas determinações, que se negava a seguir.

Era uma luta, e uma tarde declarou que não tomaria mais nenhum remédio, e não houve meio de convencê-lo. Como seu estado inspirasse cuidados, vim às pressas, e, de tudo ciente, carrancudo, sereno e enérgico, mandei: -- Tia Felippina, faça-me a gentileza de trazer um copo d'água e as cápsulas. Seus olhos flamejaram de raiva...

– Tome, tio Antonio, e levei-lhe a cápsula à boca, que abriu o mais que pode, e engoliu-a, fazendo caretas, mas sem protestar.

Julgando-me desatento, chamou a sua esposa, a quem, de comum, tratava de “a menina”, e disse-lhe baixinho, ao ouvido: -- Menina, esse sujeitinho já me dá remédios aos pacotes.

Referia-se às cápsulas...

Sorri, acariciando-o. Ficou bom. Sempre fomos bons amigos. Mais tarde, quando eu ausente, faleceu de arteriosclerose.

Em agonia, nos seus derradeiros instantes, chamou ao leito seu filho Pupe. – Onde esta o Vergueirinho? Indagou.

-- Em Porto Alegre.

E momentos depois:

-- Como vai de questão com Lolico?

-- Muito bem.

Cerrou os olhos durante alguns minutos, e, no estertor final, balbuciou estas palavras:

-- Diga ao Vergueirinho que não afrouxe... e morreu.

Bem vindas sejam ao seio bem aventurado do Senhor essas duas boas almas: tia Felippina e tio Antonio.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1935.

Data : 10/08/1935

Título : 087 CHÁ DE RATO

Categoria: Memórias

Descrição: Certa manhã, fria e chuvosa, de junho de 1921, ao entrar na Pharmacia Serrana, de Ivo José Ferreira para que este me fizesse uma injeção endo-venosa...

## CHÁ DE RATO

Certa manhã, fria e chuvosa, de junho de 1921, ao entrar na FARMACIA SERRANA, de Ivo José Ferreira para que este me fizesse uma injeção endo-venosa de 914, encontrei, em agradável “tête-a-tête”, ao lado de uma estufa acesa, chimarreando, em cuia de boca larga, bem gaúcha, os meus amigos Affonso Ferreira e Lauro Xavier de Castro. Este, o Coronel Lauro, como é geralmente conhecido, descendente de antiga e digna família, depois de haver, em negócios de gado, conseguido fortuna bem regular, perdeu-a, e em pouco tempo, no jogo, e, de declínio em declínio, está hoje na mais completa miséria.

Affonso, solteirão incorrigível, é um tipo de boêmio, e aninha um ótimo coração.

Ofereceram-me um mate, que não aceitei por motivo de receio de vomitar. Continuaram, por mais de hora, trocando cuia, e, de vez em quando, virando a erva, e remexendo-a com a bomba, para ficar mais forte, como é de costume gaúcho.

Depois da injeção, voltando ao laboratório, insistiram no oferecimento, com o que concordei com a condição de mudarem a erva, porque os seus pauzinhos estavam “nadando”, e o mate muito lavado.

O coronel, neste momento, observou ao seu companheiro, que lhe parecia ter no porongo um pouco de algodão, que segurei com uma pinça tirando-o, a fim de verificar: era um ratinho pelado, inchado e esbranquiçado de tanta água quente: chá de rato.

Estava, por certo, no cesto de erva, onde depois constatamos uma ninhada de camondongos, e meteram-no, na cuia, sem ver.

Affonso, de tanto vomitar, chegou a adoecer, e abarcou o “amargo” por muito tempo, mas Lauro não sentiu o mesmo abalo.

Registro aqui, por último, que esse “Coronel” não tem o menor preparo, mas possui natural inteligência e viva perspicácia, e sua palestra, bem gauchesca, é interessante, por isso que uso de termos originais e arrevesados, e faz magníficas e exitosas comparações.

O seu atual estado de pobreza me causa lástima e piedade...

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1935.

Data : 10/08/1935

Título : 088 MEU TINTEIRO

Categoria: Memórias

Descrição: Logo depois que deixei de ser interno da histórica Escola Brasileira, de que eram diretores os ilustres professores Ignacio Montanha e André Leão Puente, fui...

## MEU TINTEIRO

Logo depois que deixei de ser interno da histórica Escola Brasileira, de que eram diretores os ilustres professores Ignacio Montanha e André Leão Puente, fui, em Abril de 1898, residir na casa do Sr. Domingos da Costa Ferreira, à rua Riachuelo. Aí, nos primeiros dias daquele mês, adquiri, na Livraria de Echenique Irmãos, um pequeno tinteiro, que é o mesmo e único, que me serve até hoje.

É todo de vidro, arredondado, de três centímetros de altura e com tampa metálica.

Com ele, terminei o meu curso de preparatórios no Colégio de Emilio Mayer, e seis anos de medicina, e com ele, escrevi tese, estudos, cartas, discursos, conferências, literatices, atestados, receitas e tudo o mais. Eu o estimo muito, por isso que, meu confidente, o possúo há 37 anos: para um insignificante e humilde tinteiro de vidro, de vida, quase sempre, tão efêmera, já é idade proveita. Está sempre em uso, na minha mesa de trabalho, e, quando miro-o, turbilhona-me, no cérebro; um mundo de recordações, algumas boas e alegres, outras más e tristes, mas dessa maldade inofensiva de quem tem cruzado a existência sem nada, de má fé ou de verdadeiramente ruim, acessar-lhe a consciência, o grande olho eternamente aberto dentro de cada um, aplaudindo ou pateando os seus atos.

Ferreira, Puente e Montanha, já são falecidos, e o meu velho tinteiro ainda se conserva intacto, repositório de tantas saudades, cofre de tantos segredos.

Vovô tinteiro, em sinal de respeito tiro-te o meu chapéu.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1935.

Data : 11/08/1935

Título : 089 POR ONDE SAIU?

Categoria: Memórias

Descrição: Compadre e comadre moravam, na Vila Rodrigues, em uma casa de tábuas.

POR ONDE SAIU?

Compadre e comadre moravam, na Vila Rodrigues, em uma casa de tabúas.

Ele, bodegueiro, gordo, baixo e suarento; ela, professora municipal, alta, magra e limpinha.

Viviam como cão e gato, em permanentes discussões e brigas.

A mulherzinha era atrevida a valer e não tinha papas na língua, e o marido, pacatão, tipo de “boi manso” ia, com paciência de Jó, aguentando aquela ferinha.

Em 1919, fui chamado para atendê-la, de um parto. À aproximação do meu auto, percebi, à frente do prédio, alguns garotos, rindo-se às bandeiras despregadas. Ao penetrar, compreendi o motivo daquelas expansões de alegria, pois a comadre, no instante em que apertavam as cólicas uterinas, botava a boca ao mundo, tendo expressões capazes de fazer corar, estremecer e rir até um frade de pedra. Quando o feto está bem engajado, principalmente de cabeça, esta comprime fortemente o grosso intestino, e daí decorre a sensação de imperiosa necessidade de evacuar, e a professora, nesse estado, perdendo a compostura, berrava, com desespero: “quero cagar, acudam, meu filho vai sair pelo cú” e quejandas brutalidades, que motivavam, lá fora, a troça e o gozo da meninada.

À muito custo, pois parecia louca, contive-a, fazendo-lhe sentir a sua brutalidade, inconveniência e escândalo. O parto foi normal.

Ao tomar, de regresso, o carro, um dos meninos, o mais afoito e o mais curioso, chegou à mim, seguido talvez de mais de dez companheiros, e, de chapéu à mão, atirou-me, de súbito, esta pergunta:

--Dr., por onde saiu o filho?

Não tive tempo de repreendê-lo, reboou uma estrepitosa gargalhada... o vendeiro, que me viera, agradecido, acompanhar à porta, avançou, indignado, sobre eles, que dispersaram em doida disparada... e o automóvel partiu, buzinando e levantando pó... enquanto o pai do novo bebê esbravejava, praguejando, dando escapúla, como em válvula de segurança, ao gás do seu sempre contido e reprimido ódio.

Pobre compadre!...

Rio de janeiro, 11 de Agosto de 1935.

Data : 11/08/1935

Título : 090 CONSULTA DE JUDEU

Categoria: Memórias

Descrição: No Rio Grande do Sul, como em toda parte, os judeus vão, dia a dia, e pouco a pouco, tomando conta dos negócios, e minha cidade natal não poderia escapar dessa regra geral



## CONSULTA DE JUDEU

No Rio Grande do Sul, como em toda parte, os judeus vão, dia a dia, e pouco a pouco, tomando conta dos negócios, e minha cidade natal não poderia escapar dessa regra geral, tanto mais quanto, em Erechim, nas proximidades da estação Erebangó, a poderosa Yenrich possui a enorme fazenda, denominada “Quatro Irmãos”, que procura colonizá-la com o braço israelita. O judeu, porém, que nunca foi agricultor, abandona logo aquela propriedade, saindo, pelos municípios vizinhos, principalmente em Passo Fundo, onde sua ação se pode desenvolver melhor, a estabelecer os conhecidos Bric-a-brac, ou pequenas casas de negócio. Vendedores ambulantes em prestações, percorrem as ruas em todas as direções. Naquela cidade, já são em grande número: Schusky, Sirotski, Birmann, Milmann, Kamergossodsky, Kopeluchnik são os principais.

São trabalhadores, e excessivamente econômicos, base do seu progresso, e conseqüente fortuna.

Contam já com sociedade própria, com cemitério especial e muitíssimos são os seus estabelecimentos comerciais; os mais importantes estão em seu poder.

Da colônia judaica, ali domiciliada, só tenho recebido provas de consideração, de respeito e de amizade.

Como clientes, não são maus, e têm o hábito invariável de pagarem, à vista, as visitas e as consultas, mas revelam-se, de comum, muito cautos.

Consultam, por exemplo, e isso tem acontecido comigo, sobre uma lesão de garganta. Examinada e receitada, pagam mas reclamam “o Dr. não me examinou o pulmão” e coisas semelhantes.

São, em geral, honestos, mas há que deles se cuidar, pois, podendo passar um logro, o fazem.

Tratava um desses clientes que, a cada visita, entregava os vinte mil reis, em moedinhas de um; pois bem, vim a verificar que, entre elas, sempre haviam duas ou três falsas. Um outro pagava também pontualmente, pondo o dinheiro dentro do meu chapéu: sempre uma nota de 20\$000; na última visita, dando alta ao doente, colocou apenas uma de 10\$000.

Um terceiro consultou-me sobre uma enfermidade de fígado. Por escrito, a seu pedido, dei-lhe minuciosamente a relação do que podia, ou não podia, comer. Esperava-me na rua, quase todos os dias, hora perguntando uma coisa, hora outra, o que, por sua insistência, já me ia aborrecendo. À última, pois não mais me procurou, inquiriu se podia comer carne de ovelha.

-- Escute, meu amigo, você pode comer carne até de bode, mas não se esqueça de fazer sopa do cavanhaque, que é muito suculenta, e, de noite, quando tiver insônia, chupe meia hora em cada chifre... e não me apareça mais.

Quando não pagam, por esquecimento do dinheiro como dizem, a última consulta, já sei que não voltam mais, procurando outro médico.

Eles é que julgam da necessidade, maior ou menor, do número de visitas, por pior que seja o estado do doente; ao contrário de nós, brasileiros, não querem que o facultativo venha diariamente, e só quando é chamado. Tive, entre eles, um caso grave de febre tifóide, que deixei de tratar por não querer, pela minha formação mental, me submeter a esse processo. Posso,

em meu escritório e guardo-o com carinho, um lindo relógio de mesa, que me foi oferecido pelos judeus de Passo Fundo, em 1924, quando por terminação de mandato, deixei, o que lhe empresta maior valor de estima, o cargo de intendente, com a seguinte interessante dedicatória, em placa de prata: “Ao ilustre Dr. Vergueiro, alvitre da Colônia Israelita. 15-11-1924”.

O meu amigo Dr. Francisco de Paula Lacerda de Almeida Júnior – o Lacerdinha, ilustre advogado que ali residiu, foi quem mais graça achou do... alvitre.

Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 1935.

Data : 12/08/1935

Título : 091 RAZÃO PARA TRÊS

Categoria: Memórias

Descrição: O Coronel Gervazio Lucas Annes faleceu, em Abril de 1917, com cerca de 62 anos. Na região serrana, foi um dos homens mais discutidos de seu tempo...

## RAZÃO PARA TRÊS

O Coronel Gervazio Lucas Annes faleceu, em Abril de 1917, com cerca de 62 anos. Na região serrana, foi um dos homens mais discutidos de seu tempo: elogiado por uns com vibração, atacado por outros com veemência, e o fato explica-se facilmente pela sua atuação política ativa, desde o regime imperial.

Propagandista da República, deputado Constituinte do Estado em 1891, chefe do Partido Republicano local, intendente representante à Assembléia Orçamentária em várias legislaturas, diretor do semanário O Gaúcho, fez toda a Revolução de 1893, sendo gravemente ferido no combate do Umbú.

Enfrentou, na paz e na guerra, ao chefe federalista General Prestes Guimarães. Dedicava-se à profissão de advogado.

Estudioso, lia, muito, obras de Direito, e nesse sentido, sustentou, com vitória completa perante o superior tribunal, debatida a questão, com notável causídico de Porto Alegre.

Era um apaixonado da Revolução Francesa. Gostava imenso de Guerra Junqueiro e, que antítese, de Paulo de Kock. Nascido de família paupérrima, fez fortuna superior a 2000 contos.

Não era dotado de grande cultura, mas era possuidor de uma formosa inteligência.

Não era um sonhador, era um prático da vida.

Como político, forte e valoroso, rompeu com Julio de Castilhos em 1901, só voltando às fileiras do partido depois de sua morte, em 1903, a pedido de Borges de Medeiros.

Era hábil e vivo, calmo e maneiroso, prudente e conciliador, sabendo tirar, de todas as situações, conveniente proveito a bem de sua agremiação partidária.

De um espírito agudo e fascinante, iminentemente observador, adaptado ao meio em que viveu, de atitudes sóbrias e enérgicas, conhecedor profundo dos homens de sua época, sabendo calar hoje para falar amanhã, contornar obstáculos para vencer mais facilmente, fechar os olhos para melhor ver depois, tinha, no fundo uma grande filosofia prática. Sua opinião, sobre qualquer assunto, era sempre sensata e cheia de ensinamentos, ao lado de análises surpreendentes.

Os seus adversários respeitavam-no, os seus amigos estimavam-no, mas os caboclos o adoravam, talvez porque “qui n’écoute qu’une cloche, n’écoute qu’un son”.

Casado, em primeiras núpcias, com uma minha tia e em segundas, com uma prima fomos, por essa afinidade, íntimos amigos. Para mim, só tinha um defeito: a sua intervenção ostensiva, apoiada em seu prestígio, na esfera do judiciário. Para comprovar minha asserção citarei, a pinceladas largas, um caso ocorrido em plena audiência do juízo distrital: Gervazio protegia a um determinado criminoso, seu correligionario e constituinte; feitos o corpo de delito e demais investigações policiais foram os autos remetidos ao promotor público Carlos Silveira Martins Leão, que recebera, na véspera formal pedido para não apresentar a denúncia. Aquele funcionário escreveu-a então com tinta bem pesada, e, para mostrar aos seus companheiros de fórum uma certa independência, exibiu-a ao velho chefe que, surpreso pela desobediência, rasgou-a em pedacinhos, gritando-lhe que quantas fossem escritas quantas teriam o mesmo destino. Silveira Martins Leão passou de Leão à Sendeiro, e não repetiu a experiência.

Fui, por vezes, seu médico assistente, e, na enfermidade que o levou ao túmulo, estava ausente em Porto Alegre, em tratamento no Instituto Pasteur, por ter sido, assim como meus filhos Ruy e Maria, mordidos por cão hidrófobo. Há dele uma anedota, muito espalhada e, quase sempre, não muito bem contada. Ela já teve repercussão até na própria Câmara Federal. Eu a presenciei e, por isso, passo a relatá-la tal qual se deu.

O Coronel Gervazio convalescia de ligeira gripe, e estava, no escritório, conversando comigo e com sua esposa, quando chegou um velho companheiro de lutas, que lhe vinha consultar sobre uma questão com um vizinho, e, indignado, foi, desde logo, expondo.

-- Coronel, moro em uma zona agrícola, e o meu lindeiro tal não quer prender seus animais, que vivem estragando as, minhas roças, e eu só quero, antes de ir ao comissário, perguntar ao Sr. se tenho ou não razão: quem mora em zona agrícola é obrigado a ter sua criação fechada ou não?

O chefe respondeu afirmativamente, como de direito, dando razão ao correligionário, que saiu satisfeito, pedindo ordens e agradecido.

Não haviam ainda decorridos vinte minutos, e eis que surge o outro contendor também correligionário, e, furioso, contou ao seu modo:

-- Coronel, tenho que dar queixa ao comissário de meu vizinho qual, porque eu resido na zona pastoril e ele quer que eu feche os meus cavalos e gado, sendo ele que tem de cercar as suas plantas, mas antes preciso saber do Sr. se a razão está comigo. A resposta não se fez esperar, também afirmativa, dando-lhe razão, de acordo com a sua informação: quem mora em zona pastoril é obrigado a acercar as plantações.

Por sua vez, despediu-se este, alegre e hipotecando solidariedade.

Deu razão aos dois, no mesmo assunto, de conformidade com a zona de residência, agrícola ou pastoril. A esposa do Coronel, que não havia bem entendido o motivo da querela, não se conteve:

-- Gervazio, não te compreendo...

-- Olha, mulher, atalhou ele, tu também tens razão: sou incompreensível...

E assim, com razão para três, terminou, entre risos, a história... e quem quiser conte outra.

Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1935.

Data : 12/08/1935

Título : 092 CALOTEIRO

Categoria: Memórias

Descrição: Sai, da revolução de 1932, apesar de tudo quanto passei e sofri, de pé, de cabeça erguida, de consciência tranquila, de passo firme e de “lombo duro”.

## CALOTEIRO

Sai, da revolução de 1932, apesar de tudo quanto passei e sofri, de pé, de cabeça erguida, de consciência tranquila, de passo firme e de “lombo duro”.

Não guardo ódio nem rancores, apenas piedade, mas sinto natural repugnância por duas pessoas, escarros sociais. De escarros, só se pode ter nojo...

Há nomes cuja pronúncia traz a boca o gosto de pus e, por isso, nem sequer tento balbuciá-los. Escrevo-os, no entanto, e sem receio de infecção, visto como tenho o cuidado prévio de munir-me de luvas de borracha. Armando Annes e Lauro Loureiro Lima, almas sombrias e monstruosas, capazes de todas as baixezas, de todos os horrores, capazes, como Nero, se tivessem poder e oportunidade, de mandar envolver, em estopa alcatroada, as suas vítimas, para, depois, largá-las incendiadas.

Não devo arquivar nessas páginas, que não são lugar adequado para abertura de abscessos, o procedimento infame e miserável desses dois refinados patifes, que o povo de Passo Fundo, tão bem como eu, conhece e, em sentença inapelável, já julgou e sentenciou, no abismo da indiferença e, o que é pior, do desprezo. Aqui somente arquivar ocorrências de clínica... assim, sereno, dentro da verdade, e com 8,0 de bromureto, desinfetando seguidamente a pena em forte solução de formalina, passo ao fato da narrativa, que envolve o último deles.

Em princípios de 1932, fui, por Lauro Loureiro Lima – primeira desinfecção – chamado urgente, na hora do consultório, para atender uma sua filha. No meu auto, fomos à sua residência, onde verifiquei, na garganta de uma menina, placas suspeitas de difteria, e, imediatamente, no meu carro mandei vir o Sr. Tristão Ferreira, profissional de grande competência e diretor de moderno laboratório de análises clínicas, que, pelo microscópio, confirmou a presença dos bacilos Locffler. Fiz então 3500 unidades do respectivo soro, receitei dióxido de cálcio com adrenalina e determinei outras prescrições. À tarde, voltei, e a pequena já se apresentava menos asfíxiada. Antes de 24 horas, apliquei igual dose de soro, e no terceiro dia, dei alta, curada. Como preventivo, injetei mais três crianças da mesma casa.

Passados vinte dias mais ou menos, por ocasião de uma noite tempestuosa, o Sr. Aldo Pinto de Moraes, todo assustado, procurou-me às 9 horas, no escritório de Puppe Loureiro, onde, invariavelmente, costumo ir, pedindo-me para ir ver, à toda pressa, aquele seu cunhado – outro mergulho em formalina - e que tivera com ameaça de congestão cerebral. À pé, sob chuva torrencial, lá me fui. Estava o “rapaz” – terceira aplicação do antiséptico– de fato, muito mal. Tomei as providências que julguei necessárias e, no outro dia, o seu estado se normalizou.

Uma semana depois, sua esposa fez-me a respeito próprio e de um seu filho, demorada consulta.

Nesse interim, veio a revolução e, como delegado de polícia, cuja nomeação consegui, há tempo, procedeu comigo e com os meus do modo o mais indigno.

Pois bem, cobre a bagatela de 300\$000 por todo aquele trabalhão, cuja conta lhe enviei quando, depois de preso duas vezes, fugira para a Argentina. Não quis, entre desaforos, satisfazer ao meu cobrador, por julgá-la excessiva: só valia, na sua opinião, 50\$000!

Até hoje não pagou, e não pagará nunca, relapso caloteiro, além do mais que, por decoro destas linhas, não quero adjetivar.

Deixo a pena, por duas horas, na esterilizante solução...

Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1935.

Data : 13/08/1935

Título : 093 PRESENTE GREGO

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1917, nos primeiros dias de Abril, o meu então amigo e vizinho Jorge Barbieux deu-me, de presente, um cachorrinho policial, de quatro meses...

PRESENTE GREGO

Em 1917, nos primeiros dias de Abril, o meu então amigo e vizinho Jorge Barbieux deu-me, de presente, um cachorrinho policial, de quatro meses, filho de um casal puro, por ele importado da Alemanha. Apreciara o lindo cãozinho, com ele ao colo, quando mordeu-me no dedo polegar da mão direita, o que, naturalmente, atribui a me haver estranhado.

Levado ao pátio pelo Ruy, que contava pouco mais de dez anos, aí mordeu-o na perna, o que meu filho não me referiu.

Ao jantar, minha filha Maria, de sete anos, pediu-me cortar um pedaço de carne para ela mesmo dar ao policial, e este, ao receber o alimento, meteu-lhe os dentes na mão.

Na manhã seguinte, o cão estava furioso, com todos os sintomas do grande mal, e apressei-me a mandar matá-lo. Barbieux teve comigo acalorada discussão, que, por pouco, não degenerou em sério conflito.

No primeiro trem, seguimos todos a Porto Alegre, onde, pelo Dr. Dias Campos, diretor do Instituto Pasteur, em hora especial, gentilmente concedida, nos aplicou as respectivas injeções.

Três ou quatro dias depois, apareceu por lá afobado e cada vez mais vermelho, o Barbieux, com toda a família, também mordida, trazendo, em uma lata de kerosene, perfeitamente soldada, o cadáver de uma cadelinha, irmã do meu, para o devido exame, visto como por fiara em afirmar que não se tratava de hidrofobia, pois o casal e filhos nunca haviam saído do pátio, isolados de outros cães.

Feito o exame, constataram raiva, de forma virulenta.

Pela criada da cozinha, soube-se depois que, um mês antes, um gato desconhecido, saltando o muro, brigara violentamente com os policiais pequenos e grandes, que, já mordidos, fizeram-no em pedaços, e eis aí a origem de tudo: o gato estava louco.

Foi um verdadeiro presente grego, que, se fosse cavalo, seria de Tróia, e, além de imensas preocupações espirituais, custou-me apenas cinco contos.

Preocupações sim, e muitas.

De frequente, assaltava-me a torturante possibilidade da ineficácia do meio terapêutico, raramente mas, às vezes, observada, e mergulhava então o espírito num mundo de profundas e tristes cogitações.

Contava os dias, as semanas, os meses, vendo-os, com oculta alegria, passar sem perigos. Quantas vezes, em íntimo sofrimento, sem nada revelar a ninguém, acordava-me para, com o coração suspenso, ouvir as suas respirações normais, e então sorria no escuro, o melro canta nas trevas, e depois, tranquilo, adormecia... amor de pai, responsabilidade de pai e de médico. Este, no seu próprio lar, olha qualquer enfermidade ou suspeita de enfermidade, por mais banal que seja, com lentes de grande aumento, e, por maiores os seus conhecimentos, acovarda-se, embrulhando o mais simples e corriqueiro raciocínio. Por esta razão preponderante, deve, quanto possível, evitar ser médico da própria família.

Alguns anos mais tarde, Ruy tornou a ser mordido, mas por um gato, que, na manhã seguinte, apareceu morto no jardim. Não se tinha certeza do mal, porém, como “in dubio pro réu” fez novamente o tratamento.

Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1935.

Data : 13/08/1935

Título : 094 RELAÇÃO NOMINAL

Categoria: Memórias

Descrição: Eis a relação nominal dos médicos formados, que tiveram consultório em Passo Fundo durante os meus trinta anos de clínica...

### RELAÇÃO NOMINAL

Eis a relação nominal dos médicos formados, que tiveram consultório em Passo Fundo durante os meus trinta anos de clínica:

- 1 - Dr. Geraldino Xavier,
- 2 – Dr. Bruno de Campos,
- 3 – Dr. Alcides Pereira,
- 4 – Dr. José Castelleti,
- 5 – Dr. Villa Vicenzio,
- 6 – Dr. Salucio Bornner de Moraes,
- 7 – Dr. Antonio Recco,
- 8 – Dr. Frederico De Marco,
- 9 – Dr. José Maria Gomes,
- 10 – Dr. Henrique Giordano,
- 11 – Dr. Ivo Barbedo,
- 12 – Dr. Fernando Carvalho,
- 13 – Dr. Bruno Pellegrini,
- 14 – Dr. Euclides da Cunha Lopes,
- 15 – Dr. Renato Barbosa,
- 16 – Dr. Lafayete Godinho,
- 17 – Dr. Miguel Kozma
- 18 – Dr. Luymberg,
- 19 – Dr. Manoel Rodrigues e

20 – Dr. Francisco Benoni.

Destes, os cinco primeiros já são falecidos; os de número 10 e 13 voltaram para a Europa.

Agora, os diplomados que ainda têm:

- 1 – Dr. Nicolau Vergueiro,
- 2 – Dr. Odilon Berendt de Oliveira,
- 3 – Dr. Tenach Wilson de Souza,
- 4 – Dr. Dino Caneva,
- 5 – Dr. Benedicto Frydberg,
- 6 – Dr. Arthur Leite,
- 7 – Dr. Clodoaldo Brenner,
- 8 – Dr. Adalberto Simões,
- 9 – Dr. Antonio Carlos Rebello Horta,
- 10 – Dr. José Walmarath,
- 11 – Dr. Luiz Felipe da Silva e
- 12 – Dr. Armando Vasconcellos.

E, por último, os licenciados:

- 1 – Gezeonio Luccas Annes,
- 2 – Oscar Pinto de Moraes,
- 3 – José Magalhães,
- 4 – Giuseppe Yoria,
- 5 – Romão Rosa Lopes,
- 6 – Antonio Carlos Wolmer e
- 7 – Roberto Cunha e Silva.

Os três primeiros são mortos, e Roberto da Cunha e Silva, que atualmente reside no Estado do Paraná, era estudante da Faculdade de Medicina da Bahia.

Lembro-me neste momento, de mais de um colega, também já falecido, o ilustre Dr. Max Kröne.

São, portanto:

33 formados e

7 licenciados.

Passo, finalmente, a dar a lista das farmácias:

- 1 – Hospital de Caridade,
- 2 – Hospital de S. Vicente de Paulo,
- 3 – Antonio Manoel Caminha,



- 4 – Oscar Pinto de Moraes,
- 5 – Miguel Pinto de Moraes,
- 6 – João Rosa Lopes,
- 7 – José Bernardes,
- 8 – Ruy Vergueiro,
- 9 – Armando Villanova,
- 10 – Orozimbo Silva,
- 11 – Ivo José Ferreira,
- 12 – Quinto Giongo,
- 13 – Theodorico Borges da Rosa,
- 14 – José Vasconcellos,
- 15 – Antonio Fontoura,
- 16 – Pedro Vargas,
- 17 – Ademar Pinto Carvalho,
- 18 – Cooperativa da Viação Ferrea,
- 19 – Germano Ross e
- 20 – Tristão Ferreira.

Este é sócio de João Caillar Barbosa e Arthur Koch.

Os de número 3, 4 e 5 já morreram, 6,7,8,9 e 10 já fecharam seus estabelecimentos. Dei consultas nas de número 4,5,7, 8, 11 e 17.

A cidade, além de contar com dois muito bons hospitais, o de Caridade e o de S. Vicente, tem ainda dois laboratórios de análises clínicas, sob os cuidados dos competentes profissionais: Tristão Ferreira e Germano Ross.

A clínica só conta com um aparelho de Raio X, o do Dr. Arthur Leite; ou do Dr. Miguel Kozma ainda esta lá, mas, dado ao afastamento de seu proprietário há 3 anos, está fechado.

Fundamos uma sociedade de medicina, que somente funcionou durante três anos. Fui seu presidente em 1930 e 1931, sendo depois eleito o Dr. Odilon. Foram apresentados e discutidos vários e importantes trabalhos, mas achamos de melhor aviso acabar com a Sociedade, pois ela estava sendo o pomo de discórdias, de inimizades e de questões externas, travando-se ali, parece incrível em um meio tão intelectual, discussões violentíssimas.

Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1935.

Data : 14/08/1935

Título : 095 PIOR QUE ÉGUA

Categoria: Memórias

Descrição: Até Fevereiro de 1916, sair à rua, em noite sem luar, em Passo Fundo, era um problema sério, e mesmo perigoso.

## PIOR QUE ÉGUA

Até Fevereiro de 1916, sair à rua, em noite sem luar, em Passo Fundo, era um problema sério, e mesmo perigoso.

O Coronel Gervazio Annes, como intendente, contratou, com a firma Bromberg Fs Cia, por concorrência pública, a construção de uma usina hidroelétrica, aproveitando uma cascata do Rio Jacuí, na estrada do Marau, 5º distrito, e o Tenente Coronel Pedro Lopes de Oliveira, substituto daquele na curul municipal, inaugurou o importante melhoramento, e, nesse ato, fui o orador oficial.

As ruas, não niveladas, cheias de altos e baixos, com barrancos de tamanho regular e até buracos e buracas, eram iluminados, de longe em longe, como pontos de referência, “boias luminosas”, por pequenos lampiões de querosene, que, à meia noite, ao mais tardar, apagavam-se.

Muitas eram as casas que tinham vacas leiteiras e estas, presos os terneiros, dormiam, à vontade, nas ruas, oferecendo obstáculos aos transeuntes descuidados.

Eu mesmo cheguei a cair em cima de uma, e, nesse tempo, “malgré tout” era melhor se andar pelo meio das ruas, porque os passeios, das calçadas, ainda eram piores.

Numa dessas noites, negras como carvão, e de rigoroso inverno, fui, às 4 horas da madrugada, chamado a atender o Sr. E. Ag., gravemente enfermo, há dias, e residente no lugar denominado Boqueirão, cerca de cinco quadras de minha residência.

Sai de sobretudo e luvas grossas de couro, forradas de lã, com um revólver 32, de cano curto, no bolso do casacão protetor, e seguro com a mão direita. Na outra, uma bengala, que agitava, na frente, de um lado para outro, à procura de alguma vaca deitada.

Ao cruzar da segunda para a terceira quadra, senti que alguém, que não pude bem distinguir, segurava-me, com força, a roupa, na altura do peito, e gritei, metendo-lhe, rápido como um relâmpago, a arma: “larga-me, senão morre”. Procurei disparar o tiro, mas o dedo ficou atrás da volta que cerca o pinguelo, por isso que com a espessura da luva e com a pressa, perdi o tato.

“Desculpe-me, Dr., não era para o Senhor”, foi a resposta imediata, e deixou-me, correndo em sentido contrário. Refeito do espanto e do imprevisto, segui, ligeiro, o meu caminho.

O assaltante, não há dúvida, me reconheceu e o atentado, é claro, não era para mim, mas poderia ter graves consequências.

Até hoje, não sei quem era e para quem era a espera... Talvez encrenca de china, pois, na sua travessa, moravam algumas.

O doente, em plena asistolia, estava malíssimo: todo adormecido, pulso miserável, dispnéia intensa. Às 5 horas, o seu estado era desesperador. Pensei em voltar, mas julguei prudente, diante do ocorrido, aguardar o dia.

Depois de haver tomado alguns “mates” com muita vontade de urinar, penetrei em um galpão ao lado da casa, e, logo de entrada, no escuro, ouvi, perto, agitada respiração, e estas palavras: “fique quieto”. Curioso, querendo desvendar o mistério, acendi, de repente, dois fósforos juntos, e o que vi, levantando-se do chão: um homem que procurava esconder-se no fundo, e uma mulher que saía correndo pela porta.

Quem eram?

Ele, um empregado do doente; Ela, a própria mulher do agonizante.

Às 6 horas, “o pobre homem”, entre lágrimas da “honrada” esposa, despedia-se da vida!...

Pior que égua...

A viúva, de cerca de 45 anos, amigou-se desde logo, com o referido caixeiro, de 24 mais ou menos, abandonando-o, em seguida, para entregar-se à prostituição. Sei, e por ouvir dizer, que ela tinha um costume original e esquisito: no fim do ato carnal, no momento da “epilepsia brevis” desandava a chorar, repetindo sempre e para todos: “você, até nisso se parece com o meu defunto”. Atendi-a de múltiplas lesões venéreas, e operei de dupla adenite inguinal supurada.

Ficando com regular fortuna, casou-se, dois anos mais tarde, com um colono italiano, que liquidou a casa comercial, vendeu o prédio e outras propriedades, e com a “digna consorte” foi viver “feliz” nos sertões de Paraná.

Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1935.

Data : 14/08/1935

Título : 096 PEDINCHAR

Categoria: Memórias

Descrição: Apareceu certa noite de Janeiro de 1932, perambulando pelas ruas da cidade, um tipo desconhecido, esfarrapado e sujo, e tais os seus desatinos que a polícia o prendeu...

PEDINCHAR

Apareceu, certa noite de Janeiro de 1932, perambulando pelas ruas da cidade, um tipo desconhecido, esfarrapado e sujo, e tais os seus desatinos que a polícia o prendeu, metendo-o na cadeia, onde passou em gritos desusados, palavras e gestos obscenos.

Pela manhã, Henrique Scarpellini Ghezzi, então intendente municipal, e um dos meus mais diletos amigos, pediu-me para ir vê-lo, pois presumia tratar-se de um louco. Assim o fiz, e constatei uma psicose de forma delirante, alegre às vezes, ruidosa e agressiva outras. Sua boca era uma só placa sifilítica, seu sangue ++++, na reação de Wassermem.

Isolei-o em um amplo galpão de madeira, ao lado do quartel, e destaquei um velho soldado e um enfermeiro só para atendê-lo.

Cuidados higiênicos, repouso, boa alimentação, supressão de álcool, grandes banhos mornos e, principalmente, medicação específica, bismuto e 914, em doses progressivas, foram, pouco a pouco, trazendo ao enfermo acentuadas melhorias e, no fim de um mês, já gozava de relativa liberdade.

Não queria, no entretanto, dar, como não deu, informação a seu respeito, passando horas, embaixo dos cinamomos, sem pronunciar uma palavra e, quando se lhe tocava no assunto, recolhia-se, irritado, para o galpão.

Estava eu satisfeito com o resultado da terapêutica, e esperava reabilitar, em breve, o seu estado, consequência de sífilis, álcool e esgotamento genérico, como depois bem se demonstrou, para, em ele falando, encaminhá-lo à sua família, quando surge-me o soldado com a notícia de que o homem está furioso como nunca, e dizendo me ter o acanhamento de contar o seu dele atual procedimento. Ao muito insistir, acanhado e de olhos baixos, referiu que, há dias, chegara a mulherzinha do doente, a quem este se atirara, como “porco em guabirova”, praticando o ato carnal 4, 5 e mais vezes por dia, no galpão com a janela aberta, no corredor, no pátio, e até mesmo sob as árvores, com escândalo e ganchio da soldadesca, que assistia ao espetáculo com formidáveis gargalhadas.

Estava como uma fera irritada, ninguém dele podia se aproximar. Fui até lá, e verifiquei a verdade da praça municipal, no final de uma cena, em meio do corredor. Foi numa luta titânica e indescritível a que travou com quatro fortes soldados, aos quais determinei a separação do casal. Segura à sua presa, que também, com pontapés e socos, defendia os interesses do esposo, lutou com decidido arrojo, e só mesmo a superior força bruta o venceu.

Chamei depois, em particular, a esbelta caboclinha, imunda e em trapos, e fiz-lhe ver, com boas maneiras, não só da vergonha, da imoralidade, como também da piora do doido, causada por ela tão somente. Ela, coradinha, humilde e na maior sinceridade, que, em outra classe social, qualificaria de cinismo, me retrucou assim:

“Que é que eu vou” fazé? Sou a sua “muié”. Ele “qué” e eu sou obrigada a “dá”, mas agora, depois do que o Sr. me disse, quando ele “quize” eu vou, pedinchá”.

Achei imensa graça de “pedincha” e anotei o termo e a frase.

Uma semana depois, conseguiram fugir, e deles apenas tive a informação de que passaram, a pé e bem juntinhos, ao cair de uma tarde de sol rubro, por Campo de Meio em direção à Lagoa Vermelha.

Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1935.

Data : 15/08/1935

Título : 097 IN MEMORIAN

Categoria: Memórias

Descrição: No dia de hoje, 15 de Agosto, Assunção de Nossa Senhora, faleceu, no ano de 1892, em Passo Fundo, o meu Pai, João de Campos Vergueiro...

## IN MEMORIAN

No dia de hoje, 15 de Agosto, Assunção de Nossa Senhora, faleceu, no ano de 1892, em Passo Fundo, o meu Pai, João de Campos Vergueiro, e, homenageando a sua memória, honrada e digna, evoco, num misto de vivas saudades e de emoção suprema, à imagem de Virgem gloriosa, para quem, na mais íntima e sentida das orações, imploro, e suplico, um olhar de proteção para o querido autor dos meus dias.

Há 43 anos, e ainda tenho bem presente o doloroso acontecimento!

Numa fria manhã de inverno rigoroso, de um sol, que, desfazendo a geada da noite, começava beijar e aquecer a terra, em benéfica carícia, pediu-me, ainda na cama, às 9 horas, alguns jornais. Trazendo-os, abri a janela para entrada de luz, e ele, acomodando-se para melhor ler, virou-se para o canto, e meia hora depois, foi, nessa mesma posição, com os diários ligeiramente caídos, encostado, por minha mãe, já sem vida. Vitimou-o uma síncope cardíaca.

Oito anos mais tarde, em 9 de Março de 1900, à rua Duque de Caxias, em Porto Alegre, à mesma hora, entregou também sua alma a Deus, a minha estremecida Mãe, Carolina de Araújo Vergueiro.

No dia primeiro, matriculá-ra-me na Faculdade de Medicina.

Um furúnculo do lábio superior, com infecção para o seio frontal, em 48 horas, levou-a ao túmulo, cujo mármore, na frase de Pereira da Cunha, oculta aos nossos olhos a leitura do segundo volume da existência humana. No seu delírio, entrecortado de dores, dizia-me, de quando em quando: “Filho querido, se tu queres que eu me salve, dá dois nós em uma fita cor de rosa”. Meus olhos, neste momento, cobrem-se de lágrimas... dei... e Ela, pouco depois, pronunciou suas últimas palavras, caindo em coma: “Filho, meu filho, tenho frio”. Guardo, até hoje, com religioso amor, essa relíquia, com um maço de seus cabelos, e papéis referentes a Ele e a Ela.

Senhora de Conceição, padroeira de sua e da minha terra, tende-a em teu doce regaço. Foi inhumada na Capital do Estado, onde esteve até 1923, quando retirei seus ossos, levando-os para Passo Fundo. Aí, mandei erigir esse pequeno mausoléu, com o a inscrição “In memorian” onde depositei os seus restos mortais, com os de meu Pai e irmã Emilia. Esta, de angina diftérica, faleceu aos cinco anos de idade: inocente e pura na terra, passou, no céu, a formar na corte dos anjos.

Seus filhos:

Nicolau, nascido a 7 de Março de 1882 e Izaura, nascida a 19 de Agosto de 1887. O primeiro, em 11 de Dezembro de 1905, casou-se com Jovina Déssessards Leite, e Izaura, em 1906, com o Dr. Dionysio Cabeda Silveiro. Jovina nasceu a 2 de Março de 1885 e Dionysio a 16 de Outubro de 1880.

Seus netos:

Ruy – filho de Nicolau – nascido a 15 de Dezembro de 1906.

Maria – filha de Nicolau – nascida a 5 de Setembro de 1909.

Mario – filho de Izaura – nascido a 19 de Setembro de 1907.

Jorge – filho de Izaura – nascido a 10 de outubro de 1915.

Maria – filha de Izaura – nascida a 6 de Julho de 1918.

Luiz – filho de Izaura – nascido a 28 de Agosto de 1920 e

Martha – filha de Izaura – nascida a 18 de Julho de 1928.

Seus bisnetos:

Eugenio, nascido a 26 de Junho de 1929 e Carolina, nascida a 11 de Abril de 1931. Ambos são filhos de Maria Vergueiro, que em 1928, casou-se com Honorino Malheiros.

Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1935.

Data : 16/08/1935

Título : 098 UMA CONFERÊNCIA

Categoria: Memórias

Descrição: Em 10 de Junho de 1932, pronunciei, perante a Sociedade de Medicina, de Passo Fundo, a seguinte conferência:

## UMA CONFERÊNCIA

Em 10 de Junho de 1932, pronunciei, perante a Sociedade de Medicina, de Passo Fundo, a seguinte conferência:

“Venho submeter à apreciação dos meus ilustres colegas um caso de minha clínica particular”.

O assunto é assaz conhecido e, se algum muito poderá haver nesta simples contribuição residirá, por certo e tão somente, nos comentários e nas esclarecidas luzes dos prezados consócios.

Isso posto, e sem mais preâmbulos, vamos ao caso.

Possuimos hoje quatro poderosos agentes contra a sífilis: mercúrio, iodo, arsênio e bismuto e, apesar dessas armas, observamos, às vezes, casos que resistem impertinentemente à terapêutica.

N.N., de cor branca, com 36 anos de idade, de constituição robusta, sem abuso e nem sequer uso de fumo e de álcool, contraiu, em Setembro de 1931, quando em Porto Alegre, um cancro de Hunter. Iniciou, desde logo, naquela capital, um tratamento pelo neosalvarsan, tendo feito 5 injeções endovenosas de: 1 de 0,15; 1 de 0,30; 2 de 0,45 e 1 de 0,60, com o intervalo de 3 dias uma da outra, no fim das quais a lesão cicatrizou.

Regressando a Passo Fundo, foi acometido, no dia 2 de Outubro, de violento reumatismo poliarticular agudo.

Nessa ocasião, fez prolongado uso de comprimidos de atophan Schering e ainda 14 injeções intravenosas de atophanyl. No fim de um mês as dores cederam, podendo o doente caminhar, continuando, no entretanto, a tê-las ora em uma, ora em outra articulação.

Observou então o enfermo que apareceram lesões locais, placas, em toda a mucosa da cavidade bucal, e principalmente para a língua que, aumentada de volume, era, por assim dizer, uma só chaga, com vastas e profundas lesões.

Continuando o seu tratamento, com um farmacêutico, fez mais e seguinte:

12 injeções de Tiobi,

12 injeções de soro de Jenner e

914, nas doses de

1 de 0,15,

2 de 0,30

4 de 0,45

14 de 0,60 – de 3 em 3 dias.

As lesões não apresentaram a menor modificação, ao contrario, agravava-se, dia a dia, o seu estado.

Depois disso, usou soro de Jenner e endo-iodina, alternadamente, uma caixa de cada.

Por ultimo, fez 5 fricções de pomada mercurial, na dose diária de 4,50, sobrevindo intensa estomatite.

Como seu estado continuasse sempre pior, com constante cefaléia, resolveu o doente procurar-me.

Examinando-o, constatei as lesões acima descritas, esternalgia, tibialgia, plêiades inguinais engorgetadas, gânglio de Record e roxolas disseminadas pelo corpo. Esse doente ainda não fizera exame de sangue.

Quanto à urina, examinada no laboratório de Tristão Ferreira, nada acusou de anormal.

Em relação aos aparelhos circulatório, respiratório também nada encontrei fora do comum.

Institui o tratamento pelo bismogenol Tosse.

Antes de fazer a 2ª injeção, notava-se apenas uma ligeira modificação de cor. Depois da 3ª, as exulcerações eram muito menores e rasas, e desaparecimento das roxolas.

À 4ª injeção, N. N. me afirmou não ter tido mais dores reumáticas e haver desaparecido a dor de cabeça. A estomatite cedeu depois da 3ª injeção, e depois de 5ª, a cavidade bucal não apresentou uma placa sequer, estando a língua inteiramente boa.

Aumentou de peso, tem grande apetite e dorme perfeitamente bem.

Pretendo continuar o tratamento, controlando-o com exames de sangue.

Preferi o preparado insolúvel, pois que em minha clínica é o que, principalmente nos casos graves e rebeldes, me tem dado melhores resultados, visto como não se eliminando rapidamente tem, por isso mesmo, uma ação mais duradoura.

Uso, com grande preferência e diariamente, o bismogenol Tosse há cerca de 8 anos e ainda não me foi dado verificar um abscesso, e cada vez mais me convenço de seu grande valor terapêutico.

Não quero, e isso seria um absurdo, desfazer da importância e do valor dos preparados arsenicais, iodados e mercuriais. Desejei apenas mostrar a importância do bismogenol em caso de lues terapêutica resistente.

Vejam agora algumas opiniões:

O Dr. Aguinaldo Pereira Rego, assistente de clínica dermatológica e sifiligráfica e a de Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, assim escreve, em artigo publicado na Imprensa Médica, em Janeiro deste ano: A eficácia terapêutica do bismuto é manifesta em todos os períodos de sífilis, já pela sua ação treponemicida, já pela cura de acidentes específicos. O bismuto é, pois, conhecido como anti-sifilítico eficiente, substituindo com vantagem o mercúrio e concorrendo seriamente com os arsenicais. Estes, no tratamento de lues, são absorvidos, agem e são eliminados rapidamente, ao passo que o bismuto age diversamente. Se solúvel, o bismuto é eliminado rapidamente como os arsenicais, e, o que é pior, pode lesar os urinatórios, ao passo que o insolúvel (aquoso ou oleoso) não se eliminando rapidamente, tem uma ação mais duradoura e, portanto, mais benéfica para o doente. Indicado em todos os períodos de sífilis, o bismuto, praticamente, não tem contra-indicação. No meu serviço tem sido experimentado grande cópia de preparados de bismuto, solúveis e insolúveis. Salvo casos excepcionais, optamos sempre pelos compostos insolúveis”.

Pertencem ao Dr. Marino Machado as seguintes considerações, também publicadas, no Rio, este ano, n’A Folha Médica: “Torna-se hoje difícil para o médico escolher, entre a verdadeira plethora de Bismuto, sem que satisfaça inteiramente as exigências de terapêutica específica de bismuto. Negligenciando alguns grupos secundários, podemos dividir em duas categorias os preparados hoje mais em uso: os hidrosolúveis, os liposolúveis e os insolúveis (em veículo oleoso). Os preparados do primeiro grupo são de efeito rápido e passageiro. A pequena quantidade de bismuto neles contida entra logo em circulação, sendo imediatamente após eliminado pelo organismo. Tem eles, pois, ação semelhante à dos arsênicos. Quanto aos preparados liposolúveis, não resta dúvida que o seu efeito terapêutico é superior aos dos hidrosolúveis, sendo, ao mesmo tempo, mais reduzida a sua toxidez. Apresentam eles todas as vantagens do veículo lipoídico: ação mais rápida e mais neurotrófica. Entretanto, embora em grau menor, a desvantagem dos liposolúveis é a mesma dos hidrosolúveis: a sua ação é enérgica, mas inferior, na duração, aos preparados insolúveis. São os compostos insolúveis do bismuto



que melhor compensam as falhas do salvarsan. A formação de depósitos musculares de bismuto, gradualmente absorvidos, mantém o organismo sob a ação constante do medicamento. É esta propriedade do bismuto insolúvel o que o torna parceiro ideal do salvarsan em todas as fases de sífilis. É identificável a melhor ação do bismuto na sífilis nervosa e nas manifestações metabólicas. São, pois, altamente satisfatórios os resultados obtidos com os preparados insolúveis do bismuto. Possuem eles bom índice terapêutico e ação específica forte e duradoura. A enorme literatura, que comprova muitos milhares de casos tratados energicamente com bismuto insolúvel, acentua a extrema raridade de acidentes”.

Agora, e por último, para não mais abusar da bondade dos colegas, farei, encerrando este trabalho, referência a um notável caso tratado pelo Dr. José Barbosa, de Minas Gerais, e que vem relatado no Brasil médico.”.

- Aqui termina o que li, nessa conferência. Estudei, e comentei largamente a observação de Dr. José Barbosa.

- A pessoa, N. N., em referência, cujo nome, naquele momento, não podia declinar, é o meu amigo Sr. Almiro Ilha, muito conhecido e relacionado, em Passo Fundo.

- Agora, para terminar esta parte das minhas “Notas íntimas”, quero relembrar os versos de Guerra Junqueira, publicado ha muitíssimos anos, antes mesmo da fama e glória do bismuto, em sífilis:

“Se a água faz milagres,  
O que eu vos não discuto,  
E, por isso, a adorais,  
Ajoelhemos então em face do bismuto  
E d’outras drogas mais”.

Rio de Janeiro, 16 de Agosto de 1935.

Data : 17/08/1935

Título : 099 NÃO É AÍ

Categoria: Memórias

Descrição: Ruy, por forçoso motivo de sua alimentação artificial, vivia constantemente doente dos intestinos e, por maiores que fossem os cuidados e as atenções...

## NÃO É AÍ

Ruy, por forçoso motivo de sua alimentação artificial, vivia constantemente doente dos intestinos e, por maiores que fossem os cuidados e as atenções, por qualquer e insignificante descuido, lá estava o menino com febre, vômitos, desarranjo intestinal, etc.

Aos dois meses, consegui-lhe uma ama, a “siá” Maria, mas não houve meio pegar no peito; todos os artifícios usados, para tal, foram inúteis: na mamadeira, o leite é mais quente, mais doce e, principalmente, exige muito menos esforço. Até um ano experimentei tudo o que sabia, e tudo o que me ensinavam, sem resultado: leite de vaca, fervido, desgordurado, esterelizado, leite condensado, farinha láctea Nestlé, maisena, araruta, glaxo, kufeke [marca de farinha láctea], etc. Dessa idade por diante deu-se bem, e muito, com mingaus de farinha fosfatina Fallières com leite de cabra.

Tinha um horror aos remédios; eram seus conhecidos: calomelanos, óleo de rícino, sene, sulfato de sódio, benzeno platol, subnitrito de bismuto, tannalbina, ratanhia, enquinino, citrato de sódio, ácido láctico, sal de Vichy, e outros. Magnésia fluída de Murray tomou ou às dúzias.

Ficou tão ressabiado, que era um caso sério fazê-lo tomar uma simples poção, e quantos aos purgativos, ainda era pior.

Uma madrugada, aos 6 anos, tive necessidade de administrar-lhe um purgativo, por indigestão de doce de côco, que, às ocultas, comera. Como fazê-lo? Lembrei-me então de um expediente, que logo pus em prática: ele gostava muito de tomar mate chimarrão comigo, e preparei um amargo de erva fraca, missioneira, que comecei a tomar. Pedi, neguei; chorou, tornei a negar; berrou, neguei ainda... enfim, depois de muito estimulá-lo por esse modo, cedi, mas, em vez de água quente, pus na cuia, sem que percebesse, um chá de sene, que, gostosamente, engoliu.

Tínhamos um grande cuidado e excepcional vigilância, pois era muito travesso. Mesmo quando doente, era alegre: mal melhorava, já sorria... Uma vez, aos três anos, desceu sorrateiramente a escada do jardim, e pos-se a comer, na panela do Sarandi, que, humilde e amoroso, sacudindo as orelhas e caindo baba, aguardava, paciente, as suas ordens para avançar na bóia; pois bem, coisas inexplicáveis da natureza, com semelhante comida, feijão, carne e outros restos, não teve a menor perturbação gastrointestinal.

Outra ocasião, precisava de uma lavagem intestinal. Minha sogra, que Deus a tenha no Reino da Glória, míope, afobada e nervosa, encarregou-se da enteroclise, mas procurava o ânus da criança para cima do cóxis. Molestou-se com a simples observação que fiz: “não é aí” e, irritada, assim se expressou: “O Sr. pensa que eu não sei onde é isso?” Finalmente, e não facilmente, achou-o, e, depois, como vencedora: “ora essa, seu Dr. quando o Sr. nasceu eu já sabia...”. Não lhe retruquei, e, vingando-me amistosamente, para ouvir, entre gostosas gargalhadas, as suas engraçadas desculpas e justificações, espalhei, entre os íntimos, a ocorrência.

Aos dez anos, Ruy teve uma pneumonia. Durante essa enfermidade, permaneceu à sua cabeceira o Dr. Roberto Cunha e Silva, que consagrava-lhe uma verdadeira amizade, encarregando-se de tudo: cataplasmas, ventosas, injeções e remédios.

Atacou-se a gripe epidêmica, de 1918, mas de forma benigna.

No decorrer de 1926, contraiu um cancro duro, fagedênico, e conseqüente adenite inguinal, que assumiu o maior desenvolvimento, que já tinha visto. A medicação, que melhor lhe aproveitou,

foi o bismogenol Tosse. Era a primeira vez que aplicava; havia, pelo correio, recebido uma amostra, e data daí a minha admiração por esse preparado.

Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1935.

Data : 18/08/1935

Título : 100 O CENTÉSIMO

Categoria: Memórias

Descrição: Chego, hoje, ao centésimo caso, a que espontaneamente, me propus a descrever.

## O CENTÉSIMO

Chego, hoje, ao centésimo caso, a que espontaneamente, me propus a descrever.

Quero encerrar toda essa despreziosa arenga, que só a mim interessa, com chave de ouro, e não o poderia escolher melhor do que referindo-me à minha querida filha Maria.

Desde pequenina, não doentia, foi, no entretanto, de constituição débil, e esse estado de fraqueza, que tantas vezes me preocupou, aumentou com o seu rápido crescimento, pois aos 15 anos era tão alta como hoje.

Por diversas ocasiões, apesar de nunca apresentar qualquer sintoma denunciador, examinei com cuidado, e mandei examinar por ilustres colegas, os seus pulmões, nada, felizmente, averiguando de anormal.

Aos três anos, mais ou menos, teve sarampo, de tipo benigno, e aos nove, a gripe epidêmica, de forma leve.

Depois do nascimento de seu primogênito Eugenio, em parto rápido e perfeitamente vulgar, começou a sentir pequenas e continuadas dores na fossa ilíaca direita. A dúvida estabeleceu-se em meu espírito: apêndice ou ovário, predominando, sempre, a ideia daquele.

Em sua primeira crise, quando já com gelo e melhor, chamei o Dr. Francisco Benoni, que julgou prudente uma observação mais demorada. Nesse ínterim, esse prezado colega transferiu sua residência para Porto Alegre.

Apelei para o Dr. Dino Caneva, amigo de distinção e operador conceituado. Opinou por apendicite, e aconselhou a intervenção, de acordo também com os pareceres dos não menos ilustres Dr. Arthur Leite e Benedicto Frydberg.

À tardinha do dia \_\_\_\_, do mês de \_\_\_\_\_, de 193 \_\_\_\_, internou-se no quarto número quatro, do Hospital de S. Vicente de Paulo, e nós, em casa, passamos a noite acordados, como sombras irradiadas e ambulantes, de um lado para o outro, em silêncio, simulando coragem, sufocando suspiros, comprimindo lágrimas e a casa, com a sua ausência, parecia-nos enorme, acompanhando-nos, aos nossos olhos, nessa dor pungente, “em cada canto gemia uma saudade”.

Algumas centenas de semelhantes operações, seguro, sereno e despreocupado, já tenho praticado, mas em pessoa da família a coisa muda, por completo, de figura: é o amor, que tudo faz ver, nesses casos, pelo pior prisma: rondava-me o coração o doloroso pressentimento de que minha filha iria morrer, e não podia externá-lo, para não criar, nos outros, o pânico e o desespero, tanto mais quanto urgia a intervenção cirúrgica, pois os acessos era mais amiúde, e cada vez mais intensos.

Às primeiras horas da manhã, eu já espreitava às portas do Hospital, ainda fechadas, e, mal se abriram, soube que minha filha Maria estava na Capelinha, onde fora assistir missa e comungar, e chegaram, de manso, aos meus ouvidos, o balbuciar de fervorosas orações e as plangentes notas dos cânticos sagrados. Juro que senti um abalo imenso, e as minhas primeiras lágrimas caíram.

Sai desesperado.

Não queria ali ficar, nem em casa. Pus-me a andar de automóvel por toda a cidade, e confesso que me irritava a maneira alegre, porque, por pessoas amigas, era cumprimentado: parecia-me incrível que não compreendessem o estado angustioso de minha alma; julgava estampada, no rosto, toda a minha dor.

Às 9 horas, voltei aquele estabelecimento, refeito de superior coragem. Pelo corredor amplo e sombrio, passadiço da vida e da morte, tia Alice, Pupe, Honorino, Ruy, Diva e outros aguardavam o resultado. Fui à sala de operação. Dr. Caneva, satisfeito, fazia já a sutura da pele. “Tudo muito bem e examine o apêndice”.

Era, não havia a negar, um caso sério. Maria, levemente ruborizada, dormia tranquila, sob a ação de anestesia geral, aos cuidados da risonha e saudosa Irmã Florentina, a quem, daqui há pouco, farei referências. Voltei para casa, e descarreguei, em tremores e pranto, toda a tempestade avolumada, desde tempo.

Eu, que nunca tremera em combates, era como um vime agitado pelo vento; que sempre me julgara forte, era de uma fraqueza de espantar; eu, médico, operador e parteiro, há tantos anos, habituado a observar dores e lágrimas, misérias e grandezas, era de uma pusilanimidade infantil... Demonstrava, nesse momento, que era, nada mais nada menos, do que uma frágil criatura humana.

Contei as horas dos primeiros cinco dias, vendo-as passar, na diminuição do perigo, com indisfarçável satisfação. Dormi duas noites no Hospital, ou melhor, em verdade, cruzei-as em claro.

No fim de oito dias, levei-a para casa, e esta, como por encanto ao seu simples contato, encheu-se novamente de alegrias e de júbilas.

“Hosana! Hosana!” tudo cantava.

Oh Deus Onipotente, como te sou agradecido!

-Direi, agora, em respeitosa homenagem, algumas palavras sobre a Irmã Florentina, que trabalhava na seção de cirurgia, onde a conheci.

Ocupava-se, geralmente, da anestesia geral.

Moça ainda, natural de longínqua cidadela de Alemanha, era uma verdadeira irmã de caridade: alegre, risonha, dedicada, boa, meiga, aureolada enfim de magníficas virtudes.

Tive ensejo de apreciar o seu carinho pela minha filha, o que aliás dispensava a todos os enfermos, ricos ou indigentes, sem exceção.

Sei de muitas vezes que passava noites e noites, em claro, e quantas a vi, sempre sorrindo levemente, cheia de doçura e de graça, pelas tristes enfermarias, no seu sublime mister, distribuindo remédios e carícias, cuidados e bençãos, sacrificio espontâneo de tudo, só pelo bem da humanidade, e amor a Jesus.

Por uma madrugada, quando, com o Dr. Caneva, fazia a minha “toilette” pré-operatória, disse-lhe eu, gracejando:

- Escute, Irmã, a Senhora é eminentemente boa, sua vida é a de uma santa, quero, por isso, fazer-lhe uma solicitação: é natural, pela nossa diferença de idade, que eu morra primeiro, e então não irei imediatamente à presença de São Pedro; ficarei vagando por esse imenso azul, escondido em alguma estrela, até que a Irmã deixe a terra, esse Vale de lágrima. Quando a Senhora for chegando ao céu, eu lhe estenderei as mãos, em súplica, a fim de que interceda, com o seu justo prestígio, por mim, pobre pecador, mas não de todo mau: falará com o velho chaveiro, e ele, estou certo, não se negará a atender o seu primeiro pedido e, por esse modo, irei também gozar de eterna bemaventurança.

Com uma bondade infinita, sempre sorrindo, assim me respondeu:

- Sim, Dr., eu rogarei por si, prometo...

Dias depois viajei, e, ao meu regresso, a caridosa Irmã Florentina já estava enterrada.

Fiquei desolado.

Nessa mesma noite, o Dr. Caneva procurou-me para um recado: Irmã Florentina, ao morrer, na hora sagrada, pediu-lho e à Madre Diretora: “Digam ao Dr. Vergueiro que não me esquecerei de seu pedido e, no céu, rezarei muito por ele”.

No dia seguinte, o meu primeiro ato foi levar-lhe, no cemitério, as muitas flores que me tinham sido, na véspera, oferecidas.

Por intermédio do prezado amigo Henrique Scarpellini Ghezzi, então intendente municipal, consegui a concessão perpétua do terreno, em que esta enterrada.

Devidamente autorizado pela Madre, a quem obedecia mandei erigir-lhe, com a contribuição também de Henrique Scarpellini Ghezzi, Arthur Lângaro e Dr. Octacílio Ribas, um pequeno mausoléu, humilde como a sua vida, simples como a sua alma, marco imperecível de sua benfazeja passagem por este mundo.

Não tenho a menor dúvida: quem assim viveu tem seguras credenciais, para o Reino Celestial.

Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1935.

Data : 19/08/1935

Título : 101 SAYONARÁ

Categoria: Memórias

Descrição: Trinta anos de trabalho!... Mais são os meus cabelos brancos que os pretos, e eu poderia agora dizer, como Hoderlin...

## SAYONARÁ

No espaço de 35 dias, de 11 de Julho a 18 de Agosto, escrevi, sempre pela manhã, no Hotel Avenida, onde, no quarto 427, estou hospedado, essas “notas íntimas”, como pequena recordação de algumas ocorrências destes 30 anos de laboriosa e ativa clínica, no torvelinho do eterno “struggle for life”, contínuo arrebear de ondas impetuosas no granito indestrutível das rochas.

Trinta anos de trabalho!...

Mais são os meus cabelos brancos que os pretos, e eu poderia agora dizer, como Hoderlin, o eterno sonhador, o artista do verso, com a diferença de que ele, moço, sentia apenas a hostilidade da vida, e eu, tão somente, o peso dos anos: “já está morta aquela que me criou e que me amava; está morto também o mundo da minha infância; este meu peito, que um dia se embebedava do azul do céu, está já morto e estéril como um campo de restolhos! Oh! A primavera poderá cantar como outrora uma canção de doçura e de consolo, mas a aurora da minha vida passou e a primavera de meu peito murchou há muito tempo”.

Não procurei buscar forma literária, nem adorno de palavras, plainei simplesmente, em linguagem comum, e ao correr da pena, em vocabulário simples, natural, sem preocupação de opulência, essas 100 observações.

“O estilo, dizia Buffon, é a ordem e o movimento com que cada qual dispõe os seus pensamentos”. É certo que, relendo-as um dia, terei muito que emendar na forma, aparar arestas, polir expressões, modelar conceitos e suavizar palavras: a essência continuará pura, pois ela é uma só e verdadeira.

Recorri quase sempre à memória, por isso que raríssimas são as anotações que possuo. A conferência sobre bismuto é a única coisa que já tinha escrito; outras que pronunciei, na Sociedade de Medicina, como meningite pneumocócica, dentição precoce e uso do 914 em febre tifóide, não as escrevi. Queria apenas 100 casos; estou satisfeito; aqueles foram os primeiros.

É provável que me venham outros à lembrança, e então continuarei a escrever. Não quebro hoje, pois, a minha obscura pena; guardo-a para prosseguir. Não lhe digo o nosso “adeus” palavra um tanto quanto dura e áspera, mas a despedida suave e graciosa dos nipões: “sayonará” que me parece expressão mais doce e mais delicada, o “até breve” daquela gente valente, que vive, e trabalha, e luta e morre a sorrir, enigmaticamente...

Sayonará...

Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1935.

Data : 20/08/1935

Título : 102 MONSTRO

Categoria: Memórias

Descrição: Logo depois de formado, tive que ir ao CaraZinho, então 4º distrito do município de Passo Fundo, a pedido do delegado de polícia, Eduardo Manoel de Araújo

## MONSTRO

Logo depois de formado, tive que ir ao Carazinho, então 4º distrito do município de Passo Fundo, a pedido do delegado de polícia, Eduardo Manoel de Araújo, a fim de fazer um auto de corpo de delito.

Em uma chácara, distante uma légua do povoado, tinha Antonio Ramos Barrozo, mais conhecido por Coronel Tico, rico fazendeiro, a sua “condelária” de animais de corrida, e, entre outros, era peão tratador um negro de cerca de 30 anos. Esse monstro, aproveitando da ausência de uma mulher branca, também ali empregada e viúva, e que, para lavar umas roupas no arroio próximo, deixara, em casa, como costumava, 3 filhos: dois meninos de 4 e 9 anos e uma garota de 6, saciou, em todos, os seus baixos e bestiais instintos sexuais, deixando-os em lastimável estado, não só pela violência do ato como também por estar com gonorréia e cancro de Hunter, contaminando as infelizes crianças. Estas levaram logo o fato ao conhecimento de sua mãe, a qual, na maior indignação, interpelou o degenerado, que, por sua vez, procurou justificar seu ato miserável sob o pretexto de que, copulando com crianças ou animais ficaria bom.

Há de fato, uma estúpida lenda, e ainda que, quanto mais tenra e nova a vítima melhor é o resultado. Felizmente os seus adeptos, com medo de ação da justiça, atiram-se, de preferência, aos animais.

O negro infame, de alma e sangue de sua própria cor, avisado pelo patrão, que lhe forneceu dinheiro e cavalo, fugiu, e dele nunca mais a polícia teve notícias.

A menina foi a que ficou pior.

Naquela idade não é possível a introdução do pênis, pela própria conformação óssea da região, em acanhado desenvolvimento.

Houve, no caso, grande ruptura do períneo: da ferida, corria cremoso pus hemorrágico e, de um lado, virulento cancro duro, cuja presença também se constatou nos dois rapazinhos. Trouxe essas crianças para a cidade, onde, durante muito tempo, as tratei; e de quem nunca mais soube.

Rio de Janeiro, 20 de Agosto de 1935.

Data : 21/08/1935

Título : 103 TRISTE FIM DE VIDA

Categoria: Memórias

Descrição: O Coronel Tico Barrozo, quando o conheci, deveria ter 45 anos, e residia no Pontão. Comerciante ao princípio, fazendeiro depois, vindo de Julio de Castilhos...

#### TRISTE FIM DE VIDA

O Coronel Tico Barrozo, quando o conheci, deveria ter 45 anos, e residia no Pontão. Comerciante ao princípio, fazendeiro depois, vindo de Julio de Castilhos, foi, pouco a pouco, comprando terras anexas, até formar, no Bugre Morto, a estância Bela Vista, de arca superior a 50 quadras.

Era carreirista e jogador de cartas, sempre de parceria, de sociedade e de combinação com o seu genro Major Napoleão Moreira Machado. Vivia com a carteira cheia de cédulas de alto valor, e para pagar pequena importância, mexia e remexia em todas as notas, para que fossem bem vistas, e nisso revelava um prazer especial.

Tornou-se chefe político do Coronel Gervazio naquela zona, e gostava imenso de fazer discursos, alguns dos quais se tornaram muito comentados: contam que, em uma festa dedicada ao Dr. Julio de Castilhos, saudando-o, fez esta comparação notável: “V. Ex. é como o meu Cavalo Maragato, não perde carreira”.

Nos jogos de carta, quando estava perdendo, costumava receitar esta quadrinha, de sua lavra:

Ouvi bater na porta,

Pensei que fosse a Joana...

Eu ando tão caipóra,



Que até o vento me engana...

Possuía lindos cavalos de montaria e de corridas, entre os quais Maragato, S. Sepé, Metralha, Bugre, Picapau e outros. Com este, fiz correr o meu potrilho Actor, com 2 ½ anos, em Maio de 1919, em 3 quadras, pela parada de 2:000\$000N., ganhando o meu tostado, de luz.

Aos 55 anos, com filhas e filhos todos casados, já várias vezes avô, bancou o conquistador, comprando, como foi público e notório, até noticiado, como escândalo, pela imprensa, por cinco contos a honra de uma mocinha, com quem se amigou, abandonando a família, que transferiu residência para Carazinho.

O idílio não durou muito, pois teve, algum tempo depois, uma hemiplegia de origem sífilítica, e lá vivia, com a rapariga, pelos hotéis e ruas da cidade, sempre vestido de guarda-pó muito ordinário, arrastando a língua e a perna. Não tardou muito também que aquela, de seus 16 a 18 anos, abandonasse, pois aquele homem, por mais bronca que fosse, não poderia ser o seu ideal.

Nesse estado, aos mulambos, voltou para sua propriedade, onde curtia a sua mágoa em cálices de boa pinga.

Teve um segundo ataque, seu estado agravou-se e fui chamado para atendê-lo. Causava piedade o seu estado: quem te viu e quem te vê! Sujo, barbudo, de guedelha comprida, inconsciente, coberto de moscas que lhe entravam pela boca, estertorava em um catre rangedor.

Tinham vindo, nesse dia, mulher e filhos, e ninguém teve um gesto de humanidade por aquele desgraçado, e, nem de leve, simulou algum pesar.

A esposa assim se expressou: “É bem feito, esse sem vergonha está pagando o que me fez que morra de uma vez”. O filho mais idoso perguntou: “O velho durará muito a morrer?”

As próprias filhas se mostravam inteiramente indiferentes.

Como médico, nada me restava a fazer, e tratei de me retirar, enjoado e revoltado.

Nessa mesma noite, o Coronel Tico justava contas com S. Pedro.

O enterro foi realizado, no outro dia, à tarde, cemitério do Pontão, distante 3 léguas da casa mortuária.

Ao que soube, vestiram-no com uma roupa qualquer, e o seu caixão era de terceira classe.

Tempo de inverno e de chuva depuseram o ataúde em uma pequena carroça, puxada por velho e magro matungo, e 6 ou 8 pessoas acompanharam o corpo.

Como a noite se aproximasse, e o tempo estivesse ameaçador, apressaram o enterro, mas, algumas quadras antes do destino, o Cavalos cansou...

Parece incrível, mas são voltas que o mundo dá: um homem, que sempre montou em finíssimos animais e teve grandes cavalos de corrida, ser, por um assim, de tal qualidade, conduzido!

Só o explica, a maldade da família. Quando chegaram à necrópole, era noite. Aí, é que se lembraram de abrir a cova.

Alguns dias mais tarde, os corvos voavam baixinho ao redor do cemitério, ou sentavam-se nas adjacências, e alguns mais atrevidos nas toscas cruces de pedra.

Um transeunte curioso procurou ver o que havia, e, à proporção que se aproximava, ia sentindo, cada vez mais, um forte mau cheiro de decomposição cadavérica, e viu então um quadro

bárbaro: haviam, com a noite e com a pressa, enterrado o Coronel Tico à flor da terra! Os bichos, nessa noite mesmo, cavaram facilmente, e comeram-lhe parte dos pés e das pernas, que estavam expostas à luz do dia. Amigos do Pontão mandaram endireitar-lhe a sepultura.

Nessa família, por motivo da herança, houve grande desavença.

Todos os filhos homens, em pouco tempo, estavam paupérrimos: esbanjaram, no jogo, o pequeno pecúlio que tocou a cada um, e o mais velho apostou, e perdeu, em uma carreira a última quadra de campo da sua quota.

Os genros, no entretanto, outro sangue e outra tara, conservam-na ainda.

A viúva deu-se ao luxo e às viagens, e esta hoje “in albis”.

Pobre Tico, não quero fazer a tua defesa; tu, apesar dos teus erros, merecias outra consideração, pelo menos por parte dos teus descendentes! Flores e beijos para quem se levanta, pedras e desaforos para quem cai: o mundo está cheio de beduínos...

Pobre Tico, foste, afinal, uma detestável peça teatral, pateado na última cena, pela assistência que, com paciência e irritação, com necessidade e resignação, a vinha, suportando desde o primeiro ato!

Foi, não ha dúvida nenhuma, um triste fim de vida.

Negro crepúsculo... uivos de tempestade... abismo de sua queda horrível!...

Rio de Janeiro, 21 de Agosto de 1935.

Data : 22/08/1935

Título : 104 ERRO DE PONTARIA

Categoria: Memórias

Descrição: Quando exilado em Buenos Aires, por motivo de solidariedade que emprestei à revolução paulista de 1932, hospedei-me no Hotel Reina, à Avenida de Mayo, 1120, de propriedade do Sr.

## ERRO DE PONTARIA

Quando exilado em Buenos Aires, por motivo de solidariedade que emprestei à revolução paulista de 1932, hospedei-me no Hotel Reina, à Avenida de Mayo, 1120, de propriedade do Sr. Vicente Lopez, e onde passei 5 meses.

Certa noite de Agosto, de frio intenso, houve, nas proximidades de meu quarto, um desusado movimento de abrir e fechar de portas, de gemidos, de altas vozes, de entrada e saída de gente.

De manhã, pela camareira D. Justa, vim a saber do ocorrido: um casal, do interior do País, viera passar a noite nupcial, e respectiva lua de mel, naquela formidável capital.

Ela, argentina, de constituição franzina e muito jovem; ele, turco, tipo de atleta e já maduro em anos.

Jantaram, bem perto de minha mesa, “em El comedor” e flagrante era o contraste de físico e de idade: um touro e uma novilha.

À meia noite, fechou o barulho e rompeu o escândalo, aos agudos gemidos e gritos desesperados da mulherzinha. Chamaram um médico, que atentamente a examinou, medicando-a.

Ao sair do aposento, indagaram-lhe do que acontecera, e o Dr., que se fazia acompanhar pelo marido, não ocultando sua indignação, teve, como única resposta, esta frase esclarecedora e brutal:

“Este puerco le ha metido em el culo”.

O fato no dia seguinte, era alvo dos mais acres comentários, e todos ansiaram por conhecer melhor e observar as caras dos seus protagonistas, os quais, burlando a natural curiosidade, mudaram-se ao clarear do dia.

O turco, explicando-se ao dono do hotel, jurava “prá usted” que fora apenas... erro de pontaria.

Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1935.

Data : 23/08/1935

Título : 105 CORONEL DIDITO

Categoria: Memórias

Descrição: Não é, de forma alguma, meu propósito, descrever, nestas linhas, a vida acidentada e triste de Benedito Rodrigues da Silva, por alcunha o Cel. Didito.

## CORONEL DIDITO

Não é, de forma alguma, meu propósito, descrever, nestas linhas, a vida acidentada e triste de Benedito Rodrigues da Silva, por alcunha o Cel. Didito. Direi apenas que era um doente mental, com a mania de ser coronel, cuja patente sempre aguardava; de ser noivo de uma suposta

Sophia, que julgava irmã do Dr. Borges de Medeiros e de ter grandes negócios de colônias. Era, por tudo isso e algo mais, um tipo popular, dos que costumavam existir nas cidades.

Muito engraçado, gostava de fazer discursos, usando de frases e comparações originais, pouco auxiliado pela sua língua, bastante atrapalhada. Uma vez, obrigaram-no, depois de um banquete, a saudar, por troça, o General Firmino de Paula, e assim começou: “O general Firmino é um homem valoroso. Matou, num dia, 500 maragatos no Boi Preto”. Foi uma decepção; o general, irritado, deu-lhe as costas, enquanto outros retiravam-no do salão: referia-se o “orador” ao célebre massacre da revolução de 1893, no município de Palmeira.

Para mostrar o quanto era atrapalhado, contarei que uma tarde me disse haver passado o dia, fazendo uma “minijela”, que nada mais era do que uma manivela de poço.

Culpava aos seus parentes mais próximos e aos políticos da época, de lhe terem roubado a patente e o título das terras, e, por isso, movia-lhes uma guerra contínua, enchendo-os dos piores apodos.

Quanto a mim, sempre me respeitou muito, mesmo porque nunca lhe dei ensejo para brincadeiras e dúvidas: ouvia-o com acatamento e aconselhava-o com carinho.

Um dos seus irmãos, Athanagildo Rodrigues da Silva, era o alvo predileto dos seus ataques, apesar de ser o seu maior protetor e amigo.

Athanagildo, um dos homens a quem se pode, sem medo de errar, dizer que é bom e digno, em qualquer sentido, porque, de fato, o é, suportava-o com uma paciência cristã, fornecendo-lhe todo o necessário: casa, alimentos, roupas, dinheiro, etc. De uma feita, Didito adoeceu gravemente, e o seu mano me chamou para atendê-lo: tivera, em consequência de ruptura de uretra, enorme infiltração urinária, que se estendia acima do púbis, com gangrena da região escrotal.

Como se vê, urgia uma internação cirúrgica. Em conferência, e como auxiliares, vieram, ao meu pedido, os Drs. Frederico De Marco e Arthur Leite. O doente esteve cerca de um mês e meio, em quarto particular, do Hospital de Caridade, cercado de todos os cuidados e atenções, restabelecendo-se depois de imenso trabalho.

Recordo-me que, em um dos últimos curativos, por ocasião da passagem de uma sonda uretral, comentara o Dr. De Marco: - Ora veja, Vergueiro, um órgão assim, vagabundo, de domicílio incerto, sem morada habitual, salva-se...

Resolvemos, de comum acordo, cobrar do Athanagildo, atendendo a certas considerações de ordem moral, e de fácil compreensão, apenas 1:200\$000, a dividir entre os três.

Antes da apresentação da conta, que ficou ao meu cargo, por ser o assistente, tive que seguir urgente a Porto Alegre, onde me demorei duas semanas.

Na noite do regresso, aqueles colegas visitaram-me, entregando-me a quantia de dois contos, cuja origem assim explicavam: acharam a minha conta muito módica, julgaram o trabalho de grande sucesso e cobraram de Athanagildo seis contos, pagos imediatamente.

Fiquei aborrecido e pasmo, e lhes declarei que não aprovava essa atitude, tanto que iria, na manhã seguinte, devolver a quota, que me correspondeu, por julga-la, ao meu modo, excessiva.

Não o encontrando em casa, no dia imediato, deixei-a, com ampla e necessária explicação, ao seu cunhado João Nunes.

À hora do almoço, encontrei uma sobre carta, contendo aquele dinheiro e, pelo meu chauffeur, tornei a devolvê-la. O fato parecia já tão passado em julgado, quando, do Banco da Província, recebi comunicação de que Athanagildo ali depositára dois conto de réis em minha conta corrente credora.

Fui então à sua presença; não houve meio de devolvê-lo, agradecendo a minha atitude em bondosos termos e referências.

Isso tudo se passou em 1921, e em 1934, quando no exílio, soube, com pesar, da morte do Coronel Didito.

Faço, agora, ante o teu cadáver, uma continência, talvez a única que hajás recebido, e peço a Deus que, no seu glorioso reino, te conceda, ao menos um lugarzinho de cabo, posto que, no céu, é maior que marechal na terra.

Rio de Janeiro, 23 de Agosto de 1935.

Data : 24/08/1935

Título : 106 VÁ ENTRANDO

Categoria: Memórias

Descrição: É muito comum, quando o médico vai ver um doente em domicílio, que o mandem entrar, seguindo o mesmo a frente e a pessoa da família atrás.

## VÁ ENTRANDO

É muito comum, quando o médico vai ver um doente em domicílio, que o mandem entrar, seguindo o mesmo a frente e a pessoa da família atrás. Eu não me conformo com isso, principalmente se é a primeira vez que ali penetro, sempre declarando: - vá na frente, pois você sabe onde está o doente, e eu não.

Depois de tomar conhecimento da casa, e do quarto, aí sim, poderei tomar a dianteira. Passou-se comigo, a respeito, numa ocorrência muito interessante, e que vou narrar.

Chamado para atender a uma criança com sarampo, cujo estado reclamava seriamente a presença do médico, à porta, fui recebido por seu pai, muito nervoso, que, desde logo, me fez seguir por um comprido corredor. Ao passar por uma porta, ele mesmo abriu-a, dizendo-me, sem olhar para o interior do aposento: “É por aqui Dr., vá entrando”, o que fiz, e imediatamente se me deparou um inesperado e interessante quadro: sentada em um “bidet” estava a sua ainda jovem esposa, inteiramente despreocupada e nua, na prática de uma lavagem vaginal. A cena foi rápida: eu parei, espavorido, sem saber o que fazer; a mulherzinha, gritando, escondeu-se

atras da porta de um guarda-roupa, e o marido saiu pelo corredor, rápido como uma flecha. Nessas condições deploráveis, a pobre senhora pedia-me que seguisse adiante, onde estava a pequena enferma, no que, com passo firme, a obedeci.

A situação, em geral de grande e indisfarçável constrangimento, obrigou-me mesmo, para evitá-lo, a aconselhar a vinda de um outro colega, o que, de modo algum, aceitaram.

Cada vez que ouço o “vá entrando” lembro-me desse desagradável fato, e tomo as minhas precauções acauteladoras...

Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1935.

Data : 25/08/1935

Título : 107 COMO O VITRÍOLO

Categoria: Memórias

Descrição: É uma narrativa verdadeira, como fieis são, asseguro todas as outras.

## COMO O VITRÍOLO

Nestas despretenciosas notas, trabalho meu, repositório simples de alguns acontecimentos, vou, hoje, enfeixar um caso, que bem merecia um estudo de psicologia do caráter, mas deixo a quem, um dia, por acaso, as ler, tirar as conclusões que possa sugerir.

É uma narrativa verdadeira, como fieis são, asseguro, todas as outras.

Por motivo das grandes campanhas políticas do Rio Grande do Sul, e que tiveram imensa repercussão no município de Passo Fundo, pelo volume e peso do meu eleitorado, tornei-me, em 1919, inimigo do Dr. Arthur Caetano da Silva.

Eu era chefe do Partido Republicano, e ele do Partido Libertador. Em um renhido pleito no 7º distrito, colônia Não me Toque, tivemos acalorada discussão, onde, cara a cara, dirigi-lhe as mais duras verdades, que muito poucas contestou.

A nossa divergência política degenerou em inimizade pessoal, como vai, quase sempre, acontecer.

Estavam as coisas nesse pé, quando uma noite, em Janeiro de 1920, bateu-me em casa a sua Exma. Esposa, implorando-me, entre abundantes lágrimas, a gentileza de atender a um seu filho pequeno, de nome Gaspar, gravemente enfermo.

Fiz-lhe ver, além de outras considerações, que só iria a pedido direto de seu esposo, por isso que não desejava me submeter a um vexame, a uma desconsideração dele, que poderia não estar nesse acordo com a mulher: poderia, por exemplo, dizer-me qualquer coisa assim: eu não lho chamei; sou seu inimigo; não quero os seus serviços; quem manda aqui sou eu, cabeça de casal e chefe de casa; não autorizei essa visita médica e quejandas expressões grosseiras, de que o seu espírito, apaixonado e embriagado pela política, seria capaz.

Em menos de meia hora, procurou-me o Dr. Caetano, que não ocultara sua angustiada aflição pelo estado de seu garoto.

Cumprindo o meu dever de médico, sem tergiversar um só instante, fui até sua residência.

De fato, era gravíssima a situação do doentinho, e resolvi empunhar, com dedicação, todos os meus conhecimentos, a fim de debelar o mal.

Não ocultei a gravidade do prognóstico.

O Dr. Arthur Caetano de Souza, pai carinhoso, chorava, em desespero, como uma criança. Durante 3 dias e 3 noites, permaneci a cabeceira de Gaspar, observando, acompanhando e medicando-o. Exerci mesmo a dupla função de médico e de enfermeiro. Ao quarto dia, iniciaram-se as melhoras, que, pouco a pouco, foram se acentuando até convalescença e completo restabelecimento.

Naquele lar sombrio, onde a morte espreitava pelas janelas, sondando a possibilidade de uma entrada, a alegria entrara de novo, e era eu o alvo dos maiores elogios.

“Meu amigo, meu grande amigo, meu grande médico, o salvador de meu filho, inesquecível gratidão” eram, entre outras, expressões que, a todo o momento, eu ouvia do casal.

À pergunta dos meus honorários profissionais, respondi que nada lhes cobrava, visto como era essa a minha orientação para todos aqueles que, como eu, exerciam profissões, ditas liberais.

Redobravam os oferecimentos, e pediram-me então licença para me fazerem um presente, oportunamente.

Algumas semanas mais tarde, aquele advogado seguiu à Porto Alegre, e, de passagem por Santa Maria, deu ao Jornal da Serra, de Arnaldo Mello, uma entrevista política, bordando considerações a propósito da atualidade da mesma. Respondendo à uma pergunta do jornalista, que versava sobre a escolha do candidato do Partido Republicano à curul municipal, assim se expressou: “O candidato desse partido, na falta de homens, é o Dr. Vergueiro, que, se for eleito, fará uma péssima administração, por ser um mau cidadão, um médico medíocre”.

Foi essa a única recompensa do meu exaustivo trabalho!...

De como a paixão política deforma e cega aos homens como o vitríolo; de como obscurece sua memória, perturba-lhe a razão, embota e apaga seus sentimentos, como a cocaína, esse é um exemplo frisante. Quando o homem tem caráter e fibra, reage e vence, mas, quando não a possui, comete as maiores indignidades.

Miséria humana!

Em face dessa infame canalhice, que plasma um caráter, que retrata uma alma e estereotipa uma vida, neguei-lhe ostensivamente cumprimento, e continuamos inimigos.

- Em 1921, procurou-me no consultório, uma mulher, tipo de criada, com uma robusta menina de meses, ao colo. Firmei diagnóstico bacteriológico: blenorragia aguda: enorme corrimento de

denso pus, com forte mau cheiro. Indaguei da criança; era filha daquelle político: a Serraninha. E agora, que fazer? Deixar aquela inocente sujeita a uma certa e nojenta infecção? Não, não era possível. Os meus sentimentos não permitiam tamanha injustiça. Dei aviso ao Sr. Ivo José Ferreira, proprietário da farmácia Serrana, para que, como resolução sua, sem a menor intervenção do meu nome, comunicasse o fato à família, previndo-a do imediato perigo. Ivo desempenhou-se da incumbência, mas não ocultou o meu nome, dizendo-lhes toda a verdade. No dia seguinte, a Senhora veio pessoalmente me expressar os seus maiores agradecimentos, e aí aconselhei a conveniência de ser, no Hospital de Caridade, internada aquela ama seca.

Continuamos inimigos... não podia me esquecer da patada recebida...

Passaram-se os anos.

Arthur Caetano, em 1924, transferiu a sua residência para São Paulo, só regressando, ao Passo Fundo, depois da revolução de 1932, como consultor jurídico do Banco do Rio Grande.

- Vindo do exílio, cheguei, em minha terra natal, a 27 de Julho de 1934, depois da promulgação de Constituição da República.

Na noite seguinte, às 11 horas, fui procurado pelo Sr. Josino Savinhone Marques, que me solicitara, de parte do mesmo Sr. Caetano, uma visita urgente, pois estava com outra criança muito mal.

O nosso ódio já havia grandemente desaparecido. O tempo, o excepcional anestésico, tudo, na existência, destrói e faz esquecer...

Ao começo neguei-me, mas foi tal a insistência, declaração de arrependimento, de confiança absoluta e da gravidade do caso, que, novamente, assedi: todos os meus ressentimentos calaram-se...

Era uma laringite diftérica, e o soro respectivo, aplicado precocemente, deu ótimo resultado. Na manhã seguinte, o laboratório confirmou diagnóstico. Fiz apenas 3 visitas, e cobrei 150\$000N, que pagou.

Há dias, aqui no Rio, encontrou-se comigo na Câmara Federal, onde, na presença de alguns colegas, fez referências ao meu valor de médico... ao menos isso... antes tarde que nunca... valor para ele... para mim apenas sorte.

Rio de Janeiro, 25 de Agosto de 1935.

Data : 26/08/1935

Título : 108 LABORATÓRIO

Categoria: Memórias

Descrição: Há em Passo Fundo, um laboratório de análises clínicas, que não me oferece a menor confiança: o do farmacêutico Ros.



## Laboratório

Há, em Passo Fundo, um laboratório de análises clínicas, que não me oferece a menor confiança: o do farmacêutico Ros. Não quero discutir, e nem este é o lugar próprio, a sua competência, que para uns é grande, e para outros, nula. Para mim, repito, não merece confiança, e razões tenho, de sobra, para tal, e se não, vejamos os quatro casos pessoais seguintes, todos ocorridos em 1934, e que, à saciedade, comprovam aquela afirmação:

1) João de Cezaro, conhecido e apreciado construtor, sentindo-se doente já há dias, foi aquele laboratório, onde o seu proprietário extraiu-se sangue para uma reação de Vidal. Dois dias depois, por telefone, dava-lhe a solução positiva da mesma. Em face disso, fui ali chamado, e pedi, por escrito, o resultado. O analista negou-se a atender, declarando tão somente, porque soubera do meu diagnóstico do mal de Elberth, ter a reação se tornando negativa. Como isso é possível? De começo sim, depois não. Qual das duas é verdadeira? E porque essa confusão? A real é a primeira – positiva – tanto que, o laboratório Tristão Ferreira, sob meu controle, a verificou em seguida. O motivo está em que não foi médico de doente nenhum dos que com ele trabalham, procurando, todas as vezes que pode, atrapalhar e criar embaraços aos outros.

2) Dr. Celso Fiori, ilustre advogado, e, como João de Cezaro, querido amigo, internou sua Exma. Esposa, na maternidade de D<sup>a</sup>. Nathalia Bonella, onde, em parto normal, teve o Rénan, seu primogênito. No quinto dia, apareceu, com ligeira reação febril, um corrimento purulento. D<sup>a</sup>. Nathalia, sem autorização do marido da enferma, chamou um médico e mandou a secreção ao Ros, que comunicou, também não por escrito, ter constatado a presença de diplococcus de Neisser. Nada satisfeito, e muito contrariado, o Dr. Fiori admoestou aquela parteira, e me chamou. Solicitei o resultado, e não o pude obter, apesar de reiterados pedidos. Eu mesmo, pois se tratava de uma seria acusação, que poderia trazer graves consequências, na presença de Tristão Ferreira, que preparou a placa, e do Dr. Celso, fiz o exame microscópico da matéria purulenta, e asseguro que o que não havia, por mais cuidadosa pesquisa, era bacilo de Neisser!

3) O Sr. José Brotto, depois de uma violenta cólica hepática, teve uma colicistite infecciosa, que lhe atirou ao leito cerca de dois meses. Mais ou menos no décimo dia, por descargo de consciência, pedi uma reação de Vidal. Chamaram ao Ros para extração do sangue, e só queria fazê-la depois de um tremor de frio, com o que não estive de acordo, pois o enfermo, a não ser no primeiro dia, nunca mais teve calafrios: talvez até hoje ainda estivéssemos esperando. Enfim, retirou-o. Ao cabo de uma semana, deu-me, verbalmente, o resultado negativo, não só da reação de Vidal, como da hemo-cultura. Como o estado de Brotto se agravasse muito, aceitei uma conferência com o Dr. Caneva, e tivemos um encontro de opinião, por isso que este pensava em um caso de febre tifóide. Nunca estive tão seguro de um diagnóstico como esse. Pois bem, foi o que bastou a Ros, ciente do que se passara na conferência, para mandar o resultado positivo, declarando que só agora o pudera bem apreciar.

Negativo? Positivo? Sempre a mesma coisa... em compensação, Tristão Ferreira não verificou bacilo de Elberth, nem na Vidal, nem na hemo-cultura.

4) Antão Bastos teve uma filha, de 9 anos, com enfermidade de garganta. Atendia-a no primeiro dia de moléstia. Contra minha vontade, mas atendendo ao desejo e à confiança da família, veio

Ros e imediatamente retirou um pouco da secreção, dando, por escrito, o resultado negativo quanto à difteria. Diante disso, não fiz soro, e sim vacina antipiógena Bruschetti polivalente. A moléstia agravava-se de momento a momento, e “malgré tout” injetei 5.000 unidades daquele preparado, exigindo um novo exame microscópico, por Tristão Ferreira, que constatou os bacilos específicos. O restabelecimento não se fez esperar, e em poucos dias tinha alta, curada.

- Os resultados dos exames de Ros eram sempre para contrariar a minha pré-suposta opinião, que, com cuidado, indagava, ou então para favorecer a dos seus médicos amigos.

Isso é mais que maldade, é perversidade!

- Agora, para terminar, vou registrar aqui um caso, de que não sou testemunha: sei-o por ouvir contar por colegas.

O Dr. Bruno Pellegrini, desconfiado da seriedade dos exames Ros, mandou-lhe em tubo de ensaio convenientemente preparado, um sangue para reação de Wassermann. O resultado foi este: +++positivo franco. Sabem de quem era o sangue? De uma galinha...

Nesse caso, burrice é o melhor termo.

Rio de Janeiro, 26 de Agosto de 1935.

Data : 27/08/1935

Título : 109 ENTRE COMANDANTES

Categoria: Memórias

Descrição: O violento embate, que durou das 9 da manhã às 4 da tarde, deu-se no “Desvio Giarreta”, poucos quilômetros de Boa Vista do Erechim.

## ENTRE COMANDANTES

Na revolução sul-riograndense de 1923, no dia 23 de Junho, travou-se um grande combate, o mais renhido da região, entre as forças da Brigada do Norte e as do Exército Libertador, comandadas respectivamente pelos generais Firmino de Paulo e Felipe Portinho.

O violento embate, que durou das 9 da manhã às 4 da tarde, deu-se no “Desvio Giarreta”, poucos quilômetros de Boa Vista do Erechim.

Só às forças do general Firmino dispararam para mais de 80.000 tiros. Houve elevado número de mortos e feridos, de lado a lado, retirando-se, pelo mato, as forças de Portinho, para o Capoeirê Velho, e, vencedor, tomando o povoado, as de Firmino.

Nesse choque sangrento, entre outros, salientou-se, de modo excepcional, o Capitão Luiz Magalhães, a cuja coragem e bravura rendo e presto as minhas homenagens. Pertencia ao Estado Maior daquela Brigada, e, não só aí, como em Soledade, tem ensejo de revelar o seu sangue frio, tática e valor. É um herói obscuro, e lá vive, em Passo Fundo, paupérrimo, mourejando dignamente na sua pouco rendosa, profissão de agrimensor.

Nessa mesma noite, eu, que ficara designado as forças da cidade, recebi pedido urgente de aumento de munição, quase esgotada, e mandei o Capitão Oswaldo Sintz levar mais 50.000 cartuchos, fazendo, pelo sertão, a viagem em uma locomotiva da Viação Férrea, com linha franca e a toda velocidade.

O general Firmino deixou o povoado de Boa Vista, regressando a Passo Fundo, em menos de 72 horas! Não compreendi, e não compreendo até hoje, aquela atitude: superioridade de número, de armas e de munição... O combate tornou-se inútil e não teve finalidade prática, pois abandonou um ponto estratégico de importância capital, e os adversários, estupefatos, dele tomaram novamente posse, fortificando-se cada vez mais. O seu regresso foi tão precipitado, que deixou, naquele local, em hospital de emergência, sob a direção dos três médicos libertadores Drs. Catharino Azambuja, Mozart de Mello e Caldeira de Alvarenga, para mais de 50 feridos, alguns graves.

O Governo Federal que, diretamente, não se envolveu na luta, havia determinado, em todo o Rio Grande do Sul, umas certas zonas, denominadas neutras, entre as quais as linhas férreas e respectivas estações.

Em Passo Fundo, quartel general das forças provisórias, estava, como ainda está, sediado o 8º Regimento de Infantaria, do Exército Nacional, então sob o comando do Tte. Cel. Enéas Pompilio Pires, oficial de cultura e de brilhante carreira, mas que se entregava, de modo lastimável, ao uso e ao abuso do álcool, sob cuja ação vivia constantemente cometendo os maiores escândalos. À pretexto de inspeção da zona neutra, requereu um trem especial, e foi até Boa Vista do Erechim, e aí fez embarcar os feridos da Brigada do Norte, conduzindo-os para Passo Fundo, onde chegou ao escurecer.

O general Firmino, avisado por telegrama, aguardou a chegada do trem para receber os seus soldados baleados, mas o Tte. Cel. Enéas não os quis entregar, travando-se entre ambos, um, que parecia ter sempre em suas veias tintura de pimenta, e outro, alcoolizado, violento e destemperada discussão, em plena gare, com baixões palavrões, impróprios de homens bem educados, que se presumem ser os de elevada posição: Firmino exigia os doentes, Enéas opunha-se à entrega. Daí passou aquele à ameaça do emprego da força, e este da resistência e revide imediatos. Cada qual mais teimoso e emperrado, já era uma questão de capricho. O escândalo, de meia hora, atingia ao auge: o general Firmino mandou formar os 1º e 3º corpos provisórios, comandados por Victor Dumoncel e Valzumiro Dutra, atrás da estação, e o Tte. Cel. Enéas, na frente, o 8º R. I., que chegou a assestar as suas metralhadoras.

Nesse ínterim, resolvi intervir, e o fiz, com serenidade e com energia, de igual para igual.

Fortemente segurei a ambos pelos braços, e convidei-os para um entendimento comigo. Desde logo acederam, e entramos só os três em um vagão dormitório, em linha auxiliar encostado, e propus que os feridos me fossem entregues, por isso que eu não pertencia a uma força e nem a outra: era apenas médico, e cumpria-me um sagrado dever de humanidade. Valendo-me das melhores tintas, fiz ver do horror que se estava passando no interior daqueles carros, ondeurgia a ação do cirurgião; fiz sentir as dores daqueles infelizes, dignos de melhor sorte; fiz

compreender a imensa responsabilidade moral que estavam assumindo por aquelas vidas humildes mas merecedoras de amparo, e ainda a responsabilidade criminosa por um estúpido choque sangramento, de consequências as mais trágicas: a questão deles não passava de uma tempestade em copo d'água... discutia-se por vaidade, enquanto os nosso patrícios sofriam e morriam. Como por encanto, sem uma palavra de indecisão, concordaram imediatamente com as minhas ponderações, e ali mesmo lavramos e assinamos uma declaração, em que se consignava ficarem todos os feridos sob os meus cuidados diretos.

As forças foram retiradas, e entramos, também os três, nos carros, sob a luz de portáteis lâmpadas elétricas a contar os baleados, um dos quais já havia falecido.

Eram 57!

Inciamos, às 9 horas, a retirada dos feridos, em padiolas e em automóveis. Em horas, improvisamos pequenos hospitais em algumas casas desabitadas, próximas do Hospital, que não mais comportava um doente. Não posso deixar de consignar aqui, e o faço reconhecido, de que uma rapariga por nome Chiquinha, dona de uma casa de tolerância, de uma pensão de mulheres, fez com que todas essas desocupassem os quartos, colocando feridos, servidos por ela mesma, e por sua conta própria, com o maior zelo.

As senhoras de Passo Fundo prestaram enormes serviços: organizaram-se em grupos de enfermeiras, que se revezavam com verdadeira dedicação: Não sei de feridos melhor atendidos: cada qual delas primava nos requintes dos cuidados...

Todas, inclusive a Chiquinha, praticavam a santa e boa caridade, e já o disse o poeta e orador argentino Belisario Boldan: “Rezar é bater às portas do céu, praticar a caridade é abri-las”.

Rio de Janeiro, 27 de Agosto de 1935.

Data : 28/08/1935

Título : 110 DE COMO SE PRENDE UM MÉDICO

Categoria: Memórias

Descrição: Não vou tratar dos motivos, ponderáveis ou não, que me levaram ao cárcere, logo depois do desencadeamento da revolução paulista, de 9 de Julho de 1932.

## DE COMO SE PRENDE UM MÉDICO

Não vou tratar dos motivos, ponderáveis ou não, que me levaram ao cárcere, logo depois do desencadeamento da revolução paulista, de 9 de Julho de 1932. Seria um imenso libelo acusatório, e aqui não é o lugar próprio para o seu arquivo... Direi apenas duas coisas: 1º) a

solidariedade que emprestei, e de que não me arrependo um só instante, a São Paulo, foi a causa direta da minha prisão, da qual sai tão ou mais digno do que quando entrei, e 2º) no regime discricionário, imperava, em Passo Fundo, o terror sob a direção dos célebres Armando Annes, Lauro Lima e Vazulmiro Dutra, férteis nas maiores intrigas, traição e misérias. Nas cadeias e nos hospícios há gente menos criminosa ou louca.

Humberto de Campos, fazendo, certa vez, um estudo sobre a Alemanha, escreveu: “Os cadáveres em putrefação têm, cada vinte e quatro horas, o seu verme novo. A civilização apodrece. Hitler é o verme do dia.” Pois bem, aqueles tipos, entre outros de menor virulência, foram, nos sombrios dias revolucionários, os vermes da minha terra e das suas cavalheirescas tradições.

Era um luminoso dia 5 de Setembro, aniversário de minha filha Maria. Em casa, preparava-se, para comemorá-lo, um almoço melhorado, e o júbilo estampava-se em nossas fisionomias.

Às 7 horas da manhã, no meu Buik, guiado pelo meu chauffeur Cacildo, sai, com o meu neto Eugenio, para os meus afazeres diários, indo ao Hospital de Caridade, e depois ao consultório. Às 10 fui, como de costume, à livraria Nacional, palestrar com o Hyran, prezado primo amigo, e ver alguma novidade literária ou científica. Estava nessa preocupação, folheando um livro de Nitti, quando, de mim, se aproximou sorridente o Tte. Cel. Vercelino Camargo, comandante de um corpo provisório, assim se expressando.

- Dr., vim chamá-lo urgente. O Coronel Vazulmiro está gravemente enfermo. Ele sabe que o Sr. tem muito serviço, mas pede, com empenho, a sua presença, porque é uma questão de confiança absoluta e de grande amizade. Vamos depressa, Dr., o homem está mal.

Já no interior do meu auto, perguntei-lhe o que acontecera, e o “provisório” em referência me declarou que o seu comandante passara mal a noite, com febre, vômitos e dores muito violentas do lado direito do ventre. Diante dessa informação, era natural que pensasse em um caso de apendicite, e devo confessar que no meu ser travou-se um duelo íntimo, entre cérebro e coração: o cumprimento severo do sagrado dever do médico e o recôndito desejo do homem maldoso.

Resolvi, superiormente, empenhar os melhores esforços, no sentido de seu restabelecimento. Assim, nesse ânimo sereno, chegamos ao quartel, onde vivia Vazulmiro.

Sem de nada desconfiar, completamente calmo e tranquilo, dentro dos altivos dogmas da profissão, penetrei em um vasto aposento de 3 janelas laterais, 1 porta para um gabinete e 2 para um corredor.

Aí, sentado na cama, com o cotovelo apoiado em uma mezinha de luz e com a face palmar da mão direita na frente, de olhos cerrados, estava o Coronel.

Carinhosamente, com a mão no seu ombro:

- Então, Vazulmiro, já estás melhor?

Este, dando um salto da cama, em gesto brusco e inesperado, com os olhos faiscantes de cólera:

- O Sr. está preso...

Era a senha. Em cada janela apareceram dois soldados, de fuzis engatilhados com pontaria para o meu peito, e em cada porta um oficial de revólver em punho.

Não me perturbei.

- Mande atirar, Coronel. Matará um homem digno. Não tenho medo de suas armas. Não sou avestruz que esconde a cabeça, na hora do perigo. Lastimo tão só a sua indignidade, atraindo-me, para este covil, de modo infame, que plasma o seu caráter e é o espelho da miserável situação, a que chegamos. De mim, juro, não ouvirá mais nem sequer um monossílabo. Mande agora atirar.

Recordo-me bem dessas expressões.

Alguns soldados baixaram as armas. Não me retrucou, mas nos seus olhos vermelhos, de pupilas dilatadas, percebi todo o ódio que lhe ia na alma, e na sua boca seca, semi-aberta, toda a sua insaciável sede de... sangue.

Mostrou-me um telegrama, que não li: fez-me algumas perguntas, que não respondi; pediu-me o revólver, entreguei-lhe.

Fui então conduzido, em estado de rigorosa incomunicabilidade, para um quarto do sobrado, que pertenceu ao Sr. Polydoro de Albuquerque Martins, ao lado do 8º R. I.

Nesse mesmo dia, as cadeias encheram-se de presos políticos, entre os quais o meu filho Ruy, mais tarde demitido arbitrariamente do cargo de notário pelo general Flores da Cunha e, poucos dias antes da reconstitucionalização do País, reintegrado por aquele interventor.

Nem mesmo o negrinho Cacildo escapou: foi arrancado do auto, em plena rua, quando conduzia minha esposa, desesperada, ao quartel... a borrasca passou... restam destroços e indeléveis cicatrizes... os bons nada têm a temer, mas cuidem-se os maus, porque é bem certo que quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Não há nada, principalmente em política, melhor do que um dia depois do outro... aguardemos...

Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 1935.

Data : 29/08/1935

Título : 111 UM CEGUINHO E UMA BONECA

Categoria: Memórias

Descrição: Sinto, deveras, a morte dessas tenras criaturinhas, e não gosto de apanhar as rosas do meu jardim.

UM CEGUINHO E UMA BONECA

Prometo a mim mesmo, por higiene moral, de não mais tratar, Nestas Notas, desses tipos, cuja barriga sente pelo coração e cujo estômago pensa pelo cérebro, frieiras vivas a exigir mercúrio... vou mudar de pena e lavar as mãos... deixo-os entregues à sua própria fermentação pútrida.

Sempre sou muito preocupado com os meus doentes, com quem me identifico; quando, em estado grave, não me furto de vê-los diversas vezes, qualquer hora do dia ou da noite, e, à proporção das melhoras vou, pouco a pouco, me afastando. Por isso, tenho sido criticado até por gente que não me conhece bem.

Uma das coisas, que mais a fundo e dolorosamente, me fere os sentimentos, é tratar de criança, cujo mal inspira sérios cuidados, e poucas esperanças tenho de salvação. Como me dói ver semelhante sofrimento! Tenho verdadeira piedade desses pequeninos enfermos, cuja defesa da vida me é confiada. Chego, afinal, a dedicar-lhes sincera amizade.

Sinto, deveras, a morte dessas tenras criaturinhas, e não gosto de apanhar as rosas do meu jardim.

Quando vejo um esquife, que mais parece um berço, vem-me sempre à memória os versos de Guerra Junqueiro:

Oh! Mães que tendes filhos!

Oh! Mães piedosas!

Quando eles morrerem pequeninos

Enfeitai-lhe o caixão de brancas rosas...

E deixai, deixai voar as andorinhas,

Em busca das paragens luminosas.

Dizem que o médico, quer o clínico em geral, quer o cirurgião, de tão habituados de ver as misérias da vida e do corpo, são insensíveis. Aos últimos, até apelidam-nos de açougueiros. É puro engano, não há mentira maior. É uma brutal ofensa, que nos atiram à cara. Não somos sem coração e sem alma! Somos humanos como os outros, bem humanos, quiçá mais humanos. Nesses dramas pungentes, quando “a vida alonga os braços para a esperança, diante da grandeza do nada” na expressiva frase do notável e saudoso professor Francisco de Castro, quantas doses tremendas, atroztes suspeitas, dúvidas crueis nos martirizam o cérebro.

Apesar, porém, de tudo isso, não posso concordar com a maioria dos conceitos do Dr. Veressayeff, nas suas “confissões de um médico”. Há ali muito exagero, e mesmo uma ponta de maldade.

Só um monstro, só um desgraçado inconsciente ficaria impassível em face dessas terríveis tragédias. O Dr. Jayme Pogy, cirurgião chefe de serviço de cirurgia e ginecologia do Hospital de S. João Baptista, em magnífica conferência proferida aqui no Rio de Janeiro, em benefício da “Casa do Médico”, assim falou: “Ao contrário do que é crença geral, a sensibilidade do médico cresce na razão dos anos decorridos de exercício profissional; tem, porém, necessidade de aparentar tranquilidade, que está longe de sentir e, só por isso, a sua tortura mais intensa se torna”. O Dr. Faure, respeitado e acreditado cirurgião francês, escreveu, de uma feita, um brilhante estudo, que denominou: “l’aime du chirurgien”. É um trabalho formoso, ilustrado de observações, cuja leitura, por mais que se faça, sempre agrada, e, por vezes, comove vivamente. Digam o que disserem, pensem o que quiserem, julguem-me como entenderem, mas a minha

verdade, pelo meu feitio moral, é que eu sinto e sofro com os meus doentes, e vibro, com alegria festiva, pelos seus restabelecimentos.

Para mim, a parte mais tenebrosa, mesquinha e acabrunhadora da profissão, é a metálica: julgo-me diminuído do meu valor, abatido de certo nível superior, quando recebo dinheiro por pagamento, e, se assim o faço, é obrigado por imperiosa precisão. Se fosse rico, com segura garantia de minha subsistência e dos meus, trabalharia sempre gratuitamente, no exercício de um verdadeiro sacerdócio.

Nunca deixei de atender a um chamado de pobre, para quem mesmo dedico especial atenção e cuidado, e quantas vezes o pouco que ganho, em consultório, entrego-lhes para satisfazer suas despesas, de momento. Não quero, e não o farei, exemplificar esses fatos: a esmola contada perde, por completo, o seu valor.

Passo apenas a narrar duas simples ocorrências, dois obscuros e miseráveis dramas, que muito me impressionaram e muito me fizeram sofrer.

- Um certo indivíduo casado, bem quisto (!) alto funcionário público, e que frequenta, com assiduidade, a melhor sociedade local, tem a tenaz morbidez de perseguir mulatinhas e negrinhas, por semanas, meses e anos, até conseguir o seu maldoso fim, abandonando-as pouco depois. Apontam-se ali talvez duas dezenas delas, atiradas por ele no “mar do vício”. É uma triste obsessão, tanto mais violenta, quanto mais fechada a cor.

Enamorou-se de uma crioulinha, e tais foram as promessas, os enleios e os engodos de melhor vida, de tranquilidade, de farto bem estar e até de luxo, que a mísera se lhe entregou de corpo e alma.

De começo, como é comum acontecer, tudo correu às mil maravilhas, e em um mar de rosas, mas bem razão tinha o poeta Zeferino Brasil: “a mulher é o fruto proibido; uma vez alcançado é logo repellido”.

O pseudo-amor, amor de lantejoulas, floresceu em um filho, forte e robusto garoto, flor do lodo.

O homem já estava farto, e abandonou-a ao seu próprio destino.

Todas as suas pobres ilusões evaporaram-se, como éter.

Desonrada, na miséria e com um filho! O sedutor fugia dela como o diabo da cruz, e não lhe dava, nem sequer para o filho, alguns mil reis.

As necessidades aumentavam dia a dia; e atirou-se ao trabalho, transformando-se em lavadeira. Não quis penetrar no fundo do abismo, ficou em meio, apesar de ser muito assediada pelos piratas da época.

Aos dois anos a criança teve sarampo, e daí, sem dieta e medicamentoso cuidado, uma dupla oftalmia purulenta e cegueira dos dois olhos.

Nem assim o conquistador sentiu algum remorso.

Foi então que vim a conhecer mãe e filho, em uma consulta: nada mais havia a fazer e, em prantos, debulhou as contas de seu rosário de martírios. Durante dias, não me saía da memória o estado do desespero daquela infeliz, e o olhar macabro do seu querido filhinho: fi-lo baixar as pálpebras, e que linda criança; fi-lo levanta-las, e que horrorosa criança!



Três anos mais tarde, o chaffeur Angelo veio me chamar para atender aquele menino, em uma fria e chuvosa manhã de inverno. No casebre, numas bibocas, nas proximidades da britadeira municipal, havia falta de tudo, desde as cobertas ao alimento.

O doentinho gemia, numa tarimba, envolto em velhos trapos.

Tirei a minha capa Renner, envolvi-o bem, e, no meu auto, ensanefado [envolto em panos], partimos os quatro, para o Hospital de Caridade. Eu mesmo escolhi um quarto de 1ª classe, e mandei fornecer tudo o que fosse preciso, medicamentos, injeções, cataplasmas, ventosas, balões de oxigênio, etc., recomendando à enfermeira todo o cuidado e todo o carinho.

Tratava-se de uma pneumonia dupla. Entre a vida e a morte, delirou, sempre pedindo brinquedos, durante uma semana, quando começou a melhorar. Muitas vezes pensava eu na vantagem da morte para o próprio menino... seria um desgraçado, a mais, na vida, mas a minha obrigação era tentar salvá-lo, e, graças a Deus, salvei-o. Como continuasse, na convalescença, a falar em brinquedos, fiz-lhe, uma manhã, uma grande surpresa: trouxe-lhe bolinhas de vidro, corneta, tambor, caixinha de música e um cavalhinho de borracha. A sua alegria foi imensa; segurava-os um a um, tomando-lhe as formas, batia com as bolas, uma na outra, perto dos ouvidos, e tudo isso rindo e chorando ao mesmo tempo. Os meus olhos encheram-se de lágrimas. Teve alta curado, levando os seus brinquedos e a minha capa.

Mandei tirar a conta; importava tudo em 600\$000 N. e fui ao editor responsável, a quem tudo serena e minunciosamente expus, com a declaração de que, se não a quisesse pagar, eu o faria. Ouviu-me de cabeça baixa, e entregou-me aquela importância. Exigi-lhe mais duzentos mil reis, de serviços profissionais, que também satisfez imediatamente.

- Agora saiba, meu patrício, que essa nota de duzentos não é para mim...é para a mãe de seu filho... e embarquei no auto.

Não descrevo a cena da entrega... sinto-a ainda... o garoto, por ordem de sua mamãe, com as mãozinhas a tatear no ar, a procura das minhas para beijá-las... fui eu quem beijou as suas.

- O fato, que acabo de relatar, ocorreu em 1931 e o de agora, vinte anos antes.

Passou-se com uma família, também paupérrima, residente em um casebre, do feio bairro da cadeia, onde a tuberculose, ceifando vidas, tem penetrado em quase todos os lares.

Às 2 horas da madrugada, de uma fria noite de lua cheia, fui atender a uma menina de 6 anos, que estava nas suas últimas horas: o bacilo de Koch havia-lhe corroído os dois jovens pulmões, e o seu estado era desesperador.

Naquele quarto, mal iluminado por pequeno e fumacento candieiro de querosene, entre hemoptises frequentes e abundantes, a pobrezinha só pedia uma coisa: “eu quero uma boneca”.

Sai então, e fui, quase correndo, a um negócio próximo, em cuja porta bati fortemente, atendendo-me sonolento o proprietário. Comprei uma boneca, creio que por 30\$000N. e voltei, quase correndo.

A enferma, que era tão somente um feixe de ossos, osculou-o, e muito, tingindo de vermelho, original “rouge”, a cara da risonha bonequinha.

Deixei assim, na satisfação do seu grande e último desejo.

No outro dia, cobertas de murchas flores, as duas bonecas foram juntas, lado a lado, enterradas, no mesmo caixãozinho branco, branco como as garças, branco como a inocência...

Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1935.

Data : 30/08/1935

Título : 112 O JOSÉ

Categoria: Memórias

Descrição: Entre as virtudes que exornam o seu caráter, salienta-se a bondade.

## O JOSÉ

D<sup>a</sup> Eulina é uma senhora solteira, descendente da tradicional e digna família Gomide, de cerca de 40 anos, muito pobre e que entrou para o Hospital de Caridade, a fim de fazer uma operação de fibroma uterino, o maior que já vi, e que, pelo Dr. Benoni e por mim, foi praticada, com êxito.

Nesse tempo, 1928, aquele frio estabelecimento, que não tinha as hábeis enfermeiras de hoje, de curso especializado, necessitava de uma mulher séria e ativa para sua diretora, e melhor não se poderia encontrar que D<sup>a</sup> Eulina, e, por isso, tomou posse do cargo, que o exerceu por 4 anos, com seriedade, dedicação e amor, fazendo mais do que a sua pouca competência indicava.

Entre as virtudes que exornam o seu caráter, salienta-se a bondade.

Agora, o quanto tem de boa, tem de feia. Por uma madrugada alta, chuvosa e regularmente fria, ouviu um continuado choro fraquinho nas escadas da entrada principal, e foi ver do que se tratava: um menino de 3 para 4 anos, seminu, esperneava no patamar, e, ao levá-lo, o pobrezinho só gritava: “não me surre, não me surre”.

Não trazia um bilhete, uma indicação qualquer.

Vestir, agasalhar, alimentar e fazê-lo dormir, foi a sua primeira preocupação.

Pela manhã, aos berros, repetia, sempre apavorado o “não me surre” e, por algum tempo, assim procedeu, até que compreendeu a inutilidade da frase, pois ninguém lhe tocava, ao contrário, só era cercado de carinhos e agrados.

Depreende-se disso, claramente, que era uma criança muito maltratada por seus pais, que, por qualquer coisa, a espancavam.

Interrogado, somente declarou ser seu nome José e que seus pais, cujo nome não sabia, moravam muito longe, não dando outras informações úteis.

O garoto, de uma linda carinha com expressivo olhar de inteligência, por moléstia congênita da coluna vertebral, é paralítico das pernas.

D<sup>a</sup> Eulina, auxiliada por mim, desvelou-se em cuidados: remédios, roupas, brinquedos, carrinho automático, etc. Afeiçoou-se tanto a nós que, a ela chama de mãe e a mim, de pai. Uma vez levou o menino em minha casa, e, orgulhosa do seu bebê grande, contou, toda risonha, essa história, e eu, formalizado, fiz-lhe de propósito, esta pergunta escandalosa:

- Mas D<sup>a</sup> Eulina, e eu que não me lembro quando foi isso...

Quase morreu de vergonha.

O José é o maior, ou melhor, o único encanto de D<sup>a</sup> Eulina.

Acompanha-o por toda a parte, empurrando o seu carinho.

A última vez, que o vi, foi nos “cavalinhos”, e mandei o Eugenio levar-lhe uns doces: ria-se, com satisfação imensa, das graças de um estúpido palhaço, e, principalmente, das de um anãozinho.

Seus pais nunca se manifestaram. Desgraçados!

Recordo-me, e vem a calhar, que li num conto “Maria do Céu” de Humberto de Campos, a propósito de uma criança também enjeitada, estes conceitos: “De qualquer modo, mereces que todas as mães da terra juntem as mãos, rezando pelo teu destino. Todas, menos a tua. E que todos os pais te deem brinquedos. Todos, menos o teu”.

A boa D<sup>a</sup> Eulina só tem uma preocupação na existência: cuidar do José, e com que desvelo o faz!

Aquele mísero e alegre paralítico para ela é tudo: trabalha e vive só para ele.

Que será de ti, José, no dia em que te faltar a mãe que conheces e amas? Se Deus me der vida, acompanharei a tua existência, procurando minorar a tua desgraça... sou o pai que ele conhece.

Rio de Janeiro, 30 de Agosto de 1935.

Data : 30/08/1935

Título : 113 PASSOU PELA VIDA E NÃO VIVEU

Categoria: Memórias

Descrição: Morreu o Jango, e a morte infundia-lhe um horror imenso, aos 68 anos... e até nisso, pelo seu sofrimento tão duro, pela sua tortura tão grande e pelo seu martírio tão demorado...

## PASSOU PELA VIDA E NÃO VIVEU

Segundo acabo de ler, neste momento, n'O Nacional, de 12 do corrente, foi inhumado, no dia 10, em Passo Fundo, minha querida terra natal, de brisas constantes e cantantes, o meu amigo e correligionário João Evangelista de Oliveira Lima, por alcunha o Jango Lima.

Esse homem, que “passou pela vida e não viveu” parece ter tido um signo fatal a persegui-lo impiedosamente; de forte, rico, casado e feliz tornou-se doente, pobre, viúvo e desgraçado: trazia na massa de sangue um recôndito inimigo, e na alma, um cruel destino.

Com coração confrangido, vi-o, algumas vezes, em grande ataque de epilepsia, e, entre um e outro, lastimável era o seu estado... chorou mais, muito mais do que riu...

Foi genro de Guilherme Morsch, o mais puro caráter que conheci, e pretendeu casar-se, de novo, com uma irmã de sua mulher, que, a isso, formalmente se opôs.

Essa repulsa era o ponto nevrálgico dos seus padecimentos morais, e, por vezes, em confidência, revelou-me o seu grande amor desprezado. De uma feita, apareceu-me, em plena agitação, no consultório, em companhia de seu cunhado Ernesto.

- Dr., o Jango está muito nervoso, ele carece de remédio.

De pronto, retrucou:

- Não, Dr., de remédio eu não necessito; o que eu preciso é da irmã dele... e, num repetido “frisson” balbuciando sempre a mesma coisa, caiu, em desesperado pranto, numa cadeira.

Morreu o Jango, e a morte infundia-lhe um horror imenso, aos 68 anos... e até nisso, pelo seu sofrimento tão duro, pela sua tortura tão grande e pelo seu martírio tão demorado, a vida lhe foi ingrata... judiou com ele, que nunca fez mal a ninguém, mas Deus, na sua sabedoria infinita, sabe o que faz, e a nós, míseros mortais, cumpre acatar, sem revoltas e sem blasfêmias, a trajetória, suave ou áspera, que Ele nos traçou na terra.

Paz à sua alma de sofredor!

Rio de Janeiro, 30 de Agosto de 1935.

Data : 31/08/1935

Título : 114 UMA TRAGÉDIA

Categoria: Memórias

Descrição: Por ocasião do primeiro parto, foi acometida de um gravíssimo ataque de eclampsia, que, por um triz, quase, a levou à morte.

## UMA TRAGÉDIA

Um primo meu, rapaz de esmerada educação, de gênio alegre e comunicativo, descendente de respeitável família de Passo Fundo, contraiu matrimônio, em 1910, com distinta senhorita, residente no povoado de Pinheiro Marcado, atualmente parte do município de Carazinho. A lua de mel e os primeiros meses decorreram-se na maior felicidade: “o latão, quando está novo, escreve Heitor Moniz, brilha tanto quanto o ouro”.

Por ocasião do primeiro parto, foi acometida de um gravíssimo ataque de eclampsia, que, por um triz, quase, a levou à morte.

Consegui, no entretanto, salvar mãe e filho.

No fim de 6 meses depois do parto, o marido me procurou para referir que sua esposa, tão apavorada ficara, que não mais queria permitir o ato carnal de amor, com medo de uma segunda gravidez e, nesse sentido, a sua recusa era definitiva. Dei-lhe uma série de conselhos: imediata e abundante lavagem vaginal com antisépticos, uso de camisa de Vênus, pessários de borracha [aneis], preparados com Iteymol e quinino, mas tudo foi baldado... a negativa era formal, terminante, implacável... jamais condescenderia. Iniciou-se então a tragédia conjugal, que foi até à ameaça, que só serviu para aumentar o mal.

Estavam os acontecimentos nesse pé, quando o menino faleceu em consequência de meningite aguda.

Diante do desastre maior, a luta serenou um pouco, para, logo depois, recrudescer mais ativa.

Lembrei então a intervenção de velhas e respeitáveis senhoras amigas, cujos conselhos foram repelidos com indignação e com rude franqueza.

Já um ano fazia, e o pobre moço andava desesperado, tanto mais quanto amava loucamente à jovem e linda esposa, e a sua negativa mais o excitava. Perdida toda a esperança, esgotado o último recurso, em profunda desilusão, resolveu procurar uma válvula de descarga, quebrando, desse modo e contra sua vontade, a decantada fidelidade conjugal.

Afastado do meio, receioso de ser visto em lugares suspeitos, e, principalmente, receioso de ser contaminado por doença venérea, procurou um outro primo seu para encaminhá-lo nessa estrada, que bem desconhecia. Este, solteiro, pirata e cavador, lembrou-lhe uma mulherzinha, que andava fazendo certos favores, na ausência do marido em viagem por S. Catarina e Paraná, e tudo, entre os três, ficou devidamente combinado.

Apesar de “reservada” essa mulher era uma depravada, uma libertina, uma devassa: em pouco tempo, conseguira fama e direito à “rainha” do mais baixo lupanar [casa de tolerância].

À hora marcada, 8 da noite, lá se foi o meu parente.

Aconteceu, porém, que o marido traído soubera do mau procedimento da companheira, e chegara, pouco antes à cidade, escondendo-se nos fundos da casa, para da infâmia verificar-se com os seus próprios olhos.

Nisto bateu à porta, a mulher atende incontinenti e, quando no corredor, já aos beijos, surge aquele, de inopino.

Estalou o escândalo, desabou a tempestade... a casadinha, espavorida, corre para um lado, e o outro para o meio da rua, sendo-lhe disparados quatro tiros que, apesar da escuridão da noite, acertaram todos: um, na região umeral superior esquerda, com fratura óssea; outro, na massa muscular de uma das pernas; o terceiro, semelhante ao primeiro, no outro braço, sem fratura e o último, na altura da 4ª vértebra lombar, saindo na fossa ilíaca esquerda.

Todos os tiros, de revólver calibre 38, foram dados pelas costas.

Feito isso, o criminoso, calmamente, montou a cavalo, fugindo, e dele nunca mais se teve exata notícia: consta que reside em Mato Grosso. O ferido, em péssimas condições gerais, foi operado por mim e pelos Drs. Alcides Pereira e José Maria Gomes, na sua própria residência particular, por isso que, nesse tempo, não havia hospital.

O baleado, em visível estado de perturbação pelo bruto e inesperado fato e semi-inconsciente pela abundante perda de sangue, contou tudo, na presença da família e de curiosos, culpando a esposa, que, pálida, de joelhos e em lágrimas, suplicava, de mãos postas, perdão do seu procedimento... e as cenas mais comoventes tiveram lugar...

À 1 hora, a operação estava terminada: lembro-me que suturamos oito alças intestinais perfuradas e que, da cavidade peritonial, retiramos uma *Ascaris lumbricoides*, que ali penetrara por alguma daquelas aberturas. Escolheram-me para passar à noite, atendendo ao enfermo.

Às 4, deixando, à cabeceira, uma sua irmã e esposa, sai um momento para tomar uma xícara de café. Ouvei, logo após, um estampido, e corri ao quarto.

Que se passara?

O enfermo pedira, insistente, à sua irmã que se retirasse um instante, pois precisava ter uma explicação íntima com a mulher. Aquela o fez, mas ficou, à porta espiando. De tal percebendo, mandou-a fechar e, nesse momento, fazendo esforço supremo, sacou um revólver, também 38, debaixo do colchão e, rapidamente meteu-o na boca, dando ao gatilho: o projétil penetrou na abóbada palatina e saiu no alto da região fronto-occipital esquerda, enchendo a guarda da cama de massa encefálica...

Morreu dentro de poucos minutos. O quadro de dor pungente é indescritível...

Cinco balaços, e todos com orifício de saída!...

Assim, de modo tão violento e tão desastrado, pelo suicídio, terminou os seus dias, o meu querido parente, cuja memória evoco com respeito e com saudades.

Eu tinha a convicção de que: “o suicídio é a suprema ofensa a Deus. Não sei de nada que lhe seja comparável: nem a blasfêmia, que eu suponho à suprema ofensa à razão: nem o fratricídio, que eu acredito a suprema ofensa à humanidade, nem o matricídio que eu presumo a suprema ofensa à Natureza...” mas Deus, cuja bondade e misericórdia são inesgotáveis, em face das deridentes e especialíssimas condições, ocasionais e determinantes, por certo, já o perdoou...

Pouco me resta agora a dizer para finalizar as considerações, que me permiti fazer acerca dessa impressionante tragédia.

A viúva, liquidados os seus interesses comerciais, retirou-se, no fim de algum tempo, para a casa de seus pais.

O mundo, é certo, dá muitas voltas imprevistas e, parece incrível, a viúva, teimosa rebelada dos deveres conjugais, casou-se, três anos depois, com um ilustre médico italiano! Vivem, ao que parece, muito felizes... mas não tem filhos...

Seguidamente, quando os vejo juntinhos, sorridentes, todo enamorados, ocorre-me à memória esta pergunta terrível e maldosa:

- Como se arranjará o colega?

Só ele mesmo será capaz de respondê-la... e ponho-me então a filosofar sobre a intrincada psicologia feminina.

A mulher, em última análise, sempre foi, é e será, eternamente, um indecifrável enigma pitoresco...

Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1935.

Data : 01/09/1935

Título : 115 ADVOGADO À MUQUE

Categoria: Memórias

Descrição: Mande vir da minha biblioteca alguns livros de medicina legal, e pedi a um advogado que me desse o artigo de Código Penal sobre perturbação de sentidos.

## ADVOGADO À MUQUE

No tempo em que era promotor público da comarca de Passo Fundo, o Dr. Inocencio Borges da Rosa, atual desembargador do Superior Tribunal do Estado do Rio Grande do Sul, foi, um dia, por acaso, assistir a uma seção de júri, presidida pelo Dr. Guarita, também hoje desembargador.

O réu era um pobre homem que, em um velório, pela madrugada, estando, como de costume, muito alcoolizado, disparou, a esmo, um tiro de revólver, no interior de um comprido corredor muito escuro, indo matar, no fundo, um seu amigo e companheiro de farras e de bebedeiras.

Não tinha advogado de defesa.

Convidados alguns profissionais presentes, todos escusaram-se, e então o Dr. Guarita me dirigiu um apelo para que aceitasse a defesa daquele miserável.

Conhecedor de toda a família do réu, objeto, certa vez, de observação minha, e levado por sentimento de humana piedade, acedi ao convite.

Do crime, já tinha conhecimento, porque ele se dera, exatamente, em uma noite em que estava com o Ruy gravemente enfermo, e, por isso, não pudera ir atender ao ferido, que morreu logo depois.

Mandei vir da minha biblioteca alguns livros de medicina legal, e pedi a um advogado que me desse o artigo de Código Penal sobre perturbação de sentidos.

O promotor desenvolveu cerrada e forte acusação.

Joguei, depois de comentar algumas peças do processo, e de considerações gerais, toda a minha maior argumentação sobre o alcoolismo, em face do crime, baseado nas brilhantes lições de Souza Lima, Vieira Lopes e Vibert.

Falei cerca de uma hora.

O réu foi, por unanimidade de votos, absolvido, e o promotor não apelou, sendo, portanto, solto depois dos cinco dias regulamentares.

Eis aqui um fato interessante, e que, a propósito, narrei no juri: a mãe desse criminoso contraiu matrimônio com um ébrio inveterado, que, de tanto se entregar ao vício, estourou por uma dupla lesão de coração e de fígado, e todos os seus cinco filhos vivos eram degenerados: um surdo mudo; outro surdo mudo e louco; uma, cretina e papuda; outra, microcéfala e paralítica e o réu, borracho contumaz, desordeiro e criminoso. Pudera! Árvore torta só pode dar sombra torta; querer o contrário é querer o absurdo. Aquela senhora casou, em segundas núpcias, com um tipo sadio e normal, e sadios e normais são os últimos descendentes do casal, o que vem, mais uma vez, demonstrar a ação nefasta do álcool sobre a prole...

O meu “constituente” levou uma grande esfrega e tremenda lição...

Mais tarde, ao par de muitos conselhos, fiz-lhe algumas injeções de soro anti-alcoólico e regenerou-se: nunca mais bebeu, e lá vive ainda, pobre e dignamente, trabalhando pelo pão nosso de cada dia.

Rio de Janeiro, 1º de Setembro de 1935.

Data : 02/09/1935

Título : 116 ESPERTALHÃO

Categoria: Memórias

Descrição: Tratava-se de um caso de febre tifóide, que, em um mês, já lhe matara 2 filhos.

ESPERTALHÃO



Rosso Lago é um agricultor italiano, que, há muito, vive em Passo Fundo, no lugar denominado Paiol das Telhas, distante 6 quilômetros da cidade, e chefe de numerosa família. Uma vez, veio me chamar para atender a uma sua filha.

Tratava-se de um caso de febre tifoide, que, em um mês, já lhe matara 2 filhos.

A moça agonizava: vitimou-a uma hemorragia intestinal.

Procedi a um exame geral na casa e vizinhanças. Havia ali uma imensa falta de higiene: nos porões altos da casa, aliás hábito muito comum dos colonos italianos, dormiam galinhas, vacas e cachorros; a água, de que se serviam para beber, era de um riacho, que tinha bem perto, poucos metros, uma latrina de fossa fixa e, um imundo chiqueiro de porcos, e, a respeito, fiz-lhes ver do constante perigo que os ameaçava. O agricultor italiano é grande trabalhador, mas nas suas casas e até mesmo no seu modo de vestir, é grande descuidado, o que contrasta flagrantemente com o alemão, que é, em geral, muito asseado e tem o prazer de morar em bom prédio, bem caiado e todo de janelas envidraçadas: na habitação do alemão ou seu descendente a limpeza é uma verdade. Existem, não nego, exceção de lado a lado, mas a regra geral é aquela. Tive oportunidade de, em Não Me Toque, almoçar com o meu dileto amigo Coronel Antonio Augusto Graeff, a convite especial, na casa de Xenophonte Viccari, e toda a comida nos foi servida em... bacias.

Fechado em pequeno parênteses, e voltando ao caso em referência, aconselhei que só tomassem água fervida, assim como verduras. Receitei anti-sépticos para desinfecção, e vacinei todos os da casa e vizinhos e determinei outras providências, no sentido de serem removidas aquelas imundícies.

Por tudo isso, algum tempo depois, mandei-lhe uma módica conta de 100\$000N.

Uma semana mais tarde, apareceu-me o Rosso Lago; vinha me pagar, e deu-me uma nota de 10\$000N, com o que não estive de acordo, chamando sua atenção para o engano. Mostrou-me então a conta: lá estava, de fato, 10\$000N, mas o zero do lado esquerdo do cifrão fora escandalosamente raspado, e tão grosseiro era o truque, que quase chegaram a rasgar o papel.

Num misto de indignação, nojo e revolta, energicamente assim lhe falei:

- Olha, seu gringo, você é um porcalhão; meta já esse dinheiro no bolso e vá embora; você não me deve nada, mas raspe-se da minha presença...

Rápido, rodou nos calcanhares.

- Então, muito obrigado, Dr., ... e contente, esfregando as mãos, lá se foi o sujo espertalhão.

Rio de Janeiro, 2 de Setembro de 1935.

Data : 03/09/1935

Título : 117 SERRANO VELHO

Categoria: Memórias

Descrição: Não havia uma só testemunha, e nem o mais leve indício de suspeita. O mascate não tinha, naquelas paragens, um só desafeto, quanto mais um inimigo.

## SERRANO VELHO

Deu-se, no Tope, 5º distrito municipal de Passo Fundo, em 1931, um bárbaro crime: foi morto, e saqueado, um árabe do comércio ambulante, em uma picada, sendo o seu corpo arrastado para o mato e encontrado por um menino, horas depois.

Qual o criminoso?

Não havia uma só testemunha, e nem o mais leve indício de suspeita. O mascate não tinha, naquelas paragens, um só desafeto, quanto mais um inimigo.

Rodeando o corpo estavam alguns curiosos, quando chegaram as autoridades policiais, para auto de corpo de delito e demais diligências necessárias. Entre eles, veio um caboclo muito meu amigo, Rufino Pereira dos Santos, que o quanto tem de bom e de digno tem de inculto e de atrasado: é quase analfabeto e basta dizer que não escreve o seu próprio nome, apenas desenha-o.

Faziam-se os mais desencontrados comentários a propósito do crime, quando depois de caminhar e de observar nas imediações, assim falou o velho serrano:

- Escute, “seu” delegado, o criminoso esteve muito tempo aqui à espera da vítima; o seu cavalo é de estrebaria, patudo, zaino, culhudo e trazia um pelego branco.

A surpresa foi grande e geral, principalmente da autoridade que, espantada, perguntou-lhe então:

- Como é que você sabe de tudo isso?

- É muito simples e não há nada mais fácil; o Sr. venha cá e eu lhe explicarei... está aqui: veja no chão uma porção de pontas de cigarros e isso tudo não se fuma em um momento: repare para o esterco e só obra assim cavalo de trato; observe agora, no chão escavado, as marcas da pata do animal; mire a crina zaina que deixou na árvore quando se roçou e fioa do pelego branco em alguns ramos secos, e olhe, por fim, a mesma árvore, toda roída a casca, e isso só faz o animal feroso e “inteiro”...

Todos estavam boquiabertos... as observações do caboclo, passadas despercebidas, eram verdadeiras. De fato, nada mais fácil, como o ovo de Colombo.

Pois bem, tudo isso foi o ponto de partida do inquérito, e de investigação em investigação, chegou-se a descobrir o criminoso, um rapaz jovem, da família Aguirre, que apesar de formal e teimosa negativa, confessou afinal a autoria do crime, mas só o fazendo depois da sentença condenatória de 15 anos e confirmando, com todos os por menores, as exatas previsões do serrano velho.

Rio de Janeiro, 3 de Setembro de 1935.

Data : 03/09/1935

Título : 118 UM GUIA

Categoria: Memórias

Descrição: Dedicou-se ao estudo do espiritismo, e, nesse sentido, era um convicto, um sincero e um dedicado.

## UM GUIA

Era estabelecido, em Passo Fundo, com a barbearia denominada Yogui, o meu amigo Hector Cabrera, uruguaio, de pequena estatura, com cerca de 40 anos e muito calvo, para, mais uma vez, provar a verdade do brocardo: em casa de ferreiro, espeto de pau.

Seu passado era um tanto quanto escuro e duvidoso, e ele mesmo, mais tarde, completamente regenerado, não o negava, confessando-se arrependido de suas asneiras e loucuras de moço. Casou-se com uma viúva rica e, por incompatibilidade de gênio, em poucos meses de convívio, requereu desquite amigável, desistindo de qualquer bem que lhe pudesse tocar!

Tinha boa inteligência, esperto e muita leitura.

Dedicou-se ao estudo do espiritismo, e, nesse sentido, era um convicto, um sincero e um dedicado.

De vez em quando, ia ao seu estabelecimento cortar o cabelo e barbear-me e, a respeito do além túmulo, trocávamos ideias.

Como eu gostasse muito de ouvi-lo, por não ser um explorador e ser um crente sensato, fazia-me verdadeiras preleções espíritas, algumas bem interessantes.

De regresso e uma longa viagem, que fiz ao Rio em 1930, procurou-me, desde logo, para contar uma comunicação que recebera do invisível:

- O Sr. tem um guia espiritual médico, que sempre lhe está presente e o acompanha à cabeceira dos seus doentes, orientando-o em sua clínica, e é por isso que o Sr. é muito feliz na profissão que exerce. Trata-se do adiantado espírito do Dr. Raul Pinto Bandeira, médico de notável competência e que, muito jovem, desencarnou em São Paulo, já há alguns anos.

Tomei bem atenção de suas palavras e do nome do colega ilustre.

Nunca me dediquei ao conhecimento do espiritismo, e respeito-o como crença religiosa e quando exercido com elevação e desinteresse.

A verdade é que, e não oculto, centenas de vezes, ao penetrar num lar ou num hospital, no nobre exercício da medicina, evoco, com admiração, a memória de Raul Pinto Bandeira... e, não nego, tenho sido mesmo muito feliz.

Cabrera já também, em 1932, desencarnou: por ele e pelo meu guia, uma prece.

Rio de Janeiro, 3 de Setembro de 1935.

Data : 04/09/1935

Título : 119 AMIGO DESCONHECIDO

Categoria: Memórias

Descrição: Na sua fisionomia simpática, pareceu-me ver muita bondade e muito sofrimento.

#### Amigo desconhecido

Por um dia de intenso calor, à 1 hora da tarde, o meu automóvel corria, com regular velocidade, em demanda de Carazinho, onde eu ia a chamado médico do Coronel Alberto Graeff, quando, logo depois da estação de Putador, percebi, ainda longe, um homem que seguia, à pé, pela estrada. Diminuindo a marcha, procurei observá-lo.

Afastou-se, respeitoso, do caminho, e, em sua frente, parei o carro. Era um tipo alto, magro, moreno, de barbas pretas, de 35 anos mais ou menos, muito mal trajado, trazendo, como única bagagem, um roto par de sapatos, atados a ponta de um pau, ao ombro.

Na sua fisionomia simpática, pareceu-me ver muita bondade e muito sofrimento.

Falei-lhe, e, apesar das observações de chauffeur, meu compadre Agostinho Cruz, que me dizia baixinho: - o Sr. ainda se arrepende de conduzir homens estranhos, e lembre-se do que, há pouco, aconteceu com o Coronel Gabriel Terra, mandei-o entrar. De fato, esse fazendeiro teve, em Santiago do Boqueirão, um procedimento igual ao meu, e foi morto, no próprio auto, por aquele seu protegido, com um tiro na nuca.

Há benefícios tão grandes, costumava dizer madame de Staël, que só a ingratidão os pode pagar.

Era espanhol de origem, filho de Barcelona; vivia em Buenos Aires; fora a S. Paulo à procura de emprego; esgotado, inutilmente, o seu último vintem, vinha à pé, com destino à Capital Argentina, passando fome e dormindo ao relento.

Ha mais de 24 horas que não se alimentava, e só o fazia por esmola de alguma alma caridosa.

Mostrou-me, em uma inchada caderneta, pequena fotografia de sua esposa e dois filhinhos e, beijando-a, pelos seus olhos cansados e saudosos correram abundantes lágrimas.

Chegamos ao ponto do destino, e antes de atender ao enfermo, deixei o companheiro de viagem, por quem já me afeiçoara, no Hotel dos Viajantes, onde lhe mandei fornecer farto almoço e uma garrafa de bom vinho nacional.

À tarde, comprei-lhe uma passagem de segunda classe pelo primeiro trem, para Uruguaiana; paguei, no hotel, cama, alimento e quarto até o dia seguinte, e ainda lhe forneci 20\$000N, em dinheiro, para despesas de comida.

O meu compadre Agostinho também lhe deu 5\$000N.

O amigo desconhecido escreveu, com boa letra, o meu nome no verso do retrato postal... foi incansável em expressar os seus maiores e melhores agradecimentos, e lembro-me bem da seguinte passagem:

- Deus é bom; Deus me protegeu hoje, dia de Natal; o seu encontro foi o meu único presente de festas; serei sempre seu amigo; nunca me esquecerei do Sr.; hei de lhe escrever de Buenos Aires... ... e parti, deixando-o, triste e pálido, a acenar-me com a sua mão calorosa e suja.

Era, de fato, 25 de Dezembro de 1931, e senti-me alegre e satisfeito com a minha consciência pelo bem que fizera.

Recebi, mais tarde, uma sua carta, e outra com data do primeiro aniversário de nossa viagem... e nunca mais.

Rio de Janeiro, 4 de Setembro de 1935.

Data : 05/09/1935

Título : 120 A CIGANA

Categoria: Memórias

Descrição: Início o 3º volume das minhas obscuras conquistas, para que elas não repousem eternamente no pó do esquecimento...

## A CIGANA

Início o 3º volume das minhas obscuras conquistas, para que elas não repousem eternamente no pó do esquecimento, exatamente no dia 5 de Setembro, data, para mim, duplamente memorável, porque nesse dia, em 1909, nasceu a minha adorada Maria, e, em 1932, “l’année terrible” sofri estúpido ataque à liberdade de pensamento e de ação, sendo recolhido ao cárcere,

o qual, do lodo infecto que atravessávamos, nem sequer salpicou a alvura imaculada da minha dignidade, quer pública, quer privada: honra aos homens de bem, de altivez e de brio, que não se curvaram aos ridículos potentados de uma época triste e miserável, em que a traição campeava no Rio Grande do Sul!

Na minha existência de 53 anos, só tenho me genuflexado perante Deus e perante o túmulo de meus Pais.

Agora, daqui, querida filha, da “cidade maravilhosa”: Copacabana, Leblon, Ipanema, Corcovado, Pão de Açúcar, Juá, Tijuca, Silvestre, Paineiras, Baía de Guanabara, Paquetá, Lagoa Rodrigo de Freitas, Quinta da Boa Vista, Avenida Central, Cinelândia, Botafogo, Flamengo, Glória, Estrada Rio Petrópolis, rota de São Paulo e tantas outras expressivas belezas, envio-te com saudoso abraço, meu beijo de amor e de felicidades.

Escritas essas palavras, à guiza de prefácio, passo à “Nota” de hoje, intitulada “A cigana”.

No dia 20 de Setembro de 1930, estava eu à porta do meu consultório, a espera de um automóvel para me conduzir à casa do Coronel Marcos Bandeira, em Águas Santas, onde ia ultimar com ele o plano de ataque ao 8º R. I., em 3 de Outubro, quando uma cigana, linda e suja, dentro das suas vestes largas e de cores variegadas, ainda jovem, de um bando chegado na véspera, parou-se em minha frente e quis tirar-me a sorte.

Em tom seco e áspero, preocupado com a enorme responsabilidade do golpe revolucionário, mandei-a embora.

Fez uma segunda tentativa, novamente repelida, e parou-se à esquina, com aspecto de certa tristeza, olhando-me de soslaio.

Pela primeira vez, nesse sentido, a curiosidade aguçou-me o espírito, e, vendo que na rua não havia ninguém, fiz-la entrar na pequena sala de espera.

Essa mulher nunca me vira, nem poderia saber meu nome, e, se o soubesse, não ligá-lo-ia à pessoa, por isso que eu estava de capa, de botas e de chapéu grande.

Ali mesmo, examinou-me atentamente os olhos e as mãos, e sem que eu, por todo o tempo, lhe abrisse a boca na pronúncia de uma só palavra, assim falou a “Gitana”:

- Simpatizei muito consigo, vou tirar a sua sorte, e não lhe cobro nada. O Sr. é educado e instruído. Sua infância foi muito triste; sofreu grandes desgostos e passou por grandes dificuldades, mas venceu. É casado. Tem 2 filhos. Em 1933, vai fazer uma longa e demorada viagem, talvez para fora do País. O Sr. tem aqui muitos amigos de berço, mas os de coração são em menor número. Não lhe fazem mal, porque não podem. Mas aguardam oportunidade. O seu maior inimigo é um que se finge de amigo: um homem moreno, um pouco calvo e defeituoso, mas não se preocupe muito, porque ele morre logo. O Sr. já teve fortuna, botou-a fora, porque é um mão aberta, mas vai morrer muito rico. Guarde esse talismã... e deu-me uma pedrinha... e calou-se...

O meu estado era de surpresa e de admiração.

Só por muita insistência, aceitou cinco mil réis.

Andei a conjecturar em tudo aquilo por muito tempo, e no dia imediato à sorte, contei toda aquela história, com pormenores, aos meus amigos Ruy Vergueiro, Henrique Scarpellini Ghezzi e Pupe Loureiro, que poderão atestar a veracidade.

Do meu passado, tudo era verdade, e do futuro só faltavam a viagem. A morte do amigo falso e a fortuna.

A viagem realizou-se exatamente no ano prefixado, quando estive exilado na Argentina; em relação à segunda parte, afirmo que pela descrição do homem, veio-me imediatamente à lembrança a pessoa do Cel. Edmundo Dalmacio de Oliveira, pois que, há muito, já vinha compreendendo a sua deslealdade para comigo, e o falecimento dele, no dia 20 de setembro de 1931, exatamente um ano depois, confirmou cabalmente a previsão da “zingara”.

Só falta a fortuna... Aguardemo-la.

Rio de Janeiro, 5 de Setembro de 1935.

Data : 06/09/1935

Título : 121 TRÊS RUSSOS

Categoria: Memórias

Descrição: No auto do negrinho Netto, em Abril de 1931, saí, às 3 horas da tarde, para Boa Vista do Erechim, a fim de ali atender à esposa do meu compadre Antoninho Weber, gravemente enferma e que, dias depois, veio a falecer.

### TRÊS RUSSOS

No auto do negrinho Netto, em Abril de 1931, saí, às 3 horas da tarde, para Boa Vista do Erechim, a fim de ali atender à esposa do meu compadre Antoninho Weber, gravemente enferma e que, dias depois, veio a falecer.

Pouco antes das cinco, distante um quilômetro do Desvio Araújo, quando começávamos a descer uma coxilha, de estrada péssima, divisei, no chato, em baixo, três tipos maltrapilhos, que caminhavam ombro a ombro.

Aperceberam-se do auto e, correndo, estenderam linha, de 15 a 20 metros de afastamento um do outro. Notei a manobra suspeita, tirei o meu 38 do coldre, coloquei-o entre pernas e chamei toda a atenção do chauffer. Eu viajava ao lado direito deste, e atrás vinha o meu empregado Cacildo, que ouviu o aviso, sacando também a sua arma.

O veículo marchava lentamente: passei pelo primeiro, que trazia às costas um saco seguro com a mão esquerda e na direita, um reforçado pedaço de madeira. Ao cruzar pelo segundo, este parou-se na frente do carro, pedindo que parasse, o que mandei fazer, continuando, porém, o motor a trabalhar.

Falando um péssimo espanhol, o indivíduo dirigiu-se para o lado do chauffer e disse que tinha um papel para me mostrar. Estava bem atento a todos os seus movimentos, e, ao levar a mão ao

bolso interno do seu casaco de brim, ali percebi o cabo de uma Browning. Não esperei mais nada e, rápido, apontei-lhe o 38, em decisiva atitude:

- Mãos para o alto, senão morre... o que imediatamente obedeceu.

Nesse ínterim, Cacildo avisa-me que o homem, que ficara para trás, largara a trouxa e vinha em nossa direção, de modo agressivo.

Sem me afastar da mira, ordenei com energia:

- Calce-o no revólver, se der mais um passo, atire-o.

O que estava na frente, em face dessa reação violenta, correu para o mato, e assim seguimos, o carro em marcha cada vez maior, até perdê-los de vista e da mira.

Era clara a tentativa de assalto, cujo móvel necessariamente era o roubo, e, se não fossem a nossa presteza e energia, seríamos fatalmente mortos ou feridos.

Regressamos à cidade à meia noite, e por toda a estrada nada vimos de anormal.

Nessa mesma hora, comuniquei o atentado à polícia, a quem pedi providências.

O sub-chefe da região, simulando interesse e zelo, fez seguir, muito cedo, um caminhão com soldados, que, na estação de Coxilha, prenderam os assaltantes.

Eram três russos, já corridos de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

À tarde, informou-me aquela autoridade não haver encontrado neles nenhuma arma de fogo, apenas três facas comuns.

À alta noite, estive em minha moradia o sargento Hilário para referir-me ter o sub-chefe me mentido, pois no russo menor, o mesmo que falara comigo, tinha em seu poder um revólver Browning, e que os presos haviam sido soltos, não sendo apreendida a arma em referência.

Não me importei com isso, assinalei o fato e tomei as medidas particulares que julguei precisas para a minha defesa.

O acontecimento teve larga repercussão, e os principais jornais do Estado o noticiaram.

Gil Kurtz Barbosa, bodegueiro sem escrúpulos, irmão de Samorim, o cruel e bárbaro matador da senhora Frydberg, acolheu os três “inocentes” em sua residência, apresentando-os como vítimas de minha perseguição.

Na primeira 4ª feira, que era da semana santa, estando um seu empregado já deitado, ouviu quando os “pobrezinhos” no quarto próximo, planejavam, para a madrugada de 5ª para 6ª, a morte de Gil e, cautelosamente, saiu, comunicando-lhe e à polícia. Somente depois disso, o “zeloso” sub-chefe resolveu expulsar os estrangeiros.

Essa autoridade era o Tte. Cel. Edmundo Dalmacio de Oliveira, que se dizia muito meu amigo... Bem razão tinha a cigana.

Dorme, há quase quatro anos, no seio da minha terra amada aquele que nunca compreendeu a sinceridade de minha afeição, e, à sombra da qual, viveu, subiu e galgou posições.

Eu, no entanto, o perdôo do mal que, tantas vezes, contra mim tentou... a revolta da criatura contra o criador é história bem antiga, e muito conhecida é também a de cuspir no prato em que se comeu...

Rio de Janeiro, 6 de Setembro de 1935



Data : 07/09/1935

Título : 122 SAUDOSO AMIGO

Categoria: Memórias

Descrição: Um dos grandes amigos que tive, desde a meninice, rico de sonhos áureos e de lindas esperanças, foi Afonso Gabriel de Oliveira Lima.

## SAUDOSO AMIGO

Um dos grandes amigos que tive, desde a meninice, rico de sonhos áureos e de lindas esperanças, foi Afonso Gabriel de Oliveira Lima.

Éramos, nas férias acadêmicas, inseparáveis companheiros de bailes e de passeios.

Exercia o cargo de escrivão do civil e crime, em Passo Fundo, e por questões políticas, por motivo de uma certidão falsa fornecida por um seu irmão, que aspirava o emprego, foi preso pelo Dr. João Coelho Cavalcante, então juiz de comarca: ou morria ou pedia demissão, foram as pontas do dilema que lhe foi imposto por aquele juiz, com poderes especiais concedidos pelo Dr. Julio Prates de Castilhos para agir contra o Coronel Gervásio Lucas Annes e seus correligionários.

Depois de viva relutância, e instado por sua velha mãe, resolveu exonerar-se, e datou o seu requerimento da cadeia Municipal, isso em 1903.

João Coelho Cavalcante, juiz, poeta de renome, literato de conceito, polemista audaz, panfletário vermelho, correndo da sua pena pus e ódio nas páginas das “Pontas de Fogo”, cometeu, por onde passou no Rio Grande do Sul, uma série, não pequena, de desatinos... Processado e preso, em viagem da fronteira para Santa Maria, fugiu do trem em marcha... Ainda vive e está, hoje, recolhido a um manicômio aqui do Rio de Janeiro.

Tendo eu fixado residência, logo depois de formado, em Passo Fundo, as nossas velhas relações de amizade, tornaram-se cada vez maiores, e, em 1909, consegui, com o presidente do Estado, Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, a sua reintegração no cartório.

Era um funcionário inteligente, trabalhador e honesto, com ótima caligrafia, o que é raro nesta classe, como também na de médico: eu, no entanto, se não tenho uma bonita letra, escrevo bem legível.

Mais tarde, demitiu-se, para ser nomeado delegado de polícia.

Afonso era um dos meus companheiros de corridas de cavalo: o Ypiranga, que estava em minha coudelaria, pertencia-lhe. Em três anos, que me dediquei a esse esporte, corri 9 carreiras, das quais ganhei 8 e empatei 1. Pois bem, mesmo assim perdi dinheiro, e não pouco, porque as despesas eram enormes com 5 cavalos, compositor, peões, etc. e as paradas de jogo relativamente pequenas.

O meu amigo, de gênio alegre, era um dos homens a quem se pode dar o título de valente, o que, muitas vezes, largamente comprovou.

Gaúcho autêntico, montava a cavalo, a rigor: dei-lhe de presente, um lindo zaino  $\frac{1}{2}$  sangue, por nome Biguá.

Quando mocinho teve uma grande paixão por uma minha prima e, sendo repellido no seu amor, me declarou que morreria solteiro, o que de fato aconteceu.

Era um exímio jogador de bilhar e, naquela terra, não havia quem lhe ganhasse.

Uma vez, em viagem que fizemos ao Passo da Areia para ver os parreiros, notei que tossia muito e, a respeito lhe falei.

No dia seguinte, em consultório, o examinei: estava com tuberculose pulmonar, em período inicial.

Deve-se ou não prevenir o enfermo?

Esse assunto tem sido, por demais, debatido, e é aconselhável o aviso tão somente nos casos em começo.

Resolvi, com certo cuidado, preveni-lo para tratar-se, pois, fazendo medicação conveniente e regime necessário, ainda poderia salvar-se.

Saiu-me o trunfo às avessas: desprezou os meus conselhos e zangou-se seriamente. Não houve advertência da família e de outros que lhe servisse: afastou-se do seu amigo e do seu médico.

Lembro-me bem que, ao chegar, uma tarde, na copa do Clube Pinheiro Machado, encontrei-o a tomar chimarrão e imediatamente ofereceu um. Com delicadeza, sob o pretexto de haver, há pouco, tomado leite, não o aceitei. Foi esse o motivo, porque cortou relações comigo.

Soube, por intermédio de Dario Machado da Silva, encarregado do serviço interno do Clube, que, ao me retirar, ele explodiu, furioso, em improperios como este: “Este sujeito não quis tomar mate comigo, porque pensa que eu sou um tuberculoso. Está enganado. Ainda ei de apanhar laranja com a cancela dele”.

O seu mal progrediu rapidamente, tanto mais quanto atirou-se a uma vida desregrada, passando noites e noites no jogo, a tossir, escarrando sangue.

Comumente expectorava no chão, e zangava-se, de sério, quando lhe indicavam a escarradeira. O tuberculoso é, em geral, egoísta e mau: julgando não poder curar-se, procura espalhar o mal, e essa observação é antiga.

O seu único tratamento consistia em xarope Pautauger, creosoto em alta dose, e conhaque, para aliviar a tosse, como dizia.

Com semelhante regime, ia cada vez a pior. O seu estado, que causara-me imensa piedade, pois continuava a ser seu amigo, era já desesperador, quando, uma, madrugada, mandou me chamar.

Fui, eu próprio, testemunha dos seus últimos instantes, e, em esforço supremo assim falou:

- Você, meu amigo, vai perdoar a este feio moribundo. Não lhe quis acreditar, e agora vejo que tinha razão. Os seus conselhos eram só para o meu bem. Não me queira mal. Estou mal, muito mal, não aguento mais, não posso mais... Estava só a sua espera para morrer... E, como nunca mentiu, morreu numa golfada da sangue.

Pobre Afonso!

Estava feio mesmo: de cabelo raspado, os tinha grandes e bem cuidados, o seu rosto era uma caveira, somente coberta de pele, com dois olhos no fundo das órbitas...

Estou convencido, e fortemente, saudoso amigo, de que, na terra, só deixaste um amigo verdadeiro: eu, e mais ninguém, e, até hoje, deploro e sinto o teu desaparecimento, e ainda vejo, no horizonte do passado, como preciosa relíquia, a silhueta galharda e garbosa do meu desventurado companheiro de passeios e de bailes...

Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1935

Data : 07/09/1935

Título : 123 UMA MULHER INFELIZ

Categoria: Memórias

Descrição: Eu não participo da opinião de Talleyrand, que astuciosamente entendia ser a palavra um dom feito aos homens, não para a expressão de seus pensamentos, mas para ocultá-los.

Uma mulher infeliz

Eu não participo da opinião de Talleyrand, que astuciosamente entendia ser a palavra um dom feito aos homens, não para a expressão de seus pensamentos, mas para ocultá-los. Em todas as “Notas” sem cuidar de estilo apurado, vazei meu pensamento em palavras claras, límpidas e sem rebuscos, com a preocupação apenas da verdade na constatação dos fatos, alguns pilhéricos, outros tristes e outros escabrosos.

O de hoje, em qualquer das duas últimas categorias, pode ser incluído.

Ao principiar o ano de 1920, apareceu-me, em Passo Fundo, com carta de recomendação do ilustre amigo Dr. Sérgio Ulrich de Oliveira, então residente em Uruguaiana, o Sr. Procoro Coelho Velasquez, que com semelhante cartão de visita, digno de todo meu apreço, mereceu-me especial atenção.

Fácil me foi conseguir sua nomeação para oficial de justiça, por isso que, naqueles dias, abri-se uma vaga, e, no exercício desse cargo, conserva-se até hoje.

Procoro sempre foi, e continuara a ser, um dedicado companheiro político, e com serviços tais que o torna, pela sua altivez e independência, merecedor da minha estima, não só nos períodos de paz como no revolucionário de 1923, e principalmente no negro tempo ditatorial em que, apesar de constantes ameaças, juntou-se com brio, conservando-se fiel aos princípios que sempre defendeu, e aos homens a quem sempre apoiou. Não traiu a sua fé e a sua opinião, como tantos outros que vivem à sombra da histórica figueira, faltando-lhes tão somente a coragem de Judas Iscariotis.

Até nisso são miseráveis!

O recomendado do Dr. Sérgio é um ardoroso correligionário e não perde, em suas contínuas excursões, pelo interior do município, em função do ofício, a oportunidade de fazer a sua propaganda política.

É inteligente, vivo, audaz e conversa bastante e bem, tanto que alguns, como eu, às vezes o chamam, por brincadeira, de Dr. Procoro.

Este, mais ou menos em 1925, amigou-se com uma mocinha, alta e morena, a D. Maria, a quem desvirginou, passando a viver maritalmente com ela.

Não é, no rigor da expressão, o que se pode chamar uma mulher bonita; tem, no entanto, um conjunto apreciável e harmonioso.

Tem 3 filhos, um dos quais é meu afilhado, e se lhes decorriam os dias e os anos muito felizes, até que a fatalidade lhes bateu às portas, e, nesse caso, não adianta querer fugir ou tentar evitá-la.

Em 1927, ao fazer, na cidade, uma penhora, em pequena casa comercial, por ordem do juiz competente, foi agredido violentamente e teve que matar o bodegueiro, sendo despronunciado por legítima defesa.

Em Janeiro de 1932, atendendo, ao escurecer, a um seu vizinho, dentista, cuja casa fora invadida por inimigos seus, e que gritava, em desespero, por socorro, travou conflito com os assaltantes, ficando gravemente ferido, e matando dois daqueles indivíduos.

Foi uma reprodução das cenas do “Far West”, rapto, em automóvel, de uma senhora casada, de acordo com ela e pelos seus próprios irmãos acapangados, que amordaçaram e feriram ao cunhado, fugindo, em seguida, depois de cerrado tiroteio, em direção à Soledade, onde enterraram os seus mortos: um negro e um irmão.

Por esse motivo, hospitalizou-se por mais de um ano, e submeteu-se a melindrosas intervenções cirúrgicas.

Quando eu estava no exílio, em 1933, na Argentina, foi acometido de moléstia pleuro pulmonar, que, novamente, o levou ao Hospital de Caridade, onde permaneceu cerca de quatro meses, tendo estado entre a vida e a morte.

Entre os seus amigos, que desvelavam-se, com dedicação, à sua cabeceira, estava o “Cato”, seu colega de profissão.

Em uma noite, de boa melhora, já às 2 horas, o doente pediu à mulher que fosse para casa dormir e cuidar das crianças, por isso que ele ia passar bem. Cato ofereceu-se então para conduzi-la em seu carro particular e, só a instâncias de Procoro, ela aceitou.

Ao chegarem, o moço pediu um copo de água e, ao servi-lo, foi de inopino, abraçada e beijada por ele. Repeliu-o com energia, disse-lhe alguns desaforos e correu para o interior, onde, a chorar, amanheceu.

Toda a cena foi vista por uma vizinha bisbilhoteira, que se acordara com o barulho do carro.

No dia imediato, o enfermo teve o seu maior transe, chegando mesmo a ser desenganado. Nessas circunstâncias, a infeliz nada quis comunicar ao amigo, pois seria fazê-lo piorar ainda mais. Conteve-se, guardou a sua amargura, sofreu calada a afronta, apesar da sua indignação: a sua nobreza de alma foi grande, assim como grande foi também a elevação de seu caráter.

Com o restabelecimento, continuou com o segredo, receando um desfecho fatal entre aqueles homens, ambos geniosos e valentes.

O atrevido sedutor nunca mais a molestou.

O caso parecia ter tido o seu ponto final, mas a vizinha, no entanto, deu de língua, e, passados muitos meses, o fato foi ao conhecimento do maior interessado.

O homem desesperou, perdeu o equilíbrio normal e teve um gesto de loucura: inquiriu a companheira, que tudo lhe expôs, com calma e verdade, e deu-lhe uma tremenda surra de chicote, atando-a, pelos braços e pernas, de pé, durante horas, no interior da garagem. Ao cair da noite, D. Maria, apesar de exausta, na mais justa das revoltas, recriminou o seu algoz.

Este, não mais homem, mas fera, não satisfeito, fez-la, amarrada, embarcar no próprio auto, levando-a para um mato, distante meia légua da cidade. Ai, atada a uma árvore, repetiu a dose do relho, esmurrando-a, pelo rosto e pelo tórax, à vontade.

Queria, exigia uma confissão, que a mísera não poderia, de modo algum, fazer, porque era uma vítima e uma inocente. Nesse miserável estado, trouxe-a para casa de um outro oficial de justiça, por nome Bernardino, a cuja mulher entregou aquela ruinaria.

Como seu estado se agravasse, fui chamado para atendê-la: era um montão de carnes machucadas, extensas e negras equimoses cobriam-lhe o corpo, todo edemaciado, os lábios e pálpebras enormemente inchados, os olhos eram uma poça de sangue, a cabeça fraturada, grande contusão no fígado, aumentado de volume e extremamente doloroso, vômitos, febre, pulso pequeno... Enfim num quadro grave, além de medonho e incrível.

Contou-me toda a sua tragédia; implorou a minha proteção; tinha medo das garras do malvado.

Por maior caiporismo estava grávida, e o aborto não se fez esperar.

Mandei-a conduzir para a maternidade da Dr<sup>a</sup> Nathalia Bonella, onde operei-a: teve uma tão grande hemorragia uterina que, se não fosse atendida com a presteza necessária, teria certamente morrido.

Conferenciei com Procoro, e, com a maior energia, o acusei pela sua selvageria, pelo seu banditismo, e durante mais de uma hora, ouviu calado todas as minhas recriminações, por vezes, ásperas e grosseiras, como se faziam precisas.

De cabeça baixa, não me disse uma só palavra, e chorou muito.

Custei a vencer a sua obstinação: depois falou... estava agitado, inquieto e a incerteza o atormentava.

O amor fê-lo perder o senso comum, e confessou o seu erro, arrependido, acreditando, afinal, na honra da mãe de seus filhos, e, na presença desta e de Dr<sup>a</sup> Nathalia, fi-lo pedir perdão e jurar pela sua honra que, em hipótese nenhuma, nunca mais tocaria nem sequer num fio de cabelo de D. Maria, a quem continuaria dispensar o mesmo amor e carinho.

A pobre mulher teve que se submeter: ama doidamente aos filhinhos e não tem, na vida, nem um irmão para protegê-la.

Quando saí de Passo Fundo, em maio deste ano, para aqui, ainda a deixei na maternidade em tratamento; dela não tive mais notícias... Coitada! Para aumentar toda a sua desgraça, toda a sua correia de martírio, apresenta no colo do útero, cofre do seu malfadado amor, uma úlcera de aspecto não benigno.

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1935

Data : 08/09/1935

Título : 124 PINGA É O QUE LHE FALTA

Categoria: Memórias

Descrição: Atendi numa certa tarde do verão de 1907, a uma senhora de cerca de 50 anos, atacada, de momento para outro, de delírio quase furioso.

Pinga é o que lhe falta

Atendi numa certa tarde do verão de 1907, a uma senhora de cerca de 50 anos, atacada, de momento para outro, de delírio quase furioso.

Entre as pessoas que estavam no quarto, encontrei os senhores Guilherme Morsch e Antonio José da Silva Loureiro, o Barãozinho, ambos casados com irmãs de minha avó.

Eram os dois velhinhos, de mais de 70 anos cada um, íntimos amigos, mas viviam se contrariando.

Do Barãozinho, várias vezes, nessas “Notas” já me tenho referido, e procurado traçar o seu perfil digno.

De Guilherme Morsch, cuja integridade e honradez, poderiam servir de modelo, era, como seu concunhado, respeitável, sob todos os prismas. Tinha método, e rigoroso, em tudo, até mesmo em coisas de menor importância.

Apaixonado pelo estudo da astronomia, quando do aparecimento do majestoso e notável cometa Halley, passara as noites na rua, em frente de sua casa, até alta madrugada, de binóculo em punho, fazendo interessantes observações, que publicou no “O Gaúcho”, em sucessivos e apreciados artigos e, em sequência, teve uma pneumonia, que quase o vitimou.

Tio Guilherme era considerado o consultor meteorológico da família e, por isso, foi certa vez, o tio Antonio, que pretendia fazer uma pequena viagem a cavalo, ouvi-lo sobre o estado do tempo, ligeiramente ameaçador.

Honrado com a distinção da consulta, examinou cuidadosamente os seus diversos barômetros, e afirmou que não choveria. Foi uma das poucas vezes que errou, pois caiu uma brutal tempestade de chuva e de pedras e, por tal, depois de acalorada discussão, cortaram, por meses, as relações.

Sobre a enferma, conversaram e discutiam os dois, por ocasião da minha chegada.

“Mano” Guilherme, pois assim se tratavam todo formalizado, declarou-me pensar em um caso de tétano ou de ataque cardíaco, pronunciando esta palavra como paroxítone, isto é com o acento agudo na penúltima sílaba.

“Mano” Antonio, por trás dele, sorrindo no gozo de nova vitória na questão suscitada e já, entre ambos, azedada, assegurava, de modo categórico:

- Não é nada disso; pinga é o que lhe falta...

De momento, não compreendi essa história de pinga.

O primeiro diagnóstico estava errado; o outro, certo, certíssimo, pois estávamos na presença de antiga e inveterada ébria, a quem haviam tirado de soco, como se diz, o álcool, e a sua falta brusca e violenta produziu-lhe aquela perturbação delirante, que pode ir até à loucura.

“Pinga é o que lhe falta” e, por isso mandei fornecer-lhe alguns bons tragos do líquido que passarinho não bebe, e, pouco a pouco, foi voltando ao seu estado normal.

O álcool, como a morfina e outros tóxicos, não podem ser, daquela maneira, suprimidos: o desábito tem que ser lento e gradativo.

Ao me retirar, tive que trazer, em minha companhia, o “mano” Antonio, pois que o “mano” Guilherme estava querendo pelear, mas, poucos dias passados, vi-os, de novo, juntos em amistosa palestra...

Turra de velhos...

Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1935.

Data : 08/09/1935

Título : 125 SUPERIOR ÀS PRÓPRIAS FORÇAS

Categoria: Memórias

Descrição: Tenho, em Passo Fundo, uma prima-irmã casada, que, nos primeiros anos de seu matrimônio, vivia por ciúmes ou qualquer coisa de menor importância, brigando com o marido, de gênio muito alegre e brincalhão.

### Superior às próprias forças

Tenho, em Passo Fundo, uma prima-irmã casada, que, nos primeiros anos de seu matrimônio, vivia por ciúmes ou qualquer coisa de menor importância, brigando com o marido, de gênio muito alegre e brincalhão.

Não rara era a semana, em que ia atendê-la por um desses banais ataques histéricos, que cediam com relativa facilidade.

O esposo vivia irritado com esse estado de nervos, e eu já cansado de apreciar aquelas tempestades em copos de água.

De uma feita, percebendo que a simulação entrava muito em jogo, aconselhei-o que, na primeira ocasião oportuna, pusesse em prática um estratagema: realizar a cópula, quando ela estivesse assim, pois me parecia ser um tratamento útil, barato e bom.

De fato, decorridos alguns dias, referiu-me que a mulherzinha, do meio para o fim, acabava com o chique, entre os mais ternos abraços e quentes beijos, passando o dia alegre, satisfeita e cantando.

Três meses depois, entrou-me pelo consultório adentro, e, na nossa intimidade, de chapéu na cabeça, foi logo, desesperado, me dizendo:

- O teu conselho não me serve mais, ando exausto; não posso; preciso outro remédio; isso é demais...

- Mas por quê? Que houve? Perguntei-lhe.

- Por um motivo muito simples: agora ela deu em ter 4, 5 e até 6 ataques por dia, e quer o remédio todas as vezes... Eu não aguento mais... Quase já não me posso por de pé, ando com as pernas bambas, vendo estrelinhas... E caiu numa cadeira, pálido, desfigurado, suando e de negras e fundas olheiras... Parecia um cadáver.

De fato, a medicação era heróica e produzia efeito seguro, mas o diabo é que ela queria tomá-la de 2 em 2 horas... E essa exigência era superior às próprias forças do jovem e forte enfermeiro.

Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1935.



Data : 08/09/1935

Título : 126 PRIMAVERA

Categoria: Memórias

Descrição: Raphael Trindade é um velho amigo que tenho, e mora, em sua fazendola, nas proximidades da estação de Coxilha.

### Primavera

Raphael Trindade é um velho amigo que tenho, e mora, em sua fazendola, nas proximidades da estação de Coxilha.

É um caboclo bom, grialhão ao conversar, mas muito atrasado, tanto que foi uma dificuldade para qualificá-lo eleitor.

Viúvo, com 17 filhos, casou-se segunda vez e, por este motivo, deu uma esplêndida festa, nesse dia, por brincadeira, pesamos a nova consorte: 120 quilos!

Desse matrimônio não há filhos, apenas dois abortos, no período dos quais se agravou muito a sua antiga cólica hepática.

Sou o médico de Raphael há muitos anos, e devo dizer que é o cliente que maior número de presentes me tem dado, mas todos, em verdade, de pouco valor: leitões, ovelhas, perus, galinhas, queijos, erva-mate, cuia, linguças e, certa vez, uma vaca com cria.

A sua palestra é interessante pela originalidade dos seus termos e exagero das suas atrapalhadas comparações e, como exemplo, uma vez me procurou muito aborrecido com o intendente de então, por motivo da abertura de uma estrada pelos seus campos, com o que não estava de acordo.

- O “seu” Oscar não me liga importância; preciso da sua intervenção.

- Mas quem é esse Oscar? Inquiri curioso.

- Ora, então o Sr. não conhece o “seu” Oscar Pelin!

Queria referir-se ao Scarpellini.

Numa manhã de inverno, chuvosa e fria, depois de uma consulta, travou comigo, já ao despedir-se, o seguinte esquisito diálogo:

- Dr., como vai a primavera?

Espantado, sem saber ao que se referia, com um ligeiro sorriso:

- Deve ir bem...
- Não a quebrou ainda? Insistia.
- Mas quebrou o que?
- A cuia que lhe dei.
- Mas que tem a cuia com a primavera?
- Pois primavera é o nome dela...

Não pude conter uma estrepitosa gargalhada.

- Você é formidável, Raphael; você é um colosso... E lá se tocou, sob uma temperatura abaixo de 0 (zero), para a farmácia, trotando no seu tostado, e eu fiquei parafusando e repetindo maquinalmente: cuia... Primavera... Primavera... Cuia.

Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1935.

Data : 09/09/1935

Título : 127 GATO PRETO

Categoria: Memórias

Gato Preto

Este texto foi suprimido do livro de memórias.

Data : 09/09/1935

Título : 128 MANCHAS SOLARES

Categoria: Memórias

Descrição: Foi o que bastou: fez uma solução com 10 gramas, repito 10 gramas de sublimado corrosivo, e bebeu-a de uma só vez!

## Manchas Solares

Li, há poucos dias, no “Correio da Manhã”, de 29 de Agosto, um telegrama de Paris, em que o Dr. Maurice Faure, diretor do Instituto de Estudos Solares, consagrando-se as pesquisas, no observatório instalado em Mont-Gros, sobre se influirão as manchas solares nos acontecimentos infelizes, declara: “Estamos ainda em um período de vacilações, mas já conseguimos proceder a verificações eminentemente probatórias. Cada vez que o nosso observatório assinala uma mancha no sol, registramos a ocorrência de uma série de fatos por vezes inexplicáveis, catástrofes ferroviárias, numerosos acidentes, mortes súbitas e outros”.

Relembra o despacho telegráfico que, por ocasião da última passagem de manchas de grande intensidade, ocorreram numerosos desastres, entre os quais cita: o incêndio da exposição de rádio e o desmoronamento no metropolitano de Berlim; suicídios inexplicáveis, como o de um habitante de Avinhão, que se matara para não sobreviver à morte de um cavalo; crimes por motivos fúteis como o de um indivíduo que assassinara o irmão em consequência de uma alteração sobre o melhor modo de abrir uma garrafa de champanhe; a morte da campeã britânica de xadrez, colhida por uma hélice de avião, num instante de descuido e muitos outros fatos.

Não deixa de ser interessante e audaciosa a teoria de Maurice Faure, e, quando a li, na parte referente ao homem e cavalo de Avinhão, veio-me a memória um caso de suicídio, por motivo tão estúpido e tão banal, passado há muitos anos, e, de certo, o sol, naquele dia, apresentava alguma profunda mancha...

Achilles Loureiro de Souza, farmacêutico prático em Carazinho, casado, com menos de 30 anos de idade, e com dois filhos bem pequenos, recebeu de sua família, residente em Bagé, um telegrama, comunicando que uma sua irmã estava, em estado grave, com febre tifóide.

Foi o que bastou: fez uma solução com 10 gramas, repito 10 gramas de sublimado corrosivo, e bebeu-a de uma só vez!

A morte não se fez esperar, e, quando cheguei, nada mais fiz do que constatá-la.

Nesse dia, deram-lhe um banho: o último e um dos poucos que tomou...

Sua irmã salvou-se e, ao que me consta, ainda vive na linda cidade da fronteira.

Esse Achilles sempre foi um original, e dele ainda se contam espirituosas anedotas, mormente em referência a sua pouca ou nenhuma higiene pessoal, que cheguei ao ponto de receber enérgicas reclamações de seus vizinhos de quarto, no hotel em que morava, quando solteiro, o que não vem ao caso registrar aqui, com pormenores.

No seu acanhado estabelecimento comercial, havia uma grande tabuleta, que ocupava toda a frente superior do prédio, com esta esquisita inscrição em letras enormes: Farmacêutico Achilles, com o curso de preparatórios...

Rio de Janeiro, 9 de Setembro de 1935.

Data : 10/09/1935

Título : 129 CACHORRADA

Categoria: Memórias

Descrição: De 1924 a 1932, teve, em Passo Fundo, um amigo íntimo e dedicado correligionário, o engenheiro civil Dr. Leopoldo Villanova.

### CACHORRADA

De 1924 a 1932, teve, em Passo Fundo, um amigo íntimo e dedicado correligionário, o engenheiro civil Dr. Leopoldo Villanova.

Quando da gloriosa cruzada de São Paulo, a arrancada de 9 de Julho, pela reconstitucionalização do País e contra os desmandos do governo ditatorial de Getúlio Vargas por este Brasil afora, “deserto de homens e de idéias” na frase cruel de Oswaldo Aranha, “pars-magna” da humilhação imposta principalmente ao grande Estado, nos separamos em política, por isso que acompanhou o general Flores da Cunha na sua imperdoável felonía ao seu “amado chefe” Dr. Borges de Medeiros, com quem continuei, e continuei, cada vez mais solidário.

A nossa amizade particular sofreu um grande abalo, e não poderia ser por menos, visto como comandou um “corpo” provisório, o 9º, contra o heróico estado bandeirante, mas “malgré tout” o fio das nossas relações pessoais não se cortou.

Espírito alegre, de concepção rápida e inteligente, é um profissional de reconhecida competência, e o seu curso acadêmico foi brilhante. É, no entanto, um pouco descuidado no seu modo de falar, e tanto é assim que quem com ele trata, pela primeira vez, não julga de estar à frente de um engenheiro ilustre: exerceu o cargo de chefe da Comissão Discriminadora de Terras e, mais tarde, o de engenheiro municipal.

Vou contar dele quatro casos, que assisti, e todos sobre cachorros.

1º) Em 20 de Setembro de 1930, tendo adoecido gravemente, em Água Santa, a esposa do Cel. Marcos Bandeira, tive que ir atendê-la, viajando em minha companhia o Dr. Villanova, compadre de Marcos. Antes da partida, almoçamos juntos, no Hotel Internacional, e, ao lado da nossa mesa, fazia sua refeição um cidadão desconhecido, cujas exigências e protestos eram proferidos em voz alta, reclamando, sem cessar, sobre tudo e todas as coisas: exigiu um outro guardanapo, pois o seu não estava bem passado; pediu outro pão sob o pretexto de que o seu estava sujo; reclamou sobre os pratos, talheres, copos, e a sua irritação visível vinha, por sua vez, molestando aos outros. O pobre “garçon” já andava tonto e receoso e, ao servir-lhe sopa, só porque não o fez em primeiro lugar, recebeu uma tremenda descompostura e, quanto mais se desculpava, maiores eram as ofensas.

Nesse momento, o Dr. Villanova, não se contendo, gritou para o criado: “Moço, não se incomode mais com esse idiota... cachorro quanto mais magro mais pulga...” Reboou uma geral

gargalhada, e o neurastênico, mastigando pão e algumas palavras de estupidez, todo vermelho e furioso, retirou-se imediatamente do salão, e assim podemos terminar tranquilos o almoço.

2º) Em viagem, de vez em quando, em cada casa porque passávamos, surgiam cães, latindo e perseguindo o auto, que chegou a matar um deles.

Fiz-lhe, por isso, ver que esses animais não eram tão inteligentes, como se dizia, e deu-me logo esta interessante resposta: “Inteligentes eles são, Dr., o que não tem é juízo, exatamente como era o Silveira Martins Leão” e a sua observação era perfeita.

3º) À noite, como de costume no interior, reunimo-nos ao redor do fogo, no galpão. A conversa versou sobre vários temas, até que recaiu sobre mulheres, e cada qual narrava um caso ou bordava um comentário picante. “Nesse assunto, disse eu, o que posso garantir a vocês é que estou retirado, e por dois motivos: pela hora crepuscular da minha existência e pela posição social que ocupo” ao que, incontinenti, retrucou aquele: "Eu não acredito nisso, Dr., e desculpe-me a comparação: cachorro acostumado a comer carne de ovelha, só perde o vício quando morre”.

Chamei a sua atenção para a coincidência das três comparações sobre o mesmo assunto, perguntando se não tinha mais outra a referir.

4º) - Tenho, sim, e conto já, antes de dormirmos: o Dr. Nicolau Crestaldi requereu, em juízo, algo sobre umas terras habitadas por patrícios nossos, para legitimá-las a um italiano.

Os autos vieram-me para a respectiva informação, na qual, contrária aos interesses do esperto advogado, escrevi algumas palavras, em sentido geral, sobre essa quase indústria profissional de quem não tinha clientela ou faltava escrúpulo. O homenzinho danou-se e chamou-me à responsabilidade para declarar se aqueles conceitos se entendiam diretamente com ele ou não, e no protocolo das audiências consignei, entre outras considerações, o meu depoimento negativo, mais ou menos nestes termos: não me referi a ninguém, não visei diretamente a ninguém, falei em sentido genérico, mas quando se atira uma pedra num grupo de cachorros, só grita aquele a quem a pedra acertou... e agora, entenda como quiser.

- Era quase meia noite e fomos dormir: sonhei então que estava em Passo Fundo, perseguido por umas dezenas de cães, que latiam, de longe, à minha passagem, babando de raiva e procurando morder-me os calcanhares, o que nunca conseguiram, e, interessante, quase todos eles tinham cara de gente e eu os conhecia bem, porque já lhes havia dado, quando magros e esfomeados, alguns pedaços de succulenta carne, ou curado bicheiras de uns, lepra de outros ou sarna ainda de outros.

“Nenhum sonho, declara Sigmund Freud, é inteiramente absurdo; cada um, na qualidade de ato psíquico completo, possui um sentido exato”. Cachorrada!...

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1935.

Data : 10/09/1935

Título : 130 SEM RECEITA

Categoria: Memórias

Descrição: O Sr. Argymiro de Quadros, distinto fazendeiro, meu amigo e companheiro de escola primária, deixou, durante muito tempo, de ser meu cliente, e por quê?

## SEM RECEITA

O Sr. Argymiro de Quadros, distinto fazendeiro, meu amigo e companheiro de escola primária, deixou, durante muito tempo, de ser meu cliente, e por quê?

Por um motivo muito simples: porque era sadio e não lhe receitei.

Logo depois de formado, procurou-me para uma consulta, em 1906, pois se julgava atacado de grave moléstia de coração, sob sombria ameaça de morte, em consequência do que procedi a atento e minucioso exame, terminando por assegurar-lhe a maior normalidade do seu aparelho circulatório: não havia o menor distúrbio; pulso ótimo, equilíbrio perfeito e harmônico, em ação conjunta e antagônica dos nervos acelerador e moderador, isto é simpático e pneumogástrico; nem sequer tinha palpitações, falta de ar, estado angustioso, etc que poderiam justificar uma neurose cardíaca, mas apenas medo, só medo e, segundo Löbel “o medo das enfermidades leva muitas vezes a enfermidade do medo”.

Insistiu na sua desconfiança, no seu estado de pavor, no receio da morte e na gravidade de seu mal.

Procurei demonstrar-lhe, como melhor pude, que tudo isso não passava de uma simples desconfiança sua, que magnífica era a sua saúde, e tanto estava convencido dessa verdade, que não lhe receitara medicamento algum.

Saiu dali, indignado comigo, dizendo ainda que eu lhe legara tão pouca importância, que nem sequer lhe receitava.

Soube que, em seguida, procurou a um charlatão, que confirmou o seu modo de pensar, em estúpido diagnóstico, asseverando-lhe, no entanto com toda garantia, curá-lo com sua fórmula maravilhosa, com a condição de vir tomar o remédio, todo um mês, duas vezes por dia, na própria farmácia, pois desejava conservar o segredo da combinação terapêutica. As melhoras foram rápidas, curado no tempo prefixo e tornou-se incansável propagandista do “colega”, a quem, de bom grado, pagou vultosa quantia.

Por um empregado vim, decorridos anos, ter conhecimento do preparado: 1 gota de tintura de strophantus, em meio copo de água, cada vez!

Procedi de acordo com a minha convicção, mas creio que, praticamente errei um pouco, por isso que, se fosse mais macio e satisfizesse a vontade do doente com qualquer fórmula, teria praticado uma “grande cura” e não perderia o cliente.

Essa ocorrência, passada há 29 anos, serviu-me de esplêndida lição, de que nunca mais me esqueci e da qual tenho auferido ótimos resultados.

A receita, por mais simples e anódina que seja, é necessária...

Lá em Passo Fundo, gordo, corado e forte, continuará o meu amigo Argymiro a viver.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1935.

Data : 11/09/1935

Título : 131 ATÉ O PADRE!...

Categoria: Memórias

Descrição: Gervazio Lucas Annes e Jesuino Bordallo, íntimos amigos, ambos, em 1903, viúvos, amigaram-se, respectivamente, com as raparigas Izolina e Chica, com as quais viviam de modo escandaloso.

ATÉ O PADRE...

Gervazio Lucas Annes e Jesuino Bordallo, íntimos amigos, ambos, em 1903, viúvos, amigaram-se, respectivamente, com as raparigas Izolina e Chica, com as quais viviam de modo escandaloso.

O último teve necessidade de fazer uma viagem, de negócios a Porto Alegre e Pelotas e, em seu regresso, o primeiro procurou-o, fazendo-lhe ver e sentir o péssimo procedimento de sua amante e, ao despedir-se, teve estas irônicas e ferinas palavras: “só escaparam dois homens, eu e o padre”.

De fato, Chica caía em uma tremenda pandega, e Jesuino abandonou-a, ficando com duas ou três filhas em seu poder, não se esquecendo, porém, da cruel malícia do amigo.

Decorrido algum tempo, este passou, em Porto Alegre, dois meses, como deputado à Assembléia dos Representantes, e, por sua vez, a amante entregou-se a mais desbragada farra, que chegou a marcar época na então pequena cidade.

Na sua volta, Jesuino contou-lhe toda a verdade, com pormenores e, ao retirar-se, todo malicioso, no gozo de um prazer satânico: “Olhe, Gervazio, desta vez, só escapou o Jesuino... até o padre!

Gervazio, imediatamente, mandou Izolina para Cruz Alta e, desde aí, não perdoando o revide de vingança do seu companheiro de aventuras amorosas, procurou hostilizá-lo, exercendo como chefe político e advogado, sobre ele, uma série de pequenas e grandes perseguições, que muito prejudicaram ao velho comerciante, que morreu desprestigiado e paupérrimo.

Não me furto à satisfação de relatar que, pouco antes desses acontecimentos, por motivo do aniversário de Gervazio, o mesmo seu correligionário foi visitá-lo à noite, e, na volta, cerca de 11 horas, foi, em plena rua mal iluminada, agredido e espancado violentamente por indivíduos, a mando do General Firmino de Paula, como mais tarde bem se soube, e o ferido, já em casa, curtindo dores, repetia, com muito chiste, a todos que lhe visitavam: “Pode, Gervazio fazer quantos anos quiser, mas quem não vai mais lá é o Jesuino”.

Como se observa desses dois fatos, o homenzinho era bastante espirituoso e engraçado, até no seu próprio físico: de pequena estatura, gordo, barrigudo e completamente calvo. A sua careca, a maior que já vi, semelhava-se a uma grande bola de bilhar.

Velho conhecido e bom amigo meu, em 1908, passava por sua casa de negócio, quando resolveu fazer-me uma consulta, dessas que, comumente, se fazem no meio da rua.

- Dr., explique-me uma coisa: por que é que eu não gosto de mandioca?

A sua esquisita pergunta, só merecia uma resposta, a que dei.

- A razão é simples, e é a mesma porque pêssego quente do sol faz mal aos ferreiros, e não aos carpinteiros... E lá me fui, deixando-o a meditar na esquisita resposta.

Jesuino morreu de congestão cerebral, e na miséria.

Passei o atestado de óbito.

Deixou dois filhos legítimos: Magnus e Ercilia. Esta, muito mal casada, sofreu demais na sua curta existência, e, depois de formidável espancamento pelo seu desgraçado e bêbado marido, enlouqueceu, morrendo meses após, no Hospício de São Pedro.

Magnus ainda vive, mas também louco, e no mesmo estabelecimento.

Rio de Janeiro, 11 de Setembro de 1935.

Data : 11/09/1935

Título : 132 SÓ PARA OS "GUSANOS"

Categoria: Memórias

Descrição: Ela, por amor ou por inteligência, procede com impecável correção; ele procura adivinhar-lhe os pensamentos, e assim, nesse ambiente de encantamento, passam felizes os dias.

SÓ PARA OS “GUSANOS”



Certo amigo meu, comerciante residente em município vizinho, vive há cerca de quatro anos, amigado com uma rapariga que, não sendo um tipo de beleza, apresenta, no entanto, um conjunto tão discreto de traços e de linhas esculturais, que a tornam uma silhueta harmoniosa, apreciável e atraente.

Ela, por amor ou por inteligência, procede com impecável correção; ele procura adivinhar-lhe os pensamentos, e assim, nesse ambiente de encantamento, passam felizes os dias.

No fundo desse azul surgiu, porém, inesperadamente, uma nuvem escura, ameaçadora de tempestade próxima. Logo depois, e isso em dezembro de 1934, apareceram-me no consultório.

A expressão daquele rosto, que tinha sempre nos lábios o esboço de um sorriso, agora fechado, com fundas olheiras, que pareciam feitas com carvão, denunciava o seu sofrimento moral, mas conservava na voz o timbre sereno, altivo e distinto, de quem não está mentindo, de quem, vítima das circunstâncias de momento, está inocente.

Tratava-se de um sério caso clínico, que, deste modo, me foi exposto.

Há mais ou menos dois meses, sentindo contínuas dores agudas no ânus e observando suas calças manchadas de pus, procurou a um médico que, depois do exame local e bacteriológico, fez um tremendo estardalhaço, sobre a moléstia: “você, menina, vai mal; se não se cuidar, já e já, apodrecerá em vida; você está com uma infecção blenorragica no ânus”. Apesar da rapariga protestar a sua virgindade, como dizia, nesse lugar, e mais de não ter nenhum corrimento vaginal, e ainda de seu amigo não estar enfermo, e, por último, afirmar a sua fidelidade e respeito ao amante, o diagnóstico foi mantido e iniciado o tratamento: pequena lavagem com solução de permanganato de potássio com seringa de borracha, uma por dia, em consultório.

No fim de um mês não havia a menor melhora; ao contrário, o mal se agravava.

Em casa a pressão era alta e fortes discussões foram travadas, entre lágrimas e desaforos mútuos, e a separação esteve eminente.

Queriam, finalmente, a minha opinião franca, sincera e decisiva, fosse qual fosse.

Antes de tudo, solicitei o resultado do exame de laboratório, que haviam feito, e disseram-me que o médico não lhes quisera entregar, apesar de reiterados pedidos, rasgando-o na sua presença.

Ao exame local, constatei o seguinte: a mucosa retal apenas ligeiramente irritada e congesta, e na margem externa do ânus um pequeno abscesso hemorroidário, já fistuloso. Do novo exame da secreção, controlado diretamente por mim, a presença de bacilos banais do pus, estafilococos e estreptococos, mas ausência completa dos diplococos de Neisser.

Externei-lhes então, com toda a segurança, o meu modo de pensar, inteiramente contrário ao do “ilustre” colega, que, a meu ver, errara crassamente ou, o que é pior, sem o menor escrúpulo, dera ao caso um tamanho tão grande e tão escandaloso, para melhor poder explorar o bolso do rico cliente.

Operei-a, em seguida, no Hospital de Caridade, larga abertura, curetagem, etc. e, em poucos dias, com algumas injeções de vacina anti-pyogena mista de Brusoluttini, teve alta, radicalmente curada, regressando, para sua residência, satisfeita e feliz, com a virgindade do seu ânus, de que tanto fazia questão e alarde, como ponto de honra, padrão do seu orgulho de hetaira elegante, e, ainda uma vez, me repetiu: “isso, Dr., só para os “gusanos”. De dentro para fora era natural função fisiológica, mas de fora para dentro, só o espéculo”...

Neste fim de narrativa, lembro-me que talvez fosse mais certa uma das epígrafes: tempestade em copo d'água, ou um cu atrapalhado.

Rio de Janeiro, 11 de Setembro de 1935.

Data : 12/09/1935

Título : 133 MÃOS DE ANJO

Categoria: Memórias

Descrição: Completaram-se, ontem, exatamente, dois meses, que comecei a rabiscar estas “Notas” e o tenho feito, aos poucos, sem falhar um só dia.

## MÃOS DE ANJO

Completaram-se, ontem, exatamente, dois meses, que comecei a rabiscar estas “Notas” e o tenho feito, aos poucos, sem falhar um só dia. O meu desejo era apenas escrever os primeiros cem casos que me viessem à memória, mas estes foram-se acumulando, e este já tem o número 133, de modo que não será de estranhar que atinjamos a 150, ou, quiçá, mais.

Isto posto, passemos adiante.

Em 1925, abriu seu consultório, em Passo fundo, o Dr. Wladimyr José Bento, com quem desde a primeira palestra, pelas tolices e levandades que proferiu, não me simpatizei, e o tempo se encarregou de bem justificar aquela péssima impressão, que ainda hoje perdura, até em toda a região serrana por onde passou, pela maneira indigna com que raptou a esposa do Sr. Matiotti, de São Bento, e a maneira mais indigna ainda com que abandonou a sua distinta consorte. Aquela feia e rica esta pobre e linda. Explorou aquele industrialista, obrigando-lhe a entrega de muitos contos de réis, e creio que vive, atualmente, na cidade de Pelotas, já empobrecido outra vez.

Estando esse tipo na Farmácia de São José, de meu filho Ruy, viu quando fui chamado, uma tarde, para a casa do meu velho e querido amigo José Maria Lima. Era um caso banal de nervosismo, pois bem, no dia imediato, compareceu ali, em meu nome, para continuar o tratamento. José Maria achou estranho o meu procedimento, mas, embora a contragosto, concordou. No fim de alguns dias, esperou-o à porta, e, asperamente, o despachou, procurando-me para dizer o porquê de sua atitude. Quando lhe assegurei da mentira de Wladimyr, ficou ainda mais revoltado, e chegou mesmo, certa vez, a ameaçá-lo de umas taponas.

Esse simples caso já mostra o seu baixo caráter, e passemos ao principal.

Um dia, sua mulher legítima, adoeceu de um parto, e foram chamados os Doutores Dino Caneva e Rebello Horta, os quais, depois de 3 ou 4 aplicações de fórceps, aconselharam uma operação cesariana.

Nesse tempo, eu também não me dava com esses dois médicos.

Dado o alarme no seio da família, a mãe da parturiente exigiu a minha presença, e o marido, a do Dr. Frydberg.

Eu e este chegamos juntos à casa.

Exposto o caso, e examinada a senhora, manifestei vontade de aplicar o meu Tarnier, com o que os colegas discordaram por julgarem inútil e perigosa a tentativa.

Insisti assim:

- O mesmo motivo, que levou os senhores a fazerem 3 ou 4 aplicações, leva-me a fazer uma, e se não a fizer, retiro-me.

Concordaram afinal, no antegozo da minha derrota, o que bem compreendi, através dos seus olhares e sorrisos maliciosos.

Frydberg e eu nos preparamos para a intervenção, e Rebello Horta encarregou-se da anestesia.

A luta estava travada.

Com o maior cuidado, com toda a atenção, coloquei o aparelho, fazendo uma ótima pegada de cabeça. Solicitei ao colega que me auxiliava que se certificasse da aplicação, e iniciei a extração.

Ao primeiro esforço, senti perfeitamente que o feto cedia, e, pouco a pouco, o vim trazendo, até que saiu toda a cabeça e, em momentos depois, berrava um garotinho em cima da cama.

Por ocasião do meu trabalho, Wladimyr José Bento, caminhando de um lado para outro, repetia, cinicamente, muitas vezes, estas frases: “mãos benditas, mãos divinas, mãos de anjo” e sua sogra, não esperando que eu me lavasse, atirou-se-me aos braços, ficando toda suja de sangue.

Recordo-me que o Frydberg lembrou-me que faltava a extração da placenta, e eu, que estava vitorioso, cheio de gloriolas, todo ufano, esperando o momento oportuno para uma vingança, declarei-lhe, em alta voz, que esse serviço eu deixava para os outros dois médicos... e sai.

Agora, consigno mais uma canalhice: no primeiro jornal, o tal Bento, que só o era no nome, fez publicar um longo e expressivo agradecimento, com a citação nominal dos doutores Caneva, Rebello e Frydberg, com exclusão do meu nome, a quem nem de leve, se referiu: canalha!

É bem provável, quase certo, que no fundo negro do seu espírito, na trama escura de sua alma, já desejasse a morte da esposa, e eu, salvando-a, fiz-lhe um mal: mais uma vez, que grandessíssimo patife!

Para finalizar, refiro que, em certo tempo, em Carazinho, Wladimyr passou a viver, de modo escandaloso, com certo mocinho bonito, que, dengoso, faceiro e requebrado, o acompanhava por toda a parte... Uma pá de cal...

Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1935.

Data : 13/09/1935

Título : 134 AINDA HÁ DE SER MEU CHOFER

Categoria: Memórias

Descrição: Sonhei, esta noite, com Moreno Araújo e, nesta radiosa manhã de 13 de Setembro, escrevo algumas linhas, e com saudades, sobre ele.

### AINDA HÁ DE SER MEU CHOFER

Sonhei, esta noite, com Moreno Araújo e, nesta radiosa manhã de 13 de Setembro, escrevo algumas linhas, e com saudades, sobre ele.

13! Que coincidência!

Era o dia de seu aniversário natalício... Não me lembro, porém, de que mês.

O meu primo sempre lutou com a sorte, que lhe era adversa.

Quando conseguia ganhar algum dinheiro, deixava-o, desde logo, no pano verde das roletas.

Viveu sempre pobre, e com as maiores dificuldades.

Coloquei-o na Intendência Municipal, em 1920, com o ordenado mensal de 400\$000 N° e ainda, muitíssimas vezes, o supri, particularmente, de pequenas quantias que, somadas, iriam alto.

Paguei-lhe, uma vez, passagem de ida e volta a Ponta Grossa, para visitar os seus pais, enfermos.

Uma ocasião dirigiu-me um requerimento, pedindo aumento de ordenado, e “aguarde oportunidade” foi o despacho. Contava que eu lhe dera o “despacho do pinto” o que veio, sem demora, ao meu conhecimento. Estando só no gabinete, chamei-o para que me explicasse essa história. Procurou, por todos os meios, excusar-se, mas, diante de minha assistência, assim narrou: “as galinhas, reunidas em congresso, na terra, mandavam, ao céu, um pinto, com um requerimento a São Pedro, expondo a sua miserável e deprimente situação de terem um só orifício em certa parte do corpo, para todas as funções, quando, em geral, as fêmeas tem dois, o que bem ponderado pelo santo, mereceu dele a resolução de - aguarde oportunidade – O pinto, não satisfeito, solicitou mais amplos esclarecimentos: - Ora, você, seu pinto, diga para as galinhas, que elas têm razão, mas que tenham paciência, não tomando no cu, até que eu oportunamente resolva o assunto... e séculos e séculos já são decorridos, sem a menor modificação... e agora, Dr., quanto tempo eu tenho de esperar por essa oportunidade?”

Não deixa o conto de ser bem aplicado.

Fui médico de Moreno, e gratuitamente, todas as vezes que necessitou.

Protegi-o quanto pude, por isso que tinha pelo meu parente, por julgá-lo um infeliz, uma afeição de piedade toda especial, mas, um dia, porque não lhe satisfiz um impertinente pedido maior,

mostrou-me os dentes, deixou de me cumprimentar e, em uma barbearia, rasgou ostensivamente o seu título de eleitor.

Decorrido algum tempo, estava eu à porta da farmácia, quando alguém me veio contar ter acabado de ouvir Moreno dizer, referindo-se à minha pessoa: “aquele desgraçado ainda há de ser meu chofer”.

Não liguei a menor importância à informação, mas meu filho Ruy zangou-se seriamente e queria, a todo transe, tirar-lhe uma satisfação imediata, o que não permiti.

Nessa mesma noite, o meu primo é recolhido ao Hospital de Caridade, em estado gravíssimo, e implorou que me chamassem. Era dos tais que só se lembram de Santa Bárbara e de São Jerônimo, quando tropeja e fuzila.

Sua esposa, em prantos, esteve, nesse sentido, em minha casa, e atendi-a.

Tratava-se de uma ruptura uretral, com enorme infiltração urinária.

Operei-o e, depois de um mês, em conflito quase que constante, com a morte, teve alta, quase curado, precisando, no entanto, mais tarde, de outra intervenção cirúrgica, para a cura radical.

Nunca lhe disse uma só palavra, a propósito do caso do chofer, para não o melindrar e, numa manhã em que pretendeu desculpar-se, não o deixei tratar do assunto.

Não segui os meus conselhos médicos; descuidando-se do seu estado de saúde, continuando na sua vida desregrada, e o resultado disso lhe foi funesto, por isso que, alguns meses mais tarde, numa violenta “reprise”, veio a falecer.

Pobre e desventurado compadre Moreno, que Deus se apodere de tua alma!

Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1935.

Data : 14/09/1935

Título : 135 SÚCIA DE VELHACOS

Categoria: Memórias

Descrição: Quando, depois da morte do Coronel Gervasio Lucas Annes, em 1917, uma “parcel of rascals” como o escocês Burns...

SÚCIA DE VELHACOS

Quando, depois da morte do Coronel Gervásio Lucas Annes, em 1917, uma “parcel of rascals” como o escocês Burns estigmatizara os lordes e os barões do tempo de Jayme V, pai de Maria Stuart, uma súcia de velhacos, repito, se apoderou da administração pública e da política de minha terra, coloquei-me com um grupo de destacados cidadãos dissidentes, à frente de um movimento de reivindicação das salutare praxes do regime republicano, e em 16 de Setembro de 1920, vencemos, em derrota decisiva e campal, aos nossos desleais adversários, em memorável pleito eleitoral.

Para essa luta, fundamos um jornal “A Voz da Serra”, cuja direção esteve, brilhantemente, a cargo do Tenente João Baptista Osório de Carvalho.

Em 4 anos, tivemos 4 prélios eleitorais: o primeiro, em Novembro de 1917, levamos às urnas menos de 500 eleitores, e os adversários pouco mais de 1500; o segundo, em Fevereiro de 1918, nós com 800 e tantos, eles com 900 e poucos; o terceiro, em Maio do mesmo ano, vencemos: nós com 1400 e eles menos de 400 e o quarto, em 16 de Setembro de 1920, nós com pouco mais de 4000 e eles fugiram do campo de combate.

Os nossos inimigos agiam no escuro, de modo infame, cercados de conhecidos bandidos, e tentaram várias vezes, contra a minha vida, a do Dr. Antonio Bittencourt Azambuja e de outros.

Vou hoje relatar apenas uma.

Estava eu, na Praça Marechal Floriano, de palestra com alguns correligionários, dias depois do pleito de Fevereiro de 1918, quando fui chamado para uma conferência com o Dr. Mariano da Rocha que, de Santa Maria, viera para atender ao seu velho tio Major Candido Marques de Rocha, então juiz distrital, e que, semanas depois, vinha a falecer, em consequência de derrame purulento da pleura.

Naquele logradouro público, tomei um carro.

Passei pela intendência, ninho de malandros e de salafrários, e pelo Clube Pinheiro Machado, transformado em arsenal de indivíduos suspeitos, sem classificação social e de tipos bandidos, mas o fiz sem prestar a devida atenção, e entrei na casa do Major Rocha, que poderia distar 100 metros do Clube, do outro lado da rua.

Consigno, de passagem, que no alto do edifício da municipalidade, o seu construtor levantara um grande busto de mulher, de rosto estúpido e carrancudo, mas o mais interessante e ridículo é que tinha umas tetas enormes, o que fizera o Sr. Antonio José da Silva Loureiro denominá-la, espirituosamente, “o símbolo da mamata”. Tomei posse em 15 de Novembro, e, a 16, mandei po-la, espetacularmente, abaixo... creio que ainda está num galpão da Intendência...

A conferência foi demorada e, passada cerca de uma hora, notei, sem muito ligar, que o colega, várias vezes, um tanto agitado, olhava para a rua, pelos vidros da janela.

Cumprida a missão, quis retirar-me, e o Dr. Mariano, de modo delicado e ainda mais nervoso, o que não deixei de estranhar, convidou-me para uma palestra maior. Minutos após, ouvi desusado barulho à frente do prédio e, sem atender aos rogos feitos, sai imediatamente. Já estavam ali postados, a minha espera, cerca de 100 amigos meus, com o capitão Jovino da Silva Freitas, à frente.

Que tinha havido?

Que era aquilo?

Soube então do que se passara.

Haviam posto, no interior do Clube, alguns capangas armados, e, na frente, dois ou três, com o intuito de, à minha passagem, me provocarem. Era natural que reagisse, e então seria alvejado miseravelmente.

De fato, fizeram a provocação, mas com o barulho do carro e dos cavalos, de nada me apercebi. Falhado o primeiro plano, aguardavam a minha retirada. Um empregado subalterno de Intendência, João Luvis, conhecedor de toda a trama, e meu cliente, a quem vinha prestando gratuitamente relevantes serviços médicos, entrou escondido, pelos fundos, na casa onde me encontrava, avisando a família e pedindo que não me deixasse sair, pois seria assassinado.

O Sr. Saul Cezar, comerciante visinho e hoje já falecido, avisou por telefone, ao Capitão Jovino, que veio ao meu auxílio, chegando, como já disse, com mais de 100 homens.

Quando pus o pé na rua, fecharam-se, em seguida, todos aqueles facínoras na sede daquela associação.

Nessa mesma tarde, fui avisado, em segredo, pela esposa de Julio Muller, hoje também já morto, e então tesoureiro da Intendência, e, portanto, um dos meus inimigos, que à noite, à propósito de um chamado médico urgente, eu seria assassinado, na esquina que da Avenida Brasil vai à Rua Moron, no lugar em que está atualmente a casa do Coronel Maximiliano de Almeida, em construção naquele tempo, e onde se esconderiam os assaltantes.

Em vista, porém, das providências tomadas e que, por eles, foram percebidas, falhou esse segundo golpe, tão do agrado e do caráter daquela gente, má e perversa, cínica e infame.

Súcia de velhacos... Maloca de bandidos.

Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1935

Data : 15/09/1935

Título : 136 MAIS UM P

Categoria: Memórias

Descrição: Vindo de Taquari, chegou a Passo Fundo, mais ou menos em 1923, ainda menino, o Sr. Paulo Coutinho.

MAIS UM P

Vindo de Taquari, chegou a Passo Fundo, mais ou menos em 1923, ainda meninote, o Sr. Paulo Coutinho.

Por ser neto do íntegro Bento Rosa, de quem era amigo e admirador, pelas suas grandes virtudes pessoais e políticas, procurei, desde logo, auxiliá-lo, satisfazendo suas constantes solicitações.

Consegui-lhe um pequeno emprego na Intendência Municipal e, daí, um melhor na Viação Férrea e, dentro de alguns meses, subiu, pois é inteligente, de categoria, mas teve de deixá-lo por incompatibilidade com o seu ilustre cunhado, Dr. Arthur Souto Ribeiro, engenheiro residente e com quem procedeu muito mal.

Dinheiro em pequenas quantias, de que nunca tomei nota, forneci-lhe várias vezes, e, para casar-se, dei-lhe, no Banco da Província, uma fiança de alguns contos de réis.

Quando solteiro, fui o seu médico todas as ocasiões, e não poucas, que precisou, e ele mesmo, ouvindo-me falar dos PP da minha clínica, acrescentava o seu p: Paulo.

Foi nomeado, por indicação minha, escrivão de órfãos.

Depois do casamento, atendi-o e à esposa muitas vezes e, ao primeiro parto, cheguei a passar todo o dia, sem nenhuma necessidade, mas a insistência sua, em sua casa.

Sua filha, magrinha e fraquinha como eles, passou também a ser cliente diária, de nome Eulenska, eu a chamava, na intimidade, encrenca...

Tudo isso eu fazia, apenas por consideração e amizade, sem nunca ter auferido o menor lucro, nem o mais insignificante presente.

Consegui, mais tarde, a sua nomeação para Coletor Federal, de Carazinho, e, nesse ínterim, procedeu de modo nada digno com o seu colega de Passo Fundo, Sr. Oscar Cezar: tendo feito, particularmente, a venda do cartório de órfãos ao Sr. Walter Klipper, por cinco contos de réis, prometeu dá-los a Oscar pela sua informação favorável à criação da Coletoria de Carazinho, e, de posse desta, negou-se a satisfazer o prévio compromisso.

Foi a segunda vez, que observei o seu péssimo caráter, falhando à sua palavra de honra empenhada.

No então 4º distrito de Passo Fundo, para onde se mudou, tive ensejo de ir atendê-lo e à sua família, como médico, e a minha custa, desde o transporte de automóvel.

Conhecia já os seus defeitos, mas era seu amigo e, por isso, procurava obscurecer o seu procedimento, tapando o sol com a peneira.

Em princípios de 1931, aparece-me, à meia noite, em minha casa: estava desesperado, e, antes de tudo, chorando como uma criança estabeleceu-me este terrível dilema: “ou o Senhor me salva, ou me suicido, porque nem sequer meios tenho para poder fugir”.

Dera, no carnaval que findara um desfalque de cinco contos na repartição federal e não tinha um vintém para repor, sendo que o inspetor fiscal chegara, pelo trem, daquela tarde.

Tive compaixão do seu estado miserável de abatimento.

Devido ao adiantado da hora, prometi dar-lhe aquele dinheiro na manhã seguinte, quando os bancos se abrissem. Na sua opinião, porém, já seria tarde, pois o início da inspeção estava marcado para as 9 horas, e assim não haveria mais tempo necessário para colocar no cofre a importância, desonestamente retirada.



No próprio auto em que viajava, fui ao gerente do Banco de Província, e consegui que este, do meu crédito em conta corrente, me entregasse aquela soma, e, com ela, lá se foi Paulo, sem ao menos me deixar um recibo, só legalizando essa situação cerca de um mês depois.

O fiscal achou tudo em ordem... o suicídio foi posto de lado... E salvei, por certo, uma alma do inferno.

Pois bem, com toda essa volumosa bagagem de benefícios recebidos, na questão política do município de Carazinho, foi aquele cara de fuinha, paladino da ingratidão, o meu maior inimigo, atacando-me em boletins e pela imprensa.

Colocou-se ao lado do Dr. Homero Guerra, de sólida e enorme fortuna, e que, a peso de dinheiro, pagando todos os compromissos de Paulo, vem mantendo a sua solidariedade.

Segundo me consta, já cobriu também alguns desfalques.

Esse indivíduo, por parentesco de sua mãe com a esposa do Dr. Borges de Medeiros, dizia-se na intimidade deste, a quem afirmava sempre a mais indefectível solidariedade e irrestrito apoio; e, por motivo da revolução de São Paulo, apoiou o General Flores de Cunha, atirando ao Dr. Borges as mais soezas injúrias, nas suas frequentes excursões pelo interior do novel município.

Paulo Coutinho é pequenino em tudo, mas o seu moral ainda é menor e mais feio que o seu físico.

Um tipo assim, de alma anfractuosa e cheia de abismos insondáveis, onde não podem ser revoltas as suas profundezas, observado e estudado por Stefan Zweig daria certamente, assunto a um magnífico livro.

Arquivo de maldades, frasquinho de veneno, ou como diria Coelho Cavalcante, pategada de patife, ou ainda, medicamento, estreptococos virulento... Cruzes, diabo!

Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1935

Data : 16/09/1935

Título : 137 SÓ ESCAPARAM AS CRIANCINHAS

Categoria: Memórias

Descrição: Numa noite hibernal, às 3 horas da madrugada, em 1919, fui chamado para atender a uma doente na casa de Dona Angelina de Felippo.

SÓ ESCAPARAM AS CRIANCINHAS

Numa noite hibernal, às 3 horas da madrugada, em 1919, fui chamado para atender a uma doente na casa de Dona Angelina de Felippo.

Esta, em prantos, me contou que sua filha Nena fora deflorada por Legendre das Chagas Pereira, casado com uma filha do Sr. Julio Magalhães e que, estando grávida de três meses, fora, com cólicas, à latrina, em cujo buraco caíra o feto, e que ainda não havia expulsado a placenta, o que requerera a minha presença.

A viúva D. Angelina estava duplamente indignada, pela desonra da filha, e, principalmente, porque o seu autor, já há muito, era o seu amante.

Ela mesmo, perturbada, no auge do seu ódio, me disse: “esse cachorro que vivia comigo há mais de um ano, abusou da minha filha e, o que é pior, do meu amor”.

Ao regressar do quarto, depois de uma trabalhosa extração e sutura do períneo, chamando a inconsolável senhora, fiz-la ver que o feto não era de três meses, e sim de nove, e mais que não matasse a criança, pois percebi vagamente ser esse o seu intento, ou melhor a intenção de fazê-la desaparecer de qualquer maneira.

Como nem sequer choro tivesse ouvido e desconfiando da já consumação do crime, exigi a presença da criança: era uma garota gorduchinha e corada.

Responsabilizei a infortunada viúva pela vida da netinha, e, já ao clarear do dia, retirei-me.

Legendre, em pouco tempo, abandonou a Nena, de medo da ex-amante, que prometera dar formidável escândalo, e porque o fato fora ao conhecimento de sua esposa, que não mais queria saber do marido.

A menina morreu com menos de um ano de idade, de infecção intestinal, e talvez fosse melhor assim.

A velha, lastimando o seu único passo em falso, retirou-se, arrependida e triste, mas talvez saudosa, ao recolhimento.

Nena prostituiu-se, e velha e feia, enrugada e de maus dentes, cuja boca parece um cemitério, lá vive hoje, em um casebre, amigada com um filho de Raphael Trindade.

Soube, mais tarde, haver Legendre também desvirginado uma criadinha da mesma casa, transformada em pequeno harém do ridículo sultão...

Só escaparam as criancinhas!...

Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1935

Data : 17/09/1935

Título : 138 CENTENÁRIO

Categoria: Memórias

Descrição: Toda ansiosa, apareceu-me, no consultório, em Dezembro de 1924, vinda do Campo do Meio, a viúva do “Dr.” Virgílio, com um menino, atacado de laringite diftérica.

## CENTENÁRIO

Toda ansiosa, apareceu-me, no consultório, em Dezembro de 1924, vinda do Campo do Meio, a viúva do “Dr.” Virgílio, com um menino, atacado de laringite diftérica.

Era um caso gravíssimo, e, mais uma vez, o tratamento específico, comprovou a sua eficácia.

Aquele “Dr.” Virgílio, assim conhecido, era um grande charlatão, que, à sombra da liberdade profissional, então existente no Rio Grande do Sul, exercia a medicina, e, por tal, ao cobrar uma conta meio a muque, pois era arbitrário e violento, foi assassinado.

Durante muitos anos desempenhou as funções de subintendente e de subdelegado de polícia do distrito, demonstrando, de sobejo aqueles predicados, nada recomendáveis.

Depois do restabelecimento, perguntei à senhora o nome do garoto.

- Centenário, chama-se.

- Mas por que lhe deu esse nome?

- Porque ele nasceu a 7 de Setembro de 1922, dia em que se comemorou o primeiro centenário da nossa independência.

A propósito de nomes esquisitos, lembro-me do negro Damião, que foi meu empregado e que, hoje, vive a esmolar pelas ruas de Passo Fundo, com uma hemiplegia de origem sífilítica.

Ao nascer-lhe o primogênito, pôs-lhe o nome de “Vilar de Além” só pela circunstância de muito gostar do vinho português, que tem esse nome, e eu, por brincadeira, aconselhei-o a que botasse no segundo o de Adriano Ramos Pinto.

No 3º distrito, existiu, ou ainda existe, um cidadão que se chama Petenkostes, por haver nascido em um dos domingos, que precedem à Paixão de Cristo.

Por ocasião de uma visita pastoral, à minha terra, o ilustre Bispo Dom Attico Euzébio da Rocha negou-se a crismar uma menina por nome “Libertina” e, a respeito, com a sua inteligência brilhante, com a sua palavra fácil e encantadora, orador de raça, pronunciou um lindo sermão.

Rio de Janeiro, 17 de Setembro de 1935

Data : 17/09/1935

Título : 139 ATÉ PARA MORRER

Categoria: Memórias

Descrição: O Sr. João Schell, homem digno e respeitável sob qualquer prisma, era meu tio avô.

Até para morrer

O Sr. João Schell, homem digno e respeitável sob qualquer prisma, era meu tio avô.

Foi o velho mais faceiro e elegante que tenho conhecido, não dessa faceirice e elegância tolas e bobas, que tanto servem para atirar um homem de idade já avançada no ridículo das ruas, mas o era naturalmente, e, para isso, muito contribuindo o seu físico esbelto.

De estatura acima da mediana, de peso proporcional à altura, muito claro, olhos azuis, bastos cabelos alvos, bigodes e discreto cavanhaque, também de todo brancos.

De maneiras delicadas, sua voz, de tonalidade forte, auxiliava a impressão do conjunto.

Sempre muito limpo e bem trajado, era, quando, à cavalo, um perfeito tipo de gaúcho.

Gostava imenso de usar pala branco, e os tinha diversos, de seda alguns.

Raro o dia que não ia camperear em sua propriedade, próxima da cidade, e, poucos dias antes de falecer, com pouco mais de 80 anos, quando um seu peão errou um tiro de laço, ele o fez com verdadeira maestria.

O seu predileto animal de montaria era um rosilho, que criou, desde pequeno, na estrebaria, e que morreu velho, sempre com o nome de “rosilho”.

Assisti, como seu médico e amigo, a morte do tio João, em uma fria madrugada de inverno, creio que no ano de 1915.

Nos seus últimos momentos, chamou os seus dois sobrinhos Adão Schell e Dinarte Issler, e pediu-lhes que o ajudassem a levantar da cama. De pé, sereno e muito pálido, no meio do quarto, com os braços estendidos sobre os ombros dos dois amigos, olhou um instante para todos, e lentamente pronunciou as suas últimas palavras:

“Um homem, que viveu como eu, só pode morrer de pé”... E o seu corpo baqueou para sempre, voando sua alma, certamente, para o céu, por isso que foi um bom e um justo.

Velho faceiro e elegante até para morrer!

Rio de Janeiro, 17 de Setembro de 1935

Data : 18/09/1935

Título : 140 LÍNGUA SALGADA

Categoria: Memórias

Descrição: A chamado médico da família do Coronel Julio Cardozo, gravemente enfermo, para uma conferência com o Dr. Bruno de Campos, segui, de automóvel, em Maio de 1919...

## LÍNGUA SALGADA

A chamado médico da família do Coronel Julio Cardozo, gravemente enfermo, para uma conferência com o Dr. Bruno de Campos, segui, de automóvel, em Maio de 1919, à Vila de Soledade, indo em minha companhia, até o Rossotti, mais ou menos metade do trajeto, o Sr. Ivo José Ferreira, meu prezado amigo e proprietário da Farmácia Serrana, e que, daí, a cavalo, seguiria para a fazenda de seu sogro, Manoel dos Santos, distante pouco mais de légua.

Resolvemos, à 1 hora da tarde, na casa de negócio daquele comerciante, fazer uma ligeira refeição, e combinamos, para maior comodidade nossa, não nos darmos a conhecer.

Não tinha mais comida, e, na bodega, só havia 1 lata de língua preparada Oderich, sardinhas, pão e vinho nacional zurrapa.

Setamo-nos à mesa, e a dona da casa, já madurona, gorducha e feia, começou, na sua curiosidade feminina, a conversar conosco.

Depois de indagar quem éramos, donde vínhamos, para onde íamos, que andávamos fazendo, sem receber, no entanto, resposta verdadeira, foi à loja, e de lá veio, logo depois, toda sorridente:

- Soube agora, por um freguês, que o Sr. é o Dr. Vergueiro. Eu ainda não tinha o prazer de conhecê-lo. Há dois meses fui à cidade à sua procura e o Sr. andava por Porto Alegre. Levei uma filhinha doente e morreu, no mesmo dia, da chegada. Foi assassinada, Dr., e quem a matou foi o tal farmacêutico Ivo Ferreira, a quem meu marido, na sua ausência, consultou.

- Está amarga esta língua, José, nome que dei ao Ivo.

E continuou:

- Aquele sujeito é um bandido; a minha filha só tomou uma dose do remédio, e morreu. Desgraçado, envenenou a criança.

- Mas, José, que tal achas a língua. Não te parece que tem muito sal e pimenta.

O Ivo, de cabeça baixa, ouvia a tremenda descompostura, calado e pálido, enquanto eu me ria à vontade.

E prosseguiu:

- Eu ainda ei de encontrar com esse criminoso, e sou capaz de arrebentar-lhe a cara.

- Mas, José, que língua danada!

Nesse momento, chega o marido e, reconhecendo-nos, chama pelos nossos verdadeiros nomes.

A mulher, espantada e estarrecida, quis fugir e não pode, caindo numa cadeira, e só depois de minutos, e de alguns goles de água, começou a escusar-se, quase chorando, e o fez como melhor pode apesar do bondoso Ivo afirmar-lhe que não precisava de tal, que estava, de todo, desculpada, etc. etc.

A pobre mulher, mais do que encabulada, não queria nos cobrar o almoço.

Quando nos despedimos, disse-me, já à porta do auto:

- O Sr. é um danado, Dr. A língua salgada e com pimenta, a que o Sr. se referia, não era a da lata, era a minha... Divertiu-se à minha custa...

Rio de Janeiro, 18 de Setembro de 1935

Data : 19/09/1935

Título : 141 ANEURISMA

Categoria: Memórias

Descrição: Quando em 1907, o Estado do Rio Grande do Sul, criou e organizou a Comissão Discriminadora de Terras, de Passo Fundo, entre outros muitos engenheiros, veio o agrônomo Ney Passos.

## ANEURISMA

Quando em 1907, o Estado do Rio Grande do Sul, criou e organizou a Comissão Discriminadora de Terras, de Passo Fundo, entre outros muitos engenheiros, veio o agrônomo Ney Passos.

Solteiro, um tanto boêmio, de gênio muito alegre, era, no entanto, um profissional competente e caprichoso.

Sua mãe não o abandonava, dispensando-lhe sempre os maiores cuidados e os melhores conselhos, tanto mais quanto Ney gostava e abusava mesmo, por vezes, de bebidas alcoólicas.

Moravam em um pequeno hotel próximo à estação da estrada de ferro, e, ai, aquele adoeceu.

Estando, na cidade, o Dr. Bruno de Campos, de passagem para Soledade, onde residia, chamaram-no, para atender ao enfermo.

Depois de rápido e superficial exame, resolveu operá-lo imediatamente, de um abscesso do côncavo poplíteo, e, sem mais delongas, aprofundou o bisturi. Jorrou sangue, mais sangue e só sangue e, aí, tão somente, foi que o Dr. Bruno se convenceu do seu erro enorme, pois o caso era o de aneurisma da artéria poplíteia.

Sem perda de tempo, tamponou fortemente com gaze simples, flexionou o joelho o mais que pode, cobrindo-o de algodão e de ataduras apertadas, aconselhou repouso completo, e, pela madrugada, continuou a sua viagem.

Decorreram-se, nesse estado, três dias, no fim dos quais, entre terríveis padecimentos, manifestou-se gangrena do pé.

Chamado por sua carinhosa mãe, que já compreendia a gravidade do filho, único e querido, fiz-lhe ver da necessidade urgente da amputação da perna, em seu terço médio.

Quando tomávamos às presas as medidas precisas, e estava eu na Farmácia Serrana, preparando o material, Ney teve imperiosa vontade de evacuar e quis impertinente, levantar-se da cama, o que fez em gesto brusco.

Os amigos, que o cercavam, procuraram auxiliá-lo e ele, já com as ataduras frouxas, ao sentar-se no vaso, espichou a perna... Nova e formidável hemorragia e, em minutos, era cadáver, só me restando passar o atestado de óbito.

Aquela velhinha desolada “mater dolorosa” não quis processar o Dr. Bruno, e, aos que isso lhe aconselhava, só repetia:

- Não me adianta nada... o que eu queria, o que eu somente queria era a vida do meu pobre filho, e essa acabou-se para sempre... Deixem o Dr. Bruno em paz.

Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 1935

Data : 20/09/1935

Título : 142 LOUCURA GRAVÍDICA

Categoria: Memórias

Descrição: Acabo de ler nos jornais aqui do Rio, que, no dia 11 do corrente, deu entrada no Hospital de Pronto Socorro, em adiantado estado de gravidez...

LOUCURA GRAVÍDICA

Acabo de ler nos jornais aqui do Rio, que, no dia 11 do corrente, deu entrada no Hospital de Pronto Socorro, em adiantado estado de gravidez, a Senhora Esmeralda Ribeiro da Costa, que, depois do parto, apresentou sinais de perturbação mental, e, no dia 16, burlando a vigilância das enfermeiras, acercando-se de uma das janelas que dão para a Praça da República, atirou-se à rua. Embora amparada por populares, sofreu a demente contusões e escoriações generalizadas.

Depois de medicada, foi a parturiente removida para o Hospício de Alienados, onde se encontra internada.

Na minha clínica, tive oportunidade de constatar dois casos de loucura gravídica; um, como este, depois da “delirance” e outro, durante a gravidez.

No primeiro, uma filha do Sr. Pedro Henrique, residente nas proximidades da cidade, casada e que tem três filhos: depois de todos os partos, em cujo período de gestação passa bem, perde a razão, comete os maiores desatinos, é internada no Hospital de São Pedro, em Porto Alegre e, passados aí alguns meses, volta ao seu estado normal.

No segundo, trata-se de uma filha de criação do Sr. Aristides Bastos, residente na Vila da Palmeira. Na primeira gravidez, já apresentou sintomas de perturbação mental, que agravaram-se dia a dia até o parto, tendo nascido morta, extraída a fórceps pelo médico Christiano Meyer, uma criança monstruosa, verdadeiro caso de teratologia.

A segunda gravidez decorreu em pleno delírio até ao fim, nascendo, no entanto, uma criança, em ótimas condições.

Logo depois de “delirance” a parturiente voltava ao seu estado de perfeita lucidez.

O terceiro caso foi tratado por mim e pelo Dr. Caneva: uma gravidez de dois para três meses, sob os maiores sofrimentos e as maiores torturas para todos, chegando a passar quinze dias mergulhados em profundo ataque, do qual saía para uma agitação furiosa. Vinda para Passo Fundo, aconselhei o esvaziamento imediato, o que, na maternidade de Dr<sup>a</sup> Nathalia Bonella, foi, por nós, praticado. Pois bem, todo o negro quadro de loucura como, por encanto, desapareceu por completo, voltando-lhe a calma, a meiguice, o amor pelo marido e pelos parentes.

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1934.

Data : 21/09/1935

Título : 143 DISCURSO GUERRA DOS FARRAPOS

Categoria: Memórias

Descrição: Eis aqui, na íntegra, o discurso que pronunciei hoje, na Câmara dos Deputados, como representante da Frente Única do Rio Grande do Sul...



## GUERRA DOS FARRAPOS

Eis aqui, na íntegra, o discurso que pronunciei hoje, na Câmara dos Deputados, como representante da Frente Única do Rio Grande do Sul:

Senhor Presidente – No dia em que, nos meus pagos, se comemora, festivamente e patrioticamente, o 1º Centenário do início da Revolução Farroupilha, saio, embora por momentos, da penumbra em que me tenho colocado, para, em nome dos representantes da Frente Única do meu Estado, homenagear os heróis do decênio, que a anestesia do tempo não fez esquecer e que marcaram, na época, uma das páginas mais brilhantes e mais expressivas da vida brasileira.

Não venho, por certo, descrever fatos dos grandes vultos da Guerra dos Farrapos, tão bem analisados pelos “microscopistas da história” na expressão qualificativa, perfeita e exata de João Neves, para os investigadores pertinazes, pacientes e cuidadosos.

Cada qual dos “ídolos a que a devoção cívica da alma gaúcha deu tons misteriosos, quase místicos” daria ensejo as mais amplas considerações, as mais vastas dissertações, por isso que a vida de cada um oferece os maiores e os melhores exemplos de dignidade e de bravura.

Bento Gonçalves da Silva, sol e centro da gloriosa cruzada e, no lapidar conceito de Pedro Calmon “alma e pulso, chefe e símbolo, paladino e modelo da grande insurreição de sua gente rude” encerra, explicando as razões do movimento, o seu notável manifesto de 25 de Setembro de 1835, d’est’arte: “a execração de nossos filhos cairá sobre nossas cinzas se, por nossa desmoralização e incúria, lhes transmitirmos este sagrado depósito desfalcado e corrompido, e as suas bênçãos nos acompanharão ao sepulcro se lhes deixarmos exemplos de virtudes e de patriotismo; - Antonio de Souza Netto, o proclamador da república riograndense nos campos de Seival, o mais bravo e destemido cavaleiro que Garibaldi viu e descreve em suas “Memórias”; - David Canabarro, que recusou o auxílio de Rosas, ditador de Buenos Aires, por este modo altivo: “Senhor, o primeiro de vossos soldados, que transpuser a fronteira, fornecerá o sangue com que assinaremos a paz de Piratiny com os imperiais, pois acima de nosso amor à república está o nosso brio de brasileiros. Vossos homens se ousassem invadir nosso País, encontrariam, ombro a ombro, os republicanos de Piratiny e os monarquistas do Senhor Dom Pedro II; - João Antonio da Silveira, cuja lealdade tornou-se conhecida e proverbial, o mais alto expoente moral da revolução, não medindo sacrifício no cumprimento de honra de sua palavra empenhada; - João Manoel de Lima e Silva, galhardo e garboso militar, assassinado, em Agosto de 1837, nas proximidades de São Borja, e Bento Manoel Ribeiro, tais são os generais da epopéia titânica, cujos feitos memoráveis e inenarráveis correm, e cantam hoje, em todas as verdejantes coxilhas e ricos rincões da minha terra.

Ao movimento reivindicador, luta imponente e grandiosa de redivivos espartanos, associaram-se, em 1838, ébrios de liberdade, José Maria Garibaldi, conde Tito Lívio de Zambeccari e Luiz Rossetti.

A pena brilhante e serena de Othelo Rosa, ilustre membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a propósito da ação de Garibaldi, no comando da marinha revolucionária, assim, um dia, escreveu: “O seu cruzeiro é uma página autêntica de epopéia. Do nada, esse homem extraordinário faz tudo. O único elemento, de que dispunha realmente o nauta desassombrado, era a água: tudo o mais ele haveria de improvisar, à inspiração de uma vontade sobre-humana, temperada em aço. E ele improvisa os barcos, e ele improvisa os marinheiros, e aos marinheiros e aos barcos transmite num quase milagre de fascínio, a força incoercível de uma energia que não cansa, que não fraqueja, que não se quebra, que não se torce, que não desespera e que não perece nunca!”

Sob as ordens imediatas do “Condottieri”, foram construídos, nas margens silenciosas e sinuosas do Camaquã, os quatro Barcos Rio Pardo, Independência, Seival e Farroupilha, cuja travessia, por terra, em carretas de 3 pares de rodas, tiradas por 3 juntas de bois, da barra do Capivari a do Tramandaí, num percurso de cerca de 8 léguas, se realizou em 6 dias, e, na tarde de 13 de Julho de 1839, laçavam-se ao oceano, em demanda do porto de Laguna.

Quero agora, Senhor Presidente, deixar nos Anais da Câmara, como fotografia do valor e da vitamina de uma gente, o teor da carta dirigida, de Modena, em 10 de Setembro de 1859, por Garibaldi, a Domingos José de Almeida, natural do Estado de Minas Gerais, residente, desde 22 anos, na cidade de Pelotas, um dos baluartes farroupilhas, deputado à 1ª Assembléia Provincial e ministro do Interior da nova república.

Eis o interessante documento:

“Quando eu penso no Rio Grande do Sul, nessa bela e cara província, quando no acolhimento com que fui recebido no grêmio de suas famílias, onde fui considerado filho; quando me lembro de minhas primeiras campanhas entre vossos valorosos concidadãos e os sublimes exemplos de amor pátrio e abnegação que deles recebi, eu fico verdadeiramente comovido. E esse passado de minha vida se imprime em minha memória como alguma coisa de sobrenatural, de mágico, de verdadeiramente romântico. Eu vi corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria riograndense, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações. Quantas vezes eu fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente, que sustentou por mais de nove anos, contra um poderoso império, a mais encarniçada e gloriosa luta!

Não tenho escrito semelhante prodígio por falta de habilitações, porém a meus companheiros de armas, por mais de uma vez, tenho comemorado tanta bravura nos combates, quanta generosidade na vitória, tanta hospitalidade quanto afago aos estrangeiros, e a emoção que minha alma, então ainda jovem, sentia na presença e na majestade de vossas florestas, da formosura de vossas campinas, dos viris e cavalheirescos exercícios de vossa juventude corajosa; e, repassando pela memória as vicissitudes de minha vida entre vós, em seis anos de ativíssima guerra e de prática constante de ações magnânimas, como em delírio brado:

- Onde estão agora esses belicosos filhos do Continente, tão majestosamente terríveis nos combates? Onde Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, Teixeira e tantos valorosos que não lembro?

Quantas vezes tenho desejado nestes campos italianos um só esquadrão de vossos centauros avezados a carregar uma massa de infantaria com o mesmo desembaraço como se fosse uma ponta de gado!

Que o Rio Grande do Sul ateste com uma modesta lápide o sítio em que descansam seus ossos, e que vossas belíssimas patrícias cubram de flores esses santuários de vossas glórias, é o que ardentemente desejo. Eu muito me lembro, meu digno e caro amigo, da bondade generosa com que fui honrado por vós, no tempo em que tão dignamente ocupastes uma das pastas do ministério da república, e tenho verdadeira saudade, como gratidão dos benefícios recebidos de vós e de vossos companheiros e concidadãos na minha estada no Rio Grande.

“Por mim, abraçai a todos esses amigos e mandai, em toda a ocasião, ao vosso verdadeiro amigo José Garibaldi”.

É um depoimento que dispensa comentários e, por si só, plasma a bravura, atesta a fibra e espelha o caráter de um povo.

E nesta altura, Senhor Presidente, depois de render aos heróis de 35 a nossa homenagem, no momento em que relâmpagos azulados zigzagueiam e cruzam, em todas as direções, o negro céu europeu, como prenúncio de grande tempestade, ameaçando a paz do continente, e quiçá do mundo; no instante em que o nosso País se debate nesse cipoal emaranhado de tremenda crise econômica e financeira, social e política; nesta hora em que as interrogações pairam no ar, dúvidas cruéis, amargas incertezas, em que não sabemos para onde vamos, e mesmo nem sequer exatamente onde estamos, é natural que elevemos os nossos olhos para o cimo do Corcovado, onde se ergue formidável a estátua do Filho de Deus, cujo nome invocamos no preâmbulo da Carta Magna, e que, num segundo de concentração espiritual, pairando acima das paixões que deturpam e dos ódios que cegam, em uma atmosfera de puro oxigênio, lhe imploramos, cheios de fé e de esperança, guiar o nosso querido Brasil na senda da ordem e do progresso, no caminho do trabalho e da prosperidade, na estrada do dever e da justiça, na trilha da honra e da paz.

Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1935

Data : 06/10/1935

Título : 144 DENTES PRECOCES

Categoria: Memórias

Descrição: No dia 21 de Abril de 1932, fui chamado a atender uma criança, do sexo feminino, que nascera no dia anterior nesta cidade, à Avenida Brasil, número 1155.

DENTES PRECOCES

No dia 21 de Abril de 1932, fui chamado a atender uma criança, do sexo feminino, que nascera no dia anterior nesta cidade, à Avenida Brasil, número 1155. Uma linda menina, robusta, com peso de 3K e 800g e a primeira filha do casal. Seus pais fortes: ele argentino, ela brasileira. Constatei que Maria de Lourdes, assim se chama, apresentava já bem rompidos, dois dentes: os incisivos médios inferiores.

E, a propósito, por simples curiosidade, rabiscando estas linhas, registro o seguinte: vários personagens ilustres nasceram com dentes: Guilherme Bigot, médico e filósofo francês do século XVI; Marcus Curius, célebre cônsul romano, apelidado o Dentatus; Luiz XIV, rei da França; Ricardo III, rei da Inglaterra; Mirabeau, o maior orador da revolução francesa; Cardeal Mazzarino, ministro da França; Cardeal Richilieu, um dos mais notáveis políticos franceses; a Rainha Valéria da Suécia e mais alguns.

Por curiosidade também, transladamos para aqui as frases de Shakespeare, atribuídas ao personagem de sua obra, El-rei Ricardo III, proferidas pela duquesa de York:

“Pode esse menino roer um pão com duas horas de nascido”, “Essa criança que teve os dentes antes dos olhos”, e por último “Dentes tinhas ao nascer, significando que vieste ao mundo para morder”.

Passo Fundo, 6 de Outubro de 1935.

Data : 07/10/1935

Título : 145 DISCURSO A CEZAR MONTAGNA

Categoria: Memórias

Descrição: Em 19 de Dezembro de 1925, por ocasião da passagem por esta cidade, do embaixador italiano Julio Cezar Montagna, pronunciei o seguinte discurso, em um banquete que lhe ofereceu a municipalidade...

#### DISCURSO A CEZAR MONTAGNA

Em 19 de Dezembro de 1925, por ocasião da passagem por esta cidade, do embaixador italiano Julio Cezar Montagna, pronunciei o seguinte discurso, em um banquete que lhe ofereceu a municipalidade:

Senhor Embaixador - Por delegação do Senhor Intendente do Município de Passo Fundo, vou, em uma breve oração, saudar a vossa excelência, com quem já tive o prazer de travar relação desde a memorável visita de vossa excelência à Assembléia dos Representantes do Estado.

Discursos longos e brilhantes vêm vossa excelência ouvindo desde que nos deu a honra de pisar o solo sulriograndense... O meu não será longo, não será brilhante, mas será eu asseguro profundamente sincero.

Já teve o Sr. embaixador a oportunidade de, bem de perto, observar o alto grau de progresso dos laboriosos filhos da Itália e dos seus descendentes neste extremo sul do Brasil. A exposição levada a efeito em Porto Alegre é a máxima prova do que acabo de afirmar, e, como prometi ser sincero, devo declarar que esse certame, pelo seu brilhantismo, pelo seu valor e pela sua grandiosidade, excedeu à minha expectativa e talvez- por que não dizê-lo? - à expectativa geral. Ele é digno de figurar na Capital da República e na própria capital da grande pátria de vossa excelência.

Na excursão pelas colônias apreciou, por certo, o ilustre diplomata, que ora nos visita, a fonte de onde destila todo esse progresso, a origem de onde dimana todo esse desenvolvimento, a oficina e a forja de onde saem aos borbotões todos esses produtos, atestado de trabalho honrado, de labor profícuo e inteligente.

Italianos e riograndenses, filhos da mesma mãe latina, “irmãos na raça, na gentileza, na hombridade e na história” trabalham juntos nessa gleba, cooperando pelo engrandecimento, cada vez mais crescente, do Rio Grande do Sul, e assim procedendo nada mais fazem os filhos da gloriosa Itália do que cumprir um dever, correspondendo, d’est’arte, a quem os recebeu e os recebe de braços abertos nessa sua segunda Pátria, pois é a Pátria de seus filhos.

Se estamos entrelaçados aos italianos como elementos de valor incontestável na paz, também na guerra estamos ligados por laços de respeito, de saudades e de gratidão. Quero me referir às figuras extraordinariamente sugestivas, e caríssimas para nós riograndenses, de José Garibaldi, Livio Zambecario, Francisco Anzini, Luiz Rosetti e outros que, na organização da República de Piratini, se confraternizaram com os nossos heróicos Farrapos ao lado das legiões de Bento Gonçalves, Netto e Canabarro.

Sr. embaixador – Termino, levantando, em nome do município de Passo Fundo e no meu em particular, a minha taça em honra de vossa excelência, a quem efusivamente saúdo.

Passo Fundo, 7 de Outubro de 1935.

Data : 08/10/1935

Título : 146 DISCURSO AO DR. IVO BARBEDO

Categoria: Memórias

Descrição: Discurso que proferi em 11 de Abri de 1922, em um banquete de despedida ao Dr. Ivo Barbedo, que, no dia imediato, partiu para a Europa, em longa viagem de estudos...

## DISCURSO AO DR. IVO BARBEDO

Discurso que proferi em 11 de Abri de 1922, em um banquete de despedida ao Dr. Ivo Barbedo, que, no dia imediato, partiu para a Europa, em longa viagem de estudos:

Ivo, nesta homenagem de puro afeto, da alvura dos lírios florentinos, entre teus e meus amigos, nessa exuberância de luz espiritual e física, sinto-me compelido, em cumprimento de um dever íntimo, a vir, em meu nome, e em nome do município que represento, ao qual prestaste serviços relevantes, te apresentar abraços de despedida e votos de uma boa viagem.

Se o meu verbo não puder expressar toda a grandeza dos meus sentimentos, pela carência do seu timoneiro, farás um justo equilíbrio, em face da espontaneidade, e, principalmente, pela sinceridade dos mesmos sentimentos.

E essa tarefa, que vem satisfazer uma recôndita aspiração minha, não é difícil, pois que fácil é dizer bem dos homens bons e dignos, como tu, que és portador de belos dotes de espírito e de coração.

Como teu colega, acostumei-me a observar em ti qualidades excepcionais de médico; como teu amigo, habituei-me a admirar a tua primorosa educação, que faz de ti um verdadeiro gentleman.

Médico honrado e consciencioso, mantendo sempre, dentro dessa modéstia que bem o caracteriza, uma linha notável de correção, encarando todos os problemas, que lhe são afetos, por um prisma elevado, bem me faz lembrar, como profissional, as palavras do eminente professor Francisco de Castro:

“Vós não representais comédias nesse tablado solene em que a vida alonga os braços para a esperança, quando a grandeza do nada projeta sobre ela sua sombra terrível”.

No espaço de tempo, em que aqui viveste, só conquistaste amizades e simpatias, e te vais, creia, deixando vivas saudades nesse núcleo invejável de amigos.

A esmeralda, que trazes como símbolo da tua profissão, é o reflexo da tua alma, do teu caráter inteiriço: não tem jaça.

Aureolado de fulgentes esperanças, partes, em breve, para o Velho Mundo, em busca do aperfeiçoamento dos teus estudos, e no conceito filosófico de Maeterlinck, a sabedoria é a luz do amor, e o amor é o alimento da luz.

Os teus amigos, ineludivelmente, terão saudades tuas, com o suave e confortante consolo, porém, de que de lá voltarás mais em condição de espargir os benefícios, de que a tua lúcida inteligência é capaz, aliada ao teu generoso coração.

“No homem, já o disse Alves Mendes, o espírito é muito, o coração é tudo. O espírito é o vestibulo da alma; o coração o santuário da crença, o sacrário da fé, ‘corde creditur’... o coração é a energia, a vivacidade, a luta, o movimento, o mérito e o triunfo. O coração é o homem”.

E tu, Ivo, tens um grande coração, sempre afeito às idéias grandes e generosas.

Deixas tua Família, deixas teus amigos, as tuas comodidades, o teu bem estar, e segues viagem em demanda de um ideal: são assim os homens fortes, cuja própria sombra tem linhas definidas.

E lá nessas paragens, longe da Pátria, do teu, do nosso Brasil, na aridez da língua estranha, que tanto contrasta com o ritmo melodioso da nossa, te lembrarás, por certo, dos teus amigos de Passo Fundo, porque é bom recordar, viver um pouco do passado.

Vai... Tens esperanças... E o futuro te será risonho... És moço, e, na frase de Renan: Luereux les jeunes, car la vie est devant eux.

Meu prezado Ivo, que Deus te acompanhe e te guie, para felicidade tua e glória dos teus amigos.

Passo Fundo, 8 de Outubro de 1935

Data : 09/10/1935

Título : 147 DISCURSO DE PARANINFO

Categoria: Memórias

Descrição: Discurso que pronunciei, como paraninfo, em 3 de Dezembro de 1932, no Instituto Ginásial de Passo Fundo, por ocasião da entrega de diplomas à primeira turma de bacharéis...

## DISCURSO DE PARANINFO

Discurso que pronunciei, como paraninfo, em 3 de Dezembro de 1932, no Instituto Ginásial de Passo Fundo, por ocasião da entrega de diplomas à primeira turma de bacharéis: Ivanio Pacheco, Luiz Loureiro Kruehl e Vasco Mello Leiria:

- Exmo. Sr. Diretor do Instituto Ginásial de Passo Fundo. Excelentíssimas Senhoras. Dignos Senhores. - Com os meus melhores agradecimentos, ilustres bacharéis, pela honra que me conferistes, eu vos saúdo com toda a efusão de minha alma e vos abraço, fortemente, com a maior sinceridade.

Sinto-me bem e sinto-me feliz, porque a faculdade que vos ditou a escolha do meu nome para esta solenidade não foi calcada em interesse subalterno, nem medida pela bitola das conveniências do momento; ao contrário, foi uma flagrante prova de amizade, de respeito, de conforto e de solidariedade até, como demonstrou, relevantemente, a visita, sobremodo significativa, que no dia seguinte, me levastes ao presídio onde fui recolhido tão somente por manter bem alto, inamalgável e intangível o meu ideal político, que, desde os bancos acadêmicos, acalento e afago com imenso amor, e hoje venero, mais do que nunca, como um patrimônio sagrado.

É o primeiro conselho que vos dou: pensai bem, meditai muito, medi as consequências de uma atitude e resolvi depois uma posição, que mantereis firmes e inabaláveis pela vida afora.

Ruy Barbosa, falando à mocidade “que é sempre o mais poderoso elemento das campanhas pela justiça, pela liberdade e pelo porvir” asseverou: “posso dizer, como Pericles aos atenienses, após a derrota das suas armas na segunda invasão peloponesa: eu de mim sou o mesmo homem que era, e estou onde estava. Vós é que mudastes”.

Jovens e alegres amigos, a mocidade foi sempre assim destemerosa, ativa e digna, e ela hoje tem o dever, a obrigação de assim o ser, e cada vez mais, para a felicidade da grande Pátria comum.

Estamos, na vida nacional, em um período de transição, em uma época de transformações, em um momento de dúvidas, de incertezas e de aflições, e precisamos, para o bem coletivo, de paz e honra, de trabalho e de energia.

Em tempo, que não irá longe, caberá aos jovens de hoje, a gloriosa tarefa de dirigir os destinos do Brasil, e essa mocidade, vibrante de seguro entusiasmo, de acendrado civismo, desbravará conscientemente o futuro, pisando melhor terreno, diante da lição e do exemplo do passado.

Charles Rivet, no “Edifica tua vida” afirma, com acerto, que é fórmula dos timoratos subordinar-se aos acontecimentos, e acrescenta Gustavo Le Bon que o homem superior provoca-os ou os utiliza como o marinheiro se aproveita do vento, qualquer que seja sua direção.

A vida é um longo curso de obstáculos, sinuosa estrada de barreiras, e, em face da variedade dos seus problemas e das suas crescentes necessidades, torna-se, todo o dia, mais áspera, mais íngreme e mais difícil.

Os obstáculos só atemorizam os fracos e aos débeis mentais; os homens fortes, que tem o poder de si mesmos, que sabem por que e para que vivem, se estimulam e se revigoram, e então ressurgem e aparecem novos, vigorosos e recônditos valores: o forte vence, o fraco é vencido... é a lei do mundo.

A vitória pertencerá aos sadios de corpo e alma: fortalecei a raça, sede propugnadores da eugenia, educai a criança, cultivai a inteligência, aperfeiçoai os conhecimentos, cantai as virtudes, combatei os vícios, amai a luz, detestai a treva.

São binômios de que não vos deveis esquecer: Deus e estudo, Pátria e Família, confiança e atividade, amor e honra, trabalho e energia.

Maurice Maeterlinck, em “Sabedoria e Destino” escreveu, com uma precisão admirável: “A humanidade é feita para ser feliz como o homem é feito para ser sadio” e, na filosofia de Goethe, o clássico é a saúde, o romântico a doença.

Shakespeare pôs na boca de um dos seus personagens esta verdade: “Se somos inferiores, a culpa não é das nossas estrelas, mas de nós próprios”.

Então, pergunto eu, porque não se ser assim sadio e superior, quando, em regra, se pode ser?

Tudo, ou quase tudo, depende de nós, da nossa vontade, do nosso querer, do nosso estudo, da nossa dignidade, da nossa educação, da nossa força e da nossa energia.

“Sem energia o homem se tornará um brinquedo das circunstancias, escravo do pão que come, da mulher que ama ou do bem que possui”.

As exceções pertencem à seara da patologia.



Ainda há poucos dias, o Sr. Benito Mussolini, em notável e veemente discurso, pronunciado em Milão, na Praça do Duomo, e que foi um verdadeiro hino à Itália moderna, entre outros lapidares conceitos, cheios de uma fé sem par, asseverou que “os nossos destinos estarão amanhã, como hoje, nas nossas próprias mãos e não serão senão o resultado da nossa invencível vontade”.

Diante de vós, queridos Três amigos, está aberto um amplo caminho.

A primeira etapa vencestes brilhantemente.

Continuai assim.

Não curveis a coluna vertebral a não ser diante de Deus, e a vitória e a felicidade vos serão presentes e constantes.

Paraninfar uma turma de moços que terminam um curso preliminar, é prefaciá-los o primeiro volume da vida... E aqui fica o meu prefácio.

Passo Fundo, 9 de Outubro de 1935.

Data : 10/10/1935

Título : 148 DISCURSO NO ESPORTE CLUBE GAÚCHO

Categoria: Memórias

Descrição: Discurso que pronunciei em 11 de Agosto de 1921, quando tomei posse do cargo de presidente do Esporte Clube Gaúcho...

## DISCURSO NO ESPORTE CLUBE GAÚCHO

Discurso que pronunciei em 11 de Agosto de 1921, quando tomei posse do cargo de presidente do Esporte Clube Gaúcho:

- Srs, Alves Mendes, o brilhante e eloquente orador sacro, em sua Oração Acadêmica, refere que Leonardo da Vinci, sentindo-se desanimado ao colorir a cabeça do Senhor em sua admirável ceia, só tentou singularmente esboçá-la. Assim também, Srs, nesta festa soleníssima, entre flores e música, perfumes e ritmos, com toda essa exuberância de luz, nessa atmosfera travessa de olhares femininos, sinto-me pequeno para vos expressar a enormidade da minha gratidão, da minha alegria.

Assumindo hoje a presidência do Esporte Clube Gaúcho, eu bem sei medir a responsabilidade do honroso encargo, responsabilidade da qual não me esquivo e que até procuro mesmo, nutrindo convicção plena de que, sem esmorecimentos, sem instantes de tibiezas, despenderei o máximo esforço para conservar, melhorando as nossas já consideráveis tradições desportivas.

Permitam-me, Srs, sem melindres a quem quer que seja, algumas considerações, que julgo necessárias e oportunas, sobre o futebol local.

Observo, e digo-o sinceramente e com pesar até, com toda a franqueza com que procuro sempre nortear os meus atos e as minhas palavras, um certo ardor excessivo, um que de paixão desmesurada e de entusiasmo em demasia, tão somente prejudiciais e não próprios da nossa culta sociedade.

Essa lacuna deve, de uma vez para sempre, desaparecer, tanto mais quanto ela não tem o direito de existir.

Façamos desporto, porém não façamos inimigos.

Nesta gleba feliz da nossa Pátria, como vós todos sabeis, existem dois clubes valorosos, duas associações respeitáveis, Gaúcho e 14 de Julho, constituídas pelo o que a nossa sociedade tem de melhor, figurando em ambas elementos de distinção, e para desenvolvimento de futebol, que tanta fascinação possui, que tanto nos atrai e nos empolga, é imprescindível que as nossas relações sejam sempre harmoniosas e que tenham sempre um cunho diplomático e amistoso.

Vencedores ou vencidos, saiamos do campo, sem mágoas e ressentimentos, de mãos dadas, camaradas e amigos, ora no regozijo da nossa vitória, ora reconhecendo o valor do adversário.

Vencido hoje, vencedor amanhã.

Não devemos adormecer, estagnar nos louros de uma gloriola, nem a derrota nos deve esmorecer; ao contrário, deve ser um incentivo para as pugnas futuras.

A existência dos dois clubes, 14 e Gaúcho, é uma necessidade.

Já Eça de Queiroz, o grande estilista dos Maias, sentenciava: “nada é mais fecundo e salutar que a rivalidade que há entre Lisboa e Porto” e Bilac, o saudoso poeta da Via Láctea e do Caçador de Esmeraldas, nas suas admiráveis crônicas da Kosmos, seguindo a mesma observação, escrevia: “o Rio de Janeiro e Buenos Aires prosperam e vivem à custa da rivalidade que, de quando em quando, as atira uma contra outra”.

Assim também, os nossos clubes viverão em constante progresso das suas rivalidades mútuas.

Com o frio do inverno, no início das pelejas, com as primeiras nevadas, elas ressurgirão, eletrizando os nossos nervos, para na primavera, na época das flores e na volta das andorinhas, no remate da temporada, existir apenas a saudade como um perfume que passou.

Um deve ter para o outro a ação benéfica do oxigênio.

E qual será, Srs., a razão da grande popularidade do futebol?

É porque, na opinião de um oficial francês de alta patente, ele é uma luta de uma vontade coletiva contra a luta de outra vontade coletiva.

Segundo um escritor moderno “o futebol é ao mesmo tempo o melhor exemplo do esforço coletivo, da audácia e da perícia de cada um membro jogador. Ele tem em miniatura todos os aspectos psicológicos de uma guerra. No pequeno espaço de um campo, descortina-se o grande

drama da vitória e da derrota, da coragem e da grande estratégia, a tragédia da má sorte e a glória do cumprimento do dever”.

No meu modo de entender, com um escritor inglês, ele é uma escola de energia, de disciplina, de presença de espírito, de desenvolvimento físico e moral.

- Gaúcho... Termo cuja pronúncia me faz vibrar, acelerando-me a correria do sangue nas artérias; gaúcho... Expressão evocativa dos feitos guerreiros e, nas terras paraguaias, onde ficaram indelévels inscritas as bravuras de Andrade Neves, Camara, Osório e tantos outros heróis; gaúcho... Nome que já encera em si um brado de triunfo; gaúcho... nome bendito, que escolheste, para o nosso Clube e como fostes, Srs, felizes na preferência do colorido do nosso estandarte.

Verde... Verde das relvas, das matas e das ondas; verde, do pendão sacrossanto da nossa Pátria; verde, da cor das esmeraldas; verde, emblema da esperança; e também, verde, o símbolo que concretiza todo o ideal desportivo da nossa bandeira, guarda avançada do nosso Clube, traço simpático e indissolúvel da nossa união, que tremulará sobre nossas cabeças, como que nos guiando, firmes, para a vitória.

Pendão auri-verde, eu te saúdo!

Avante, gaúchos!!

Passo Fundo, 10 de Outubro de 1935.

Data : 11/10/1935

Título : 149 DISCURSO AO BISPO DOM ATTICO

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido, em sessão solene, no Teatro Colyseu, desta cidade, em 10 de Fevereiro de 1928, por ocasião da visita pastoral do Senhor Bispo Dom Attico Euzebio da Rocha.

Discurso ao Bispo Dom Attico

Proferido, em sessão solene, no Teatro Colyseu, desta cidade, em 10 de Fevereiro de 1928, por ocasião da visita pastoral do Sr. Bispo Dom Attico Euzebio da Rocha.

Preclaro Prelado - Procuo, neste instante, dar desempenho à honrosa (e por que não o dizer?) fácil incumbência que me delegou a Comissão encarregada das justas homenagens que o povo católico de Passo Fundo presta hoje, com vivo prazer, a V. Ex.

Disse incumbência fácil, e a repito com segurança e sem receio, pois que é sempre fácil, e até mesmo bom, dizer bem de um homem bom e de bem, como Vossa Excelência.

Caráter diamantino, inteligência lúcida, alma caridosa, coração grande e generoso, sempre afeito às ideias generosas e grandes, toda uma vida digna, dedicada com sinceridade e consagrada com convicção a pregar na terra, cheia de imperfeições, os ensinamentos de Cristo, sempre perfeito, tais são, em traços gerais, os excelsos predicados que exornam o caráter e emolduram a vida de V. Ex., honra e glória do clero brasileiro.

Aceitai, o meu prezado amigo, insigne patricio e virtuoso sacerdote, pela minha voz descorada, as demonstrações de amizade e de respeito, efusivas e entusiásticas, de Passo Fundo católico.

Exmas. Sras e Srs - Feita essa rápida saudação, na qual vazei, com abundância de alma e mímica de expressões, o meu sentir, ireis, daqui há momentos, ouvir a palavra ritmada e fluente, impregnada de fé, repleta de encantamentos, educativa e doutrinária, do ilustre e Reverendíssimo Sr. Bispo Dom Attico Euzebio da Rocha, que, por certo, com a elegância do seu verbo a ático, altivo, firme e solene, como um sol sobre o topo de uma rocha, espargirá sobre nós, na esplanada, os raios de sua sagrada benção.

Não devo perturbar o doce concerto, não quero desfazer a suave harmonia que paira neste ambiente, e, por isso vou terminar, convidando aos assistentes a que, todos de pé, sob calorosa e prolongada salva de palmas, em uma vibrante consagração, como em uma apoteose, concedamos juntos a palavra a S. Ex.

Passo Fundo, 11 de outubro de 1935

Data : 12/10/1935

Título : 150 DISCURSO SOBRE O DR. BORGES

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado, em 23 de Junho de 1928, no salão do Clube do Comércio em Porto Alegre, num banquete oferecido ao Dr. João Neves da Fontoura.

DISCURSO SOBRE O DR. BORGES

Pronunciado, em 23 de Junho de 1928, no salão do Clube do Comércio, em Porto Alegre, num banquete oferecido ao Dr. João Neves da Fontoura.

Exmos. Srs Drs. Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura, presidente e vice-presidente do Estado. Exmos. Srs.

A vida é cheia de flagrantes contrastes... Ouvistes dois formosos e elegantes discursos e agora ides ouvir o meu... Desculpai.

“Lás cosas hay que hacerlas; mal, pero hacerlas” disse Sarmiento.

O exercício da presidência da Assembléia dos Representantes do Estado explica, e plenamente justifica, nesta imponente homenagem ao ilustre Dr. João Neves da Fontoura, o fato de eu vos dirigir a palavra, e é nesse caráter que tenho a insigne honra de, em breves palavras, solicitar que se levante uma viva saudação ao emérito riograndense e eminente brasileiro, Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, um dos vultos de maior valor moral e mental da nossa Pátria, verdadeiro evangelizador do regime republicano.

Tenho a segura convicção de não ser preciso relembrar aqui as peregrinas e magníficas virtudes de Borges de Medeiros; elas são do nosso conhecimento, pois estão na consciência de todos, e já, em 1902, eram proclamadas pelo excelso patriarca Dr. Júlio Prates de Castilhos, em notável documento político.

O Brasil, e principalmente o Rio Grande do Sul, grande pelo valor e pela bravura dos seus homens, grande por suas heróicas tradições, grande pelo seu comércio, pela sua indústria e pelas suas artes, devem-lhe profunda admiração e respeito, a par de indelével gratidão.

Nenhum riograndense o tem excedido em dedicação, afeto e amor à sua terra, e é por isso que ele é hoje maior que ontem, e amanhã será, por certo, ainda maior que hoje.

O invicto Partido Republicano do Rio Grande do Sul, superiormente disciplinado e digno, tem pelo seu Chefe, tão notável quanto modesto, a mais respeitosa consideração, cercado-o de robusta e indestrutível solidariedade e sempre cerrando fileiras ao seu lado, sejam quais forem as circunstâncias e as questões, na mais perfeita harmonia de vistas, sem a menor solução de continuidade.

Façamos, Srs., de coração, votos pela saúde do preclaro estadista, e levantemos, com ardor e alegria, a nossa taça em honra de S. Ex.

Passo Fundo, 12 de Outubro de 1935.

Data : 13/10/1935

Título : 151 DISCURSO NA PEDRA DA CATEDRAL

Categoria: Memórias

Descrição: Discurso que proferi, em 29 de Abril do corrente ano, quando do assentamento da pedra fundamental da Catedral de Passo Fundo.

## DISCURSO NA PEDRA DA CATEDRAL

Discurso que proferi, em 29 de Abril do corrente ano, quando do assentamento da pedra fundamental da Catedral de Passo Fundo.

Ex. e Rvmo. Sr. Bispo Diocesano Dom Antonio Reis - Excelentíssimas Sras. e Srs., meus irmãos na fé, meus irmãos em Jesus.

Muitas tem sido as vezes que hei falado em público por circunstâncias honrosas e distintas, mas devo confessar, e o faço sem reboços e com indisfarçável alegria, que nenhuma delas tocou tanto o meu espírito e em meu coração, como a de hoje, por isso que, depois de tão ilustres oradores ao Iº Congresso Catequético do Rio Grande do Sul, fala pela primeira vez, um passofundense de nascimento, no instante em que se fixa a pedra fundamental da Catedral de minha terra.

Essa é a maior honra, não a mim, obscura individualidade e pobre pecador deste vale de lágrimas, mas honra à minha própria terra, que verá, imperecivelmente, perpetuado este ato solene na pedra, no cimento, no mármore e no bronze da futura Catedral.

E não é só por essa esmeralda que eu olho a perspectiva, porque existe um outro ponto de não menos importância, embora de ordem íntima, de nenhum interesse para vós e muito para mim, que corrobora no aumento do meu júbilo: aqui, neste mesmo local, foram erguidas a primeira capela e a primeira igreja católicas de Passo fundo, e, nesta última, bem tosca, mas que eu sempre, na minha doce fantasia infantil, achava-a tão linda, recebi, em 15 de Agosto de 1882, com 5 meses de idade, o santo sacramento do batismo, e fiz, em 1892, por ocasião da visita pastoral do virtuoso Bispo Dom Claudio José Gonçalves Ponce de Leão, a primeira comunhão.

Em 1834, Joaquim Fagundes dos Reis e mais alguns poucos moradores requereram à autoridade eclesiástica de Porto Alegre licença para a construção de uma capela, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Passo Fundo, que foi aqui levantada no decorrer do ano de 1835.

Feliz coincidência a nossa de comemorarmos hoje cem anos da construção daquela capela rústica, de madeira, coberta de capim, como eram então todas as poucas casas do lugarejo!

Logo depois, esse pequeno templo salvou a população de um feroz ataque por parte dos silvícolas. Só se rezava missa, quando vinha um padre de Cruz Alta, e, em determinado domingo, a igrejainha encheu-se de fiéis, vindos de todos os recantos. “Enquanto isso se passava, escreve o douto historiador da Terra dos Pinheirais, sucesso bem diferente e quiçá mui sério para ela, que nem sequer o suspeitava, se ia desdobrando no mato próximo, ali naquela coxilha que temos à vista, situada a quem e à esquerda do Barracão.

É o caso que os índios coroados, os bugres, como eram e são, ainda hoje, chamados, esses pobres silvícolas, que a própria civilização compeliu a serem-lhe maus naqueles tempos, visto

que os perseguiu, dizimou e escravizou nos sertões de São Paulo, obrigando-os assim a buscarem refúgio nas brechas remotas do Rio Grande do Sul, tinham vindo, favorecidos pelo espesso mato da serra geral, colocar-se de alcatéia no ponto referido, aguardando momento próprio, que ser-lhes-ia delatado por comparsa posto de vigia em alto pinheiro, para um assalto à povoação. Assim preparado o golpe, em que, como era praxe de tais índios, teria parte saliente na chacina o tremendo cacete de quatro quinas, falquejado depois da competente sapeca para que mais rijo se tornasse, e que era manejado por um fiel de embira que se prendia à mão hercúlea do índio, eis que acontecimento imprevisto põe abaixo o plano diabólico assim delineado: o que estava de alcatéia no pinheiro, vendo sair da capelinha, na terminação da missa, o povo que lá estava, desce precipitadamente do seu posto e vai narrar o caso aos companheiros, que ouvindo-o e concertando, decidiram que, dado o exposto, e se cada casa do povoado tinha assim tanta gente, claro estava que a soma de todas se avantajaria ao número deles, não se podendo, portanto, cogitar mais do projetado assalto, que, por isso, frustrou-se, visto ser tática invariável desses índios só atacarem com pronunciada superioridade numérica”.

Auguste de Saint-Hilaire, no seu notável trabalho “Viagem ao Rio Grande do Sul” em 1820 e 1821, confirma e descreve essa tática dos índios.

Foi Srs., a providência divina que, por aquele meio, salvou a população de morte certa e bárbara.

Essa capela ruiu em 1863, sendo as imagens recolhidas a uma outra, de São Theodoro, construída à expensas de Dona Gertrudes Ribeiro, e, em 1865, foi construída então no mesmo lugar da capela a igreja matriz, que, por sua vez, foi derrubada, por se achar em ruínas, em 1908.

Esta foi a que eu conheci, e ainda me ressoam aos ouvidos aquelas primeiras melodias da fé nascente, que são as que gravam indelével, e ainda me lembro (e que evocação saudosa!) da prece ensinada por minha Mãe, “prece, escada misteriosa de Jacó; por ela sobem os pensamentos ao céu; por ela, descem as divinas consolações” e ainda me recordo das nossas alegres festas domingueiras, ditas pelo saudoso padre Guedes.

Hoje, decorridos tantos anos, cerro os olhos, e repito baixinho, com a crença da oração de um enfermo:

“Ressurgir dentro da alma uma idade passada, como em capela d’ouiro há cem anos fechada, onde não vai ninguém, mas onde há festa ainda, se eu não hei de saber como a saudade é linda”.

O clero de Passo Fundo, a não ser em uma insignificante exceção para confirmar a regra, sempre manteve as melhores relações oficiais e pessoais, com as autoridades locais, tanto que em 1908, o querido padre Valentim Rumpel, por indicação minha, fez parte, e saliente, do Conselho Municipal, e convém lembrar que, em 1857, depois da cerimônia da instalação do município, “em ação de graças pelo magno acontecimento, realizou-se, em seguida, um Te Deum na Matriz da Vila”.

O Congresso Catequético não podia encerrar de melhor modo os seus importantes trabalhos do que lançando a pedra básica da Catedral de Passo Fundo.

É um melhoramento que há muito se fazia sentir e cuja construção é uma imperiosa necessidade, tanto mais quanto avalia-se da crença, maior ou menor, de um povo pela grandiosidade, maior ou menor, dos seus templos.

Não basta só a nossa boa vontade.

Sigamos o resumo dos conselhos do Dr. Victor Pauchet, no “Soyz optimiste”: vontade, paciência e energia.

Cada um de nós tem que trazer sua parcela diuturna de cooperação, apoio franco e decidido, grande ou pequeno pouco importa, mas constante, para que, dentro de poucos anos, vejamos erguer-se, como braços estendidos para o céu, ensinando-nos a morada de Deus e das almas boas, as suas alterosas torres, em desafio perpétuo às paixões, às lutas, às vaidades, às intempéries da vida.

Na tormentosa época porque atravessa o mundo, no embate constante das mais disparatadas opiniões e ambições, na desagregação do caráter e oscilação da personalidade; no momento em que certa erva má e danada pretende atirar suas gavinhas para enredar, ou quiçá destruir, o que de mais caro temos como a estabilidade social, argamassada durante séculos; no instante em que grossos nimbos se divisam nos horizontes, ameaçando formidáveis tempestades; na hora em que todas as atenções convergem para a anarquia reinante em todos os continentes; quando já aparece, nas estradas, embora longínqua, a poeira dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, nessa fragorosa débâcle do ideal, do belo e do bom, precisamos nós, os da igreja católica, inexaurível fonte moral, serenos na fé, dignos da nossa fé, sem máscaras afiveladas ao sabor das conveniências de momento, nos mantermos vigilantes e ativos, confiantes e fortes, principalmente fortes, para o combate ao mal que, menos mais dia, nos baterá às portas.

Mas o que é, Srs., ser forte?

Ouçamos, a propósito, a interessante lenda que nos conta Gibier, em seu livro *Le regne de la conscience*: “Um filósofo reuniu, um dia, ao redor de si, seus melhores discípulos e lhes propôs esta questão: Qual é o homem verdadeiramente forte? Levantou-se um e disse: “É o que tem os músculos de Hércules”. “Não, contestou o outro, é o que possui a ciência de Arquimedes”. O terceiro atribuiu a palma da força ao general que debela os exércitos inimigos e o quarto entendia conferi-la ao orador e ao poeta, que fascinam as multidões e as arrastam para onde lhes apraz, pelos amários irresistíveis das suas palavras e dos seus versos. No entanto, todos se enganaram. Pois, a fogueira consumiu a força física de Hércules. Faltou uma alavanca à força científica de Arquimedes. Basta um sopro da fortuna para aniquilar a força das armas. E extingue-se a força da eloquência no eco da voz que esvanece e morre. Eu mesmo, perorou o sábio, não sou um homem verdadeiramente forte: a minha inteligência tem os seus limites e o meu coração tem as suas fraquezas. O homem forte é aquele que sabe, na obediência livremente aceita e na submissão conscientemente praticada, vencer-se a si mesmo. E a quem uma vez assim se venceu, ninguém mais vencerá: nem os elementos, nem o infortúnio, nem o martírio, nem e própria morte.”

É por isso que a igreja católica é imensamente forte, através dos seus dogmas, pregados durante séculos, muitas vezes com o maior dos sacrifícios, por homens que sempre souberam superiormente vencer-se, antes de tudo, a si mesmos, nessa obediência livre e nessa submissão consciente.

A nossa religião é um poder e uma força, poder espiritual cuja arma invencível é a cruz, força espiritual cujo poder é a fé inquebrantável.

E para vos citar um exemplo de homem forte, aí está em nossa frente, aureolado de virtudes, cercado pelos nossos corações, bafejado pelo nosso respeito e aquecido pela nossa amizade, o eminente bispo D. Antonio Reis, caráter diamantino, inteligência brilhante, alma caridosa,



coração generoso, toda uma vida digna, consagrada, com amor sem par e com dedicação sublime, ao seu elevado e divino sacerdócio.

Homens como V. Ex. são como as madreperlas que “vivem no meio do oceano sem absorverem a mínima gota de água salgada”.

Inteiramente convencido estou de que o povo de minha terra, como eu, exulta por este auspicioso acontecimento de hoje, de uma simplicidade tocante, cheio de fé e de esperanças, o que, à saciedade, bem prova essa exuberante demonstração de entusiasmo, vibração cristalina, sincera e pura da alma católica de Passo Fundo, frêmito incontido do nosso sentimento religioso.

Terminando, expresso-vos os melhores agradecimentos, e sejam as minhas últimas palavras as de Gunther Gruder: “Fé – Vontade – Ação. Nossa fé é forte, porque ela está enraizada em nós. Nossa vontade é pura, porque ela repousa sobre o sentimento da responsabilidade e da solidariedade. Nossa ação será irresistível com essas fontes de origem”.

Passo Fundo, 13 de Outubro de 1935

Data : 14/10/1935

Título : 152 DISCURSO NO COLÉGIO NOTRE DAME

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido em 6 de Março de 1932, por determinação das Senhoras Católicas de Passo Fundo...

## DISCURSO NO COLÉGIO NOTRE DAME

Proferido em 6 de Março de 1932, por determinação das Senhoras Católicas de Passo Fundo, como homenagem ao Sr. Bispo Dom Antonio Reis, em um chá que lhe foi oferecido no Colégio Notre Dame.

Honra excelsa para mim a de falar pelas Senhoras Católicas de Passo Fundo a mais alta autoridade eclesiástica desta diocese, rica e linda.

Sinto-me transportado a um mundo quase que estranho, de exercício inteiramente diferente daquele em que atuo. E como me sinto bem em dirigir a palavra a V. Reverendíssima, Dom Antonio Reis, em nome das famílias católicas de minha terra.

De uma feita, o arcebispo de Cuiabá, Dom Aquino Correia, membro da Academia Brasileira de Letras, ao fazer o panegírico de São Francisco de Salles, o grande amigo pessoal de São Vicente de Paulo, por ocasião do 3º centenário da sua morte, assim iniciou a sua eloquente e brilhante oração: “A ramalheira Glycera, com quem abre São Francisco de Salles a primeira página da Philotéa, sabia variar tão bem a disposição das suas flores em ramalhetes, que com as mesmas fazia sempre novos, a ponto de levar nisto a palma, em gracioso desafio, ao hábil pintor Pausias, pois este não logrou combinar em tanta maneira as tintas da sua palheta, como Glycera os matizes das suas corolas”.

Quem nos dera hoje aqui o condão artístico da floreira grega. Fariamos então um buquê tão lindo, tão belo, tão encantador e, orgulhosos da nossa obra, o entregaríamos a V. Reverendíssima, que, pressuroso e risonho, aconchegando-o ao seu peito, com amor e como quem guarda uma jóia de valor inestimável, o iria colocar como em um trono, nos pés da Virgem Conceição, nossa santa padroeira e padroeira também do nosso Brasil.

Depois do honroso convite de ontem, à noite, é que eu bem compreendi, em um “nosce te ipsum”, a minha responsabilidade diante da grandeza desta festa... e, então, às pressas, escrevi estas linhas, que, pela pena, brotaram-me espontaneamente da alma, tão só em um esboço de discurso.

Agora, que direi eu?

Pouco é verdade: mas, é verdade também, que o que eu disser a V. Revmo. é a máxima expressão da minha lealdade e da minha fé sincera.

Nascido, criado, educado dentro da nossa religião, posso assegurar que sou um católico de convicções.

Creio nos seus dogmas fundamentais.

Quando moço, cheio de vida e de esperanças, de ilusões e de alegrias, rumei, enveredei, amorosamente, procurando a querida terra natal, por uma nova estrada, firme nas minhas convicções e confiante serenamente no futuro, pois que, com Deus, colimava sempre o Bem e procurava sempre a Verdade.

Nessa longa jornada percorrida, tive instantes de satisfação imensa, minutos de dúvidas e de incertezas, horas de profundo pesar.

Quantas vezes eu senti a minha pequenez diante da grandeza do mal inevitável; quantas vezes de braços cruzados percebi a inutilidade dos meus maiores e melhores esforços; quantas vezes, porque eu também tenho coração e tenho alma, lágrimas amargas, de desespero e de dor, correram-me furtivamente pela face, no silêncio santo dos hospitais, na sala longa, fria e anônima da pobreza; quantas ingratidões hei caladamente sofrido; quantas injustiças e decepções tremendas, resignadamente tragado.

Mas tudo isso não me trouxe ao espírito o desânimo cruel, a descrença maldosa e o ceticismo desolador. Não, nunca. E por quê?

Porque eu creio em Deus.

Lamartine já o disse: “Toda a civilização, que anula a idéia de Deus, é falsa. Toda a civilização, que se não repassa da idéia de Deus, é fria e vã. O valor máximo de uma civilização perfeita é Deus melhor conhecido, amado e adorado pelos homens. A oração é a última palavra e o último ato de toda a civilização verdadeira. A mais bela atitude do homem livre é estar de pé e

aprumado diante dos homens. A mais bela atitude do homem crente é inclinar-se genuflexo, diante de Deus”.

V. Ex. recebe hoje das Senhoras Católicas de Passo Fundo esta humilde homenagem, simples pela sua exteriorização, mas vultosa pela sua sinceridade: o seu maior valor reside na veemência do seu gesto, que é grande, espontâneo, leal e afetivo.

Em nome delas, ofereço-lhe este chá, dedico-lhe toda esta festa, que, tenho a certeza, ficará guardada no coração generoso do meu ilustre Amigo, cujo palpitar forte e ritmado tem sido um traço que bem revela, que bem desenha o perfil do seu cérebro.

E foi, por isso, certamente, que moço ainda foi Dom Antonio Reis escolhido e consagrado Bispo. Não fossem as suas virtudes de coração e de alma; não fossem sua reconhecida caridade e grandeza de espírito; não fossem a sua bondade inexcedível e a sua superioridade mental, fortalecida por uma fé inabalável, e seria, talvez, S. Ex. um lugar comum na vida religiosa.

V. Revmo., que não ambicionou nem pediu o brilho dessa posição, bem a mereceu pelas suas nobres e belas virtudes, fidelíssimo aos sagrados doutrinamentos da fé.

Homens como o meu, como o nosso preclaro Amigo e Chefe Espiritual, passam pela vida fazendo o bem, corrigindo o mal diuturnamente, sem o seu prejudicial contato.

Caráter sem jaça, inteligência formosa, alma franca, coração imensamente bom, toda uma vida virtuosa e exemplar, dedicada a Deus, em verdade e em convicção, tais são, em traços gerais, os excelsos predicados que salientam e emolduram a vida do nosso Bispo, honra e glória do clero brasileiro.

Aceitai insigne patricio e virtuoso sacerdote, pela minha voz descorada, as demonstrações de amizade e de respeito das Senhoras Católicas de Passo Fundo; aceitai, enfim, em nome delas, uma saudação sinceríssima e entusiástica, que, como diz o poeta:

“Vai pelo azul um cântico vibrando,  
Tão límpido tal alto, que parece,  
Que é uma estrela no céu que está cantando”.

Passo Fundo, 14 de Outubro de 1935

Data : 15/10/1935

Título : 153 DISCURSO NO 8º REGIMENTO DE INFANTARIA

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado em 31 de Agosto de 1922, por ocasião do assentamento da pedra fundamental do Quartel do 8º Regimento de Infantaria.

## DISCURSO NO 8º REGIMENTO DE INFANTARIA

Pronunciado em 31 de Agosto de 1922, por ocasião do assentamento da pedra fundamental do Quartel do 8º Regimento de Infantaria.

Senhores – O homem, em sua trajetória pela terra, é sempre escravo dos seus deveres, os quais, sempre também, o arrastam para frente, no desempenho de honra de função social.

Eis, porque, Srs., abalço-me a estas inseguras palavras, que, por certo, não traduzirão satisfatoriamente o meu inteiro sentir, visto como as grandes emoções isquemiam-me, a maior parte das vezes, a localização cerebral da palavra.

Essa solenidade, que acabastes de observar, de uma simplicidade tocante e cheia de ensinamentos, de um cunho de vero civismo, e a base de um quartel de infantaria, sobre o qual tremulará, em breve, o sacrosanto símbolo da fé e do nosso amor pátrios; é o marco indelével de um novo surto do progresso para a nossa terra; é o grande pedestal de vultosa instituição, escola da dignidade e do dever, onde a mocidade, cônica dos seus brios, vai auferir aptidões para bem poder servir e defender a Pátria nos momentos precisos.

A caserna de hoje não é mais o espantinho de antanho; é um segundo lar, ou antes, é o prolongamento do primeiro, onde se revigoram as energias cívicas, onde se fortalecem, e se aprimoram, as qualidades de soldado, onde servem os nossos amigos, os nossos irmãos e os nossos filhos, labutando por um ideal sublime e nobre, tal o engrandecimento e a integridade do Brasil.

Essas forças morais, amor, dedicação, coragem, civismo, necessitam, para um feliz êxito, de instrução militar, e é somente no quartel onde se aprende a ser verdadeiramente soldado, capaz de reproduzir, se oportunidade houver, os feitos heróicos de Andrade Neves, Camara, Osório e tantos outros bravos.

Inteiramente convencido estou de que o povo de minha terra, como eu, exulta por tão auspicioso acontecimento, que bem demonstra essa vibração de entusiasmo, apesar da inclemência do tempo.

Orgulho-me, e escusai-me da vaidade, de assistir esta cerimônia como administrador do município de Passo Fundo, ao qual direi, parodiando a frase de Santo Agostinho: “mais grato me é vos ter sido útil, que ter sido vosso chefe”.

Brindo, afetuosamente, o prezado patricio e ilustrado engenheiro Dr. Firmo Dutra, e levanto a minha taça em honra do Exército Nacional, representado pelos dignos militares presentes.

Passo Fundo, 15 de Outubro de 1935

Data : 16/10/1935

Título : 154 DISCURSO NO CONGRESSO DAS MUNICIPALIDADES

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido em 20 de julho de 1929, no Palácio do Governo, ao Dr. Getúlio Vargas, então presidente do Estado.

### Discurso no Congresso das Municipalidades

Proferido em 20 de julho de 1929, no Palácio do Governo, ao Dr. Getúlio Vargas, então presidente do Estado.

Excelentíssimo Senhor Presidente – Excelentíssimos Senhores Secretários de Estado – Senhores.

Por delegação, sobremodo honrosa, para o obscuro representante de Passo Fundo, ao 1º Congresso das Municipalidades Riograndenses, eis-me na presença de Vossa Excelência, a fim de expressar-lhe, com a máxima sinceridade, os agradecimentos de que Vossa Excelência tem feito jus pela sua fidalguia e distinção.

O Congresso, que ora se realiza, é uma esplêndida e magnífica cruzada, que trará, por certo, para a comunhão riograndense, os melhores e os maiores benefícios, por isso que Estado e Municípios de mãos dadas, cada um na sua esfera de ação, na mesma unidade de vistas, procuram, com acendrado carinho, resolver os magnos problemas que vitalmente lhes interessam.

Tem vindo à tela do debate interessantes, complexas e importantes questões, discutidas, em plenário, com brilho e elevação invulgares.

Não houve assunto que, de perto, interessasse o progresso do município que, nesse Congresso, não tivesse sido também objeto de acurada meditação, aprofundado estudo, amplo debate e criteriosa deliberação.

O ensino público primário e profissional, que tão acaloradas controvérsias suscitou, teve uma solução digna e honrosa para quantos nelas se empenharam, pois que, ao cabo de tantas lucubrações, foi a questão entregue à definitiva resolução do preclaro Presidente do Estado, que, nesta hora, para felicidade de todos, em rota certa e timão firme, guia os destinos do Rio Grande do Sul.

A instrução pública tem sido, por assim dizer, a pedra de toque do governo benemérito de Vossa Excelência, que encontrou um ilustre Secretário do Interior, Dr. Osvaldo Aranha, o cooperador necessário para realização completa de tão magno empreendimento.

Esse moço, que tão cedo revelou as suas excepcionais qualidades de homem público, na presidência do Congresso, aliando a sua qualidade de Secretário de Estado, foi o fator máximo

do brilho e êxito com que se solucionaram todas as teses discutidas, esclarecendo, retificando, aconselhando, com sua palavra vibrante e sugestiva, o que de mais útil e praticável se lhe afigurava.

Assistência social, saúde, segurança e justiça públicas, agricultura e pecuária, rios e águas correntes, viação, política e administração, assuntos que, na hora presente, não podem ser relegados para um segundo plano por todo administrador digno desse nome, foram exaustivamente esclarecidos, e as conclusões votadas, uma vez postas em execução, trarão, sem dúvida, os resultados previstos e tão patrioticamente desejados.

Para mim, Senhor Presidente, esse Congresso, além do mais, foi uma surpresa e uma revelação, pois que, em muito feliz oportunidade, travei relações e conheci de perto representantes dos mais afastados e pequenos municípios, e observei que eles, com o mesmo amor e dedicação, estudam e procuram acompanhar o progresso, cada vez mais crescente, do Rio Grande do sul.

Há por toda parte uma ânsia de trabalho e de ascensão, saneando as nossas cidades, cultivando os nossos campos e matos, desenvolvendo o sistema arterial das rodovias, abrindo escolas, amparando o comércio e as indústrias, fomentando a agricultura, dando braço forte à justiça e, assim procedendo, Senhor Presidente, procuramos ser colaboradores do governo de Vossa Excelência, que todos uníssonos e entusiasticamente classificam de brilhante, e, em verdade, assim o é, e aí estão a assegurar os empreendimentos e as realizações.

No Rio Grande do Sul, atesta-o a história, as questões políticas apaixonam e extremam os homens, que não se quedam indiferentes, mas se alistam e combatem nas fileiras dos dois formidáveis partidos, que militam com fronteiras e programas definidos.

Pois bem, Senhor Presidente, a este Congresso acorreram distintos representantes da oposição, tão dignos e respeitáveis quanto nós outros, e, no entanto, no mais aceso das discussões, jamais se focou, sequer de leve, a menor questão política.

É que fizemos frente única.

Separam-nos os ideais políticos, mas nos une, congrega e fortalece o mais entranhado amor pelo Rio Grande do Sul, terra estremecida e cara.

É a cultura cívica do gaúcho em marcha.

Vossa Excelência teve, na frase do grande Borges de Medeiros, a felicidade de ver pacificada a família riograndense.

O seu benemérito governo tem sido testemunha desse surto de trabalho fecundo, de energia construtora, que esteia por toda parte.

O nome de Vossa Excelência é, por isso, hoje proclamado como um dos beneméritos da terra gaúcha e uma das mais lidimas esperanças da República.

Receba Vossa Excelência, neste instante, os cumprimentos dos representantes do 1º Congresso das municipalidades, de envolta com os votos que fazemos pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e pela continuação do seu operoso governo, já tão farto de reais serviços à causa pública.

Passo Fundo, 16 de Outubro de 1935

Data : 17/10/1935

Título : 155 DISCURSO AO CORONEL GABRIEL BASTOS

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado em 10 de Janeiro de 1917, por motivo de seu aniversário natalício.

### Discurso ao Coronel Gabriel Bastos

Pronunciado em 10 de Janeiro de 1917, por motivo de seu aniversário natalício.

\_ Mais um ano de vida, mais uma conta desfiada no rosário da existência e mais um passo para o abismo insondável do mistério e, assim pensando, não se deveriam festejar as datas natalícias, mas “cessa tudo quanto antiga musa canta” e alegremente comemora-se com festas, como a de hoje, da pureza simples e tocante alvura dos lírios florentinos, quando o aniversariante é um vulto da estatura e da estrutura moral de Gabriel Bastos.

Digno, inteligente e honrado, modesto sempre, altivo e bondoso, Gabriel Bastos tem se imposto ao conceito justo e à admiração de seus amigos, que hoje, em um grande amplexo, lhe vem trazer “les coeurs sur les livres” votos de maior prosperidade e de melhor felicidade pessoal.

Faço extensivos esses votos à toda sua Excelentíssima Família, e desejo especializar, aproveitando da feliz oportunidade, o nome de sua digna consorte, Dona Juvencia, coração magnânimo e espírito de elite.

A sua pessoa, Senhora, traz-e à memória, neste momento, uma individualidade veneranda e venerada, cujas migalhas de pão foram, por intervenção divina, transformada em rosas, ao ser descoberta a sua caridade, e a caridade de Vossa Excelência é por todos de sobejo, conhecida.

Pois bem, eu rogo a Deus para que não sejam transformadas em flores, mas em bênçãos celestiais o grande número de lágrimas que tendes enxugado o grande número de conforto que a espíritos aflitos tendes levado, e, finalmente, o grande número de bocas, cuja fome tendes mitigado.

Levantando à minha taça à saúde do Coronel Gabriel Bastos e de sua virtuosa esposa, tenho a certeza de ser correspondido com veemência, em um hurrah estrepitoso e palpitante.

Passo Fundo, 17 de Outubro de 1935

Data : 18/10/1935

Título : 156 DISCURSO DE POSSE INTENDENCIAL

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido em 15 de Novembro de 1920, quando, depois de memorável pleito, assumi o cargo de intendente municipal.

### Discurso de posse intencional

Proferido em 15 de Novembro de 1920, quando, depois de memorável pleito, assumi o cargo de intendente municipal.

-A Vossa Excelência, Senhor Dr. Alvaro Leal, que tão bem interpretou, em impecável estilo, o sentir dos nossos amigos, com a nobreza da vossa palavra burilada, com o vosso fulgurante talento, a expressão sinceríssima do meu penhor e a afirmação solene da minha amizade.

Ao digno Conselho Municipal, cuja benéfica ação, nos destinos desta terra, em breve se fará sentir, as minhas intensas congratulações por mais essa etapa brilhante de trabalho, de inteligência e de civismo.

Senhores – Sois, enfim, chegados à última fase dos vossos ideais: vencestes, em 15 de Abril de 1919, uma das vossas maiores aspirações e vencestes ainda, em 16 de Setembro do corrente ano, a seqüência natural e legítima da primeira.

Estão, portanto, os vossos desejos satisfeitos em sua totalidade, estão os vossos anelos completamente realizados e oxalá possa eu, o escolhido por vós, dar desempenho cabal às funções que me foram honrosamente conferidas e corresponder d'est'arte à elevada e inmerecida confiança dos meus amigos, sempre bondosos, sempre magnânimos.

Como político, militando nas fileiras do partido republicano castilhisto desde saudosos tempos acadêmicos, continuarei a servi-lo, com o mesmo ardor da mocidade, sem paixões subalternas, sem ódios, sem vinganças.

Como administrador, observando serenamente os fatos, pelo prisma da verdade e do direito, propugnarei pelos reais interesses da coletividade, amparando-os, numa concentração de energias, com todas as grandes forças da minha dedicação e da minha vontade.

Na evolução do mundo moderno, nessa vertiginosa decadência de caráter, quando tudo se procura deturpar e corromper, quando a sociedade é invadida por uma avalanche de vivedores, quando impera o vício, quando domina a libertinagem, torna-se necessário aos homens de governo traçar, com mão de aço, uma linha reta, sem desvios e sem atalhos, pelo caminho da moral, da dignidade e da honra, trilhando-o com passo firme, sem tremores e sem vacilações.



Nutro plena convicção, tenho certeza absoluta de que, nessa trajetória, encontrarei inúmeros obstáculos, barreiras quase insuperáveis, cuja transposição, por certo, trar-me-a amargos dissabores, cruéis desenganos; mas, se for para o bem de minha terra, não medirei sacrifícios para vencê-los, não terei momentos de fraqueza e de dúvidas; enfrenta-los-ei confiante e sereno, de viseira erguida, convicto de que estou cumprindo um dever e de que, afinal, os homens honrados e de boas intenções saber-me-ão julgar.

Moldo a minha ação governamental pelas palavras de Julio da Castilhos: “A minha ação política, na elevada significação da palavra, será tão tolerante como enérgica. Tolerante, quanto às opiniões e quaisquer pronunciamentos pacíficos, tolerante até o extremo de uma renúncia voluntária do mandato, para que se efetue mais uma manifestação livre dos cidadãos, que compõem o corpo eleitoral, a aprazimento daqueles que movem ao governo a mais obcecada oposição. Enérgica sempre que for preciso invalidar resolutamente as criminosas tentativas dos inimigos da paz pública; enérgica, quando a segurança e o sossego da sociedade exigirem aplicação severa de inexoráveis medidas repressivas”.

Senhores – Não nos deve preocupar o passado... Cubramo-lo com o manto do esquecimento e aproveitemos dele apenas a rude experiência para nos conduzir nos empreendimentos do futuro.

A época, que não é mais de lutas, exige o trabalho ativo e profícuo e, assim pensando, nessa aurora de ressurgimentos, nessa alvorada de esperança, desfraldemos, à luz meridiana, a bandeira branca da vitória e da paz, da tranquilidade e do amor, do respeito e do trabalho, da verdade e da justiça. Pelo que é de observação comum, é de bem prever as precárias condições em que me vem parar às mãos esta municipalidade. Nas minhas palavras não há o menor exagero, nelas se cristaliza apenas a realidade palpitante, que é preciso, mais do que nunca, ser conhecida por todos vós e, o que hoje vos procuro dar ciência em traços gerais, amanhã vos será, após minucioso estudo, especificado em suas linhas mínimas, em seus mais insignificantes pormenores.

Vede Senhores, as ruas e as praças da nossa futura cidade em completo e doloroso abandono, reclamando iniciativa imediata.

Contemplai as principais estradas do município, escoadouro das nossas riquezas, permanecendo quase intransitáveis, no contínuo apelo ao poder público competente.

Observai as poucas pontes que existem, em ruínas, a espera de um hálito de progresso.

Examinai a cadeia, que é tudo o que há de mais horroroso e aberrante dos mais comensais princípios de humanidade.

Ao comércio local tem faltado um certo apoio seguro e criterioso desta municipalidade, e a crise de transportes, de que ainda sofremos as graves conseqüências e cujos males vão pouco a pouco desaparecendo, graças à ação do benemérito Governo do Estado, através do eminente Borges de Medeiros, é a prova mais exuberante do que asseveramos.

Em agricultura, somos antiquários, velhos processos de rotina e, no entanto, nela repousa a nossa principal fortuna.

Em pecuária, podemos afirmar que é a mais atrasada do Rio Grande do Sul.

A empresa hidroelétrica, cujas despesas de montagem orçam para mais de 400 contos, não correspondem sequer com um juro relativo do capital.

Questões na tela judiciária, algumas já perdidas, todas mal amparadas, a intendência mantém diversas.

Os bens do município há longos anos seguros por uma hipoteca, em documento vencido e já, para vergonha nossa, protestado em cartório.

Ao lado de tudo isso, marcha, solene e ridículo, na exteriorização do homem medíocre, a instrução pública municipal e, por sobre tudo isso, e mais que se poderia assegurar, ai está, sem meios imediatos de solução, um volumoso compromisso para com a firma The English Electric Company, de Londres que, em carta de 8 do corrente mês, e que coloco sobre a mesa à vossa disposição, reclama o pagamento de 1525 libras, que representa apenas 50% do valor da dívida.

Nesse sentido eu tenho obrigação de vos esclarecer que, em Agosto último, o então intendente, convocando extraordinariamente o Conselho, solicitou deste a verba de 20 contos, arbitrada por ele, para uma nova encomenda de transformadores. Pois bem, exorbitou da autorização que lhe foi concedida, fazendo um pedido superior a 60 contos (3050 libras esterlinas).

Para aquela mesma importante casa comercial deve o município, além do que ficou exposto, mais 27 contos de reis, de lâmpadas e outros acessórios, aqui entregues em Dezembro de 1919, há quase um ano, sem o pagamento, por conta, de um vintém sequer.

Escusai-me, Senhores, se assim vos falo se assim me expresso; mas assim é preciso, assim me cumpre fazer, porque é nessas condições que assumo o governo de Passo fundo, na gloriosa data de 15 de Novembro.

Dar braço forte à justiça, regularizar as nossas finanças, moralizar a arrecadação de impostos, aplicá-los honradamente, convenientemente, amparar o comércio, desenvolver a agricultura, abrir escolas, extinguir o jogo, fustigar a libertinagem, rasgar estradas, construir pontes são, em síntese geral, os meus ideais e, se tiver a doce ventura de os transformar em realidade, estarei plenamente satisfeito, inteiramente recompensado, podendo então me recolher à sombra da minha obscuridade.

E agora, meus amigos, urge trabalhar com fé e progredir sem esmorecimentos.

Passo Fundo, 18 de Outubro de 1935

Data : 19/10/1935

Título : 157 DISCURSO DE AGRADECIMENTO

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido em 29 de Novembro de 1916, em uma manifestação popular, quando do meu regresso a Passo Fundo, depois de longos meses de ausência.

## Discurso de agradecimento

Proferido em 29 de Novembro de 1916, em uma manifestação popular, quando do meu regresso a Passo Fundo, depois de longos meses de ausência.

Grava indelevelmente em meu espírito uma das ocasiões mais alegres da minha existência, essa demonstração de grande amizade, que ora bondosamente estão me dispensando.

É ela um grande conforto para minha alma, que vibra intensamente e com ardor por esta terra, onde tive a ventura de nascer, onde tenho a dupla ventura de viver e possuir tão bons amigos e onde espero, por último, assim o peço ao Grande Poderoso, ter a ventura suprema de cerrar as pálpebras, para nela ir repousar, calmo e tranqüilo, como quem tem cumprido o seu dever na vida.

Essas provas de carinho deveras me penhoram e me comovem. E não podia deixar de ser assim, principalmente depois das palavras do meu amigo Francisco Antonio Xavier e Oliveira que, possuindo uma oratória elegante, de concepção rápida, firme e inteligente, houve por bem representar o sentir de todos vós.

São elas um incentivo enorme para que continue eu a colaborar convosco em uma atmosfera de calma, de trabalho e de amor, na prolongação do bem estar social e constante progredir deste município, onde tudo é grande, desde o seu exuberante solo até à própria esmola.

Nestes últimos cinco meses muito tenho viajado... Percorri cidades e vilas... vi, observei, admirei, quer diante do belo natural, às vezes trágico e fantástico, quer diante da audácia e do arrojo do engenho humano; porém, eu vos asseguro, houve ocasiões em que o burburinho das cidades, o contínuo silvo das fábricas, que dão o pão de cada dia a milhares de desprotegidos da fortuna; o murmúrio suave e evocativo das ondas, que se desfazem serenamente nas praias, o arremesso estrondoso de outras, em fúria eterna, nas quilhas dos navios e nos granitos dos penhascos; o arfar estridente das locomotivas, que rasgam os campos e os matos, os montes e os vales na ânsia da civilização, houve ocasiões, repito, em que tudo isso, que é belo, grandioso e extraordinário, me fazia mal aos nervos.

E por que, meus amigos?

Porque eu tinha saudades desta terra amada, eu tinha saudades de todos vós.

A vossa grande generosidade eu vos retribuo com a minha imperecível gratidão.

De vós eu sou cativo.

Passo Fundo, 19 de outubro de 1935

Data : 19/10/1935

Título : 158 DISCURSO DE POSSE INTENDENCIAL  
Categoria: Memórias  
Descrição: Proferido em 15 de Novembro de 1928.

### Discurso de posse intencional

Proferido em 15 de Novembro de 1928.

Agradeço ao prezado amigo, Dr. Arthur Prado Sampaio, as referências que a sua nobreza de caráter e que a sua formosa inteligência, cheia de bondade, ditaram sobre a apagada individualidade, que, por momentos, tem a insigne honra de vos preocupar a atenção.

Expresso também o mais vivo reconhecimento pela comparência, que tanto me orgulha e me desvanece das altas e ilustres autoridades civis e militares, assim como pela presença de todos os meus distintos amigos.

Acabo de ser empossado no cargo de Intendente deste município, para o qual, em 16 de Setembro, fui eleito em pleito libérrimo e em rigor fiscalizado.

Bem sei aquilatar das grandes e iniludíveis obrigações inerentes à posição, mas eu não tenho como todo homem de caráter não tem o horror das responsabilidades.

“O amor pelas responsabilidades é o respeito de si mesmo e o respeito da coletividade de que faz parte” (Faguet).

Múltiplos são os problemas que interessam, de perto, à nossa vida administrativa, e conto, por certo, para resolvê-los com a cooperação digna e elevada, sincera e honesta, dos homens bons, sinceros e honestos, desta terra.

É preciso que, quando em foco o futuro e a grandeza de Passo Fundo, sejamos uma só força, que congreguemos todos os esforços, que a nossa atividade e o nosso labor não sejam dispersos em lutas estéreis, que, no geral, só nos deprimem.

Profundamente político como sou, tendo pelo meu glorioso partido um verdadeiro amor, cultuando a honra e educado em severas normas cívicas, não me cegam, no entanto, nem nunca me obscureceram a razão, as minhas paixões partidárias, em detrimento do bem coletivo.

É lapidar, nesse sentido, o conceito do filósofo de Montpellier: “A sã política é filha da moral e da razão”.

Administrar não é tão somente arrecadar impostos e aplicar os dinheiros públicos; é, além disso, e algumas vezes mais que isso, manter e desenvolver o bem social, promovendo, dentro da paz e da justiça, em um ambiente de cordialidade, em uma atmosfera de tolerância, a felicidade de um povo. É que, já o disse Maurice Maeterlink, a humanidade é feita para ser feliz, como o homem é feito para ser sadio.

A vida de uma sociedade bem se pode comparar a uma grande e poderosa máquina, onde, para seu útil aperfeiçoamento e completa função, todos os elementos, dos mais complicados aos

mais simples, assim como os poderes dos menores aos maiores, se devem sempre auxiliar mutuamente, sem entrecosques, colimando uma finalidade única. É por isso que envidarei o máximo empenho para manter com os poderes constituídos do Município, do Estado e da União as melhores relações de harmonia, de respeito e de consideração, sem rupturas de continuidade, de mãos dadas, irmanados no amor da Pátria.

Senhores – Na época em que, de acordo com o Partido Republicano, lancei a candidatura do Senhor Armando Araujo Annes ao mais alto cargo administrativo desta dadivosa gleba, tive a oportunidade de, em memorável Assembléia, avançar a seguinte asserção: “Armando Araujo Annes é hoje uma esperança que surge transformada amanhã, e disso temos robusta certeza, em brilhante realidade, pois muitos são os dotes que aprimoram, enobrecem e ilustram o seu espírito, e muitos são os elos, fortes e superiores, que o prendem à esta terra”.

De fato, meus amigos, não falhou a expectativa, e ai tendes diante de vós, em uma afirmação solene, a sua esplêndida e magnífica administração.

Superiormente orientado, bom e digno, cumpriu o seu mandato, de modo a se fazer hoje alvo das nossas congratulações, e principalmente credor dos meus mais sinceros agradecimentos.

Encerro esses breves conceitos, pedindo a Deus que, como única recompensa, conceda-me o favor e a graça de, ao deixar a Intendência, merecer de vós a mesma confiança, o mesmo apreço e os mesmos aplausos de hoje.

Se assim for, serei generosamente recompensado.

Levanto a minha taça pela glória de Passo Fundo e pela prosperidade pessoal de cada um de vós.

Passo Fundo, 19 de Outubro de 1935

Data : 23/10/1935

Título : 159 DISCURSO REGRESSO DO EXÍLIO

Categoria: Memórias

Descrição: Conferência lida, no dia 27 de junho de 1934, no Teatro Coliseu, desta cidade.

Conferência lida, no dia 27 de junho de 1934, no Teatro Coliseu, desta cidade.

Bem digo – Bem digo o Cristo do Corcovado, na admirável grandiosidade de seu morro, e a nossa padroeira Senhora da Conceição, na esplêndida simplicidade do seu templo.

Bem digo o céu azul e a terra fértil, o ar puro e a gente boa, o sol amigo e as matas densas.

Bem digo as estrelas rutilantes e os rios caudalosos, o livro sadio e o dínamo produtor, o amor sincero e o trabalho honesto.

Bem digo as rosas brancas e as crianças risonhas, os perfumes inebriantes e as mulheres lindas.

Bem digo a luminosa estrada de S. Thiago e a promissora estrada da escola.

Bem digo as nossas inacessíveis tradições e a nossa auriverde bandeira.

Bem digo, enfim, este magnífico rincão do nosso inigualável Brasil.

Regresso do exílio – Regresso à querida terra do meu berço e do túmulo dos meus pais depois de longos meses de ausência, vastos meses de torturante exílio, em que, mês a mês, pude aferir a incorruptível pureza do meu patriotismo; em que, semana a semana, pude auscultar a serenidade da minha consciência; em que, dia a dia, pude pesar o valor do meu ideal; em que hora a hora, pude medir a altura das minhas inabaláveis convicções; em que, minuto a minuto, pude observar a tempera do meu caráter e, em que, instante a instante, pude provar a energia das minhas vitaminas morais.

Volto, são e forte, ao seio de minha família, ao remanso do meu lar, à presença dos meus desleais adversários, ao constante convívio dos meus dedicados amigos, ao contato diário dos meus intemeratos correligionários, em segura confiança em breve e radiante futuro, cheio de uma fé irredutível, na minha sadia intransigência de convicções e de atos, e da mais ardente e mais pura vontade de trabalhar pela nossa ideologia, revigorado para novos embates e, conseqüentemente, para novas vitórias, ao lado dos valorosos elementos da Frente Única do Rio Grande do Sul.

Se é exato que o exílio nos proporciona intermináveis dias amargos, em que a saudade queima e caustica lentamente como o sol no Saara; se é verdade que o exílio é duro e difícil de suportá-lo com sobranceira; se é certo que o exílio, impiedosamente e em gesto recôndito de um prazer diabólico, apagando sorrisos, esmaga e tritura agradáveis lembranças em nosso velho coração; não é menos real que a esmeraldina esperança, eterno oásis nos consola sempre e a rubra fé, sua eterna companheira, nos balsamisa sempre, e como é bom, e como é suave e como é confortante, embora em terra estranha, adormecer-se com a alma tranqüila, com a consciência serena de quem, permanecendo digno dentro dele, está bem cumprindo um dever de honra!

Foi no exílio que, profundamente, senti a beleza expressiva e amarga do verso de Garril: “saudade, delicioso pungir de acerbo espinho”....

Eu vos repito, agora, a calhar, as palavras do grande defensor de Dreyfus, ao regressar do seu exílio, em Londres: “Durante meses, impus-me o mais integral exílio, o mais ignorado retiro, o mais absoluto silêncio. Era como o morto voluntário, deitado no túmulo secreto, à espera da verdade e da justiça. Hoje, tendo a verdade vencido, reinando enfim a justiça, renasço, volto e retomo o meu lugar”.

Desafio – Aqui exercerei, quer queiram quer não, sem peias e sem receios, sem vacilações e dubiedade, apoiado no regime constitucional, que assegura os direitos do cidadão, toda minha atividade política, que agora é, para mim também, uma imposição do brio.

A minha orientação é sempre a mesma; não sou cata-vento que não tem direção certa, e anda à mercê do mais forte.

Despreza os pequenos e vulgares prepotentes de rústicos tamancos, mas desafia os grandes mandões mandachurianos de perneiras de verniz, que fora da Lei, despidos de escrúpulos, mordidos de despeito empapados de ódio, impando da vaidade e da bazofia, que circundam sempre o ignorante de alto calibre, amparados nas muletas da força bruta “despotismo da matéria” na frase de Latino Coelho, e no poder discricionário com a alma vazia de sentimentos bons, nunca tiveram a coragem de me enfrentar no regime legal e aproveitaram-se de uma situação toda anômala para contentamento de mesquinhas vinganças. O despeito é pior que a sífilis. Para esta: mercúrio, arsênico e bismuto. E para aquele? Não tem cura, é como a hidrofobia declarada.

Ruy Barbosa, nas cartas de Inglaterra, em 1895, pintou este quadro: “Há um gênero de ambição, inerte e retraída, como certos répteis, que se enroscam na obscuridade, à espreita da ocasião que lhe passa ao alcance do bote. Os indivíduos dessa família moral, silenciosos, escorregadios e traiçoeiros, passam às vezes a maior parte da existência ignorados, até que a oportunidade fatal os favoreça. Então o distinto originário desperta-lhes as faculdades dormentes, a espinha desentorpecida cobra-lhes sob as descargas de um fluido subtil, e vêem-se esses preguiçosos, esse flácidos, esse sonolentos desenvolverem inesperadamente a distencibilidade, a flexibilidade e a tenacidade das serpentes constritoras”.

Pátria – Pátria, família, amigos, tudo e tudo, fizeram-me abandonar; não me fizeram, porém, perder a vergonha.

Arrebataram-me a liberdade de viver aqui; não me arrebataram a dignidade.

Meteram-me na cadeia; não conseguiram me fazer sair de joelhos.

Cassaram-me os direitos políticos; não me cassaram o direito de pensar.

Encerraram-me a clínica, o consultório, pão meu de cada dia; não me cerraram os olhos nem as portas da consciência. Perdi tudo quanto possuía, só conservei o melhor e o mais bem da vida: a honra pobre de dinheiro; rico de brios e de esperanças.

Perseguiram-me até a margem do rio Uruguai, no porto de São Marcos, essas formigas carnívoras, na ânsia de fome devoradora, e não me puderam curvar a coluna vertebral, amolecer a rijeza dos músculos, liquidar com as vibrações do cérebro e nem gelar-me o sangue nas veias, deixando a minha ossada a branquear no topo de uma coxilha, em contraste com a cor de algum famigerado negro “provisório”.

Prenderam violentamente, demitiram arbitrariamente o meu filho, e Shylock, com o seu “pathos” notável confusionista, com ares de Rasputin e alma de Heliogábalo, conseguiu a minha repugnância cada vez maior: entre uma coisa assim e um vômito, prefiro o vômito.

O próprio governo do Estado, quinze meses depois, espontaneamente, o reintegrou ao seu cartório de 1º notário, separando, d’est’arte, um erro e uma injustiça: erro, porque aquela exoneração foi um atentado à Lei; injustiça, porque meu filho não é responsável pelos meus atos.

A demissão de Ruy levantou protestos gerais.

Foi a eterna fábula de La Fontaine que, a uma vez, se repetiu: o leão, confirmando o seu ódio e o seu bric-a-brac mental, investe e vinga-se no cordeiro. Mas o leão não era leão: era um burro fantasiado de leão; traíram-lhe as pastas, o rabo e as orelhas.

Para o ignorante, indulgência e livro; para o louco hospital e remédio; para a fera, jaula e carne; mas para o burro carroça e capim.

Deve haver em tudo isso um grandessíssimo pulha “mansais sujet” que não conheço, mas, por certo, em arremedo de esquisito e novo colosso de Rhodes, terá um pé na burrice e outro na estupidez; imagino que sua palestra deve ser mais irritante que uma ranzinza dor de dente; calculo que deve ter mau olhado e penso que deve ser avarento, fazendo inveja ao personagem de Balzac.

Esqueceram-se porém de que quem semeia ventos só colhe tempestades; de que nada melhor, principalmente em política, que um dia depois do outro e de que a aurora reivindicadora do direito haveria, ainda que tarde, de despontar no horizonte, desfazendo a bruma da deliciosa lembrança ditatorial, que chegou ao cúmulo do ministro Juarez Távora, da tribuna da Constituinte, fazer, em princípios de esforço, um choroso e textual apelo: “pelo amor de Deus e pelo amor do Brasil” para que não se deixasse aos tribunais o direito de apreciar, depois daquela Assembleia, os atos do governo discricionário, e de lembrar que se encartasse, no texto da Lei Magna, um dispositivo transitório, em virtude do qual ficava o governo da ditadura e seus agentes nos Estados dispensados de prestar à Nação as contas dos seus atos, que foram, em massa e sem o menor exame, escandalosamente aprovados em 5 de junho. Para honra nossa, votaram contra o tão malsinado art. 14, entre outros aos ilustres Maurício Cardozo e Adroaldo Mesquita da Costa, dignos representantes da nossa Frente Única.

Fariseus – À revolução de 1930, dediquei, com amor e sinceridade, todas as minhas energias, não poupando esforços nem medindo sacrifícios, mas as desilusões não se fizeram esperar.

Só vos recordarei uma, e que foi a primeira: a tentativa de obstrução, no dia 4 de outubro, da barra do Rio Grande.

Pavor que marca uma época, crime que condena irremediavelmente um governo, covardia que plasma nossa mentalidade! A fúria do mar, em grossas e bravas ondas revoltas como um solene protesto da própria natureza, não permitiu, no entretanto, que se consumasse, de todo, esse monstruoso atentado.

"Plano genial" de que, já em 1700, também se lembrou o governo português, com referência a Barra do Bertioga, em São Paulo! (Washington Luis).

Era o “medo do pior” que Sforza considera o “pior dos medos”.

Os disparates e os erros foram tais e tantos que seria um nunca acabar a sua simples enumeração.

Foi bem um caso de teratologia. Em 3 de outubro, ofereci meu peito às balas para implantar esse novo regime, que aí está tão desnaturado, remédio pior que a doença, e não me escondi ridiculamente e nem fugi como em janeiro de 1923.

Como são insolentes os caburezinhos!

Como são desenvoltos os ascaris, quando encontram um bom caldo de cultura!

Como são valentes os pusilânimes, quando acham que o amparo da força para defendê-los e atrás da qual se acoram, esfregam as mãos, estalam os dedos, sorriem sardonicamente, sussurram intrigas, arrotam insultos, cospem torpezas e vomitam calúnias, mas na opinião sensata de Stefan Zweig “fugaz é o momento em que se dá grandeza aos pusilânimes, e a sorte nunca mais voltará a eles pela segunda vez”.



É de Baptista Pereira: “Para o infinito da pusilanimidade, o infinito da audácia”. De pé saí, de pé entrei e de pé aqui estou e não de esses fariseus justar contas comigo: hei de lhes chegar a mostarda às ventas, hei de lhes fazer conhecer a porteira da mangueira. Não trilharei o caminho escabroso e mau dessa gente... é uma questão de temperamento e de caráter... sempre pisei terra firme e não em tremedal... os seus meios e processos não são os meus... não somos, graças a Deus, do mesmo feitio moral... o nosso protoplasma é bem diverso e até a água que bebemos não tem igual fórmula química.

Não confundam os meus insensatos e desastrados adversários energia com ódio, repugnância com ódio, saneamento com ódio: não me emprestem os sentimentos que possuem.

O ódio só destrói; só o amor é criador. Augusto Comte sempre aconselhou o amor por base... mas o amor não exclui a higiene.

Não sou um estúpido nem um perverso.

A minha vida – A minha vida sempre foi exercida ao sol, à luz das causas claras e afirmativas: o gaúcho bom só se senta à sombra para tomar chimarrão.

A luz faz mal a certa gente, que, se pudesse, passaria piche no azul do céu e até mesmo prenderia o sol em fétido calabouço. A casa da Avenida Brasil n.º 1056, não é um porão, onde, em atmosfera bolorenta, entre baratas, aranhas e ratos, no grotesco reino das trevas e com o astuto espírito das trevas, quando as corujas choram agoureiras e os morcegos esvoaçam doidamente, se constroem, rangendo os dentes e espumando de raiva, fantásticas represas, se organizam mastodônticas empresas, se arquitetam labirínticos planos, se combinam sórdidas vinganças, se ruminam terríveis libelos e se engendram tramóias maquiavélicas, que só ao diabo lembra em dia de vento norte ou de noite de orgia sardanapalesca.

Honro-me de gozar da estima dos bons e do ódio dos maus.

Na vida pública, duas grandes preocupações tenho tido: a medicina e a política.

Da primeira fiz um sacerdócio, da segunda um sacrifício: sacerdócio obscuro, sincero, humilde, honesto, sem ridícula e pública exibição, mas com entranhado amor pelo meu próximo e caridade para com os desprotegidos da fortuna, e já disse Roldan: “rezar é bater às portas do céu, praticar a caridade é abri-las” – sacrifício, que não lastimo por estar convencido de que não há sacrifício inútil diante da grandiosidade da causa, que corporifica honra ideal, fé!

De como sou médico, bem pode ser austero juiz de minha ação, em sentença inapelável o povo inteiro desta terra.

Político, diretor, desde 1920, de um grande e glorioso Partido, tendo, por muitas vezes, enfeixados nas mãos os mais dilatados poderes, agi com absoluta serenidade e com extrema prudência, nunca exerci uma vingança, nunca cometi uma violência, sempre respeitei o adversário, e aí estão, como insuspeitas e presenciais testemunhas, desde os velhos maragatos até os meus mais ferrenhos inimigos de hoje, se é que, a estes, o ódio ainda não lhes embotou, de todo, a memória.

Como homem, nunca pulei uma cerca, perverso libidinoso; nunca saltei um muro, sedutor sem escrúpulos; nunca penetrei um lar, gozador grosseiro, para aí deixar, como antônimo da moral, e por isso mesmo infamemente, uma nódoa indelével e uma vítima, lírio machucado rolando para o desgraçado abismo do “bas fond” social... não terei que prestar contas à Proserpina [Perséfone].

Administrador nunca fui algoz de ninguém, procedi com justiça e com rigor de honestidade; os meus atos e relatórios pedem, até hoje, contestação e podem, a qualquer tempo, ser escalpelados.

Falam-me, seguidamente, os íntimos, das víboras que criei, das hienas que alimentei, dos amigos falsos, dos simuladores de amizade, da ingratidão, mas esta é uma coisa que não me causa o menor espanto nem me produz o menor abalo, pois além de conhecer que ela é, quando surge, sempre proporcional ao bem que se faz, sei, como médico, que a amnésia é sintoma patognomônico nos degenerados de ordem moral. Essa gente anômala ilustra, todos os dias, o conceito de Augusto Comte: nada é mais fácil do que simular sentimento. Eis como Medeiros de Albuquerque descreve uma lenda mitológica: “Foi de mármore que Pigmaleão fez a estátua de Galateia. Quando acabou, achou-a tão bela que pediu a Júpiter para animá-la, para torná-la uma mulher real. Do seu buril, pacientemente manejado, tinha surgido a deliciosa estátua. Traço por traço, Pigmaleão a fizera. Fizera-a amorosamente bela. Júpiter viu dos altos céus a obra prima do estatuário, e resolveu conceder o que ele pedia. Galateia surgiu, viva e radiante. Tudo devia a Pigmaleão, que obtivera de Júpiter a sua animação. Mas, assim que ela teve vida e voz, ergue-se diante do escultor atônito e, como uma fúria, os olhos em brasa, os cabelos revoltos, toda trêmula de cólera, perguntou-lhe: Por que me arranhaste com o buril?”

Na lenda, nos homens e até nos animais... criei um cão que certa vez, me mordeu, quando lhe estendia um pedaço de carne, para matar-lhe a fome.

Vivo com Deus e não com o Satã; tenho religião e tenho profissão; circula nas minhas artérias sangue oxigenado e não ácido carbônico; o meu líquido cefalorraquidiano é como água de rocha, e nele não se constata o treponema pallidum.

A minha sombra não é um borrão. Sei pensar, discernir, resolver, agir, separar o joio do trigo. Quanta gente que pensa saber ler e escrever, e verdadeiramente não sabe. Possuo orientação própria, e, na frase concluinte de Zchallós, mais vale ser cabeça de mosquito do que cauda de leão.

Passo Fundo, uma das grandes células dinâmicas do Rio Grande do Sul, não me poderá passar o atestado de nulo, de fútil, de inútil ou de prejudicial, e é o que me basta.

E a quantos ela poderá certificar de tudo isso?

Janos é que tinha duas caras, de modo que podia sorrir com uma e chorar com outra.

Nem Einstein – Existem certas criaturas humanas que têm, circunscrevendo o cérebro, verdadeiras muralhas chinesas e por meninges grossas placas de aço, mas a vida tem suas ironias brutais, desses sobressaltos estúpidos e desses contrastes chocantes, pois esses indivíduos, de estômago de avestruz, apesar de sua notória incapacidade de compreensão de uma simples análise gramatical, de uma banal equação de primeiro grau, de uma corriqueira lei de física, confundindo Guilherme Tell com um bodegueiro de mercado, atrapalhando-se na designação da profissão, por não tê-la, um registro de hotel; odiando Camões mas lendo Bocage; ignorando a filosofia de Descartes e os versos de Verlaine, mas conhecendo os romances de Paulo de Kock e as pornografias de Rabelais, se desenvolvem, progridem, aparecem e atingem a uma determinada altura social.

Nem Albert Einstein, o profundo sábio alemão, que explica coisas dificilmente explicáveis, será capaz de esclarecer esse mistério da existência.

E fenômeno interessante esquecendo-se da troca da troca de um s por um t, afirmam eles mesmos, sem corar, que o seu progresso é uma questão de bossa: isso é paranóia ou obsessão.

O nosso presente amigo Dr. Tristão Ferreira conceituado analista da Farmácia Central, não será capaz, com todos os seus reativos e ultramicroscópios, de descobrir, nesses organismos, rudimentares de consciência.

Se fosse possível classificá-las no reino vegetal, seriam da espécie das trepadeiras, que, no dia em que lhes falta o arrimo do tronco, caem fragorosamente para nunca mais se levantarem.

Quando a inteligência, além de curta, é enferma, e está em desmoronamento, não há remédio nem cimento que prestem. Tudo é inútil: nem a ciência do Dr. Tenack e do Dr. Odilon, nem a arte do João de Cezaro.

No entanto, aqueles interessantes animaizinhos, indolente e presumidos, com a sua pose e verniz aparentes, conseguem, às vezes, organizar platéias, bobos e abobados, e “quando os tolos encontram outros tolos que os aplaudem tornam-se insuportáveis”. (Xavier do Amaral)

O horizonte do porco é só ao redor do focinho.

Qui se resemble – Pela palavra ou pela pena, na tribuna ou na imprensa, na cidade ou nos distritos, fustigarei, sem piedade e sem descanso, todos aqueles que, artífices do mal, raposas sociais, tentaram, armando tramóias e intrigas, transformar essa terra laboriosa e brasileiroamente boa em trágica e carrascamente má, arrancar o penacho, quebrar o concreto de cimento, apagar a luz, matar o cavalheirismo, comprimir a liberdade, asfixiar a justiça, arrebenatar o monólito, borrar o apanágio da altivez tradicional de Passo Fundo, sagrado e glorioso patrimônio, que sempre o aureolou alvinitemente.

Se necessário for, estabelecerei com todas as regras de higiene, esmero de assepsia, um necrotério em praça pública, que, certamente, não espalhará perfume de flores, onde possa dissecar, à luz meridiana, e fibra a fibra, certos cadáveres morais, de tipos hunterianos ou hansenianos, mostrando friamente, em uma exposição macabra, ao povo de minha terra, todas as baixezas, todas as pústulas, todas as mazelas, todas as degenerescências e todas as podridões ocultas.

Os aventureiros e os maus unem-se sempre em miserável conluio e se conhecem ao primeiro olhar... os cavalos gaviões sempre andam juntos... um provérbio italiano assevera que os malfeitores e as doenças tendem a associar-se... e é bem certa a velha expressão francesa: qui se resemble, s’assemble...

Mas minha terra querida, desperta do teu sono, levanta altivamente a cabeça, distende os teus possantes músculos, de pé o teu corpo varonil, agita as tuas valentes energias; tu não és um pedaço da costa da África, nem território da Malásia, onde existe a esquisita doença do Amok, de Stefan Zweig; tu não és a “terra de ninguém”; tu serás desmorfínizada; tu serás reconquistada, palmo a palmo; tu renascerás, forte e vigorosa, como a fênix lendária; se teu sofrimento foi e ainda é grande, tua glória, proporcional ao teu martírio, já é e será muito maior; tu serás reabilitada custe o que custar; não deves, não queres, não podes viver enxovalhada; os teus verdadeiros filhos, os teus decididos amigos, estão de vigia, a postos e alertas e hão de extirpar, sem clorofórmio, do teu sadio organismo esses enquistados corpos estranhos.

Miseráveis – Desculpem-me agora um grito de revolta, de indignação e de protesto, mas preciso fazê-lo, em público e em voz alta, para que todos bem saibam o estofó que reveste certos corpos,

para que todos bem conheçam a gaze que oculta certas úlceras, e para que se possa bradar, como Danton, cheio de desprezo e de desdém, almas de lacaio.

Chegou ao meu conhecimento, quando estava em Buenos Aires, e confesso que com profunda e dolorosa tristeza, por isso nunca julguei que houvesse tanta infâmia no mundo, que se latia aqui, e até mesmo em Passo de Los Libres, que fugi do Rio Grande do Sul para não pagar dívidas.

É a baba de animal hidrófobo.

É a quintessência de toxina.

É a perversidade salivada.

E a maldade em cristalização.

É a hipertrofia da estupidez.

É a cegueira completa do ódio, suprema miséria da alma humana, na definição de Augusto Murri.

Quanto devo?

Por que os estabelecimentos de crédito não me apertavam?

Por que ainda não lhes paguei?

E por que se afirmou essa miséria?

Responderei a todas as perguntas.

Devo duas pequenas parcelas aos Bancos do Comércio e da Província, sendo uma de fiança, e ainda uma menor ao Banco de Cooperativismo, do qual sou acionista.

Porque bem sabem que sou um homem honesto; tem absoluta certeza de que lhes não darei nenhum prejuízo; tem conhecimento de que lhes paguei fianças de centenas de contos de réis; conhecem ainda que possuo bens de muito, mas muito maior valor e, em um gesto de elegância moral, superioridade estética, que certa classe canalha que apedreja Cristo e venera Judas, que ama as estrebarias e odeia os jardins, que detesta o Belo, a Verdade e o Bem, e idolatra o Feio, a Mentira e o Mal, não pode ter nem sequer compreender, sentiram a minha embaraçosa e efêmera situação econômica, decorrente de uma passageira situação política.

Porque desde 5 de setembro de 1932, em que fui preso pela primeira vez, não pude mais trabalhar, e nem mesmo cuidar dos meus negócios, pelas contínuas perseguições de que fui vítima.

Por que a maldade humana não tem limites, e procura denegrir aqueles que vivem limpos; porque a calúnia em determinadas épocas, é uma instituição, e exerce-la impunemente satisfaz e eleva; quanto maior for, maior o herói-patife; porque existem certos homens que pisam em lama e salpicam lama naqueles que passam; porque existem outros, eternamente guris-moleques, ou que tiveram meningite em criança, vazios e leves como bolas de sabão, que não podem ver um prédio claro sem o tismarem de carvão ou o borrarrem de esterco; porque existem outros que, não podendo morder babam danadamente; ou porque existem ainda outros que são como os suínos, lavam-se no barro; ou como cães, espojam-se nas podridões.

“Ladrar, latir, ganir, uivar é função de cão” Catullo da Paixão Cearerense, o grande cantor da mata alvissareira.

Mas tudo isso não é para causar pasmo, voto como “lo primero que pierde em esclavo es el pudor y lo ultimo que perdona és la dignidad”.

Era imprescindível que usasse dessa linguagem, sincera e veemente, fibrosa e contundente: a palavra assume, às vezes, a ação corrosiva do nitrato de prata, e é preciso saber usa-lo quando útil e aplicá-lo convenientemente em determinadas feridas de bordos incrustados.

Rajada de loucura – Depois disto, meus dignos correligionários, dir-vos-ei que carecemos de tratar da reorganização da nossa vida e do aprestamento das nossas hostes, dirigidas por Borges de Medeiros e Raul Pilla, cujos grandes exemplos de civismo e de abnegação ai vivem, quentes e palpantes, na consciência de todo o País.

Ouçamos os ensinamentos, aguardemos a palavra de ordem, acatemos os conselhos e sigamos, apesar de todas as dificuldades, destemerosamente como sempre, e com novas e magníficas explosões de civismo, os nossos guias políticos. Precisamos curar e fortalecer, dizer e fazer.

Não permaneçamos debruçados na janela do passado, contemplando, estáticos, remotas e gloriosas tradições.

Não nos contentemos somente com olhar e escutar.

Não esmorecer é a maior das energias, já o disse o professor Fernando Magalhães, e célebre tornou-se a frase de um grande republicano: em política, para é recuar.

Ninguém precisa olhar para trás para saber como deve caminhar.

É avançar resolutamente, temerariamente para frente, assim falou Plínio Barreto, na Ordem dos Advogados.

No salão de honra da Universidade Imperial de Tóquio há uma inscrição autografa do almirante Togo: “Queremos atos e não palavras”.

Dentro da Lei, respeitados todos os meios naturais de propaganda, garantidos todos os direitos, sem perseguições ao funcionalismo, ou a quem quer que seja, com um arejado alistamento eleitoral, sem prisões inqualificáveis, sem cassação de direitos, sem expatriações, assegurado o voto secreto, sem cartolina ou outro quejando processo de burla, sem coações, com toda a liberdade e seriedade enfim, como se deseja em uma república que se diz regeneradora, vamos a uma eleição, verdadeira e de fato, que seja o espelho refletor da opinião nacional, e a vitória, por certo e em pouco tempo, nos sorrirá de maneira estrondosa e iniludível.

Parodiando Hitler, posso vos afiançar que nada poderá deter a alma frentista; não somos homens que capitulem diante das dificuldades: somos homens que se fortaleceram na luta.

República regeneradora!

Dolorosa ironia!

Golpe de rasteira!

Quem descobriu o Brasil não foi o “seu” Cabral, da marcha carnavalesca carioca... Cabral achou, Getúlio descobriu de verdade... isto aqui “era um deserto de homens e de ideias” na frase pitoresca do Sr. Oswaldo Aranha, e os que ainda existiam, os políticos decaídos “não foram passados pelas armas, porque mostravam sofrer de insensibilidade moral” na expressão não menos pitoresca do Sr. José Américo, titular da pasta da Viação, e mais ainda o ministro da agricultura Sr. Juarez Távora, ex-rei do norte, também servindo-se da tribuna da constituinte, afirmou aos gritos que “o Brasil é a terra da covardia e da irresponsabilidade”.

O Sr. Getúlio Vargas tudo prometeu, regeneração dos costumes, melhoria do câmbio, alta do café, reforma das tarifas, liberdade de imprensa, proscricção dos vícios políticos e administrativos, reorganização moralizadora do ensino... etc.... e que fez, além do Código Eleitoral, trabalho do Dr. Maurício Cardozo, quando ministro da Justiça?

Como resposta indico-vos a leitura do brilhante discurso do Dr. Cincinato Braga,

deputado por São Paulo à Assembleia Constituinte, e que, em resumo, afirmou categoricamente “que a Revolução gastou 12 milhões de contos em quase 4 anos de ditadura; que o Brasil na balança da sua compra e venda, apresenta um saldo de 10 milhões de libras e que tem de pagar anualmente 40 milhões; que a ditadura é o governo mais dispendioso que temos tido; que o movimento de 1930 encontrou o País com o câmbio 6 e o derrubou a menos de 3; que os 7 milhões de libras remetidos para a Inglaterra para pagar credor já estavam depositados na Caixa de Estabilização; deixados pelo Sr. Washington Luis, e no Banco do Brasil; que a nossa situação de 24 de outubro para cá se apresenta em falência completa; que, se pretendermos lançar um empréstimo externo, a nossa ousadia será recebida, nos mercados financeiros, como uma esplêndida pilhéria; e mais coisas afirmou, provou e documentou que a Nação ficou estarecida, perplexa e estuporada, diante da autópsia feita no corpo da ditadura revolucionária”.

A resposta, quinze dias depois, do Sr. Oswaldo Aranha, foi um parto de montanha, com “délivrance” custosa, e a tríplice imediata do fulgurante deputado paulista que, em certo momento declarou que “a arte de governar nações só é reputada fácil pelos sandeus [patetas] e pelos espertalhões” foi mais uma bordoadada bem no cancro da ditadura. É muito sugestiva a seguinte coluna dos déficits:

1923 – 224.374: 086\$ 000  
1924 – 90.634: 471\$ 000  
1925 - 14.929: 051\$ 000  
1926 – 175.682: 666\$ 000  
1927 – 155.517: 532\$ 000  
1928 – 145.774: 513\$ 000  
1929 – 189.876: 537\$ 000  
1930 – 832.590: 506\$ 000  
1931 – 293.964: 945\$ 000  
1932 – 1.108.877: 991\$000

E o câmbio?

Nada mais, nada menos que astronomicamente miserável.

Na muda eloquência dos algarismos, é muito expressiva a taxa média anual do câmbio a vista sobre Londres, durante os últimos 5 quatriênios do Brasil:

1915 – governo de Wenceslau Braz – 13 61

1916 – governo de Wenceslau Braz – 12 39  
64

1917 – governo de Wenceslau Braz – 13 47  
64

1918 – governo de Wenceslau Braz – 13 19  
64

1919 – governo de Epitácio Pessoa – 14 29  
32

1920 – governo de Epitácio Pessoa – 13 37  
64

1921 – governo de Epitácio Pessoa – 7 55  
64

1922 – governo de Epitácio Pessoa – 6 15  
16

1923 – governo de Arthur Bernardes – 5 45  
64

1924 – governo de Arthur Bernardes – 6

1925- governo de Arthur Bernardes – 7 17  
32

1926 – governo de Arthur Bernardes – 7 7  
8

1927 – governo de Washington Luis – 5 29  
32

1928 – governo de Washington Luis – 5 29  
32

1929 – governo de Washington Luis – 5 29  
32

1930 – governo de Washington Luis – 5 57  
64

1931 – governo de Getúlio Vargas – 4 49  
64

1932 – governo de Getúlio Vargas – 3 23

1933 – governo de Getúlio Vargas – 3 79

128

1934 – governo de Getúlio Vargas – 2 50

Essa estatística foi publicada pelo jornal “A Gazeta” de São Paulo, em 9 de junho de 1934.

Tudo continuou como dantes, ou melhor muito pior.

E a escandalosa oficialização do jogo em alguns Estados?

Em 24 de março do corrente ano, o Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, publicou, saliente, em sua primeira página, o seguinte: “O governo do Sr. Getúlio Vargas, instituído pela revolução regeneradora de outubro, teve o privilégio de apresentar, num exercício financeiro, o maior déficit registrado na administração do País, no primeiro e no segundo império e na primeira república: 1.108.877.991\$000 Ne”. Continua, no dia 25, o mesmo matutino: “Regenerar os costumes, os hábitos, as fórmulas, os métodos, os processos será por ventura arrancar do couro do povo um milhão e meio de contos para dá-los de presente a alguns ditosos magnatas, a pretexto de amparar a lavoura, começando logo pelo dispêndio de 25.000 contos de juros num ano em que o orçamento se fecha com quase 300.000 contos de déficit”. Escreve ainda: “Nos mesmíssimos erros, abusos e espoliações do regime reacionário deposto. E a muitos respeitos para pior. A propaganda insurrecional teria acaso prometido que os interventores far-se-iam chefes de partido, manipulado por eles próprios? Teria acaso prometido que esses interventores, seguindo, aliás, o exemplo do seu supremo chefe, seriam candidatos de si mesmos ao governo constitucional dos Estados, fazendo-se eleger pelos seus partidos oficiais?”

Assis Chateaubriand, diretor dos Diários Associados, publicou, em 13 de abril último, no Diário de São Paulo, um interessante artigo sobre a autonomia do Distrito Federal e, entre outras coisas candentes, comentou que “desgraçadamente, a corrupção do antigo regime se transferiu francamente para o novo. A mesma corte de velhacos, de aventureiros, surgiu a luz da ribalta, tendo os mesmos antigos farsantes como trombeteiros. Os sacripantas, de que se serviam os magnatas da primeira república para degolar bancadas inteiras, como a da Paraíba, eram aproveitados, com um luxo de carinho, pelos espertalhões da segunda, como se eles encarnassem a fina flor da pureza dos costumes e da verdade democrática” e assim termina: “Graças a Deus, sobre o Rio ainda não baixou o crepúsculo de uma Bayonne, para que ele seja devorado, à luz do meio dia, pelo Staviskys da atualidade brasileira”.

Pouco depois, apenas alguns dias, veio a furo o sensacional, escandaloso, enxovalhante e ainda não bem esclarecido caso do “câmbio negro” em que o stavikismo nacional somente se debuxou...

Homens do estalão de Stavisky ou de Hermes Cossio vivem espalhados por toda a parte, a ocasião faz o ladrão, e aqui mesmo, decerto, os há, encubados e ocultos, só lhes faltando a oportunidade propícia para o exercício de suas aptidões: são bens comparáveis aos micróbios produtores de moléstias infecciosas.

Temos mas grosso pela frente, mas temos que transpô-lo.



Com vontade, paciência e energia, trinômio de Victor Pauchet, no *Soyez optimiste*, salutar conselho de que nunca me esqueço, principalmente nos momentos difíceis da minha vida, tudo se consegue e tudo se vence.

Se Disrael vivesse agora, afirmaria da ditadura do Brasil muito pior do que desse do governo de Peel, na Inglaterra, que era a hipocrisia organizada, pois aqui, nesta terra digna de melhor sorte, até a hipocrisia é desorganizada.

Essa rajada de loucura insopitável, fúria ciclônica, ditadura de mais de 44 meses, nova torre de Babel, não conseguiu, no entretanto, destruir o nosso patrimônio moral, e Borges de Medeiros, o velho Borges, saindo para as coxilhas no cumprimento de sua palavra empenhada, tornou-se bem o paradigma da honra gaúcha.

Gemido – O meu dileto amigo Dr. Ibrahim Nobre, também ex-exilado e de alta envergadura, ídolo do povo paulista, individualidade de escol, o majestoso e elegante orador do *Redimir – Refazer – Libertar* e do *O clarim – O clarão - A clareira*, estilista, cuja palavra, escrita ou falada, é sempre primorosa, em uma das suas encantadoras palestras, das mais formosas que tenho ouvido, em o meu quarto, no Hotel Reina, a Avenida de Mayo n.º 1120, em Buenos Aires, comigo João Neves da Fontoura, João Baptista Luzardo, Victor Graeff, Octacílio Fernandes, Lindolfo Collor, João Lagomarcino e Aníbal Loureiro, teve a seguinte expressiva frase: “O Rio Grande do Sul, depois da prisão do Dr. Borges, é um constante gemido”.

E disse uma grande verdade.

Se nem todos, por motivos especiais, podem altamente articulá-la nas manifestações do seu pensamento, sou capaz de jurar que a grande maioria do povo sul-rio-grandense, sua quase totalidade, acabrunhada e entristecida, sente, em seu coração, esse gemido de repulsa e de revolta, esse aí de dor e de saudades, essa exclamação de pasmo e de indignação.

Provocando grande hilaridade, em um instante que a língua lhe traiu o pensamento, através do subconsciente de Freud, que agiu pela força do recalçamento, o deputado autonomista Ruy Santiago, da maioria getuliana, dirigindo-se ao deputado mineiro Campos do Amaral aparteou-o textualmente: “O governo do Sr. Getúlio Vargas será um dia ‘justiçado’ pela opinião nacional”. E entre estrepitosas gargalhadas de toda a assistência o que embatucou o notável trocadilhista, afirmou, sem pretendê-lo, uma também grande verdade.

Os acontecimentos, que levaram o Dr. Borges à prisão, deprimem, envergonham, rebaixam e aviltam os homens da ditadura, modernos cavalheiros de triste figura, que, só de cabeça baixa e de face pálida, poderão se apresentar no plenário do júízo da opinião pública, que, no dia da sua liberdade e com sua soberania refeita, os condenará, irrefragavelmente, depois de formidável queda, a maldição perpétua.

Serro Alegre – Imortalizou, com um púgilo de bravos, o venerando chefe sulino, mais uma vez, a data gloriosa de 20 de setembro, na estância do Serro Alegre, em 1932, no município de Piratini, exatamente 97 anos depois da epopeia farroupilha, e, para maior glória, nos mesmos lugares históricos.

É preciso se ter escutado, e eu tive essa fortuna, a palavra serena, mimosa e brilhante do valoroso Baptista Luzardo, para bem se julgar de bravura indômita, da valentia sem par e do heroísmo sublime de Borges de Medeiros, que só se rendeu com 11 companheiros, depois de esgotada toda a pequena munição e de haver, em seguida, queimado a última bala de seu revólver.

Sylvio Faria Correia que, peleando corajosamente, e confirmando assim a raça, foi, de tudo, testemunha presencial, ao terminar o seu valioso e importante folheto sobre esse memorável feito, que não deslustrou os de 1935, e estudando os dois chefes combatentes, deste modo se externou: “Foram dois autênticos atletas da Moral e da Bravura. O povo em cujo coração vibra e palpita a alma das nacionalidades, saberá fazer-lhe justiça. Foram verdadeiros Oz com as do Rio Grande.”

Borges e Luzardo, adversários de ontem, selaram, nesse combate histórico, a sua amizade de hoje, e quiçá, amanhã, a fusão dos partidos a que pertencem.

Borges e Pilla – Em Recife, onde o eminente estadista publicou o Poder Moderador na República Presidencial, trabalho iniciado na ilha do Rijo na Baía de Guanabara, onde a sombria ditadura o manteve preso durante três meses, o povo, na filosofia de sua velha experiência, na sua apreciável e espontânea sabedoria, sincero, respeitoso e com veneração, já denominou a sua modesta vivenda, na praia da Boa Viagem, o Irapuã do Norte, e essa casinha passará naturalmente à história como relíquia, como lição, como exemplo...

O Dr. Borges de Medeiros “concebeu a ideia de elaborar projeto de uma constituição que, de fato, correspondem às aspirações nacionais e fosse qualquer coisa de essencialmente brasileira e o seu livro é, ao mesmo tempo, uma bandeira de idealismo, desfraldada por um homem que tem atrás de si inestimáveis serviços prestados ao País, sempre com o maior desinteresse e a maior abnegação cívica” (Diário de Notícias). O Dr. Borges de Medeiros, por morte do Dr. Júlio de Castilhos em 1903, foi investido da chefia unipessoal do Partido Republicano, por consagração máxima dos seus correligionários.

O Rio Grande do Sul atravessava então uma época política cheia de ódios, administrativa cheia de dificuldades.

Pouco a pouco, foi o chefe apagando rancores, aparando arestas, serenando os ânimos, desenvolvendo o Estado, dotando-o de melhoramentos compatíveis com as escassas posses do momento, restabelecendo assim a confiança em todos os departamentos da atividade social. Borges nunca determinou uma violência, e, muitas vezes, teve de arcar com grandes responsabilidades, por excessos praticados por amigos atrabiliários; nunca mandou fraudar uma eleição, e teve que silenciar por abusos de seus correligionários.

Sei que, uma vez, um diretor político da zona colonial dissera-lhe ter feito uma eleição a bico de pena, e recebeu imediatamente do chefe acre censura por tal procedimento.

Sofreu, por parte da imprensa adversária, cuja boca nunca foi arrolhada, os mais fortes e os mais violentos ataques, e nunca permitiu que se exercesse vingança em represália.

Os seus inimigos, porém, nunca o atacaram em sua honradez: reconheciam-na e mesmo proclamavam-na.

Ser honrado é uma obrigação comum a todos os homens, mas, nestes tempos calamitosos de desmoração moral, de transposição de vísceras, de dissolução de costumes, chega a ser uma virtude. Nunca uma gota de lama salpicou-lhe a reputação.

Saiu pobre do governo, crivado de dívidas particulares, e lá se foi, de mãos limpas, de coração tranquilo, modesto e sereno, rumo à sua propriedade pastoril do Irapuazinho, refazer as suas finanças, verdadeiramente desmanteladas, deixando, porém, as do Estado em perfeita organização.

Eis o que, sob o título “Símbolos raros na corrupção contemporânea” escreveu a valente “A Gazeta” de São Paulo, em 4 de junho deste ano: “O Sr. Borges de Medeiros, apesar de tão discutido, durante o longo período de sua carreira política, é um homem que não receia o juízo da história, a sua presença nos tribunais julgadores. Na sua vida não há margem para as sanções penais. Esse sereno solitário realizou, no Brasil, a proeza – digamos proeza – de ficar impassível à irresistível sedução do ouro. Nunca as suas mãos puras passearam pelas miraculosas arcas do tesouro. Nunca constituiu comanditas. Nunca a sua honestidade maravilhosa, que é um padrão de orgulho para o Brasil, para a América, e deu à lisonja, à tentação dos presentes. Por ventura só isso não vale a glorificação de um homem, que jamais encontrou, no meio em que desenvolveu a sua atividade política, estímulo a probidade? Por ventura só isso não representa um fato extraordinário e dignificante? Os exemplos de homens assim, mesmo fora do Brasil, não são numerosos. Cada vez mais eles rareiam, cada vez mais esses símbolos desaparecem na corrupção contemporânea. A vida do exilado de Recife pode ser devassada a qualquer hora. O paralelo dela com o de outros políticos, que vivem aí a falar de honra, de dignidade, de escrúpulo, é bem chocante chega mesmo a ser absurdo...”

Revolta-me ouvir os mais dilatados e disparatados elogios às administrações que lhe sucederam como as únicas que fizeram algo pelo Estado.

O exagero desses elogios não é mais do que miserável bajulação, torpe engrossamento, nojento chaleirismo [bajulação], com o qual ninguém se deveria importar, se não encerrasse, em seu bojo pançudo, uma tremenda e estúpida injustiça. Entrem dentro do Tesouro do Estado, comparem as receitas de cada época, observem as despesas, estudem os saldos, vejam os empréstimos, somem os bônus, verifiquem as dívidas, examinem tudo, e depois dêem a palavra ou a pena a um homem sensato, para que, como juiz, fale ou escreva a respeito.

O seu governo foi sadio e progressista: a indústria floresceu em suas várias manifestações de riqueza; a lavoura prosperou em dezenas de novas colônias e de velhos núcleos; o comércio, em geral, desenvolveu-se de modo espantoso; a ciência teve o seu decidido apoio; as artes, o seu eficaz auxílio; a construção da barra deixou de ser um sonho; a encampação da estrada de ferro foi uma realidade; a discriminação das terras devolutas trouxe notável impulso; o ensino mereceu-lhe especial carinho e, sobretudo, a justiça, na frase de Bossuet “o bem sagrado da sociedade humana” teve o seu amparo direto e o seu máximo respeito.

Sei também que conhecido político, envolvido em fato delituoso, pedira-lhe uma audiência, a fim de lhe expor uma determinada situação, e, logo de início, quando ia entrar no assunto, o chefe ponderou-lhe assim: “Liquide em primeiro lugar, o seu caso com a justiça, e depois volte aqui”. O Dr. Borges de Medeiros teve e tem amigos verdadeiros, hoje em maior número, de grande sinceridade, capazes de maior sacrifício por ele, mas estes não são aqueles frequentadores assíduos dos tapetes governamentais e que o rodeavam constantemente à procura de sua graça, não são aqueles que atiravam-lhe, cara a cara, os maiores elogios e lhe batiam palmas por todos os seus atos; não são aqueles que lhe diziam apoiado, antes de que ele externasse o seu pensamento e com ele, passivamente e sempre, concordavam; não são aqueles que diziam atar em seu pescoço a sua indestrutível solidariedade e que declaravam, solenemente, acompanhá-lo “à l’avie et à la mort”; não são aqueles do errado despenhadeiro do Rio Grande do Sul e que, fatalistamente, endossaram o “amado chefe”, para, anos depois, afirmarem que o Sr. Borges de Medeiros foi apenas um funcionário que assinava papeis, e que outra visão não tivera.

A revolução de 1932 foi uma peneira...

Os seus dedicados amigos, com algumas exceções, estavam em outros arraiais, ocuparam, guardas-fieis, as cadeiras de segunda classe, ironizados pelos maiorais de então, sofrendo muitas vezes, e caladamente, amargas preterições, mas de uma fidelidade paralela à honra do chefe preclaro.

Ligava-nos, e liga-nos ainda, a sinceridade e não o interesse.

O Dr. Raul Pilla, erudito médico e professor, ilustre político e sociólogo, distinto presidente do Diretório Central do Partido Libertador, é um cidadão que, pelas excelsas virtudes que ornamentam o seu caráter, pela sua cultura invulgar, pela sua notável serenidade, pela alvura da sua moral, pela sua irrepreensível conduta, já passou os limites de seu Partido, e vem recebendo, dentro da nossa casa política, os mais francos e os mais significativos aplausos.

Tive, no exílio, a feliz oportunidade de travar com ele íntimas relações, das quais muito me orgulho, e de observar, de perto, a sua elevada orientação política e pessoal.

É um digno amigo de Borges de Medeiros, paladinos ambos da liberdade, única força renovadora, no conceito de Nitti. Esses dois homens, para o bem e para o futuro do povo sul-riograndense, não podem estar separados: os Partidos Republicano e Libertador estão hoje irmanados na mesma ideia, “essência misteriosa que vive e cresce por uma lei real – a lógica” (Emílio Castelar).

Ripoll – Em 31 de janeiro do corrente 1934, foi, como todo o Brasil sabe, vítima de nefando atentado, até hoje e talvez para sempre impune, na cidade uruguaia de Riviera, o Dr. Waldemar Ripoll, símbolo de uma época e mártir de um ideal.

Quando o sol, naquele dia, se levantou, espargindo luz e calor, animando a terra e a vida, veio encontrar o corpo frio, exsangue e mutilado do seu grande e jovem amigo, que, em vida, irradiava, como ele luz e calor, inteligência e energia.

Que tremenda injustiça!

“Mas, exclamou, de uma feita o eminente tribuno espanhol D. Emílio Castelar, no Ateneu de Madrid, nunca fica na história sem um grande castigo uma grande injustiça”.

O móvel do crime não foi o roubo... e o crime se revestiu da maior brutalidade, o non plus ultra da perversidade: esmagaram-lhe o crânio a olho de machado. Esse processo bárbaro, que faz tremer, espavorido, um louco, profundamente mergulhado na noite escura da inconsciência, não lhes repugnou, por isso que estava de acordo com a mentalidade de então: opressão, terror, corrupção. Foi a morte, de modo bruto, naquela madrugada rubra e sinistra, esmagar, por mão brasileira, o seu crânio moço, cheio de talento e de bondade, de esperanças e de cintilações, de modéstia e de heroísmo, lá no exílio, em País amigo, onde procurara o sossego e a liberdade, corrida da sua terra, como eu e outros muitos, pelo único crime de querer vê-la constitucionalizada, reintegrada na posse de si mesma. O machado, que derruba tantas cabriúvas e guajuviras, tantos louros e angicos, derrubou também a Ripoll, que passou a viver, na morte, dentro dos nossos corações, ao passo que os seus bandidos, que Deus, do alto da sua sabedoria infinita e de seu incomensurável poder, conhece bem, e o demônio, debaixo do delírio de suas perfídias e embustes, guardará melhor, passaram a morrer em vida, dentro do anátema da opinião pública.

O criminoso, escolhido a dedo, negro relapso, vil, estúpido e inconsciente, tinha que desaparecer... mataram-no também... era do programa... não mais poderia falar pelo perigo constante de poder apontar os responsáveis mandantes.

A policia, acoçada pela gritaria pública com seus frêmitos de altivez e de independência, atirou-se à pista dos criminosos, e não lhe era difícil descobri-los, mas, estou convencido, tudo será inútil: de nada valerão o clamor da família, as reclamações dos amigos, dos correligionários e da imprensa!

Os mandantes viverão sorridentes, nédios, luzidios, no gozo de uma impunidade que horroriza.

Podem, no entretanto, os nossos impenitentes adversários ter a certeza de que a Frente Única, por maiores que sejam essa e outras dores, não se transformará em estátua como Niobe, diante da crueldade de Diana e de Apolo.

Vi, certa vez, um pleno sertão, em um humilde cemitério, uma cruz de cedro, que brotou em vigorosos ramos.

Na sepultura de Ripoll dever-se-ia também plantá-lo assim, em cruz, a fim de que seu sangue generoso, absorvido pelas raízes e como seiva fertilizante, circulasse em suas folhas, em suas flores, em seu tronco, em seus galhos, braços elevados para o céu na ânsia do infinito, clamando, ao sopro dos ventos, justiça, sempre justiça, só justiça.

Evocando o jazido do muito querido companheiro, semeador de ideias e semeador de esperanças, e como saudosa homenagem de amigo, lembro-me das palavras de Belisario Roldan diante do túmulo de Bartolomé Mitre: “Al borde de la tumba que acaba de abrisse no se llora. Algo hay mas alto que el dolor. Las lagrimas traducirian esta vez una emoción subalterna. No, pues, el vano lamento ni la inutil protesta contra el decreto providencial. No estamos em presencia de una muerte; estamos em presencia de una ascención. Ahora le veremos mas e mijor, porque asi como para abarcar la montana, em toda la amplitud de sus líneas, es menester alejar-se de ella, asi tambien para admirar em todo su esplendor estas vidas de culminación, es fuerza que la muerte realice la paradoja aparente de imprimirles el sello de la vida, presentandolas altas y solas, intáctiles y transparentes em el plano superior de la inmortalidad. Há entrado em la inmortalidad, que es la negación de la ausencia, opulento de titulos, como de velos una novia al templo”.

Toda a causa santa tem um mártir, e Waldemar Ripoll, o moço idealista do bem público, foi o nosso.

Como o sol que sempre desfaz densas cerrações, penetrando no mais baixo dos vales montanhosos e nas mais fundas canhadas [precipícios] das coxilhas verdejantes, a verdade, mais ou menos tempo, terá que surgir e a bárbara tragédia, hediondo crime, opróbrio aos homens e escárnio à justiça do Rio Grande do Sul, aparecerá então na sua nudez medonha, despida do manto de mistério, com que se a tem envolvido.

Na famosa carta do “Acuso” ao Sr. Loubet, então presidente da França, Emile Zola, em 1900, gravou: “Por mais que se enterre a Verdade, ela caminha sob a terra para um dia brotar, em toda parte, desabrochando em florações de reivindica.”

Argentina – Quando na Argentina, por circunstancias que bem conheceis, tinha eu, sempre e sempre, diante dos olhos, a grandiosa conformação geográfica da Pátria, da qual, até em sonhos, não me esquecia, e “dos sonhos generosos saem realidades benfazejas” asseverou Anatole France; vinha-me à memória, a todo instante, a beleza incomparável e inconfundível desta rica terra; acariciava, amiúde, no imo do meu ser, a sua radiante vida histórica e idealizava um futuro, fulgurante e sem par, ao meu Brasil... e hoje que, mais do que contente, nele estou, revendo a querência, os pagos, a família e os amigos, sinto também, e sinceramente, que nunca

mais me olvidarei da linda e formidável nação argentina, em cuja sombra de bandeira, em boa hora, me acolhi, bandeira branca e celeste, e que assim é “porque al cruzar la cumbre mas alta de la cordillera andina, el sable de José de San Martín, alzado em la vertical, absoluta de la última invocación al Dios de las victorias, arranco y traigo en la punta um pedazo de cielo como ejecutando militarmente el voto soberano del año diez y seis...” feliz por ver naquele radioso céu azul as mesmas estrelas deste radioso céu azul, e orgulhoso de viver naquele solo, que guarda, em seu seio majestoso, homens como Mitre, Rivadavia, Saavedra, Dorrego, Sarmiento, Saenz Peña, Urquiza, Carlos Pellegrini, Echeverría, Julio Roca, Trigoyen e tantos outros, e na Catedral de Buenos Aires, El santo de la espada, vencedor de San Lorenzo, Chacabuco, Maipú e Cancha Rajada, o senhor da independência da Argentina. Do Chile e do Peru.

Do meu pequeno Passo Fundo, ainda não tão pequeno como alguns de seus filhos e falsos amigos aspiram deixá-lo, do meu querido Passo Fundo, dinâmico e construtor, envio, agradecido, uma vibrante saudação à grande Argentina, república irmã e gloriosa.

Silêncio – A pena parou aqui, a palavra emudeceu com ela e o silêncio se fez.

Só o pensamento continuou a trabalhar, recordando-me que Alfredo de Vigny, valente soldado e artista da palavra inspiradamente poetizará um dia: “seul le silence est grand, tout le reste est faiblesse”.

Pois bem, se só o silêncio é grande, e em forte homenagem aos Drs. Borges de Medeiros e Raul Pilla, um muito de respeitoso e profundo silêncio, e, como um melodioso hino longínquo e uma prece fervorosa e meiga, que se prolonguem até Deus, pelo infinito misterioso dos mundos, só se possa ouvir, em perfeita harmonia, o palpitar isócrono dos nossos corações e a vibração ardente das imensas forças da nossa alma.

Silêncio!

E agora, com o maior penhor da minha melhor gratidão, um rumoroso viva à Frente Única do Rio Grande do Sul.

Passo Fundo, 23 de outubro de 1935.

Data : 26/10/1935

Título : 160 DISCURSO PELO CONSELHO MUNICIPAL

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido em 11 de janeiro de 1920, num banquete oferecido ao Conselho Municipal, nesta cidade, por conclusão de seu mandato.

Proferido em 11 de janeiro de 1920, num banquete oferecido ao Conselho Municipal, nesta cidade, por conclusão de seu mandato.

Excelentíssimos Senhores – Conhecido que foi, em 1916, o precário estado de saúde do prestigioso diretor da política republicana local, Coronel Gervazio Lucas Annes, prognosticado um desenlace fatal, elementos subversivos, do brilho dos fogos fátuos, que procuraram galgar posições nesta terra, criaram ao redor daminha obscura individualidade uma atmosfera irrespirável de malquerenças, de paixões e de ódios.

Pelos mais frívolos motivos, na surdina, espíritos satânicos, à minha passagem, de longe, deixavam escoar pela boca larga uma fétida secreção de baba mórbida... e tudo isso porque o velho chefe, em um momento de bondade e de previsão, anos antes, tecendo-me imerecidas referências, declarara ao povo de Passo Fundo que, para ele, seria motivo de verdadeira satisfação, se, no dia em que se afastam da chefia, fosse, nesse ponto, substituído por mim.

Avesso, por temperamento, a qualquer posição de destaque, e principalmente de mando, tanto que fui “recusante insistente do cargo de intendente do município” como se poderá ler n’O Gaúcho de 3 de abril de 1909, observando a borrasca armada em nimbo no horizonte, prevendo uma grande luta, tratei de evitá-la, chegando ao ponto de procurar um outro Estado, em que, ignorado, pudesse eu viver tranquilamente. Julguei que uma ausência, com a demonstração clara, positiva e iniludível de que eu não era aspirante à posição alguma, fizesse serenar essas almas daninhas, porém o rancor dessa gente até lá me perseguiu e, profundamente revoltado, resolvi regressar, e regressei, obedecendo aos impulsos de um dever supremo.

A minha volta foi, em 12 de agosto de 1916, assim noticiada pelo O Gaúcho, que já seguia a orientação de hoje: “Do Estado de Paraná regressou o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro”.

O Cel. Gervazio Lucas Annes, revoltado com a desconsideração dessa local, escreveu ele mesmo uma outra, determinando que fosse publicado no número seguinte e, como testemunho, lá está, no mesmo periódico, em 19 de agosto: “Boas vinda. Do Estado de Paraná, onde foi a passeio, regressou na semana passada o nosso amigo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, a quem O Gaúcho, como órgão oficial do partido local, tem a satisfação de cumprimentar, como um dos bons companheiros, que muito tem servido a esse partido. O Dr. Araújo Vergueiro pouco demorará, nesta cidade, seguindo na próxima semana para Porto Alegre, onde se acha a sua Excelentíssima Família. Como se aproxima a época da Assembleia dos Representantes, da qual é muito digno membro, S. S. demorar-se-á algum tempo naquela Capital.”

A publicação dessas duas locais no mesmo jornal, com a mesma responsabilidade redatorial, bem estereotipa um caráter. Marcou a minha chegada da Capital do Estado uma impressionante homenagem, recompensadora de amargas horas de saudades. Eu me sentia atraído por uma força poderosa e irresistível a esta terra, qualquer notícia dela, embora vaga, me fazia estremecer os nervos e “não sei, na expressão de Alves Mendes, que encanto tem para nós esse fragmento de solo onde vertemos a primeira lágrima e esse pedaço de céu onde bebemos a primeira luz... não sei que enlevos nos despertam esses lares onde tentamos os primeiros passos e esses lugares onde balbuciamos as primeiras preces... não sei que emoção – que inefável e suavíssima emoção – ora alegre como a esperança, ora melancólica como a saudade, nos comunicam esses sítios, que abrigaram o nosso berço ou que abrigam as cinzas dos nossos pais”.

Nesse memorável dia eu bem compreendi, eu bem tive nítida percepção de meu dever neste pedaço do Rio Grande do Sul, que tinha de ser o meu ponto de ação, o meu círculo de atividade ao lado dos meus amigos e que não me era lícito, de maneira alguma, desamparar um povo que me amparava, esquecer essa gente que não se esquecia de mim, fugir dos braços que se me abriam, repelir os corações que, ao lado do meu, palpitavam pela mesma causa, pelo mesmo ideal.

Isto posto, esperei e quis... convencido de que na vida tudo se resume em saber esperar e querer.

Em 1917, o Cel. Gervazio Lucas Annes, não mais resistindo aos embates de pertinaz enfermidade, desaparecia da face da terra, deixando saudades no coração dos seus amigos.

Ainda em vida dele, Pedro Lopes de Oliveira, intendente municipal, mandou escrever uma carta, que assinou ao benemérito Dr. Borges de Medeiros, apressando a dar ao chefe supremo do partido a notícia do próximo desfecho fatal daquela existência. E isso, pergunto eu, porque tão pressuroso o fazia? Qual era a sua intenção?

A resposta é uma só: era um meio indireto de lembrar o seu nome.

O Cel. Gervazio, porém, compreendendo que o seu organismo estava profundamente combalido, suas forças profundamente depauperadas, quase extintas, concentrando os seus já poucos elementos vitais, crendo harmonizar uma difícil situação, propôs ao preclaro estadista que dirige os destinos deste Estado e os destinos do partido fundado por Julio de Castilhos, a criação de uma comissão executiva, composta de Pedro Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos e Nicolau Araújo Vergueiro.

Poucos dias depois veio a falecer o chefe enfermo.

Estando eu na Capital de Estado, e tendo sido aceita e nomeada a comissão pelo Dr. Borges, fui, desde logo, convidado por ele a assumir a presidência da mesma. Não aceitei essa prova inicial de confiança, lembrando que isso poderia ferir a susceptibilidade do antigo intendente que, seguro ao cargo e governado por elementos subalternos de sua administração, já vinha revelando, por atos e palavras, incomensurável desejo de uma ascendência, que não poderia ter sobre nós outros, de uma superioridade que não poderíamos aceitar pela sua notável incompetência, crassa ignorância, incapaz de agir por si, incapaz de sustentar e de ter mesmo uma opinião inteiramente sua.

Nessa ocasião recebi um grande número de telegramas de solidariedade política e peço vênia para transcrever apenas um, a fim de provar que o jornal A Voz da Serra não era um elemento perturbador da boa marcha do partido republicano. Ei-lo: “Dr. Araújo Vergueiro. Porto Alegre. Satisfação vemos em parte realizadas nossas aspirações indicação vosso nome membro comissão executiva, que atualmente corresponde forma conagraçamento família republicana passo-fundense, momento doloroso desaparecimento seu prestigiado chefe, Cel. Gervazio. Contai, como sempre, nossa dedicação (assinado) Voz da Serra.

Reunidos diversas vezes, Gabriel Bastos, desde logo, revelou-se um espírito moderado, desprovido de ambições mesquinhas, calmo e inteligente, altivo e bondoso, verdadeiro republicano do regime democrático, ao passo que Pedro Lopes de Oliveira, ao contrário, irrequieto e irrefletido, saltitante e baldoso, pensando hoje de modo diferente de ontem, desfazendo e desdizendo o que fazia e dizia na véspera, sempre indeciso, sem opinião própria, velho gramofone... e assim dessa maneira íamos desempenhando esse encargo em contínuas questiúnculas, constantes contrariedades.



Nesse ínterim, éramos, Gabriel Bastos e eu, atacados em linguagem violenta por um jornal dirigido por um empregado e cunhado de Pedro Lopes de Oliveira. Em face de semelhante impertinente e brutal agressão, procuramos num gesto grandemente harmonioso, de excessiva moderação, ao edil, solicitando sua intervenção para que cessassem, de uma vez por todas, esses ataques injustificáveis, que só tinham por escopo lançar a cizânia no seio do partido e no seio da sociedade desta terra... e Pedro Lopes, sem medir consequências, que hoje bem lhe devem ter amargurado, cortejando vã popularidade de político vulgar, sorrindo na obsessão do submisso, houve por bem se pronunciar contra nós, apoiando d'est'arte aquelas repelentes verrinas [censuras violentas]. A ruptura estava feita... e assim éramos arrastados para esse terreno escabroso de luta dentro do próprio partido pela desmedida ambição do intendente e pela necessidade urgente de uma reação enérgica.

Levamos pessoalmente o fato ao conhecimento do chefe supremo do partido, e este, por telegrama, chamou à capital aquele membro da comissão em minoria.

Com seu espírito conciliador, Borges de Medeiros, depois de ouvidas as partes, uma por uma, aconselhou-as convenientemente, concitando-as, com a sua firme orientação, no sentido de esforços congregados para boa marcha e engrandecimento do nosso pujante partido e propôs que:

- a) Pedro Lopes de Oliveira nomeasse o Tenente Cel. Eduardo Manoel Araújo para o cargo de vice-intendente de Passo Fundo, vago com o falecimento do Cel. Gervazio, como era desejo e indicação da maioria da executiva.
- b) A suspensão imediata, por telegrama da publicação dos jornais O Gaúcho e o Regimen, o primeiro adepto de Pedro Lopes e o segundo de Bastos e Vergueiro.
- c) A aquisição, por compra, d'O Gaúcho pela comissão, a fim de transformá-lo em órgão oficial do partido e, no caso de seu proprietário embaraçar a transação ou não mais querer vendê-lo, continuando a atacar a maioria da executiva, o intendente o demitiria do cargo de secretário da municipalidade.

Aceitar essas condições, em solene compromisso, foram transmitidos para aqui os respectivos despachos telegráficos, responsabilizando-nos pelo O Regimen e Pedro pelo O Gaúcho.

Satisfeitos fomos, convictos pela nossa boa fé, da sinceridade do edil, no dia imediato levar-lhe na gare da estação da estrada de ferro de Porto Alegre as nossas cordiais despedidas.

Três dias depois chegávamos a Passo Fundo e dupla era a decepção, porque o intendente não comparecera ao desembarque, correspondendo com essa grosseria a nossa gentileza e, o que é mais grave, o seu jornal, na hora do nosso regresso, estava sendo largamente distribuído, com igual orientação anterior.

Faltou assim o intendente, pela primeira vez, a convenção de palácio, pisoteando em sua palavra.

Um homem que assim procede, com incivildade e com manifesta má vontade, faltando com a sua palavra empenhada em solene compromisso... desde esse momento estava francamente revelado e não poderia mais merecer absoluta confiança e os fatos posteriores encarregaram-se de comprovar, de sobejo, essa nossa afirmativa.

A nomeação do Tenente Cel. Eduardo Manoel Araújo para o cargo de vice-intendente só foi levada a efeito depois de ter sido Pedro Lopes de Oliveira aguilhoado com o seguinte telegrama: “Coronel Pedro Lopes – Passo Fundo – Vergueiro, Bastos informam que, apesar solene compromisso perante mim assumido acerca suspensão jornais Regimen, Gaúcho, continua esse último a ser publicado, mesmo depois do vosso regresso, agredindo executiva, adulterando verdade nossa conferência. Pondero-vos conveniência observação tudo ficou aqui assentado, intuito normalizar situação, já nomeando Eduardo Araújo vice-intendente, já transformando Gaúcho órgão partido local. Confio vosso civismo e solidariedade partidária (assinado) Borges de Medeiros.

Onde mais se revelou a poderosa ação dos resistentes tentáculos, que traziam e trazem em eterno cativo a pessoa do administrador desse município, digno por certo de melhor sorte, foi na questão do jornal O Gaúcho, em que Pedro Lopes de Oliveira, exímio malabarista, colocou interesses pessoais e egoísticos acima de interesses coletivos.

Sua palavra, empenhada ao chefe do partido, já fora irrisoriamente burlada, desprezada sem o mais leve resquício de consideração, posta, como sempre, em plano muito secundário. Foi o condutor de três propostas de seu cunhado, que não poderiam, de forma alguma, serem aceitas, porque todas elas viravam a efetiva permanência e a direção, direta ou indireta, desse elemento, cujo afastamento era “conditio sine qua non” da aquisição daquele órgão.

Assim privados de um acordo, fomos, por último, levados a exigir, conhecendo d’antemão o resultado, o cumprimento da segunda cláusula, isto é a demissão do lugar que vinha “in nomine” exercendo na municipalidade o seu assessor, a quem hipotecou solidariedade, faltando assim, pela terceira vez, ao seu espontâneo compromisso de honra em palácio.

Daí por diante cortamos relações com Pedro Lopes de Oliveira, dispostos a lhe fazer conhecer que a sua individualidade era uma interrogação quase que apagada nesta terra, que a sua posição na curul intendencial nada mais era do que o reflexo de prestígio do chefe extinto, que o seu valor, como político, era nulo e que era coisa muito fácil enfrentá-lo e derrotá-lo.

Nos primeiros dias de Setembro de 1917, em missão política, como representante do Tenente Cel. Lolico, seguiu para Porto Alegre o Sr. Brasília Lima que, segundo era voz corrente e resultado certo entre os espíritos de credulidade fácil, iria conferenciar com o Dr. Borges, a fim de dar, estulta [tola] vaidade, um golpe decisivo na questão da política local. Uma semana depois seguí para tomar parte nos trabalhos da Assembleia dos Representantes. Aquele pobre emissário lá estive 14 dias sem ser atendido em palácio nos fins de sua viagem, e somente o foi depois de minha conferência. Solicitou a reoficialização d’O Gaúcho, a extinção da comissão executiva e mais quejandas pretensões... e nada, absolutamente nada conseguiu.

De regresso, reeditou em seu jornal, contra a maioria da executiva, uma série de ofensas, de violentos ataques em que vazava todo ódio negro de sua negra alma, os quais, de ricochete, feriam apenas o seu autor, aliás, bem conhecido.

Nessa ocasião A Voz da Serra, empenhada na luta em prol da reivindicação dos sãos princípios republicanos, publicou o seguinte: “E O Gaúcho, órgão da facção chefiada pelo Tenente Cel. Pedro Lopes de Oliveira, tem o seu beneplácito, vive a sombra de seu nome e é o estandarte das suas aspirações políticas! Ou o gaúcho se publica a revelia do Tenente Cel. Pedro Lopes de Oliveira e este nada mais influi na direção do órgão de seu pensamento político, abdica do direito de orientá-lo, segundo as injunções de seu caráter, conforme os ensinamentos de sua

cultura cívica; ou o Tenente Cel. Lolico dirige aquela folha, sanciona-lhe a conduta abjeta, identifica-se com ela, fala através de sua linguagem... na primeira hipótese, o Tenente Cel. Lolico nada dirige, nada chefia, não tem vontade, é figura decorativa lamentavelmente colocada à frente de aventureiros para lhes coonestar o assalto às posições políticas. Na segunda hipótese, S. S. norteia de fato a vida pública do jornal, que lhe serve de bandeira, confunde-se com ele e com ele merece o nosso irretratável desprezo”.

Havendo essa folha, na sua megalomania, afirmado em suas colunas que continuava a ser o órgão oficial do partido, embora sem anuência da maioria da executiva, diversos amigos reuniram-se, em 8 de Outubro de 1917, na casa do nosso pranteado companheiro, baluarte da nossa causa, Capitão Jovino da Silva Freitas, a cuja memória rendo culto de verdadeira saudade, e ali elaboraram o telegrama que se segue: “Dr. Borges de Medeiros – Porto Alegre – Diante reaparecimento Gaúcho, declarando dispensar placet executiva para, como dantes, continuar sendo órgão oficial partido, semeando ao mesmo tempo paixões dispersivas seio agremiação republicana, resolvemos cientificar semelhante atitude a v. Ex., a quem reafirmamos incondicional solidariedade, fazendo-a extensiva deputado Vergueiro, Gabriel Bastos, representantes nossa corporação eleitoral subordinada direção suprema preclaro chefe. Saudações. (assinados) Eduardo Manoel Araújo, Ângelo Pretto, Aníbal Silva Lemos, Candido Marques Rocha, Lucas José Araújo, Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, Oribe Marques, Horácio Bastos, João Baptista Oliveira Mello, Arnaldo Hoffmann, Antonio Fernandes Motta, Antonio Ferreira Amaral, Eduardo Kurtz, Cantidio Pinto de Moraes, Lauro Xavier, Eduardo Bartz, João de Cezaro, Filemon Lopes, Ivo José Ferreira, Frederico Graeff, Dr. Augusto Loureiro Lima, Mario Braga, Florêncio Antunes Oliveira, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, João Baptista Cúrio de Carvalho, Fioravante Spiazzi, Faustino Rodrigues, Manoel João Oliveira Lima, Affonso José Ferreira, Franklin Machado Silva, Braz Martins Oliveira, Inocêncio Correia Pinto, Virgílio Barlesi, Samorim Barbosa, Diniz Lemos, Moysés Dipp, Hermínio Biassuz, Antonio Weber, Fladomiro Amaral, José Silveira, Blandino Kurtz, Luiz Pinto Vieira de Mattos, Ulysses Marques, Frederico Kurtz, Lauro Loureiro Lima, Joaquim Gabriel de Oliveira Lima, Luiz Meira, Emílio Stumpf, Alfredo Graeff, Jovino Silva Freitas e Dr. Arthur Leite”.

É esse, meus senhores, o notável grupo dos 51, de que guardo, ao lado dos 29 do 7º distrito, inapagável recordação. Por motivo desse telegrama, tive longa conferência com o Dr. Borges de Medeiros que me autorizou a endereçar o seguinte À Voz da Serra: “Dr. Araújo Vergueiro acaba conferenciar Dr. Borges Medeiros. Este autorizou aquele deputado declarar jornal Gaúcho não é e não será órgão oficial partido republicano Passo Fundo. Não deu e não dará autorização esse jornal apareça com semelhante rótulo”.

A própria Federação, órgão do nosso partido autorizado pelo chefe supremo desmentiu a notícia, que se havia espalhado no sentido de ilaquear a boa fé do ilustrado republicano deste município.

E assim desvaneceu-se a irrisória pretensão, arreventou a fita colorida do decantado “órgão oficial”.

Diversas denúncias improcedentes e ridículas, do valor e da resistência das bolhas de sabão, produto patológico de cérebros dominados pelo ódio, cegos pela paixão, o regime da chibata em pleno viço, uma tenaz perseguição aos nossos companheiros; sempre a mentira, nunca a verdade; não procurando meios para chegar aos fins; verdadeira política maquiavélica, ao par de uma dolorosa inércia administrativa eram bem os característicos da grei contrária.

Como náufragos sem esperanças bracearam desordenadamente, vendo numa palha uma tábua de salvação e, esgotamento das forças, obscureceram até a própria consciência com a nebulosa do extermínio próximo.

Denunciaram Arnaldo Hoffmann como espião da Alemanha, tendo um aparelho rádio-telefônico nesta cidade; denunciaram fantásticos contrabandos aqui passados, sem a precisa coragem de positivarem fatos; denunciaram Ernesto Falk, agente do Correio, como “teuto-alemão”. Essa patusca e monstruosa está acordo com a de “missão luso-brasileira”, do secretário da Intendência, ao embaixador italiano Victor Luciani e será crucificado, no morro da parvoíce, tendo, à direita, o miserável Manso Coimbra confundido, pelo intendente, com a figura genial de Shakespeare e, à esquerda, um militar qualquer, também pelo edil, tomado pelo legendário general Andrade Neves, o heróico e intrépido guerreiro, que na ponte de Surubi deteve pela sua coragem os inimigos, repetindo a façanha de Bayard contra os espanhóis, na ponte de Garigliano, na feliz comparação do general Dionysio Cerqueira.

Senhores – É aplicável a Pedro Lopes de Oliveira a interrogação de Madame Stael: “Que deviendré dans l’etentité l’âme d’un homme que a fait Polichinelle toute as vie?”

Amparados pelos fortes e bons elementos do partido, com a frisante demonstração de franco apoio do Exmo. Sr. Borges de Medeiros, ao contrário deles, íamos nós de vitória em vitória, implantando nesta terra o regime da ordem, da liberdade, da autoridade, da justiça enfim, com “a coragem de vencer serenamente pelo argumento e não a fraqueza tumultuária do insulto”, na frase do Dr. Antonio Bittencourt Azambuja.

Longo é o rosário das nossas brilhantes vitórias na campanha de saneamento em que somos empenhados e que tanto se distingue pelas constantes exonerações de adversários nossos, mal compenetrados de suas funções públicas, ao par das espontâneas adesões em massa, engrossando as nossas fileiras e, para não sermos tão extensos, lembraremos apenas: a remoção do Dr. La Hire Guerra, juiz de comarca; remoção do Dr. Silveira Martins Leão, promotor público; demissão de Renato Sá Britto, do lugar de primeiro suplente do juízo distrital da sede; demissão do mesmo Sr. Do cargo de correspondente d’A Federação; demissão de um golpe de 8 subdelegados; Demissão de Octaviano Lima do cargo de escrivão do alistamento federal; remoção e conseqüente demissão de Julio Edolo de Carvalho do cargo de exator da fazenda, etc. etc. e nomeação de amigos e correligionários nossos para todos esses lugares.

Ante essas contínuas e resplendentes vitórias, unificadoras da nossa facção, o lolicismo, desorganizado e desorientado, vinha recuando a passos largos em franca débâcle até desaparecer com a direção unipessoal do partido, restando dele apenas, como depois das tempestades, destroços esparsos e imprestáveis.

Em 25 de Novembro de 1917, foi sufragado pelo eleitorado republicano, para o elevado posto de presidente do Rio Grande do Sul, o nome do egrégio estadista Antonio Augusto Borges de Medeiros. No município de Passo Fundo, nessa época, tudo dependia de Pedro Lopes de Oliveira, sendo todos os funcionários públicos estaduais, federais e municipais, com raras exceções, dele companheiros. Quis exhibir a sua pujança eleitoral, infringindo uma derrota no vergueirismo e fez, para isso, um apelo aos seus companheiros, a quem aconselhou que votassem com cédulas separadas da executiva. E, meus senhores, esse homem, que meses antes havia sido eleito por 2028 eleitores, só conseguiu, num esforço inaudito, registrar nas urnas 941 votos. Essa escaramuça eleitoral, evidenciando esse recuo das urnas, para ele que enfeixava nas

mãos todos os elementos, foi uma derrota moral, tendo ainda em vista, e muito principalmente, a força representada que, por motivos de outra ordem deixamos de comentar.

No pleito para presidente da República, em que era nosso candidato o Dr. Conselheiro Rodrigues Alves, em 1º de Março de 1918, pretendeu o intendente fazer a eleição com cédulas separadas, porque havendo Bastos e Vergueiro, inscrito no livro do registro eleitoral federal, apesar de todas as dificuldades, de todos os obstáculos, 1055 eleitores La Hire Guerra, o juiz de Comarca, incluiu somente 182, deixando o despacho dos outros requerimentos para depois do pleito. O chefe do partido, porém, tendo exato conhecimento da maneira porque estavam sendo preparadas as coisas, não permitiu esse ardil.

Algum tempo depois, na capital da República, falecia o conselheiro Rodrigues Alves e dois foram os candidatos à presidência: Eptácio Pessoa e Ruy Barbosa, o 1º, neste Estado, apoiado pelo partido republicano e o 2º, pelo federalismo. Agitaram-se as hostes, houve animado trabalho de lado a lado, e a luta, que prometia ser gigantesca, pelo grande valor dos candidatos, não passou de uma tempestade em copo de água “bruit de tempête” apenas.

Sendo fixado o pleito para 13 de Abril, A Voz da Serra incitou Pedro Lopes de Oliveira a que novamente viesse às urnas com cédulas separadas, para que sem desculpas, sem esquivança justa, de uma vez para sempre, terminássemos com essa comédia burlesca de maioria de eleitorado e aquele periódico em 22 de Março assim se expressou: cumpria reabilitar o lolismo para a eleição de 13 de Abril próximo. Sem entusiasmo, sem amor cívico, sem fé, desesperados, prevendo inevitável derrota eleitoral, os partidários do Cel. Lolicco tudo fazem por nada prometer. E as urnas se abrem... É preciso reconfortá-los para o voto que, a semelhança das eleições passadas, hão de dar com cédulas de cor diferente, para medir as forças das duas correntes em que se divide o partido republicano local. Estamos, de nossa parte, a postos para as justas do civismo contra a prepotência dinástica do agrupamento adversário”.

Em 5 de Abril, Pedro Lopes de Oliveira, no mais infeliz dos seus lances, pela imprensa, atribuiu a responsabilidade do pleito à executiva, tendo com os adversários de sempre, uma longa conferência na manhã daquele dia.

Federalistas e lolicistas cerravam fileiras em torno da candidatura de Ruy Barbosa, e o Dr. Maciel Júnior, como era voz corrente, aqui ficou a convite insistente para assistir a eleição e consequente derrota nossa.

Triste desilusão!

Chegou finalmente o momento supremo e o 13 de Abril raiou, consagrando nas urnas o nome de Eptácio Pessoa através de 1100 votos e o de Ruy Barbosa, elementos coligados com 477 tão somente!

P. L. de Oliveira faltou a sua fé republicana, aconselhando aos seus correligionários que votassem no senador pela Bahia, e faltou também a esses mesmo amigos, não os acompanhando no voto.

Dos 1100, foram com cédulas da executiva 1089 e 11 apenas com cédulas manuscritas.

A derrota foi formidável, a nossa vitória estrondosa!

Quatro dias depois do pleito, o acatado órgão do Partido Republicano A Federação publicava significativamente o seguinte: “Passo Fundo, 16. o partido republicano, acudindo ao apelo da comissão executiva, sufragou nas urnas o Dr. Eptácio com 1100 votos, apesar da propaganda

desenvolvida pelo Tenente Ce. Pedro Lopes de Oliveira em favor do senador Ruy Barbosa, que obteve apenas 477 votos dados pelos federalistas e partidários do intendente, cuja traição manifesta e notória tem sido fortemente censurada por nossa agremiação política. Vibrante manifestação receberam o Dr. Araújo Vergueiro e Gabriel Bastos, membros da executiva pela vitória alcançada, sendo muito vitorizados, bem assim como o preclaro chefe Dr. Borges de Medeiros. O nosso abnegado e leal companheiro Gabriel Bastos, amigo prezado, cuja dedicação é assaz conhecida, depois desse memorável pleito, solicitou para dar um golpe decisivo nas pretensões dessa gente, solucionando a questão política local, a sua exoneração de membro da executiva e, o que é mais, num gesto verdadeiramente desprendido, no mesmo telegrama, pedia que a direção unipessoal do partido me fosse entregue.

Isto posto, em 6 de Maio, recebi o seguinte: “Dr. Nicolau Vergueiro – Passo Fundo – considerando virtualmente dissolvido comissão executiva aí, constituída Dr. Nicolau Vergueiro, Coronel Pedro Lopes de Oliveira e Gabriel Bastos, por haver este, em telegrama de 27 de Abril último, apresentado sua renúncia formal, por mim aceita, e também pela renúncia tácita do segundo, que em 28 de Agosto de 1917, assistiu, pela última vez, reuniões executivas e conforme notícia publicada Correio Povo, 15 de Setembro dito ano, confirmada jornal local Gaúcho, manifestou intenção agir sob exclusiva responsabilidade individual, resolvi, por tudo isso, investir direção unipessoal partido desse município. Dr. Nicolau Vergueiro, não só em atenção sua investidura representante Assembleia, como também, e principalmente, em reconhecimento seus méritos, serviços postos destaque últimas eleições. (assinado) Saudações cordiais Borges de Medeiros”.

Diante de tamanha demonstração de confiança, aceitei esse encargo, no exercício do qual darei o que tiver de melhor, sem medir sacrifícios pelo bem estar desta terra e pujança do nosso partido.

Em 7 de Maio Gabriel Bastos recebia também o seguinte: “Atendendo motivos expostos vosso telegrama 27 Abril e conveniência instituir-se aí direção unipessoal, resolvi aceitar vossa renúncia de representante executiva. Fazendo-vos esta comunicação apraz-me de agradecer-vos profícuo e prestigioso concurso prestado engrandecimento partido local. Cordiais saudações. (assinado) Borges de Medeiros”.

O nosso antagonista não recebeu idêntico telegrama de agradecimentos e isso, senhores, é por demais significativo e só não compreende um Pedro Lopes de Oliveira.

É essa, em rápida sùmula, a evolução do partido republicano depois do falecimento do Cel. Gervazio, e que eu tinha formal obrigação de vos historiar. Quanto ao Conselho Municipal, hoje homenageado nesse banquete, devo vos dizer que sua ação foi, em todas as épocas, inspirada no bem, no amor pela coletividade e que em suas resoluções há sempre mirado o engrandecimento, o futuro, a felicidade desta gleba.

Nessa corporação, na qual por bondade dos meus pares venho há muitos anos sendo presidente, tive a ventura de encontrar homens dignos, bons, amigos verdadeiros nas pessoas de Gabriel Bastos, Ângelo Pretto e Aníbal da Silva Lemos. A minha interferência aí seria nula se não fosse à ação eficaz desses servidores abnegados da causa pública e do nosso partido.

Aníbal da Silva Lemos e Ângelo Pretto foram de uma dedicação sem limites nessa cruzada de democracia, ao lado da maioria da comissão executiva e a eles Bastos e eu aqui registram a sua imperecível gratidão.

Pelo Conselho Municipal, a todos vós sinceros agradecimentos.

Já vai longo este e devo terminar. Em breve teremos a fase final da luta em que vimos empenhados e para qual conto, mais do que nunca, com o vosso apoio, com a vossa solidariedade e com a vossa dedicação.

O sol que nos ilumina é de um brilho raro e reconstituente, e o nosso partido, o grupo dos 29 e dos 51 aumentou, progrediu, cresceu, agigantou-se na razão direta dos ataques e investidas quixotescas, e pode-se afirmar que representa neste município uma força colossal que esmagará, em 16 de Setembro próximo, a cabeça híbrida do lolicismo, desfraldando a bandeira branca da vitória e da paz, da tranquilidade e do amor, do respeito e do trabalho, da verdade e da justiça, cantando louvores ao egrégio estadista Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, em cuja honra levanto a minha taça.

Passo Fundo, 26 de Outubro de 1935.

Data : 27/10/1935

Título : 161 DISCURSO NA CONVENÇÃO REPUBLICANA

Categoria: Memórias

Descrição: Discurso pronunciado em 8 de Outubro de 1927, por ocasião da convenção do partido republicano, em Porto Alegre, no edifício da Assembleia dos Representantes...

Discurso pronunciado em 8 de Outubro de 1927, por ocasião da convenção do partido republicano, em Porto Alegre, no edifício da Assembleia dos Representantes, para escolha dos candidatos à presidência e vice-presidência do Estado, Dr. Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura, respectivamente.

Sr. Presidente - Não pode, de forma alguma, encerrar a convenção do Partido Republicano do Rio Grande do Sul os seus trabalhos, sem uma homenagem toda especial ao seu preclaro chefe, o Dr. Borges de Medeiros. E é por assim entender que, nesta ilustre e memorável assembleia, composta de dignos correligionários, cheios de grandes serviços ao nosso glorioso partido, ousou levantar-me saindo da penumbra em que sempre me coloco, sem o ritmo da oratória eloquente de João Neves da Fontoura e José Antonio Flores da Cunha, mas, trilhando com eles, harmoniosamente, a mesma estrada de dedicação, de amor e de lealdade ao nosso partido. Essa reunião nada mais fez que referendar, com intenso prazer, com viva satisfação e com altivez sem par, a escolha dos candidatos à presidência e vice-presidência do Estado, no quinquênio a iniciar-se em 25 de janeiro.

Assim, homologada a escolha feita, não nos afastamos das salutares e históricas praxes do Partido Republicano, e essa demonstração de força e de disciplina vem, mais uma vez, mostrar

ao Brasil que, neste seu recanto amado, existe um chefe respeitável e querido pelos seus correligionários.

A Nação pode ter a certeza de que somos, hoje mais do que nunca, solidários em todo e qualquer terreno com Borges de Medeiros, que perfeitamente encarna as nossas aspirações, que justamente realiza o nosso ideal.

Individualidades da têmpera e do quilate de Borges de Medeiros não são comuns. As suas virtudes são de tal ordem que estão na consciência de todos os homens sãos. A norma de sua vida tem sido uma só, imutável, sem desvios e sem atalhos, sempre em linha reta, e toda ela dedicada, com carinho invulgar, ao Bem, e sempre ao Bem.

Desde os alvares de sua mocidade, quando ainda era incipiente o ideal republicano no Brasil, já Borges de Medeiros, na velha Paulicéia, se alistava nas fileiras dos seus maiores e mais devotados apóstolos.

Regressão em seu torrão natal, após brilhante curso acadêmico, não perdeu um só instante na propaganda dos sentimentos que acalentava.

Proclamada a República, como representante deste Estado, conjuntamente com Castilhos, Pinheiro Machado, Victorino Monteiro, Homero Baptista e outros ilustres co-estadanos, assinou a Constituição de 24 de Fevereiro de 1891, código das máximas liberdades de seu povo civilizado e culto.

Quando, em 1893, falsos ideais arrastaram os nossos irmãos à luta fratricida, vimo-lo abandonando família e interesses, acorrer pressuroso, ao lado de seus companheiros, a oferecer a sua vida e o seu sangue em holocausto às ideias, que sempre evangelizara.

Ensarilhadas as armas, restauradas a paz e a ordem, ingressou na magistratura, da qual fez um verdadeiro sacerdócio, distribuindo, com a mais rigorosa imparcialidade, completa e indefectível justiça. Foi aí, quando ele iluminava com o brilho do seu caráter e o fulgor de sua inteligência a mais alta Corte de Justiça, foi aí, quando corporificando o ideal do magistrado, cego às paixões e surdo aos pedidos, lavrava acórdãos, exarava sentenças, que o excelso patriarca Júlio de Castilhos, profundo conhecedor dos homens, foi buscá-lo, para entregar-lhe a suprema direção do Estado.

Conhecendo-o intimamente, sabendo das peregrinas virtudes que engrinaldavam o seu caráter, não trepidou em apontá-lo como o “primus inter pares”, escolhendo-o seu substituto.

Desaparecido Castilhos da vida objetiva, a opinião unânime do Partido Republicano do Rio Grande do Sul sagrou o nome de Borges de Medeiros como o de continuador da obra política daquele, e nesse posto o tem mantido até hoje sob os aplausos das consciências bem orientadas.

Na suprema direção governativa, nada descurou no que de perto interessava ao progresso e ao desenvolvimento do nosso caro Rio Grande, que aí está a atestar o seu valor e a sua pujança n concerto dos demais Estados da Federação.

Feitas, Sr. Presidente, estas ligeiras considerações, passada em revista e em síntese a vida desse grande homem, que tem em cada republicano, mais do que um correligionário, um soldado e um amigo, venho requerer e pedir a V. Ex. se digne consulta os convencionais se consentem na inserção da ata dos nossos trabalhos de um voto de inalterável solidariedade política ao conspícuo cidadão e egrégio chefe do Partido Republicano Rio-grandense, e, mais ainda, um outro de congratulações sinceras pela acertada escolha por ele feita, e por nós hoje aqui



solenemente homologada, dos nomes ilustres de Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura, para presidente e vice-presidente do Estado.

Passo Fundo, 27 de outubro de 1935.

Data : 28/10/1935

Título : 162 DISCURSO EM MANIFESTAÇÃO PÚBLICA

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido, nesta cidade, em 1º de Janeiro de 1930.

Proferido, nesta cidade, em 1º de Janeiro de 1930.

Srs. – É com bastante desvanecimento e com verdadeiro júbilo que agradeço, de espírito e de coração, a esplêndida homenagem que me é tributada por todas as vivas forças políticas de minha terra, e essa satisfação é perfeitamente justa, por isso que somos uma só força, entrelaçados, unidos, tão cheios de brio e de entusiasmo, irmanados no mesmo ideal, olhando tão somente a prosperidade e a grandeza do Brasil, ciosos da nossa cultura cívica, colimamos uma finalidade única: a vitória de Getúlio Vargas e João Pessoa.

Antes, porém, de continuar, cumpro o dever de, como diretor do Partido Republicano de Passo Fundo, associar-me inteira e sinceramente à manifestação que vai hoje mesmo ser prestada ao ilustre vice-presidente do diretório da Aliança Libertadora, meu distinto e particular amigo Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, e de expressar meu reconhecimento ao caro e também particular amigo Dr. Lacerda de Almeida Júnior, vosso talentoso orador, sempre de uma grande e manifesta generosidade para comigo.

A Frente única é um espetáculo grandioso, radiante de belezas cívicas e sem precedentes na história da gleba gaúcha, e somos hoje congregados e fortalecidos pelo mais entranhado amor ao Rio Grande do Sul, terra estremecida e cara, dadivosa e boa.

O dia de 1º de Março vai marca na nossa vida mais uma página brilhante de bravura e de dignidade.

O nosso Estado, nessa fase de saneamento moral, de reorganização nacional, de democratização da República e de regeneração geral do País, ladeada por Minas Gerais e Paraíba, e cercada ainda pelas poderosas e fortes correntes liberais, disseminadas por todo o Brasil, marcha para uma rutilante vitória, mesmo porque, como na expressão feliz e exata de um grande orador,

quem diz justiça diz vitória, e a causa que defendemos com tanto amor e tanta dedicação é mais do que justa: ela tem para nós o sabor das coisas sacrossantas.

Eu não sou um descrente, um desiludido, um pessimista, um cético enfim: eu creio na vitalidade da nossa Pátria, eu creio na vontade indomável de um povo, eu creio na honra de nossa gente, eu creio na justiça e eu creio na liberdade, mas francamente precisamos mudar de rumo, ter nova e sadia orientação, visto como a nossa decadência é manifesta: nas finanças, na administração, na ordem pública, na moralidade administrativa, na instrução, etc. etc.

Poderíamos ser e aspiramos ser uma Nação próspera e feliz pelas nossas próprias forças naturais.

Melhores e felizes dias nos devem aguardar, porque a nossa índole é boa, porque a nossa terra é fértil, porque a nossa riqueza é enorme, porque nós sabemos trabalhar e produzir: só do que necessitamos é de um governo verdadeiramente do povo pelo povo, e esse dia, essa alvorada de promessa, não pode tardar para felicidade nossa, e a sua demora poderá nos trazer amargas e desastrosas consequências.

Há quatro anos que se anuncia um plano financeiro, como meio de valorização de nossa moeda e conseqüente restauração econômica do País, mas, pergunto eu, qual é até agora o benefício que dele a nossa Pátria tem recebido?

Se, de fato, esse assunto demanda de muito tempo, e este ainda não permitiu o seu maior desenvolvimento e equilíbrio, deveríamos, no entretanto, ter observado já alguns sintomas precursores de melhoras; mas a experiência, que não é pequena, demonstra o contrário: a situação econômica é cada vez pior; a nossa moeda pouco vale e, além disso, vivemos no regime dos constantes empréstimos e dos déficits orçamentários.

E o Estado e a sorte da nossa produção? Não temos entrada nos grandes mercados mundiais, e quando até lá conseguimos ir é com miserável cotação, e daí o resultado da crise da lavoura, como vai acontecer com o café, o nosso principal produto.

“A anarquia financeira e a desordem econômica têm sido sempre as companheiras constantes da vida do Brasil”.

Srs. – temos imprescindível necessidade de um governo que enfrente, de animo decidido, os magnos problemas do Brasil com seriedade, com serenidade, com energia férrea, com honra.

Deixemos as megalomanias, e encaremos as coisas como elas são e como estão. Urge organizar e por em movimento os nossos próprios valores.

Podemos melhorar, e temos que melhorar e assim o exige a nossa própria dignidade de brasileiros.

Deixando essas duras considerações, ásperas verdades que me brotaram, sinceramente, num momento de revolta, passemos a outro assunto.

Acabamos de encerrar a inscrição eleitoral no município, com a boa cifra de 2496 novos eleitores, e, de passagem, peço vênias para lembrar o nome do juiz que presidiu a todos os trabalhos, com retidão e honestidade inexcusáveis: o integro magistrado Homero Martins Baptista. Aqui se tornou eleitor tão somente o cidadão que estava em condições de o ser. O nosso alistamento desafia qualquer contestação e minucioso exame.

Passo Fundo, o meu, o nosso querido Passo Fundo, pelo seu eleitorado pujante e brioso, impregnado do mais sã civismo, concorrerá às urnas com elevado coeficiente numérico, reafirmando assim as suas tradições de povo altivo e digno.

O voto, neste momento, é mais do que um dever: é uma obrigação.

Amparar a Aliança Liberal é o cooperar pelo engrandecimento da Pátria. Tenhamos confiança tranquila e segura em nós mesmos, e saibamos cumprir o nosso deverem 1º de Março, que a vitória, por certo, será nossa.

Pioneiros de um mesmo ideal: o nosso caminho está traçado; recuar, nunca; avançar sempre, na urna ou onde o destino nos levar.

A opinião pública, em boa verdade, está conosco, e ela é, como já dizia Pascal, a rainha do mundo.

A alma nacional está de atalaia e bem desperta, o nosso povo tem grande reserva de sublimes e heróicas energias.

O pesadelo da opressão há de e tem que cessar, porque é um mal, e só se compreende a vida com o bem, com a verdade, com a justiça e com a honra.

Estejamos de pé e sejamos, pela redenção da República, apóstolos da nossa fé cívica.

Passo Fundo, 28 de Outubro de 1935.

Data : 29/10/1935

Título : 163 DISCURSO EM CARAZINHO

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido em Carazinho, então 4º distrito municipal de Passo Fundo, em um churrasco que me foi ali oferecido pelo Partido Republicano, em 19 de Janeiro de 1924.

Proferido em Carazinho, então 4º distrito municipal de Passo Fundo, em um churrasco que me foi ali oferecido pelo Partido Republicano, em 19 de Janeiro de 1924.

Meus correligionários – eu me sinto deveras comovido, e muito grato, diante das crescentes e inequívocas provas de consideração, estima e solidariedade dispensadas a mim, obscuro intendente de Passo Fundo, a quem, escasseando dotes intelectuais, sobra-lhe, no entretanto, grande sinceridade, e sobretudo intenso desejo de bem e lealmente servir este município.

Terminamos de sair de uma luta sangrenta, a que fomos arrastados pelos nos[sos] adversários, obrigados a pegar em armas na defesa sacrossanta do regime constitucional, talhado na carta magna de 14 de Julho, ameaçada de ruir pelo ódio surdo, implacável e multicolor de coligações sem ideais políticos. O que foi esse embate, vós o sabeis, tão bem como eu, e cantam, bem alto as constantes vitórias das forças legais.

Um partido, que teve um evangelizador como Julio de Castilhos, que teve um bravo como Pinheiro Machado, que tem um chefe da envergadura moral de Borges de Medeiros, que tem lutadores da estirpe de Firmino Paim Filho, não podia e não pode ser derrotado.

Seria a vitória da anarquia sobre a lei, do ódio sobre o amor, da treva sobre a luz, da tirania sobre a liberdade. O Partido Republicano do Rio Grande do Sul é tolerante, mas é enérgico, e o inesquecível e redivivo organizador das nossas instituições, já uma vez o dissera, em memorável mensagem, cheia de sublimes ensinamentos: “A minha ação política, na elevada significação da palavra, será tão tolerante como enérgica. Tolerante quanto às opiniões e quaisquer pronunciamentos pacíficos. Enérgica sempre que for preciso invalidar resolutamente as criminosas tentativas dos inimigos da paz pública; enérgica, quando a segurança e o sossego da sociedade exigirem a aplicação severa de inexoráveis medidas repressivas”.

Meus amigos, cubramos com o manto do esquecimento esse trágico período da nossa história, e aproveitemos dele apenas a rude experiência, a prática aliada à teoria, para nos conduzir nos empreendimentos do futuro.

Estamos em plena paz... a época exige o trabalho ativo e profícuo de todos os riograndenses, a colaboração eficaz de todas as inteligências, o auxílio seguro de todos os braços e de todas as consciências, a fim de que o Rio Grande do Sul, de alma pura em organização de atleta, possa espargir sobre o Brasil inteiro, como centro de um sistema planetário, os raios do seu valor, do seu civismo, da sua proverbial honradez.

É fato assaz conhecido e indiscutível que ao partido republicano deste Estado, repugnava uma guerra civil, aconselhando o nosso chefe, sempre que se fazia mister, a máxima tolerância. Esta foi até ao abuso, e prova insofismável é o que ocorreu neste futuroso povoado a 25 de Novembro de 1922, em que os nossos amigos, muito ponderadamente, para evitarem um atrito violento e derramamento de sangue, abandonaram, e o fizeram muito bem, a mesa eleitoral, indo exercer o seu sagrado direito de voto na sede do município. E o que então se passou aqui? Uma verdadeira orgia eleitoral, com juiz, mesários, eleitores improvisados e títulos falsificados... uma cena burlesca.

Depois, na Assembleia dos Representantes, por ocasião da apuração do pleito, os nossos correligionários pregavam a paz, mostrando, à luz meridiana, os horrores de uma luta entre irmãos, as suas lastimáveis consequências lógicas, falando ao coração dos adversários, a fim de que o nosso solo não fosse ensanguentado, e enquanto assim procedíamos outros preparavam surdamente e nas trevas uma revolução, para assalto ao poder, pouco se importando com os meios para atingirem ao fim almejado.

Em Porto Alegre, o plano abortou, graças à ação decisiva do governo do Estado, de acordo com a energia do Comandante Militar da Região, e a 24 de Janeiro de 1923, primeiro golpe tentado, foi à cidade de Passo Fundo, que não tinha mais do que 400 homens para defendê-la, sitiada por mais de 3000, não só deste município, como vindos de Palmeira, Erechim, Lagoa Vermelha e outros pontos.

Apesar dessa diferença numérica não foi sequer tomada uma só das nossas posições, sendo, por vezes, os pseudo-libertadores rechaçados em suas linhas.

Resistência heroica de 8 dias!

“On ne passe pás”!

Honra aos nossos soldados.

Em seguida, como a propagação das epidemias, o mal alastrou-se pelo Estado, e tivemos 11 meses de correrias, de saques, de depredações, nunca os adversários se abalanzando a nos enfrentar em um combate decisivo.

E por fim a paz, de cujo texto sois conhecedores, e aí estão de pé, cada vez mais sólidas, as nossas instituições; aí está, cada vez mais prestigiado, o mesmo governo e aí está, cada vez mais respeitado, o digno Borges de Medeiros, cercado, em círculo cada vez mais forte, pelo pujante, glorioso e invencível partido republicano. E o que resta dessa luta? Um manto de tristezas, um rosário de dores e de lágrimas, um manancial enorme de pesares e de luto, um séquito de mutilados, de órfãos e de viúvas.

“A guerra, já o disse Ruy Barbosa, não merece o reconhecimento do gênero humano, nem mesmo pelas ações heróicas e virtudes sublimes de que são teatro os seus campos”.

Maldita a guerra, bendita a paz.

Congratulemo-nos com esta.

Vencedores no pleito presidencial, vencedores pelas armas, precisamos hoje, mais do que nunca, quando o adversário alardeia um prestígio que não possui, uma força que não tem, nesse conluio original de republicanos dissidentes e federalistas, do regime parlamentar, mostrarmos ao País, em 3 de Maio próximo, na renovação do terço do Senado e da Câmara de Deputados Federais, de uma maneira a não deixar dúvidas, tirando a cisma como dizem os nossos valorosos caboclos, que o Rio Grande do Sul não sofreu solução de continuidade, que é a mesma potência eleitoral, que sabe guerrear como sabe votar.

Deixamos o fuzil, peguemos à cédula. Necessitamos patentear, esta vez como sempre, que não somos escravos brancos, mas homens livres e independentes, que temos um chefe, que nos guia e nos dirige, fazendo a felicidade do extremo sul da nossa Pátria. Não lutamos por competições pessoais, e sim por princípios definidos.

Essa unidade de vistas entre o chefe e os seus correligionários, essa indefectível e inteligente solidariedade, essa disciplina partidária consciente é o que faz grande o nosso partido.

E bem escreveu Gustave Le Bon: “Fazer nascer, progredir, depois tornar coletivos certos sentimentos constitui um dos princípios essenciais da psicologia política. Com sentimentos habilmente manejados, dirige-se as vontades de um povo e, perpetuando-os, refaz-se sua alma”.

Meus amigos – longas já são essas frases que me brotaram, ao correr da pena, das minhas convicções.

Devo e vou terminar.

Antes, porém, vos quero declarar que, ainda este ano, deixarei a administração do município de Passo Fundo, e o farei na certeza de ter agido sempre com lealdade e com honra, e, parafraseando Santo Agostinho, vos digo que mais grato me é vos ter sido útil, que ter sido vosso chefe. Se erros tive, nunca os mesmos foram de má fé.

Sempre com o bem, nunca com o mal. E os meus próprios adversários, os mais impenitentes, não me poderão atirar à face um ato iníquo, uma indignidade, uma perseguição, uma violência: as minhas paixões políticas não me cegam e não me fazem esquecer o caminho da moral e da justiça.

Sairei de pé firme, de viseira erguida e de consciência tranquila.

Levarei, para o silêncio do meu gabinete, a serena calma de um homem que procurou sempre, na medida de suas forças, cumprir o seu dever; levarei a mais grata recordação de todas essas homenagens gravadas indelevelmente em meu espírito; levarei ainda, com orgulho o confesso, as inúmeras provas de confiança, com que sempre me distinguistes, doce consolo de momentos amargos; levarei, por fim, a saudade de todos vós que, comigo, cooperaram pelo engrandecimento dessa amada terra, que me serviu de berço e que, por certo, me servirá de túmulo.

Meus amigos, eu não sei

“qual é mais excelente se ser do mundo rei, se de tal gente”.

Passo Fundo, 29 de Outubro de 1935.

Data : 30/10/1935

Título : 164 DISCURSO AO DR. OSWALDO ARANHA

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado em 16 de Novembro de 1929, nesta cidade, quando o Dr. Oswaldo Aranha, então Secretário do Interior, percorria o Estado, em Propaganda da Aliança Liberal.

Pronunciado em 16 de Novembro de 1929, nesta cidade, quando o Dr. Oswaldo Aranha, então Secretário do Interior, percorria o Estado, em Propaganda da Aliança Liberal.

Exmo. Sr. Dr. Oswaldo Aranha, como intendente municipal, apresento a V. Ex. boas vindas, e o faço na certeza de interpretar os sentimentos gerais da população de Passo Fundo, que o vem admirando desde o início de sua rápida, mas brilhante carreira política.

Ainda meu espírito se encontra abalado por grave enfermidade em pessoa de minha família, e, por isso, não quis me abalar, me arrojando, em uma oração de improviso.

Escrevi estas rápidas considerações às pressas e de um só fôlego. Nelas não encontrará V. Ex. o esmalte dos belos discursos, mas, creia-me, verá a máxima sinceridade, a par das pulsações

rítmicas, coordenadas, perfeitas da pujança e dos brios deste povo, que ama, sobretudo e sobretudo, a causa da Aliança Liberal.

O Rio Grande do sul, ao lado de Minas Gerais, a grandiosa terra de Tiradentes, o proto-mártir da liberdade e da valente Paraíba, tão pequena quão valorosa, assumiu atitude de tal espécie que qualquer recuo será o fragoroso desmoronamento das suas tradições de bravura, de altivez e de honra, e a assim viver e preferível que seja esmagado pelo direito da força, conservando incólume, intacta a força do direito.

Contribuímos sempre com o sangue generoso dos nossos irmãos para consolidação da grande Pátria comum, levando a todos os recantos do País, quando se fez mister, o auxílio seguro, e principalmente leal, da nossa gente.

Contribuímos com elevada quota para o Tesouro Nacional, que, infelizmente, tem vivo em aperturas e em constante regime de déficits, pela má orientação dos nossos dirigentes.

Contribuímos com o maior contingente para as fileiras do nosso invicto Exército. Contribuímos com a nossa dedicação sem limites para a grandeza e honra da República.

Estabelecidos os pródromos [primeiros indícios] da divergência entre Minas Gerais e São Paulo na questão presidencial, fomos lembrados, em um gesto dignificante e de honrosa renúncia, pelo grande Estado mineiro, como bandeira de paz e de ordem no Brasil.

O Sr. Washington Luis, em uma ginástica política, usando de um malabarismo todo especial, repeliu o nome de Getúlio Vargas para impor à Nação o nome de seu amigo e compadre Dr. Júlio Prestes.

Diz-se que Washington Luis é o braço forte, mas para esse, que há de cair exausto, temos a couraça de bronze e de aço dos nossos peitos varonis, e temos, mais do que isso, a vontade soberana de um povo brioso.

A vitória nos sorri... a nossa causa é justa, e somos também acompanhados pelas fortes correntes liberais de todos os Estados.

A semente da vera e boa democracia está atirada ao solo, e há de germinar, florescer e frutificar para o bem coletivo, dentro dos sadios princípios do regime republicano.

Queremos a paz, mas a paz dentro da honra. Da guerra só lançaremos mão, em última hipótese, quando esgotados todos os recursos, e isso como legítima defesa, forma sagrada e consagrada da vida e da liberdade.

São preceitos comuns de filosofia a propósito das condições de legitimidade primeiro, impedir pela força a violação de um direito essencial da sociedade; segundo, reivindicar pela força o respeito de um direito violado.

Não somos um povo anemiado e desvirilizado, temos consciência, plena e perfeita, do nosso valor e da quantidade de matéria corante dos nossos glóbulos vermelhos. Não estou apregoando movimento armado, sou contra ele, que traz em sua cauda, em seu bojo e em sua tresloucada cabeça, o germen da destruição e do esfacelamento de carnes irmãs, mas, na derrocada que observamos, talvez seja um bem porque, se da discussão nasce à luz, da luta pode sobrevir a felicidade de nosso País, que se estende majestoso das pororocas do Amazonas à quietude das águas do Chuí.

Desejamos que o 1º de Março de 1930 marque o ponto inicial de uma nova era, de amor e de trabalho, de ordem e de progresso, de igualdade e de fraternidade, de respeito e de justiça.

O Sr. Presidente da República, orientado por uma má política, talvez na vertigem da altura e na obsessão do mando, iniciou e segue uma fase de opressão principalmente exercida contra o Rio Grande do Sul, mas o nosso caráter não sente por isso abatimento; é da nossa tempera e bem o atesta a história, ao contrário esse proceder nos instiga, nos incita, nos excita, nos estimula, fazendo acordar e vibrar esse grande amor que temos pela terra natal. Havemos de arrebentar, se necessário for, os diques dessa opressão, e aí nada poderá deter a vontade de um povo, que sabe ser digno e livre.

Se formos derrotados em um pleito livre e honesto, em que não campeie a fraude, saberemos, por amor a nossa cultura cívica, nos submeter aos ditames da vontade eleitoral; mas se o contrário se observar, se formos vencedores e esbulhados em seguida, havemos de reagir e temos obrigação de reagir.

Os direitos e os poderes de um homem, por mais elevada que seja a sua posição, têm limites certos e definidos. Ultrapassá-los é um erro, e mais do que isso um crime.

Comemoramos, ainda há pouco, o quadragésimo aniversário da República, em um momento grave e histórico para a vida do país.

Essa República, que fora o sonho de tantos idealistas, despreendendo-se dos grilhões monárquicos, merecia uma melhor sorte.

A República, regime do povo pelo povo, tem sido tão mal orientada e tão mal dirigida que, sempre e cada vez mais, vivemos preocupados, e grandemente preocupados, pelo destino do Brasil e pela sorte que nos espera.

Temos o direito de confiar nas forças vigorosas do opulento País de nosso nascimento, mas o que não podemos fazer é abusar dessas mesmas forças, exaurindo inutilmente as suas seivas.

Tudo cansa no mundo e tudo se esgota. Devemos zelar melhor pelo que é nosso e aí está a prova provada de que afirmo na crise do café, que repercutirá seguramente e desastrosamente nas finanças do país.

Não temos, de momento, homem no leme... a nau se desarvora, e se não tivermos a conveniente reação, pacífica, salutar e honesta, o naufrágio será certo.

A nossa consciência não vai ao mercado, temos uma moral cívica e política, e não uma moral de interesse pessoal. É difícil de se compreender que, diante de um movimento tão sublime de coesão e tão santo para nós, apareçam certos elementos, quebrando a harmonia da nossa unidade.

É que é preciso a exceção para confirmar a regra.

São detritos que sempre ficam nas enxurradas à margem da corrente; são apêndices, órgãos inúteis, pequeninos, sem função orgânica determinada, que só servem para criarem apendicites... e para esse temos o bisturi pontiagudo e cortante, da nossa crítica severa e inflexível, ou então o clássico gelo do nosso desprezo, ou melhor, ainda a nossa repugnância pelas causas e pelas coisas deletérias, pútridas, necrosadas.

Temos aqui também desses elementos, mas são, de sobejo, conhecidas, repudiadas e nulas no cenário político.



É ridículo e mais do que isso repugnante, o modo porque procedem, procurando angariar adeptos a peso de dinheiro, do metal que ganha desse modo mais suja a consciência do que o bolso.

Dr. Oswaldo – A minha terra, o meu querido Passo Fundo, anseia pela sua palavra franca, leal, vigorosa e valente, tantas vezes comprovada.

Eu não quero mais fazê-lo esperar e assim termino, saudando o nosso ilustre visitante, tipo perfeito da raça gaúcha, representante político dos nossos heróicos antepassados, cujos nomes a História, em relevo, guarda, com perene respeito, veneração, carinho e amor.

Viva o Dr. Oswaldo Aranha.

Passo Fundo, 30 de Outubro de 1935.

Data : 31/10/1935

Título : 165 DISCURSO EM 7 DE SETEMBRO

Categoria: Memórias

Proferido em sessão solene do Clube Pinheiro Machado de Passo Fundo, em 7 de Setembro de 1906. Foi o meu primeiro discurso, e transcrevo-o tal qual foi pronunciado, sem alteração de uma só vírgula.

Sr. Presidente – Exmas. Senhoras – meus senhores. Após terdes ouvido a palavra sonora, o verbo fluente e bem timbrado daquele que me precedeu nesta tribuna, ides ter a paciência de prestar, em rápidos instantes, a vossa atenção para um que estréia em coisas oratórias.

Uma antítese enorme entre a palavra de um e a de outro: em o primeiro notastes, além do seu talento hercúleo, a verbosidade, a calma de orador; em mi, completamente ao contrário, pequeninas frases descoradas, proferidas com medo e a esmo.

A sua bondade, excelso auditório, a de perdoar.

– Meus senhores – Foi, na data que hoje comemoramos, em sessão solene, que proclamou-se a independência do lindo País que se estende do Amazonas ao Chuí. Neste dia devemos ser bastante alegres, porquanto esse lance de nossa história foi um marco de valor transcendente para a nossa vida futura, porquanto, além de ser o Brasil sobrecarregado com os mais pesados tributos, toda a seiva de suas riquezas naturais era exaurida em favor de Portugal.

Lançando um olhar retrospectivo à história de todas as nações, um capítulo fulgente é o de sua libertação.

É por demais conhecido o fato para que comentemos longamente o que se passou às margens do remansoso riacho Ipiranga.

Desde 1822 que somos um povo independente, que somos livres.

Já muitos anos antes, em 1789, o malgrado alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes, dera os primeiros passos na senda da independência, mas, infelizmente, essa justíssima pretensão custou-lhe a vida.

Escreve um historiador moderno: “A independência dos Estados Unidos em 1783, consequência da revolução inglesa de Cromwell e prelúdio da revolução francesa de Danton, inspira e anima os corações generosos dos patriotas mineiros guiados pelo imortal Silva Xavier. Mas a Inconfidência malogra-se e, no mesmo ano em que o Ocidente eliminara definitivamente a realeza, com a exceção de Luiz XVI, o governo português sacrificava a liberdade, assassinando Tiradentes”.

“A liberdade é a lei” muito bem o disse um poeta de renome universal; e o próprio abade que, pouco antes, encerrara quatro pequeninos melros, não tardou a se convencer dessa asserção, quando, preferindo a morte, o melro “mais sublime do que Cristo, quando morreu na cruz, maior do que Catão, matou os quatro filhos, trespassando quatro vezes o próprio coração”.

Independência ou morte, foi a exclamação sublime que, repetida de boca em boca, célere percorreu todo o Brasil. Muito pouco sangue nos valeu a nossa independência; no entretanto, se tão fosse necessário, estou inteiramente convencido de que todos os brasileiros, sem exceção de um sequer, expor-se-iam a peleja santa, não regateando a vida.

Vejamos, a exemplo, o que se passou nos Estados Unidos da América do Norte, onde, à carta de independência almejada, muito liquido rubro e quente regou aquele solo.

O intrépido Washington, à libertação de sua pátria, consagrou toda a sua inteligência, todas as suas forças.

Em França, os escritos de Benjamim Franklin, o inventor do para-raio, causaram tanto entusiasmo pela liberdade e pela democracia, que diversos nobres, entre outros o marquês de Lafayette, Kosciusko, o nobre polaco, e grande número de voluntários de todas as nações passaram à América para auxiliarem os que desejaram libertar-se dos grilhões ingleses.

Ela, apesar de uma luta tremenda, foi conseguida.

A nossa independência muito pouco custou; um despacho de Lisboa com injustas e aviltantes pretensões foi arremessado ao longe e um pequeno número de vítimas em prol dessa causa de valor e utilidade reais. Proclamada a independência do nosso País, foi instaurado o governo monárquico. Um dos vultos mais salientes, o fator principal de nossa libertação foi o inspirado poeta e sábio José Bonifácio de Andrade e Silva, que, desde 1819, combatia incessante por esse alevantado ideal.

Aqueles que, desde logo, almejavam o governo republicano, José Bonifácio respondia: “Não compreendo uma república com escravos”.

Efetivamente, após a sanção das leis de 28 de Setembro de 1885 e de 13 de Maio de 1888, foi erguida e proclamada a república em 15 de Novembro de 1889.

Tiradentes foi vingado.

Senhores, já me espraiei bastante, muitíssimo mais do que desejava... terminemos, pois.

Se mais não fiz, foi porque a tal não me “ajudou o engenho e a arte”. Qual pequena ave que, pasma, lança o olhar, admirando a grandeza e o colosso de Gauri Sankar, assim eu também, acolhido à sombra de que amo gozar, admiro a ideia genial e o talento dos heróis dessa cruzada sublime.

Ao finalizar, rendo homenagem aos dois vultos que, sobremaneira, salientaram-se nessa pugna dignificante: D. Pedro I e José Bonifácio de Andrada e Silva.

Passo Fundo, 31 de outubro de 1935.

Data : 31/10/1935

Título : 166 DISCURSO AO CEL. GERVAZIO

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado no dia de seu aniversário natalício, 10 de Abril de 1912, por ocasião de uma manifestação que lhe foi levada.

Pronunciado no dia de seu aniversário natalício, 10 de Abril de 1912, por ocasião de uma manifestação que lhe foi levada.

Srs. – Acedendo ao honroso convite que se me fez, para ser o intérprete do partido republicano de Passo Fundo, na homenagem merecida que hoje se presta ao Ex. Sr. Cel. Gervazio Lucas Annes, sinto apenas a pequenez de minha individualidade para saudar a tão grande e a tão dileto amigo.

Egrégio chefe – Sabe V. Ex. o quanto sou sincero e o quanto sou franco, deixando sempre de lado certas instituições tolas, certos preconceitos fúteis. Sabe V. Ex. mais ainda o quanto, por educação e por índole, sou avesso aos elogios frente a frente, mas não são meros elogios que eu vou dirigir a V. Ex.... são verdades. Não são frases eivadas pelo preconceito de ocasião: são prenes da sinceridade de minha alma de moço.

“Em política, disse um escritor moderno, os homens verdadeiramente grandes são os que pressentem as necessidades que vão surgir, baseados nos acontecimentos do passado e indicam o caminho pelo qual se deve enveredar.”

De pleno acordo com essa opinião, então que ela não poderia ser melhor para estereotipar o aniversariante de hoje, pois que o Sr. Cel. Gervazio Lucas Annes é um grande político: de uma

inteligência lúcida, de uma previdência notável, de uma honradez inatacável e de uma perspicácia extraordinária.

O preclaro chefe do pujante e glorioso partido republicano de Passo Fundo tem direito incontestável a homenagens, como as de hoje, pois tem servido com abnegação, com denodo e com o seu próprio sangue a esse mesmo partido. Este que foi por V. Ex. criado, educado em uma altiva disciplina, aprendendo nunca recuar, tornou-se hoje, na idade avançada de V. Ex., um gigante, que tem por lema: tudo pelo seu chefe. Seria longo historiar a vida política do eminente cidadão, e os serviços por ele prestados a este município, e a história que “não reconhece reis, nem reconhece igreja, reconhece a justiça, o grande dogma austero, glorifica Jesus e cospe sobre Nero”, expressão genial de Guerra Junqueira, o “grande beato do idealismo”, a história, repito, encarregar-se-á de indelevelmente gravar em suas páginas, ou em busto de bronze, o nome de Gervazio Lucas Annes, esse benemérito servidor do regime republicano.

Aceite, pois, ilustre chefe e conspícuo amigo, pela minha voz descolorida, as felicitações que lhe envia o partido republicano desta amada terra, que se orgulha, que se ufana, de lhe ter por diretor; aceite também os votos, que fazemos, pelo prolongamento de sua existência, tão útil e tão preciosa, e aceite, enfim, em nome dos presentes uma saudação, sinceríssima e entusiástica, que “vai pelo azul um cântico vibrando, tão límpido, tão alto, que parece que é a estrela no céu que está cantando”.

Passo Fundo, 31 de Outubro de 1935.

Data : 31/10/1935

Título : 167 DISCURSO DE INAUGURAÇÃO DA LUZ ELÉTRICA

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado no dia 2 de Março de 1913.

Pronunciado no dia 2 de Março de 1913.

Srs. – É sob a impressão esmagadora e suave dessa enorme massa líquida, que se precipitando de um alto, em rumoroso burburinho, põe em movimento, coloca em atividade máquinas possantes, verdadeira audácia de concepção do engenho humano; e ainda sob a impressão dessa selvagem e exuberante natureza, que eu vos dirijo a palavra.

Outro deveria ser o orador oficial e não eu, mas condições imprevistas, de última hora, fazem com que ante vós eu me apresente com o rótulo de orador oficial.

Srs. – Refere-nos o literato e historiador João Francisco de Lisboa que os sentimentos experimentados pelos primeiros exploradores, que aportaram à nossa terra, eram de pasmo, de surpresa e de admiração. “A tal ponto os maravilhava o aspecto pomposo da terra inculta e selvagem, escreve o mesmo literato maranhense, que a todos eles exploradores acudia espontâneo de que, sem dúvida, nesta abençoada região estivera outrora situado o paraíso terreal”. O próprio Américo Vespúcio, esse intrépido e audacioso navegador, em carta que publicou, e, 1504, diz que a haver aquele paraíso não deveria ser longe das nossas plagas.

E eu ousou pensar que, se esse fabuloso éden, esse fantástico paraíso foi uma realidade, não deveria se achar senão em o Rio Grande do Sul, a heroica terra dos legendários de 35, parte altiva e sobranceira de um todo, que nunca se deixou vencer. Por um instinto natural, extasiado pela beleza do panorama que ora observamos, meti-me pela vereda dessas ligeiras divagações. Agora, deixando-as de lado, vou procurar dar desempenho ao mandato que me foi confiado pelo Exmo. Sr. Intendente Municipal, saudando ao nosso preclaro chefe e amigo Cel. Gervazio Lucas Annes e saudando também à opulenta firma do Sr. Bromberg F. Cia., representada na pessoa do Sr. Dr. Frederico Tröech.

– Como iniciador do grande melhoramento, que hoje festiva e solenemente inauguramos, ligo, mais uma vez, o Cel. Gervazio Lucas Annes o seu nome imáculo, venerando e venerado à história desta terra, que ele muito ama e que se desvanece de tê-lo como diretor.

A sua presença nesta festa, se impunha, por isso que o seu nome é um padrão de glória deste povo, porque o seu nome é um programa, porque o seu nome é uma bandeira, e bem orientado andou o Tte. Cel. Pedro Lopes de Oliveira, declarando que só seria inaugurada a luz elétrica com a sua presença.

Creia, Cel. Gervazio, que a sua administração, no quadriênio último, em que foi assinado esse contrato, passou para o domínio glorioso da história, e, por isso, apresento-lhe as nossas mias sinceras saudações.

A firma construtora, Bromberg F. Cia., cumpriu a risca o seu papel, dando-lhe desempenho cabal, completo e satisfatório, e tal era de se esperar, porquanto a casa Bromberg é um estabelecimento de crédito e de conceitos inabaláveis e de uma reputação mais que firmada.

Esse resultado não poderia ser outro, tanto mais quanto a empresa contratante entregou, em boa hora, a direção técnica ao ilustre Dr. Frederico Tröech.

Homem de uma educação finíssima, de ameno e delicado trato social, engenheiro de vasto preparo científico, de uma atividade pasmosa, foi o Sr. Dr. Tröech um trabalhador inteligente, ativo, honesto e infatigável. Eu também o saúdo, com efusão.

Passo Fundo, 31 de outubro de 1935.

Data : 01/11/1935

Título : 168 DISCURSO EM UMA SESSÃO FÚNEBRE

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido no Clube Pinheiro Machado, desta cidade, em 4 de maio de 1917, em uma sessão fúnebre, no 30º dia do falecimento do Coronel Gervazio Lucas Annes.

Proferido no Clube Pinheiro Machado, desta cidade, em 4 de maio de 1917, em uma sessão fúnebre, no 30º dia do falecimento do Coronel Gervazio Lucas Annes.

Senhor presidente – excelentíssimas senhoras – senhores.

De saudades, dores e lágrimas é a homenagem que o partido republicano de Passo Fundo presta à memória do chefe inesquecível.

Ainda imerso nesse profundo pesar, envolto nesse lutuoso crepe, nessa atonia exaustiva, ainda pasmo diante da catástrofe, o nosso partido sente-se ferido em pleno coração com essa queda estrepitosa e inacreditável ainda e a morte “o grande desengano” friamente, premeditadamente, perversamente, por uma dessas ironias extraordinárias, com que zomba, galhofa e ri de nós, fazendo-nos de seu eterno juguete, também atacou e feriu o generoso coração de Gervazio Lucas Annes, sempre afeito às ideias grandes e generosas.

Foi tão grande o baque, que se chega mesmo a duvidar da tristíssima verdade... excesso de dor obscurece, às vezes, até a própria razão e a nossa dor é enorme. Para o pessimista Schopenhauer, que na filosofia de Ribot é “um budista extraviado no Ocidente” só a dor é positiva.

Para Voltaire “a felicidade não passa de um sonho, só a dor é real. Há 80 anos que a experimento e não sei fazer outra coisa senão resignar-me”.

Schilling avança mesmo que a dor é coisa necessária à vida.

Buda foi cognominado “o grande sacerdote da dor” e o budismo, sistema religioso que arrasta naquelas plagas milhões de adeptos, verdadeiramente fanatizados, reconhece como base a existência da dor. Para eles “existir é sofrer”.

Cristo, o pálido e macilento Rabi de Nazareth, o bom e piedoso, o humilde filho da Judia, aquele que em 33 anos de existência só trilhou sendas de amargura, praticando o bem e fazendo o bem, foi denominado o “varão das dores”.

Ah! Senhores, dor é a primeira manifestação vital do ser humano; dor teve-a Maria Madalena, no cimo do calvário, aos pés da cruz; dor tinha a mísera preta mãe escrava, da qual, para fins mercantes, se arrancava, entre lágrimas, blasfêmias e imprecações, dos magros braços, o pequeno filho amado, deixando escoar pela boquinha sorridente o leite do seio materno, tão branco o leite como a alma imácula da criança, tão preta a sua cor como a infância praticada; dor teve-a Niobe, que se transforma horrorizada em estátua, depois de ver morrer 14 filhos, pela crueldade de Diana e Apollo; dor sentiu-a D. Pedro II no exílio; dor sentiu a família de Gervazio Lucas Annes, ao dar-lhe o ósculo amoroso da despedida, o beijo da separação eterna; dor, enfim,

tem o partido republicano desta terra, que tinha por ele mais do que admiração profunda, verdadeiro culto de amor.

Esse partido, meus senhores, diante desse vulto, que tem para nós feições gigantescas, ajoelha-se hoje, lacrimoso, cheio de dor, qual Laocoonte que, na frase de Alcindo Guanabara, é a “síntese da dor”.

Foi aqui o fundador do partido republicano, ao qual serviu com abnegação, e com denodo e, mais ainda, com o seu próprio sangue e, quando o seu organismo estava combalido, sua forte textura orgânica depauperada, suas forças já quase extintas, sua saúde profundamente abalada, mais de lá do que de cá, ainda vimo-lo, concentrando os seus já poucos elementos vitais, a notável previsão de criar, num gesto de absoluta confiança e mesmo de grande alcance social, esta comissão executiva, que aproveita a augusta solenidade do momento, a seriedade religiosa da ocasião, para promete, como promete, seguir a pista do velho e experimentado chefe, altivos, honrados, de espinha ereta, dignos de si mesmos e da confiança pública, custe o que custar, haja o que houver.

As nossas saudades não são como as rosas de Malherbe que se crestam no curto espaço de um dia... não... não... elas terão a perpetuidade do bronze, a suavidade das flores que cercam o seu túmulo, a pureza do mármore branco de Carrara, a limpidez cristalina das lágrimas de seus amigos.

As nossas saudades aumentam, progridem, crescem, se avolumam e se agigantam à medida que o tempo se escoia, e o tempo, que tudo extingue, apaga e liquida “tout casse, tout passe et tout lasse” na sua carreira cega e voraz, esse “anestésico natural das almas que sofrem” não conseguirá desta vez o seu fim: O nome de Gervazio Lucas Annes está de tal modo gravado, indelevelmente na organização da nossa vida político-social que, embora rasgada a nossa história, esfaceladas as nossas heróicas tradições, devoradas as nossas existências, ele, Gervazio Lucas Annes, esse benemérito servidor do regime republicano democrático, passará a posteridade, porque a gratidão desse povo não se rasga, a gratidão desse povo não se esfacela, a gratidão desse povo não se devora e passará de geração em geração, que continuará a te admirar no bronze, em que, por certo, vai ser moldado o teu busto venerando, e bem mereces do nosso partido essa homenagem e, aí fica a ideia.

Há, hoje, um mês que pesa sobre nós a estonteante certeza da morte do chefe preclaro.

Repousa no seio gélido da terra que ele tanto amou “bendita terra que tal filho teve”.

Serás a nossa bandeira; foste, é e será o nosso guia espiritual... “os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos” no profundo conceito do filósofo de Montpellier.

De tua passagem pela vida resta um traço luminoso... a tua estatura não se mede pela vulgaridade dos homens... foste uma exceção e foste um exemplo, o teu túmulo será para nós, os verdadeiros mantenedores da ordem, os amigos da paz e do progresso, para aqueles que foram os teus íntimos tão somente ligados pelo coração e sentimentos afetivos, será para nós um sacrário.

Nesse retiro augusto, onde canta de dia a alegre e travessa e descuidosa passarada e onde, pelas noites luarentas, se desenham no solo às imagens dos anjos e das cruces, no silêncio santo do sepulcro, diante desse tumulo em que coube a tua envergadura colossal, iremos sempre e sempre lembrar os teus feitos, recordar a tua vida, beber inspirações, colher ensinamentos, procurar ouvir a tua voz e os teus conselhos no farfalhar das flores, que, eternamente, à luz das

madrugadas, hão de espargir o seu perfumado orvalho sobre a tua tumba. Receba-o, inesquecível chefe, como lágrimas de teus amigos e o perfume inebriante dessas flores como as nossas imperecíveis saudades.

Passo Fundo, 1º de novembro de 1935.

Data : 02/11/1935

Título : 169 DISCURSO POLÍTICO EM UM PIC-NIC

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado, nesta cidade, no Parque Cruzeiro, no dia 21 de junho de 1931.

Pronunciado, nesta cidade, no Parque Cruzeiro, no dia 21 de junho de 1931.

Srs. – “Verba volant, scripta manent” eis aí, preliminarmente, o motor de haver eu escrito a presente oração, simples, sem refulgos literários, não buscando uma forma castiça de expressão, mas colimando um fundo de profunda lealdade e convicção republicanas. A vossa solidariedade, e eu não oculto a imensa satisfação de recebê-la, tantas vezes manifestada, é, para mim, sempre um grande estímulo e um grande conforto: estímulo, pois que incita as minhas energias cívicas, fazendo-as vibrar, cada vez mais, de entusiasmo partidário; estímulo porque vivifica o meu amor pela causa que, com ardor, desde a minha mocidade, desde os bancos acadêmicos, abracei; estímulo, porque fortalece os elos da nossa comunhão política; conforto, porque me sinto amparado por valorosos correligionários de notável devotamento cívico; conforto, porque me traz a certeza iniludível do vosso apoio e a segurança perfeita de vossa amizade.

Aluno do mestre insigne Borges de Medeiros, não sou na sua escola daqueles que brilham pelo talento e se salientam pela cultura, mas, e orgulho-me disso, marcho parêlo, ombro a ombro, aqueles que na frente trilham o caminho da sinceridade, do reto cumprimento do dever, da honra, sem nunca ter um momento sequer de tibieza ou de desfalecimento.

Não vivi e não vivo da política, da qual nunca usufruí proventos materiais, não sou um político profissional; mas tenho vivido e vivo para a política do meu Partido, e todos os meus esforços e sacrifícios são pequenos diante da grandeza de seu ideal e da sua finalidade.

É preciso não confundir política com politicalha.

“A política, disse Ruy Barbosa, é a higiene dos países moralmente sadios. A politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada”.



Anima-me uma fé sem limites, orienta-me uma crença de fortes raízes e aquece-me uma convicção robusta e inabalável.

O momento histórico é de apreensões e de cuidados, de dúvidas e de incertezas, e nós, republicanos do Rio Grande do Sul, temos obrigação de, alertas, cooperar pelo bem estar, pelo engrandecimento, pela reabilitação econômica, financeira e política desta Pátria amada.

A nós, na vida atual do País, cabe um punhado de grandes responsabilidades, mas saberemos ser dignos, como sempre o fomos, dos compromissos que assumimos.

Parodiando Clemenceau, o homem que foi enterrado de pé, como sempre viveu, podemos repetir à Nação que o nosso Estado, entre outros, “é uma sentinela vigilante da dignidade nacional”.

Atualmente, republicanos e libertadores, respiramos o mesmo oxigênio, nos embala o mesmo sonho de amor, o mesmo anelo de felicidade da terra comum.

Somos, e seremos ainda, coerentemente, em frente única, para manutenção e sustentáculo da obra iniciada a 3 de Outubro; somos também a coluna mestra da nova República; somos, assim unidos, o obstáculo maior a intontadas demolidoras; somos, enfim, o cimento basilar do novo regime.

No altar da nossa Pátria, que não é pagão, não colocamos falsas divindades... os homens que dirigem o Brasil são assaz conhecidos e tem todos os requisitos precisos para elevá-lo no concerto mundial. Não sejamos impacientes e tenhamos confiança no futuro.

A tarefa que lhes coube é toda cheia de dificuldades e de abrolhos... o terreno viciado, os homens estavam viciados... íamos por um precipício abaixo em vésperas de verdadeira bancarrota, sem crédito, sem dinheiro, e mesmo sem moral. Demolimos um velho e arruinado edifício, necessitamos a construção de um outro, confortável, sólido e higiênico, e essa obra não é possível se levantar em um dia, nem em meses. O empreendimento é de vulto, e carecemos de tempo. Não perturbemos a ação e o trabalho daqueles que estão empenhados no reerguimento do Brasil, mais empenhados do que nós, porque eles têm a direção e a responsabilidade imediata de um fracasso.

Dia virá, porém, em que o edifício terminado se mostrará alteroso, solene, impávido, firme e seguro, e aí não mais se tornará necessária a nossa ação conjunta, e voltaremos então, satisfeitos do cumprimento do dever, aos arraiais partidários, cada um com os seus ideais, cada qual com a sua bandeira.

Os libertadores seguirão uma estrada e nós outra, e se algum dia o interesse da Pátria o exigir estaremos abraçados outra vez, sem quebra alguma da dignidade, mostrando, ao contrário, uma apreciável superioridade mental.

Os partidos políticos, e isso ao se discute mais, são úteis e necessários à vida de um País.

Dos seus embates pacíficos surge sempre a Verdade e a Luz.

Abelardo Rosas, em seu livro *Civilização e Democracia*, escreveu que “o grande princípio não só da vida política mas de toda a civilização inglesa, que fez o desenvolvimento e a grandeza do Império Britânico, é com efeito o sistema de governo por partidos, a organização de uma linha divisória de elementos opostos entre si como forças de progresso e de crítica, traduzindo-se num esforço contínuo e regular de atuações rivais”.

A bandeira do nosso partido continua e continuará desfraldada e em mãos possantes, que a farão tremular vitoriosamente.

Torna-se imprescindível que cada republicano seja um infatigável propugnador dos seus princípios políticos, defensor impertérito [destemido, intrépido] das suas ideias, predicador da excelência do seu regime, propagandista da união partidária, cerrando fileiras ao redor do chefe preclaro e eminente, que é Borges de Medeiros.

O nosso partido, que “sempre se apoiou em convicções arraigadas” tem um grande acervo, um grande passado a zelar, que temos de transmitir incólume às gerações futuras.

“Temos o dever, já o disse Júlio de Castilhos, em 1891, em discurso proferido no Congresso Constituinte Nacional, de ser coerentes com os nossos princípios, de ser fiéis a nossa bandeira, não deixando que ela caia enrolada no chão, coberta de pó e coberta de desprezo”. Ainda agora a mocidade republicana da Capital do Estado deu, em esplêndida Assembleia, uma vibrante prova de seu entusiasmo, lançando no País, consubstanciado em formas magníficas, um brilhante manifesto, que bem demonstra a vitalidade e o valor da nova geração, e nós, velhos republicanos, zeladores do patrimônio que nos entregou Júlio de Castilhos, e que tão bem soube aumentar e fortalecer Borges de Medeiros, sentimo-nos satisfeitos e orgulhosos na esperança e na certeza de que os novos lidadores serão, em dias não remotos, os valentes depositários desse sacrossanto legado. Na suprema magistratura do Estado encontra-se o general José Antonio Flores da Cunha homem de ação, que vem imprimindo a vida do Rio Grande do Sul uma boa orientação administrativa: é um republicano de valor, de inestimáveis serviços, e espera-se que seja uma garantia para o Partido Republicano.

Quanto a Borges de Medeiros, eu vos direi, com toda sinceridade e franqueza, que por ele tenho uma ilimitada veneração. Na Capital da República, quando eu deputado federal, tive a feliz oportunidade de observar o enorme prestígio do nosso chefe.

Um chefe assim é para nós uma glória. Na fazenda do Irapuazinho, honrado e pobre, vive o maior homem da República. Grandes e inequívocas tem sido as provas de consideração, estima e solidariedade a mim dispensadas pelo invicto partido republicano de Passo Fundo.

Há 25 anos que trabalho com atividades no seu seio, e há 12 como seu diretor político.

Só tenho motivos de imperecível reconhecimento.

Nos bons e nos maus momentos, nas urnas ou nas armas, sempre me senti alegre e forte com o vosso apoio que eu tanto prezo, com a vossa amizade que eu tanto cultuo e considero, com a vossa confiança que tanto me penhora e cativa.

Dentro de algum tempo voltará o País ao regime constitucional e então teremos ocasião de novamente demonstrar, à saciedade, que somos um forte partido, que somos a grande maioria eleitoral, que somos os mesmos republicanos de sempre: prontos ao chamado e ao cumprimento do dever.

Por falar em constituição, é um problema que, nos últimos meses, vem sendo muito debatido: à volta à normalidade o mais depressa possível ou não.

Opiniões divergentes surgem a todo instante. Penso que deve ser o mais breve possível, mas o assunto depende de grande observação e estudo acurado das condições gerais do País, e não poderá ser assim resolvido de um dia para outro.

A volta à constitucionalidade é precisa e ninguém isso discute, mas dizem que ela se fará quando for julgada oportuna.

Muitas vezes se pensa que um doente está restabelecido de velho mal que lhe vinha minando o corpo, e, sem maiores indagações, se lhe dá alta, por curado, para amanhã recair de modo fatal e sem mais esperanças de salvação. O organismo do nosso Brasil estava profundamente abalado e doente, e precisa de uma cura um pouco longa e criteriosa, principalmente de repouso econômico e financeiro.

Em vista de nossas possibilidades de energia e de riqueza, em breve, por certo, a nossa situação deverá estar inteira e solidamente normalizada.

Eu creio, com firmeza, na regeneração da nossa Pátria; eu creio, com segurança, na sua restauração integral.

Nós somos um País rico, moço ainda, cheio de vida, cheio de gemas e de seivas.

Nós somos um povo trabalhador e honesto, altivo e respeitador, querendo a paz dentro da honra.

Não somos um povo anêmico e desvirilizado; temos consciência, plena e perfeita, do nosso valor e do nosso poder. É grande e lindo o vosso território, grandes são as nossas esperanças, lindo o nosso futuro.

Assim, Srs., eu vos falo com a alma aberta, com sinceridade e com franqueza, externando o meu modo de pensar sobre os destinos da nossa Pátria e o papel saliente do Partido Republicano rio-grandense, e praza a Deus, que eu não me engane, que a realidade seja brilhante e breve, renascendo o Brasil, qual ave misteriosa, das próprias cinzas, como uma outra Fênix, símbolo da ressurreição.

Cumpre-me agora terminar, expressando os meus mais sinceros agradecimentos ao vosso talentoso orador Dr. Celso Fiori, pela maneira elegante e correta no desempenho de sua missão; aos distintos oficiais dos valorosos 8º R.I. do Exército Nacional e 3º R. da Brigada Militar do Estado, que penhoram-me sobremodo com a sua presença; ao preclaro Dr. Homero Martins Baptista, honra da magistratura rio-grandense; aos dignos representantes dos municípios vizinhos e dos distritos; aos dedicados companheiros e amigos que me cercam, com simpatia e amizade.

Eu vos juro que hoje, mais do que nunca, encontro-me ligado, preso, acorrentado ao partido republicano de Passo Fundo: com ele para a vitória ou para a derrota, com ele para a vida ou para a morte. Façamos votos cordiais pela prosperidade do partido Republicano do Rio Grande do Sul e pela felicidade do Brasil.

Passo Fundo, 2 de Novembro de 1935.

Data : 03/11/1935

Título : 170 DISCURSO EM CARAZINHO

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado em 17 de Janeiro de 1932, em um pic-nic que ali me foi oferecido e ao qual compareceram cerca de 5000 pessoas.

Pronunciado em 17 de Janeiro de 1932, em um pic-nic que ali me foi oferecido e ao qual compareceram cerca de 5000 pessoas.

Srs. – Seria desnecessário vos apresentar as minhas credenciais políticas e pessoais. Não sou um desconhecido, e muito menos um aventureiro.

Nascido nestas plagas serranas, a minha atuação sempre se tem desenvolvido, em todos os momentos, entre vós, de modo que sabeis seguramente, exatamente da minha vida. Esta é um livro aberto que desafia “a insigne classe dos insultadores”.

Ao Partido Republicano do Rio Grande do Sul venho, desde os bancos acadêmicos dedicando as maiores e as melhores energias, educado nos ensinamentos de Júlio de Castilhos e de Borges de Medeiros.

Ocupando vários postos de confiança e de destaque, hei sempre cumprido o meu dever, de acordo com a minha consciência, e dentro dos rigorosos e salutares ditames do Partido.

Longos anos há que exerço, com a maior serenidade possível, a direção política de um dos mais prósperos municípios do Estão, desprezando sempre essas picuinhas de políticos de campanário, muitas vezes, quase todas, insatisfeitos em suas absurdas pretensões.

Repetirei aqui as palavras de Ruy Barbosa: “Nunca lhes respondi, nem o farei; porque a consideração filosófica destes e outros fenômenos semelhantes me têm levado a crer que muitas misérias morais têm, nesse mundo, pelo menos uma utilidade: a de revelarem e qualificarem certas naturezas, que fora perigoso não serem conhecidas, mas que de outro modo não se poderiam dar a conhecer”.

Ser atacado por certa gente não importa, quando se procede bem, com dignidade e com altivez.

A corja dos maldizentes é grande, mas é maior, bem maior o número dos homens bons, sensatos e honestos.

Não vejam os meus amigos, nessas palavras, alusões diretas ou indiretas a quem quer que seja; falo em tese, em geral, sem me preocupar com individualidades ou sombras.

Muitos dos meus agressores são pessoas que têm recebido grandes favores meus, batendo-me palmas, em vibrantes aplausos, até de modo excessivo, o que, em almas bem feitas ou equilibradas os obrigava, pelo menos, ao silêncio, mantendo-se em um afastamento respeitoso; mas que importa a mim, se cumpro a risca o meu dever, que existam roedores vorazes que colocam o Capitólio a um passo da rocha Tarpeia! “Há alguma coisa que perdura mais do que as paixões, os ódios, as injustiças e as ingratidões: é a lembrança dos atos magnânimos, mesmo em benefício daqueles que não os merecem”.

Ingenieros, o notável escritor do “Homem medíocre” já bem o disse: “homem é, a sombra parece” e eu procurei, e procurarei sempre na vida, com a segurança das minhas atitudes e firmeza dos meus atos, nunca ser sombra.

No embate das paixões, no desencontro dos interesses, no choque dos infortúnios, no conflito das divergências, no “struggle for life” na luta diuturna é que se retemperam as fibras, se apuram e se filtram as qualidades individuais, se aprimoram os sentimentos, se refazem as energias: o barco, quando é bom, mostra-se valoroso e forte diante das tempestades.

Para se vencer, ou pelo menos para se viver bem com a sua própria consciência, torna-se imprescindível agir com dignidade serena, com fé inquebrantável, com honra inamalgável.

Agora vos direi que eu não aspirava à honra insigne de ser o chefe político do Partido, em Carazinho, tanto que convidado, com insistência, declinei todas às vezes da honrosa investidura, por isso que são tantos os valores capazes desta terra e ainda por desejar restringir a minha atuação dentro dos limites de Passo Fundo.

Indicado, sem a menor interferência minha, pelos expoentes republicanos da nova comuna, e submetido o caso à apreciação do eminente Dr. Borges de Medeiros, veio, desde logo, a sua aprovação. Quando assumi a direção deste valoroso Partido tinha o firme desejo e preconcebido propósito de congregar todos os elementos, fazê-los unidos e torná-los fortes, dissipando naturais melindres e suscetibilidades, acalmando ânimos, desfazendo malquerenças e intriguilhas, e, quando pudesse ser dispensada a minha chefia, diante da sua coesão, da sua pujança e da sua perfeita comunhão de vistas, seria eu o primeiro a pedir, a solicitar a minha renúncia, feliz e satisfeito, por ver feliz e satisfeito o meu Partido.

Aos meus mais íntimos amigos desta terra, boa e dadivosa, disse, por mais de uma vez, da minha intenção.

Não vim aqui provocar dissídios, fomentar desarmonias, irritar animosidades.

A minha atitude era toda de paz e de construção.

Elementos menos ponderados não me compreenderam e, em um gesto irrefletido, inexplicável em face da futilidade, da infantilidade dos seus motivos, abriram contra mim as baterias de biliosos ataques e de afrontas soezes [torpes].

Nem assim conseguiram me afastar da posição em que sempre me coloquei, e aqui estou, entre vós, alegre, sereno e tranquilo, vos querendo muito e não querendo mal aos outros.

Enganam-se, porém, aqueles que, daquela maneira, pensam abater-me o ânimo. Não, nunca, não me conhecem.

Estou acostumado a enfrentar essas tempestades, tanto mais quanto conto, e confio, na lealdade incorruptível dos meus amigos e correligionários, que são, quer queiram, quer não, a maioria política de Carazinho.

Esperemos um pouco... a volta do País ao regime constitucional não tardará e, em política principalmente, nada melhor do que um dia depois do outro. Não tomem esses moços a nuvem por Juno.

Não lhes critico por soltarem foguetes antes da festa e se lambuzarem de merengue antes do banquete.

A verdade surgirá à plena luz meridiana e há de ferir, por certo, a retina nebulosa de certos odientos escrevinhadores, que tem o gosto satânico da intriga e a volúpia do mal.

Não é, e não será ofendendo, agredindo, injuriando, mentindo que se conseguirá a harmonia, a paz, a ordem. Estas virão a seu tempo, como sequência natural dos fatos.

Diz um provérbio hindu, dos “Niti-xástras” que é fácil chegar-se a um acordo com a ignorante, mais fácil ainda com a que sabe distinguir as coisas; mas ao homem enfatuado, nem Brahma é capaz de convencer.

Aqui se tem feito, contra nós, uma campanha, em que imperam, como armas principais, a mentira e a intriga, as quais, irmãs gêmeas, poderão correr à vontade, à rédea solta, porque suas pernas são curtas e não irão longe.

Ainda há poucos meses, a propósito de certas ocorrências locais, respondendo-me à carta que lhe dirigi, escreveu-me o eminente chefe do nosso Partido: “Fique, pois, inteiramente tranquilo, e bem certo de que continuo a tributar-lhe o apreço que sempre mereceu-me, já pelas suas virtudes privada e cívicas, já pelos seus longos e valiosos serviços à causa republicana e ao Estado. Os seus méritos e títulos, consolidados através de um passado político, repleto de exemplos de abnegação, civismo e fé, partidária, o devem por a cavaleiro das dissensões, intrigas e malquerenças, que, em toda parte, soem ser os frutos venenosos das ambições e paixões desenfreadas”.

Se transcrevo esse pequeno trecho da honrosa missiva, não o faço por vaidade, mas para atirar um balde de água fria em alguns espíritos irrequietos.

Sinto bem, e perfeitamente integrado, com o Partido Republicano de Carazinho, que pode contar com a minha maior dedicação.

Não vejo fronteiras políticas entre Carazinho e Passo Fundo: somos os mesmos correligionários, cujos corações palpitam pela grandeza do mesmo ideal; somos os mesmos riograndenses que colimam a felicidade do Estado e somos os mesmos os mesmos patrícios unidos pelo amor à Pátria comum.

Eu vos agradeço, com a maior sinceridade a homenagem que o valoroso e invicto Partido Republicano de Carazinho presta-me, como seu diretor político; eu agradeço as referências do vosso ilustrado orador Dr. Victor Graeff, uma real esperança deste município; eu agradeço o comparecimento de todos e creiam que, desta festa, levo impagável recordação.

Como penhor de tudo isso, vos hipoteco a minha indissolúvel amizade e a mais robusta solidariedade.

Não esmorecerei um instante sequer pelo meu Partido.

Correligionários, não façamos uma política dispersiva.

Os nossos adversários, que formam uma grande corrente, respeitáveis pelos seus ideais e pelos seus homens, movimentaram-se e organizaram-se em todo o Estado, com inteligência e boa tática política, por meio de diretórios, subdiretórios e a mais ativa propaganda pela imprensa. É um direito cívico, que ninguém lhes contesta e merecedor do nosso acatamento. Façamos, nós, que somos a maioria, o mesmo, se não quisermos viver de saudosas recordações, das glórias do passado e de reminiscências de vitórias.

A Frente Única é um dos esteios, quiçá, o mestre, da República, mas não esqueçamos o nosso Partido.

O Partido Republicano do Rio Grande do Sul atravessa um período histórico notável e precisa de todos os seus elementos para, no momento oportuno, cercar com a sua solidariedade, com a sua admiração e com o seu valor pessoal e numérico, aquele que se isolou em Irapuazinho, mas que acompanha, com vivo amor e inexcedível interesse, o desenrolar dos acontecimentos, aquele que é o nosso preclaro chefe e a nossa maior garantia.

Pairemos em um plano superior, de trabalho ativo, pugnando sempre e cada vez mais, pela grandeza do nosso Partido, que teve um evangelizador como Julio de Castilhos, que teve um bravo como Pinheiro Machado, que tem um chefe como Borges de Medeiros e que tem valores como João Neves da Fontoura.

Passo Fundo, 3 de Novembro de 1935.

Data : 04/11/1935

Título : 171 DISCURSO SOBRE A VICE-PRESIDÊNCIA DA ASSEMBLEIA

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido, nesta cidade, no dia 27 de Dezembro de 1925, em um banquete que me foi oferecido, por motivo de minha eleição à vice-presidência da Assembleia dos Representantes do Estado.

Proferido, nesta cidade, no dia 27 de Dezembro de 1925, em um banquete que me foi oferecido, por motivo de minha eleição à vice-presidência da Assembleia dos Representantes do Estado.

Em uma festa, como esta, em que se congrega o que Passo Fundo político tem de mais representativo, não quis, meus correligionários, me abalar a um improviso. Neste, a maior parte das vezes, a voz nada mais é do que a ressonância, embora ritmada, do coração, ao passo que, em um discurso escrito, pela meditação no silêncio dos gabinetes de estudo, a palavra é sempre o eco das vibrações racionadas do cérebro.

É necessário que hoje eu vos faça algumas imprescindíveis ponderações, de ordem inteiramente política.

Como preliminar, vos direi, agradecendo a gentileza desta homenagem que se me presta pela minha eleição à vice-presidência da Assembleia dos Representantes do Estado, que,

aceitando-a, guardá-la-ei, de modo indelével e muito gratamente, como um dos momentos mais felizes da minha já longa trajetória pelo cenário político.

Esse posto de confiança, com que o preclaro chefe do Partido me distinguiu, se é mais um elo de aço que me acorrenta à sábia orientação de Borges de Medeiros, é também, em verdade, uma homenagem direta ao Partido Republicano de Passo Fundo, que assim se vê cada vez mais unido à pessoa veneranda daquele eminente estadista, contraindo para com ele, hoje mais do que nunca, maiores obrigações, mais sérios compromissos.

Eu sou apenas o delegado de vós outros junto aos altos poderes políticos do Estado; eu sou apenas o traço de união entre vós e a chefia do Partido, traço tanto mais nítido, mais forte e mais perfeito quanto maior for o apoio, a solidariedade dos meus correligionários.

Assim compreendendo, e assim sendo, é natural que uma distinção política, que se me confere, é o reflexo límpido e sereno do vosso valor, da vossa dedicação, do vosso civismo e das vossas convicções partidárias.

Espero, meus correligionários, continuar a merecer a vossa confiança e o vosso apoio, imprescindíveis no cargo que ocupo, e vos asseguro, com toda a lealdade, que no dia em que percebesse essa confiança me era retirada, saberia renunciar imediatamente esse encargo de diretor do Partido, afastando-me para o recesso de meu lar, sem mágoas, sem lutas, sem ressentimentos, dando lugar a outro, que melhor exercesse o mandato.

Enquanto, porém, contar com a vossa colaboração e com a vossa solidariedade, podeis ficar ciente de que, sem medir sacrifícios, estarei sempre ao vosso lado, propugnando pelos alevantados ideais do nosso Partido, interessando-me pelo bem da coletividade, trabalhando pelo progresso de Passo Fundo, e zelando pela felicidade pessoal de cada um de vós, em quem reconheço nobres sentimentos de amizade e de gratidão, que muito vos dignificam.

O Brasil inteiro admira o Rio Grande do Sul pela honestidade e inteligência de seu Governo; pela abnegação, cultura, civismo e bravura de seus filhos e também pela sua respeitável força eleitoral, e eu posso vos afirmar que o Rio Grande do Sul observa hoje o nosso município com respeito e com admiração que, por certo, terão maior vulto no dia em que tivermos também mais eficiência eleitoral. E esta nós podemos tê-la com felicidade, dependendo sempre de vós, tão somente, e é por isso que vos concito, com insistência, ao comparecimento às urnas. Precisamos não esquecer que a união faz a força.

Tenho o grande orgulho de asseverar que o Partido Republicano de Passo Fundo está firme, está unido, está coeso.

Díscolos [insociáveis] existem aqui como em toda a parte, e vos repetirei as palavras, a calhar, de um escritor moderno: “As sociedades de cada época sempre contiveram certo número de inquietos, instáveis e descontentes, prestes a insurgir-se contra uma ordem qualquer de coisas estabelecidas. Atuam pelo prazer da revolta, e se um poder mágico realizasse, sem nenhuma restrição, os seus desejos, eles se revoltariam ainda”.

Para essa classe de gente, incapaz de produzir e capaz de destruir, elementos dissolventes, sem linha definida, de sobejo conhecidos, para que possam ser tomados a sério por um homem equilibrado ou por uma agremiação arregimentada, poderemos aplicar, com precisão, o conceito do espartano Aristenes: “pior para eles, terão que sofrer o duplo tormento dos seus males e dos nossos bens”.



Eu tenho, meus amigos, pelo Passo Fundo, um grande amor, um entranhado amor; bem sinto que tem de ser aqui o meu ponto de ação, o meu círculo de atividade ao lado dos meus companheiros, e que não me é lícito, de maneira alguma, como já, em certa ocasião, afirmei, desamparar um povo que me ampara, esquecer essa gente que não se esquece de mim, fugir dos braços que se me abrem, repelir os corações que, ao lado do meu, palpitam pela mesma causa e pelo mesmo ideal.

Ideal, sim, porque os republicanos riograndenses não lutam, e nunca lutaram, por competições pessoais, e sim por princípios definidos, organizados por Julio de Castilhos, o evangelizador; amparados por Pinheiro Machado, o bravo; sustentados por Borges de Medeiros, o egrégio.

Meus senhores – Agradeço-vos vivamente esta demonstração de amizade, e agradeço ainda as palavras do vosso brilhante e talentoso orador, Francisco Antonino Xavier e Oliveira que, como sempre, cheio de bondade e de afeto, nobre e grande, como grande e nobre é o seu coração, soube, afora os imerecidos conceitos sobre a minha obscura individualidade, se desempenhar tão bem da delegação que lhe foi cometida.

Conto e confio em vós, contai e confiai em mim.

O Passo Fundo pelo Rio Grande do Sul!

O Rio Grande do Sul pelo Brasil.

Passo Fundo, 4 de Novembro de 1935.

Data : 05/11/1935

Título : 172 DISCURSO EM UM BANQUETE, EM PORTO ALEGRE

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado, em Porto Alegre, no dia 19 de Dezembro de 1928, em um banquete, realizado no Clube do Comércio, e que me foi oferecido pela Assembleia dos Representantes, quando eu seu presidente.

Pronunciado, em Porto Alegre, no dia 19 de Dezembro de 1928, em um banquete, realizado no Clube do Comércio, e que me foi oferecido pela Assembleia dos Representantes, quando eu seu presidente.

– Vivamente emocionado, ante essa homenagem, brilhante e seleta, imponente e encantadora, que me envolve em sua carícia, não é para estranhar a indecisão do vosso obscuro amigo e leal servidor.

Ruy Barbosa, o fulgurante criador, que tinha a eloquência genial da palavra pura e da frase castiça, ao receber, de uma feita, na Bahia, sua linda terra natal, uma grandiosa manifestação de apreço, assim iniciou a sua oração: “Depois disto... diante disto... não sei como principio”.

Se assim aconteceu com o grande e inolvidável mestre, é, pois, naturalíssimo o meu embaraço e, por isso, exoro [imploro] e necessito da vossa benevolência.

Antes de mais nada, manda a consciência e determina a justiça que eu vos expresse os mais sinceros agradecimentos por esta demonstração de elevada estima e de distinto acatamento.

Ao prezado colega Armando Victorino Prates, cuja amizade cultivo com carinho desde os saudosos tempos da Escola Brasileira, a minha perene gratidão: levo a conta da sua nobreza de caráter e de seu formoso talento, cheio de bondade, as referências que, em implacável estilo, acabastes de ouvir.

A época que atravessamos é toda de sole de luz, e não de sombras e crepúsculos; é toda de paz e de promissoras esperanças e está a exigir o trabalho ativo e profícuo de todos os riograndenses, sem distinção de partidos; a colaboração eficaz de todas as inteligências; o auxílio seguro de todos os braços e de todas as consciências, a fim de que o Rio Grande do Sul, no uso de um direito incontestado, possa ser “pars magna” no concerto harmonioso da Nação.

De alguns anos para cá, assombroso é o progresso do Estado, quer sob a ação do Governo, quer sob a iniciativa particular; há, por toda a parte, uma ânsia de trabalho, de desenvolvimento, de ascensão.

O homem é honrado e sadio; a terra, fértil; o comércio e as indústrias, florescentes; o crédito, sólido; as condições econômicas e financeiras, magníficas. Só carecemos de trabalhar com afinco e de expandir, hoje mais do que nunca, as nossas poderosas forças naturais e vigorosos elementos de vitalidade, em busca de um futuro, por certo radiante. Se algumas vezes a paixão e os devaneios partidários nos tem separado, colocando-nos em campos opostos, em lutas acesas e vivas, dispersando tantas energias e inutilizando tantos valores, é bem verdade que somos uma só força, quando em foco a prosperidade, a grandeza da Pátria, e é preciso que assim seja sempre para felicidade nossa, para glória da República e honra do Brasil.

Desdobrando as páginas da nossa história, crivadas de epopéias imarcescíveis, veremos individualidades que, por caminhos diversos, só elevaram a cultura moral, intelectual, científica e cívica do Rio Grande do Sul.

Sob o ponto de vista político, guardadas e respeitadas as convicções de cada um, Julio de Castilhos e Gaspar Martins, Borges de Medeiros e Assis Brasil são os verdadeiros e altos expoentes do nosso ideal, nomes os mais queridos da nossa dadivosa gleba gaúcha, e cuja enunciação nos faz vibrar, cheio de amor e de orgulho, pela causa que defendemos.

Digno e bom é o povo que dessa maneira procede, e que tem a zelar um patrimônio tradicional como o nosso.

A existência dos dois grandes partidos políticos do Estado, de ideais e de programas definidos, elementos de diástole e de sístole, é uma necessidade, desenvolvendo, como fazem, a sua ação, dentro da Ordem, colimando o Progresso.

Felizmente, para nós, não sofremos dessa ausência de opinião organizada, que Oliveira Vianna, de modo brilhante, descreve e comenta.

Abelardo Rosas, em sua *Civilização e Democracia*, afirma que “o mundo inteiro está mesmo organizado no sentido de um governo e de uma oposição” e cita o exemplo da modelar Inglaterra, em que “o grande princípio não só da sua vida política, mas de toda a sua civilização é o sistema de governo por partidos, a organização de uma linha divisória de elementos opostos entre si como forças de progresso e de crítica, traduzindo-se num esforço contínuo e regular de atuações rivais”.

Se tudo isso, porém, é uma verdade, verdade mais inconcussa é que a luta se deve manter em um ambiente elevado, em uma atmosfera de cordialidade e de paz, de mútuo respeito e de acatamento à lei, sem o que ela seria de efeitos negativos, prejudiciais e nefastos. Aprecizo-me lembrar, no momento desta despedida, depois de uma feliz convivência de quatro anos, que nós, situacionistas e oposicionistas, intransigentes no resguardo das opiniões políticas, somos todos particularmente amigos, que os laços de nossas relações, que eram apenas de mera cortesia são hoje de firme e robusta amizade.

Levarei, para o meu querido Passo Fundo a serena calma de um homem que procurou sempre, na medida das suas forças, cumprir o seu dever; levarei a mais grata recordação desta homenagem, indelevelmente gravada em meu espírito; levarei, ainda, com prazer confesso, as inúmeras provas de confiança, com que me distinguistes; levarei, por fim, a saudade de todos vós, ilustres representantes que, com grande amor e inexcedível dedicação, cooperastes para o engrandecimento do Estado e do Brasil.

Termino, meus amigos, essa despreziosa oração, repetindo-vos, com Borges de Medeiros, o meu preclaro e querido chefe: “serei ditoso com a felicidade do Rio Grande do Sul”.

Levanto, ainda uma vez agradecido, a minha taça pela vossa prosperidade e pela vossa saúde.

Passo Fundo, 5 de Novembro de 1935.

Data : 06/11/1935

Título : 173 DISCURSO AOS ITALIANOS

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado, nesta cidade, em um banquete que me foi oferecido, na Sociedade Operária, pela colônia italiana de Passo Fundo, em 8 de Maio de 1931.

Pronunciado, nesta cidade, em um banquete que me foi oferecido, na Sociedade Operária, pela colônia italiana de Passo Fundo, em 8 de Maio de 1931.

Cumprir-me render aos amigos presentes a mais pública homenagem de meu mais sincero agradecimento.

Muitas tem sido, Srs., na minha já longa existência, as demonstrações de afeto que, sempre por bondade, hei recebido, mas esta tem para mim uma significação toda especial e em relevo: é que ela é o tributo puro de uma amizade fraternal e inquebrantável onde se espelham e onde se plasmam os sentimentos mais cristalinos dos filhos e dos descendentes da vossa gloriosa Itália. Não há aqui reflexos de interesses subalternos.

Creio bem que foi uma maneira gentil de prestardes um preito de reconhecimento, veneração e respeito ao Passo Fundo, através da obscura individualidade que se honra de vos dirigir a palavra.

A Itália passou por uma radical modificação depois da grande guerra, do tremendo cataclismo que assolou a Europa, arrastando em sua voragem grande número de nações.

Não devo, não posso e não quero entrar em apreciações de ordem política, mas a verdade é esta, verdade que não se contesta e que se afirma cada vez mais: os olhos do mundo, de um momento para outro, voltaram-se com surpresa e com admiração para a Itália, pelo seu rápido desenvolvimento, pelo seu constante progresso, pela incessante laboriosidade do seu povo, pela sua consciente e altiva disciplina, pela ordem reinante.

A Itália de hoje, no seu maravilhoso ressurgimento, na sua deslumbrante cruzada, vibra harmonicamente em ritmo perfeito e sonoro, ao redor de Benito Mussolini, o seu grande chefe de governo, que é bem a expressão da alma forte, serena e valente da sua nacionalidade.

Do Norte ao Sul, dos Alpes à Sicília, pela montanha e pela planície, das praias do Mediterrâneo às do Adriático, onde os ventos sacodem os pinheirais de Ravena, e onde próximo a Igreja de S. Francisco está o túmulo de Dante, morto em 1321, tanto maior quanto mais se dilata o tempo, por toda a parte enfim, há um frêmito de entusiasmo cívico, uma rajada de trabalho produtivo, uma eloquente vibração de amor pátrio.

É que “gira em cada um dos glóbulos sanguíneos desse povo o gérmen altivo da dignidade”.

Ainda ressoa por todo o Rio Grande do Sul o eco do brilhantismo da exposição comemorativa, em 1925, cinquentenário da colonização italiana neste Estado.

Foi um certame admirável e que excedeu à expectativa geral, onde exibistes o adiantamento do vosso trabalho, honrado e fecundo; onde revelastes o poder da vossa vontade e da vossa energia: foi uma exuberante demonstração da vossa prosperidade e da vossa riqueza.

Por essa oportunidade, o eminente Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, então nosso presidente, em memorável autografo, assim se expressou: “A obra da colonização italiana no Rio Grande do Sul bem merece a glorificação que vai ter, por ocasião da passagem do cinquentenário da sua iniciação. Ela cimentou no espaço a união dos italianos e brasileiros que, aliás, já estava, historicamente integrado no seio imenso da latinidade pela inextinguível comunidade de origens e ideais”.

Srs. – Somos filhos, italianos e brasileiros, da mesma mãe latina “irmãos na raça, na gentileza, na hombridade e na história”.

Os feitos heróicos de José Garibaldi, Lívio Zambecari, Francisco Arzini, Luiz Rossetti e outros, confraternizando-se, no ideal farroupilha, com as legiões também heróicas de Bento Gonçalves, Netto e Canabarro, ainda reboam, e reboarão indefinidamente, pelas quebradas e pelas esmeraldinas coxilhas do invicto Rio Grande do Sul.

O município de Passo Fundo tem recebido o poderoso influxo da vossa operosidade e o nosso progresso é decorrente, em parte, do vosso labor diário e da vossa ação benéfica.

Espalham-se por ele diversos núcleos coloniais, centros de produção, células da grandeza da Pátria, verdadeiras colméias de trabalho, e que cooperam, identificados conosco na mesma comunhão de sentimentos, pelo progresso desta terra boa, generosa, ativa e digna.

Não só germina no seio fecundo da nossa terra, que também tanto amais, a semente que aí plantastes; há mais do que isso, que vive, se desenvolve e floresce em os nossos corações, e é a organização dos vossos lares, o nascimento dos vossos filhos brasileiros, unindo-nos, entrelaçando-nos, com afeto e carinho, no meio social.

Vós, italianos, encontrastes aqui uma terra fértil, um clima ameno e saudável, um ambiente sereno de ordem, uma atmosfera de segura liberdade, elementos propícios para o vosso desenvolvimento econômico, social e financeiro.

Temos convicção plena de que hoje dedicais ao Brasil um verdadeiro amor, e que por ele sois capazes dos maiores desprendimentos e sacrifícios.

É a mesma conjunção de esforços por um ideal comum: o engrandecimento e a felicidade da terra em que vivemos.

Nós, brasileiros, os recebemos com simpatia e com aflição, e o nosso Governo, dentro dos seus salutaros princípios de colonização, os tem amparado lealmente e de tal modo que o vosso progresso se tem feito sentir e notar surpreendentemente em todos os ramos da vossa atividade.

Vós, ítalo-brasileiros, que absorvestes no primeiro movimento respiratório, o oxigênio do nosso ar; que aprendestes a balbuciar as primeiras palavras na doce e encantadora língua que falamos; que destes os primeiros passos no torrão imaculado da nossa Pátria; que vestistes a farda, tantas e tantas vezes, cheia de imarcescíveis glórias do vosso Exército, sois veros brasileiros, em cujos corações palpita, como em nós outros, com o mesmo civismo, a alma do Brasil.

Sinto-me bem com o vosso contato.

Sinto-me feliz com o vosso apoio.

Sinto-me orgulhoso com a vossa amizade.

É o italiano que aperta a mão do brasileiro; é o brasileiro que abraça o peito varonil do italiano.

É o italiano que manifesta o seu bem estar e a sua felicidade nesta terra; é o brasileiro, que lhe agradece a sua colaboração.

É o italiano amigo sincero do brasileiro; é o brasileiro amigo leal do italiano.

É a Itália “da arte e do amor, da beleza e do trabalho” que sorri para o Brasil; é o Brasil que, unido e forte, saúda a Itália.

Passo Fundo, 6 de Novembro de 1935.

Data : 07/11/1935

Título : 174 LOUISETTE

Categoria: Memórias

Os contos de Louissette, Anjo da Páscoa, Até nos passarinhos, Que desilusão e Maria foram escritos, no decorrer do ano de 1900, quando eu tinha a idade de 18 anos. Transcrevo-os integralmente, sem a menor modificação.

Estava eu em Paris.

Após dois meses de permanência aí, senti-me fatigado, com saudades da família, da Pátria, da vida rotineira e calma da pequena cidade onde nasci; cheguei mesmo a aborrecer Paris.

Era em Setembro. O dia era de festa nos salões da duquesa de... Friamente recebi um cartão, trescalando a violeta, convidando-me. Impulsionado pela monotonia em que me achava e mesmo por curiosidade, acedi e fui... O luxo, que observei, não se descreve; simplesmente deslumbrante tudo.

À filha da duquesa, demoiselle Louissette, apresentou-me o pai, cujo conhecimento datava de uma casa de jogo, onde o vi deixar, por desfastio [entretenimento, distração], alguns mil francos em poucos momentos. O duque era um desses tipos que amava ver sua mulher seqüestrada e que tinha mania pelo jogo e pelo trajar: “manequim escravo das pregas da gravata e da rijeza dos colarinhos” na expressão de A. Dumas Pai.

Demoiselle Louissette é uma francesinha alta, de olhos e cabelos pretos, sobressaindo em sua cútis de um pálido roxo, de arcadas dentárias alvíssimas, em extremo elegante e graciosa, enfim de um conjunto digno de ser admirado pelo mais exigente esteta.

Vi-a e... amei-a.

Já a bem timbrada orquestra executara vários trechos de dança, e eu parado sem coragem de dirigir-me a ela. Despertei desse estado de estupor, ao ouvir:

– Não dança, Dr.?

– Sim, gentilíssima, caso seja eu digno de valsar com a S. Ex., respondi, estendendo-lhe a mão.

Ao contato da sua, o meu corpo senti estremecer.

Ouvi a sua voz meiga, delicada, sonora... Após à dança, dirigi-lhe palavras de estilo, conversando em seguida sobre coisas banais. O meu espírito esvoaçava doidamente em um turbilhão de ideias; tive mesmo ímpetos de declarar-lhe todo o amor que sentia... era cedo

ainda...contive-me. Agradei a nímia delicadeza e momento depois retirava-me, levando um coração em fogo e um cérebro a arder.

Motivos de ordem superior fizeram com que tivesse eu de embarçar urgente para o Brasil poucos dias depois. Demorei-me dois anos nessa viagem e novamente para lá voltei.

Procurei-a bastante e por toda parte.

Já haviam transferido residência, é o que me diziam.

Não desanimei.

Cada vez mais eu queria vê-la. Os meus sonhos todos eram com ela. Via-a em tudo em que fixava os olhos. Enfim, muito custo, soube que moravam em uma cidadela da Alemanha... e lá me fui.

O hotel em que me hospedei ficava em frente a um prédio de construção recente e que chamava atenção pela sua bem combinada arquitetura gótica.

Indaguei de um patrício, que, por acaso, encontrei:

– Quem mora ali?

– É a madame Louisette, uma francesinha meiga e bela como uma rosa, filha da duquesa de ...

– Ainda está solteira? Balbuciei a medo.

O – Oh! Que calamidade! O grande luxo da duquesa em Paris levou-a rapidamente à miséria; o duque, ao pressentir o abismo em que se afundava, desesperado, partiu o crânio com uma bala, e ela, Louisette, casou-se com um velho de 72 anos, calvo, desdentado, bronquítico e reumático, porém rico, muito rico...

\_ Esse conto foi publicado no jornal O Gaúcho, em 22 de março de 1907.

Passo Fundo, 7 de Novembro de 1935.

Data : 07/11/1935

Título : 175 O ANJO DA PÁSCOA

Categoria: Memórias

Descrição: Foi no ano de... Eu era pequeno e havia perdido meu pai há alguns meses.

175 O ANJO DA PÁSCOA

Foi no ano de... Eu era pequeno e havia perdido meu pai há alguns meses.

Quando começo a semana santa, minha Mãe chamou-me e referiu-me a tristura da paixão de Cristo e disse-me que se eu não fosse mais travesso, maroto, a Páscoa, anjo de grandes asas brancas, trar-me-ia uma grande coleção de ovos de todas as cores de presente no dia da ressurreição.

Muitíssimo alegre, com um beijo, prometi-lhe ser o menino mais amoroso, mais quieto e obediente que se imaginar podia.

Lembro-me ainda perfeitamente o meu comportamento exemplar nesse sete dias, esperando ansioso o raiar do próximo domingo, para a minha recompensa.

Chegou o sábado; ordenaram-me que me deitasse cedo, pois que a Páscoa assim o exigia.

Quando soaram 5 horas do dia anhelado [desejado], despertei; dirigi-me logo após ao jardim à cata do valioso mimo. Em um instante percorri-o todo, voltando em pranto para minha Mãe, que ainda dormia, exclamando:

– Fui bom e a Páscoa logrou-me...

Aquela, que hoje também dorme o nono eterno, osculou-me, sorrindo, a fronte, referindo, com o seu riso carinhoso, que o anjo tinha muito que fazer nesse dia e que eu tivesse paciência de esperar mais um pouco... Esperei...

Algum tempo depois, minha Mãe, com disfarce, mandou a criada ao jardim. Espreitei-a e vi, no seu avental, uma quantidade de ovos de variegadas cores, que ela ia dispondo num canteiro.

Não mais esperei; corri para minha Mãe, louco de alegria, e beijei-lhe, beijei-lhe, entre lágrimas, o seu adorado rosto.

Foi assim que se desfez do meu coração a lenda do anjo da Páscoa.

\_ Esse conto foi publicado no jornal O Gaúcho, n.º 36, de 26 de Março de 1907, sob o pseudônimo de Américo de Oliveira, usado então por mim.

Passo Fundo, 7 de Novembro de 1935.

Data : 07/11/1935

Título : 176 ATÉ NOS PASSARINHOS

Categoria: Memórias

Era um casal de canários hamburgueses, cada qual em sua gaiola.



De manhã bem cedo, mal o astro rei despontava, o canário saudava a sua meiga companheira de prisão com um melodioso trinado, que mais parecia um choro; ela respondia, piando amores e amarguradamente.

– Oh! Se fossem livres, pensava o mísero, ela seria sua, ouviria, no mesmo galho, bem unidos, um cântico de amor, baixo, bem baixinho...

Tinha ímpetos o desgraçado de partir aquelas horrendas grades; porém, que fazer? Impossível? Via ele o desespero da canária e então cantava, cantava alegremente todo o dia para distrair a sua mimosa encarcerada, enquanto o seu coração carpia desesperadamente.

Assim passaram um ano.

Um dia, era em Setembro, o mês em que começa a primavera, o mês em que tudo e todos despertam do sono e da tristura do inverno, o mês em que as árvores deixam aparecer os tenros rebentos, o carcereiro, um português apatacado e rotundo, abriu, com a frieza de um coveiro, a prisão da pobrezinha.

De repente (que sonho!/) abriu-se a porta da outra gaiola e ela voou para o canário.

Ele cantou com a ária fervorosa de paixão, saudando-a... amavam-se desde muito. Não mais se separaram: dormiam e saltitavam juntinhos.

Tempos depois, decorrida uma existência toda cheia de intensíssimos afetos e as mais puras alegrias, sem ser nem de leve perturbado o céu sempre azul, sempre límpido e sereno daquele convívio doce e feliz, nasceu o primeiro rebento de amor do pequenino par venturoso, e, entregues ao prazer castíssimo desse acontecimento, cantaram ambos as mais lindas baladas, que jamais o português ouvira em sua longa carreira de amador de passarinhos cantores.

Mas... ao minúsculo casal, como aos casais humanos, não era dado o gozo de eterna ventura. Era mister que a felicidade sucedesse a dor, e ao canto a Lágrima dorida que cristaliza as mágoas dos corações batidos pelos vendavais da desgraça rude e assassina.

Por isso ao surgir o segundo rebento desse amor tão puro, ela, a pequenina esposa, até aí feliz entre as que mais o fossem, tombou exânime na voragem da morte, abrindo um túmulo imenso no coração amantíssimo do seu companheiro querido. Foram três anos; ele, como se a desgraça, gelando-lhe o coração, lhe gelara também a cristalina garganta, nunca, nunca mais cantou!

É a esplêndida cascata de harmonia de sua vos, tão límpida e tão doce, era modulada pelo amor, o poeta misterioso que faz vibrar as mais belas notas do imponente lirismo da Criação: pelo amor que a fatalidade sinistra lhe roubara e nunca mais teria.

\_ Esse conto foi publicado no jornal O Gaúcho, n.º 49, de 26 de Abril de 1907, sob o meu pseudônimo.

Passo Fundo, 7 de Novembro de 1935.

Data : 08/11/1935

Título : 177 QUE DESILUSÃO!

Categoria: Memórias

Estava eu em férias e de passagem pelo povoado de Carazinho.

Enamorei-me de uma encantadora ruiva, cujo físico era de resplendente beleza. Cheguei mesmo a amá-la. Envidei todos os esforços para falar-lhe, mas tudo em vão!...

Dirigi-lhe como meio inicial de correspondência, um postal, no qual se viam algumas andorinhas por sobre uma casa, com os seguintes dizeres: “Alegremente esvoaçam por sobre essa risonha habitação mimosas andorinhas; assim também os meus sonhos esvoaçam doidamente em torno de uma linda loirinha”.

Esperei ansioso a contestação, que se fez esperar dois dias.

Um negrinho, no qual sobressaiam alvacentas roupas brancas, todo risonho e lampeiro, foi o portador do anhelado cartão.

Imagine-se o meu estupor ao ler: “O amor é um rallo do sol que queima a gente, mas quando a jura cai, apaga-se o fogo”.

A minha decepção foi enorme... desfez-se por encanto, o meu ideal... não quis mais vê-la... segui viagem imediatamente.

Que tremenda desilusão!

\_ Essa historieta traz, num velho caderno meu, de notas, a seguinte data: 16 de Março de 1898.

Passo Fundo, 8 de Novembro de 1935.

Data : 08/11/1935

Título : 178 MARIA

Categoria: Memórias

Maria, além das belezas moral e intelectual, possuía uma beleza física rara, extraordinária.

Era noiva de Alcides, 5º anista de medicina, e que a amava muitíssimo. Esse amor ela lhe retribuía com a mais pura de todas as afeições, com o mais delicado e santo dos sentimentos. Viam-se diariamente e, cada vez mais, estreitavam-se os elos dessa amizade. A vontade de um era a do outro... eram bem felizes.

Eis que, de um momento para outro, a terrível bacilose, a peste branca, essa grande devastadora da humanidade, essa ceifeira implacável, assalta, acomete os pulmões de Maria, talvez já predispostos pela grande lei da hereditariedade; em pouco tempo o mal ganha terreno, apesar de todos os recursos da ciência de Hipócrates.

Ele, esquecendo tudo, apressava o casamento, não se importando de ligar, de unir a sua saúde de ferro, hercúlea, à de sua noivinha, já tão minada, já tão enfraquecida... ela, porém, cada vez ia a pior.

Quantas vezes ele, desanimado procurava, em seus diversos tratados de Patologia, conhecer, a fundo, aquela afecção, que ia, provavelmente, fazer ruir por terra todos os seus planos de moço, toda a sua sonhada felicidade e, após ler alguns capítulos, ao chegar ao prognóstico, sobre as páginas do livro debruçava-se a chorar amargamente... prognóstico fatal, bem negro.

O pobre noivo passava as noites ao lado do mimoso leito de ébano de Maria, tomando-lhe o pulso, observando-lhe a febre, fazendo-a tomar a medicação apropriada, dando-lhe, carinhosamente, colherinhas de leite, receando, com o coração a tremer, que aquela vida, para ele tão cara, se extinguísse a cada instante, se apagassem de todo o sempre.

Muitas ocasiões o desespero a atacava ao ver a inutilidade de todos os esforços, a ineficácia de todos os medicamentos.

Chegava então a detestar, a odiar a carreira a que se dedicara; ser-lhe-ia bem melhor desconhecer por completo, ignorar em absoluto a sorte de sua Maria, pois ao menos restar-lhe-ia a esperança, essa boa amiga; nem em seu vislumbre, porém, nem um seu pálido raio o acalentava; ele sabia, de uma maneira positiva, o destino atroz que se lhe reservava: sofria, no entanto, com resignação, pois Deus, justo e misericordioso, o aguardava talvez com uma felicidade eterna.

Deus o poupou dos momentos angustiosos, porque, uma noite em que ela lhe pedira para ir à casa descansar, julgando passar melhor, agravou-se a sua enfermidade e, em sua última hora, rogou que chamassem Alcides, pois, reconhecendo o seu estado, desejava despedir-se dele, dar-lhe o derradeiro adeus e vê-lo ainda mais uma única vez.

Foram... pouco depois o desventurado moço penetrava, com a respiração ofegante, coberto de suores frios, no aposento da moribunda.

Todos choravam... ela agonizava. De joelhos, à cabeceira da cama, com o seu olhar fixo no rosto da doentinha, com a boca entreaberta por um sorriso de desalento, ele era “mudo como a estátua da dor”.

Umas mãozinhas fracas, amarelecidas, procuraram as dele: encontraram-se, apertaram-se... ele percebeu que aquele ente tão adorado reunia suas já pequeninas forças a fim de levantar-se e, ajudando-a com o seu braço forte, sentiu em sua face um hálito quente “queimado pelo fogo de uma febre ardente”.

Ao seu ouvido ela, fraca e pausadamente balbuciou: “meu noivo... eu morro... sou tua... espero-te no céu...” e calou-se... uma golfada de sangue, mais outra, mais outra e seu débil e franzino

corpo pesou mais sobre os braços de Alcides, que, acompanhando-a, deixou-a cair sobre os travesseiros. Gritou pelo seu nome, sacudiu-a diversas vezes e ouviu-se então um grito agudíssimo, seguido de abundantes lágrimas.

Morrera a pobrezinha, com um sorriso nos lábios, tão idolatrada e tão linda.

É indescritível a cena comovente que aí desenrolou-se; não há quem possa descrever essa dor pungente, lancinante, horrível, que julga ser a mais nobre, a mais santa de todas.

Pois bem! O mísero estudante enxugou seu pranto, beijou longamente a testa da morta, retirando-se cabisbaixo para o interior da casa, onde passou todo o dia, sem tomar a mais ligeira alimentação, sem pronunciar uma única palavra, sem soltar um só gemido, sem uma lágrima sequer. A dor estancara-lhe o pranto.

De quando em quando ia vê-la...

Era bem triste ver o pálido Alcides todo de preto, pensativo, seguindo aquele caixãozinho branco, levado pelas amigas de sua noiva, todas de branco, como branca era a sua alma, simbolizando a pureza, a castidade.

Assistiu a colocação do ataúde na carneira de boca escura, eterna interrogação, viu os gélidos coveiros taparem a entrada, arrumando displicentemente os tijolos uns sobre os outros com reboco... não articulou palavra, nem uma lágrima, nem um gemido.

Decorreram-se três dias.

À noite da última, atravessou as ruas da cidade, em direção à mansão dos mortos, na qual penetrou resoluto e de pé firme.

Aquela imobilidade, o chora do vento nas frondes dos cipreste, o límpido luar, desenhando no solo as imagens das cruzes, o aterrador piar do mocho fizeram-no parar. Houve um segundo de hesitação, mas entrou.

Estendido ao solo, diante da catacumba de sua Maria, arrancava os cabelos com desespero, chorando e soluçando tão alto que acordou a travessa passarinhada, que dormia tranquila.

Assim esteve até alta madrugada, retirando-se, a correr, para sua casa. Todo trêmulo, com as arcadas dentárias batendo-se com força, desgrenhado, muito pálido, excitado ao extremo, abraçou sua velha mãezinha, toda ansiosa, desatando em um riso convulsivo, nervoso.

Dentro de poucos dias, foi conduzido para um hospital de alienados...

\_ O meu arquivo registra a data de 8 de Agosto de 1899, nesse conto, o qual transcrevo “ipsis verbis”.

Passo Fundo, 8 de Novembro de 1935.

Data : 09/11/1935

Título : 179 ANO DE 1906

Categoria: Memórias

Este ano de 1906, embora ainda estejamos no 5º mês, bem pode ser cognominado de maligno, porquanto não tem faltado catástrofes e misérias, sucedendo-se em certo espaço de tempo. Seria bastante longo pretender-mos enumerá-las todas; propomo-nos apenas a relatar as que mais perto nos tem atingido e as de maior calamidade.

Em “primo loco” o desastre do legendário couraçado Aquidabã, na remansosa baía de Jacuecanga, onde ficaram para sempre submergidos os 92 metros de comprimento desse nosso heróico vaso de guerra, fato esse que veio lançar luto bem pesado no coração da Pátria e num grande número de famílias que, inda hoje, contristadas, pranteiam a falta dos seus.

Além das abundantes chuvas em alguns Estados do norte, com as suas conseqüentes inundações que, tudo alagando, arrastaram, impiedosamente, em sua corrente, a fruto pequeno e os probo de muitos suores, além disso, repetimos, na Capital da República, no mês de Janeiro foram assinalados diversos desmoronamentos, sepultando em seus escombros várias vítimas, o que veio ajuntar um novo horror aos horrores já existentes.

No nosso Rio Grande do Sul, sempre fértil e sempre rico, este ano lavra a miséria, a pobreza. À seca que crestou vastas e consideráveis plantações, seguiu-se a praga de gafanhotos, que, in totum, destruíram as minguadas esperanças dos colonos.

Ainda neste domingo, dia 6, em direção ao sul, cruzou por esta cidade uma enorme nuvem desses ortópteros, que levaram 40 minutos, mais ou menos, a passar.

A velha Europa não foi poupada e são aí várias as catástrofes.

O Vesúvio, irado medonhamente em suas entranhas, lançou, pela sua enorme cratera, lavas em quantidade bem elevada, fazendo-se acompanhar de tremores de terra. Os habitantes das circunvizinhas fugiram apavorados, ficando grande número deles sob os entulhos. Segundo lemos, tendo cessado a erupção, o professor Mattenci, diretor do observatório, fez uma visita ao alto da montanha, verificando que a cratera ficara 3 vezes maior. Para mostrar a sua fúria, bastava a sua primeira erupção em 79, que destruiu três cidades: Herculanium, Pompéia e Stabies.

Na França, para mais de 2000 obreiros pereceram, em Fevereiro findo, em consequência de uma explosão de “grison” gás inflamável que se encontra nas minas de carvão de pedra.

Coube agora a vez à cidade de S. Francisco, da Califórnia. Sobre esse desastre recente O Gaúcho, em transcrições, noticiou o quanto aí vai de horror. Somos apenas em princípios de Maio e que de miséria e triste perspectiva! Oxalá parem por aqui tantos infortúnios!

\_Esse artiguete foi publicado pelo O Gaúcho, n.º41, de 11 de maio de 1906.

Passo Fundo, 9 de Novembro de 1935.

Data : 10/11/1935

Título : 180 PENSAMENTOS

Categoria: Memórias

Pensamentos escritos em cartões postais e oferecidos à Jovina, quando minha noiva.

- 1- Pensa ou sonha... Antes sonhar que pensar...Pensando, arrepende-se a gente do passado, odeia-se o presente e teme-se o futuro, no feliz dizer de Campoamor. Sonhando não se tem passado, não se tem presente e o porvir não assusta, antes alegre – é a ilusão! Ah! É moça – sonha... Antes assim, antes assim... sonhar! (21.8.1903)
- 2- Assim como o helianto segue os raios do sol, também o meu coração segue cativamente os raios do teu olhar. (23.12.1903)
- 3- A mulher deve primar por tudo quanto é singelo. A mulher meiga é duplamente bela, duplamente boa e duplamente amada (19.7.1904)
- 4- O sorriso da mulher amada é qual luminosa escada de Jacob, que nos conduz aos céus da plena felicidade, por entre flores de venturas e alegrias (2.7.1904)
- 5- O homem que não ama, também não vive... vegeta rasteiramente, extingue-se sem saber o quanto é agradável e balsâmico um beijo de Mãe, um carinho de esposa, um sorriso de filho (4.7.1904)
- 6- A família, “esse pedaço de céu que Deus deixou na terra”, é o santuário do coração do homem (4.4.1904)
- 7- Alegrementemente esvoaçam por sobre a nau as brancas gaivotas; assim também os meus sonhos esvoaçam risonhamente em torno a ti (16.6.1904)
- 8- A vida sem amor é flor sem perfume (28.03.1904)
- 9- Orgulho – O orgulho, pecado capital para a igreja é, no entanto, para mim nobre ou ridículo. É nobre, quando o homem é ufano da sua honra, ou a mulher da sua virtude. É ridículo no indivíduo medíocre, orgulhoso de um talento e de um saber que não possui, ou então do seu dinheiro; é o na mulher orgulhosa de uma beleza real ou suposta ou de um dote, mais ou menos avultado. Todavia o que não sei é se o nobre ou o ridículo levam ao inferno... (1.8.1903)
- 10- Preguiça – Quantos no mundo pecam! Na verdade, Satanás foi artista na tentação. Não é muito agradável o “dolce far niente” por uma tarde cálida de verão, quando na mata até os passarinhos calam e a própria natureza parece dele gozar sem lembrar-se que a preguiça é pecado capital? (1.8.1903)
- 11- Luxúria – A luxúria é sempre pecado. Ela materializa a alma e mata o sentimento. Satanás inventou-a num dia mau, a cuja influência todos estão sujeitos... (1.8.1903)

- 12- Inveja – Era artista na tentação o Anjo mau! À inveja ninguém resiste... Todos, no mundo, se invejam uns aos outros... Quem, sendo ela pecado capital, irá ao paraíso? Que o digam os sábios da Escritura. (1.8.1903)
- 13- Cólera – A cólera, conquanto pecado capital, é algumas vezes nobre, pois é a reação do brio. Outras porém, é baixa e vil: a cólera do rico, a quem um operário faminto rouba um pão... (1.8.1903)
- 14- Gulodice – À gula todos se rendem, a não ser um ou outro dispeptídico. É gulosa a criança, é o adulto, é o velho. Não vê como essa moça olha embevecida para um pouco de confeitos e uma garrafa de champanhe? Irá só por isso para o inferno. Respondam os sábios da Escritura... (1.8.1903)
- 15- Avareza – A avareza – sim! É um feio pecado...O avarento sempre tudo esquece... Deus, Família, Pátria!... Só lhe lembra sempre uma coisa: o meio de aumentar e de não gastar o seu ouro, que para ele é tudo. (1.8.1903)
- 16- As mulheres, quando velhas,  
Bem mocinhas querem ser...  
Mas, bebês de roupas curtas  
Querem velhas parecer... (21.10.1903)
- 17- A alma de uma mulher vaidosa é qual pétala de magnólia, manchada (19.7.1904)
- 18- A ilusão é sempre doce; a desilusão, sempre amarga. (28.03.1904)
- 19- A lágrima é a arma de que a mulher, geralmente, lança mão para vencer e subjugar o homem (29.3.1904)
- 20- O ciúme é a erva daninha que, entrelaçando-se com o amor, perturba o seu crescimento, conseguindo, por fim, a sua morte. (4.4.1904)
- 21- Contam que um leão, o rei das florestas, ao cair em uma armadilha, quanto mais se esforçava para desprender-se dos fios da rede, tanto mais preso ficava. Todas as suas forças eram inúteis. Um mísero camundongo, tendo ouvido aqueles rugidos crueis, aproximou-se com medo, e, roendo o tecido da trama, o grande rei de juba foi posto em liberdade. O amor é como o leão: depois de enredar-se nas fibras de um coração não mais sai; quanto mais ele procura libertar-se, tanto mais se entranha, se enreda... a morte é a única libertadora (9.9.1903)
- 22- Assim como a luz mostra toda a tristeza, todo o horror de uma masmorra, assim como esclarece todo o fundo de um abismo, assim também a esperança quando malograda, revela toda a imensidade do nosso infortúnio. (9.9.1903)
- 23- O amor convida à meditação. O espírito esvoaça no espaço, rodeando o vulto amado. A volta à realidade é triste, quando se está ausente (4.7.1904)
- 24- O coração de mãe é sacrário de todas as virtudes. (28.3.1904)
- 25- Seu olhar tristonho trai-lhe o que lhe vai na alma: talvez saudades de alguém que, há muito, partiu para bem longe... (4.7.1904)
- 26- O sorriso da mulher que ama é o desabrochar de uma rosa nacarada (7.9.1903)
- 27- “O mais profundo amor que há nesta vida

É o primeiro amor”.

São estes os dois últimos versos da interessante quadrinha, que me deste o imenso prazer de dirigir. Ao meu ver o poeta tem toda a razão, pois o amor que me fertiliza o coração foi o primeiro, e é tão grande como o mundo, tão santo como o amor de Maria e tão puro como o amor de Mãe... é profundo, é insondável. (21.9.1903)

28- A criança é qual delicada e meiga flor, que desabrocha sorridente no jardim da vida (21.2.1904)

29- Dr. Sebastião Leão – em um cartão pintado por sua esposa d.<sup>a</sup> Julieta Felizardo Leão – Eis o nome de um dedicado amigo e de um ilustre médico. A sua passagem pela vida foi curta, porém luminosa e benfeitora. A sua presença à cabeceira de um enfermo era a cristalização da esperança, essa boa e meiga companheira; as suas palavras eram para o doente um conforto enorme, um bálsamo agradabilíssimo. Ele, com o mesmo ar alegre, tanto entrava na choupana do pobre, como no palácio do rico, espalhando o bem, sem cogitar de recompensa, de remuneração. Com sua morte deixou no coração daqueles que o conheceram um traço bem nítido, um raio bem vivo de saudades (9.9.1903)

30- Sois, meigas violetas, a flor de minha alma. Sois sincera, simples e triste: a sinceridade manifesta-se no seu suave aroma; a simplicidade, na forma regular de suas pétalas, e a tristeza, na sua cor, símbolo do luto. (3.4.1903)

31- Qual peste que devassa, assola uma região, deixando-a abandonada por seus milhares de habitantes, dizimados pelo horrível mal, assim também é o crime que devassa, assola um coração, deixando-o abandonado por suas mais caras esperanças, crestadas por esse mortífero e repelente verme (4.4.1904)

32- A esperança é o cântico melodioso, que nos soa sonora e agradavelmente aos ouvidos, nos transe de infortúnio e que nos diz: Tem fé, creia em Deus e espera... (30.3.1904)

33- A mulher, que é bela, não necessita de enfeites, joias, sedas... A simplicidade faz com que sua beleza mais realce ainda (4.7.1904)

34- O coração de um homem mau, quando zangado, assemelha-se à áspera rocha em que, inutilmente, vêm quebrar-se brusca, rouca e atropeladamente os vagalhões de um mar encapelado (13.6.1904)

35- Os olhos são o espelho da alma. Quando os lábios sorriem a alegria está próxima. Não há, no entretanto, regra sem exceção:

“quanta gente que ri, talvez, consigo,

guarda um atroz, recôndito inimigo,

como invisível chaga cancerosa!

quanta gente que ri, talvez existe,

cuja ventura única consiste

em parecer aos outros venturosa”. (21.7.1904)

36- Menina, tome cuidado,

O gato tem artimanha...



Menina, tome cuidado

Senão ele te arranha. (8.7.1904)

Transcritos, como todos, na íntegra.

Passo Fundo, 10 de Novembro de 1935.

Data : 11/11/1935

Título : 181 GENERAL STOËSSEL

Categoria: Memórias

Recentes recados telegráficos referem-nos haver sido condenado à morte o General Stoëssel, o defensor de Porto Arthur. A causa é simples: ter-se entregue quando não devia, dizem os russos autocratas, sentados em suas macias poltronas, aquecidos de peles finíssimas e assomados pelo uísque.

Injustiça, sobre injustiça... vai ser morto um bravo que, comparável a Leônidas, defendeu com denodo, arrostou todo o perigo, com um punhado de homens, sacrificando até a sua própria família, no ataque de rechace dos heróicos japoneses a essa nova Termópilas. Se Nodji atacou com bravura tremenda, Stoëssel defendeu com calma e não menos heroísmo.

Quando viu reduzido bastante o número de seus soldados, já sem munição, quando reconheceu a inutilidade dos seus esforços, quando, de perto, se viu aguçado pela fome e aguilhoado pela peste, entregou-se, rendeu-se. e triste recompensa de sua Pátria: condenado à morte, como um relapso criminoso!...

Agora era o momento dela, a Rússia, acariciá-lo, animá-lo para suavizar as tristes horas de peleja ardorosa, em que se alimentara o espírito e o corpo, após o cansaço dos inimigos.

Segundo mesmo vimos, o próprio Nodji escreveu a Stoëssel, classificando o procedimento da pátria deste de bárbaro e de injusto, porquanto Stoëssel fora um general de brio, que envidara todos os esforços, não medindo sacrifícios para sair vitorioso da luta pungente, que há 6 meses era travada.

Foi mais longe o general japonês, escrevendo ao próprio Czar, em cuja missiva eram tecidos os mais francos, os mais elevados encômios à bravura de Stoëssel.

Condenado à morte – clamorosa injustiça!

Rússia dos Czares: mais cedo ou mais tarde terá que pagar essa iniquidade... a justiça de Deus pode tardar, mas não falha nunca!... (1.4.1907)

Passo Fundo, 11 de Novembro de 1935.

Data : 11/11/1935

Título : 182 EM UM ÁLBUM

Categoria: Memórias

Ofereço-te, minha noiva, este álbum de cartões postais.

Hoje ele nada vale, porém mais tarde, quando formos velhinhos, quando gemermos sob o peso dos anos, alquebrado o corpo, braços trêmulos, caminhar vacilante, incerto, olhar sem brilho, sem expressão, face enrugada como sulcos de lágrimas, cabelos de neve, ele terá, sem dúvida, de ocupar o nosso pensamento, como manancial de recordações e de saudades.

Diz o poeta:

Recordar é viver...

Transformar num sorriso o que nos fez sofrer...

Ressurgir dentro d'alma uma idade passada,

Como em capela d'ouro há cem anos fechada

Onde não vai ninguém, mas onde há festa ainda...

Se eu hei de saber como a saudade é linda!

Se eu hei de saber!...

Como é doce, suave e triste a memória dos bons tempos que não voltam mais!

No mundo tudo se sucede: primavera, verão, outono, inverno... No decorrer da nossa vida tal não se dá!

Serão os cartões do teu álbum relíquias da mocidade.

Cada um deles terá sua história, alegre ou triste.

Quando vejo um velhinho a chorar, dói-me o coração. Chora, talvez, recordando os tempos felizes em que, rodeado de todos os seus entes mas caros, mais amados, vivia tranquilamente, contente e alegre; agora, depois de ter visto desaparecer um a um daqueles que constituíam a sua felicidade, só, abandonado, no auge do infortúnio, como não há de o velhinho chorar?! Respeito essas lágrimas... são santas.

A saudade começa por um sorriso e termina por uma lágrima. O sorriso é atroz, pungitivo, lancinante; a lágrima amarga e doce: - é doce, pois é o lenitivo [conforto] do passado.

Se então, nessa fase melancólica da vida, em que, para se viver, procura-se mergulhar o espírito em recordações da mocidade, se então, nessa fase, repito, deslizar-se pelas nossas faces uma lágrima, será ela o símbolo da saudade, o “delicioso pungir de acerbo espinho”.

(18.8.1903)

Passo Fundo, 11 de Novembro de 1935.

Data : 11/11/1935

Título : 183 ESPÍRITO DE CRIANÇA

Categoria: Memórias

De visita à uma matrona, senhora de grandes dotes intelectuais e morais, e que festejava mais um ano de existência, travou-se em o salão, em onde reunidas estavam muitas senhoritas, o seguinte diálogo com uma graciosa menina de 5 anos, netinha da aniversariante.

– Que idade tenho eu? Perguntou uma mocinha.

– Tem 10, responde a menina.

– E eu? Interroga uma outra.

– Tem 18.

E assim foram inquirindo todas, com exceção de uma moça extraordinariamente feia e que já roçava pelos 4º, mas com preocupações a 26. acanhada por ter sido a única que nada perguntara, animou-se e interrogou:

– E eu, menina bonita, quantos anos tenho?

A criança olhou-a firme, como pensando, e, na maior ingenuidade, espirituosamente, respondeu:

– Não sei, porque eu só conto até 30. Um leve sorriso pairou em todos os lábios... uma somente não sorriu e essa mesma, pouco depois, pretextando moléstia, retirava-se...

Sem comentários!

\_ Foi publicado no O Gaúcho, n.º6, de 22 de Setembro de 1907.

Passo Fundo, 11 de Novembro de 1935.

Data : 12/11/1935

Título : 184 DISCURSO AO DR. BORGES

Categoria: Memórias

Discurso pronunciado no dia 7 de Outubro de 1934, nesta cidade, por ocasião da caravana, em Passo Fundo, da Frente Única, chefiada pelo Dr. Borges de Medeiros. Essa oração foi publicada, a 11 do mês referido, pelo Correio do Povo, de Porto Alegre.

Exmo.sr.dr. Borges de Medeiros – Venho, em nome do Partido Republicano de Passo Fundo, perfeitamente irmanado com o Partido Libertador, apresentar a V. Ex. e aos seus dignos companheiros de excursão política, peregrinos de uma jornada santa, caravaneiros da ordem e do progresso, paladinos da liberdade e da justiça, as mais sinceras e as mais vibrantes saudações.

Saudar a VV. Excias. É saudar a honra, a altivez, o brio, a raça.

Os republicanos desta terra aguardavam, com ânsia e com amor, a visita honrosa do egrégio Amigo, de palavra franca, leal, vigorosa e valente, cheia de fé, de vibração e de ensinamentos.

Logo depois da revolução de 1930, os homens sensatos e de boa fé, acreditavam que a ditadura fosse apenas de alguns meses, dentro dos bonitos postulados da Aliança Liberal, e que o Brasil se reintegraria o quanto antes no quadro constitucional; julgavam que a lei eleitoral fosse objeto de imediato estudo e elaboração; esperavam que a eleição para deputados à Constituinte fosse o retrato da opinião nacional; fremiam por uma constituição modelar; aspiravam eleger, dentro de uma fórmula verdadeiramente popular e, por isso mesmo, republicana, o novo presidente; queriam, enfim, o país unido e rico, próspero e feliz.

Quanta desilusão!

Poderiam os novos dirigentes ter feito uma obra, administrativamente boa e bem intencionada, se não estivessem, tão a fundo, contaminados do vírus maléfico que derrubou o último governo, agravado pelo ódio, que é cego, e pela vingança, que é louca.

São Paulo foi a sua maior vítima: num requinte de gozo satânico tudo se lhe tirava e nada se lhe dava, até que um dia, exausto de tanto martírio, como um só homem, uma só vontade, uma só energia, lavrando, em gesto leonino, o seu veemente protesto, lavou com o sangue dos seus heróicos filhos, as humilhações e os sofrimentos, lutando pela rápida volta ao regime legal.

Tive oportunidade de ouvir de V. Ex., em agosto de 1931, quando de uma visita que lhe fiz ao Irapuãzinho, a sua opinião inteiramente favorável à imediata constitucionalização do país, e a

pequena entrevista, que dei a um jornal local, foi, sem perda de tempo, e em lugar de destaque, transcrita, nesse particular, em todos os jornais da terra bandeirante.

O ditador armou bem a máquina por meio de seus interventores, que se tornaram, em geral, chefes de partidos, os quais, por sua vez e ao seu modo, elegeram os “melhores” constituintes, que, agradecidos e surdos ao clamor do povo, elegeram-no presidente, que, por sua vez, continua a manter os mesmos interventores, que “cavam” agora sua própria eleição para o governo dos Estados.

Mas essa ditadura de mais de 44 meses, rajada de loucura insopitável, fúria ciclônica, nova Babel, não conseguiu, entretanto, destroçar o nosso patrimônio moral, e V. Ex., solidário com as aspirações de São Paulo, saindo para as coxilhas, no cumprimento da sua palavra empenhada, ao lado de Batista Luzardo e outros bravos, tornou-se bem o paradigma da honra gaúcha.

O procedimento do Sr. Washington Luis, a propósito da candidatura do Sr. Júlio Prestes, comparado com o atual procedimento do Sr. Getúlio Vargas, é um grão de areia ao lado de um Everest, é uma gora de água diante da Lagoa dos Patos.

Os homens da ditadura, orientados por uma má política, na vertigem da altura e na obsessão do mando, iniciaram, desde logo, e seguiam até Julho de 1934, uma fase de opressão jamais vista na história brasileira, principalmente exercida contra os amigos, como V. Ex., Pila e outros, e no Estado quem tivesse o topete de ser independente e altivo, teria, com V. Ex. e outros, o imediato castigo de tamanha audácia: a prisão, o exílio.

Quis até, um acontecimento comum, a sorte amarga e irônica, num recalçamento espiritual que a “Independência” desaparecesse das ruas da Capital do Estado para dar lugar à Avenida Flores da Cunha, e foi o mesmo interventor do Rio Grande do Sul, plasmando uma triste e nefasta época, quem substituiu a placa “Independência” daquela rua por outra com o seu próprio nome.

Graças a Deus, porém, essa fase escura e pesarosa da nossa história já passou; melhores e felizes dias nos aguardam, porque a nossa índole é boa, porque a nossa terra é fértil e a nossa riqueza é enorme, porque nós sabemos trabalhar e produzir, porque com a nossa causa estão homens da envergadura de Borges de Medeiros, Raul Pilla, Baptista Luzardo, João Neves da Fontoura, Altino Arantes, Arthur Bernardes, Octávio Mangabeira, J.J. Seabra, José Augusto, Sampaio Correia, Cincinato Braga e outros, porque nós cremos na vitalidade da nossa Pátria, na honra da nossa gente, na justiça, na liberdade.

Pode a nação ter a certeza de que somos, os da Frente Única, hoje mais do que nunca, solidários em todo e qualquer terreno com V. Ex., que perfeitamente encarna as nossas aspirações, que justamente realiza o nosso ideal.

Passo Fundo, 12 de Novembro de 1935.

Data : 13/11/1935

Título : 185 UMA ENTREVISTA “TAQUARIENSE”

Categoria: Memórias

Em 9 de Janeiro de 1926, quando de minha passagem pela cidade de Taquari, o jornal “O Taquariense”, em seu número 1984, publicou sob o título “O momento riograndense” a seguinte entrevista, que lhe concedi por intermédio do dr. João Maia Filho, redator secretário daquela folha, meu colega, ilustre e amigo pessoal:

– Como é sabido, Taquari hospedou durante alguns dias o Dr. Nicolau Vergueiro.

Brilhante complexo de clínico notável e prócer destacado do nosso glorioso Partido, ninguém mais autorizado do que S. Ex. para dizer sobre as coisas políticas do Rio Grande.

Intendente em mais de um quadriênio de um dos mais importante municípios serranos, deputado em sucessivas legislaturas à Assembleia Estadual, cuja vice-presidência ocupa, sua atuação tem sido das mais proficuas no desempenho quer de um, que de outro mandato, máxime do primeiro, em que lhe coube agir superiormente, repelindo com êxito a onda demagógica, quando foi da revolução de 1923, que teve por teatro principal a zona de Passo Fundo.

Isso posto, e contando antecipadamente com o seu proverbial cavalheirismo e habitual polidez, não hesitamos em procurá-lo. S. Ex., depois de ouvir-nos atenciosamente, acedeu em falar-nos em primeiro lugar acerca do “Momento político riograndense”.

Que pensa S. Ex. – indagamos – da situação do nosso Estado? Estará ela consolidada com o aprisionamento, em campo de batalha, de Honório Lemes e seus sequazes mais qualificados ou será que os elementos rebeldes, permanecendo no estrangeiro, surdos a todos os apelos de concórdia, ainda cogitam trazer a desordem e a anarquia à terra natalícia?

– A situação do Estado é firme. Ninguém mais quer a guerra. Todos, com exceção de alguns elementos irrequietos e eternamente revolucionários querem a paz e querem trabalhar. Em Passo Fundo, por exemplo, onde a corrente federalista é numerosa, os nossos mais exaltados adversários de 1923 se dizem hoje inimigos da guerra. Poderia, nesse sentido, vos citar muitos nomes, mas prefiro declinar um só: João de Souza Ramos, o mais audaz e valente dos oposicionistas daquela zona, e que, há cerca de um ano, por meu intermédio, entregou ao governo do Estado todo o armamento e munição que ainda tinha em seu poder, e que não era pouco.

Sobre a prisão de Honório Lemes, dir-vos-ei que, se foi um golpe no assisismo, que o tinha como o seu melhor cabo de guerra, não modificou a marcha natural dos sucessos... ele nunca teve valor para tanto.

Quanto aos rebeldes que permanecem no estrangeiro, não possuem elementos para invadirem o estado, tanto mais quanto é rigorosa a vigilância em as nossas fronteiras e na República do Uruguai, apesar do “lírico” de Mello haver prometido só regressar ao Rio Grande do Sul, quando este estivesse libertado ou para o “libertar”(?).

– Corre que os propósitos pacifistas do benemérito Dr. Presidente do Estado persistem e de forma tão decisiva que terão influenciado os mais altos poderes da Nação. Que fundamento revestirá o boato?

– O Dr. Borges de Medeiros sempre foi pacifista e goza, hoje, mais do que nunca em o nosso país, de um tal prestígio, que a sua opinião é cada vez mais ouvida com respeito e com acatamento, de modo que, certamente, ela pesara nas balanças do Catete.

– Outro assunto, que faz pouco ainda era considerado fora de propósito para ser ventilado e que se tornou, de um momento para outro, dadas determinadas circunstâncias, até certo ponto momentoso, é a sucessão presidencial do Estado. De feito, já não são simples conjunturas, opiniões desautorizadas, mas episódios novos nos anais riograndenses, que militam, aliás numa uniformidade impressionante no sentido orientador da opinião, rumo a certas individualidades. Sucede que, da visita com que honrou o Rio Grande do Sul o embaixador da Itália, quando foi da comemoração cinquentenária da imigração italiana, resultou uma afirmativa nada diplomática, a dar crédito aos despachos telegráficos que a imprensa diária afixou. Sim, disse o barão Montagna, sem rodeios a Fanfulla, de São Paulo, o futuro presidente vai ser o atual e ilustre secretário das Obras Públicas. Ora, atendendo a que o representante de S. M. o rei da Itália em toda a sua permanência em Porto Alegre só respirou provavelmente na mais alta esfera político-governamental, poder-se-ia atribuir a tais declarações um aparente cunho de autenticidade, atentatório, em todo caso, às normas disciplinares do coeso Partido Republicano riograndense, obediente, em qualquer emergência, à chefia unipessoal do preclaro Dr. A. A. Borges de Medeiros. Que pensa disso V. Ex.?

– A opinião do ilustre embaixador Montagna é inteiramente individual. Em verdade, o nome de Sérgio Ulrich de Oliveira, pelo seu valor, sua cultura, sua inteligência e sua dedicação goza de muitas e justas simpatias no seio do Partido, mas, como ele, temos Paim Filho, Ariosto Pinto, Getúlio Vargas, Flores da Cunha, Oswaldo Aranha e tantos outros, merecedores do nosso apreço e do nosso apoio. Posso vos assegurar que nenhum deles pretende o cargo e que nós não lutaremos por competições pessoais. Os candidatos à Presidência e à vice-presidência do Estado serão oportunamente escolhidos, dentro das salutares normas e das históricas praxes do Partido Republicano.

– Outra questão sobre a qual temos o máximo interesse em ouvir a palavra autorizada de V. Ex. é a que se prende à situação econômico financeira do Estado. Acompanhamos com toda a atenção que o magno assunto comporta, a ação da Assembleia dos Representantes relativa ao orçamento da receita. Vimos como a patriótica corporação, ampliando a sua capacidade taxativa, sem absolutamente exorbitar das suas atribuições constitucionais, criou serviços novos destinados a reforçar a dotação orçamentária. Mas, tendo-se em vista o movimento que se está fazendo sentir da parte dos industriais alarmados com o aumento da tributação que vai pesar sobre as suas indústrias respectivas, movimento esse que o executivo acompanha com carinhosa atenção, não parece a V. Ex. que algo de depressivo irá se refletir no orçamento da receita, com uma lógica repercussão nos serviços administrativos?

– Respondo negativamente. A majoração foi pequena, atingindo tão somente a poucos produtos e foi baseada em cálculos feitos com precisão e convenientemente estudados pela comissão de orçamento, que, seja dito de passagem, tem como seu relator o mais brilhante talento e uma das mais sólidas culturas de nosso Estado Dr. João Neves da Fontoura, e que, na elaboração do seu parecer, foi auxiliado de perto, pelos ilustres Drs. Ariosto Pinto e Victor Azevedo Bastian.

– Mais uma pergunta, e esta relativa à fusão das oposições. Julga V. Ex. estável a fusão das oposições do Estado?

– Não se pode negar que o assisismo absorveu, quase por inteiro, o federalismo, e a máxima prova dessa asserção reside no grande número de manifestações de solidariedade de quase todas as Alianças dos municípios do Estado à Aliança Libertadora de Porto Alegre, e contrárias a atuação do deputado Demetrio Mércio Xavier, na última reunião da Assembleia. Essa fusão das oposições na terá, ao meu ver, vida longa e terminará em uma grande confusão, separando os elementos heterogêneos, de momento ligados, ou melhor, misturados. Assis Brasil até tem revelado alguma habilidade com o protelação do estabelecimento de um programa.

“That is the question”: presidencialismo de um lado, parlamentarismo de outro... enfim “torre de Babel”.

– Satisfeitos os nossos propósitos, retiramo-nos, não sem significar ao ilustre Dr. Nicolau Vergueiro, em nome do O Taquariense, todo o nosso intenso reconhecimento.

Passo Fundo, 13 de Novembro de 1935.

Data : 14/11/1935

Título : 186 NUM BANQUETE AO DR. PRADO SAMPAIO

Categoria: Memórias

Descrição: Foi o seguinte “brinde honra” que, em um banquete oferecido, em 31 de Janeiro de 1929, nesta cidade, ao Dr. Arthur do Prado Sampaio,pronunciei:

Foi o seguinte “brinde honra” que, em um banquete oferecido, em 31 de Janeiro de 1929, nesta cidade, ao Dr. Arthur do Prado Sampaio,pronunciei:

– Honra para mim, nesta festa cordial, toda dedicada ao distinto amigo Dr. Arthur do Prado Sampaio, digno subchefe de polícia da 3ª Região, é levantar o brinde honra, principalmente quando é ele em homenagem a uma personalidade que vem, pouco a pouco, em lances magníficos, se impondo ao respeito do Rio Grande do Sul e à consideração de nossa Pátria.

Quero, por certo já percebestes, me referir as Dr. Getúlio Vargas, ilustre presidente do Estado.

Passado é apenas um ano do seu governo, e já se transformaram em esplêndida realidade as esperanças com que ascendeu ao poder.

Borges de Medeiros soube distingui-lo, e, em um gesto de segurança, indicá-lo aos sufrágios dos seus correligionários.

Em 25 de Novembro de 1927 teve Getúlio Vargas, nas urnas, uma verdadeira consagração do Partido Republicano.



Ponderado e enérgico, trabalhador e honrado, inteligente e culto, tem S. Ex., de têmpera robusta e de brilhante caráter, notáveis predicados, excepcionais qualidades para administrar, como o vem fazendo, o glorioso Estado sulino.

Em alto relevo gravou, de modo indelével, o seu nome na Assembleia dos Representantes.

A sua passagem pela Câmara Federal, onde fez parte da célebre Comissão dos 21, para reforma da Constituição, foi de tal modo importante que, desde logo, chamou, sobre ele, a atenção dos maiores da República.

No Ministério da Fazenda a sua ação foi tão rápida quanto brilhante e eficaz, merecendo aplausos da imprensa unânime do Rio.

Na presidência do Estado, porém, é onde ele mais se tem revelado.

Entre o vultoso número de trabalhos e serviços de valores inestimáveis, que vem empreendendo, culminam, e bastariam só para torná-lo credor da nossa mais profunda admiração, o extermínio do jogo, o grande putrefato, no conceito de Ruy Barbosa e a criação do Banco do Rio Grande do Sul.

Muito ainda esperamos dele, capaz de, em cenário mais amplo, dignificar ainda mais esta terra.

Em honra de Dr. Getúlio Vargas, pela sua saúde e pela sua felicidade, levantemos com prazer, as nossas taças.

\_ Esse discurso foi publicado pelo jornal Gazeta, n.º35, de 2 de Fevereiro de 1929.

Passo Fundo, 14 de Novembro de 1935.

Data : 15/11/1935

Título : 187 DISCURSO CLUBE UNIÃO COMERCIAL

Categoria: Memórias

Descrição: Discurso pronunciado, em sessão solene, por ocasião da posse da nova diretoria do Clube União Comercial, em 31 de Dezembro de 1916.

Discurso pronunciado, em sessão solene, por ocasião da posse da nova diretoria do Clube União Comercial, em 31 de Dezembro de 1916.

– Outro deveria ocupar este cargo... aceitei-o por imperiosa injunção de dever e para que, como vai sempre acontecer em cometimentos de ordem social, a minha obscura individualidade não venha calçar, travar ou entorpecer, nem de leve sequer, a evolução natural dos fatos e das coisas.

Procurarei ser breve.

Não merece o auditório seletto, que me faz a bondade de ouvir, que eu venha aqui historiar e justificar, com argumentos secos, áridos e positivos, a vantagem da fusão das associações que deram origem a esta; não merece também que eu venha descrever e augurar, mirando em prismas cristalinos e simpáticos, o futuro risonho, por certo, desta novel agremiação distinta; não merece ainda que eu venha tecer uma trama de elogios, dignos por sem dúvida, à ilustrada diretoria que toma hoje a si a marcha do Clube União Comercial.

Não se justificam, hoje, as alocuções científicas, nem mesmo as grandes divagações literárias: a síntese, em uma festa de amor, em que palpitam corações ansiados pelo volteio das valsas, espíritos sorridentes, e inebriados em atmosfera de flores, é o ideal.

Eu, que já não me conto muito distante do rol dos velhos, descendo a colina da existência, ainda me recordo em uma ocasião destas, quando moço, como meu ser eletrizado vibrava, como meus pensamentos se entrechocavam em vagas cogitações, doces e múltiplas, como meus olhos vagueavam em sonhos de entusiasmo e de delírio, como meu coração pulsava em taquicardia, no desejo louco desse momento, que vós outros hoje ansiais por ele.

Saudosamente, profundamente saudoso, ainda me recordo dessa época... “Eu sei... eu também sei... recordar é viver”. A vida é assim: flor e espinho, bonança e tempestade, primavera e inverno e aí de nós se não fossem as saudades e a esperança de bons tempos ainda!

A saudade, no geral, começa por um sorriso e termina por uma lágrima. O sorriso é pungitivo; a lágrima, amarga; mas sendo amarga é doce, pois é o seu único lenitivo.

Tobias Barreto assim metrificou, com arte e elegância, o doce amargo do pranto:

“Relógio da minha vida,

Que a desgraça adiantou,

A hora da despedida

Meu coração já soou.

Bate-me o peito, entretanto,

Dos olhos corre-me o pranto,

Cujo amargor é tão bom!

Pois eu choro? Oh! Sorte crua!

Também o mármore sua,

Também o bronze dá som”

E, minhas senhora, até as lágrimas têm saudades! Vamos à “Lenda das Rosas”:

“Pobre cega, porque choram

assim tanto esse teus olhos?

Não, os meus olhos não choram,  
são as lágrimas que choram,  
com saudades dos meus olhos”.

– Há dias eu vi um pobre velho levar as mãos ao rosto e por entre seus dedos descarnados, correr o pranto, lentamente, às gotas. Porque chorava ele? Não sei... mas o que é um velho? Um depósito de saudades, um organismo combalido e vacilante, que já fixa o solo em busca de repouso, e nessa fase melancólica da vida, esfrangalhada pelo vento das paixões, pelo sopro das desilusões, pelas rajadas da dor, ele, para melhor viver, mergulha sempre o espírito em indeléveis recordações da mocidade... ri às vezes, chora sempre... mas sempre tem esperança, a irmã gêmea da saudade.

E que é a esperança? “É, no conceito de pinto da Rocha, o futuro; a pátria debruçada na janela do horizonte, sorrindo à posteridade; é o porvir, agitando ao sopro das ilusões, que todos os dias renascem, o lenço branco da saudade que acena para o passado... o futuro é a glória; é a civilização vencendo a barbárie; é o progresso vencendo o preconceito; é a arte, dominando as forças da natureza; é a justiça, subjugando as ambições; é, finalmente, o direito, esmagando a força”.

Sras. – O ideal é a cristalização do belo, a mulher é a cristalização do ideal e como ela é, na opinião de uns “o melhor presente que Deus fez aos homens” (Ligouré) na de outros” a poesia de Deus” (Napoleão I) e enfim de outros ainda “o doce e eterno mistério, que toda a gente adora, sem o conhecer” (Dubay)... eis porque eu sou idealista, eis porque eu amo a fantasia, fugitiva, leve e impalpável, como as melancolias do luar, contratando com a aridez e a secura da medicina, ciência que abraça.

Na vida deve haver alguma coisa de belo, de sugestivo, de espiritual... confortante para o cérebro e para o coração: não sejam só tristezas e pesares... “a humanidade é feita para ser feliz como o homem é feito pra ser sadio” na expressão filosófica de Maurice Maeterlink, grande pensador da pátria de Alberto I.

Ilusão! Sonho! Fantasia! Delírio! Ilusão é o beijo de Roxana; ilusão é o delírio de Cyrano de Berjerac; delírio é o beijo da escrava grega Eunice na fria estátua de Petrônio; fantasia é a Divina Comédia de Dante Alighieri; sonho é a tragédia de Shakespeare; ideal são as concepções artística de Guerra Junqueira, Olavo Bilac, Álvaro Moreira:

“Que de tia promessa:

quando vier o último sono,  
hás de pousar-me a cabeça  
em folhas mortas de outono...

Para que eu sonhe (tão lindo!  
o sonho dos sonhos vão!)  
que vou sereno dormindo  
no amparo de tuas mãos”

e, senhores, a vida e a própria morte nada mais são do que um sonho: “sobre a nudez fria da verdade o manto diáfano da fantasia”.

O que seria esta solenidade pomposa, com flores e música, perfumes e ritmos, com toda essa exuberância de luz fixa, sem a luz fulgurante de vossos olhos encantadores, minhas patrícias?

Uma festa sem elegância, sem arte, protocolar somente: sois a nota alegre e diamantina: na menina, que salta, corre e chora; na moça, que canta, suspira e dança; na velha, que espreita, sorri, cochila.

– Aureolado de fulgentes esperanças, despontará, dentro de alguns minutos, o novo ano, deixando atrás dele um manto de tristezas, um rosário de dores e de lágrimas, um manancial enorme de pesares, um séquito fabuloso de mutilados, de cegos, de órfãos e de viúvas... horrores da tremenda guerra que avassala o velho continente, a pátria da civilização, por ironia do destino.

Maldita guerra!

“ela não merece o reconhecimento do gênero humano, nem mesmo pelas ações heróicas e virtudes sublimes, de que são teatro os seus campos” (Ruy Barbosa).

Senhores – O homem, naquelas plagas, transformou-se: o sangue, que lhe corre nas veias, é saturado de ódio; o ar, que respira, é um misto de pólvora e de substâncias tóxicas; seu olhar congesto queima; seu hálito febril asfixia; não come e não dorme na fúria e na ânsia de matar e “quando um estilhaço de ferro o alcança, lhe rasga as carnes, o mutila, ri alegremente, zomba, diz sarcasmos, como se tivesse pudor de chora (João Gran).

Pois bem, diante dessa cenas vandálicas e inenarráveis, ainda não registrada pela história, diante desse 28 meses de hecatombe indescritível, façamos juntos, nesta festa de amor, votos, votos muito intensos, par que o 1º de Janeiro de 1917, confraternização geral dos povos, surja substituindo o estrondo dos canhões pelo estourar álaçre das da champanhe, o sibilar das balas pelo cântico das aves; o choro pelo riso; a dor pela música; a lágrima pelo beijo, o ódio pelo amor... enfim a morte pela vida.

Paz! Desfralde a tua bandeira branca sobre o universo!

1917! Salve! Três Vezes Salve!

Passo Fundo, 15 de Novembro de 1935.

Data : 16/11/1935

Título : 188 DISCURSO NUM BANQUETE POLÍTICO

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido em 6 de Junho de 1930, num banquete que, na Sociedade Operária, me foi oferecido pelo Partido Republicano de Passo fundo.

Proferido em 6 de Junho de 1930, num banquete que, na Sociedade Operária, me foi oferecido pelo Partido Republicano de Passo fundo. Esse discurso foi transcrito nos jornais: A Luta, de passo Fundo; Correio do Povo, de Porto Alegre, e alguns jornais do Rio.

– Senhores, eu quero vos expressar, republicanos de Passo Fundo, nas minhas primeiras palavras, emocionado e alegre, toda a extensão do mais profundo reconhecimento pela homenagem, com que me distinguiastes, nesta festa estuante de simpatia e de solidariedade política.

Eu também quero agradecer ao vosso talentoso orador, meu ilustre amigo Dr. Delmar Diogo, que, em frases e conceitos lapidares, me saudou em um brilhante discurso, que melhor classificaria um hino cheio de bondade, onde a sua inteligência trabalhou com elegância e a sua inspiração esvoaçou com eloquência.

Meus correligionários – Como me sinto bem, orgulhoso e feliz com o vosso contato!

Bem, na síntese perfeita do vocábulo.

Bem e orgulhoso, mas desse orgulho são e honesto de quem se vê, de quem se sente amparado por um forte partido, onde a paz e a pujança, a concórdia e a coesão, a harmonia e o ideal se abraçam, se estreitam e se apertam sem solução de continuidade, embalados todos pela mesma fé republicana, cimentados todos pela mesma crença republicana, pela prosperidade, pela glória e pela grandeza do Brasil.

Bem, orgulhoso e feliz, mas dessa felicidade santa que, como uma virtude sublime, empolga e inebria os homens de caráter rijo e de consciência limpa.

E assim, enquanto merecer a confiança de nosso chefe, o eminente Dr. Borges de Medeiros, e tiver a solidariedade dos meus correligionários, a qual nunca me faltou nos bons e nos maus momentos, aqui estarei na estacada, de viseira erguida e de peito exposto, ao vosso lado sempre, para servir o nosso partido, do melhor modo que possa.

O Partido Republicano de Passo Fundo, tão grande quão distinto, se tem mantido, para honra e gáudio [júbilo] nosso, em uma linha de extraordinária, de notável conduta: a semente da discórdia que infelizmente se desenvolveu no seio da nossa agremiação partidária em alguns municípios do Estado, criando situações difíceis, embaraçando a marcha natural do Partido, e o que é pior, dando lugar ao desenvolvimento dos nossos adversários, que conseguiram tomar posições de destaque, ora as de intendente ou vice, ora o que é mais comum e não tem menos importância, a maioria nos Conselhos Municipais, aqui, atirada ao solo, não germinou, esfacelando-se em seguida sob o peso de nossa união e de nossa força.

É esse um grande motivo de júbilo para nós, e devemos, para bem nosso, manter, como fogo sagrado, cada vez mais ligados os elos que nos prendem uns aos outros e ao grande Partido Republicano do Rio Grande do Sul.

É essa uma das minhas maiores preocupações: tenhamos uma só vontade coletiva, sejamos unidos, porque certamente seremos fortes.

Acabamos de sair do maior prélio eleitoral da República, e que sacudiu, com verdadeira vibração, a alma robusta e moça da nacionalidade brasileira, e o nosso povo, que não sofre da falência do civismo, inspirado nos seus ideais e escudado nas suas convicções, não foi indiferente à escolha, aprestando-se, com galhardia, para a grande batalha de 1º de Março.

As pugnas políticas e eleitorais, efetuadas com um ambiente de paz, de ordem, de liberdade e de máximo respeito mútuo, são boas e até necessárias, pois estimulam o ardor partidário, aprimoram a cultura cívica, incentivam para novas campanhas, robustecem as energias e aumentam o amor pela pátria comum, fazendo com que cada cidadão procure, com denodo e sem esmorecimentos, interessando-se pelo seu destino, servi-la melhor, e assim devemos pensar, sentir e agir.

Não foi, porém, nessa atmosfera que aquele memorável pleito se realizou. Campeou a mais desbragada fraude, desenvolveu-se forte pressão, foram usados processos inéditos de violência e de suborno, entrou em cena o Banco do Brasil com os seus “poderosos princípios” e a farsa teve início.

Depois veio a apuração, que nada mais foi do que um complemento, a consequência natural da orgia, da embriaguez eleitoral.

Paraíba, o pequeno e valoroso Estado do Nordeste, foi a escolhida para a maior vítima. Sobre ela foi descarregada toda a bília, toda a cólera do Catete. “Pequena e fraca escreveu o seu notável filho Epitácio Pessoa, com uma representação diminuta, sem meios apreciáveis de reação, a Paraíba estava naturalmente talhada para o desforço [vingança] da covardia do presidente da República. Daí o esbulho dos seus legítimos representantes”. Nenhum dos candidatos da Aliança Liberal teve entrada na Câmara. Foram reconhecidos todos os deputados de Princesa, simpáticos do homem “da madeira”. A Aliança Liberal da Paraíba, que deu ao Dr. Getúlio Vargas 31,142 votos e ao Dr. Julio Prestes 10.945; não logrou fazer um só deputado!

O esbulho foi inominável, vergonhoso; a degola foi completa, radical, de orelha a orelha.

Citar-vos-ei apenas o seguinte caso: o Dr. José Américo de Almeida, o notável autor da Bagaceira, que obteve 29.108 votos foi decapitado em favor de Cláudio Oscar Soares, que conseguiu tão somente 2458.

Votei contra essa ignomínia, lavrando desse modo o meu protesto, e estou ciente de que interpretei o sentir e a vontade do Rio Grande do Sul.

Minas também teve a graça de receber os ódios do Olimpo...

Bem com a minha consciência, bem com o meu Partido, bem com o meu Estado.

O Partido Republicano mineiro teve a sua bancada desfalcada de 14 de seus representantes.

Foi uma outra bambochata [deboche]... foi uma outra maroteira [patifaria]...

A mentira eleitora aí foi uma verdade, se assim se pode dizer.

A célebre “Concentração” não fez um só deputado, e não o poderia fazer, por isso que organizou chapa completa, e com o número de votos apresentados era impossível eleger 14, mas o conseguiu, porque acima das urnas e da vontade popular, neste Brasil, estava e está o querer inquebrantável do Sr. Washington Luis.

Esses 14 não são deputados legítimos, mas legitimados, como bem disse, em aparte, o Dr. Ariosto Pinto.

Neguei-lhes também o meu voto, e o fiz em um misto de indignação, desprezo e tristeza, por ver o nível moral a que baixamos.

Constituiu a apuração do pleito presidencial da República o último ato dessa comédia.

O resultado a que chegou o Congresso foi o seguinte:

Para Presidente:

Dr. Julio Prestes – 1.115.377

Dr. Getúlio Vargas – 782.636

Para vice-presidente:

Dr. Vital Soares – 1.103.359

Dr. João Pessoa – 759.736

Tiveram, portanto, os nossos candidatos menos 332.741 e 343.623 para presidente e vice, respectivamente.

O que se observou no pleito presidencial é indescritível.

Aquele resultado está tão longe da verdade, como o sol da terra.

Todas as formas de fraude, de suborno, de violência, de compressão foram utilizadas.

O oficialismo lançou mão de todos os meios para vencer... e venceu...

A liberdade é uma figura de retórica, a soberania popular é um mito. Com semelhante lei eleitoral e com os processos postos em prática, em eleição não mais poderemos confiar e nada temos a esperar: será sempre uma decepção.

Tudo é inútil. Não haverá esforço, por maior que seja, capaz de vencer.

Só mesmo destruindo essa formidável e elástica máquina eleitoral. E é por isso que a bancada gaúcha vai propor “uma reforma radical da lei e dos costumes eleitorais” como “último remédio” e “último apelo” para que não submirja o regime representativo do Brasil, conforme as próprias palavras do líder João Neves.

Ainda há poucos dias, 28 de Maio, o Sr. Heitor Moniz, sob o título “O último apelo” escreveu, no Correio da Manhã, um brilhante e longo artigo, do qual destacamos os seguintes conceitos: “Teórica, ou praticamente, o que temos não vale coisa alguma. Teoricamente, o sistema eleitoral que possuímos é falho e atrasado. O nosso voto cumulativo uma velharia, que hoje em dia, não se usa mais em nações adiantadas. O voto secreto, consignado nas nossas leis, uma pantomima, que não ilude mais a ninguém. Praticamente, o Brasil é o parceiro das fraudes mais escandalosas.

Não só os homens não se constroem de praticar os mais repulsivos estelionatos eleitorais, como as leis, mesmo, não contêm o conjunto necessário de disposições para a punição rápida e rigorosa dos profissionais da trapaça do voto; desde os que subornam o eleitor até que lhe arrancam o sufrágio pela compreensão; desde os que falsificam atas até os que roubam urnas e assaltam seções.”

Tenho, para mim, que essa apelo sofrerá na Câmara um insucesso, que a nossa iniciativa será um fracasso, que esse anseio será rejeitado “in limine” porque os mandões e o dono do Brasil não o aceitarão.

Para coroar toda essa obra maquiavélica, tão digna de seus autores, fala-se com insistência, em uma intervenção federal na Paraíba, requerida pelos seus deputados desconhecidos.

Será mais um golpe de força da maioria, mas uma força exercida contra um pequeno Estado, que está no “index” do ódio, por ter tido a coragem e a altivez de dissentir da candidatura oficial.

A Paraíba, já o afirmou o Dr. João Pessoa, seu ilustre presidente, poderá ser esmagada, mas nunca humilhada. Será um ato de prepotência, um cartel de desafio, revelador de que não querem a harmonia e a paz no seio da família brasileira.

E agora tu, meu caro, nobre e cavalheiresco Rio Grande do Sul, “sans peur et sans reproche” tão cheio de glórias e de tradições, tão ciosos de virtudes e dignidade, tão firme de crenças e de convicções, tão altivo e tão livre, amando a Pátria acima dos partidos, não poderás então cruzar indiferente, displicentemente, os braços.

Nos, republicanos deste Estado, temos a individualidade inconfundível e superior de Borges de Medeiros, o melhor discípulo de Julio de Castilhos, e hoje nosso mestre, para nos guiar, e podemos afirmar, com segurança, à Nação que somos, mais do que nunca, solidários com o preclaro chefe, que perfeitamente encarna as nossas aspirações, que justamente realiza o nosso ideal. O Rio Grande do Sul não fugira nunca dos compromissos que assumiu.

E, para terminar, Srs., eu vos direi com Marden, nas “Harmonias do Bem”: “Ninguém, antes de ser posto à prova, pode calcular do que é capaz”; e “Quando surge uma necessidade, há dentro de nós uma força que responde ao apelo”.

\_ Esse discurso, pela sua oportunidade foi transcrito em vários jornais de Porto Alegre e do Rio de Janeiro.

Passo Fundo, 16 de Novembro de 1935.

Data : 17/11/1935

Título : 189 DISCURSO NA ESCOLA COMPLEMENTAR

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado em 20 de Junho de 1931, no salão nobre da Escola Complementar, quando ali foi inaugurado um retrato meu...



Pronunciado em 20 de Junho de 1931, no salão nobre da Escola Complementar, quando ali foi inaugurado um retrato meu:

- Somente hoje, há poucas horas apenas, pela bondosa indiscrição de um cordial amigo, é que chegou ao meu conhecimento a homenagem que a Escola Complementar de Passo Fundo, em um requinte de extrema gentileza, prestar-me-ia. E então, temendo que a comoção me traísse o pensamento e me embargasse a voz, resolvi escrever as pressas, alguma coisa... e...creio agora que andei bem avisado.

“Depois disto... diante disto... não sei como principio”... disse Ruy Barbosa, agradecendo a memorável manifestação que lhe levara o povo baiano... e assim estou eu.

Frei Francisco de Monte Alverne, o inimitável orador sacro, quando, em 15 de Agosto de 1856, fazia o panegírico de Nossa Senhora da Glória, em sua capela, no Rio de Janeiro, já exclamava: “Há sucessos tão estupendos, que forcem a admiração e o assombro; há feitos tão pasmosos que invalidam a inteligência e geram emoções, que o homem não pode acalmar nem reprimir”.

Sou, nesta festa, cheia de encantamentos, a expressão típica e real da gratidão, e mesmo não sei o que fiz para ser digno de tanto... Ela é, em sua essência, superior aos meus méritos.

Se de fato tenho contribuído pelo progresso desta terra; se é verdade que nunca, em obra alguma, neguei o meu concurso; se em todas as oportunidades estive no posto que me foi marcado pelo cumprimento do dever; não é menor verdade que me sinto perfeitamente recompensado pelas constantes demonstrações de simpatia, de amizade e de considerações que me dispensam. Cultuo, com profundo acatamento, a gratidão, mesmo porque entendo que ela é um dos mais nobres e elevados sentimentos humanos.

Agora dir-vos-ei que tenho dirigido para a instrução publica de Passo Fundo uma carinhosa atenção.

Permiti que vos lembre o trabalho que tive para a construção do alteroso edificio do Colégio Elemental; depois bem sabeis dos esforços para a criação da Escola Complementar e ainda ultimamente, o empenho pelo Grupo Escolar. São três estabelecimentos de ensino, que aí estão prestando beneméritos serviços e pelos quais muito me debati.

E por quê? Porque vejo na instrução o futuro da nossa Pátria, que não deve ser “um logradouro oficial de analfabetismo, museu de ignorantes e de ineptos”.

Precisamos preparar as gerações futuras para o embate da luta pela vida. Esta torna-se cada vez mais difícil; aquela, a instrução, cada vez mais necessária: disseminá-la é obra meritória.

O sol precisa ser, e é, mais forte que a cerração, o bem maior que o mal, a instrução superior à ignorância.

A terra é boa, o agricultor é bom, mas é imprescindível escolher e preparar a boa semente. Esse é o nosso ideal, e este é o esboço que antecede à realidade”.

Aqui, nesta escola, vemos, em sua direção um velho, honrado e reto professor, Sr. Ricardo Hener, cujo nome declino com merecida simpatia, todo dedicado ao seu mandato, sua máxima e única preocupação; um corpo docente apreciável pela sua cultura e pela sua correção, e um corpo discente, conjunto admirável de inteligência, devida, de mocidade, radiante de alegrias e de esperanças.

Sois jovens e lindas patrícias, o primaveril dia de amanhã, a aurora que, sorridente e nova, desponta a alvorada que surge e canta, e, com os melhores agradecimentos, quero terminar, dirigindo para vós, cuja profissão também é um sacerdócio, as palavras que o eminente professor Francisco de Castro pronunciou, em 1897, à turma de doutorandos, e que bem se adaptam ao vosso futuro: “Jornada larga vos espera; tendes que madrugar na meditação e no estudo para chegardes a tempo. Sede dedicadas e perseverantes; compassivas com os que sofrem; generosas com os que não compreendem na vossa missão a excelência do bem; magnânimas com os mal agradecidos e, como as eleitas do Senhor, nas primeiras idades do mundo, as multidões vos hão de ungir e sagrar para os mais belos triunfos no combate da ciência e prol do gênero humano.”

Passo Fundo, 17 de Novembro de 1935.

Data : 18/11/1935

Título : 190 SONETO

Categoria: Memórias

Descrição: Por ocasião do casamento nesta cidade, do Dr. Geraldino Oliveira Xavier, em 27 de Julho de 1918, disse o seguinte...

Por ocasião do casamento nesta cidade, do Dr. Geraldino Oliveira Xavier, em 27 de Julho de 1918, disse o seguinte:

A esplêndida e radiante natureza,  
Nesta época de tristes invernias,  
Engalanou-se – álaçre primavera –  
Num doirado sol,de fantasias.

Assim também a noite iluminou-se,  
No brilho dulçoroso dessa lua,  
Para meiga saudar-te neste dia  
Pra saudar a elegante noiva tua.

Se este humilde soneto é mais que pobre  
De inspiração, de rimas, entretanto  
Tem certamente um fundo muito nobre.

Serás feliz: és bom, são bons os teus.  
Boa saúde, paz, felicidades  
Eis o que, como crente, eu peço a Deus.

– Aquele desventurado colega faleceu, em 13 de Novembro do mesmo ano, em consequência da gripe epidêmica, que assolou o Estado.

– Sob o ponto de vista poético, são maus esses versos, mas são sinceros, e principalmente são meus.

Passo Fundo, 18 de Novembro de 1935.

Data : 18/11/1935

Título : 191 MANIFESTO POLÍTICO

Categoria: Memórias

Descrição: Em 20 de Julho de 1928, dirigi o seguinte manifesto, ao Partido Republicano de Passo Fundo.

Em 20 de Julho de 1928, dirigi o seguinte manifesto, ao Partido Republicano de Passo Fundo.

– Atendendo ao apelo do eminente chefe do pujante Partido Republicano do Rio Grande do Sul, Exmo. Sr. Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, e às constantes solicitações de correligionários deste Município, que sempre, nos bons e nos maus momentos, me tem distinguido e cercado de inequívocas provas de solidariedade, consideração estima, resolvi aceitar a minha candidatura ao cargo de Intendente desta dadivosa terra, no quadriênio de 1928 a 1932.

Nunca aspirei a posição alguma de destaque, e as que modestamente tenho desempenhado devo as injunções do Partido a que pertenço, ao qual venho dedicando, com sinceridade e com prazer, as maiores e as melhores energias da minha vida.

No caso presente, de novo obedeço. Vou trabalhar com devoção à causa pública.

Dispensar-me, e a excusa é justa, de apresentar e descrever um exaustivo programa de governo. Sou contrário ao convencionalismo das longas plataformas, em geral recheadas de abundantes promessas, e que, em geral também, ficam no esquecimento.

Direi, entretanto, em simples e ligeiro resumo, algo de que pretendo fazer. De início, a minha atenção se voltará para as estradas de rodagem, artérias por onde circula o sangue bendito da produção, fonte perene de riqueza. Construindo pontes, melhorando todas as estradas velhas, rasgando novas se possível, estabelecerei o serviço permanente de turmas de reparos, sem o que todo o trabalho será, em pouco tempo, perdido.

À instrução pública vou consagrar especial carinho: tratarei de aumentar, com professores competentes o número das escolas municipais, empenhando esforços no sentido de conseguir do Estado maior subvenção às suas aulas, de modo a abrir novas casas de ensino.

Os distritos terão as suas sedes devida e relativamente melhoradas.

Na cidade, continuarei o calçamento das ruas e avenidas, e outras obras de necessidade e de embelezamento. À propósito do saneamento da sede do município, empreendimento de vulto e de fôlego, em época oportuna será estudado e resolvido.

Enfim, múltiplos e variados são os problemas, de alta relevância, que a edilidade terá de enfrentar, proporcionais todos aos anseios de progresso de Passo Fundo, que marcha hoje, sem favor algum, ao lado dos municípios que constituem a vanguarda do Estado.

Retribuindo ao enobrecedor gesto de confiança dos meus amigos, procurarei, fiel aos ditames da honra, da moral e da justiça, bem servir aos interesses coletivos, amparando-os, sem preconceitos partidários, com todas as grandes forças da minha dedicação e vontade: assim serei digno, ainda uma vez, da terra onde nasci.

Depois de auscultar os mais representativos elementos políticos de todos os recantos do Município, e de inteiro acordo e perfeita harmonia de vista com eles e com o preclaro chefe Dr. Borges de Medeiros, sinto-me autorizado, como diretor do Partido Republicano local, a indicar aos sufrágios dos correligionários os nomes dos candidatos à vice-intendência e ao Conselho:

Para vice-intendente:

Henrique Scarpellini Ghezzi, industrialista residente na cidade.

Para conselheiros:

Ivo José Pereira, farmacêutico residente na cidade.

Eduardo Kurtz, comerciante, residente na cidade.

João de César, construtor, residente na cidade.

Lindolfo Engelmig, fazendeiro, residente no 3º distrito.

Antonio Honaiser, industrialista, residente no 4º distrito, e

Dr. Otto Stahl, médico, residente no 7º distrito.

Estou convencido de que a escolha corresponde às nossas mais puras e legítimas aspirações, pois são todos cidadãos trabalhadores e honrados, bastante conhecido e capazes, companheiros distintos e conceituados, merecedores do mandato que lhes vai ser confiado, e,

por isso, espero, e acredito com segurança, que o nosso Partido, cheio de glórias e de responsabilidades, formando frente única e cumprindo um dever cívico, acorrerá pressuroso às urnas, em 16 de Setembro próximo, dando-lhes, altivamente e de sã consciência, o seu voto.

Passo Fundo, 19 de Novembro de 1935.

Data : 20/11/1935

Título : 192 DISCURSO EM MARAU

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado, no Marau, sede do 5º distrito deste município, em 21 de Fevereiro de 1932, em uma festa republicana.

Pronunciado, no Marau, sede do 5º distrito deste município, em 21 de Fevereiro de 1932, em uma festa republicana. Esse discurso foi publicado no jornal A Luta, do dia 27 do mesmo mês.

A – Homenageastes assim, de uma maneira tão bondosa quão eloquente, o vosso chefe, que se sente profundamente honrado, e o vosso amigo, que se acha muito agradecido.

Chefe e amigo de Marau, e o digo bem com indisfarçável alegria, visto como hei, em todos os momentos, recebido dos meus correligionários aqui residentes, expressivas demonstrações, inderrocáveis provas da mais robusta solidariedade, criando d'est'arte, um elo, hoje mais do que nunca, reforçado, de amizade minha e de respeito meu.

Marau sempre correspondeu ao chamamento cívico: é um grande núcleo de trabalho, mas é também um ninho de republicanos.

É de se ver, de se apreciar e de se admirar essa gente de mão calosa, simples e sensata, trabalhadora e digna, deixar o instrumento agrário de todo o dia, acorrer às urnas, radiante, empunhar a cédula, sagrando os nomes dos seus candidatos; é que ela bem compreenda a necessidade do voto, elegendo aqueles de quem, em parte, dependerá a sua tranqüilidade e o seu futuro.

Não é uma massa amorfa e inconsciente, que obedece aos gestos de um cacique, mas um povo que distingue o joio do trigo, que tem vontade própria e que bem sabe amparar os homens que julgam capazes de cooperar pelo seu progresso pessoal e pela prosperidade da gleba onde moram, pequena célula do grande organismo pátrio.

Sois, nestas paragens, sinceros pioneiros e sentinelas constantes da vida e da pujança do Partido Republicano, zelosos das suas glórias imarcescíveis e das suas honrosas tradições.

O nome de Borges de Medeiros é para nós uma bandeira; é para os riograndenses um símbolo; é para os brasileiros um orgulho. Esse homem, a quem o Brasil há de render, tem que render a mais completa justiça, é a encarnação perfeita dos nossos ideais.

Com todos os requintes de chefe de Estado, com todos os predicados de chefe de Partido, dedicou toda a sua existência ao bem do Rio Grande do Sul, e, no dia em que deixou o seu governo, o fez tranquilamente, no gozo, que só tem os homens bons, de quem cumpriu o seu dever, e rumou para o Irapuãzinho cuidar, depois de velho, um pouco de si, ele que, durante 25 anos, esquecido da sua própria pessoa, só cuidou do bem geral, do bem dos outros.

Hoje, como um exemplo, lá vive ele, trabalhando incessantemente, como vós outros viveis aqui, pela organização das suas finanças, pela satisfação dos seus vultosos compromissos, pela sua subsistência diária.

O nosso chefe é um nome nacional, o maior nome nacional e o Brasil nele muito confia e dele muito espera: não é uma experiência, é uma realidade, e dia virá, quiçá breve, em que iremos buscá-lo em seu retiro, a fim de colocá-lo onde precisa estar, para felicidade do Rio Grande do Sul e da nossa valorosa, rica e bela Pátria.

“Em um país como este, quando um homem chega a brilhar com luz própria e chega a simbolizar uma glória nacional, tem dado da sua grandeza a mais eloquente atestação” (Julio de Castilhos).

Eu tenho pelo nosso partido um inexcedível amor, que venho acariciando desde a mocidade.

Não sou um político profissional, mas sou um soldado extremado do meu Partido. Não quero glórias para mim, mas para ele; por ele tudo quanto hei feito é pouco; para ele penso fazer ainda um pouco mais.

Sou político, e o afirmo com ufania. Não é raro se ouvir a frase: “não sou político” – e isso certos indivíduos o dizem com riso irônico, com tola sobrançeria e com ridículo desprezo.

Por quê? Há algum desdouro em ser político? Não, nunca.

É que eles, pobres ignorantes, confundem insensatamente política com politicagem.

Quem não é político é um indiferente, um insensível, um anestesiado, não ama de veras a sua pátria, não se interessa pelos seus magnos destinos.

Essas estranhas individualidades, “remplis de soi-même” querem as suas comodidades, os seus negócios, amam o seu dinheiro, o seu “eu”, reclamam tudo, e de todos dizem mal: eternos descontentes.

Revolto-me contra esses caricatos patriotas, aos quais bem se poderia aplicar o neologismo de Benjamin Constant: “Pratistismo é o amor incondicional acima de tudo, do prato, da barriga, do interesse, o sentimento que inutiliza, espezinha e conculca o patriotismo”.

“A política, escreveu Ruy Barbosa, afina o espírito humano, educa os povos no conhecimento de si mesmos, desenvolve nos indivíduos a atividade, a coragem, a nobreza, a previsão, a energia; cria, apura, eleva o merecimento. Não é esse jogo da intriga, da inveja e da incapacidade, a que entre nós se deu a alcunha de politicagem. Essa palavra não traduz, ainda, todo o desprezo do objeto significado. Política e politicalha não se confundem, não se parecem, não se relacionam uma com a outra. Antes se negam, se excluem, se repulsam mutuamente, a política é a arte de gerir o Estado, segundo princípios definidos, regras morais, leis escritas ou

tradições respeitáveis. A politicalha é a indústria de o explorar a benefício de interesses pessoais. Constitui a política uma função ou o conjunto das funções do organismo nacional: é o exercício normal das foras de uma nação consciente e senhora de si mesma. A politicalha, pelo contrário é o envenenamento crônico dos povos negligentes e viciosos pela contaminação de parasitas inexoráveis. A política é a higiene dos países moralmente sadios; a politicalha, a malária dos povos de moralidade estragada”.

O Partido Republicano do Rio Grande do Sul deve, nesta hora de apreensões gerais, estar cada vez mais unido para, no momento necessário, mostrar a sua força, a sua vitalidade, esquecendo melindres a bem do interesse coletivo.

Nada pior do que essas lutas estéreis, de ordem íntima, e que são sempre prejudiciais. A propósito, vos citarei um exemplo antigo: quando os Volscos já chegavam, com as suas depredações, às portas da Roma lendária, e os habitantes desta divididos por questiúnculas se negavam a pegar em armas para repelir o elemento invasor, já se dizia Quincio Capitolino, cônsul romano e irmão de Cincinato: “não vos enganeis: os Volscos não desdenham a nossa valentia; eles contam, porém, infelizmente, com as nossas dissensões”.

Felizmente, em Passo Fundo, essas dissensões, dentro do Partido, não existem, e se existem, em pequeno número, desaparecem vencida pela força da nossa coesão partidária, pelo volume do nosso eleitorado e pelo valor dos nossos correligionários.

E precisamos continuar assim: grandes e fortes, e não pequenos e fracos. O indivíduo isolado, por melhor que seja, só vale por si, e o meu prestígio nada mais é do que o reflexo do vosso apoio e da vossa solidariedade.

Eu nada mais sou do que o traço de união entre vós e os altos poderes do Estado e, dest’arte, podeis contar, em todas as emergências, comigo.

Agora, depois destas palavras, devo, agradecendo, e muito, as referências do vosso brilhante orador, que mais falou pelo coração, fazendo vibrar as fibras da sua bondade, dizer-vos que o Centro Republicano, hoje aqui festivamente instalado, e que recebeu o nome de Dr. Araújo Vergueiro, é mais uma corrente que, indissolúvelmente, me prende ao 5º distrito de Passo Fundo, ao qual procurarei servir do melhor modo que possa.

Pela prosperidade do Centro, pela felicidade pessoal dos seus associados, pela grandeza de Marau e pelo engrandecimento do seu povo, laborioso e bom, o amigo certo e dedicado.

Passo Fundo, 20 de Novembro de 1935.

Data : 21/11/1935

Título : 193 DISCURSO EM UMA MANIFESTAÇÃO

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciado no dia 15 de Novembro de 1922.

Pronunciado no dia 15 de Novembro de 1922.

– É com profundo desvanecimento que, por ocasião da passagem do segundo aniversário de minha administração, recebo, dos meus correligionários e amigos, uma vibrante demonstração de apreço, essa grandiosa prova de acatamento, essa imponente demonstração de solidariedade e de apoio.

Como intendente, observo e julgo serenamente os fatos, olhando-os pelo prisma da verdade e do direito, propugnando pelos reais interesses da coletividade, amparando-os, sem esmorecimentos, numa concentração de energias, com todas as grandes forças da minha dedicação e da minha vontade, procurando elevar sempre, e cada vez mais, o municí e cada vez mais, o munico eleso elesar sempre inha dedicaç da verdade e do direito, propugnando pelos reais interesses da colepio onde nasci e onde espero morrer.

Como político, militando desde os saudosos tempos acadêmicos nas fileiras do Partido Republicano, organizado por Julio de Castilhos, continuo a servi-lo com o mesmo ardor da mocidade, sem tibiezas, sem fraquezas, a prestar-lhe hoje, mais do que nunca, os meus serviços, o meu apoio e até a minha vida, se preciso for.

Orgulho-se de atualmente ser o diretor desse grande partido em Passo Fundo, que tem sabido, de modo inequívoco, demonstrar aos olhos do Rio Grande inteiro, o seu valor, a sua força, a sua disciplina, a sua pujança, a sua inquebrantável coesão, e tudo isso porque é um partido que tem chefe, que tem programa, que tem ideias definidas.

Não vivemos pescando em águas turvas; guia-nos um ideal, que nos propulsiona para frente, encorajados e de viseira erguida.

Apoiamos sempre aqueles candidatos que estão dentro das normas partidárias; não somos, como outros, que ontem, em linguagem virulenta, atacavam o Dr. Epiácio Pessoa, para hoje estarem arrojados aos seus pés, numa bajulação sem comentários.

Nós não sofremos da espinha dorsal, que em qualquer posição que se encontre, deve estar sempre em linha reta.

Passemos agora, meus amigos, a tratar das candidaturas à presidência do Estado.

Encontra-se nesta cidade, em propaganda de sua própria candidatura, o Exmo.sr.dr. Assis Brasil, que é um diplomata aposentado, e possuidor, em Pedras Altas, de uma granja modelo.

Como diplomata já vai longe a época em que prestou os seus serviços, por vezes dignos de louvores, e como tal rendo-lhe a minha homenagem, e tiro-lhe o meu chapéu.

Como possuidor da granja, recomendo-o aqueles que desejarem possuir um belo potro, filho de Flying Fox ou um lindo trio de galinhas Leghron, as quais possui melhores que ninguém.

Como político porém, não faz jus a essas aclamações, porque não tem prestado ao nosso Estado os benefícios de que sua inteligência era capaz, vivendo exclusivamente para o seu eu.



Felizmente, o dia 25 está às portas, e S. Ex., cidadão distinto verá que tudo isso é uma ilusão, do valor de um fogo fátuo.

A nossa vitória será estrondosa e memorável, porque assim o deseja a maioria do Rio Grande do Sul, porque assim o quer o ativo e digno Partido Republicano.

Borges de Medeiros, o nosso excelso candidato, vive pobre, todo dedicado ao serviço da causa pública; Borges de Medeiros é uma esperança confirmada; é o pivô seguro de um futuro radiante; é o centro desse sistema econômico e financeiro, que nos orgulha, e sobre o qual gira a paz, a ordem, o progresso desta unidade da Confederação brasileira.

Borges de Medeiros não é uma experiência; é uma prova provada.

Dele já disse, em célebre manifesto, o Dr. Julio Prates de Castilhos: “O acautelamento provido da estabilidade material; o culto fervoroso a manutenção da máxima liberdade espiritual; o respeito irrepreensível tributado às prescrições constitucionais e às leis, a alteza dos intuítos inspiradores da gestão econômica e financeira; a fiscalização inexorável da renda dos impostos; a severidade draconiana da aplicação parcimoniosa e, há um tempo, reprodutiva da receita pública; a difusão contínua do ensino primário, leigo e livre; a execução gradual e atilada das obras de viação terrestre e fluvial e de muitos outros benefícios correspondentes; em suma, uma fúlgida esperança de talento e de saber, posta ao serviço de aprimorada compleição moral e de qualidades práticas: eis o que acentuadamente notabiliza a governação do Dr. Borges de Medeiros”.

O entusiasmo pela re-eleição do nosso candidato é cada vez maior, aumenta e se avoluma a proporção que se aproxima o dia do pleito, que ficara indelével nos anais da nossa história.

Apesar das braçadas, pernadas e gargantas de nossos adversários, num conjunto de idéias heterogêneas, uma verdadeira torre de Babel, sem ideias, sem programas, não colimando outro fim a na ser a posse do governo, desfraldaremos a grande bandeira da vitória.

Os dissidentes da política dominante estão dentro de certas linhas que devem ser acatadas, mas o velho Partido Federalista, que se bate, intransigentemente, pelo parlamentarismo, e que vota num presidencialista “enragé”; o federalismo, que sustenta “ideias não são metais que se fundem” – demonstra que se adapta a qualquer candidato e, pode ficar certo, desaparecerá na voragem e está mandando, desde já, entoar o seu “De profundis” e o seu “requiescat in pace” [descanse em paz].

Srs. – Devemos cerrar fileiras ao redor do nome do Dr. Borges de Medeiros que, há pouco ainda, para o bem do Estado, encampou a Viação Férrea, cujo estado era das piores condições, e que, dia a dia, em passo firme e seguro, a vem colocando em condições de bem atender às necessidades do Rio Grande, decorrentes do seu progresso. É significativo o fato de, em três meses, serem carregadas de Lagoão a Marcelino Ramos para mais de 2000 carros.

Terminando, expresso-vos, mais uma vez, agradecimentos, e fico na certeza de que o Partido Republicano de Passo Fundo saberá, em 25 próximo, cumprir o seu dever.

Passo Fundo, 21 de Novembro de 1935.

Data : 22/11/1935

Título : 194 DISCURSO DA MARIA

Categoria: Memórias

Descrição: Discurso pronunciado por Maria Vergueiro, aluna do Colégio Notre Dame, desta cidade, em 8 de Fevereiro de 1924, por ocasião da visita do Ver. Bispo D. Ático Euzébio da Rocha.

Discurso pronunciado por Maria Vergueiro, aluna do Colégio Notre Dame, desta cidade, em 8 de Fevereiro de 1924, por ocasião da visita do Ver. Bispo D. Ático Euzébio da Rocha.

– Exmo. E Reverendíssimo Sr. Bispo Diocesano.

Sejam as minhas primeiras palavras ao do cônego Alves Mendes, ao falar a D. Américo, cardeal bispo do Porto:

“A benevolência rivalizou sempre a ilustração, e V. Eminência, tão superiormente ilustrado e tão rasgadamente benévolo, não retrairá, por certo, seus indultos a quem, como eu, hoje mais que nunca, os exora e necessita”.

Quis a nímia bondade da querida Diretora escolher-me para apresentar à Vossa Reverendíssima, nesta memorável visita, as saudações, as mais sinceras e entusiásticas, das alunas do Colégio Notre Dame, e cumpro esse mandato com vivo prazer e intenso jubilo, não só pela distinção que me foi conferida como, e principalmente, pela honra insigne de me dirigir a Vossa Reverendíssima, que, percorrendo, em tarefa piedosa, todos os recantos do município de Passo Fundo, tem observado que a nossa santa religião é aqui cuidada com carinho, com zelo e com amor, espargindo sempre seus benéficos raios aos seus milhares de adeptos.

Na cidade, nos povoados, nas colônias, enfim em toda parte, mostrando o caminho do céu, ergue-se a igreja, alterosa ou modesta, cheia de sublimes e grandiosos ensinamentos. E neste recinto escolar, a par de sólida instrução geral, que nos é ministrada pelas nossas caríssimas Irmãs, cultivamos, melhorando sempre, a nossa Fé e a nossa crença em Deus, nosso Senhor, a quem, neste momento, as alunas do Colégio Notre Dame enviam fervorosas as suas preces, rogando pela saúde de Vossa Reverendíssima, ilustre e virtuoso representante de Cristo na terra.

Ao lado das nossas respeitadas homenagens, os mais expressivos agradecimentos.

Salve!

Três vezes salve!

Passo Fundo, 22 de Novembro de 1935.

Data : 23/11/1935

Título : 195 QUADRINHAS AO MANECA

Categoria: Memórias

Descrição: Houve uma época, 1918 a 1924, em que tive o meu consultório médico na Farmácia Serrana, de Ivo José Ferreira, de quem me tornei íntimo amigo.

Houve uma época, 1918 a 1924, em que tive o meu consultório médico na Farmácia Serrana, de Ivo José Ferreira, de quem me tornei íntimo amigo.

Tendo sua digna esposa, em 9 de maio de 1921, dado a luz a um menino, o jornal A Voz da Serra noticiou ter-lhe sido posto o nome de Manoel.

Manoel era o nome do sogro de Ivo, velho fazendeiro e milionário, residente no município de Soledade, e, por isso, resolvi fazer uma brincadeira, enviando, na mesma data, pelo correio, aquele amigo, as quadrinhas abaixo, escritas a máquina, sem mais nenhum esclarecimento.

Foi uma bomba! A Senhora molestou-se e não consentiu que a criança fosse registrada com aquele nome, e sim de Hélio, mas o pequeno ficou com o apelido de Maneca, que conserva até hoje, e como é geralmente conhecido.

O amigo Ivo, passado algum tempo, descobriu o autor das inocentes quadrinhas, e, ainda há pouco, disse-me que as guarda, como lembrança.

Maneca frequenta, atualmente, o Colégio Militar, em Porto Alegre, sendo um excelente estudante.

“Revela espírito prático

O nosso bom boticário,

Colocando no filho o nome

Do velho avô milionário...

Que o Manoel seja feliz,

E haja muitas patacas,

E tenha do avô a benção,

E ainda vinte mil vacas.

Que seja gaúcho lindo,  
De bota, espora e laço;  
Cavalo gordo, aperado,  
Chapéu grande, barbicacho.

No banco, contos de reis,  
No campo, gado zebu;  
Abraços ao pai e filho,  
Do amigo Jeca Tatu.

Passo Fundo, 23 de Novembro de 1935.

Data : 24/11/1935

Título : 196 DISCURSO AO DR. SÉRGIO

Categoria: Memórias

Descrição: Proferido em 20 de Dezembro de 1925, nesta cidade, por ocasião de um banquete oferecido ao Dr. Sérgio Ulrich de Oliveira, então Secretário das Obras Públicas.

Proferido em 20 de Dezembro de 1925, nesta cidade, por ocasião de um banquete oferecido ao Dr. Sérgio Ulrich de Oliveira, então Secretário das Obras Públicas.

– Em nome do Partido Republicano, que tenho a honra de dirigir neste município, cumpro o grato dever de apresentar boas vindas ao digno Dr. Sérgio Ulrich de Oliveira, ilustre secretário das Obras Público das, e em meu nome, particularmente, também o faço, pois orgulho-me de ser amigo desse nosso valoroso correligionário.

Sede bem-vindo!

Alves Mendes, o brilhante e eloquente orador sacro, em sua oração Acadêmica refere que Leonardo da Vinci, sentindo-se desanimado ao colorir a cabeça do Senhor, em sua admirável ceia, só tentou singelamente esboça-la. Assim, Srs., nesta homenagem, essencialmente política, sinto-me pequeno para vos expressar toda a grandeza da satisfação do Partido Republicano desta terra, ao hospedar tão dedicado amigo e tão dedicado defensor da Lei e da Ordem.

Sergio Ulrich de Oliveira, meus amigos, é um nome que se tem imposto à máxima consideração e ao mais elevado apreço deste glorioso Rio Grande do Sul, desta terra amada, que sempre que se faz mister defender a Pátria, quer no exterior, quer no interior, contribui com desassombro e desambição com uma plêiade de heróis, com um pugilo de bravos que vão, com despreocupação pela vida, esculpir, em alto relevo, nas páginas da história, lances homéricos, epopéias gloriosas e imarcescíveis, tornando o vosso nome e o nosso valor cada vez maiores e cada vez mais respeitados.

O Partido Republicano riograndense nunca desejou a guerra, lançada em nossa Pátria por irmãos transviados, que perturbam a Ordem e o Progresso, em um instante em que tanto dela e dele precisamos para soluções de questões em que está empenhada a nossa honra e comprometido o nosso crédito, por irmãos que, cultuando o ódio, em uma sementeira de violências, desperdiçam tantas energias, em uma obsessão mórbida de delírio e de anarquia.

Como bem raciocina Le Bon: “Quanto mais se estuda a História das revoluções, tanto mais se reconhece que elas apenas mudam a fachada. Fazer revoluções é coisa fácil; é muito difícil modificar a alma de um povo”. Eis aí o motivo porque as revoluções no Rio Grande do Sul tem sido sempre sufocadas, pois que não é fácil modificar-se a alma, a essência dessa pujante organização partidária, elaborada por Castilhos e continuada por Borges de Medeiros. A falta de liberdade tem sido sempre o fútil pretexto desses movimentos e, a propósito, ainda ontem, neste recinto, tivemos o ensejo de ouvir a palavra ponderada e insuspeita do embaixador italiano Barão Julio Cezar Montagna que, em brilhantes e entusiásticas frases, teceu um hino à liberdade existente em nosso Estado.

É preciso não confundir, no entretanto, liberdade com licença. Aquela se opera dentro dos princípios da justiça; esta, tão desejada pelos nossos adversários, seria a fonte permanente de vinganças, de violências e de ódios. E é por isso, por esse ideal, que todos nós nos batemos, de frente erguida, de peito descoberto e de consciência serena, agindo sempre ao redor desse vulto eminente, que é Borges de Medeiros.

Por ocasião da visita da maioria republicana da Assembleia ao Presidente do Estado, a 15 do corrente, S. Ex., em notável discurso de agradecimento às saudações que lhe foram dirigidas, emitiu os seguintes conceitos que transcrevo: “Sois a geração nova, predestinada a conservar, melhorar e transmitir engrandecida aos vindouros a obra gloriosa que os antepassados nos legaram. Cumpre, pois, a todos nós empenhar esforços não só para sustentar esse edifício que aí está soberbo, desafiando a cólera dos tempos, mas preparar também a sua duração até a eternidade, se possível for, com penetrando-nos da necessidade de jamais abandonar esse ideal de continuidade e de aperfeiçoamento refletido”.

Srs. – O que o Rio Grande do Sul quer é a paz e não nos deve preocupar o passado... cubramo-lo com o manto do esquecimento e aproveitemos dele a rude e forte experiência para nos conduzirmos nos empreendimentos do futuro.

Dr. Sergio – Passo Fundo republicano, pelo que de mais representativo possui, autoriza-me a dizer-vos que, há muito, com júbilo, vem observando a vossa brilhante trajetória no cenário político, e o Rio Grande do Sul republicano tem muito a esperar da vossa inteligência, da vossa cultura, da vossa dedicação e do vosso civismo.

Dr. Sérgio, eu vos saúdo com abundância d'alma.

Passo Fundo, 24 de Novembro de 1935.

Data : 25/11/1935

Título : 197 MANIFESTO POLÍTICO

Categoria: Memórias

Em 14 de Julho de 1924, em uma reunião do Partido Republicano, no Clube Pinheiro Machado, desta cidade, li o seguinte manifesto: “Ao Partido Republicano de Passo Fundo”, o qual foi profusamente distribuído em todo o município.

– Terminando, a 15 de Novembro próximo, o mandato intencional que me foi confiado pelo Partido Republicano de Passo Fundo, e tendo de realizar-se, como é de lei, sessenta dias antes a eleição dos diversos cargos, venho, na qualidade de seu diretor local, apresentar ao eleitorado os nomes daqueles que devem merecer os seus votos.

É claro que, para tal, foram consultadas, serenamente, a opinião dos próceres do município e a do preclaro chefe Dr. Borges de Medeiros, obedecendo d’est’arte, à históricas e salutarex praxes do nosso glorioso Partido.

Tenho completa convicção de que este, sempre tão coeso e pujante, em diversos prélios memoráveis, na paz como na guerra, bem cõscio de suas responsabilidades, acorrerá às urnas, sufragando os seus candidatos, para sua honra e para sua glória.

Em se tratando de uma eleição de magna importância para esta terra, é imprescindível que todo correligionário, naquele dia, deposite, sem hesitações, na urna o seu voto, e, como disciplinado, que essa seja nos candidatos oficiais do Partido, cuja proclamação, por ordem do eminente Dr. Borges de Medeiros, foi feita pela A Federação, em 17 de Junho findo.

Essa unidade de vistas entre o chefe e os seus correligionários, essa indefectível e inteligente solidariedade, essa disciplina partidária consciente, é que faz a grandeza do Partido Republicano riograndense. A disciplina, já afirmou um ilustre escritor e político, dignamente praticada, em que o chefe reconhece a personalidade de cada um de seus comandados, e, em que cada um destes voluntariamente abdica alguma coisa de si própria, como tributo à coletividade, é a força criadora dos partidos, e os partidos desse modo organizados e harmonizados perante a lei é que formam a estrutura política da nação.

Assim votando, cumpre-se um dever cívico tanto mais imperioso quanto é certo que a escolha, correspondendo às mais legítimas aspirações do partido e do município recaiu em companheiros de alta distinção e de verdadeiro mérito, como sejam:

Para intendente:

Armando Araújo Annes

Para vice-intendente:

Henrique Scarpellini Ghezzi

Para conselheiros:

Antonio Augusto Graeff

Dr. Ney de Lima Costa

Maximiliano Pereira Ávila

Dr. Piero Sassi

Aparício Langaro

Napoleão Antunes Almeida

– Do distinto candidato à curul intencional, Armando Araújo Annes, reporto-me, com vivo prazer, às palavras expressas, em telegrama, que, por um grupo de amigos, me foi dirigido, quando em Porto Alegre:– “trata-se de um digno correligionário, de comprovada lealdade republicana, alheio às lutas de campanário, de uma austeridade de caráter modelar e portador de um nome tradicional na política republicana local”.

Nessa síntese admirável diz-se tudo que bem possa recomendar o nome do acatado patricio aos sufrágios de seus pares.

Armando Araújo Annes é hoje uma esperança que surge, transformada amanhã, e disso temos robusta certeza, em brilhante realidade, pois muitos são os dotes que aprimoram, enobrecem e ilustram o seu espírito, e muitos são os elos, fortes e superiores que o prendem à esta terra.

– Quanto à vice-intendência, não poderia ter sido mais acertada a indicação, visto ter focado o nome do valoroso companheiro Henrique Scarpellini Ghezzi, de vida pública não muito longa, mas suficiente para destacar, em relevo, seus valiosos serviços, sua firme e leal dedicação partidária e, mormente, sua notável integridade de caráter, que o eleva a um conceito, não comum, entre os seus amigos.

– Sobre os candidatos ao Conselho Municipal, deles asseguro que são todos cidadãos inteligentes, honrados e laboriosos, dignos servidores da causa pública, capazes de bem e lealmente desempenharem a elevada investidura para que, certamente, serão eleitos em comício, que mais será uma apoteose.

Desse modo falo, seguro e confiante, em face das extraordinárias e inequívocas demonstrações de aplausos, de simpatia e de solidariedade, que me chegam de todos os recantos do município em torno dos nosso candidatos.

– Para finalizar, seja-me lícito, no dia comemorativo do 33º aniversário da Lei Orgânica do Estado, a Constituição do Rio Grande do Sul, recordar o vulto grandioso, e cada vez maior, de Julio de Castilhos, através das suas próprias palavras, que se ajustam perfeitamente ao momento: “Julgo-me no direito de endereçar, nesse sentido, a todos os meus correligionários um apelo de honra. Mantenha-se cada um no seu posto de sempre; cumpra cada um o seu valor inviolável; contribuam todos, com exuberância d’alma, para a mais completa unificação de intuítos elevados e de iniciativas conscientes. Nem desavenças, nem rivalidades, nem dispersão

de esforços. Um por todos, todos por um. Mais do nunca essa deve ser a nossa divisa sagrada”.  
Às urnas, correligionários, em 16 de Setembro.

Passo Fundo, 25 de Novembro de 1935.

Data : 26/11/1935

Título : 198 AVESTRUZ E MACACOS

Categoria: Memórias

Descrição: Escrito em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, em 10 de Maio de 1934.

Escrito em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, em 10 de Maio de 1934.

– Quando se curava do movimento revolucionário de 1930, o Sr. Oswaldo Aranha, o seu grande animador, espalhou por todo o rio Grande do Sul, uma série, não pequena, de chaves telegráficas.

Dizem que, em uma delas, maçado significava fuzil; banana, munição para o mesmo; avestruz, metralhadora e ovos, munição para essa.

Contavam, em Libres, que um “coronel provisório” da cidade fronteiriça brasileira, endereçava, deste modo, um telegrama aquele político:

“Preciso avestruz ponha quinhentos ovos por minuto” e que, mais tarde, tendo recebido armamento, não em boas condições, redigira um novo, e também notável, despacho: “Recebi macacos e bananas. Macacos descalibrados, muitos sem alça de mira. Bananas de festim, sem pólvora”.

Será talvez pilheria, e assim creio, de algum exilado, mas, em todo caso, e por troça também, a consigna.

Passo Fundo, 26 de Novembro de 1935.



Data : 27/11/1935

Título : 199 GENTE NOVA

Categoria: Memórias

Descrição: Escrito em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82, em 18 de Maio de 1934.

Escrito em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82, em 18 de Maio de 1934.

– Um dos maiores motivos levantados contra o Sr. Washington Luis foi, sem sombra de dúvida, querer o mesmo teimosamente “impor à Nação” a candidatura, à presidência da República, do seu predileto amigo Sr. Julio Prestes, imposição prestigiada, no entretanto, por 17 Estados, contra Paraíba, Minas e Rio Grande do Sul.

Esse procedimento do Sr. Washington Luis, comparado com o atual do teimoso Sr. Getúlio Vargas, é pinto, é canja, como, de vulgar, se diz.

Formularam-se as mais graves acusações da desonestidade contra a República Velha; convenceram ao povo de que os quatro cavalheiros de Apocalipse, fome, peste, guerra e morte, estavam de viagem, em marcha batida, para o Brasil; de que tudo isso era uma imensa verdade; de que o País, enorme queijo cheio de ratos, estava as portas da bancarrota, e de que, muito logo, haveria miséria e desgraça de todo tamanho; criaram, enfim, um ambiente moral propício e deflagraram o movimento.

Contribuíram também para o mesmo, a degola dos deputados eleitos pela Paraíba e outras tristes ocorrências posteriores desenroladas no pequeno e valoroso Estado do Norte, acontecimentos deploráveis, que serviram para inflamar mais a opinião pública, e acender-lhe o facho da revolta.

De um momento para outro, viu-se no poder o Sr. Getúlio Vargas.

Dizia-se que o país estava cansado de velhos, ansiava por gente nova e moça, por uma política nova e sadia e por uma era nova de progresso e de prosperidade. Vai bem a molde, transcrever aqui algumas palavras de Nitti, n.º A inquietação do mundo”: “nada há mais estúpido do que falar de uma política jovem para designar uma política enérgica. Os jovens do nosso tempo, em todas as formas de atividade, não fazem outra coisa senão seguir ideias e tendências de homens velhos. No campo do espírito, na ação do pensamento, na política, não há nenhuma distinção entre velhos e jovens, mas entre homens inteligentes e homens estúpidos, entre homens cultos e homens ignorantes, entre homens virtuosos e homens corrompidos, entre homens enérgicos e homens fracos”.

Os tais jovens da República Nova, em um requinte de gozo, iniciaram-se derrubando antigos funcionários, alguns vitalícios, com flagrante desrespeito à Lei, e entre eles o ilustre Dr. Carlos Penafiel, genro do patriarca Julio de Castilhos.

As cadeias de São Paulo encheram-se, em um luxo de gala, dos mais destacados elementos sociais e políticos do poderoso Estado, como reles criminosos.

A primeira preocupação nos ministérios e repartições públicas foi descobrir as bandalheiras do “barbado”.

Caravanas de detetives, a pingues vencimentos, durante semanas meses, de mangas arregaçadas, derrubaram gavetas, abriram cofres e armários, remexeram papeis, fizeram cálculos, contaram vintém por vintém, examinaram tudo e tudo, e o que descobriram? Nada, absolutamente nada, porque o Sr. Washington Luis foi e é um homem honrado, e a sua passagem pelo governo, quer de São Paulo, quer do Brasil, exuberantemente o demonstrou.

Em seguida, foi enxurrada de leis e de decretos, legislação precipitada e tumultuária, que deixava todo mundo perplexo e estupefato.

Depois, outros decretos e outras leis, interpretativas das primeiras, que mais pareciam charadas e enigmas.

Não raro são os decretos e as leis tornando sem efeito as primitivas, como por exemplo, para citar um, a revogação do decreto n.º 23.264 de 23 de Outubro de 1933, que mandou aplicar, aos produtos originários ou provenientes da França, a tarifa geral em dobro.

A imprensa, que é a voz do povo, viu-se abafada, amordaçada, e ai daquele que infringia a iníqua censura: o responsável era preso algumas vezes e deportado outras. O eterno “pagão” e sofredor, vítima paciente de intermináveis impostos e multas, tinha que ignorar os grandes planos políticos, econômicos e financeiros, a bem da consolidação dos novos e áureos tempos regeneradores.

Os revolucionários, sensatos e de boa fé, acreditavam que a ditadura fosse apenas de alguns meses, dentro dos bonitos postulados da Aliança Liberal, e que o Brasil se reintegraria o quanto antes no quadro constitucional; julgavam que a lei eleitoral fosse objeto de imediato estudo e elaboração; esperavam que a eleição para deputados à Constituinte fosse o retrato da opinião nacional; ansiavam por uma Constituição modelar; aspiravam eleger, dentro de uma fórmula verdadeiramente republicana, o novo presidente; queriam ver, enfim, o Brasil unido e rico, próspero e feliz.

De São Paulo tudo se tirava e nada se lhe dava, até que um dia, exausto de tanto martírio, como um só homem, uma só vontade, uma só energia, lavrando, em gesto leonino, o seu vibrante protesto, lavrou, com o sangue dos seus valentes filhos, as humilhações, os sofrimentos.

Proclamada, com a queda do império, em 15 de Novembro de 1889, a República, tivemos 15 meses depois, em 24 de Fevereiro de 1891, a carta magna do País, mas na ditadura do Sr. Getúlio Vargas só a conseguimos depois de 43 meses. O ditador armou bem a máquina, por meio dos seus interventores, que se tornaram, em geral, chefes de partidos, os quais, por sua vez e ao seu modo, elegeram os “melhores” constituintes que, afinal, agradecidos e surdos ao clamor das ruas, vão elegê-lo presidente constitucional.

Poderiam os novos dirigentes fazer uma obra administrativamente boa e bem intencionada, se não estivessem, tão a fundo, contaminados do vírus maléfico, que derrubou o governo em 1930, agravado pelo ódio que é cego, e pela vingança que é louca.

Diante da crise, medicamente falando, de que sofreu o Brasil, chega-se, como o Robinson, de Nitti, a pensar que tinha razão um velho músico italiano, quando dizia, depois de ouvir os exóticos jazz-bands e os clássicos chimis: “voltemos ao antigo e será um progresso”.

Passo Fundo, 27 de Novembro de 1935.

Data : 28/11/1935

Título : 200 EXILADOS

Categoria: Memórias

Descrição: Durante o ano de 1933, estiveram, na Argentina e no Uruguai, exilados por solidariedade à revolução paulista de 1932, os seguintes brasileiros...

Durante o ano de 1933, estiveram, na Argentina e no Uruguai, exilados por solidariedade à revolução paulista de 1932, os seguintes brasileiros:

1	Dr. João Neves da Fontoura	advogado	Argentina	Buenos Aires
2	Dr. Victor Graeff	advogado	Argentina	Buenos Aires
3	Dr. Aníbal Loureiro	advogado	Argentina	Buenos Aires
4	Dr. João Baptista Luzardo	advogado	Argentina	Buenos Aires
5	Dr. Ibrahim Nobre	advogado	Argentina	Buenos Aires
6	Dr. José Carlos Pereira	advogado	Argentina	Buenos Aires
7	Dr. Glycerio Alves	advogado	Uruguai	Rivera
8	Dr. Flory Azevedo	advogado	Uruguai	Rivera
9	Dr. Mario da Matta	advogado	Uruguai	Rivera
0	Dr. Firmino Paim	advogado	Uruguai	Rivera
1	Dr. Rony Lopes	advogado	Uruguai	Rivera
	Dr. Waldemar Rippol	advogado	Uruguai	Rivera
	Dr. João Gonçalves Viana	advogado	Argentina	Libres
4	Dr. Manoel Ferreira	médico	Uruguai	Rivera
1	Dr. Delfino Resende	médico	Argentina	Buenos Aires

6	Dr. Nicolau Vergueiro	médico	Argentina	Buenos Aires
7	Dr. Raul Pila	médico	Uruguai	Rivera
8	Dr. Dalcio Arnome	médico	Uruguai	Mello
9	Lindolfo Collor	jornalista	Argentina	Buenos Aires
	Austragésilo de Athayde	jornalista	Argentina	Buenos Aires
1	Clarimundo Flores	jornalista	Argentina	Libres
2	Ulysses Machado	jornalista	Uruguai	Mello
3	João Lagomarsino	intendente	Argentina	Buenos Aires
4	João Garcia Cony	intendente	Argentina	São Tomé
5	Turíbio Gomes	intendente	Uruguai	Rivera
	Dr. Armando Pereira	engenheiro	Argentina	Buenos Aires
7	Dr. Mario Cabral	engenheiro	Argentina	Buenos Aires
8	Anacleto Firpo	comerciante	Uruguai	Rio Branco
9	Outubrino de Mattos	comerciante	Argentina	Apostoles
0	Octacílio Fernandes	func. público	Argentina	Buenos Aires
1	Sylvio Nunes	func. público	Argentina	Libres
2	Aristides Pedroso	func. público	Argentina	Libres
	Luiz Azevedo	func. público	Uruguai	Rivera
4	Oswaldo Palma	fazenda	Argentina	Libres
5	Coronel Brasílio Taborda	militar	Argentina	Buenos Aires
6	Coronel Euclides Figueiredo	militar	Argentina	Buenos Aires
	Coronel Palimercio Resende	militar	Argentina	Buenos Aires
8	Major Lysias Rodrigues	militar	Argentina	Buenos Aires
9	Major Cyro Vidal	militar	Argentina	Buenos Aires
0	Major Ivo Borges	militar	Argentina	Buenos Aires
1	Cap. Adherbal Oliveira	militar	Argentina	Buenos Aires
2	Cap. Joaquim Alves Bastos	militar	Argentina	Buenos Aires
3	Cap. Arthur Motta Lima	militar	Argentina	Buenos Aires
4	Cap. Dalício Menna Barreto	militar	Argentina	Buenos Aires
5	Cap. Floriano Peixoto Keller	militar	Argentina	São Xavier
6	Tenente Orsini	militar	Argentina	Buenos Aires
7	Tenente Vicente Saguas	militar	Argentina	Buenos Aires
8	Tenente Aristides Leite Penteadó	militar	Argentina	Buenos Aires

9	Tenente Carlos Ximenes	militar Argentina	Buenos Aires
0	Tenente João da Costa Ferreira	militar Argentina	Buenos Aires
	Tenente Gasbypo Chagas Pereira	militar Argentina	Libres
	Tenente Leonardo Ribeiro Filho	militar Uruguai	Rivera
3	Sargento Lorival Lopes	militar Uruguai	Rivera
4	Sargento Homero Barreto	militar Uruguai	Rivera

Observações:

n.º12 – foi assassinado, em Rivera, no dia 31 de Janeiro de 1934.

n.º 13 – suicidou-se, em Uruguaiana, em Abril de 1934.

n.º 41 – em um desastre de avião, ao sair de São Paulo com destino a Mato Grosso, ficou gravemente ferido, sendo internado no Hospital militar de Cambuci, onde o visitei, em princípios de Junho de 1934. Ficou completamente cego. Viajava pilotando o aparelho, um coronel, que faleceu horas depois.

n.º 43 – faleceu, em Curitiba, vítima de desastre de avião, em Maio de 1934.

Passo Fundo, 28 de Novembro de 1935.

Data : 29/11/1935

Título : 201 PEDRO AURELIO

Categoria: Memórias

Descrição: Escrito, no dia 20 de Maio de 1934, em São Pulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82.

Escrito, no dia 20 de Maio de 1934, em São Pulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82.

– Quando de todos os quadrantes do País, chegaram, quase como prece de enfermo grave, fervorosa e sincera, manifestações da mais intensa simpatia e da mais viva solidariedade à candidatura do General Pedro Aurélio de Góes Monteiro à presidência constitucional da República houve, por parte de S. S., ao que dizem e ao que parece, um espantoso receio, avantajado passo atrás que, se não obedeceu a um plano, fatalmente o levará, de modo

fragoroso, ao abismo do esquecimento, ao pó da indiferença, ou, o que é pior, ao desprezo da opinião pública.

Não se deve precipitar um juízo temerário e de relancina, por isso que o cenário político da capital da República, e do resto de todo o País, é um intrincado labirinto, e ninguém melhor do que o ilustre militar conhece-lhe os caminhos e os segredos das vielas.

Creio, e com sinceridade, que o distinto titular enxergou alvo muito grave pela frente, algum negro fantasma, como o desencadeamento de uma guerra civil que, de fato, pelos seus inomináveis horrores, deve sempre ser evitada, embora com sacrifícios.

Uma boa retirada, em certos momentos, é uma batalha ganha, e é provável que o general haja usado dessa estratégia, para amanhã, em melhores condições, dar decisivo golpe, seco e rápido, com todas as probabilidades de êxito, mas o tempo corre ligeiro, a oportunidade, uma vez perdida, não se encontra mais, e, sobretudo, não se esqueça o “homem forte” de que a sua passagem pelo Ministério da Guerra talvez esteja com os dias contados.

Góes Monteiro é exímio pescador de “pirarucus”, mas Getúlio Vargas é hábil comedor de pirarucus...

S.S., pela sua posição atual, é a mais alta autoridade militar e, por isso mesmo, a de maior responsabilidade, e tem um pesado fardo às costas: ou leva a Nação, com o Exército, para a glória, ou então, mudo, pálido e de cabeça baixa, há de vê-lo vencido pelo caudilhismo, pelos honorários, pelos provisórios.

Esse é o grande dilema.

É o “decifra-me ou devoro-te” da lenda.

Aprecio o general Góes Monteiro pela sua inteligência e pela sua cultura, pela sua honestidade e pelo seu amor cívico, mas desgostam-me profundamente as suas contínuas e pilhéricas entrevistas.

A palavra é prata, mas o silêncio, principalmente em política é ouro.

O brioso Ministro da Guerra, pela austeridade do seu próprio cargo e pela excepcional gravidade do momento que se atravessa, deveria ser mais discreto, mais circunspeto... da popularidade, pela estrada tortuosa dos “equivocos” à vulgaridade a distância é pequena, e o velho exemplo do Capitolino à rocha Tarpeia é uma verdade que, constantemente, se vem reproduzindo.

Góes Monteiro, melhor do que ninguém, sabe que a vitória de Wellington sobre Napoleão, em Waterloo, foi devida a teimosa indecisão de Grouchy, apesar do grito veemente de Gerard, aplaudido com vibração, por quase todos os oficiais e praças da coluna, que perseguia o exército prussiano de Blücher:

“il faut marcher au canon”

Medite, Pedro Aurélio sobre “el cuento” tome animo, resolva, decida-se, assumo o comando, mande ruflar os tambores e ordene aos seus soldados:

“allors, enfants”

e raiará, pelo Brasil, um nosso e novo

“le jour de gloire”

Acredito, mas não muito, é quase nada mesmo, na ação, neste momento, do general, mas confio, com segurança, na energia e no valor do glorioso Exército de minha Pátria, que nunca soube, não quer e não pode viver enxovalhado.

Haverá alguém que possa, de sua consciência, dentro da moral e da razão, afirmar que o nosso estado político, econômico, financeiro, melhorou com o governo provisório?

Não, absolutamente não.

Temos retrogradado em tudo.

Precisamos de alguém que salve o Brasil, e esse alguém só pode ser o exército, que é a expressão máxima da força, garantia da lei, guarda avançada da honra, sentinela vigilante do bem e da prosperidade do País.

Não lhe cumpre só zelar pela nossa integridade física...

Passo Fundo, 29 de Novembro de 1935.

Data : 30/11/1935

Título : 202 UMA NOITE NO EXÍLIO

Categoria: Memórias

Descrição: Escrito em São Paulo, no dia 21 de Maio de 1934, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82.

Escrito em São Paulo, no dia 21 de Maio de 1934, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82.

Entre os bons amigos que encontrei em Libres, no exílio, Octacílio Fernandes, Sylvio Nunes, Aristides Pedroso, Gasbypo das Chagas Pereira, Vicente Saguas, João Garcia Cony e Oswaldo Palma, cuja distinção não sei e não posso fazer, houve, no entretanto, um, o último, que desde logo, me chamou a atenção e por vários motivos.

Cerca de 33 anos, olhos pequenos e vivos, claro, alto, de grande barba negra, basta cabeleira caindo-lhe sobre os ombros, vestido, a rigor, de autêntico gaúcho, cantador de modinhas, tocador de violão, inteligente, generoso, muito alegre, mas de temperamento delicado e excessivamente nervoso.

Educado nos Estados Unidos da América do Norte, falando diversas línguas, com apreciável cultura, Palma sempre se revelou uma grande alma e um imenso coração generoso. Só não dava

uma esmola quando não tinha dinheiro, ou quando lho faltava “cambio” e presenciei, de uma feita, trocar um “peso” o único que tinha, para dar, sorridente, 20 centavos a um pobre que lhe estendera a mão.

O seu quarto era uma miscelânea, tinha de tudo, principalmente revistas, livros, jornais brasileiros, argentinos, uruguaiois, americanos, espalhados por toda a parte.

Era seu costume levantar-se às 3 horas da tarde, argentinas, o que significa 4 no Brasil.

Tornamo-nos íntimos.

Serviam o jantar às 9 da noite, de modo que só às 10 ½ terminávamos a refeição.

Mesa grande, todos exilados.

Frequentemente a palestra, sempre sobre política e assuntos do Brasil, era viva, acalorada, azedando-se às vezes, mas sem maiores aborrecimentos.

Não raros eram os dias em que, troca, dos apenas cumprimentos, não falávamos, correndo “el puchero” em profundo silêncio e nenhum se atrevendo a rompê-lo: eram as saudades cruciantes dos pagos que nos embargavam a voz. Fagundes Varela, nas “Vozes da América” escreveu um dia:

“Passei tristonho dos salões no meio,  
Atravessei as turbulentas praças  
Curvado ao peso de uma sina escura;  
As turbas contemplaram-me sorrindo,  
Mas ninguém divisou a dor sem termos  
Que as fibras do meu peito espedaçava,  
O exilado está só em toda parte.”

O nosso principal passeio, quase que único, era ao redor da grande praça da Igreja de São José, toda calçada de mosaico e com um lindo jardim, onde sobressaíam centenas de roseiras. Foi aí, nessa praça, que o prezado amigo, Dr. Victor Graeff, dedicado companheiro de viagem e de quarto, pronunciou, por ocasião de uma festa pátria argentina, em nome dos exilados brasileiros, um discurso daqueles que ninguém melhor do que ele sabe fazer e dizer, brilhante oração que, merecidamente, lhe granjeou, e à nós também, as melhores simpatias.

Dividíamos-nos e pequenos grupos, fazendo muitas voltas pela praça, sentando-nos depois para melhor apreciarmos a elite da sociedade librense, que ali se reunia à tarde e à noite.

Para nós, as saudações comuns: buenas noches, señor, mas para o Victor só se ouvia, e a todo instante, adiós, Victor; adiós, Victor, expressão de afeto e de intimidade. Pudera! Se era o único solteiro, jovem, talentoso, de esmerada elegância e o nosso representante em todas as festas e bailes!...

Cerca de meia noite, depois de lançarmos um olhar saudoso para as luzes de Uruguaiana, que resplandeciam do outro lado do Uruguai, recolhíamos-nos, como pesadas sombras ao hotel.

Victor seguira a Buenos Aires, e Palma vinha todas as noites ler e conversar comigo ate altas horas da madrugada.



Líamos Keyserling, Soiza Reilly, Roldan, Amado Nervo, Guido y Spano, Sarmiento, Marianni, Horácio Quiroga e outros autores.

Veio-nos às mãos um folheto de Francisco Waldomiro Lorenz sobre “Elementos de quiromancia” ou melhor de “quirosofia” como que Sana Khan, cuja leitura iniciamos com relativa curiosidade, observando, ao mesmo tempo, as nossas mãos.

Mais tarde, João Neves da Fontoura, sabedor, por Baptista Luzardo, do nosso estudo, enviou-me, de Buenos Aires, com expressiva dedicatória um tratado de Desbarrolles: *Les mystères de la main*.

Lá pelas três da manhã encontramos a descrição da linha da intuição, denominada também, mercuriana, e que parte do monte de Mercúrio e estende-se verticalmente, chegando muitas vezes a unir-se com a linha do destino. Essa linha é bem acentuada nas pessoas dotadas de faculdades mediúnicas. Nas minhas mãos não se revelava, mas nas do Palma sim, e nitidamente.

Nessa ocasião, Palma, entre outros interessantes comentários, lembrando, com carinho, o nosso prezado Dr. Adão Araújo, me referiu que, de fato, ele era médium escrevente, e que não se dedicava ao assunto, faltando-lhe, portanto, o necessário aperfeiçoamento.

Palma, de um momento para outro, torna-se muito pálido, de respiração ofegante, de contrações violentas, de gestos bruscos, e lança mão de um lápis e de um bloco de papel, escrevendo as várias folhas que guardo em meu poder, e cuja transcrição passo a fazer:

Depois de traçar em uma folha riscos concêntricos, tão fortes que chegam a rasgá-la, escreveu na 2ª por duas vezes a palavra Vergueiro, e na 3ª: “eu quero lhe falar, eu sou o amigo Sebastião Soares, diga se recorda de mim” e continuou na 4ª “eu sempre lhe quis bem, eu fui morto em São Jerônimo” e por diversas vezes escreveu o nome dessa cidade. Imediatamente, na 5ª: “o senhor já não se lembra de mim, fui morto em 3 de Agosto de 1927. Recorda-se? Não. O senhor diga o que quer de mim?”

Na folha seguinte, continuou deste modo: “é isto que eu quero para o senhor: o seu bem e o dos seus. Situação difícil e futuro muito incerto. Ouça a palavra de fé e de bondade para quem já deixou essa vida de sacrifícios, quase todos de uma completa inutilidade. Ouça, uma grande desgraça ameaça o Brasil; ouça, o tempo dirá quais os bons, quais os maus filhos que enlutam os lares sem terem a menor noção de um gesto de humanidade, tudo é vaidade”.

Foi quando pedi que dissesse qual o bom e qual o mau, respondendo-me assim na 7ª: “o que o senhor pergunta é próprio dos que aí vivem; eu já passei para outra vida; aqui tudo é calmo; sinto uma grande pena pelos que aí vivem a sonhar com o reino da paz, que jamais terão na terra. Ainda vou lhe dizer, não acuso, amo a todos porque todos terão que passar por graves provações para poderem se purificar. A intenção será boa, mas o senhor garante que depois da guerra todos se irmanarão?” Logo após, na 8ª: “ouça os bons sempre passam, como é natural, despercebidos, porque os maus são os que surgem adiante dos acontecimentos que sacodem os países, que anseiam pela paz e pela regeneração dos costumes; os movimentos armados trazem sempre esse grande inconveniente. Adeus. Sebastião Soares”.

Lembrei-me então de perguntar, o que fiz mentalmente, se Sebastião queria uma oração ou de que precisava, escrevendo o médium, por último: “Basta a sua oração, sou feliz. Adeus aos dois, sempre poderei voltar, sou liberto. Adeus. Sebastião Soares”. Palma despertou, dispnéico, e eu lhe tomei o pulso, constatando 120; abri a janela para lhe dar um pouco mais de ar. Levantou-

se caminhou a passos largos, movimentando os braços, abraçou-me em seguida, dizendo-me tão somente: “boa noite, amigo”.

Eram 5 horas da manhã, do dia 16 de Agosto de 1933.

Acompanhei-o, de longe, até entrar em seu quarto.

No outro dia, todos os exilados, a quem nada absolutamente referi, perguntavam-me o que havia acontecido ao Palma, que tinha uma expressão muito abatida e aspecto de quem estava enfermo.

O prezado companheiro, de quem recordo-me sempre com saudades, contou-me que dormia bem, acordando-se um pouco estonteado e que sentia apenas algumas dores vagas nas pernas e nos braços.

Quando lhe mostrei o que escrevera, leu atentamente, afirmando de nada se recordar.

Não bordo, de momento, nenhum comentário sobre o que aí fica relatado. Até hoje não posso me lembrar de Sebastião Soares, mas vou fazer séria e severa indagação a respeito.

Passo Fundo, 30 de Novembro de 1935.

Data : 30/11/1935

Título : 203 DOIS ESCLARECIMENTOS

Categoria: Memórias

Descrição: Em 15 de Junho de 1934, escrevi, em São Paulo, o seguinte...

Em 15 de Junho de 1934, escrevi, em São Paulo, o seguinte:

– Hoje, às 3 horas da tarde, quando subia a Avenida de São João, em direção ao Hotel Aurora, sito à rua Aurora, n.º 82, onde, no quarto n.º8, estou hospedado, encontrei-me com Nilo Tocantins, conhecido e amigo do Rio Grande do Sul, onde, em Janeiro de 1923, servira, sob as minhas ordens, na defesa da cidade de Passo Fundo, sitiada pelos libertadores.

Nilo, a quem coubera difícil e perigosa posição, nas proximidades do cemitério, revelou-se, com um pugilo de bravos, um homem verdadeiramente valente e audacioso.

Depois do sítio serviu o mesmo no 6.º Corpo Auxiliar da Brigada Militar, onde prestou magníficos serviços.

Em 1925, perdi-o de vistas, dele tendo apenas vagas notícias.

O nosso encontro, como era natural, foi muito amistoso, e viemos para o hotel onde, tomando chimarrão, recordamos aqueles tempos revolucionários.

Nilo referiu-me ter servido à causa de São Paulo, em 1932, sob o comando do Coronel Euclides Figueiredo.

No decorrer da nossa palestra, lembrando nomes dos que estiveram com Nilo, em 1923, disse-me entre outras coisas, o seguinte: “Os meus homens eram, de fato, valentes e dispostos, e o meu braço direito era o Sebastião Soares, que era, Dr., muito seu amigo”.

Ao ouvir, entre pasmo e satisfeito esse nome, indaguei-lhe com viva curiosidade do mesmo, sabendo que era um rapaz claro, alto, forte, corajoso e que, segundo constava a Nilo, já era falecido.

Desde o afastamento, já há anos, de Nilo, do Rio Grande do Sul, nada mais me pode esclarecer.

Então relatei-lhe os acontecimentos descritos, por mim, sob o título “Uma noite no exílio”

– Em 5 de Agosto de 1934, já aqui em Passo Fundo, escrevi a seguinte nota: Estou hoje, em meu consultório, o meu velho amigo e dedicado correligionário Ricardo José de Oliveira, mais conhecido pelo apelido de Mingote.

Depois de uma cordial palestra, lhe referi o meu encontro, em São Pulo, com Nilo Tocantins.

Mingote teceu os maiores elogios à bravura de Nilo, no sítio de Passo Fundo e, sem que eu nada lhe perguntasse, falou também na de Sebastião Soares. Fazendo-me de desentendido, perguntei-lhe quem era Sebastião Soares, e sua resposta foi esta: “um moço de Soledade, muito valente, que, em 1923, serviu com Nilo, e depois, em 1925, comigo no 6º Corpo, e que, um ou dois anos depois, foi assassinado em São Jerônimo, quando havia para ali levado uns cavalos para vender”.

Diante disso, trouxe Mingote à minha casa, lendo-lhe: “Uma noite no exílio” e a palestra com Nilo, escrevendo, em seguida esta nota.

Passo Fundo, 30 de Novembro de 1935.

Data : 01/12/1935

Título : 204 AO POVO DE PASSO FUNDO

Categoria: Memórias

Descrição: No momento em que as forças revolucionárias, sob meu comando, em 3 de Outubro de 1930

No momento em que as forças revolucionárias, sob meu comando, em 3 de Outubro de 1930, marchavam contra o Quartel do 8.º Regimento de Infantaria, fiz divulgar amplamente, na cidade, a seguinte declaração:

Ao povo de Passo Fundo

Governador civil desta praça, em nome da Revolução Brasileira, cupmre-me fazer a presente proclamação, menos de exposição de motivos que de palavra de calma, ordem e respeito.

Povo da minha terra, confia na ação da tua gente, porque é ter confiança em ti mesmo.

O exército, que é tirado do teu seio, está conosco, em sua quase totalidade.

A nossa vitória é certa, como é certo que o povo do Brasil é livre.

Tem calma.

Não desespere porque a nossa ação é patriótica.

Será punido sumaria e severamente todo aquele que praticar qualquer ato de desrespeito ou depredação.

Há esta hora todo o Rio Grande, como todo o Brasil, num vibrante hino de civismo, avança, com a bandeira da liberdade à frente, contra as muralhas do despotismo, para destruir com a labareda dos seus ideais, a bastilha, aonde os maus brasileiros, políticos profissionais, vem tramando a nossa infelicidade.

Tudo por um novo Brasil, são e redimido.

Passo Fundo, 3 de outubro de 1930.

Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

Passo Fundo, 1.º de Dezembro de 1935.

Data : 01/12/1935

Título : 205 ATA DE RENDIÇÃO

Categoria: Memórias

Descrição: Conservo no meu arquivo, o seguinte documento que transcrevo.

Conservo no meu arquivo, o seguinte documento que transcrevo:

– Aos quatro dias do mês de Outubro do ano de mil novecentos e trinta, no Gabinete do Comandante do Oitavo Regimento de Infantaria, em Passo Fundo, presentes o Dr. Nicolau

Araújo Vergueiro, intendente municipal e chefe revolucionário, comandante e oficiais do Corpo, ficaram assentadas as seguintes bases para a rendição do Quartel:

- a) Às praças será dada liberdade de irem para suas casas e, nesse caso, não serão de maneira alguma hostilizadas, ou de aderirem ao movimento, ou, finalmente de ficarem com os oficiais;
- b) Esses consideram-se prisioneiros, comprometendo-se os chefes revolucionários a enviá-los para Porto Alegre, onde se encontra detido o comandante da região;
- c) Para a viagem, os chefes revolucionários porão a disposição dos oficiais trens com as comodidades necessárias.
- d) Em qualquer caso, os oficiais prisioneiros serão tratados com as honras devidas aos seus postos;
- e) O comandante fará entrega ao Intendente Municipal, Dr. Araújo Vergueiro, do quartel com todo material existente. E como assim ficou combinado, foi lavrada a presente ata, em duas vias, uma das quais ficará em poder do comandante e outra com o Intendente Municipal (assinados) Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, Cel. E. Leitão de Carvalho.

Passo Fundo, 1º de Dezembro de 1935.

Data : 02/12/1935

Título : 206 HORA DO SILÊNCIO

Categoria: Memórias

Descrição: Escrito, no dia 30 de Maio de 1934, em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82.

Escrito, no dia 30 de Maio de 1934, em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º 82.

– Todos, neste vale de lágrimas, tem, seguramente, há sua hora, a que ninguém escapa: é a tal hora H.

Ela vem e vem mesmo, não há que fugir, e depende de mais ou menos tempo, que só Deus na sua infinita sabedoria, pode prefixar.

O glorioso Estado de São Paulo, entre outras tantas e muitas horas sublimes, como as de 23 de Maio e as de 9 de Julho de 1932, nessa questão dos rádios e da “hora educacional” teve a sua magnífica e expressiva “hora do silêncio”.

Mais uma vez me convenço da bela verdade dos versos de Vigny:

“Seul le silence est grand...

Tout le reste est faiblesse”

O altivo povo paulista não esquece as humilhações que sofreu, os vexames que lhe impuseram, tem bem viva em sua memória, os seus M. M. D. C., repele todo e qualquer contato com o pitoresco Sr. Getúlio, a quem não tolera, e não quer ouvir, seja sob que título ou pretexto, a ronhosa do Catete, e esse gesto de bandeirante é de uma impressionante significação, tal como o silêncio que precede às grandes tempestades, mas o ditador feliz e risonho, que só não sorriu no dia da “Festa do Riso” não quer, obstinadamente, compreende-lo, interpretá-lo.

E só o Sr. Washington Luis é que é birrento, mau e teimoso!!

Calculo, pela marcha da Assembleia, que a eleição presidencial da República efetuar-se-á em fim de Junho ou na primeira quinzena de Julho, e, segundo todas as probabilidades, o Sr. Getúlio Vargas obterá uma grande maioria, consumando-se assim o maior erro e o maior escândalo da Revolução.

Censurando-se, do modo mais vergonhoso, a imprensa, enchendo-se o Rio Grande do Sul de milhares de provisórios, pagos pelo Tesouro Federal e prontos para “garantir a ordem dentro e fora do estado” despreza-se, zomba-se, excita-se mesmo a opinião geral do País, que é inteiramente contrária aquela eleição.

Chego a pensar que esta gente está louca ou perdeu a vergonha, e bem dizem que o pior cego é aquele que não quer ver.

Não vem que o temporal está armado, que, como nos últimos tempos do governo, em França, de Luiz XVI, existe uma “tensão elétrica, vibrando na atmosfera pejada de fogo” que a Nação, cansada da rude experiência de 43 meses de ditadura, não pode mais confiar nesses homens e anseia, com ardor, por um outro governo, que cuide dos seus magnos interesses e ampare nessa queda fragorosa?! Nós, o povo, eterno “pagão” conhecemos apenas o superficial, aquilo que não se pode ocultar, mas no dia em que vier à luz os fatos ocorridos nos bastidores, e até hoje abafados, câmbio negro, banha, contrabandos de café, de gado, açúcar, algodão, lã, sedas, fortunas inexplicavelmente feitas de um dia para outro, jogadores de vultosas somas, funding, exata situação financeira, etc. etc. o espanto será enorme e a revolta proporcional.

A permanência do Sr. Getúlio Vargas, no Catete, é a maior garantia da intranqüilidade e da desordem, das conspirações e das revoltas, mas há de chegar, e não está longe, há sua hora, a das vacas magras, cujos mugidos já se ouvem nas praias do Flamengo e do Botafogo, e então aquela “onça” não terá água para beber, a não ser a do mar, em viagem “risonha” para as costas da África.

Nesse “mare magnum” não se precisa ser profeta para prever a queda do ditador... ela é mais do que lógica, é biológica, na frase de Ibrahim Nobre.

Passo Fundo, 2 de Dezembro de 1935.

Data : 03/12/1935

Título : 207 DOIS CRIMES

Categoria: Memórias

Descrição: Escrito, em São Pulo, no dia 6 de Junho de 1934, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º82.

Escrito, em São Pulo, no dia 6 de Junho de 1934, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º82.

– Aprovou, ontem, a Assembleia Constituinte, o famoso art.14 da “Disposições transitórias” e, assim, se fez a vontade do interessante e longo Sr. Juarez Távora: “pelo amor de Deus e pelo amor do Brasil”.

Não será de se estranhar, nesta época de surpresas, de absurdos e de ignomínias, que, como homenagem, seja decretado feriado o 5 de Junho, mas é certa, certíssima, como recompensa, ao melhor pagamento, a transformação da Assembleia em Câmara Ordinária: outra grandíssima maroteira, imoralíssima patifaria.

A Constituinte está mesmo a merecer uma chuva de enxofre e fogo, semelhante a dos tempos bíblicos, que destruiu Sodoma e Gomorra.

Aquele ato não reflete, sem sombra de dúvida, a opinião nacional, que está sendo dia a dia, insolentemente desafiada, e foi o último dente arrancado do conhecido cadáver da revolução.

Dois grandes e sensacionais crimes registraram-se nos dias do corrente Junho: um, em São Paulo e outro, no Rio: o do bárbaro soldado, do quilômetro 18 da estrada Quitaúna, eliminando o seu pobre adversário, o infortunado Cyrillo Pereira da Silva, com 246 facadas, e o da Constituinte, aprovando em globo e no escuro, sem direito ao santo remédio da Justiça “excluída qualquer apreciação judiciária todos os atos do governo provisório e dos interventores.

E qual deles é o mais nefando e o de mais graves consequências?

A resposta, por certo, é uma só: o último, que, além do resto, traduz o espantoso horror às responsabilidades, que tanto apavora os covardes.

No primeiro, de ordem material, apenas uma lastimável vítima; no segundo, de ordem moral, centenas, milhares.

Mas, para todo o cidadão digno, o pior de tudo é a parte moral, cuja aparência nem sequer souberam salvar.

O triste ridículo, golpeando-lhes as nádegas e esporeando-lhes a barriga, castigará, pelos tempos afora, inexoravelmente, os homens da Assembleia e da ditadura, que, por aquela porta estreita e baixa, fuge espavorida da saneadora luz que esparge o templo da Justiça, divina farmácia social, onde, para cada caso, se encontra o verdadeiro medicamento específico.

Honraram, no entretanto, o nosso patrimônio moral representantes, cujos nomes, a bem da história, convém registrar: Sampaio Correia, Maurício Cardoso, J. J. Seabra, Cincinato Braga, Henrique Dodosworth, Acúrcio Torres, Adroaldo Costa, Fernando Magalhães, Miguel Couto, Daniel de Carvalho, Christiano Machado, Carneiro de Rezende, Alcântara Machado, Márcio Whitaky, Minuano de Moura, Almeida Camargo, Oscar Rodrigues Alves, Adolpho Konder, José Ulpyano, Abelardo Vergueiro Cezar, Aloysio Filho, Furtado de Menezes, João Guimarães, Cardoso de Mello Netto, Carlota Pereira de Queiróz, Henrique Bayna, Barros Penteado, Levindo Coelho, Monteiro de Barros Filho, Roberto Simonsen, José Carlos de Macedo Soares, Abreu Sodré, Ranulfo Pinheiro Lima, Hypólito do Rego, Polycarpo Viotti, Moraes de Andrade, Pacheco da Silva e poucos mais.

Essa plêiade de altivos veio provar que nem tudo está perdido nesse dilúvio de destruição.

Um telegrama, de hoje, de A Noite, do Rio, refere que os peregrinos de Braironji noticiam ter sido Shambuth, com 125 anos de idade, e com 50 da direção de um templo, sepultado vivo, a pedido seu, por terminar, digo considerar terminada a obra de sua vida... e é pena que o Sr. Getúlio, há 43 meses no governo da ditadura, não pense dar por finda a sua...

Não sei se é pelo grande desejo de querer, mas tenho a impressão de que já ouço, não muito longe, o barulho das pororocas... e as águas do Amazonas, apesar do poder do mar, vencem sempre...

Disseram, por lá, no calor dos debates, que a revolução matou a Aliança Liberal.

A Aliança está vingada: a Constituinte matou a revolução.

E agora, ao povo, na sua valente sabedoria, compete julgar e fazer justiça... e, se não a fizer, terá então o governo que bem merece, e somente poderá queixar-se de si mesmo...

Passo Fundo, 3 de Dezembro de 1935.

Data : 03/12/1935

Título : 208 A FILHA DE FRANKSTEIN

Categoria: Memórias

Descrição: Escrito, em 7 de Junho de 1934, em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º82...

Escrito, em 7 de Junho de 1934, em São Paulo, no Hotel Aurora, à rua Aurora, n.º82, onde estive cerca de 4 meses, à espera da Promulgação da Constituição Federal, a fim de poder regressar ao Rio Grande do Sul.



– Em 3 de Maio de 1933, o povo elegeu a um determinado número de cidadãos, para elaborar, em Assembleia, uma nova Constituição e tomar conta dos atos do governo provisório.

Até aí está tudo certo e muito bem. A Constituinte reuniu-se sob a chave de um regimento interno, severo e rigoroso, draconiano e absorvente, organizado em laboratório especial, ao sabor da ditadura.

Aquela chave tinha o dom misterioso de fechar, e não mais abrir, quase todas as portas da liberdade, algumas das quais foram arrombadas por um pugilo de bravos.

A tomada de contas, que deveria ser questão de honra para a própria ditadura, não se realizou: foi tudo aprovado “pelo amor de Deus e pelo amor do Brasil” de uma só vez e em completa escuridão, em uma ânsia tal que só pode significar medo.

Depois de laboriosa gestação, nasceu uma criança de sexo feminino, que foi registrada como filha de Frankstein, e que tem todos os característicos do pai: um pedacinho de cada um.

A pobre mãe, constituinte e provisória, sofreu tanta massagem, levou tanto empurrão, e foi tão pisoteada que, em sete meses, deu a luz...

Agora, para confortá-la dos abalos, vai ser transformada em mãe permanente, e o “Zé”, estarecido e besta, terá que aguentá-la ou então que sair, de porrete em punho, para as ruas, repelindo assim as afrontas cuspidas em sua soberania.

À “pequena” reserva-se um triste fim: será um brinquedo nas mãos do “pequeno”, que como inteligente e endiabrado menino, “l’enfant terrible”, a primeira coisa que vai fazer é riscá-la toda, depois rasgá-la, atirando-a a um canto por doida e imprestável.

Pobre povo brasileiro!

Até quando irás tu sem a energia de uma... patada?

Passo Fundo, 3 de Dezembro de 1935.

Data : 04/12/1935

Título : 209 ÚLTIMOS DIAS EM LIBRES

Categoria: Memórias

Descrição: Escrito, em São Paulo, em 14 de Junho de 1934, no Hotel Aurora, à rua Aurora, 82.

Escrito, em São Paulo, em 14 de Junho de 1934, no Hotel Aurora, à rua Aurora, 82.

– Em 20 de Dezembro de 1933, cheguei, às 7 horas da noite, à Libres, pelo rápido que demandava Paraguai, de regresso de Buenos Aires, onde passara quatro meses, no Hotel Reina, à Avenida de Mayo, 1120.

A 26 foram presos quatro argentinos, hóspedes do Hotel Central, em quarto contíguo ao meu, revolucionários suspeitos, como, de fato, eram e cidadãos do mais alto destaque político e social.

À 27, chegou Luzardo.

Às duas da madrugada de 28, Libres foi atacada por 500 homens, armados, do Partido Radical, travando-se violento combate com as forças do exército ali aquarteladas e fieis ao governo do General Justo, presidente da Argentina, peleja que se prolongou até às 10 horas da manhã, quando os revoltosos retiraram-se, rumo ao Brasil, perseguidos já por aviões daquele País, que bombardearam impenitentemente, os seus patrícios fugitivos, espavoridos e desordenados, com abandono de feridos, armas e munições.

Até mesmo na travessia do rio Uruguai, aos magotes em lanchas, à gasolina, e canoas, foram metralhados sem descanso!

Como médico, cujos serviços foram afavelmente solicitados pelo Comissário de Polícia, prestei socorros a cerca de 20 feridos.

Os jornais da Argentina afirmavam ter havido para mais de 70 mortos, o que julgo exagero, calculando, pelo que vi e soube, 40.

Chegaram, de Buenos Aires, no mesmo dia, 17 aviões.

A vigilância, em Libres, foi enorme. Grupos de soldados armados em todas as quadras. Todos os automóveis particulares ou de alugueis, foram requisitados. A praça e ruas próximas do quartel foram interditadas. De noite não se podia sair sem correr grande perigo e Yaygué, o lancheiro nosso patrício e amigo, residente em Libres para mais de 15 anos, estimado por todos, foi morto brutalmente por um soldado argentino, quando cruzara pelo corrico, à 1 hora da noite, com destino à sua casa.

O soldado intimou-o a fazer alto, e Yaygué, que era um pouco surdo, não ouviu, recebendo, em seguida, um formidável tiro no ventre.

Nessa mesma madrugada, fui, com Luzardo, e para maior garantia nossa acompanhados por elementos da polícia, examiná-lo, e nada mais pudemos fazer, falecendo ao clarear do dia.

À 8 de janeiro, Gasbypo e Sylvio, na eminência de serem presos pelo governo argentino, a pedido do brasileiro, e internados, a escolha, em uma das províncias Salta, Tucumã ou Santiago del Estero, passaram para o Brasil.

Luzardo voltou, a 15, para Buenos Aires.

Victor Graeff embarcou, a 18, para Porto Alegre.

Aristides Pedroso residia, com sua família, em casa alugada e distante, inteiramente preocupado com o seu negócio de transportes de mercadorias, principalmente lã, do Brasil para a Argentina.

Fiquei então só no hotel, e foram, por certo, os piores dias do meu exílio.

Li e escrevi muito... tout casse, tout passe et tout lasse...

Lembrei-me, nessa ocasião, que Victor Hugo fala dos que vão sozinhos pelos campos e assobiam para fazer companhia a si mesmos, e tentei assobiar pedaços de velha óperas e de antigas operetas tantas vezes ouvidas; de valsas, da minha mocidade, já distante, e tantas vezes dançadas, mas – sempre o complicado mas – apesar de muito gostar de música, e sentir a doçura e suavidade inebriantes de suas melodias, tive sempre um mau ouvido, incapaz de guardar e reproduzir, mesmo o mais popular dos tangos, La cumparsita.

Comecei a perder o meu bom humor, e a me tornar, hora a hora, irrequieto, impertinente, percebendo que estava às portas da neurastenia, irritado ainda mais por uma estúpida e brutal insônia.

Além disso, Libres, cidade arenosa e à margem direita do Uruguai é, sem favor algum, o lugar de mais calor por onde hei estado, agravado por uma quantidade de mosquitos pernlongos, como nunca vi e nunca supus.

Apesar de tudo, estava firmemente resolvido a ali permanecer até a volta da Lei Magna ao Brasil, mas – outra vez o mas – o homem põe e Deus dispõe.

Lagomarsino chegara, a 28, da capital portenha.

Vindo, à 31, da Igreja, às 11 horas da manhã, soube, por pessoa fidedigna que, de Buenos Aires, o governo indagará se eu permanecia em Libres, e quais ainda os exilados brasileiros que aí estavam.

Por quê?

Octacílio Fernandes fora, naqueles dias, preso na Capital argentina, conseguindo, pitorescamente e habilmente, fugir.

Jovelino Saldanha passara, um ou dois dias antes, escoltado de São Tomé para Buenos Aires.

Procuravam, com ordem de prisão, a Gasbypo e Sylvio.

Nessa emergência, para evitar uma violência inexplicável, porque não tramávamos contra a ditadura, por absoluta falta de recursos e de meios, senão por falta de vontade, preferi arriscar a ser preso na minha própria Pátria, e, naquele mesmo dia, às 3 da tarde, juntamente com Lagomarsino, em confortável lancha à gasolina, cedida gentilmente por Pedroso, vim para Uruguaiana, de onde, depois de passar alguns dias no Hotel Paris, de Santich, segui, por Bagé, diretamente ao Rio Grande, embarcando, no Itapagé, a 2 de Março, para o Rio, onde cheguei a 6 do mesmo mês.

Aí, na casa do meu cunhado Dionysio Cabeda Silveira, em Copacabana, permaneci alguns dias, mas como estava sendo muito vigiado pela policia da ditadura, viajei para São Paulo, onde me encontro e aguardarei a promulgação da Constituição, a fim de, no dia imediato, regressar ao meu querido Passo Fundo. Em São Paulo, sempre tive a mais ampla liberdade.

Passo Fundo, 4 de Dezembro de 1935.

Data : 05/12/1935

Título : 210 DE AVIÃO, NÃO

Categoria: Memórias

Descrição: No dia 1.º de Novembro de 1930, viajei, de automóvel, daqui a Porto Alegre, de onde pretendia seguir ao Rio de Janeiro...

No dia 1.º de Novembro de 1930, viajei, de automóvel, daqui a Porto Alegre, de onde pretendia seguir ao Rio de Janeiro, a fim de, sobre o movimento revolucionário, irrompido a 3 de Outubro e vitorioso a 24 do mesmo mês, com a prisão, no Rio, do Dr. Washington Luis, então presidente da República, conferenciar com o Dr. Oswaldo Aranha.

Não me era possível seguir por estrada de ferro via São Paulo, visto como o tráfego ainda não estava restabelecido.

Da chegada à Capital do Estado, não consegui tomar passagem num dos dois vapores, que saíam na primeira semana, Aratimbó e Itaimbé, por isso que todos os camarotes já estavam reservados, sem um leito sequer disponível, o que se explica pelo desejo de muitos rio-grandenses irem, ao Rio, assistir, a 15, a posse do ditador Getúlio Vargas.

Resolvi então seguir de avião, e maneie, numa segunda-feira, reservar-me um lugar no aparelho do Sindicato Condor, que seguiria na sexta-feira próxima.

Na noite de terça para quarta, sonhei com um grande desastre, vendo-me em tremenda luta com as ondas revoltas.

Sem muito me preocupar, atribuí o sonho ao natural receio de uma primeira viagem aérea.

Na noite de quarta para quinta, o sonho se repetiu com maior intensidade, chegando ao ponto de ver minha Mãe, que me pedia não viajasse de avião.

Acordei-me sobressaltado e nervoso, resolvendo desistir da viagem, avisando em seguida, por telefone, à companhia, da minha resolução.

Às 10 horas da manhã, ao sair do hotel Lagache, encontrei-me com o amigo Ezequiel Maristany, o qual disse-me ir à minha procura para ceder-me o seu camarote, no Itaimbé, visto como, por motivo de força maior, não lhe era possível viajar, e soubera, pelo Dr. Sinval Saldanha, da minha vontade.

Aceitei de bom grado, e imediatamente, adquiri o camarote, que lhe estava destinado.

Ao embarcar, sábado, soube, já a bordo, do desastre daquele avião, que, nas costas do Estado de São Paulo sofrera gravíssima “pane” caindo ao mar.

Entre outros, viajavam no mesmo os Drs. Aníbal Loureiro, Demetrio Mércio Xavier e Attila Salvaterra, sendo que este pereceu afogado, e os outros salvaram-se a muito custo.

Foi o primeiro, e até hoje o único desastre da poderosa Companhia Condor.

E agora, como Freud explicaria o meu sonho?!...

Foi, não tenho dúvida alguma, um aviso, tanto mais impressionante, para mim, quanto é certo que tem sido raríssimas as vezes que hei sonhado com minha Mãe, falecida a 9 de Março de 1900.

Há, por certo, em tudo isso, algo de misterioso e divino: ao bom Deus e à minha sempre querida e saudosa Mãe, consigno aqui os meus agradecimentos.

Para finalizar, encontrei-me com o Dr. Aníbal, no Rio, e o qual, ainda horrorizado, narrou-me todo o seu sofrimento e o dos seus companheiros de infeliz travessia.

Passo Fundo, 5 de Dezembro de 1935.

Data : 06/12/1935

Título : 211 ELEIÇÕES

Categoria: Memórias

Descrição: Como candidato do Partido republicano do Rio Grande do Sul, fui eleito...

Como candidato do Partido republicano do Rio Grande do Sul, fui eleito:

Conselheiro Municipal

Em 16 de Setembro de 1908 e em 16 de Setembro de 1916, sendo que nesta obtive 2028 votos. Em ambas as legislaturas, fui eleito presidente dessa corporação.

Intendente Municipal

Em 16 de Setembro de 1920, com 4004 votos, e em 16 de Setembro de 1928 com 3315 votos.

Deputado estadual

Em 29 de Março de 1909, com 10.091 votos.

Em 20 de Agosto de 1913, com 75.760 votos.

Em 26 de Fevereiro de 1917, com 79.718 votos.

Em 20 de Fevereiro de 1921, com 78.354 votos.

Em 15 de Março de 1925, com 15.775 votos.

Durante essas legislaturas, fiz parte das Comissões: Exame de Despesas, Petições e reclamações, Constituição e Poderes e Orçamento. Na última fui eleito vice-presidente, e logo depois presidente da Assembleia, sendo inaugurado um retrato meu na Secretaria, e tendo sido me oferecido um banquete, no Grande Hotel, por ocasião do encerramento dos trabalhos.

Deputado federal

Em 1.º de março de 1930, com 81.312 votos.

Em 14 de Outubro de 1934, com 77.509 votos.

Na primeira legislatura, fui eleito membro da Comissão de Agricultura.

– Conservo, em meu arquivo, todas as atas de apuração dessas eleições, menos a de 16 de Setembro de 1908, que se extraviou. Essas atas, devidamente assinadas e de firmas reconhecidas, serviam de diploma.

Passo Fundo, 6 de Dezembro de 1935.

Data : 07/12/1935

Título : 212 CONGRATULAÇÕES

Categoria: Memórias

Descrição: Em 8 de Janeiro de 1916, o jornal A Voz da Serra, em seu número 2, publicou o seguinte, sob aquele título...

Em 8 de Janeiro de 1916, o jornal A Voz da Serra, em seu número 2, publicou o seguinte, sob aquele título:

Tenho sobre a minha mesa de trabalho, o primeiro número de A Voz da Serra de propriedade do Sr. Cap. Jovino da Silva Freitas e que tem como redator chefe o Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, talento de elite e cujo nome por si só é uma segura garantia de êxito para o novo paladino.

Sobre o seu aparecimento devo dizer algo e quero que sejam as minhas primeiras palavras de intensas e vivas felicitações.

Órgão simples e modesto, mas ativo e sincero; de um formato pequeno, porém grande nas suas intenções, sem filiação partidária, tratando de todos os assuntos, até mesmo dos próprios políticos, sem paixões e tendo em vista o bem social geral “tudo pelo coletivo e nada pelo interesse pessoal” terá forçosamente uma folha assim uma existência longa e auspiciosa.

Convicto estou de seu pleno sucesso, pela firmeza das bases de seu artigo programa, admiravelmente lançado, e que creio será, com fidelidade, cumprido.

Os jornais dessa ordem, bem intencionados, são sempre de grande vantagem, temos disso diária e corrente observação.

Todo e qualquer jornal, quer seja ligado a uma seita religiosa ou quer se submeta a uma orientação político-partidária determinada, terá, não poucas vezes, a contragosto mesmo, por “noblesse oblige” embora com habilidade, de ser parcial, o que não se dá com a imprensa livre e independente, com aquela que é desobrigada de qualquer ligação e que, seguindo uma diretriz digna e constante, tem por fito, sem nenhuma outra preocupação, “bem servir a causa pública”: são mesmo folhas assim grandes e poderosos auxiliares da própria administração geral e até da própria política.

Mantendo o seu programa, conte “A Voz da Serra” com a nossa modesta elaboração.

Não era nosso pensamento divagar tanto: só desejávamos endereçar alegremente ao hebdomadário, que risonho surgiu com o promissor 1.º de Janeiro, as nossas congratulações.

Salve, pois!

(assinado: meu pseudônimo: Américo Oliveira.

Passo Fundo, 7 de Dezembro de 1935.

Data : 08/12/1935

Título : 213 CAPITÃO JOVINO

Categoria: Memórias

Descrição: Publicado na A Voz da Serra, de 19 de Dezembro de 1918, n.º 149.

Publicado na A Voz da Serra, de 19 de Dezembro de 1918, n.º 149.

Presta hoje A Voz da Serra uma justíssima homenagem à memória inesquecível do saudoso Capitão Jovino da Silva Freitas, à qual se aliam, com muita sinceridade, aqueles que foram seus verdadeiros amigos.

Espírito bem equilibrado, inteligência lúcida, perspicaz, honrado, sabendo prever para prover, era o meu grande amigo com um desses políticos dedicados e argutos. Filiado, desde sua mocidade, ao Partido Republicano de Julio de Castilhos, admirador entusiasta de Borges de Medeiros, prestou o Capitão Jovino, obscuramente, a esse Partido serviços de valor, desempenhando vários cargos, no exercício dos quais revelou-se um homem digno, mercando sempre de seus superiores os mais francos louvores.

Não era um viverdor, um profissional em política, como muitos que por aqui perambulam; tinha nítida e orientada elevação de ideias e sabia, perfeitamente compreender que “política sem ideal equivale um corpo sem cérebro, um planeta sem centro”.

Foi o organizador de várias empresas, o credor de diversos estabelecimentos comerciais, o sustentáculo dos nossos melhores clubes, sendo inegável que este município, que recebeu por vezes o seu influxo progressista, lhe deve serviços de inestimável valia.

Era um perfeito cavalheiro, de trato ameno, sempre procurando servir aqueles que dele se acercavam e sempre também afeito aos sentimentos grandes, bons e generosos.

A sua morte abriu um profundo vácuo no seio do nosso Partido, que, se o admirava muito em vida, venera-o hoje ainda mais, mesmo porque “não encerram todo o nosso ser as tábuas de um ataúde, nem finalizam todo o nosso destino as pedras de um sepulcro. Num ataúde, num sepulcro, jazem os despojos da morte; e a morte, que extermina o corpo, não extermina o homem: – nem é o apagamento do espírito, nem o aniquilamento da vida”.

A sua extraordinária fê política, a sua grande dedicação à causa digna, que vimos, sem esmorecimentos, amparando, que foi, em estertores agônicos, ao lado dos seus afetos familiares, a sua última preocupação vital, com o profundo pesar de não poder ver o desfraldar da nossa bandeira de vitória, que poderá tardar, mas será certa, inevitável – serão, para nós, outros tantos, poderosos estímulos.

Cultuemos a memória do abnegado Capitão Jovino da Silva Freitas.

Passo Fundo, 8 de Dezembro de 1935.

Data : 09/12/1935

Título : 214 DISCURSO NA ESCOLA COMPLEMENTAR

Categoria: Memórias

Descrição: Como paraninfo da primeira turma de alunas mestras da Escola Complementar, desta cidade, pronunciei, em 2 de Abril de 1932...

Como paraninfo da primeira turma de alunas mestras da Escola Complementar, desta cidade, pronunciei, em 2 de Abril de 1932, no salão nobre do Clube Comercial, por ocasião do ato solene de colação de grau, o seguinte discurso, que foi publicado, na íntegra, pelo jornal A Luta, n.º 94:

– Honra excelsa para mim a de paraninfo da primeira turma da Escola Complementar de Passo Fundo.

Agradeço, imensamente feliz, essa distinção tão grande, sinto-me deveras orgulhoso por havê-la recebido, e não escondo esse orgulho. “Os charlatães da modéstia são os piores de todos” já sentenciava Heine. É a mocidade sadia, cheia de viço, sempre sincera e que nunca sabe disfarçar nem fingir, amante da Beleza e da Verdade, do Belo e do Bem; é a mocidade estudiosa, roseiral



em flor, que assim me cerca com a sua leal benevolência; é a mocidade iluminada e inteligente que me circunda com a sua espontânea simpatia; é a mocidade, sol do meio dia, que me acaricia com seus brandos e vivificantes raios; é a mocidade, eternamente boa, sonhadora de alegrias e carinhosa, que me proporciona o doce e inefável prazer desse enlevo infinito; é a mocidade, fonte cristalina e pura, que me da a beber, neste instante memorável, a água deliciosa de uma amizade confortadora.

Eu vos saúdo com toda a efusão de minha alma, “e oh! Brancas mãos patricias, que tendes o segredo de carícias e que ninguém mais conhece” eu vos beijo ardente, fervorosa e gratamente.

Quantas evocações e quantas saudades despertam-me esse vosso valioso dia! Já senti o frêmito desse mesmo júbilo, a vibração desse mesmo contentamento, quando da minha formatura em medicina, há mais de 26 anos.

Moço, cheio de vida e de esperanças, de ilusões e de alegrias, enveredei, amorosamente, procurando a querida terra natal, por uma nova estrada, firme nas minhas convicções e confiante serenamente no futuro, pois que colimara sempre o Bem e procurava sempre a Verdade.

Nessa longa jornada percorrida tive instantes de satisfação imensa, minutos de dúvidas e incertezas, horas de profundo pesar...

Quantas vezes senti a minha pequenez diante da grandeza do mal inevitável; quantas vezes, de braços cruzados, percebi a inutilidade dos meus maiores e melhores esforços; quantas vezes, porque também tenho coração e alma, lágrimas amargas, de desespero e de dor, correram-me furtivamente, pela face, no silêncio santo dos hospitais, na sala longa, fria e anônima da pobreza; quantas ingratidões hei caladamente sofrido, quantas injustiças e decepções tremendas, resignadamente tragado. Mas tudo isso não me trouxe ao espírito o desânimo cruel, a descrença maldosa, o ceticismo desolador. Não, nunca!

Acalentei, desde moço, um ideal alevantado e por ele hei, com constância, combatido: o bem contra o mal, a verdade contra a mentira, a virtude contra o vício, a luz contra a treva, a sabedoria contra a ignorância, a vida contra a morte. Jovens: terminam hoje os vossos estudos colegiais; começam amanhã outros trabalhos, outras obrigações, outro viver.

Passais dos bancos escolares para a cátedra de professores.

Meditai, vede: a vossa responsabilidade é bem maior; tendes, no silêncio dos gabinetes, no estudo dos melhores autores, resolvendo novos problemas, pesquisando e selecionando métodos, de aperfeiçoar, hora a hora, os vossos conhecimentos para transmiti-los a outras gerações.

A vossa profissão é também um sacerdócio: tendes que ensinar e educar, e educar, como disse Alves Mendes, é diminuir a estatística do mal e aumentar a crônica do bem, ou ainda, como afirma Pestalozzi, educar é gerar energias.

À propósito, o eminente Dr. Oswaldo Aranha, em um dos seus relatórios, quando secretário do interior deste Estado, vazou os seguintes e admiráveis conceitos: “Alfabetizar não é educar: é apenas ensinar. O Estado precisa educar e ensinar. A escola não deve ser unicamente uma casa de ensino, mas uma casa de educação. A criança precisa aprender a ler, a viver e a trabalhar, na escola. É mais útil a sociedade aquele que sabe ler sem saber viver a trabalhar, do que aqueles que sabem viver ou sabem trabalhar mas não sabem ler. O doente, ou o vadio, ainda que saiba ler, escrever e contar é sempre pernicioso à sociedade, porque não aprendeu na escola a viver e a trabalhar. A escola moderna transformou a escola antiga, a velha escola primária de letras,

em uma verdadeira oficina de aprendizagem social. A escola, hoje, deve ser uma casa de atividade, de experiência, de trabalho, e na a mansão dos alfabetos”.

Esses conceitos constituem o ideal da instrução, e efetivá-los seria o máximo das nossas aspirações. Mas sejamos idealistas e não ideólogos, saiamos do puro lirismo estéril para o terreno prático das realizações produtivas; estudemos o assunto em face das nossas possibilidades e mais urgentes precisões, realizando o que está ao nosso alcance e o que é possível. Alfabetizar já é uma grande obra benemérita. Ensinando a ler e a escrever teremos contribuído com uma extraordinária parcela para o desenvolvimento e o progresso do nosso querido Brasil.

Como sequência natural, como corolário certo, o resto virá depois. Aquele que sabe ler auferir conhecimentos que naturalmente o obrigam ao trabalho racional, produtivo e eficaz, tanto mais necessário quanto mais prementes são as dificuldades da vida atual.

Em assunto de instrução pública é bem apreciável o nosso progresso.

Neste, como em todos os outros Estados da União, os governos muitos se tem preocupado com o momentoso assunto. O analfabetismo, quand mème, é a nossa maior doença. Nesse particular surgem medidas severas. Precisamos combatê-lo por todos os meios e por todas as formas.

Aqui em Passo Fundo, neste pequeno cenário, já se tem feito muito e conseguido muito, mas não se tem feito o bastante e conseguido o bastante.

Em 1922, tínhamos 98 aulas com uma matricula de 5.083 crianças; em 1924, 119 com 5.359 alunos; em 1929, 159 escolas com 8,032; em 1930, 160 com 8.042 e 1931, 97 com 5.096. Esse decréscimo foi a natural consequência da desanexação de 6 distritos para ser criado o novo município de Carazinho. Observemos as despesas do município com a instrução:

1920 – 979\$000

1921 – 3.100\$000

1922 – 10.350\$000

1923 – 3.500\$000

1924 – 9.100\$000

1925 – 9.700\$000

1926 – 15.600\$000

1927 – 21.600\$000

1928 – 28.500\$000

1929 – 32.590\$000

1930 – 44.800\$000

Esses dados nos demonstram os esforços e a boa vontade dos dirigentes administrativos de Passo Fundo a respeito desse magno problema, que, por certo, continuará a preocupar grandemente a sua atenção.

Em Passo Fundo, em 1920, não tínhamos o Instituto Ginásial, o Colégio Nossa Senhora da Conceição, o Colégio Notre Dame, a Escola Complementar, o Grupo Escolar do Boqueirão, a

Escola dos Vicentinos e outros. Tínhamos apenas o Colégio Elementar, que funcionava, com matrícula insignificante, em um prédio miserável.

O Rio Grande do Sul dispõe presentemente, segundo nota do jornal oficial “A Federação” de 19 de Março último, de 9 estabelecimentos de ensino superior, freqüentados por 674 alunos: os cursos especializados acusam uma freqüência de 2.635 candidatos a comércio superior, agronomia, filosofia, belas artes, etc.

O ensino elementar é atendido por 102 colégios e grupos escolares, 402 escolas isoladas estaduais, 135 federais, 2.055 municipais e 1.425 particulares.

Temos feito muito, sim, mas, diante da magnitude da matéria, esse muito não é tudo e é pouco ainda.

Conjuguemos os nossos esforços, batalhemos sem cessar, batendo diariamente na mesma tecla e haveremos feito algo de valor, e que nos recomenda à consideração e o respeito da gente futura.

Abençoada a função do professor! Lembrai-vos das célebres palavras de D. Pedro II: “Se não fosse imperador, desejaria ser professor”.

A instrução é o pão intelectual da vida.

Dar combate, sem tréguas, à ignorância; iluminar o espírito; abrir, por assim dizer, o caminho de cada um na vida; plasmar o caráter, dando-lhe ânimo e entusiasmo; cultivar a inteligência; plantar a semente de modo que germine uma flor e não uma erva daninha; fazer de cada pequenino ser um ente bom, útil, aproveitável, digno de si mesmo, da sociedade, da família e da pátria.

É nobre e elegante a vossa missão. Saber exercê-la é uma arte, e das mais difíceis.

A instrução pública, como pensa o professor Aurélio Py, em seu brilhante trabalho “Inspeção médica escolar” é o padrão aferidor do progresso e grandeza de uma nacionalidade.

Além da vossa ilustração, são necessários diversos e grandes requisitos.

A severidade no cumprimento do dever, o rigor no vosso mandato não excluem, por certo, uma das maiores belezas da alma: a bondade. É preciso instruir com paciência bíblica e com muita abnegação, medindo a capacidade intelectual de cada aluno, derramando ciência e instilando alegrias, auscultando as inclinações naturais de cada qual, semeando habilmente flores, desenvolvendo aptidões, praticando o bem, corrigindo defeitos, dando exemplos dignos, ensinando a caridade, mas sorrindo sempre.

Marden, na “Atitude Vitoriosa” asseverou que “deviam ensinar as crianças a contarem com o êxito e com a felicidade, a acreditarem que lhes pertencem todas as coisas boas deste mundo.

Assim se vai formando, pouco a pouco, o caráter, desenvolvendo a inteligência, aprimorando sentimentos, em uma atmosfera de oxigênio puro, diante da confiança sadia que em nós mesmos, antes de tudo, devemos depositar.

Já vai longe a época em que o professor era, com a sua medonha carranca, com a brutalidade dos seus gestos, com a sua palmatória execrável, o espantinho das escolas, o terror das crianças, o pavor dos meninos.

O mestre tem que cultivar o amor, captar amizades, brincar com as crianças, ensiná-las a brincar, ser bom, alegre, sorridente, dedicado, honesto e justo.

E justo, repito.

Sobre a “Amargura da injustiça”, Ruy Barbosa, entre outros conceitos lapidares, assim se expressou: “Não há sofrimento mais conflagrante que o da privação da justiça. As crianças a trazem no coração com os primeiros instintos da humanidade, e se lhes magoam essa fibra melindrosa, muitas vezes nunca mais a esquecem, ainda que a mão, cuja aspereza as lastimou, seja a do pai extremo, ou a da mãe idolatrada. Esses ressentimentos sobre os quais se retraem como em derredor de um espinho enquistado nos tecidos mais sensíveis da alma, as impressões decisivas da vida, podem atravessar uma existência inteira”. “Um dia, conta o astrônomo Flammarion, um dia me obrigou meu pai a estender a mão para apanhar algumas reguadas. Acreditava ele haver eu quebrado uma çarola de barro, e eu lhe insistia que não. Estava eu, a esse tempo, nos meus sete ou oito anos. Fundido e estragado se achava, realmente, o vaso, de belo esmalte verde; mas não era minha a culpa. Assim recebi a correção com um sentimento de tal azedume concentrado, que nunca o esqueci, e, mais de quarenta anos depois, esse memorável quadro infantil se me representou aos olhos junto do leite de agonia de meu pai. Os meninos são antes de tudo, acrescenta o sábio, perfeitamente justos quanto a si mesmos e aos outros”.

Nesta escola, por onde passastes três anos, nessa alegria tão peculiar a vossa idade, ficam, acreditai com firmeza, enormes saudades vossas e perenes lembranças... a primeira turma sempre marca uma época e dela nunca mais a gente se esquece.

Além disso, tivestes a fortuna de professores dignos desse nome, que guardarão, reconditamente, memória inapagável da vossa passagem, como em bronze lavrada, e vós, pelo futuro afora, reminiscências longínquas do passado, tereis expressões de amizade indelével dos vossos mestres, das vossas colegas, dos vossos estudos, desta solenidade, desta casa, e talvez do vosso paraninfo.

“Recordar é viver” e vivereis aí então em um mundo misto de saudades e de amor, que quanto mais longe mais se quer, que quanto mais se distancia, mais se venera. Quem sabe viver do passado tem horas de intensa felicidade, de supremo contentamento; é como quem sabe tirar sons de um velho violino... a criança vive muito do presente, o moço vive muito do futuro e o velho vive muito do passado.

E agora que vos separais, entre afetuosos abraços, nesta rósea encruzilhada de estradas, em busca de um ideal sereno; e agora que cada qual, nesta carinhosa despedida, parte a trilhar um novo caminho, aspirando o aroma de um risonho futuro, neste instante de separação, eu quero pedir a Jesus, ao Cristo Redentor, que sempre vos guie, sempre vos inspire, sempre vos ampare e sempre vos faça felizes, não dessa felicidade efêmera, como a vida das rosas de Malherbe, mas felicidade intensa, viva, duradoura, suave e santa.

Chegou o momento de dar por finda a minha tarefa, e, ainda uma vez agradecendo, repito-vos as palavras de Thomaz Carlyle, no seu livro “Les Heros”: “Avec tous les sentiments que j’éprouve, je vous remercie tous du fond du coeur, et je vous dis: le bien soit avec vous”.

Passo Fundo, 9 de Dezembro de 1935.

Data : 10/12/1935

Título : 215 DISCURSO EM A LUTA

Categoria: Memórias

Discurso proferido em 14 de Maio de 1932, no Glória Hotel, desta cidade, e que foi publicado pelo jornal A Luta, n.º 95, do mesmo dia, por ocasião da passagem do primeiro aniversário daquela folha.

Ao assumir esta presidência e ao declarar aberta a presente sessão, sinto-me no indeclinável dever de vos dirigir algumas e poucas palavras, e traduzam as primeiras o meu maior agradecimento pela honra que me conferistes nesta solenidade, em homenagem ao primeiro aniversário do jornal local A Luta.

Pelo seu critério, elevação de vistas, firmeza de atitudes, “amor ao trabalho, respeito à lei e culto à liberdade” bem merece A Luta o aplauso, o apoio e a solidariedade da numerosa família republicana de Passo Fundo.

Um ano de vida e um ano de vitória, e é esse o marco inicial da sua digna existência.

Congratulando-me, de coração, pela passagem desta data, auguro ao jornal de Túlio Fontoura longa vida e muita prosperidade.

Túlio, a ti, pobre digno, bom e honesto, que és, na vida social, o produto do teu próprio esforço, eu lembraria as palavras que Edmond Rostand de Bergerac, as quais poderias proferir:

“Depois se acaso a glória entrar pela janela,

A César não dever a mínima parcela,

Guardar para mim mesmo a gratidão mais pura;

Enfim, sem ser a hera, a parasita obscura,

Nem o carvalho e o til, gigantes do caminho,

Subir, não muito sim, porém subir sozinho”.

E a propósito da imprensa ao terminar, repetirei os lapidares conceitos de Julio de Castilhos: “... pensamos que o jornalismo representa uma força digna de ser aproveitada em favor do bem comum. Conscienciosamente utilizada, isenta das desnaturações oriundas do mercantilismo, não obstante a anarquia mental peculiar à presente fase da evolução histórica, essa força pode cooperar para os progressos intelectuais da opinião e para a obra da solidariedade social”.

E assim sejam a função e o futuro d’A Luta.

Passo Fundo, 10 de Dezembro de 1935.

Data : 11/12/1935

Título : 216 UMA CARTA INTERESSANTE

Categoria: Memórias

Descrição: Em 27 de Dezembro de 1931, estando eu em Porto Alegre, enviei, por intermédio do desembargador Armando Azambuja, ao Dr. Borges de Medeiros, em Irapuãzinho...

Em 27 de Dezembro de 1931, estando eu em Porto Alegre, enviei, por intermédio do desembargador Armando Azambuja, ao Dr. Borges de Medeiros, em Irapuãzinho, a carta que abaixo transcrevo, e na qual se contém afirmações quase que proféticas, por isso que previa eu que o general Flores da Cunha, então interventor federal no Estado, na primeira oportunidade, meteria as patas nos Dr. Borges, como, de fato, se verificou em 9 de Julho de 1932.

“Porto Alegre, 27 de Dezembro de 1931.

Exmo. Sr. Dr. Borges de Medeiros

Preclaro Chefe e Amigo

Respeitosas saudações.

Aqui me encontro, há dias, a chamado do nosso comum e distinto amigo, leal republicano Dr. Sinval Saldanha, a fim de tratar de assuntos de Carazinho.

Terça-feira próxima, dia 29, regressarei a Passo Fundo.

Antes de tudo, afirmo, com segurança, ao meu ilustre amigo que só mesmo o grande amor que tenho ao nosso Partido e a sincera dedicação que consagro ao meu Chefe, fazem-me permanecer firme, na estacada.

Estou, meu caro Dr. Borges, convencido de que amargos dias nos esperam, principalmente a v. Ex. como Chefe...

Sob o restrito aspecto partidário, a decantada “Frente Única” só nos tem trazido prejuízos, e grandes: os libertadores são os homens da moda e da época, e mais são os homens do peito do general Flores da Cunha, que procura, por todos os meios, desgostar, num gozo diabólico, todos os elementos amigos sinceros de V. Ex... parece até que oculta um plano...

Só há um meio de salvação: é V. Ex. vir para Porto Alegre, dar um grito, pois que os vivos, como eu e outros, estarão, com sempre, a postos; os adormecidos sairão dessa nefasta letargia e os desgostosos voltarão imediatamente às fileiras.

v. Ex. tem amigos, e em número não pequeno, amigos com A, e que não são como certos religiosos que só se lembram de S. Bárbara e de S. Jerônimo quando está trovejando.

Ausculte o preclaro Chefe, conhecedor dos homens como é, o coração dos seus verdadeiros amigos e correligionários, e fácil lhe será diagnosticar a enfermidade que está nos enfraquecendo e dissolvendo, e, principalmente, não se deixe enganar por certos repetidos

protestos de solidariedade “à la vie et à la mort”. O nosso Partido é um doente, que não vai bem, e o único médico para salvá-lo é V. Ex.

Ainda é tempo...

Tenho, às vezes, a nítida impressão de que procuram me desgostar para o meu natural afastamento. Enganam-se porque enquanto me sentir fortalecido com a sua amizade e com a sua solidariedade continuarei a frente da política de Passo Fundo e de Carazinho.

Tive, na presença do meu caro amigo Dr. Sinval, uma longa e “amistosa” conferência com o general Flores da Cunha... pode ser um grande republicano, valoroso e digno, mas, quanto a mi., ponho-o de quarentena... e tenho a impressão de ter tomado um injeção de óleo canforado... queira a Deus que seja de efeito duradouro, o que não creio.

Vou, num grande esforço, procurar manter com o general as melhores relações, a fim de evitar em novo desencontro.

Enfim, mande suas ordens, as únicas que acatarei e cumprirei sem restrições.

O nosso dileto amigo, Dr. desembargador Armando Azambuja, a quem tudo relatei, poderá dar-lhe pormenores.

Sou, como sempre, o mesmo amigo e companheiro.

Pela sua saúde e cordialmente, o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

– Guardo esse interessante documento em meu arquivo.

Passo fundo, 11 de Dezembro de 1935.

Data : 12/12/1935

Título : 217 ARMANDO B. CASSAL

Categoria: Memórias

Descrição: Em 21 de Fevereiro de 1917, estando eu em Porto Alegre, Armando Barros Cassal, o bom, inteligente e infortunado poeta, mandou-me o seguinte soneto...

Em 21 de Fevereiro de 1917, estando eu em Porto Alegre, Armando Barros Cassal, o bom, inteligente e infortunado poeta, mandou-me o seguinte soneto, que possuo em meu arquivo:

Improviso

Ao Ilustre Dr. Deputado Nicolau Vergueiro

Eu que tive a honra de votar  
No ilustre senhor doutor Vergueiro,  
Vou aqui nestes versos lhe falar  
Do meu destino mau e aventureiro.

Pobre qual sou, sem glórias ou dinheiro,  
Só tendo a terra fria a me esperar,  
Venho, pois, Excelência, só aguardar  
Um auxílio de vós, bom cavalheiro!

Bem sei que o coração que possuiis  
Me garante, me afirma e bem me diz  
Que é como ele a vossa alma nobre.

Vá no soneto toda a gratidão  
Que me brota do enfermo coração.  
Doutor Vergueiro! Espero... prata ou cobre

Do leal companheiro político (assinado Aramando B. Cassal)

Passo Fundo, 12 de Dezembro de 1935.

Data : 13/12/1935

Título : 218 FRANCISCO FURASTÉ

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1º de Março de 1923, recebi, em Porto Alegre, o soneto, que transcrevo, da lavra de Francisco Furasté:



Em 1º de Março de 1923, recebi, em Porto Alegre, o soneto, que transcrevo, da lavra de Francisco Furasté:

### Soneto

Para o exmo. Sr. Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, M. D. Intendente de Passo Fundo.

Galopa o tempo e a sorte não melhora  
A quem, cantando a Amor e a Natureza,  
Traduz em versos os males que a alma chora  
E esgota os dias na maior pobreza...

Já, de Elmano, a divina lira, outrora,  
Com excelsa altivez, graça e beleza  
Pagou em rimas d'ouiro a quem lhe fora,  
Por bem, servindo com gentil nobreza...

E eu que, por este mundo de ilusões,  
Ando a escutar os mortos corações,  
Que me dizem: mais vale, humildemente,

Pedir a quem tem muito do que andar  
De porta em porta, a todos mendigar...

“A nota rubra”, dar-me-eis somente!

– Em Porto Alegre, 1º- 3-1923 (assinado) Francisco Furasté.

– Guardo esse soneto em meu arquivo.

Passo Fundo, 13 de Dezembro de 1935.

Data : 14/12/1935

Título : 219 LEDA BRASIL

Categoria: Memórias

Descrição: O Coronel Maximiliano de Almeida, que se oculta sob o pseudônimo de Leda Brasil, enviou-me, em 11 de Novembro de 1923, o seguinte soneto, que guardo no meu arquivo.

O Coronel Maximiliano de Almeida, que se oculta sob o pseudônimo de Leda Brasil, enviou-me, em 11 de Novembro de 1923, o seguinte soneto, que guardo no meu arquivo.

– Ao exímio campeão de xadrez, Dr. A. Vergueiro

– Se sois homem do povo e costumais

Revigorar toda alma que definha,

Porque um rei distinguiu e uma rainha

Da plebeia criatura grãos rivais?

Um pobre peão que as vezes se avizinha

Dos bastiões que na praça colocais,

Sem humano sentir, logo o matais,

Dando-o em troca dispo d’um bispo d’outra linha.

Ao guiardes “ali” na sua corrida

Procurais quebrar logo na sortida

À égide contrária ou seu arnês;

É que sois o mais doutro camponês,

E por isso venceis todos no xadrez

Toda vez que encetais uma partida.

(assinado) Leda Brasil – PF 11-11- 1923

Passo Fundo, 14 de Dezembro de 1935.

Data : 15/12/1935

Título : 220 ANIVERSÁRIO DO RUY

Categoria: Memórias

Descrição: A “Nota” de hoje é para consignar, o que faço com imensa alegria, o 29º aniversário de nascimento de meu filho Ruy.

A “Nota” de hoje é para consignar, o que faço com imensa alegria, o 29º aniversário de nascimento de meu filho Ruy.

Nasceu a 1 hora e 10 minutos do dia 15 de Dezembro de 1906, na cidade de Taquari, e foi extraído a fórceps por mim e pelo Dr. Alfredo Simch, residente em São Jerônimo.

Almoçou hoje conosco, em companhia de Maria, Honorino, Eugenio, Carolina e Iracema, esta filha do meu cunhado João Leite.

Ruy exerce o cargo, que obteve por concurso, de 1º notário de Passo Fundo.

Ruy é um ótimo filho e um cidadão digno e distinto, sob qualquer prisma que se observe.

Peço a Deus, com todo fervor, pela sua saúde e pela sua felicidade.

Passo Fundo, 15 de Dezembro de 1935.

Data : 16/12/1935

Título : 221 OLIVEIRA MESQUITA

Categoria: Memórias

Descrição: O poeta Oliveira Mesquita, que, em Passo Fundo, viveu durante muitos anos, e que como capitão do 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado...

O poeta Oliveira Mesquita, que, em Passo Fundo, viveu durante muitos anos, e que como capitão do 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado, prestou relevantes serviços ao Partido Republicano, enviou-e, em 14 de Outubro de 1923, o seguinte soneto que guardo em meu arquivo:

As rosas

Paródia às “Pombas”

Ao Dr. Araújo Vergueiro

Murcha a primeira rosa desbotada...

Murcha outra mais... mais outra... enfim

De rosas murcham nos rosais, dezenas apenas

Chega do inverno a rude temporada.

E quando a primavera bem amada

Volta, as rosas, quais meigas açucenas,

Abrem de novo o siso às palmas,

Mal desponta risonha a madrugada.

Também das senhorinhas mais formosas

Murcham, das faces, as vermelhas rosas

Como murcham as rosas dos rosais!

Mas aos rosais as rosas, mais viçosas

Ainda, voltam: e as rosas caprichosas

Às faces da melhor não voltam mais!

Passo Fundo, 14-10-1925. (assinado) Oliveira Mesquita.

Passo Fundo, 16 de dezembro de 1935.

Data : 17/12/1935

Título : 222 CONFUSÃO COM APÊNDICE

Categoria: Memórias

Descrição: Fui, hoje, chamado para atender a D.<sup>a</sup> Margarida Cattanco. Trata-se de uma senhora branca, magra, de olhos bem azuis, de cerca de 35 anos, de cultura inferior...

Fui, hoje, chamado para atender a D.<sup>a</sup> Margarida Cattanco. Trata-se de uma senhora branca, magra, de olhos bem azuis, de cerca de 35 anos, de cultura inferior, separada do marido e que,

já há alguns anos, vive maritalmente com o Sr. João Crespo Medina, dono, nas proximidades do quartel do 8º Regimento de Infantaria, de uma pensão fornecedora de alimentos, cujos clientes são, na sua quase totalidade, praças daquela unidade militar, aqui aquartelada.

Depois de fazer um minucioso exame geral, disse-me, textualmente, aquela senhora:

– Dr., quero que o Sr. Examine também o meu “pênis”, porque me dói muito, e eu até penso que esteja inflamado.

Julgando não haver compreendido bem a palavra, pedi-lhe que a repetisse, e ela, novamente, falou-me da enfermidade do seu “pênis”. Não pude disfarçar um bom sorriso, e retruquei-lhe:

- Senhora, quem tem pênis é o seu amigo... e, de certo modo, entrei em maiores explicações.

D.<sup>a</sup> Margarida, toda vermelha e encabulada, desculpando-se, queria se referir ao apêndice que, na sua ignorância, pronunciava pênis, por lhe parecer ter ouvido assim de outras pessoas.

– Não é de admirar, por isso que o tal Dr. Eurico Araújo, de Carazinho, em um auto de corpo de delito, que me foi mostrado pelo Dr. Pedro Pacheco, então promotor público da comarca, já confundiu pênis com púbis...

E, agora, para remate desta nota, direi que Ana administração municipal de Armando Annes, no período de 1924 a 1928, essa mesma Dona Margarida foi nomeada professora pública, no lugar denominado Mato Castelhana, com o qual aquele intendente deu certos escândalos...

Passo Fundo, 17 de Dezembro de 1935.

Data : 18/12/1935

Título : 223 UMA CARTA AO CÚRIO

Categoria: Memórias

Descrição: Em 15 de Abril de 1920, dirigi ao meu prezado amigo Tenente João Baptista Cúrio de Carvalho a seguinte carta que transcrevo:

Em 15 de Abril de 1920, dirigi ao meu prezado amigo Tenente João Baptista Cúrio de Carvalho a seguinte carta que transcrevo:

Cúrio, amigo, saúde.

Tenho seguido, de perto, a campanha de ódios e doestos [insultos] levantados sobre o teu nome, pelo teu cunhado Dr. Arthur Caetano da Silva.

Apesar da legitimidade da tua revolta, nessa polêmica, a tua linguagem tem sido menos violenta. É natural, porém, que a luta entre membros da mesma família apaixone os contendores e que a paixão os leve a excessos imotivados.

É preciso, entretanto, discernir, nesse turbilhão de paixões subalternas, entre os interesses do indivíduo em particular e as conveniências impessoais do partido.

Arthur Silva fala em nome do federalismo, de que se fez órgão. Tu, caro amigo, falas, pela A Voz da Serra, em nome individual. Não obstante, o teu jornal, pelas suas ideias, pelo seu passado, pela franca propaganda de que se fez paladino, é igualmente considerado como órgão do Partido Republicano, embora lhe falte a investidura oficial necessária à posse legítima desse cargo.

Vês, daí, a gravidade, aos olhos do público, de uma luta, que se vai azedando entre dois homens, que representam dois partidos.

Não poderás conciliar interesses individuais com as conveniências inibidoras da coesão e solidariedade política.

Cabe-me o direito de zelar pela conservação do partido, disciplinando-o mas mais severas normas de tolerância para com o adversário e de subordinação política, de modo que a nenhum correligionário seja lícito, enquanto se mantiver à vanguarda de nossos ideais, falando em nome deles, pelo jornal que os defende, e sempre os defendeu, travar-se de uma luta pessoal com outrem, à qual possam, por maledicência ou leveza moral, emprestar intuítos partidários.

Portanto, as conveniências do Partido impõem, pela minha palavra de amigo e chefe, que entregues o Dr. Arthur Caetano da Silva à tortura do silêncio em torno de seu nome.

Se pensas diversamente, darás abrigo a esta carta, em teu jornal, para que se defina, de público a atitude do Partido, que dirijo, completamente à margem dessa luta. Sem mais, saudações do amigo e correligionário (assinado) Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

Passo Fundo, 18 de Dezembro de 1935.

Data : 19/12/1935

Título : 224 AFOGAR O PALHAÇO

Categoria: Memórias

Descrição: Esteve, hoje, em meu consultório, um caboclo residente na serra do Pontão, 6º distrito desse município, e o qual veio me consultar sobre um seu irmão, casado, e que se acha enfermo.

Esteve, hoje, em meu consultório, um caboclo residente na serra do Pontão, 6º distrito desse município, e o qual veio me consultar sobre um seu irmão, casado, e que se acha enfermo.

Disse-me o velho gaúcho que o seu irmão estivera, no mister de carreteiro, há dias, nesta cidade, e que “por ter afogado o palhaço” ficara enfermo.

Confesso que, de momento, fiquei um tanto confuso com aquela esquisita declaração, e, por isso, solicitei mais amplos esclarecimentos, chegando a conclusão de que o rapaz contraíra aqui um corrimento blenorragico.

Segundo relata o velho, a mulher do enfermo, desconfiando da origem do mal, deu em grito, e houve, em casa, um tremendo sururu. Afogar o palhaço!

É boa!... esses caboclos tem cada uma!...

Passo Fundo, 19 de Dezembro de 1935.

Data : 20/12/1935

Título : 225 PEIXE PODRE

Categoria: Memórias

Descrição: Ao escrever a última “Nota”, veio-me a memória um outro caso não menos interessante.

Ao escrever a última “Nota”, veio-me a memória um outro caso não menos interessante.

Residiu, durante muitos anos, no 3º distrito, nas proximidades do desvio Araújo, o Sr. Gabriel José dos Santos, cidadão trabalhador, honesto e muito pacato, sendo sempre um correligionário dedicado, tanto que, muitas vezes, foi nomeado mesário, em eleições.

Certa vez, mais ou menos em 1928, apareceu-me no consultório e, desde logo, muito descansadamente, conforme é seu modo de falar, foi me dizendo:

– Dr., estive, há dias, em Marcelino Ramos e, por ter comido um peixe podre adoeci.

Naquele povoado, à margem esquerda do rio Uruguai, é abundante o peixe fresco, e, por isso, estranhei que tivesse comido deteriorado, perguntando-lhe:

– Mas tu não sentiste o gosto, o cheiro? Não vomitaste?

A resposta, com um leve sorriso e um menear de cabeça, foi a seguinte:

– É verdade comi um peixe bem podre e não vomitei.

– Mas tu tens então um estômago de avestruz e um estranho paladar.

Depois de muito custo, entre boas gargalhadas minhas, é que viam a saber do que, em verdade, se tratava.

O tal “peixe podre” não era mais do que uma mulher doente, com quem tivera relações sexuais, e que o contaminara de blenorragia...

– O meu amigo e original Gabriel José dos Santos, apesar do seu gênio reconhecidamente calmo, viu-se envolvido em um sério conflito pouco tempo depois, e, quando já gravemente ferido matou o seu contendor, mas a justiça da terra é quase sempre falha, e, hoje cumpre pena na Casa de Correção, em Porto Alegre: foi condenado a 6 anos, e penso quem, em 1936, conseguirá o livramento condicional, por isso que, por certo, terá no presídio um bom comportamento, em face do seu gênio ponderado.

Passo Fundo, 20 de Dezembro de 1935.

Data : 21/12/1935

Título : 226 POÇO E SAPOS

Categoria: Memórias

Descrição: Quando eu era estudante de Medicina, e cursava, em 1903, o quarto ano, estava em grande moda o uso de cartões postais, havendo, nesse sentido, uma enorme troca de correspondência.

Quando eu era estudante de Medicina, e cursava, em 1903, o quarto ano, estava em grande moda o uso de cartões postais, havendo, nesse sentido, uma enorme troca de correspondência.

Existiam lindos álbuns próprios, e cada qual procurava conseguir autógrafos de pessoas amigas, poetas, estudantes, literatos, etc.

Havia, em Porto Alegre, uma certa moça, por nome Emilia, de importante família, mas velha e, principalmente, feia, que me perseguia por todos os modos, em bailes, em festas, na hora chique da rua dos Andradas, e eram uma verdadeira praga os seus cartões postais, nos quais, quase sempre, vazava melosas declarações de amor, as quais nunca respondi.

Em dada ocasião, já um tanto desenganada, mandou-me um, em que se via, ao lado de um lindo jovem, um pequeno coração, e ela assim escreveu:

– Esse é o teu coração. Nesse coração haverá amor? Responda. Emilia.



Resolvi fazer-lhe uma pilheria, e adquiri, na Livraria Americana, um cartão, que representava uma casa em ruínas, tendo ao lado um poço, já em desmoronamento, e respondi-lhe:

– Esse é o poço da tua casa. Nesse poço haverá sapo? Responda. Vergueiro.

No dia imediato, recebi do seu pai a devolução desse postal, com a seguinte nota, a lápis azul, e em grandes letras:

– Seja mais delicado.

E, por esse modo, vi-me, para sempre, livre da impertinente namorada.

Passo Fundo, 21 de Dezembro de 1935.

Data : 22/12/1935

Título : 227 UM CRIME EVITADO

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1916, o Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, recentemente chegado a esta cidade, abriu uma campanha política contra o Cel. Gervazio Lucas Annes...

Em 1916, o Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, recentemente chegado a esta cidade, abriu uma campanha política contra o Cel. Gervazio Lucas Annes, então Chefe do Partido Republicano Local, e, por intermédio de um pequeno jornal, de sua propriedade, dirigia, semanalmente, os mais veementes ataques ao chefe governista, que, por sua vez, tomou a definitiva resolução de não responder a um sequer.

Estavam as coisas nesse ambiente, quando, certa tarde, fui convidado a comparecer à delegacia de polícia, a fim de fazer auto de corpo de delito em um ferido.

Era delegado o Capitão Jovino da Silva Freitas, e secretário da municipalidade o Sr. Brasília Lima, tipo clássico de homem medíocre, tão bem descrito por José Ingenieros.

Quando penetrei na delegacia, o delegado estava ausente, mas estava lá o tal secretário, de palestra com Octávio Nogueira e um negro muito mal encarado.

Ouvi o seguinte diálogo:

– Mas, Octávio, porque não fizeste esta noite o que te mandei?

– Olhe, seu Brasília, eu rondei a casa, mas isso é uma barbaridade, um crime que me pode comprometer e, além disso, aquele homem não se mata assim com facilidade, porque ele anda se cuidando muito.

– Tu és um covarde, um poltrão, que não merece mais a minha confiança; cumpra o que determinei e deixe o resto por minha conta ou desapareça daqui, porque não te deixarei mais botar o pé em ramo verde: tu és quem vai me pagar...

– Pois bem, então fique ciente de que esta noite matarei o homem.

Nesse ínterim, resolvi intervir, perguntando a quem se referiam.

O funcionário da intendência, jactancioso [orgulhoso] e em pose, me contou, como coisa muito natural, que ia mandar matar o Dr. Azambuja, por causa dos ataques ao Coronel Gervazio, e que era preciso um exemplo violento para que cessassem aquelas verrinas. Fiz-lhe, desde logo, ver o seu imenso erro, e grande inconveniente desse ato, a brutalidade do crime, e o resultado foi travar-se entre nós uma forte e acalorada discussão.

Saindo dali, procurei ao Coronel Gervazio, de quem eu era íntimo amigo, que tudo ignorava e a quem de tudo fiz ciente, e prometeu-me tomar as medidas necessárias para evitar o crime.

Por lealdade, preveni-lhe que ia mandar avisar ao Dr. Azambuja, o que imediatamente fiz por interno de Juvenal Xavier, amigo comum.

O delegado, Jovino da Silva Freitas, viu-se na obrigação de demitir-se, por ser contrário ao atentado, e eu, de vez, cortei relações pessoais com o cujo mandante, partindo, dali, todas as perseguições de que foi vítima.

A casa do Dr. Azambuja, que vinha sendo, nas noites anteriores, muito vigiada, ficou em sossego, e foi assim que esse crime estúpido não se consumou.

Passo Fundo, 22 de Dezembro de 1935.

Data : 23/12/1935

Título : 228 PROPOSTA INDECENTE

Categoria: Memórias

Descrição: Ia acesa, e no mais vivo, a luta, em 1918, da dissidência republicana contra a administração e a política do Tte. Cel. Pedro Lopes de Oliveira, tendo cada facção o seu jornal: nós A Voz da Serra e eles, O Gaúcho.

Ia acesa, e no mais vivo, a luta, em 1918, da dissidência republicana contra a administração e a política do Tte. Cel. Pedro Lopes de Oliveira, tendo cada facção o seu jornal: nós A Voz da Serra e eles, O Gaúcho. Este, sentindo faltar-lhe o terreno aos pés, em face da má causa, descambou como vai sempre acontecer, pelo áspero terreno da mais virulenta e estúpida

linguagem, atirando-nos, num estilo de chiqueiro, próprio do seu ignorante diretor, as suas fedentinas.

Nessa atmosfera tóxica e pesada, regressei, certa vez, de Porto Alegre, quando fui, na mesma noite, convidado para uma conferência, no Hotel dos Viajantes, hoje Hotel Avenida com o conhecido caudilho Coronel Fabrício Vieira, gaúcho, residente em Santa Catarina há muitíssimos anos.

Acedi e fui, lá encontrando o Dr. Antonio Bittencourt Azambuja e Capitão Jovino da Silva Freitas, igualmente convidados.

Depois de vasta palestra e de muito rodeio, o cel. Fabrício, verberando sempre o procedimento do Cel. Pedro Lopes de Oliveira, com o qual se mostrava indignado, nos propôs que lhe entregássemos a importância de 30 anos, que mandaria, sem demora, eliminar o nosso adversário, sem a menor responsabilidade nossa.

Declarou-nos que aquele dinheiro não era para ele, e sim para uns seus homens, acostumados a serviços dessa espécie.

Rejeitamos imediatamente semelhante processo, e eu cheguei mesmo a lhe dizer que preferia abandonar a luta a concordar com aquela proposta, pois, de modo formal, repugnava a minha consciência.

A conferência terminou de modo frio e seco.

Poucos meses depois, tive oportunidade de viajar, com aquele coronel, daqui a Porto Alegre, e nem sequer trocamos cumprimentos.

Passo Fundo, 23 de Dezembro de 1935.

Data : 24/12/1935

Título : 229 PLANO QUE FALHA

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1928, travou-se, nesta cidade, por meio de boletins, um duelo de descomposturas e desaforos, cada qual mais ofensivo e mais venenoso, entre os Dr. Ney de Lima Costa e Cap. Pedruca dos Santos.

Em 1928, travou-se, nesta cidade, por meio de boletins, um duelo de descomposturas e desaforos, cada qual mais ofensivo e mais venenoso, entre os Dr. Ney de Lima Costa e Cap. Pedruca dos Santos.

Esses boletins, amplamente distribuídos, continham as mais estúpidas verrinas, em uma linguagem baixa, denunciadora do mais profundo ódio mútuo.

Nessa época, já eu havia cortado relações pessoais com o Dr. Ney, de quem fui sincero e dedicado amigo, pela sua contumaz deslealdade política. Esse homem recebeu, de mim, os maiores favores e as mais inequívocas provas de consideração e de amizade, mas, no momento em que se julgou um tanto quanto alto, procurou morder-me, de modo muito pouco digno, tramando até com adversários meus.

Uma tarde, fui, por um amigo, avisado de que Pedruca, nessa mesma noite, mandaria assassinar ao Dr. Ney, à saída do cinema, de propriedade deste.

Não tergiversei um só momento: mandei chamar Pedruca à minha casa, e fiz-lhe ciente, com grande pasmo seu, de que estava inteiramente ao conhecimento do seu bárbaro plano.

Ao princípio negou, depois confirmou a sua intenção, e tanto fiz, chegando mesmo a ameaçá-lo de uma denúncia imediata as autoridades e ao próprio Ney, que deu-me a sua palavra de honra de desistir da emboscada, como, de fato, o fez, tanto que Ney viveu ainda muitos anos nesta cidade, vindo a falecer de uma hemorragia cerebral, quando eu estava exilado, na Argentina, por questões políticas, assaz conhecidas.

Passo Fundo, 24 de Dezembro de 1935.

Data : 25/12/1935

Título : 230 DUAS CARTAS COMPROMETEDORAS

Categoria: Memórias

Descrição: Por motivo da emancipação administrativa de Carazinho, e sua conseqüente política, fui atacado pelo Dr. Homero Guerra...

Por motivo da emancipação administrativa de Carazinho, e sua conseqüente política, fui atacado pelo Dr. Homero Guerra e seus amigos, que abriram contra mim, uma campanha de desprestígio, amparados pelo General Flores da Cunha, então interventor federal no Rio Grande do Sul.

Recebi então duas cartas comprometedoras, que transcrevo “ipsis verbis” sem alteração de uma só vírgula, e que guardo-as em meu arquivo.

Tive que chamar, a esta cidade, o seu signatário, a quem, terminantemente, proibi que levasse a efeito o seu diabólico desejo.

Eis os dois documentos:

“Erechim, 8 de Dezembro de 1931.

Prezado Chefe Dr. Vergueiro

Passo fundo.

Venho acompanhando com desusado interesse o caso de Carazinho e a traição que aqueles elementos vem lhe fazendo exige que eu também me sacrifique para uma vingança.

Tenho aqui elemento de absoluta confiança para eliminarmos o cabeça daquele movimento (Guerra) cujo serviço faremos sem receio algum e não prejudica-se a quem quer que seja.

Da resposta do meu chefe me orientarei fazendo seguir para Carazinho elemento para aquele fim.

Se preciso irei aí para melhor combinar com o Sr.

De quem é seu dedicado

Amigo certo

(assinado) Arnaldo Porto”

“Erechim, 14 de Dezembro de 1931.

Prezado amigo e chefe Dr. Vergueiro

Passo Fundo

Confirmando minha última sem favor a contestar. Com referência ao conteúdo da mesma, se possível podeis marcar entendimento pessoal comigo, para o que irei até aí, pois não é mais possível tolerar aquele estado de coisas em que prevalece a mais miserável das ingratidões e das injustiças. Podeis confiar cegamente que darei consumo a esse estado de coisas sem atribuições futuras. Basta somente que me autorizeis a apresentar um elemento que disponho a outro elemento da vossa confiança naquela localidade.

Na minha imensa vontade de vos prestar auxílio direto contra aquela onda de canalhas não fugirei as ordens do correligionário que tem me dado as melhores lições de abnegação na vida partidária e a quem admiro como chefe.

Aguardo as suas ordens para lhe servir aqui, aí e lá da forma que bem lhe parecer.

De quem é dedicado amigo.

(assinado) Arnaldo Porto.

– Dei-lhe mais uma lição, fazendo-lhe ver a inconveniência e o barbarismo do ato, que pretendia praticar.

Passo Fundo, 25 de Dezembro de 1935.

Data : 26/12/1935

Título : 231 UM INCÊNDIO

Categoria: Memórias

Descrição: Durante a revolução assisista de 1923, era comandante da Brigada do Norte, sediada nesta cidade, o General Firmino de Paula, velho republicano, e que sempre, por processos violentos, combateu os federalistas.

Durante a revolução assisista de 1923, era comandante da Brigada do Norte, sediada nesta cidade, o General Firmino de Paula, velho republicano, e que sempre, por processos violentos, combateu os federalistas. Em Julho, quando, em todo o Estado, mais intenso era o movimento, a charqueada de São Miguel, cerca de 11 quilômetros daqui, à margem da linha férrea que se destina a Cruz Alta, e de propriedade de Julio Magalhães \$ Cia., tornou-se um centro de oposicionistas.

Uma noite, aquele comandante, que sempre teve gênio irritado e, então, ainda mais pela sua avançada idade, 80 anos, mandou me chamar ao seu quartel general para me prevenir, como intendente do município, e sigilosamente, que estava resolvido a acabar com aquele foco pernicioso de baderneiros, e que iria mandar incendiar o estabelecimento, não deixando pedra sobre pedra.

Fiquei estarrecido e frio, porque bem sabia dos processos violentos e arbitrários de Firmino de Paula, e achei de bom aviso não contrariá-lo de chofre [choque repentino], pois poderia ser pior a emenda que o soneto, e, pouco a pouco, em longa e amistosa palestra, fui fazendo-lhe ver da inutilidade do incêndio, puramente prejuízo material que, algum dia, o governo teria que indenizar, da inconveniência para a nossa causa que, mais cedo ou mais tarde, teria que arcar com essa imensa responsabilidade e terrível acusação.

De início, irritou-se, chegando mesmo a dizer que já estava arrependido de me haver comunicado, pois eu “poderia ser um bom médico, um ótimo cidadão, mas era um péssimo guerreiro, pelo meu coração de açúcar” mas não desanimei e, queimando sempre incenso na pira de sua vaidade de intrépido e valoroso guerreiro, fui conseguindo amolecer o seu propósito, até que, depois de muitas horas, e depois de insistente apelo, resolveu desistir do seu intento, prometeu não levá-lo avante, o que, de fato, cumpriu.

O general tinha um ponto fraco: a sua vaidade...

Passo Fundo, 26 de Dezembro de 1935.

Data : 27/12/1935

Título : 232 UM CASO SEMELHANTE

Categoria: Memórias

Descrição: Durante o sítio de Passo Fundo, de 24 a 31 de Janeiro de 1923, quando, à cavalo, às 2 horas da madrugada, regressava eu de uma linha de defesa, comandada pelo Capitão Oswaldo Sintz...

Durante o sítio de Passo Fundo, de 24 a 31 de Janeiro de 1923, quando, à cavalo, às 2 horas da madrugada, regressava eu de uma linha de defesa, comandada pelo Capitão Oswaldo Sintz, e onde o tiroteio estava sendo mais intenso, percebi, numa distancia de 80 metros mais ou menos, dois homens que, pela rua Bento Gonçalves, dirigiam-se aceleradamente, da Avenida Brasil para a rua Morom.

Eles reconheceram-me de longe, escondendo-se em um prédio em construção.

De revólver em punho, e com a minha ordenança Manoel Paulo Marques, dei-lhes voz de prisão, e, por isso, resolveram a se dar a conhecer. Eram dois amigos e correligionários meus, Dr. Arthur Souto Ribeiro e Procoro Coelho Velasquez, que levavam, debaixo das capas Renner, duas latas de gasolina.

Inquirindo-os, com energia, sobre o que pretendiam fazer, confessaram que iam incendiar a casa de propriedade e moradia do Dr. Arthur Caetano da Silva, cuja família estava ausente, em São Paulo, e ele, nas forças revolucionárias.

Recriminei-os acremente, e só fi-los regressar em paz, depois de formal compromisso, que tomaram, de não mais tentarem executar o incêndio, prometendo eu guardar reserva sobre o ocorrido.

O fato, no entretanto, chegou ao conhecimento público e foi muito comentado e censurado.

Existem certos homens a quem o ódio, de momento, os cega e não medem consequências e nem calculam as responsabilidades.

Passo Fundo, 27 de Dezembro de 1935.

Data : 28/12/1935

Título : 233 HERCULANO DE QUADROS

Categoria: Memórias

Descrição: Li, há poucos dias, a notícia do falecimento de Herculano Amâncio de Quadros, no Paraná.

Li, há poucos dias, a notícia do falecimento de Herculano Amâncio de Quadros, no Paraná.

Esse meu amigo, quando, em 1919, no cargo de sub-delegado de polícia, do 6º distrito deste município, viu-se envolvido em um crime, que reboou, como um trovão, por todo o Rio Grande do Sul, e, no entretanto, ele nada mais foi do que uma vítima das circunstâncias.

A política federalista, agitada aqui em Passo Fundo, pelo Dr. Arthur Caetano da Silva, transformou o ambiente de calma e de trabalho em desordem, que, pouco a pouco, foi assumindo proporções tais, até que estourou, em 24 de Janeiro de 1923, em um movimento revolucionário, que, célere, espalhou-se por todo o Estado.

Em 1919, o major Ângelo Alves de Souza Marques, então delegado de polícia, recebeu ordem de prender um célebre criminoso Cypriano de Padua. Chamou a esta cidade todos os sub-delegados distritais, e deu-lhes terminante ordem: prender Cypriano e matá-lo em caso de qualquer resistência.

Herculano, sabedor que o bandido percorria o seu distrito, organizou uma escolta, e, durante dias e noites, procurou-o nas serras de Pontão, até que, em uma manhã, o surpreendeu.

No momento em que Cypriano levava a mão à sua inseparável Winchester 44, pois era um homem valente e não se entregara assim no mais, recebeu uma descarga, e caiu morto.

Da escolta, fazia parte um tal de Bibiano Ferraz, em cujos ombros pesava a responsabilidade de vários crimes em Lagoa Vermelha e Vacaria, e que, num gesto selvagem, cortou uma das orelhas da vítima.

Enterrado o corpo, o sub-delegado veio à cidade, dar conta de sua missão.

Bibiano, que chegara pouco antes, já havia contado a diversas pessoas a sua estúpida façanha, seguindo logo depois, para Santo Ângelo. Dizem que foi levar a orelha a mulher de Cypriano, que o recompensou com dez contos de reis.

Arthur Caetano da Silva armou então um enorme escândalo e o governo do Estado mandou abrir rigoroso inquérito.

Um genro de Herculano, sem ordem e às escondidas deste, foi ao local do crime, desenterrou o corpo, arrastou-o pelo mato, atirando-o em uns grotões de pedra.

A polícia movimentou-se, foi ao distrito, descobriu o cadáver e verificou a verdade das acusações.

Bibiano e outros fugiram.

Herculano foi preso e demitido a bem do serviço público.

Quando os autos subiram para julgamento do juiz de comarca, Herculano fugiu escandalosamente da cadeia civil, indo residir no Paraná, onde acaba de falecer, pobre e velho.



Hoje que a terra destrói os seus despojos, escrevo nestas “Notas íntimas”: Herculano foi uma vítima, em primeiro, das severas ordens do delegado, e em segundo, das suas relações de amizade com Bibiano e com o seu genro, a quem não queria comprometer.

Herculano Amâncio de Quadros foi muito meu amigo, e me confessou a verdade, como aí fica relatado.

– Certa vez, soube que ele, cheio de ódio, por motivos políticos, contra o Dr. Carlos Silveira Martins Leão, vinha à cidade para matá-lo, e nesse sentido, fui informado até de pormenores, como a hora da saída dele e de dois capangas, de sua fazendola.

Algumas horas antes, já quase ao cerrar da noite, do dia prefixado, fui de auto à sua propriedade, para aconselhá-lo a não assim proceder.

Já o encontrei com os dois homens, todos a cavalo, de viagem para aqui, e, depois de conversarmos cerca de 1 hora, encostados em um alambrado, nas proximidades de uma lagoa, convenci-o de que deveria regressar, e deu-me a sua palavra de honra que não atentaria contra a vida daquele advogado, o que cumpriu. Decorreram-se alguns meses, houve o crime de Cypriano e o advogado de Herculano foi o mesmo Dr. Carlos Silveira Martins Leão.

Coisas interessantes e inexplicáveis da vida!

Passo Fundo, 28 de Dezembro de 1935.

Data : 29/12/1935

Título : 234 NOTAS PROMISSÓRIAS

Categoria: Memórias

Descrição: Eis a relação das notas promissórias, pagas por mim como avalista de...

Eis a relação das notas promissórias, pagas por mim como avalista de:

José Álvaro de Abreu 1918 2.000\$000

Dr. José Krein 1919 400\$000

Antonio Joaquim Bittencourt 1919 100\$000

Homero Leite 1919 250\$000

Herculano Amâncio Quadros 1919 1.700\$000

Manoel Joaquim Pacheco 1920 100\$000

Benito Caum 1920 200\$000

João Manoel Barbosa	1920	400\$000
Ernesto Falk	1920	2.000\$000
Homero Leito	1921	2.000\$000
Gaspar Medina	1921	1.000\$000
Henrique Beloni	1921	100\$000
Antonio Brasil	1922	600\$000
Octávio Leão de Oliveira	1922	500\$000
Victoriano A. Nunes	1922	150\$000
Cacildo dos Santos	1927	6.700\$000
Agostinho Cruz	1927	7.400\$000
Dr. João Bigois	1928	400\$000
Edmundo de Oliveira	1928	15.000\$000
Ordmel Monteiro	1929	1.000\$000

Soma tudo em 42:000\$000!

Todas estas notas estão em meu arquivo, menos a de Edmundo de Oliveira, que juntei aos autos de inventário para ver se conseguia sobrar qualquer coisa.

Passo Fundo, 29 de Dezembro de 1935.

Data : 30/12/1935

Título : 235 DESEJA CONFESSAR-SE

Categoria: Memórias

Descrição: Entrei, como interno, no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, em 8 de Dezembro de 1893, exatamente no dia em que começavam as feiras escolares...

Entrei, como interno, no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, em 8 de Dezembro de 1893, exatamente no dia em que começavam as feiras escolares, e isso porque, estando o Estado em plena revolução, minha mãe julgou de bom aviso, para maior tranqüilidade

sua, visto como eu vinha sempre manifestando desejos de acompanhar as forças governistas, comandadas pelo Cel. Gervazio Lucas Annes, chegando mesmo, de uma feita, a fugir de casa.

Fiz o trajeto daqui a Santa Maria, 50 léguas mais ou menos, a cavalo, e em 10 dias, seguindo uma força de cerca de 80 homens que ia aquela cidade trazer armamento e munição.

Freqüentei aquele importante estabelecimento de ensino, que hoje é um seminário, até Maio de 1895, quando minha Mãe pode ser transferir para Porto Alegre, indo residir em sua companhia, matriculando-me, como externo, na Escola Brasileira, dirigida pelos professores Ignácio Montanha e André Leão Puente, ambos já falecidos.

No Colégio Conceição, quando o aluno necessitava fazer qualquer pedido, reclamação ou esclarecimento solicitava do padre que dirigia a sua turma um pequeno papel e fazia por escrito.

Em 1920, quando o Ruy estava no Ginásio Anchieta, em Porto Alegre, o padre Führ, já muito velhinho, mandou-me, por intermédio de meu filho, um daqueles pedidos meus.

Transcrevo-o:

“Aluno N. Vergueiro, número 40, deseja confessar-se com o Reverendíssimo Padre Fürh. N. Vergueiro, n.º 40. Colégio Conceição, em 30 de março de 1895”.

Lá se vão quase 41 anos!

Guardo o pequeno papel em meu arquivo, com amor e com saudades, e presto aqui os seus mais sinceros agradecimentos aquele distinto e ilustre sacerdote.

Passo Fundo, 30 de Dezembro de 1935.

Data : 31/12/1935

Título : 236 UM FUZILAMENTO MALGRADO

Categoria: Memórias

Descrição: Durante os amargos e difíceis dias do sítio de Passo Fundo, de 24 a 31 de Janeiro de 1923...

Durante os amargos e difíceis dias do sítio de Passo Fundo, de 24 a 31 de Janeiro de 1923, pelas forças denominadas “Libertadoras” foi, nesta cidade, por estar conversando imprudentemente, preso um rapaz por nome Astrogildo Mello, e, sob guarda permanente, detido no edifício da Intendência Municipal.

À tarde de 27, veio ao meu conhecimento que um grupo de exaltados pretendiam fuzilá-lo aquela noite, e, desde logo, dirigi-me então à guarda, dando a um cabo as ordens mais enérgicas

para que não o entregasse a quem quer que fosse, mesmo levando determinação escrita minha, sob pena de fuzilamento imediato: inteiramente responsável pela vida do preso.

Cerca de meia noite, fui à Intendência, e mandei que Astrogildo entrasse em meu auto, onde se encontravam dois soldados armados.

O pobre moço quase desfaleceu, e, gaguejando, implorou-me que não o matasse.

Simulei completa indiferença pelo seu pedido.

Seguimos até o Boqueirão, e aí, em um local muito escuro e deserto, depois de perguntar-lhe onde morava, fi-lo desembarcar, e esconder-se em sua própria casa.

O preso, na maior comoção, agradecendo-me, desapareceu, correndo por uma rua até a sua residência, onde ninguém mais o molestou.

No dia imediato, os exaltados, contentes, estavam convencidos de que eu fizera o “serviço”, e grande foi o seu desapontamento quando, passados alguns dias, viram-no na rua, são e forte.

Passo Fundo, 31 de Dezembro de 1935.

Data : 18/01/1936

Título : 237 SANTA THEREZINHA

Categoria: Memórias

Descrição: No dia 4 deste mês, segui até Porto Alegre, a fim de tomar parte, como membro da Comissão Central do Partido Republicano...

No dia 4 deste mês, segui até Porto Alegre, a fim de tomar parte, como membro da Comissão Central do Partido Republicano, nas démarches e deliberações sobre o falado “acordo” da Frente Única com o governador do Estado, regressando a 17, e hoje, 18, reinicio as minhas Notas.

– Ao amanhecer de 25 de dezembro de 1935, observei que os meus dois netos Eugenio e Carolina achavam-se com febre, que, pouco a pouco, foi aumentando, com acentuada perturbação gastrointestinal.

Nos dias 26, 27, 28 e 29, o estado das crianças foi se agravando, deixando-me pensar em uma forma típica ou para-típica: pulso rápido e mole, febre elevada, grande prostração, sub-delírio, língua saburrosa, ventre timpânico, gargarejo na fossa ilíaca esquerda, etc. a noite de 29 passei-a em claro, seriamente preocupado, e, pela madrugada, quando já cansado, cochilava um pouco, despertei com o choro da Jovina, em extremo excitada e grandemente desanimada.

Reprimindo o seu estado nervoso, ocultando-lhe o meu modo de pensar sobre a gravidade do mal, depois de lhe dar um pouco de ânimo e de esperança, vim para o meu escritório, e aí, sem o pretender, veio-me a memória o nome de Santa Therezinha, de quem, confesso, nunca fui adepto fervoroso.

Lembrei-me de suas palavras, ao expirar:”Je veux passer mon ciel à faire du bien sur la terre” e, em silêncio, prometi tornar-me um crente da Santa de Lisieux, se os meus netos amanhecessem o 1º de Janeiro sem febre, e trazer sempre comigo uma sua imagem.

Pois bem, a virgem carmelita, que faleceu na tarde de 30 de Setembro de 1897 atendeu à minha súplica angustiada: iniciamos o ano novo com Eugenio e Carolina sem febre e em convalescença.

Em vista do ocorrido, rendi-me a evidência, e sou hoje, confesso também, um seu crente e admirador, cuja graça, com o maior penhor, proclamo e agradeço.

Dias depois, fui a Porto Alegre, e lá pedi ao meu concunhado, Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, católico praticante, que me desse um pequeno cromo com a imagem da Santa Terezinha, o que imediatamente conseguiu.

Traz, de um lado, um pequeno pedaço de tecido branco, com uma cruz vermelha, e esta inscrição: “Etoffe ayant touché à la Sainte”.

Passo Fundo, 18 de Janeiro de 1936.

Data : 08/02/1936

Título : 238 UM MELÃO

Categoria: Memórias

Descrição: Compareceu, ontem, às 3 horas da tarde, em meu consultório, o Sr. José Behm, agricultor, residente no 1º distrito deste município, que me levou para examinar um seu filho, por nome Oswaldo, de nove anos de idade.

Compareceu, ontem, às 3 horas da tarde, em meu consultório, o Sr. José Behm, agricultor, residente no 1º distrito deste município, que me levou para examinar um seu filho, por nome Oswaldo, de nove anos de idade.

De uma chocante palidez, coberto de suores frios, com temperatura de 35º, pulso de 140, filiforme, ventre grandemente dilatado, constatei, desde logo, a extrema gravidade do caso e supus a existência de uma hemorragia intestinal.

De fato, referiu-me o pai que seu filho, depois de mais de 25 dias de alta temperatura e perturbações gastrointestinais, entrara em convalescença, com uma fome devoradora, e que, ao escurecer do dia anterior, comera, às escondidas, de uma só vez, um melão inteiro, amanhecendo com abundante hemorragia intestinal.

Levei imediatamente o pequeno, em meu automóvel, ao Hospital de Caridade, e, apesar de todos os recursos de que lancei mão, o menino, horas depois, veio a falecer.

Passo Fundo, 8 de Fevereiro de 1936.

Data : 11/02/1936

Título : 239 UM INCIDENTE COM O DR. BORGES

Categoria: Memórias

Descrição: Em Agosto de 1921, estando eu, já há dias, em porto Alegre, fui despedir-me, em palácio, do Dr. Borges de Medeiros.

Em Agosto de 1921, estando eu, já há dias, em porto Alegre, fui despedir-me, em palácio, do Dr. Borges de Medeiros.

Nessa ocasião, pediu-me o Chefe que, de chegada a Passo Fundo, procurasse o Dr. Walter Gastão Buttell, então juiz distrital, e lhe transmitisse o seu pedido de não requerer a Assembleia dos Representantes do Estado a licença para executar a sentença condenatória do Dr. Arthur Caetano da Silva, deputado estadual, no crime de calúnia que lhe moveu o Sr. Joaquim Pedro Dauth, notário desta cidade.

Logo depois de meu regresso, procurei aquele juiz, a quem dei ciência da solicitação do presidente do Estado e Chefe do Partido Republicano, prometendo-me ele cumpri-la.

Em 20 de Setembro, fui novamente à Capital, tomar parte nos trabalhos da Assembleia, como um de seus representantes.

No dia 6 de Outubro, recebendo um cartão do secretário do gabinete presidencial, Zeferino Ribeiro, em que me comunicava ter o presidente muita necessidade de falar comigo, compareci em palácio.

Recebido pelo Chefe, de sobrececho fechado, desde logo percebi que havia algo de importância e de grave. De fato, o Dr. Medeiros, muito irritado, perguntou-me se dera o seu recado, sobre o Dr. Arthur Caetano, ao juiz distrital, o que respondi afirmativamente. Mostrou-me então, ainda mais nervoso, o pedido que aquele serventuário da justiça acabava de fazer à Assembleia, requerendo licença para prender o referido deputado.

Retorqui-lhe, de seguida, que semelhante atitude do juiz causava-me uma imensa surpresa, porquanto se comprometera comigo a não enviar aquela petição.

Duvidou o Chefe da minha verdade, e tivemos então uma séria e acalorada discussão, que só terminou quando me retirei do Palácio, dizendo ao Chefe:

– Tenho sido seu amigo, mas não sou seu capacho. Atiro nesse tapete todas as posições políticas que ocupo.

– Isso é outra desconsideração.

– Entenda V. Ex. como quiser... e me retirei imediatamente.

Esse desagradável incidente foi assistido pelo General Barreto Vianna e pelo Cel. Emilio Massot, naquela época presidente da Assembleia e Comandante da Brigada Militar respectivamente.

A 7 de Outubro, isto é, no dia imediato, enviei ao Dr. Borges a seguinte carta, que transcrevo:

“Porto Alegre, 7 de Outubro de 1921.

Exmo. Sr. A. A. Borges de Medeiros

Respeitosas saudações

Depois do incidente de ontem, em que V. Ex. duvidou da minha lealdade e dedicação, aliás, sinceras e desinteressadas, sinto-me no dever de, agradecendo muitíssimo a consideração com que, até aquele momento, V. Ex. me honrou, desobrigar-me da direção política do município de Passo Fundo.

Reafirmo, sob a minha palavra de honra, que não me cabe a menor responsabilidade, e disso a minha consciência está bem segura e tranquila, no fato em que V. Ex. julgou haver desconsideração minha.

Há quatro anos que venho trabalhando, com atividade e ardor, não medindo sacrifícios de toda a ordem pela pujança de nosso Partido em Passo Fundo, sempre seguindo a risca, como republicano disciplinado, os conselhos de meu Chefe.

Lastimando, profundamente, o incidente, seguirei, em breve, para Passo Fundo, d’onde resignarei os mandatos à Assembleia do Estado e Intendente Municipal, lugares de imediata confiança de V. Ex.

Continuando nas fileiras do Partido, como simples e obscuro soldado, faço-o convicto de, sempre, tê-lo ouvido e atendido com o máximo respeito e acatamento, e, sobretudo, com grande amizade e lealdade. Do amigo e correligionário (assinado) Nicolau Araújo Vergueiro”.

À 8, recebi a seguinte resposta:

“Porto Alegre, 8 de Outubro de 1921.

Ilustre Amigo Dr. Nicolau Vergueiro

n/c

Acusando o recebimento de vossa carta de ontem, apresso-me em declarar-vos, com satisfação, que, no incidente a que vos referis, motivado pelo pedido de licença à Assembleia, por parte do juiz distrital de Passo Fundo, para requisitar a prisão do deputado federal Arthur Caetano da Silva, nenhuma vez pus em dúvida a vossa lealdade, que bem conheço e devidamente aprecio.

Apenas estranhei que não tivesse sido acatado o conselho por mim dado, anteriormente, sobre o assunto, não só a vós, como ao referido juiz, por isso que semelhante pedido, além de impolítico, principalmente agora, é ilegal, por estar prescrita a penas, etc.

Ouvida, porém, a vossa explicação, que plenamente me satisfaz, convenci-me logo da vossa nenhuma co-participação na iniciativa do mesmo juiz, cuja atitude me pareceu até, como então vos disse, consequência de condenável conluio entre ele e Arthur Caetano, pois é bem possível que este haja tido conhecimento, pelo próprio juiz, da minha opinião a respeito e, assim sendo, o que deseja é explorar o caso em seu proveito, com as inevitáveis repercussões que teria, neste momento, dentro e fora do Estado.

Escusado é declarar-vos que tenho no mais alto apreço os serviços que vindes prestando ao partido e ao município, porque disso vos dei sempre as provas mais inofismáveis.

Não posso, assim, por nenhum motivo, aceitar a renúncia, que oferecis, de vossos mandatos e é me grato reafirmar-vos, uma vez mais, a inteira confiança e completa estima que me merecis.

Convido-vos, por tudo isso, a virdes a palácio, segunda-feira, para de viva voz fazer-vos declaração idêntica.

Saúdo-vos afetuosamente.

(assinado) Amigo certo e correl.<sup>o</sup> Obr.<sup>o</sup> - Borges de Medeiros.

– Nessa carta, há um grande equívoco, que é este: a pena não estava prescrita.

– Depois de tudo isso, fui, no dia aprazado, a Palácio, onde trocamos amáveis explicações, encerrando, de vez, o lastimável acidente.

– A 19 do mesmo mês, o meu caro amigo Dr. Eurybiades Dutra Villa, então chefe de Polícia, endereçou-me, de Porto Alegre para Passo Fundo, uma interessante carta, da qual transcrevo alguns tópicos, que se relacionam com o assunto em descrição:

“Encontrando, no Diário do Interior, um telegrama dali, dando a ida de Arthur Caetano e do Buttell, “ensembles” para o Rio, levei, pessoalmente, aquele jornal, ao nosso chefe. Este teve, então, oportunidade de me declarar que mais se convence de que Buttell, em requerendo licença para execução da sentença, o fez mancomunado com aquele. Narrou-me o que se passa contigo, acrescentando que, erroneamente, julgara que havia intimidade entre ti e Buttell. Verificou, porém, que Buttell, de fato, não só não tinha essa intimidade, como também procurara agir, com escopo de te prejudicar”

– Fatos posteriores vieram, à saciedade, demonstrar que Walter Buttell agia de inteiro acordo com Arthur Caetano, a quem, na eleição de 25 de Novembro de 1922, em que eram candidatos, à presidência do Estado, Borges de Medeiros e Assis Brasil, forneceu para mais de 500 títulos eleitorais falsos, o que ficou perfeitamente demonstrado, o que lhe causou sua imediata demissão do cargo.

Em 1923, Buttell aderiu à revolução “assistista”, que irrompeu no Estado, e em cujas forças serviu, não entrando, ao que me consta, em um só combate.

– Até hoje, por tudo isso, não mantenho relações com aquele cidadão.

Passo Fundo, 11 de Fevereiro de 1936.



Data : 12/02/1936

Título : 240 UMA CIRCULAR

Categoria: Memórias

Descrição: Na véspera de minha partida ao Rio de Janeiro, em 17 de Maio de 1935, dirigi aos meus correligionários a circular abaixo.

Na véspera de minha partida ao Rio de Janeiro, em 17 de Maio de 1935, dirigi aos meus correligionários a circular abaixo.

Motivou-a o fato dos meus adversários políticos haverem, na cidade e nos distritos, espalhado, amplamente, que eu não regressaria mais, abandonando, de vez, os meus companheiros, à sua própria sorte.

Eis a circular:

“Distinto correligionário

Saudações cordiais.

Antes de partir para o Rio de Janeiro, onde vou assumir o honroso posto que me confiou a valorosa Frente Única do Rio Grande do Sul, quero enviar ao distinto companheiro, com as saudações mais cordiais, um afetuoso adeus, que nada mais é do que um até breve, por isso que, dentro de poucos meses, querendo Deus, aqui estarei para, ao vosso lado, empenhar-me pelo pleito municipal.

Aproveito de boa oportunidade, que ora se me oferece, para vos comunicar a reorganização da Comissão Executiva do Partido Republicano deste município, e que, assim, ficou constituída: Hyran Araújo Bastos, Arthur Lângaro, Dr. Tenack Wilson de Souza, Tte. João Baptista Cusio de Carvalho, Hermínio Silveira, Cantidio Pinto de Moraes, e José Knoll.

No mesmo ritmo de aspirações, como o mesmo frêmito de entusiasmo, essa Comissão está, perfeita, harmônica e solidamente, de acordo como ilustre Diretório Libertador local.

O serviço de alistamento eleitoral continua sob a direção dos prezados correligionários Hermínio Silveira e Gomercindo dos Reis, com quem podeis vos entenderdes.

Espero, e confio, que prosseguireis, destemerosamente como sempre, a propugnar, com zelo e amor, pela vitória da Frente Única.

Terei imenso prazer em receber as vossas ordens da Capital da República.

Neste aperto de Mao, ficam toda a certeza de minha amizade e toda a segurança dos meus agradecimentos.

Até breve.

Um abraço do amigo certo e grato (assinado) Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

Passo Fundo, 17 de Maio de 1935”.

Ficou, dest’art, desmascarado o perfil ardil dos denominados “liberais”.

Passo Fundo, 12 de Fevereiro de 1936.

Data : 14/02/1936

Título : 241 UMA CARTA DE AGRADECIMENTO

Categoria: Memórias

Descrição: Entre as muitas cartas, que possuo em meu arquivo, encontrei a seguinte...

Entre as muitas cartas, que possuo em meu arquivo, encontrei a seguinte:

“Passo Fundo, Abril de 1915.

Avós, queridos e bem distintos amigos Dr. Vergueiro e D. Jovina, nós, os amigos sinceros, eterna e profundamente penhorados, com os corações a transbordar de gratidão comovida e intensa, nem sabemos como havemos de significar o que nos tem ido n’alma e para todo o sempre nos fará vibrar a alma triste de cada um, de reconhecimento, de incomparável e infinito reconhecimento pelas inúmeras quão confortantes demonstrações de estima e religiosa piedade que de vós receberam nossos corações atribulados de pais, durante a doença e por ocasião do falecimento de nossa amada e inolvidável Eloazinha!

Ao médico carinhoso e dedicado; ao Sacerdote devotadíssimo da mais bela ciência humana, que tudo envidou contra o impossível, contra a inexorabilidade da morte, contra a Vontade Divina, contra a inevitável ascensão daquele anjinho idolatrado à verdadeira morada que Deus lhe destinara; ao Médico inesquecível, que já tantas vezes tem conseguido restituir, com belos triunfos, a saúde ao nosso lar; ao Médico, cujo devotamento só um poema poderia exprimir – não nos é possível demonstrar, por este meio tão singelo e íntimo, a nossa gratidão sem confronto, inexcedível, e da qual sinceramente desejaríamos dar um pálido testemunho, da melhor maneira possível, que ao profissional pedimos escolher e exigir.

Aos amigos queridos, cujas inequívocas e repetidas manifestações de pesar pela nossa dor profunda tem constituído o melhor e o maior de todos os lenitivos que hão sido prodigalizados às nossas lágrimas de pais aflitos; aos amigos queridos, como penhor dos nossos mais profundos agradecimentos, os nossos corações leais e sinceros.

A gratidão que vos devemos e que, para mais consolação nossa, não nos fatigamos de traduzir por palavras a todos com quantos falamos, todos os dias, a toda a hora, é mister ao nosso desejo que fique indelevelmente registrada neste pedaços de papel branco, que são como pedaços

palpitantes do melhor de nossa alma comum, e que pedimos guardeis, com confiança e crentes, no precioso arquivo das lembranças de vossas melhores amizades, das amizades que vos sejam mais dedicadas e reconhecidas.

A saúde, a felicidade e a Graça Divina sejam sempre em vosso lar querido! (assinados) Osvaldo Caminha, Alice P. Caminha”.

Passo Fundo, 14 de Fevereiro de 1936.

Data : 15/02/1936

Título : 242 UMA OUTRA CARTA

Categoria: Memórias

Descrição: Transcrevo a carta do engenheiro C. Meylan, quando noivo da senhorita margarida, filha de Raul Conty, e sobre os quais, em “Nota” escrita no Rio, já tive oportunidade de me referir.

Transcrevo a carta do engenheiro C. Meylan, quando noivo da senhorita margarida, filha de Raul Conty, e sobre os quais, em “Nota” escrita no Rio, já tive oportunidade de me referir.

“Passo Fundo, le 24-V-1912.

Cher Monsieur

À la veille de quitter cette ville, pour nous rendre au Paraná, je me fais l'interprete de la famille de Mme. Raul Conty, pour venir vous remercier chaleureusement por tous les services et démonstration d'amitié que vous avez rendre à cette famille.

Soyez assuré que votre devouement, est tous les soins que vous avez si généreusement donnés, en particulier à ma chere fiancée, n'échappecont pas de notre mémoire, et que nous vous en serons toujours reconnaissants. Margot me charge en particulier de vous remercier, et de vous prier de l'excuser de tous les derangements, que sa maladie vous a occasioner.

As dames auraimt bien aimé allez elles-mêmes vous remercier el prendre congé de vous et de Mme. Vergueiro, mais ou le mauvais temps et le peu de moments dont elles disposent, elles vous prient de les excuser.

Je me permettrai, lors de notre installation à Rio Negro de vous donner de nos nouvelles ainsi que notre nouvelle adresse.

En vous priant de accepter aussi tous mes remerciements, veuillez agreer, cher Monsieur, l'assurance de ma parfaite consideration.

Votre dévoué (assinado ) C. Meylan

Passo Fundo, 15 de fevereiro de 1936.

Data : 16/02/1936

Título : 243 SOBRE O MEU ANIVERSÁRIO

Categoria: Memórias

Descrição: No dia 7 de Março de 1910, completei 28 anos, e, por esse motivo o jornal local O Gaúcho, a 12 do mesmo mês, publicou o seguinte...

No dia 7 de Março de 1910, completei 28 anos, e, por esse motivo o jornal local O Gaúcho, a 12 do mesmo mês, publicou o seguinte:

“Dr. Araújo Vergueiro

No dia 7 do corrente completou mais um aniversário natalício o nosso amigo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, digníssimo representante deste círculo na Assembleia do Estado.

Portador dos mais belos dotes de coração e de espírito e tendo ainda, para o recomendar e impor à consideração pública o modo corretíssimo como exerce os nobres deveres de sua espinhosa carreira, na qual é incontestavelmente um obrigado, o Dr. Vergueiro tornou-se depressa um dos homens mais eminentes do nosso meio, sendo hoje apontado como das mais belas esperanças de sua terra natal.

É que ele, sem que o faça no propósito vaidoso de granjear prestígio, mas tão somente guiado pela nobreza de seu coração bondosíssimo, sabe tratar com a mesma afabilidade o rico e o pobre, o companheiro e o adversário, a todos prestando os seus serviços profissionais ou o seu validamento pessoal com a mesma solicitude e boa vontade que é possível fazê-lo.

Como médico, os triunfos de sua carreira já se contam por uma extensa lista de casos importantes, muitos dos quais obrigados a intervenções cirúrgicas de alta responsabilidade e nas quais soube firmar, de modo brilhante, a sua competência, honrando assim os créditos da Faculdade de Medicina e de Farmácia de Porto Alegre, onde fez o seu tirocínio acadêmico e recebeu o grau.

O seu desprendimento é notável. Muitas vezes, além de nada exigir pelo tratamento do doente, ainda fornece a este a dieta e remédios, porque as respectivas condições não permitiriam tal despesa.

Por isso não admira que o círculo de seus amigos cresça dia a dia, numa expansão visível, tornando-o o foco de uma estima que, bem longe de representar a convenção falaz de que se imbuí a sociedade moderna, reflete e exprime um sentimento verdadeiro, porque assenta na gratidão, que é, sem dúvida, o atributo mais belo do homem e o alicerce mais sólido da amizade.

Como político a sua carreira não tem sido menos brilhante.

Republicano de vera orientação, obedecendo fielmente aos princípios de nossa fé, apesar de ser um homem independente, portador de um diploma científico de alto valor, e do prestígio invejável de que goza, jamais deu mostra de ambição no seio das fileiras, pretendendo esta ou aquela posição, porque bem compreende que elas não existem para ornamento dos homens, e sim para o sacrifício deles.

Se hoje, e com alta competência, faz parte da Assembleia dos Representantes do Estado e ocupa uma cadeira no Conselho Municipal de sua terra, do qual é presidente reeleito, não conquistou esses postos porque fosse pedi-los a alguém. Um e outro lhe foram dados espontaneamente pelo seu partido, a cujas vistas o merecimento do ilustre correligionário não podia passar despercebido, quando se cogitava da escolha de homens competentes para ocupá-los.

Se fosse um ambicioso em política, se militasse nela para a conquista de posições, teria aceito o cargo de intendente deste município, que formalmente rejeitou ao ser-lhe oferecido, por ocasião da última eleição, pelo nosso ilustre chefe Sr. Coronel Gervazio Lucas Annes.

Ao par do seu desinteresse pessoal, o ilustre médico prima ainda, como político, pela solicitude com que costuma levar a sua colaboração entusiástica ao Partido, que tem nele um de seus mais esforçados servidores neste município.

Por todos esses predicados, pois, e ainda pela amizade inquebrantável que o liga a esta folha, o distinto médico e correligionário faz jus a homenagem sincera que lhe consagramos por estas singelas linhas, felicitando-o pelo seu aniversário e fazendo ardentes votos pela sua máxima felicidade pessoal.

Passo Fundo, 16 de Fevereiro de 1936.

Data : 17/02/1936

Título : 244 OUTRO ANIVERSÁRIO

Categoria: Memórias

Descrição: “O Gaúcho” em 6 de Março de 1909, em seu número 5, publicou o seguinte...

“O Gaúcho” em 6 de Março de 1909, em seu número 5, publicou o seguinte:

Dr. Vergueiro

“Completará amanhã mais um aniversário natalício o nosso prezado amigo, correligionário, colega de redação e ilustre clínico Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

Por tão auspiciosa data se congratula “O gaúcho” em cuja redação conta o distinto médico e ilustre companheiro sinceros admiradores de seu caráter sem jaça, de sua alma bondosa, grande, afetiva e nobre, sempre aberta as ideias úteis, progressistas e caritativas.

No seio da sociedade passofundense, onde vive sem orgulho e sem amor próprio, o distinto médico é tido na conta de um filho dileto, que nos bancos da Academia soube honrar a terra que lhe serviu de berço.

No seio do partido republicano local, que o admira, constitui a sua pessoa parte integrante desse todo forte e coeso, que tem por norma de conduta disciplina incondicional, porém, alicerçada em estima franca, formada no cadinho da amizade que liga seus próceres.

Aí, nesta vasta arena de atividades, ocupa o distinto correligionário postos de distinção, como Presidente do Conselho Municipal e do Clube Pinheiro Machado. E sabemos todos como o Dr. Vergueiro tem sabido desempenhar os cargos que merecidamente lhe foram cometidos, nos quais usa daquela bondade de coração que o caracteriza, da benevolência e do carinho que presidem as relações da família republicana local, sabiamente chefiada pelo egrégio Dr. Borges de Medeiros e competentemente dirigida pelo espírito magnânimo e refletido de Gervazio Lucas Annes.

Como prova firme do que asseveramos, baseados na mais sã realidade, a ínclita direção suprema do Partido Republicano houve por bem incluir o nome do Dr. Vergueiro na chapa dos candidatos à deputação estadual por este segundo distrito. Por este fato e por tantos títulos de benemerência do nobre companheiro de redação “O Gaúcho” calorosamente o saúda no dia de seu aniversário natalício, desejando-lhe para os anos que hão de vir interminável messe de felicidades”.

Passo Fundo, 17 de Fevereiro de 1936.

Data : 18/02/1936

Título : 245 PARA PONTA-GROSSA

Categoria: Memórias

Descrição: Nos primeiros meses do ano de 1916, esboçou-se, nesta cidade, uma luta política contra o Coronel Gervazio Lucas Annes.

Nos primeiros meses do ano de 1916, esboçou-se, nesta cidade, uma luta política contra o Coronel Gervazio Lucas Annes.

Os seus dissidentes, no início de uma surda campanha, tinham e usavam do meu nome como bandeira, apesar de, por várias vezes, lhes haver afirmado, de modo positivo e categórico, que, de maneira alguma, romperia com o Cel. Gervazio, de quem não tinha motivos de queixa e era seu amigo sinceríssimo.

Os fatos, guiados por uma péssima orientação do então intendente municipal Pedro Lopes de Oliveira, cercado por uma camarilha de esfrias e de exploradores da pior espécie, foram se precipitando de tal modo, numa intrincada urdidura de intrigas e de infâmias, que, por lealdade, julguei de bom aviso, afastar-me daqui, transferindo minha residência para Ponta Grossa, no Estado do Paraná, para onde, em verdade, segui a 6 de Julho.

Lá, no Estado vizinho, tive exato e pleno conhecimento de que aquele grupo de inconseqüentes continuava nos seus processos miseráveis, e então resolvi regressar para enfrentá-los de viseira erguida.

Em 1917, morre o Cel. Gervazio e a luta desencadeia-se formidável, para, em 20 de Setembro de 1920, alçarmos o lábaro da nossa vitória eleitoral, pomposa, esmagadora, estonteante.

À propósito de minha viagem ao Paraná, o jornal local “A Voz da Serra” estampou, em 1º de Julho de 1916, o seguinte artigo:

“Dr. Araújo Vergueiro

Quando um homem conquista no seio de um povo a extraordinária consideração e o invejável renome que caracterizam o conterrâneo ilustre a quem prestamos a homenagem destas linhas; quando esse homem é o coração bom que tantas vezes tem ido levar a tranqüilidade e a alegria ao lar onde reinavam o sobressalto e a tristeza, de lá trazendo a gratidão imperecível dos beneficiados; quando finalmente, esse homem é o médico de alta proficiência, que tem o seu nome cercado por uma auréola resplandecente de triunfos na sua benemérita carreira, como tudo sucede com o Dr. Araújo Vergueiro, – esse homem já não se pertence, faz parte do patrimônio moral do meio que lhe deu o berço num dia feliz, confiando-lhe a missão grandiosa de o servir e elevar com o seu coração e o seu espírito.

Eis porque hoje, sabendo que o acatadíssimo passofundense cogita de ausentar-se temporariamente desta cidade, não podemos deixar de manifestar o nosso sincero desgosto por semelhante resolução, uma vez que ela viria privar o nosso meio da inestimável cooperação, que S. S., há tantos anos, lhe veio prestando como cidadão e como profissional, conduta que lhe granjeou a vasta esfera de amizade e gratidão que o rodeia, desmentindo solenemente o velho provérbio que diz que ninguém é profeta em sua terra.

A permanência do querido médico é, pois, indispensável entre nós; retirá-lo seria criar um vácuo lastimável no coração deste povo, que, se tem o orgulho de o contar em o número dos vultos ilustres que aqui surgiram para a missão terrestre, deve também ter o direito de o conservar para que o seu mérito mais de perto o ilumine e felicite.

Assim, expondo a desagradável impressão que nos causou tal notícia nutrimos a esperança de que o pregadíssimo conterrâneo, considerando a sua brilhante posição e a sua indiscutível utilidade na terra de seu nascimento, não a privará da sua convivência, tão grata para aqueles que, em avultado número, o prezam com a mais alta amizade e admiração.

A Voz da Serra, inscrevendo-se, com grande honra, na lista desses amigos de S. S., espera, por tanto, que as palavras sinceras hão de lograr demovê-lo de seu propósito, uma vez que refletem o coração do povo passofundense”.

Passo Fundo, 18 de Fevereiro de 1936.

Data : 19/02/1936

Título : 246 PRIMUS INTER PARES

Categoria: Memórias

Descrição: Como comprovante das considerações que teçi na Nota anterior, transcrevo o artigo intitulado “Dr. Vergueiro” publicado n’A Voz da Serra, n.º 62, de 14 de Março de 1917...

Como comprovante das considerações que teçi na Nota anterior, transcrevo o artigo intitulado “Dr. Vergueiro” publicado n’A Voz da Serra, n.º 62, de 14 de Março de 1917, por motivo de meu aniversário natalício:

“A 7 do corrente festejou mais um ano de preciosa existência o nosso dedicado amigo Dr. Nicolau Vergueiro.

Por esse motivo “A Voz da Serra” fazendo exceção na forma porque se manifesta em geral, por iguais fatos, festejados pelos seus demais amigos, reveste-se de gala e vem a esta coluna manifestar a sua satisfação e trazer os seus votos para que essa data se reproduza por muitas sucessões de anos.

Na intimidade feliz de seu lar, fomos abraçar o amigo a quem somos muito gratos, leal e dedicado; ao sacerdote da ciência; ao médico humanitário, abnegado e proficiente, que não mede sacrifícios sempre que se faz mister a sua presença, onde há a dor e o sofrimento.

Aqui nos é dado cumprimentar o cidadão de ilibado caráter, ao republicano sem jaça, esperança alcandorada dos Espartanos na cruzada republicana.

O Dr. Nicolau Vergueiro, pela sua educação e prática uniformemente manifestada nos verdadeiros princípios republicanos, pelo seu espírito de ordem, pela suavidade e firmeza na exigência ao cumprimento dos deveres, pela sua honestidade puritana, qualidades essas unidas a uma ilustração e inteligência de escol, não pode deixar de, naturalmente, ser expoente máximo no seio dos seus amigos e o “primus inter pares” no partido republicano de Passo Fundo.

E tanto assim é que vem merecendo ininterruptamente a confiança e o prestígio dos chefes dirigentes do partido e o unânime sufrágio de seus correligionários.

Há uma plêiade de republicanos para quem o Dr. Vergueiro será o novo Thomaz de Aquino, que, com o Lábaro sagrado da República, há de conduzir em nova cruzada ao nosso Jerusalém: a Democracia.



E, A Voz da Serra, voluntário da linha de vanguarda, embora contra os desejos e reiterados pedidos de Dr. Vergueiro, para não o retirar da sua injustificada modéstia, se ufana, no dia de hoje, em dar um hurra ao seu C...apitão”

Passo Fundo, 19 de Fevereiro de 1936.

Data : 21/02/1936

Título : 247 A REVOLUÇÃO DE 1930 EM PASSO FUNDO

Categoria: Memórias

Descrição: Sobre esse assunto, transcrevo, do relatório do Sr. Henrique Scarpellini Ghezzi, então intendente municipal, apresentado ao Conselho, em 1º de Novembro de 1930, o que abaixo se lê.

Sobre esse assunto, transcrevo, do relatório do Sr. Henrique Scarpellini Ghezzi, então intendente municipal, apresentado ao Conselho, em 1º de Novembro de 1930, o que abaixo se lê. Esse artigo consta do Álbum da Revolução de 1930, da Livraria do Globo. Esse álbum traz duas fotografias minhas: uma, tirada por ocasião da passagem do Dr. Getúlio Vargas por esta cidade, estando este ladeado pelo General Góes Monteiro e por mim, e a outra, apanhada, nas proximidades da Intendência, uma hora antes do ataque ao quartel do 8º Regimento de Infantaria.

“No dia 20 de Agosto último chegava do Rio de Janeiro, via Porto Alegre, o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, deputado federal pelo Rio Grande do Sul e que, desde logo, me pôs ao corrente de um pretendido movimento revolucionário, de acordo com os dirigentes dos Estados de Minas Gerais e Paraíba, com ramificação nos Estados da União, fortemente apoiados pelas correntes liberais disseminadas pelo país, contra os desmandos e prepotência do Catete. Esse movimento seria chefiado pelo Dr. Getúlio Vargas, decididamente amparado pelos Drs. Oswaldo Aranha, João Neves da Fontoura, Flores da Cunha e muitos outros próceres do nosso Estado, com a declaração de que o eminente Dr. Borges de Medeiros não era contrário ao mesmo movimento, e mais que tínhamos a contar com a solidariedade de grande parte o Exército Nacional.

O Dr. Nicolau Araújo Vergueiro asseverou-me que havia dado todo o seu apoio e hipotecado toda a sua solidariedade, afirmando-lhe eu que também estava pronto a auxiliá-lo em tudo quanto fosse possível.

Começamos, de início, sob o pretexto de falta de policiamento do município, muito extenso e populoso, por aumentar o efetivo da polícia para 200 homens, o que foi rapidamente conseguido.

No dia 3 de Setembro, recebia o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro importante carta do Dr. Oswaldo Aranha, apresentando-lhe o general Miguel Costa.

Entre muitas outras declarações, destacamos as seguintes: “Não preciso encarecer a tua ação em tudo isso; és e serás a alavanca da serra. Sobre o teu prestígio e o teu valor assentam graves responsabilidades quanto ao golpe inicial. Confio tranquilamente em que tudo sairá a tempo e hora, porque conheço a tua capacidade e a do Miguel. Podes confiar nele: é um soldado digno num cidadão melhor. Põe todo o teu esforço para que o golpe, essencial ao movimento, seja rápido, seguro e eficaz. Isto feito, tudo o mais virá com ordem e segurança. Não há mais dúvida: a coisa sai e a vitória é nossa. Só assim, meu caro Vergueiro, com o teu Passo Fundo à frente, teremos honrado os nossos compromissos com o povo brasileiro”.

O general Miguel Costa permaneceu, nesta cidade, até à madrugada de 2 de Outubro, quando seguiu para Marcelino Ramos.

No decorrer do mês de Setembro, recebemos 400 fuzis, 6 F. M., 130.000 tiros, 1 lança chamas e um lança minas, havendo, entre particulares, se conseguido aqui mais 150 fuzis e mais 20.000 tiros.

Desse armamento e dessa munição, levou o general Miguel Costa 50 fuzis, 2 F. M. e 50.000 tiros, de modo que ficamos com 500 armas e 100.000 tiros.

No dia 30, por um emissário vindo de Porto Alegre, recebeu o Dr. Nicolau Vergueiro aviso de que a revolução teria início, em todo o Estado, no dia 3 de Outubro, às 5 1/2 horas da tarde.

Obedecendo ordem superior, ao meio dia, da data em referência, aquele deputado mandou entregar ao comandante do 8º R. I. uma carta de Dr. Virgílio de Mello Franco, convidando-o a aderir ao movimento e oferecendo-lhe, devidamente autorizado, um lugar de destaque no Quartel General, em Porto Alegre.

O Coronel Álvaro Leitão de Carvalho, comandante daquela unidade, pediu prazo para responder até as 3 horas da tarde, o que, de fato, o fez por carta, recusando o convite.

Às 5 e meia exatas foi distribuído profusamente o seguinte manifesto:

Ao povo de Passo Fundo

Governador civil desta praça, em nome da Revolução Brasileira, cumpre-me fazer a presente proclamação, menos de exposição de motivos que de palavra de ordem, calma e respeito.

Povo da minha terra, confia na ação da tua gente, porque é ter confiança em ti mesmo.

O exército, que é tirado do teu seio, está conosco, em sua quase totalidade.

A nossa vitória é certa, como é certo que o povo do Brasil é livre.

Tem calma.

Não desesperes, porque a nossa ação é patriótica.

Será punido severa e sumariamente todo aquele que praticar qualquer ato de desrespeito ou depredação.

A esta hora todo o Rio Grande, como todo o Brasil, num vibrante hino de civismo, avança com a bandeira da liberdade a frente, contra as muralhas do despotismo, para destruir, com a labareda dos seus ideais, a bastilha, onde os maus brasileiros, políticos profissionais, vem tramando a nossa infelicidade.

Tudo por um Brasil novo, são e redimido.

Passo Fundo, 3 de Outubro de 1930.

Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

No quartel da polícia, para onde, à procura de armas, afluíram muitos civis, que se incorporaram à tropa, cujo efetivo assim se levou a 500 homens, foi feita distribuição de força e dada as ordens do cerco do quartel do 8º R. I., seguindo o Tte. Cel. Edmundo de Oliveira para ocupar a linha férrea até a avenida dos Eucaliptos; o Tte. Cel. Quim Cezar, da linha férrea as proximidades da linha matriz; o Tte. Cel. Marcos Bandeira, da Igreja até ao mato nos fundos do quartel e o Tte. Cel. Pires e o Dr. Lacerda de Almeida Júnior, do mato com ligação ao Tte. Cel. Edmundo.

À aproximação das nossas forças irrompeu, vindo do quartel do 8.º, cerrado tiroteio, correspondido, com toda energia, pelos nossos, que tomaram brilhantemente todas as suas posições, atingindo, portanto, o seu objetivo principal de momento.

Os tiros do 8.º tiveram pouca eficácia pela posição especial do quartel, sitiado de altos prédios, como o colégio Marista, Igreja, Hospital São Vicente, residências particulares, mato e ainda pela diferença do nível com a linha férrea, sendo os seus tiros dados ao correr das ruas, tendo o avanço de nossas forças se verificado sempre muito bem protegido, e assim se explica o pequeno número de baixas que tivemos.

Depois de cerca de uma hora de fogo, o mesmo cessou, caindo logo a noite, acompanhada de fortes pancadas de água.

Às onze horas, pelo telefone, o governador civil da cidade falou com o Cel. Leitão, indo ao quartel do 8.º o Tte. Cel. Quim Cezar que, concitando aquele comandante a render-se ou aderir, mostrou-lhe diversos telegramas da Capital do Estado, dando notícias da vitória das armas liberais em Porto Alegre, em quase todo o Rio Grande do Sul e em outros Estados da União, não dando resultado a sua visita, pois o comandante e os oficiais declaravam-se irredutíveis.

Às 3 horas da madrugada, o Dr. Vergueiro, também pelo telefone, declarou ao Cel. Leitão que já havia empregado toda a sua vontade no sentido de evitar derramamento de sangue, e que, esgotado assim esse desejo, iria cumprir o seu dever, e para isso dava o prazo até as 5 horas da manhã, a fim de ser retirada a família do Cel. Leitão, que se encontrava no quartel, e que aquela hora o mesmo seria bombardeado e, em seguida, tomado de qualquer maneira, custasse o que custasse.

Pouco antes já, as nossas forças haviam bem mais se aproximado do quartel, estreitando o sítio e tomando posição o lança minas a 200 metros.

Nesse momento foi hasteada bandeira branca, vindo o Tte. Cezar Martins à procura do Dr. Vergueiro para um entendimento com o comandante do 8.º. Recebido por este, foi o Dr. Vergueiro, que se fazia acompanhar pelo Tte. Cel. Quim Cezar, imediatamente conduzido ao salão de honra do quartel, onde se encontravam todos os oficiais, e depois de entabuladas as negociações para a rendição, foi lavrada uma ata, em duas vias, assinadas pelo Cel. Leitão e o Dr. Vergueiro, do teor seguinte: Aos 4 dias do mês de Outubro de 1930, no gabinete do comandante do 8.º R. I., em Passo Fundo, presentes o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, Tte. Cel. Quim Cezar, Comandante e oficiais do corpo, ficaram assentadas as seguintes bases para a rendição do quartel: a) às praças será dada a liberdade de irem para suas casas e, nesse caso, não serão, de maneira alguma, hostilizadas, ou de aderirem ao movimento ou, finalmente de

ficarem com os oficiais; b) estes consideram-se prisioneiros, comprometendo-se o Chefe revolucionário a enviá-los para Porto Alegre, onde se encontra detido o Comandante da Região; c) para a viagem o Chefe revolucionário porá à disposição dos oficiais trens com as comodidades necessárias; d) em qualquer caso, os oficiais prisioneiros serão tratados com honras devidas aos seus postos; e) o comandante fará entrega ao Dr. Vergueiro, do quartel, com todo o material existente. E, de como assim ficou combinado, foi lavrada a presente ata, em duas vias, uma das quais ficará em poder do comandante e a outra do Dr. Vergueiro (assinados) Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, Cel. E. Leitão de Carvalho.

Do boletim militar n.º 231, fls 2, de 4-10-1930, consta o seguinte propósito do “Ataque ao Quartel”: “Ontem, cerca das 17 horas, nosso Regimento que, desde a véspera se achava de rigorosa prontidão, foi inopinadamente atacado por grupos de civis armados, que, tomando posição ora no barranco da estrada de ferro defronte do quartel, ora nos muros das casas sitas no seu flanco direito e ora no mato que lhe fica aos fundos, fizeram fogo sobre o edifício. O ataque foi repellido energicamente, ocupando os nossos homens as posições de antemão designadas. Durante a noite, em vista das negociações entabuladas entre Comando e chefes revolucionários, foi suspenso o ataque. A falta de víveres, de água, a escassez de munição, o isolamento em que se achava o Corpo, estando as guarnições mais próximas rebeladas e prisioneiros dos revolucionários os comandantes da Região e da Brigada, levaram o comandante e os oficiais do Regimento a negociar sua rendição a mais honrosa que a difícil situação permitia. Do combinado foram lavradas duas atas: uma assinada pelos oficiais e a outra pelo comandante e Dr. Vergueiro, a quem será entregue o quartel (assinados) Coronel Estevão Leitão de Carvalho, comandante. (confere) Major Armando Ribeiro, subcomandante.

Logo depois as forças civis, acompanhadas de enorme massa popular, postaram-se a frente da Intendência Municipal, onde, sob vibrantes aplausos, falou o Dr. Vergueiro, noticiando as bases da rendição e concitando o glorioso povo de Passo Fundo a continuar colaborando nessa obra benemérita da regeneração da República. O entusiasmo era indescritível, sendo calorosamente vivados os Drs. Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha, o grande herói dessa cruzada, e demais próceres políticos de Estado.

Poucos momentos antes do sítio do quartel, foi cortada a luz para o mesmo e arredores, continuando, porém, para o resto da cidade e, durante o tiroteio, dois projéteis acertaram no cano que conduz água do depósito até o quartel, ficando, após, o reservatório de muitos mil litros de água completamente vazio, e, portanto, os que ali se achavam, privados dos precioso líquido.

Na mesma ocasião, o telégrafo nacional foi ocupado pelo Dr. Victor Graeff e 4 civis, e a companhia telefônica pelo Sr. Arthur Lângaro, também com 4 civis.

A cadeia municipal ficou sob a guarda do Sr. Ruy Vergueiro, e a estrada de ferro, principalmente o serviço de rádio-telegrafia, ao meu cargo.

Os fornecedores do 8º não puderam, por ordem superior, entregar dois caminhões com víveres e velas, havendo o Cel. Leitão, pelo rádio, passado ao comandante da Região o seguinte recado, sob n.º 437, cujo original está em nosso poder: “Previsão ser cortada, luz elétrica mandei pedidos velas fornecedor recusou-se fornecer por estar casa vigiada ordem intendente ameaçados empregados caso atendessem. Estamos prontidão. Disciplina boa (assinado) Coronel Leitão.

Além de alguns feridos levemente, faleceu o cabo Amantino Albuquerque, pertencente à força do Cel. Marcos e mais o cabo Sady Freitas Vieira da Companhia de Metralhadoras do 8.º.

Ao meio dia de 4 de Outubro, em consequência de um rádio mal compreendido pelo Cel. Leitão, no qual pareceu-lhe ter aderido à revolução o general Gil de Almeida, comandante da 3ª Região Militar, aquele oficial resolveu aderir ao movimento revolucionário, o que fez no meio do maior entusiasmo, causando essa revolução verdadeiro júbilo entre oficiais, praças e civis.

Um pouco mais tarde, em consequência de um telegrama urgente do Dr. Vergueiro, afirmando ser falsa a notícia, o Cel. Leitão retirou a sua adesão, dispersando a tropa.

Aí, já havendo empenhado a sua palavra, mantiveram-se ao lado da causa revolucionária os Tenentes Carlos Cezar Martins, Jorge Gomes Ramos, João Andrade Aguiar, Boleslau Mierczynski, Jarcerdy Machado Hansen e Jacintho Maria Godoy, tendo o primeiro assumido o comando e pouco depois classificado no posto de major, pelo Coronel Góes Monteiro.

Aqueles oficiais foram alvos das maiores simpatias e trataram, desde logo, da reorganização do corpo, que rumou ao “front”, seguindo dia 9, com o efetivo de 500 homens. Também aderiu o capitão Marcelo Pires Cerveira.

No dia 4, logo após da rendição, seguiu para Marcelino Ramos, com uns homens, sob seu comando, o tenente Laureano de Moraes Branco, que foi se incorporar a coluna do general Miguel Costa.

No dia 8, seguiu o Tte. Cel. Quim Cezar, para se juntar a mesma coluna, com civis, levando como major de sua força o Sr. Frederico Curio de Carvalho. Aquele, o Dr. Vergueiro entregou todo o armamento e munição que possuía.

No dia 6, com um contingente de 60 soldados, viajou para Marcelino Ramos o Tenente Hilário de Freitas, a fim de guarnecer a ponte sobre o Rio Uruguai.

Pelo exposto se vê que seguiram, só de Passo Fundo, 1.160 homens.

Viajaram para Porto Alegre, presos, os Srs. General Rondon e Coronel Estevão Leitão de Carvalho e seus oficiais.

O primeiro foi escolhido pelo Dr. Homero Martins Baptista, juiz de comarca; Dr. Veiga Faria, inspetor do Banco da Província; Ruy Vergueiro, primeiro notário; Olavo Hahn, funcionário municipal; Dr. Victor Graeff, advogado, e os oficiais de justiça Henrique de Almeida Cruz e Gabriel Ferreira Prompt; e os outros, e os outros pelo Dr. João Junqueira Rocha, advogado; Ivo José Ferreira, presidente do Conselho Municipal; Aristóteles Lima, fazendeiro; Philomeno Pereira Gomes, capitalista; Lauro Lima e Arthur Langaro, comerciantes.

Acompanharam o Cel. Leitão os oficiais Major Armando Ribeiro, Tenentes Arthur Pires da Rocha, Elysio Seixas da Silva Lopes, Edilberto Pinto Nogueira, Felicíssimo de Azevedo Avelino, José Pinheiro de Ulhoa Cintra, Severino Sombra de Albuquerque, João Vicente Ferreira e Reginaldo Silva.

Seguiu também com o 8.º, para o campo de luta, o tenente reformado Jasson de Oliveira Menezes.

Teve início, a 4 de Outubro, a organização de 2 Corpos, que receberam a numeração de 38-39, ficando, respectivamente, sob o comando dos tenentes coroneis Edmundo Oliveira e Marcos de Oliveira Fortes.

Até o dia 10 tínhamos já aquartelados pouco mais de 1200 homens.

Alguns colonos, que vieram, foram dispensados.

Conforme ordem do Cel. Claudino, comandante da Brigada Militar do Estado, esses Corpos, como todos os demais, e em vista do grande número deles criados no Estado e do excesso de apresentação de voluntários em todos os municípios, tiveram o seu efetivo diminuído para 350 cada um.

Com as grandes vitórias obtidas em São Paulo e Rio, onde a 24 foi deposto e preso o Sr. Washington Luis, não se tornou mais necessária a remessa de forças para o norte e, por isso, foi dispensado o 39 Corpo, ficando o outro para guarnecer o quartel do 8º R.I., a ponte sobre o Uruguai, em Marcelino Ramos, e os viadutos.

Aquelas organizações 38 e 39 receberam, pelos seus comandantes e oficiais, a denominação de Corpos “Dr. Vergueiro” e “Borges de Medeiros”.

No dia 14, passou por esta cidade, em trânsito para o Paraná, o eminente Dr. Getúlio Vargas, general em chefe das forças revolucionárias nacionais. S. Ex. foi recebido com extraordinária vibração, sendo-lhe prestadas as homenagens devidas, às quais incorporou-se o povo de Passo Fundo, que lhe levou uma grandiosa e imponente manifestação de apreço, S. Ex. demorou-se apenas algumas horas nesta cidade. Em sua comitiva vinham o general Góes Monteiro, general Flores da Cunha, deputados federais João Neves da Fontoura, Ildefonso Simões Lopes e Maciel Júnior, Dr. Maurício Cardozo, Dr. Luiz Aranha, Dr. Fernando Pereira, Coronel Fredolino Prunes e outras figuras de destaque.

Sobre uma mesa do quartel do 8º, encontramos uma caderneta de oficial, com observações sobre assuntos militares. Nela vimos algumas notas sobre o ataque ao quartel, as quais transcrevemos para aqui sem alterações e sem comentários: “Movimento revolucionário. Passo Fundo. Quartel do 8º R.I. Dia 3 de Outubro de 1930. Às dezessete horas, sibilar de latas sobre o flanco direito, à saída do rancho. Travessia do pátio. Companhia: reserva, soldados, munições. Depois uns atirando, outros em baixo da cama. Novas tropas ao fundo do lado afastado. Oficiais dirigindo o serviço. Tiroteio forte à frente. Um morto. Depois calma, cai a noite, chuva fria, vento cortante. Horas horríveis de expectativa. Meia hora: aviso pelo telefone caso não queiram se entregar, retirar as famílias para se efetuar o bombardeio. Entra-se em negociações. Condição: rendição, entrega de todo o material, oficiais presos conduzidos a Porto Alegre. Às 4 horas de 4, retirada dos sitiados e os nossos da posição. Desarmamento às 8 horas, reunião de todos no pátio do quartel, vem o comandante, fala, diz tudo o que fez, isolamento nestas paragens, motivado descuro do comandante da Região. Recompensarão tudo. Adeus de despedida. Abalo profundo. Fisionomia de tristeza; olhos cheios de lágrimas. Debandada. Às 12 horas da mesma manhã, adesão do comandante. Repercussão. Providências. Volta das praças. Contentamento geral. Apresentação dos paisanos. Oficiais. Verdadeira invasão. Chega às 14 horas. Às 15 horas incerteza do comandante. Re-lê o telegrama: General Gil teria aderido, telegrafa-se ao... espere-se. Resposta às 17 horas. Nossa atitude. Impressão desairosa. Nosso abalo que se estendeu pela cidade toda. Retrocesso amargurado dos voluntários. Minha atitude. Processo Tenente Cezar Martins, revelo-lhe a minha decisão inabalável. Vamos na casa do Dr. Vergueiro.”

- Do relatório apresentado ao Conselho Municipal, em 1º de Novembro de 1930 (assinado) Henrique Scarpellini Ghezzi”.

- O boletim militar n.º 231, que vem à página 123, é inteiramente falso, quando afirma que o ataque foi repellido energicamente. Não exprime de modo algum a verdade.

Passo Fundo, 21 de Fevereiro de 1936.

Data : 22/02/1936

Título : 248 CARTAS DE MEU PAI

Categoria: Memórias

Descrição: Logo após a morte de minha Mãe, em Porto Alegre, a 9 de março de 1900, encontrei, entre seus papéis, um cartão que meu Pai, quando seu noivo, lhe escreveu e mais três cartas.

Logo após a morte de minha Mãe, em Porto Alegre, a 9 de março de 1900, encontrei, entre seus papéis, um cartão que meu Pai, quando seu noivo, lhe escreveu e mais três cartas. Guardei sempre com amor, respeito e carinho esses preciosos e queridos documentos e, hoje, com a maior veneração, os registro, nestas Notas Íntimas.

“O seu feliz noivo

João de Vergueiro envia-lhe infinitas saudações, e protesta-lhe o seu mais puro e dedicado amor.

Sarandi, 25.04.1879”

“Porto Alegre, 17 de Março de 1883.

Carolina!

Aqui cheguei ontem depois de uma feliz viagem.

Estimarei que tanto você quanto os nossos filhinhos continuam a passar bem.

Estou tratando de acelerar o mais possível os meus negócios a fim de seguir viagem. Espero que possa conseguir ir no vapor que deve sair daqui no dia 21.

O Eduardo vai indo bem e na viagem deu-se perfeitamente com o Jorge.

De Cachoeira não tive tempo de te escrever pois cheguei na Estação na ocasião da partida do trem, tanto

Que cheguei a esta cidade de botas e trajes de viagem.

Pretendo ir hoje consultar um médico concernente a moléstia do Nicolau e pelo Barão te enviarei os medicamentos que forem recomendados.

Diga a minha sogra que peça ao Dr. Krim a consulta sobre os seus sofrimentos e você me arremeta para Santos.

O Barão e o Capitão João Schell ainda se demorarão aqui – não sabem ao certo quando seguirão.

Transmita um beijo no nosso casazinho de filhos, recomenda-me muito à minha sogra, Lucinda e mais membros da família e aceite um apertado abraço de teu marido Vergueiro.”

“Carolina!

Desejo-te e aos nossos filhinhos saúde e prosperidades.

Realizei satisfatoriamente os meus negócios nesta cidade e sigo daqui a uma hora querendo dessa viagem para o Rio Grande.

Pretendia demorar-me durante a Semana Santa nesta cidade, mas a vontade de voltar o quanto antes faz com que me embarque hoje.

Porto Alegre está insípido – o Eduardo está louco por voltar.

Assim que chegue a Santos te escreverei, contando minuciosamente de tudo por lá.

Dê por mim um beijo nos nossos filhos e aceita um apertado abraço do teu marido Vergueiro.

Porto Alegre, 22 de Março de 1883.”

“Carolina!

De coração te desejo e ao nosso filho saúde assim como aos mais membros da família.

Aqui chegamos no dia 2 do corrente, às 3 horas da tarde, com muita chuva, mas sem maiores contratempos.

Vimos encontrar a casa do Benedito, como era de esperar desolada. Combinamos com ele e a mana Cidalia levamos as crianças e ele vai coordenar aqui os seus negócios e depois ir a fim de lá combinarem com minha sogra qualquer coisa de determinante.

A mana Cidalia escreve para lá mais circunstanciadamente.

Está se providenciando a fim de podermos sair daqui no dia 7 e creio que teremos de fazer a viagem em 5 ou 6 dias.

Tanto eu como o Daniel, a mana Cidalia e Maneco e o Sr. Joãozinho e irmão estamos desesperados para voltar.

Pode ser que devido as circunstâncias anormais – tenho achado este lugar muito ruim de viver-se.

Peço-te encarecidamente que tenhas cuidado contigo e com o Nicolau. Abraço-te e ao nosso filho apertadamente, teu marido Vergueiro

Vacaria 4-9-1835”

Nas cartas de 1883, meu Pai refere-se ao seu casal de filhos e na de 1885 só a mim, por isso que, entre esses anos, faleceu, em consequência de croup, a sua filha mais velha chamada Emília. A Izaura só nasceu mais tarde em 1887.



Passo Fundo, 22 de Fevereiro de 1936.

Data : 23/02/1936

Título : 249 MAIS UMA CARTA

Categoria: Memórias

Descrição: Residiu, entre os anos de 1910 e 1918, nesta cidade, o Sra. D. Laurentina Pillar. Durante aquele tempo fui sempre o médico assistente de sua família, e, por isso, fizemos muito boa amizade.

Residiu, entre os anos de 1910 e 1918, nesta cidade, o Sra. D. Laurentina Pillar. Durante aquele tempo fui sempre o médico assistente de sua família, e, por isso, fizemos muito boa amizade.

Certa vez me referiu que possuía em seu poder, em Cruz Alta, onde residira, uma carta que o meu Pai dirigira ao seu Pai, e que faria todo empenho em procurá-la, remetendo-me a para aqui.

De fato, passados já alguns anos, quando eu nem mais a esperava, chegou as minhas mãos a referida missiva, que é, ao mesmo tempo, um interessante documento histórico, sobre a criação de uma nova Província.

Transcrevo a carta, que guardo com especial carinho.

“Ilmo. Exmo. Sr. Coronel

João Baptista Vidal de Almeida Pillar

Em Cruz Alta.

Peço aV. Ex. desculpa, por não ter respondido a carta que dirigiu-me em data de 21 de fevereiro PP, com mais antecedência. Depois desse tempo só vim a esta Vila, desta vez, assistir aos trabalhos da Câmara Municipal, em sessão ordinária.

Tudo quanto V. Ex. ponderou-me no officio dirigido a Câmara desta Villa, acerca da criação de uma nova província – dividindo em duas a do Rio Grande, - não convenceu-nos da procedência e utilidade do projeto. Sobre abundam razão, que contradizem a sua acepção. Essas razões não demandam exposição desenvolvida, porque são intuitivas.

Não basta a autonomia administrativa da região banhada pelo Uruguai para a felicidade dos povos; tal autonomia, uma de outras condições, será talvez a cornucópia de sensíveis male e não a mão fecunda de benefícios. A integridade da Província, assim como a do Império, cimentada nos sentimentos que mais nobilitam o coração do cidadão – o patriotismo, a nacionalidade – é um dogma que tem profundas raízes na opinião. A história do nosso País, a

todo o momento, o comprova: - nos altos poderes do Estado pouco valem as pequenas ou fracas províncias; valem, porém, muito, as grandes e fortes.

Exprimindo-me, d'est'art, sinto bastante discordar de V. Ex., em assunto de tanta magnitude, porém minha fraca inteligência e minha consciência, aconselham esta norma de proceder: não quero, nem devo traí-las.

Aproveito a ocasião para apresentar a V. Ex. os protestos de minha estima e alta consideração e subscrevo-me

De V. Ex. att. Ven.º e Cr.º

João de Vergueiro

Passo Fundo, 18 de Junho de 1877.”

Passo Fundo, 23 de Fevereiro de 1936.

Data : 24/02/1936

Título : 250 UMA APRESENTAÇÃO POLÍTICA

Categoria: Memórias

Descrição: O jornal O Gaúcho, que durante muitos anos se publicou nesta cidade, lançou, em 3 de Abril de 1909, em seu número 9, o seguinte artigo, epigrafado “Dr. Vergueiro”

O jornal O Gaúcho, que durante muitos anos se publicou nesta cidade, lançou, em 3 de Abril de 1909, em seu número 9, o seguinte artigo, epigrafado “Dr. Vergueiro”

“A eleição do dia 29, para deputados à Assembleia dos Representantes do Estado, trouxe, à tona da política riograndense, entre outros nomes de distintos moços, que ora aparecem com investidura popular, o do nosso prezado conterrâneo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

Não é um desconhecido na política o distinto médico de Passo Fundo, se bem que muito jovem ainda.

Tão cheio de merecimento e talento, quanto modesto e abnegado, o nosso esforçado companheiro de lida e preclaro amigo, em poucos anos, fez um nome invejável como clínico, e uma reputação exemplar como político, o que lhe tem valido as justas considerações e o prestígio de que goza em nosso meio.

Presidente do Conselho Municipal, que conta em seu seio respeitáveis venerandos; presidente re-eleito por aclamação do Clube Pinheiro Machado; recusante insistente do cargo de intendente do município e companheiro político sempre ouvido com proveito pelo seu seguro critério, são provas inequívocas dos merecimentos políticos do novo deputado pelo 2º círculo.

S. Ex., aceitando a apresentação da sua candidatura, o fez unicamente em obediência ao seu ilustre chefe e amigo Sr. Coronel Gervazio, e às injunções do dever cívico.

Avesso por temperamento a qualquer espécie de destaque; moço; casado com uma distintíssima porto-alegrense de primorosa educação e excelsas virtudes; residindo no seu elegante palacete; dispondo de avultada fortuna patrimonial e de rendosa clínica; apreciado na sua roda de amigos que se compõe de todos os que com S. Ex. mantém relações de amizade sem restrições partidárias, o nosso abnegado amigo sacrifica todas as suas comodidades e vantagens, para servir o seu partido com essa dedicação que o torna digno de ocupar a sua cadeira de representante do povo entre os veteranos da honrosa investidura.

Apresentando o novo deputado à imprensa política do partido, fazemos com segurança de que o modesto filho da região serrana é digno da sua simpatia, como um dos que bem merecem da Pátria Riograndense pelos seus serviços e pelos seus merecimentos pessoais.

Passo Fundo, 24 de Fevereiro de 1936.

Data : 25/02/1936

Título : 251 UM VOTO DE PESAR

Categoria: Memórias

Descrição: No Rio Grande do Sul, desde a revolução de 1893 a 1895, a política sempre decorreu em um ambiente de ódios recíprocos e de ataques pela imprensa, às vezes, quase sempre, proferidos em linguagem verdadeiramente virulenta.

No Rio Grande do Sul, desde a revolução de 1893 a 1895, a política sempre decorreu em um ambiente de ódios recíprocos e de ataques pela imprensa, às vezes, quase sempre, proferidos em linguagem verdadeiramente virulenta.

De um lado A Federação, órgão do Partido Republicano, e de outro A Reforma, órgão do Partido Federalista, mimosearam-se, todos os dias, com os mais ásperos e ofensivos adjetivos.

Para a Assembleia dos Representantes do Estado, só eram eleitos deputados pelo Partido Republicano, até que o eminente Dr. Borges de Medeiros promulgou em 1912, a sua lei da representação das minorias, dando lugar a que, em 1913, fosse eleito o Dr. Jorge da Silveira Pinto, o primeiro federalista que, naquela câmara, tomou assento.

Em princípios de Setembro de 1911, faleceu, nesta cidade, em avançada idade, e fui seu médico assistente, o general José Ferreira Prestes Guimarães, prestigioso chefe federalista e que, no regime monárquico, exercera o cargo de governados do Estado.

Em 24 do mesmo mês, tomei a palavra, na Assembleia, e depois de estudar a interessante personalidade de Prestes Guimarães, fazendo o seu merecido necrológio, propus que, na ata dos nossos trabalhos, fosse assinado um voto de pesar, o que foi unanimemente aprovado e, dois dias depois, em 26, A Reforma publicara a seguinte notícia que transcrevo:

“O deputado estadual, Dr. Nicolau Vergueiro, propôs, na sessão de sábado, da Orçamentária, um voto de pesar pelo passamento do saudoso chefe federalista, general Prestes Guimarães.

Somos-lhe agradecidos, não porque S.S. nos haja dispensado um favor, mas porque tão habituados estamos às impiedades da intolerância ferrenha da situação, que mesmo os atos da mais estrita justiça já nos causam espanto, quando, por acaso, são praticados.

Passo-fundense digno, e não saturado, sem dúvida, ainda, de tal intolerância, o ato do Dr Vergueiro, se nos não penhorasse pela sua espontaneidade distinta, nos confortaria pela certeza de não ser S. S. um energúmeno.

De resto, todos os passofundenses se irmanaram nas homeagens sentidas ao varão preclaro que era o Patriarca da Serra. E o federalismo o agradece, com abundância d'alma”.

Depois de proferir o meu discurso, estive em Palácio, onde dei ciência do mesmo ao Dr. Borges de Medeiros, chefe do Partido e Presidente do Estado, o qual não só concordou com o meu ato, como elogiou-o.

Passo Fundo, 25 de Fevereiro de 1936.

Data : 26/02/1936

Título : 252 O SEU SUBSTITUTO

Categoria: Memórias

Descrição: O discurso pronunciado em 4 de Março de 1912, pelo Coronel Gervazio Lucas Annes, por ocasião do aniversário do Dr. Serafim Terra...

O discurso pronunciado em 4 de Março de 1912, pelo Coronel Gervazio Lucas Annes, por ocasião do aniversário do Dr. Serafim Terra, então engenheiro chefe da comissão discriminadora de terras deste município, foi o ponto longínquo, e de partida, da luta, que moveram-me certos aspirantes de posições locais.

Desde aí, comecei a ser, às escuras, e de modo lento e constante, atacado por elementos de Pedro Lopes de Oliveira, que aspirava a chefia do Partido Republicano, de Passo Fundo.

O jornal O Gaúcho, que se tornou, mais tarde, o órgão dos meus adversários, em 9 daquele mês e ano, noticiando longamente a concorrida manifestação, que levamos aquele saudoso amigo e correligionário, inseriu, em suas colunas, entre outras coisas, o seguinte:

“Seguiu-se com a palavra, momentos depois, o nosso ilustre amigo Dr. Araújo Vergueiro, que agradeceu, em nome do Dr. Terra, a presença do Coronel Gervazio naquela festa, proferindo eloquente discurso, em que enalteceu a ação política e o merecimento pessoal do acatado chefe republicano de Passo Fundo, terminando por erguer-lhe um brinde, que foi calorosamente correspondido pelo seletto auditório.

O Coronel Gervazio, agradecendo as palavras do Dr. Vergueiro, fez a apologia dos serviços prestados à política republicana pelo Dr. Terra, pondo em relevo os predicados distintos que o escarnam.

Aludindo a política do município, à qual o Dr. Vergueiro fizera referência, reafirmou o seu constante propósito de mantê-la no retilíneo caminho que tem trilhado até hoje, para que possa ela cooperar eficazmente para o progresso do município e para a glória, cada vez maior, da bandeira que defendemos, desideratum para o qual se desvanecia de contar com um núcleo de auxiliares devotados, como o Dr. Terra, o Dr. Vergueiro e outros, cuja cooperação era verdadeiramente preciosa, para o desempenho da sua árdua missão de chefe do Partido.

Disse mais que ser-lhe ia motivo de verdadeira satisfação se no dia em que se afastasse desse posto, fosse nele substituído pelo Dr. Vergueiro, a quem teceu os mais honrosos elogios, e apresentou como portador de todos os predicados necessários para o desempenho brilhante dessa tarefa espinhosa.”

Passo Fundo, 26 de Fevereiro de 1936.

Data : 27/02/1936

Título : 253 UM AGRADECIMENTO

Categoria: Memórias

Descrição: Entre os muitos agradecimentos, a propósito de casos clínicos, que conservo em meu arquivo, transcrevo apenas um, publicado por João Baptista Curio de Carvalho...

Entre os muitos agradecimentos, a propósito de casos clínicos, que conservo em meu arquivo, transcrevo apenas um, publicado por João Baptista Curio de Carvalho, em 26 de Agosto e 1916, em o seu jornal A Voz da Serra, e não o faço por mera e boba vaidade, mas em consideração ao seu signatário, que se revelou sempre, em todas as épocas, nos bons e nos maus tempos, um verdadeiro, sincero e dedicado amigo.

O Tenente Curio, oficial reformado do Exército, que residiu, muitos anos, nesta cidade, transferiu, no começo deste ano de 1936, a sua residência para S. Paulo, S. José dos Campos, em consequência de enfermidade pulmonar de seu jovem filho Ubiratan.

Sofreu o prezado amigo, com a morte de sua Esposa, D. Theophila, a quem Deus Haja em seu seio, quando eu estava no exílio, um tremendo baque, um profundo golpe.

Tornou-se religioso praticante e todos os domingos ia, a pé, ao cemitério local, pela madrugada, em visita ao túmulo de sua digna companheira.

Espírito forte, alma boa, coluna vertebral de aço, de grande calma e de valentia comprovada, nunca o vi desesperar.

No seu rosto magro e pálido, de barba, grisalho, a Nazareno, sempre houve um sorriso, misto de dor e de saudades de sua esposa. Muitas vezes, encontrei-o, pela manhã, já de volta da necrópole, sob chuva torrencial, e o conduzi, de auto, à sua residência.

D. Theophila era uma mulher virtuosa e enérgica. Certa vez, que o Dr. Arthur Caetano da Silva, seu irmão, agrediu, pela imprensa, ao seu esposo, de modo estúpido e irreverente, saiu de chicote, à rua, e, ao encontrá-lo, avançou resoluta para ele, que, para não apanhar, correu vergonhosamente.

No caso de Curio, pobre como era e é, faltava sempre dinheiro, mas sobrava sempre alegria: ainda não vi, no grande número de lares em que hei penetrado, um casal mais feliz.

Depois dessas referências, que me brotaram ao correr da pena, transcrevo o artigo, intitulado “Gratidão”.

“Definiu ilustre pregador sacro que o segredo da felicidade está em se fazer os outros felizes”.

Ditoso o homem que conhecendo esse axioma o pode aplicar em toda a sua plenitude de beleza irradiante.

Existe em nossa terra um que, talvez ignorando a existência do enunciado, entretanto cotidianamente o aplica, transformando o exercício de sua profissão no verdadeiro sacerdócio do bem.

Onde há uma dor, onde há o pranto, onde está o sofrimento, qual Anjo da Caridade

É ele quem enche de flores

E de alegrias o lar;

Quem faz sorrir as crianças,

Quem faz os velhos orar!

Quem em Passo Fundo ainda não teve em sua cabeceira, ou de algum ente que lhe é caro, a pessoa do bondoso médico Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, trazendo-lhes os eflúvios suaves da esperança, qual como o sol que vivifica?

É este o Anjo da Caridade a quem me refiro, é ele que por muitas vezes já tem restituído a alegria no meu lar, o riso a meus filhos e, por isso em nossas orações, em família, jamais deixaremos de rogar a Deus que transmita ao seu lar as felicidades, que tantas vezes tem sido portador para o nosso.

Ainda agora, foi esse apóstolo da ciência médica que, auxiliado pelo ilustre facultativo Dr. Hildebando Varnieri, a quem também transmito a minha gratidão, com uma dedicação um par e uma proficiência inaudita, arrancou das garras de uma morte fatal a minha cara esposa e extremosa mãe de uma numerosa prole, que esteve em franca manifestação de eclampsia.

Para completa felicidade, conseguiu ainda evitar o sacrifício da vida da criança, que graças à sua perícia e sentimento de humanidade, lhe foi dado conhecer a luz do dia.

Por isso dei ao meu filhinho o nome de Nicolau Grato: Nicolau será o nome que a minha família ensinará a amar; o de Grato me trará sempre em mente o sentimento profundo da minha imorredoura gratidão ao bom amigo e caridoso médico, que me livrou de uma fatal e acerba dor”

(assinado) João Batista Curio Carvalho 21.08.1916”

Passo Fundo, 27 de Fevereiro de 1936.

Data : 28/02/1936

Título : 254 INGRATO E LADRÃO

Categoria: Memórias

Descrição: Encontrei, em meu arquivo, uma nota referente a um fato, de que não mais me recordava.

Encontrei, em meu arquivo, uma nota referente a um fato, de que não mais me recordava.

Em 16 de maio de 1906, trabalhava, nesta cidade, uma pequena e muito pobre companhia de cavaleiros, e, nessa noite, fui chamado, cerca das onze horas, a atender um mísero palhaço, que, atirando-se de um trapézio, sobre serragem de madeira, tivera a infelicidade de cair em um caco de vidro, que profundamente lhe cortou um pé.

Conduzido para a Farmácia dos Pobres, de Oscar Pinto de Moraes, fiz-lhe o necessário e demorado curativo, havendo deixado, no corredor, o meu casaco, dependurado em um cabide.

Imediatamente depois da saída do palhaço, cuja fisionomia de dor, de sofrimento e quiçá de fome haviam me causado imensa piedade, dei pela falta de minha carteira, que tinha, além de vários papéis, a importância de cem mil reis em dinheiro, e logo fiz voltar o homem ao consultório. Revistando-o, encontrei em seu bolso, a carteira sonhada.

Eu não lhe havia cobrado nem sequer o material cirúrgico empregado e, revoltado, diante de semelhante ato de cinismo, só lhe perguntei:

- Porque você me roubou a carteira?

E a resposta foi essa:

- Porque sou muito pobre e você é rico, porque você está com a barriga cheia e eu estou com fome, e esse dinheiro não lhe faz falta... e desandou a chorar, pedindo-me que não o castigasse...

Dei-lhe 20\$000 n.º e mandei-o embora. Além de ingrato, ladrão... mas com fome.

Passo Fundo, 28 de Fevereiro de 1936.

Data : 29/02/1936

Título : 255 ANO BISSEXTO

Categoria: Memórias

Descrição: A data de hoje corresponde, 29 de Fevereiro, ao ano bissexto.

A data de hoje corresponde, 29 de Fevereiro, ao ano bissexto.

Nada de anormal tenho a consignar, mas lembro-me que, nesse dia, de 1904, faleceu em Porto Alegre, à rua Marechal Floriano, n.º 166, o meu amigo e então futuro sogro João de Andrade Leite, cidadão de aprimoradas virtudes pessoais, e a quem, nesta nota, rendo, sinceramente, o meu preito de imensa saudade e de profundo respeito.

Estávamos, às 2 horas da tarde de 28, tomando chimarrão na varanda, quando o Sr. João Leite deixou cair a cuia e, tentando levantá-la do assoalho, caiu, não mais falando e falecendo ao escurecer do dia 29. Vitimou-o uma hemorragia cerebral. Era eu estudante do 5º ano de medicina.

Passo Fundo, 29 de Fevereiro de 1936.

Data : 01/03/1936

Título : 256 CARREIRAS

Categoria: Memórias

Descrição: Durante os anos de 1910,1911 e 1912 dediquei-me à corrida de cavalos.



Durante os anos de 1910,1911 e 1912 dediquei-me à corrida de cavalos.

Organizei, no Passo da Areia, uma coudelaria com os seguintes animais:

Actor, tostado, ½ sangue;

Biguá, zaino, ½ sangue;

Ypiranga, tostado, ¼ sangue;

Vesta, tostada, ½ sangue e

Cauby, tordilho, ¾ de sangue.

Durante esses três anos, meus animais correram sete vezes, digo oito, ganhando sete e empatando uma, como se segue:

1ª) Em 15 de Junho de 1910, na raia do Pinheiro Torto, pela parada de 2:500\$000 n.º, correram, no trio de 3 quadras, Actor e Pica-pau, este do Coronel Antonio Ramos Barroso. Meu corredor foi Ireno Lemos de Moraes. Ganhou o meu potrilho, de luz.

2ª) Em 12 de Novembro de 1910, na raia, onde, hoje, é o Hospital de Caridade, pela parada de 2:500\$000 n.º, correram, no tiro de 4 quadras, Actor e Polaco, este pertencente ao Sr. Luiz Langaro. Polaco era um animal ¾ de sangue, filho de Bismark e que vinha das pistas de Porto Alegre, onde corraera com o nome de Independente. Ganhou Actor folgadoamente, de luz. Corredor o mesmo Ireno.

3ª) em 15 de Novembro de 1910, na cancha do Pinheiro Torto, pela parada de 2:000\$000n.º, em duas quadras, mediram forças Biguá e Garibaldi, de Luiz Langaro. Biguá, que ganhou, fácil, de luz, era montado pelo mesmo Ireno. Garibaldi provinha do prado de Porto Alegre, onde corraera com o nome de Cysne.

4ª) Em 10 de Abril de 1911, correram na raia dos Malacaras, em Carazinho, pela parada de 3:000\$00 n.º, em 5 quadras, Actor e Baio Thezoura, este de propriedade do Sr. Ernesto de Quadros, de Palmeira.

Foi a carreira de maior jogo que tinha visto, pois Baio Thezoura, além de ser de uma parceria de gente muito rica, era um cavalo de grande fama, que nunca perdera uma só corrida. Meu animal foi montado por Edmundo Dalmacio de Oliveira, levando este, a mais, sobre o outro corredor, 10 quilos de peso. Nessa carreira joguei doze contos. Ganhou Actor de luz, desde a primeira quadra.

5ª) em 18 de Novembro de 1911, na mesma raia do Malacaras, em 4 quadras, por 1:500\$000 n.º, defrontaram-se Biguá e São Sepé, do Cel. Antonio Ramos Barroso. Houve empate. Meu corredor foi um negrinho Victor.

6ª) Em 14 de Dezembro de 1911, na raia onde está, hoje, o Hospital de Caridade, correram Ypiranga e um animal preto, do Sr. Júlio Magalhães. A parada foi de 1:000\$000 n.º e o tiro de 4 quadras. Ganhou Ypiranga, de luz. Corredor o mesmo Ireno.

7ª) Em 18 de Junho de 1912, na cancha do Pinheiro Torto, em 4 quadras, por 2:500\$000 n.º, correram Actor e Marechal Oyama, de propriedade do Sr. Leôncio Rico, que o mandara buscar em Lagoa Vermelha, especialmente para correr o meu Actor. Este foi pilotado por um corredor,

vindo de Palmeira, por apelido Pepé. Nessa carreira deram-se graves incidentes antes, durante e depois da carreira. Actor ganhou facilmente, fazendo luz desde a primeira quadra. Três dias antes, graduamos Actor em 4 quadras, com 62 quilos, e em cancha de arrepio, constatando o tempo de 32 segundos.

8ª) Em 20 de novembro de 1912, em uma raia, na propriedade Graeff, desta cidade, correram, em três quadras, por 2:000\$000 n.º, Actor e Ideal, de Ernesto Lacombe, residente em Cruz Alta. Montava o meu parceiro o Sr. Inocêncio Rocha. Ganhou também Actor, de meio corpo.

Os meus “pingos” tinham por compositor, e hábil, o Sr. Juca Valente, conceituado “entreineur”, que mandei vir de Lagoa Vermelha, onde gozava de merecida fama, nesse sentido.

Fazia eu uma despesa, com sustento dos animais, compositor e empregados, de mais de 700\$000 n.º por mês, o que, em 3 anos, somados, dá um total de cerca de 30:000\$000 n.º por mês, donde, claramente, se vê o meu prejuízo, apesar de nunca ter perdido uma só carreira.

Nas paradas, além de certa percentagem aos corredores, via-me na obrigação de dar jogo a alguns amigos, apesar de nunca auxiliarem nas despesas.

O que, porém, mais me levou a abandonar, definitivamente, esse esporte foram, por sem dúvida, as contrariedades, questões com os contrários, decorrente inimizades e, mesmo, alguns sérios conflitos em que, a contra gosto, me vi envolvido.

Resultado de tudo: corri 8 carreiras, ganhei 7, empatei 1, perdi dinheiro e fiz alguns desafetos, entre os quais um por quem tinha grande amizade e consideração. Sr. Leôncio Rico, a quem, desde pequeno, me acostumara a respeitar e a querer, devendo-lhe até certa obrigação, por isso que, quando eu aluno do Colégio Nossa Senhora da Conceição, em 1894, em São Leopoldo, tirava-me carinhosamente, no colégio, todos os domingos, para passear e almoçar em sua casa, naquela cidade.

Passo Fundo, 1º de Março de 1936.

Data : 01/03/1936

Título : 257 RINHAS DE GALO

Categoria: Memórias

Descrição: Durante os anos de 1913, 1914 e 1915 tornei-me galista.

Durante os anos de 1913, 1914 e 1915 tornei-me galista.

De sociedade com Egydio Silveira, organizei uma forte coudelaria de galos de briga, tendo como compositor o índio Costa, que, em verdade, muito entendia desse assunto.

Houve um grande entusiasmo, e todos os domingos, das 8 horas da manhã em diante, fazíamos as “peleas”.

O melhor galo, que possuí, era chamado Xerengue, com o peso de 2.500 gramas, e, com ele, ganhei 8 rinhas e empatei uma.

Encontrei, entre meus papeis, a seguinte estatística:

Em 1913

Ganhas	Perdidas	Empates
Xerengue 5	Branco Costa 1	Cinzento 1
Cavaco 3	Negrilo 1	Sapicado 1
Neurastênico 3	Mára Bicho 1	Rápido 1
Mulato 2	Pintura 1	Pimenta 1
Brasil 2	Maroto 1	
Caraguatá 2	Brasil 1	
Branco da Costa 1		
Mára Bicho 1		
Pintura 1		
Cinzento 1		
21	6	4

Em 1914

São Luiz 4	Neurastênico 1	Xerengue 1
Jaguarão 3	Pinturinha 1	
Xerengue 3	Sapicado 1	
Santelmo 3	Dormente 1	
Cavaco 2	Preto Velho 1	
Sapicado 1	Negrume 1	
Índio Velho 1	Xerenguinho 1	
Pinturinha 1	Solito 1	
Negrume 1		
Villa Rica		
Rio Grande 1		
Xerenguinho 1		
Neurastênico 1		
Cachoeira 1		

24 8 1

Em 1915

São Luiz 3 Cachoeira 1 Soldado 1

Xerenguiño 3 Rio Grande 1 Togo 1

Negrinho 3 Yeddo 1 Joffe 1

Joffe 2 Sapecado 1 Prateado 1

Jaguarão 2 X 1 Cigano 1

Murilo 2 Liége 1

Liége 2 Fon-fon 1

Cigano 2 Zepelin 1

X 1

Cachoeira 1

Soldado 1

Togo 1

Fon-fon 1

Zepelin 1

25 8 5

Resultado dos três anos:

Ganhas 70

Perdidas 22

Empates 10

Certa vez, aborreci-me muito no rinhadeiro, chegando mesmo a dar escândalo, pela minha linguagem forte, veemente e atrevida, por isso que envenenaram-me um galo, pouco antes de largá-lo no tambor, por uma parada porta de 500\$000 n.º. Declarei então que, durante 10 anos, não poria os meus pés em semelhante local, o que cumpri.

Até hoje ignoro o malvado que, daquele modo, procedeu.

Em 1929, o meu amigo, Dr. Valentim Aragon, sub-chefe de polícia, residente em Porto Alegre, mandou-me, de presente, um galo branco, com 2.100 gramas. Antes mesmo de branquinho aqui chegar, já se sabia que eu iria receber um animal valente, e que, na Capital do Estado, já contava com cinco vitórias.

Ao meu amigo Ademar Campos, entreguei-o.

Naquele ano, em 1930 e 1931 fi-lo pelar, em Passo Fundo, cinco vezes e em todas saiu vencedor.

Foi o galo mais formidável que tinha conhecido: liquidou os seus adversários entre 10 e 20 minutos.

Em uma das rinhas, o prejuízo foi grande, e eu o calculo em mais de cinco contos de reis: só o Henrique Scarpellini Ghezzi ganhou para mais de dois contos.

Morreu o “galo branco” em 1932, sem uma lesão sequer de olhos ou de bico.

Passo Fundo, 1º de Março de 1936.

Data : 02/03/1936

Título : 258 CAIXA DE TROCA

Categoria: Memórias

Descrição: Veio, hoje, ao meu consultório, um fazendeiro residente no 6º distrito deste município.

Veio, hoje, ao meu consultório, um fazendeiro residente no 6º distrito deste município.

Homem rico, de cerca de 60 anos, mas profundamente atrasado, dirige um velho automóvel Ford que, em geral, mais vive nas oficinas, recebendo composturas.

Em sua companhia, veio a sua esposa, mulherzinha magra, desdentada e feia.

Depois do habitual cumprimento, foi, desde logo, o caboclo, assim se expressando:

- Dr., trouxe aí essa mulher para o Sr. Examinar; ela anda muito doente e está com a “caixa de troca” estragada, e eu, Dr., também quero um remedinho, porque já não pego mais de arranque, só a “manivela”.

Depois de muito me rir, acompanhado pelo marido, que dava boas gargalhadas, examinei a ambos: a mulher estava no período da menopausa e, para tal lhe receitei alguns medicamentos.

Quanto ao homem, ou melhor meio homem, receitei comprimidos de androsten Ciba, contando-lhe a seguinte anedota:

- Olhe, meu amigo, esse remédio é muito bom, e você, com ele, vai ter excelente resultado: certa vez, um cozinheiro, que estava preparando uma macarronada, deixou, por descuido, cair um desses comprimidos na panela, e, daí há meia hora, todos os macarrões ficaram tão duros, que chegaram a tirar a tampa da panela para fora...

O velhote, todo sorridente, foi à farmácia, onde comprou, de uma vez, dois vidros...

Passo Fundo, 2 de Março de 1936.

Data : 03/03/1936

Título : 259 CLUBE PINHEIRO MACHADO

Categoria: Memórias

Descrição: Em 3 de abril de 1909, o jornal O Gaúcho, em seu número 9, publicou o seguinte, sob aquela epígrafe...

Em 3 de abril de 1909, o jornal O Gaúcho, em seu número 9, publicou o seguinte, sob aquela epígrafe: “De conformidade com a convocação feita por esta folha, sábado passado, à noite, reuniu-se o Clube Pinheiro Machado, a fim de proceder à eleição de seu novo presidente. À hora marcada, presentes todos os membros da diretoria e grande número de sócios efetivos, ocupou a presidência o Dr. Araújo Vergueiro, ladeado pelo Coronel Gervazio Lucas Annes e o Dr. José Dario de Vasconcellos, e declarou aberta a sessão, expondo o seu fim e lendo, em seguida, o relatório da marcha do Clube no ano social que expirava, documento esse que causou excelente impressão no ânimo da numerosa assembleia, merecendo desta uma prolongada salva de palmas.

Passando-se a proceder a eleição de presidente, pediu a palavra, pela ordem, o sócio Dr. Roberto Cunha e Silva, que depois de fazer elevadas considerações sobre a gestão do Dr. Vergueiro e seus dignos auxiliares, propôs se dispensasse a votação, em vista de ser desejo unânime da assembleia a reeleição do ilustre presidente, que tanto e tanto se esforçara pelo engrandecimento do Clube, bem como a conservação de todos os demais membros da diretoria, igualmente esforçados e merecedores de aplausos.

Essa indicação foi coberta por estrepitosa salva de palmas, e o Dr. Vergueiro, comovido, agradeceu-a, reafirmando o seu compromisso do bem servir o posto de confiança, que por segunda vez lhe conferiam seus correligionários e em cujo desempenho havia de por em prática os seus mais íngenes esforços.

Por essa forma reeleito, o ilustre presidente, de conformidade com os estatutos do Clube, escolheu para o cargo de vice-presidente o sócio Francisco Antonino Xavier e Oliveira, que já exercera tais funções no ano social findo, e cuja nomeada foi aprovada pela assembleia.

O Gaúcho, consagrando a brilhante reunião estas ligeiras notas, dá parabéns ao Clube Pinheiro Machado pela conservação de sua operosa diretoria, a que igualmente felicita pela sua merecida reeleição, da qual muito tem a esperar o distinto grêmio republicano, por cuja crescente prosperidade fazemos sinceros votos.

Passo Fundo, 3 de Março de 1936.

Data : 04/03/1936

Título : 260 RELATÓRIO DO CLUBE PINHEIRO MACHADO

Categoria: Memórias

Descrição: Eis o relatório, a que se refere o a artigo anterior, e que foi publicado, no mesmo jornal, dia, mês e ano iguais: em 3-4-1909: “Ilustres consócios.

Eis o relatório, a que se refere o a artigo anterior, e que foi publicado, no mesmo jornal, dia, mês e ano iguais: em 3-4-1909:

“Ilustres consócios.

Em obediência aos estatutos, que regem os destinos deste Clube, venho, no exercício do cargo de presidente, cujo mandato hoje findo, expor-vos a marcha dos negócios desta patriótica associação, durante o prazo decorrido de 16 de Março de 1908 a 16 de Março de 1909.

– Secretaria –

- 1- Da leitura do livro de atas de assembléias gerais, durante o ano administrativo nada houve de extraordinário, que motivasse a reunião de uma assembleia geral.
- 2- Da leitura do livro de atas do Clube vê-se que a diretoria, sem exceção alguma de seus membros, exerceu o seu mandato por todo tempo a ela marcada pelos estatutos.
- 3- Em 19 de Março de 1908, foi exonerado do cargo de contínuo e zelador do Clube João Theodoro de Almeida, e nomeado para substituí-lo o Sr. Dario Valença Appel, o qual faleceu pouco tempo depois, tendo sido registrado em ata com nota de pesar por tal passamento.
- 4- Durante o ano administrativo, entraram para o Clube 32 sócios novos, cujos nomes passo a citar: Dr. Serafim Terra, Theofilo Guimarães, Manoel de Araújo Bastos, Dr. José Dario de Vasconcelos, João Langaro, Santo Scaglia, Ângelo Pretto, João Corá, Herculano Trindade, Pedro Colaço da Silveira, Dr. Hjalma Tufvesson, Dr. Rodolpho Gubitz, Dr. Roberto de Cunha e Silva, Maximiliano Portaluppi, Alexandre Meich Kelt, Henrique Pavão, Fernando Pereira, Luiz Ferreira de Almeida, Leovegildo Varella, João Lustosa Ribas, Dr. Henrique Gürsching, Dorval de Oliveira Costa, Arthur Greppi, Sylvestre de Souza Lima, Arthur Canfield, Dr. Paulo Della Costa, Agostinho Ribas, Carlos Schech, Tranquilino Ribas Pinheiro Machado, Manoel Machado Vieira, Miguel Pinto de Moraes e Dario Machado Vieira.
- 5- Pediu demissão um sócio e foi exonerado outro por falta de pagamento.
- 6- Pediram licença por prazo indeterminado alguns e por seis meses outros sócios.
- 7- A secretaria dirigiu officios a todos os sócios novos e à redação de vários jornais do Estado, comunicando a posse da nova diretoria.

– Tesouraria –

8- Ao iniciar a sua ação, o tesoureiro publicou um edital n'º Gaúcho, chamando as pessoas que se julgassem criadoras do Clube a virem apresentar as suas contas no prazo de 30 dias, a fim de serem pagas, no caso de julgadas justas.

9- O movimento da tesouraria foi o seguinte:

Receita – 2.984\$500 N.º

Despesa – 2.201\$850 N.º

Saldo a favor do Clube: 782\$650 N.º

A despesa se acha justificada com os documentos arquivados na tesouraria.

– Biblioteca –

10- Apesar de não ter sido destinada verba alguma, ela aumentou, por isso que o Srs. Major Candido Rocha, Armando Annes, Dr. Inocêncio Borges da Rosa, Coronel Maurício Sinke, Juvêncio Farias e Dr. Nicolau Araújo Vergueiro tiveram a gentileza de ofertar diversos volumes de obras científicas e literárias.

11- Recebeu também ininterruptamente os seguintes jornais, que, em officio, foram pedidos: O Gaúcho, Tribuna, Republicano, Gaspar Martins, Butucarahy, O Independente, Diário Popular, O Estado, A convenção, O Comércio, Gazeta Colonial e o Progresso.

12- O Clube tomou assinatura da Revista Leitura para Todos, que se publica na Capital Federal.

– Melhoramentos materiais –

13- Durante a minha gestão foram adquiridos os seguintes moveis: 4 dúzias de cadeiras finas, uma mesa comprida para a secretaria, 1 armário para a mesma, duas mesas redondas para jogos de cartas, duas caixas com fichas diversas, um jogo de xadrez, uma dúzia de tulipas, uma dúzia de bicos acetileno, diversos panos de mesa, sendo um muito fino.

14- Os consócios Eduardo Manoel de Araújo, Dr. Serafim Terra e Dr. Nicolau Vergueiro ofereceram ao Clube respectivamente, dois cabides para chapéus, uma caixa de fichas e uma mesa fina para jogo de xadrez.

15- Nas portas e janelas foram colocados vários vidros e feitas algumas composturas.

16- Após o falecimento do contínuo Dario Valença Appel, o Clube, por meio de editais, chamou concorrentes para o fornecimento do botequim. Apresentaram propostas os Srs. Octávio Ignácio Godinho, Argymiro Lima, Dario Machado da Silva, tendo sido aceita esta última por ser a mais vantajosa. Dessa proposta, lavrou-se uma ata com diversas cláusulas, as quais têm sido cumpridas pelo atual zelador do Clube.

– Papel político –

17- A ação política do Clube durante o ano, que hoje finda, exerceu-se da maneira como consta na ata segunda do livro de atas, que o Dr. Secretário fará o obséquio de ler: (leu-se).



18- O Clube dirigiu telegramas aos Drs. Borges de Medeiros, Carlos Barbosa e à “Federação” por ocasião da eleição intencional, e ao Dr. Juvenal Müller pela sua nomeação ao cargo de vice-presidente do Estado. Desses telegramas, recebeu contestação.

– Lado moral e recreativo –

19- Por iniciativa da diretoria do Clube abriu-se uma subscrição, entre os sócios, em favor de João Theodoro de Almeida, até que este comece a perceber vencimentos como voluntário do Paraguai.

20- Acompanhando atencioso officio o ilustre consócio e vice-presidente Francisco Antonino Xavier e Oliveira dirigiu, em papel acetinado, diversas quadrinhas de sua lavra, em comemoração à data da Independência Nacional.

21- Realizaram-se 2 sessões solenes, uma em 20 de Setembro e outra em 15 de Novembro.

22- Os salões do Clube foram, por diversas vezes, cedidos para saraus dançantes, para uma conferência literária do talentoso moço Roque Callage e para as festas religiosas do Espírito Santo e Conceição.

23- Pelos meados do ano passado, foi introduzido no Clube o jogo de pôquer, acontecimento esse que muito aumentou a frequência diária, constituindo mais um centro de diversão, ao lado dos jogos de xadrez, damas e gamão.

24- À diretoria foram dirigidos vários officios, que se acham arquivados, e feitas várias visitas de pessoas gradas ao Clube.

Ilustres consócios- eis aí, em ligeira resenha, aos trabalhos do meu período administrativo e ao dar posse à diretoria que vai ser eleita e tem de dirigir os destinos do Clube Pinheiro Machado, de Março de 1909 a Março de 1910, tenho a satisfação enorme de o fazer com a consciência tranquila, pois, procurando cumprir a grata incumbência que vós, imerecidamente, me legastes, creio que o fiz, visto como a nossa associação se acha em franco caminho de progresso.

Eu, em pessoa, pouco, muito pouco fiz e se aí está algo que se possa ver è devido tão somente aos excelentes companheiros de diretoria, de que procurei cercar-me.

O serviço da secretaria é impecável: o Sr. Dr. Inocêncio Borges da Rosa cumpriu à risca o seu papel; o da tesouraria, que é a base material de qualquer associação, é excelente e esteve sob a competência do Sr. Eduardo Manoel Araújo, e aí estão todos os documentos, toda a escrituração, como prova cabal do que afirmamos.

A biblioteca, dirigida pelo Sr. Major Candido Marques da Rocha progrediu, devido aos seus esforços.

Deixo, nestas linhas, os meus sinceros agradecimentos a todos os membros da diretoria e, ao terminar, faço ardentes votos para que a nova eleve cada vez mais o Clube Pinheiro Machado e lhe hipoteco, como simples sócio, toda a minha dedicação, todo o meu esforço.

Passo Fundo, 4 de Março de 1936.

Data : 05/03/1936

Título : 261 PAULO BREVANE

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1908, fundaram-se, nesta cidade, duas associações dramáticas: Grêmio Dramático Passofundense e Grêmio Dramático Soares de Medeiros...

Em 1908, fundaram-se, nesta cidade, duas associações dramáticas: Grêmio Dramático Passofundense e Grêmio Dramático Soares de Medeiros, e, como vai sempre acontecer em lugar pequeno, o entusiasmo foi enorme, surgindo, desde logo, as naturais rivalidades que, dia a dia, cada vez mais acentuadas, chegaram a separar a sociedade local: ou se era de um, ou de outro, neutro era que não. Eu pertencia ao Grêmio Passofundense.

Os espetáculos mensais tinham uma formidável concorrência.

Aqueles grêmios, que tinham por fim a construção de um confortável teatro em Passo Fundo, não tiveram muita vida, dois ou três anos no máximo: um matou o outro.

No auge do entusiasmo, mandavam vir clínicos ensaiadores.

Para o Soares de Medeiros, veio de Porto Alegre, o Sr. João Andronico Queiroz Ribeiro, bom artista, muito alegre, profundamente boêmio, a quem a tuberculose prendeu logo e derrubou em pouco tempo.

Para o Grêmio Passofundense veio, de Alegrete, o Sr. Vicente Paiva Bueno, homem de certa cultura, melhor artista que o outro, muitíssimo pobre e com uma família enorme. Paiva Bueno era um tipo dinâmico: artista, operário, jornalista, advogado. Tornei-me amigo de ambos, mais muito mais de Paiva Bueno. Este faleceu, nesta cidade, em consequência de uma lesão cardíaca, alguns anos depois.

Paiva Bueno, que usava o pseudônimo de Paulo Brevane, publicou, n'O Gaúcho, de 12 de Março de 1910, o seguinte artigo, sobre o meu aniversário natalício:

- Completou, no dia 7 do corrente, o vigésimo oitavo aniversário de uma existência útil e proveitosa, o nosso talentoso amigo e companheiro de redação, Dr. Araújo Vergueiro, ilustrado e popular médico, nosso conterrâneo. Desejávamos, se bem que tarde, não só saudá-lo cordialmente, como também nos associarmos à alegria, no júbilo que reinou no seio da sua exma. família, por esse justo motivo.

Ele vai, de dia a dia, tornando-se um benemérito de nossa terra, e essa benemerência é conquistada no apostolado da ciência, em que o seu vasto talentoso fulgura e a sua grande alma se santifica; é conquistada pelo amor da humanidade que é o soberano inspirador de seus atos; é conquistada ainda, porque o nosso digno amigo possui um espírito superior, uma alma fidalga, cavalheiresca e feita, pronta sempre a todas as dedicações.

O ilustrado Dr. Vergueiro é uma individualidade que, sem o querer, sem o ambicionar, mas pelo seu próprio valor, inescurecível dos seus reconhecidos méritos, destaca-se tanto da vulgaridade como um raio de luz na escuridão; pela superioridade de seu caráter, pela nobreza

de seus elevados sentimentos, dotes e virtudes, pela sua extraordinária modéstia, esse delicado véu diáfano, com que procura sempre esconder o valor que possui, tens conquistado uma extraordinária popularidade, e os seus admiradores desejam o prolongamento de sua preciosa existência, porque nos impulsos afetivos de sua grande admiração eles procuram indicá-lo como um forte pedestal, que será o amparo do futuro grandioso da nossa terra.

Tudo é de esperar de quem, excelas virtudes, possui a força do talento e o esplendor da mocidade.

XII-III-MCMX (assinado Paulo Brevane).

- ao encerrar esta “nota”, revejo com saudades, e nitidamente, apesar de mais de 20 anos de seu falecimento, a figura do prezado, bom e alegre amigo, que passou, pela vida, numa contínua e suarenta luta, de trabalho e de dedicação, sempre no ingente esforço de dar à sua numerosa família o honrado pão nosso de cada dia, e, cerrando os olhos, em sincera concentração espiritual, peço ao grande Deus, todo poderoso, toda a sua infinita bondade, não só pela alma de Vicente Paiva Bueno como também pela de João Andronico de Queiroz Ribeiro. Que tenham no céu a encantada e desejada felicidade que nunca conseguiram na terra!

Passo Fundo, 5 de Março de 1936.

Data : 07/03/1936

Título : 262 CINQUENTA E QUATRO ANOS

Categoria: Memórias

Descrição: Completo, hoje, 54 anos de idade. No seu decorrer, não me acode, em severo exame, à consciência, acusando-a mesmo de leve, um só ato meu indigno.

Completo, hoje, 54 anos de idade. No seu decorrer, não me acode, em severo exame, à consciência, acusando-a mesmo de leve, um só ato meu indigno.

Posso ter, muitas vezes, errado, mas sempre de boa fé, e com a vontade de acertar.

Nunca fiz mal a ninguém; tenho, na medida das minhas forças, procurado fazer sempre o bem, e, assim, no amor de Deus, morrerei tranquilamente.

Não passarei pela rocha da vida como a serpente sem deixar vestígio, nem como a lesma, e sua baba viscosa; deixarei algo de maior, como a corrente elétrica que não se vê, mas sente-se: os benefícios que, como cidadão e como médico, hei distribuindo as mancheias, entre ricos e, principalmente, pobres, sem cogitar da menor recompensa.

Pela manhã desse lindo e luminoso sol de 7 de março de 1936, fui, no cumprimento de um grato dever, ao cemitério, em visita ao túmulo, que encerra os despojos de meus Pais e de minha irmã

Emilia, e ali, na maior concentração espiritual, na cristalização de uma saudade imensa, pedi por Eles a Deus, a quem, com fervor agradeci ter-me dado um caráter firme, inamalgável e sem jaça, de homem honrado, trabalhador e digno.

O D. Gustave Le Born, no seu livro "Enseignements psychologiques de le guerre européenne", escreve: "ha valeur de la vie ne dépend pas du nombre des jours, mais de l'ouvre accomplie pendant ces jours"... e alguma obra boa e de utilidade eu a realizei...e é o "quantum satis".

Passo Fundo, 7 de março de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 1-3.

Data : 08/03/1936

Título : 263 UM ANIVERSÁRIO

Categoria: Memórias

Descrição: À propósito do meu aniversário natalício, em 1916, A Voz da Serra, em 11 de março, publicou o seguinte: "Conforme noticiamos, festejou...

À propósito do meu aniversário natalício, em 1916, A Voz da Serra, em 11 de março, publicou o seguinte: "Conforme noticiamos, festejou, suntuosamente, a 7 do corrente mês, mais um aniversário natalício, o distinto médico Dr. Nicolau Araujo Vergueiro.

Por iniciativa de um grupo de amigos e admiradores do ilustrado aniversariante, foi-lhe feita imponente manifestação de apreço, de caráter popular, tendo comparecido avultado número de pessoas. À frente do Hotel Internacional reuniram-se os manifestantes, deslizando, às 8 horas da noite, a enorme multidão ao longo da Avenida Brasil, vanguardados pela banda musical Carlos Gomes.

Chegando à presença do homenageado, falou o provector advogado deste foro, Sr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira, que proferiu eloquente peça oratória.

Em seguida respondeu comovido, o Dr. Araujo Vergueiro, confessando o seu jubiloso orgulho e funda gratidão pela esplendente prova de carinho que lhe era dada, terminando por franquear ingresso, em sua residência, aos presentes, para que fizessem provisão de alegria.

Teve então lugar animado sarau, que durou até às 4 horas da madrugada imediata.

Abundante champanhe, finos doces, licores diversos, notadamente o cavalheirismo impecável do homenageado e a gentileza infatigável de sua exma. esposa, tudo celebrava condignamente o auspicioso dia daquele natalício.

À mesa do champanhe, o Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, advogado deste foro e nosso redator-chefe, saudou o aniversariante, que agradeceu em termos altamente expressivos e gentilmente amistosos.

Após, em nome da A Voz da Serra saudou o aniversariante, eloquentemente, o Sr. Filemon Lopes digno delegado de polícia deste município. Houve, em seguida, troca de saudações diversas.

A festa se manteve sempre no mesmo diapásão de alegria e de pompa".

Passo Fundo, 8 de março de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p.3-5.

Data : 09/03/1936

Título : 264 PIORES DO QUE CÃES

Categoria: Memórias

Descrição: Para demonstrar que há clientes que são piores do que cães, certo médico italiano contou, há anos, pelo "Policlínico" e em versos a seguinte história

Para demonstrar que há clientes que são piores do que cães, certo médico italiano contou, há anos, pelo "Policlínico" e em versos a seguinte história: uma vez, um médico foi chamado para ver um doente rico e, quando no seu magnífico e luxuoso aposento, ouviu ladrar um cãozinho, de modo mais a parecer um gemido. Indagando, soube que, na rua, uma carroça feriu-lhe uma pata, e o facultativo quis ver o animalzinho. Cheio de carinho, fez-lhe um curativo e, nos seguintes dias, renovou-o. Patrão e cão tiveram, em pouco, alta, curados. Enviada a conta, o ricaço não a pagou e, decorridos alguns meses, o médico encontrou o seu cliente, que, para não cumprimentá-lo, fingiu observar alguns objetos em uma vitrine". O cão, porém, ao vê-lo, reconheceu-o imediatamente, e correu a fazer-lhe festas, a pular de alegria ao redor do médico, procurando, assim, mostrar a sua gratidão.

Ao ler o que acima ficou, no jornal A Verdade, que se publica no Rio de Janeiro, veio-me então, à memória, o seguinte caso, ocorrido comigo, nesta cidade, em 1925. O então intendente

Armando Araujo Annes, mandou fazer uma matança de cães e, para tal, forneceu aos fiscais da municipalidade estricnina, que, misturada com carne crua, se fazia o que o povo chama de "bolas". A distribuição destas era em pleno dia, de modo que comum era o horroroso e bárbaro quadro da morte de centenas de cães, nas ruas, rodeados da molecada que, sorridente, em sua inocente inconsciência, ainda lhes atira pedras, provocando mais as suas contrações nervosas.

Certa vez, ao chegar, ao meio dia, de auto, em casa, vi uma mísera cadelinha, estrebuchando na calçada, bem ao lado da porta de minha residência. Peguei-a imediatamente por uma pata, e levei-a ao jardim, onde lhe apliquei uma injeção de apomorfina, que provocou então vomito, expelindo grande parte da "bola". Dei-lhe também uma injeção de óleo canforado e, dentro em pouco, a cadela melhorava bem.

Deixei-a em repouso, com água fresca e, à tarde, já boa, alimentei-a com líquidos.

Dois dias depois, saiu pelo portão lateral, e desapareceu correndo. Pois bem, durante mais de 20 dias consecutivos, veio a cachorrinha à minha residência, onde saltitando, correndo ao redor, ganindo, dando alegre com a cauda, procurava demonstrar a sua gratidão.

Depois, nunca mais veio, e vim a saber que a mataram envenenada. Era esse o seu triste e cruel destino.

Dos homens, tenho, e muitíssimas vezes, recebido verdadeiras ingratidões, tanto maiores quanto maior o benefício que lhes fiz...

Passo Fundo, 9 de março de 1936

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 6-9.

Data : 11/10/1936

Título : 265 EXAME MÉDICO PRE-NUPCIAL

Categoria: Memórias

Descrição: A Comissão de Saúde Pública, da Câmara dos Deputados Federais, está, este ano, assim constituída

A Comissão de Saúde Pública, da Câmara dos Deputados Federais, está, este ano, assim constituída:

Presidente: Annes Dias – Rio Grande do Sul.

Vice: Abelardo Marinho – representante classista

Agostinho Monteiro – Pará

Juscelino Kubitschek – Minas Gerais

Magalhães Netto – Bahia

Carlota de Queiroz – São Paulo

Bento Costa – Rio de Janeiro

Pires Gayoso – Piauí

Figueiredo Rodrigues – Ceará

Levindo Coelho – Minas Gerais

Nicolau Vergueiro – Rio Grande do Sul.

Dos onze componentes, dois apenas fazem oposição ao atual governo: Levindo Coelho e eu, que fomos eleitos pela minoria parlamentar, para a referida comissão.

A nossa oposição, como de toda minoria, não é sistemática, e chegamos mesmo a lhe dar apoio nos grandes serviços que interessam à vida da nação.

Na comissão, foram distribuídos os trabalhos entre os seus membros, cabendo-me a tarefa de apresentar um projeto de lei, regulando o art. 145 da Constituição, que estabelece o exame médico pré-nupcial.

Desempenhei-me desta incumbência no dia 13 de Agosto último, submetendo à apreciação dos meus colegas o seguinte projeto:

"Consigna o art. 145 da Constituição de 16 de Julho de 1934: A lei regulará a apresentação pelos nubentes de provas de sanidade física e mental, tendo em atenção as condições regionais do País".

Cumpre-nos, agora, decorridos pouco mais de dois anos de vida constitucional, enfrentar, de vez, a questão.

Não cuidamos, neste momento, de discutir as vantagens ou inconveniências do exame pré-nupcial; é tema que já passou em julgado e incluído no texto constitucional. Tratamos, apenas, de regulamentar o melhor meio de estabelecer um exame de modo prático e aceitável.

O art. 20 da lei de 24 de Janeiro de 1890, sobre casamento civil, assim era redigido: "Os pais, tutores ou curadores dos menores ou interditos, poderão exigir do noivo ou da noiva de seu filho, pupilo ou curatelado, antes de consentir no casamento, certidão de vacina e exame médico atestando que não existe lesão que ponha em perigo próximo a sua vida, nem sofra de moléstia incurável ou transmissível por contágio ou herança".

O Código Civil Brasileiro, que entrou em vigor no governo Wenceslau Braz, em vez de ampliar aquelas boas exigências, que, se não diziam tudo, ensaiavam, entretanto, alguma coisa de útil, deixando-as de lado, suprimindo-as totalmente, limitou-se a referência de algumas delas como sendo motivantes para a anulação do casamento, sem outras determinações de caráter prático.

A esse respeito, Georges Schreiber, secretário geral da Sociedade Francesa de Eugenia, em uma conferência, em Paris, a 7 de Maio de 1926, sobre exame médico pré-nupcial nos

diferentes países, chegou a estranhar o nosso procedimento, escrevendo afinal: "il serait pour nous bien intéressant, d'ém connaître les raisons", e, entre nós, o saudoso professor Souza Lima, nas suas "Observações sobre o Código Civil" d'est'arte se pronunciou: "É objeto de minha estranheza e reparo o desaparecimento da disposição consignada no art. 20 da citada lei. Não descubro a explicação desse corte relativo a uma providência salutar, acauteladora dos interesses sanitários da família e da sociedade, e que, nos termos em que foi estabelecida, sempre interpretei como um tímido ensaio, preparando o terreno para torná-la aparentemente, obrigatória e generalizada a todas as idades, rompendo, desassombradamente, com os mal-entendidos escrúpulos, que a tem tornado letra morta".

Para o nosso trabalho, servimo-nos, em parte, e com a boa parte, do projeto do deputado Amaury de Medeiros, em 1927, e que teve pareceres favoráveis nas Comissões de Saúde e Justiça da Câmara de então, e, assim procedendo, prestamos homenagem à memória d'aquela colega, tão cedo e desastradamente roubado à vida, e que foi o pioneiro da ideia, nesta Casa.

O trabalho de Amaury sofreu, em 1928, ligeiras emendas, sendo redigido em definitivo pelo deputado Marcondes Filho, e tanto um como outro, que traziam dispositivos facultativos, primeiro passo para terreno mais firme e positivo, ficaram em completo esquecimento, dormindo nos arquivos.

No nosso projeto, na concordância do art. 145, nada há de paliativo; as medidas são radicais; e urge, agora, pô-las em prática. Estamos na presença de casos em que o interesse social nacional é superior ao interesse privado.

Permitimo-nos, nesta altura, a título apenas de ilustração, em matéria de tal magnitude, que corporifica o velho aforismo de Juvenal - mens sana in corpore sano - registrar, dentre muitas outras, uma citação do Dr. Renato Kehl, cujo nome não pode ser esquecido, por ser, no Brasil, o mais fervoroso e constante apóstolo da raça, em seu aspecto de perfeição e eugênico: "As prisões, as penitenciárias, os manicômios só serão despovoados, quando os homens e as mulheres compreenderem a verdadeira significação do casamento e da geração, quando todos, enfim, se compenetrarem da monstruosidade representada pela procriação de enfermiços, de imbecis, de alienados e de criminosos".

Apresentamos o seguinte projeto de lei sobre tão palpitante assunto, merecedor da máxima atenção da Câmara:

Projeto n°

Regula o art. 145 da Constituição Federal.

O Poder Legislativo decreta:

Art. 1° - Além dos documentos exigidos pelo Código Civil, para habilitação do casamento, os nubentes, cada um de per si, apresentarão atestado de que não têm defeito físico irremediável e incompatível com o casamento, ou doença grave transmissível, por contágio ou herança, ao outro cônjuge ou à sua descendência.

§1° - Consideram-se doenças graves transmissíveis ao outro cônjuge ou a sua prole, para os efeitos deste artigo: a tuberculose aberta, a lepra, a sífilis contagiante, a blenorragia, o cancro venéreo, a idiotia, a imbecilidade e a alienação mental sob qualquer de suas formas.

§ 2° - Nos casos de alcoolismo e de uso habitual de entorpecentes, não se permitirá o casamento, enquanto se não provar a cura dos hábitos de intoxicação.



Art. 2º - Os certificados médicos trarão a firma reconhecida, e serão datados dentro de cinco dias, no máximo, anteriores à celebração do casamento, devendo ser juntos ao processo até 24 horas antes desse ato.

Parágrafo único - Esses certificados não envolvem violação do segredo profissional.

Art. 3º - O exame médico será realizado por clínico indicado pelos nubentes e aceito pelo juiz.

§1º - Para as nubentes do sexo feminino, o exame se limitará às práticas da clínica geral e às provas de laboratório, a menos que a gravidade do caso reclame, além daquelas, provas ginecológicas, a juízo do médico nomeado.

Art. 4º - Diante de certificado médico, que implique no veto do casamento, o nubente, que se julgar prejudicado, poderá requerer ao juiz novo exame, promovido por dois outros profissionais, um de sua indicação e outro de nomeação do juiz. Se o segundo certificado ainda foi contrário ao casamento, mesmo pelo voto de um só daqueles, novos exames somente poderão ser feitos, após decorridos três meses.

Art. 5º - Nos lugares onde não houver médico, poderá o exame pré-nupcial ser dispensado tão só para os habitantes de moradia efetiva, com domicílio civil imediatamente anterior de mais de dois anos, mediante requerimento ao juiz, assinado pelos nubentes.

Parágrafo único - Neste caso, suprirá o exame um atestado de boa saúde aparente, firmado por duas pessoas idôneas, com as respectivas firmas reconhecidas, comprovados os requisitos determinantes da exceção.

Art. 6º - Nos casos em que os nubentes sejam de pobreza manifesta, atestado pela autoridade policial, o juiz, a seu requerimento, nomeará médico para proceder gratuitamente ao exame.

§ 1º - Na Capital da República e dos Estados, e na sede dos Municípios, o exame pré-nupcial em pessoa pobre será feito, e gratuitamente, enquanto não houver, para tal, serviço organizado por médico da assistência pública.

Art. 7º - São dispensados de selo os atestados médicos e certificados de saúde, de que trata a presente lei, sendo também gratuito o reconhecimento de suas firmas.

Art. 8º - Quando o casamento se tiver realizado em face de atestado médico, que não expresse a verdade, será o atestado passível das sanções do Código Penal, referente ao falso testemunho e à imperícia.

Art. 9º - Toda a autoridade, que fizer um casamento sem exigir a apresentação do certificado médico, ou atestado de boa saúde aparente, deverá ser processada, incorrendo nas penas do Código Penal, previstas para a falta de exação no cumprimento do dever, além da perda do cargo.

Art. 10º - A exibição do atestado médico, ou certificado de saúde será dispensada, quando algum dos contraentes estiver em iminente risco de vida. Nesse caso, porém, cessado o risco, tornar-se-á obrigatório o exame, a fim de instruir o processo preconizado no Código Civil, para que o casamento surta os seus efeitos legais.

§1º - O juiz deverá decretar a separação de corpos, até o necessário restabelecimento, se do exame procedido verificar-se a existência de moléstia contagiosa curável em algum dos cônjuges, casados na hipótese do nº II do art. 199 do Código Civil.

§2º - O juiz deverá decretar, porém, a ineficiência do ato, uma vez verificada a existência de moléstia grave e transmissível, em qualquer dos nubentes.

Art. 11 - Nos casos de casamento para a reparação de mal causado, o respectivo ato será realizado, independentemente de exibição do certificado médico ou atestado de saúde, de que trata a presente lei. O juiz deverá, ordenar, entretanto, a separação de corpos, se do exame dos nubentes verificar-se existência de mal contagioso curável, até a cura do paciente ou de ambos os cônjuges.

Parágrafo único - No caso de moléstia transmissível e incurável, a separação de corpos deverá ser decretada, enquanto a vítima for menor, permanecendo em separação, se por ela for requerida ao adquirir a maioridade.

Art. 12 - A presente lei entrará em vigor um ano depois de sua promulgação.

Art. 13 - Revogam-se as disposições em contrário.

A obrigatoriedade do exame pré-nupcial se, de fato, é um problema de suma importância para boa formação da raça, não deixa, principalmente em um país como o nosso, onde a tuberculose, a sífilis e a lepra galopam desenfreadamente, de ser matéria de muita delicadeza, cuja resolução deve ser bastante ponderada e meditada.

Somos daqueles que entendem dever o assunto ser legislado convenientemente, mas, como para a boa semente, devemos preparar o terreno, e é por isso que estabelecemos o prazo de um ano para entrar a presente lei em vigor, depois de sua promulgação. Esse prazo, em verdade, não é longo, mas, dentro dele, em se querendo, muito se poderá realizar, organizando-se um ataque contínuo e severo contra os principais males, que afligem o povo brasileiro.

Se a ilustre Comissão de Saúde julgar pouco o prazo de um ano, aumente-o de mais um, com a minha conformidade, mas urge outorgar poderes especiais ao Governo, afim de que ele possa encarar de frente e resolver, com conveniência, a questão.

As vantagens do exame pré-nupcial estão no conhecimento de toda gente culta, mas temos necessidade de uma campanha educacional do povo e de um combate, efetivo e sem tréguas, aquelas enfermidades, e bem disse o Dr. Renato Kehl: "Sem abrir os olhos da razão ao povo não é possível obter colaboração sincera e, portanto eficiente"

A regulamentação do art. 145 e a sua prática são, a bem da raça, imperiosa necessidade.

É um dever, cuja falta envolve crime contra o outro cônjuge e sua descendência, e vamos mais longe ainda, afirmando ser também crime contra a própria Pátria, que aspira, para grandeza e felicidade sua, uma geração sadia e inteligente, vigorosa e boa. Rio, 13 de Agosto de 1936. (assinado) Deputado Nicolau Vergueiro.

– Esse trabalho foi publicado na íntegra no "Diário do Poder Legislativo" de 15 de Agosto; no "Jornal do Commercio" do Rio, em 14; no "Correio Paulistano" de São Paulo, a 21; no "Diário de Noticias" de Porto Alegre e no "Diário da Manhã" de Passo Fundo, e sobre ele fizeram referências muitos outros jornais do País.

O Correio Paulistano fê-lo preceder destas palavras: "Pelo deputado Nicolau Vergueiro, uma das mais brilhantes figuras da minoria parlamentar e representante do Rio Grande do Sul, eleito pela Frente Única, da qual é um dos chefes de grande prestígio, foi apresentado á Comissão de Saúde Publica da Câmara Federal, de que é membro, a seguinte justificação e projeto acerca do exame médico pré-nupcial."

– Transcrevo, agora, a parte da ata da 8ª reunião da Comissão de Saúde Pública, apenas no que se refere ao meu estudo: "Às quatorze e meia horas do dia treze de Agosto de mil novecentos e trinta e seis, na sala respectiva, presentes os Srs. Nicolau Vergueiro, Levindo Coelho, Abelardo Marinho, Agostinho Monteiro, Bento Costa, Magalhães Netto, e Carlota de Queiroz, reuniu-se a Comissão de Saúde Publica, sob a presidência do Sr. Annes Dias. A ata da última reunião foi aprovada, dispensada a sua leitura a requerimento do Sr. Nicolau Vergueiro. Em seguida, S. Ex., atendendo a honrosa incumbência que lhe conferira a Comissão, entrega a estudo de seus dignos colegas as sugestões, que elaborara, a propósito da regulamentação do art. 145. Da Constituição, relativas à apresentação pelos nubentes de provas de sanidade física e mental. Diz que, ao entregar o seu trabalho, tem a lamentar fazê-lo sem ter tido colaboração de seu ilustre colega de subcomissão, Sr. Bento Costa, porque este, absorvido por interesses respeitáveis de ordem eleitoral no Estado do Rio, não pode dar sua colaboração no trabalho coletivo que deveriam apresentar, tendo ambos sido designados para esse mister, em reunião passada. Mas, considerando o assunto de alta relevância e merecedor de acurado estudo da Comissão, resolveu, após entendimento com seu companheiro de subcomissão e dele receber as explicações expedidas, dar conhecimento do seu trabalho à Comissão, a fim de que o mesmo fosse conhecido dos interessados em geral. O Sr. Bento Costa agradece as atenciosas explicações do Sr. Nicolau Vergueiro, afirmando que S. Ex. já lhe dera conhecimento, há dias, do que acabara de ler, mas que as suas obrigações de ordem político-eleitoral, decorrentes do mandato, o haviam impedido de dar suas contribuições ao trabalho do seu ilustre e prezado colega, na fase presente. Acrescenta, ainda, que tem feito investigações e estudos sobre a matéria, devendo, oportunamente, trazê-los ao conhecimento dos seus pares. O Sr. Magalhães Netto diz reputar o excelente trabalho do Sr. Nicolau Vergueiro, como ponto de partida para busca de solução do importantíssimo problema do exame pré-nupcial. O Sr. Agostinho Monteiro indaga sobre a constitucionalidade do projeto em elaboração, visto já ter sido rejeitada medida idêntica no Senado, e reporta-se a uma questão de ordem levantada, em plenário, pelo Sr. Gomez Ferraz a esse propósito. O Sr. Presidente esclarece que a Câmara vai regulamentar um dispositivo constitucional, matéria essa, de sua expressa competência. O Sr. Abelardo Marinho julga interessante o relatório do Sr. Nicolau Vergueiro, dizendo que o assunto fora tratado com vigor e inteligência, merecendo, no entanto, reparo alguns de seus dispositivos, e finaliza requerendo a sua publicação no pé da presente ata."

Passo Fundo, 11 de Outubro de 1936.

(assinado) Dr. Nicolau Araujo Vergueiro

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 9-31.

Data : 12/10/1936

Título : 266 UM PROJETO DO DEPUTADO VERGUEIRO

Categoria: Memórias

Descrição: O deputado Nicolau Vergueiro apresentou à Comissão de Saúde da Câmara um projeto de lei que merece a maior atenção do legislador e rápido andamento.

O Correio do Povo, de Porto Alegre, em seu número de 12 de Setembro do corrente ano, inseriu, em suas colunas o artigo que, abaixo, transcrevo, de autoria do ilustre Dr. Waldemar de Vasconcellos. Este inteligente coestaduano, residente atualmente no Rio de Janeiro, onde como jornalista que, de fato, o é e de renome, exerce a sua atividade profissional, colaborando, com assiduidade, no Correio da Manhã e outros importantes órgãos da imprensa do País, quer do norte, quer do sul.

Eis o artigo do Dr. Waldemar Vasconcellos e que é epigrafado "Um projeto do deputado Vergueiro":

-O deputado Nicolau Vergueiro apresentou à Comissão de Saúde da Câmara um projeto de lei que merece a maior atenção do legislador e rápido andamento. O acesso a uma e outra coisa não deve ser entendido como uma simples frase de insignificante sentido, sabendo-se, como se sabe, que nem sempre o poder legislativo se recomenda pela perfeição das leis necessárias ao país, e, de outra parte, projetos valiosos há que têm dormido longamente, alguns para sempre, no seio farto dos nossos anais parlamentares.

Trata-se, no caso, da regulamentação do art. 145 da Constituição de 16 de Julho, que assim dispõe: "A lei regulará a apresentação pelos nubentes de provas de sanidade física e mental, tendo em atenção as condições regionais do país".

Nos comentários justificativos do projeto, o deputado Nicolau Vergueiro acentua a necessidade de se encarar a matéria com ânimo de resolvê-la imediatamente, após o transcurso de mais de dois anos de nova vida constitucional. E, dispensando-se do trabalho de debater as vantagens ou desvantagens de exame pré-nupcial, por considerá-lo, com razão, vitoriosa questão doutrinária, e já incorporado à magna lei brasileira, evoca, entretanto, a lei do casamento civil, de 24 de Janeiro de 1890, cujo artigo 20 prescrevia:

"Os pais, tutores ou curadores dos menores ou interditos, poderão exigir do noivo ou da noiva de seu filho, pupilo ou curatelado, antes de consentir no casamento, certidão de vacina e exame médico atestando que não existe lesão que ponha em perigo próximo a sua vida, nem sofre de moléstia incurável ou transmissível por contágio ou herança".

Posteriormente, votado o Código Civil, este desprezou, esqueceu a faculdade contida na lei de 24 de Janeiro, simples faculdade, é certo, mas "providência salutar" no dizer do professor

Souza Lima, em suas “Observações sobre o Código Civil”, acauteladora dos interesses sanitários da família e da sociedade.

Aquele artigo 20, que o citado professor considerava apenas um "tímido ensaio" ressurgiu agora, ampliado, no excelente projeto do deputado Nicolau Vergueiro, depois de ter sido, em 1927, o projeto Amaury de Medeiros, que, em 1928, recebera emendas do deputado Marcondes Filho.

O Sr. Nicolau Vergueiro de outras fontes legislativas nossas, não dispunha para articular o projeto que, com tanto brilho, acaba de apresentar à Comissão de Saúde da Câmara.

Mas, sendo o assunto delicado, o representante do Rio Grande do Sul entendeu que devia consultar as fontes estrangeiras de legislação e doutrina. Assim, foi encontrar a conferência de Georges Schreiber, secretário geral da Sociedade Francesa de Eugenia, pronunciada em Paris em 1926, na qual este eugenista manifestou a estranheza que lhe causara o silêncio do nosso Código Civil em relação a uma matéria, que já tinha sido objeto de lei, de 24 de Janeiro de 1890.

O projeto Nicolau Vergueiro, que recebeu na Comissão de Saúde os melhores encômios [elogios], considera moléstias graves transmissíveis ao cônjuge ou à prole, incompatíveis com o casamento, ao lado de defeitos físicos irremediáveis, a tuberculose aberta, a lepra, a sífilis contagiante, a blenorragia, o cancro venéreo, a imbecilidade, a idiotia e a alienação mental sob qualquer das suas formas, dependendo o alcoolismo e uso de entorpecentes da prova de "cura dos hábitos de intoxicação".

Não seria melhor dizer – de cura dos intoxicados?

O hábito pode estar curado à época do casamento, mas não ainda os seus efeitos.

Diz o artigo 11 desse belo projeto de lei: "Nos casos de casamento para reparação do mal causado, o respectivo ato será realizado independentemente da exibição do certificado médico ou atestado de saúde, de que trata a presente lei. O juiz deverá ordenar, entretanto, a separação de corpos, se do exame dos nubentes verificar-se a existência de mal contagioso curável até à cura do paciente ou de ambos os cônjuges."

“Único- No caso de moléstia transmissível e incurável, a separação de corpos deverá ser decretada, enquanto a vítima for menor, permanecendo sua separação, se por ela for requerida ao adquirir a maioridade".

Na hipótese desse parágrafo único haverá situações injustas, facilmente imagináveis, para as quais não basta a simples separação de corpos. O caso figurado no art. 219 n° III do Código Civil (casamento anulável por erro essencial) deve merecer ai meditação especial.

Não temos o intuito de fazer a crítica do projeto Nicolau Vergueiro, mas unicamente a intenção de por em relevo uma iniciativa que honra o seu autor e visa benefícios gerais de alcance máximo.

Esse minucioso projeto de regulamentação do art. 145 da Constituição Federal não é tagarelice parlamentar, e sim fecunda providência legislativa, digna de atenção dos estudiosos e ligados aos maiores e mais urgentes interesses nacionais".

Passo Fundo, 12 de Outubro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 31-39.

Data : 15/10/1936

Título : 267 EXAME MÉDICO PRE-NUPCIAL E LEPRO

Categoria: Memórias

Descrição: Visando apenas um meio mais fácil para conseguir discursar na Câmara, pois, na hora do expediente, estão inscritos para mais de 40 oradores...

Visando apenas um meio mais fácil para conseguir discursar na Câmara, pois, na hora do expediente, estão inscritos para mais de 40 oradores, apresentei, em 28 de Agosto de 1936, o seguinte requerimento: "Requeiro, ouvida a Câmara, o Ministério de Educação e Saúde Pública informe quando despendeu com o serviço de lepra, em o exercício de 1935". Lido o mesmo, pedi a palavra, ficando, como é regimental, a discussão adiada. Assim, fiquei com a minha inscrição segura. Na ordem do dia de 31 constou o seguinte: "Discussão única do requerimento nº 143, de 1936, do Sr. Nicolau Vergueiro, de informações ao Ministério de Educação e Saúde Pública, sobre quantias despendidas na campanha contra a lepra, em 1935". Nesse dia, ainda não consegui ocupar a tribuna, por ser muito longa a ordem do dia. À 1º, sim, pude pronunciar o meu discurso, publicado, na íntegra, no dia 2, no Diário do Poder Legislativo.

- Srs. Presidente - Srs. Deputados.

Justificando o requerimento, cuja leitura acaba de ser transmitida ao conhecimento desta Câmara, desejo, como seu autor, fazer algumas considerações a respeito, iniciando-as sobre exame médico pré-nupcial, política sanitária e, finalmente lepra.

Para uns, deve o exame médico pré-nupcial ser imediatamente estabelecido, dentro de normas rijas e severas; para outros, o momento ainda não é oportuno, é cedo demais. Os primeiros colocam-se com intransigência, sob o primacial ponto de vista da boa raça; os segundos, não divergentes da necessidade, reclamam, entretanto, um prazo mais longo para educação do povo e inteligente propaganda, no sentido da formação, na espécie de consciência patriótica e cívica.

Ambos não deixam de ter as suas razões, que, pesadas bem, são ponderáveis e aceitáveis; mas, por tal ser, não fiquemos inertes e apáticos nas extremidades; tomemos posição movimentada em meio termo – nem tanto à terra, nem tão ao mar.

É incontestável e irretorquível que a nossa legislação matrimonial ressent-se dessa falta, que o projeto, por mim apresentado à Comissão de Saúde, suprirá, preenchendo, assim, uma grande lacuna, como resolução de problema social dos mais importantes: a lei, que protege o indivíduo, protege a sociedade.

O Sr. Magalhães Netto - Excelente projeto o de V. Ex.

O Sr. Nicolau Vergueiro - Agradecido ao nobre colega. Belisario Penna, cujo nome sempre pronuncio com amizade e veneração, pelo seu caráter e inteligência, pelo seu amor e devotamento à boa causa da saúde, pertinaz desbravador e eficiente realizador, prefaciando um livro de Renato Kehl, sobre Eugenia e Medicina Social, deste modo se expressou: "A humanidade aspira ao gozo máximo da vida, e para atingir esse ideal lança mão da ciência, sob todas as suas modalidades, para debelar as doenças, para prevenir-se contra elas, para evitá-las, para prolongar a existência, procurando torná-la suave e deliciosa, através de mil descobertas, que multiplicam os meios de locomoção, de produção, o conforto e os encantos. Pois bem, nada disso será uma realidade, enquanto o homem, à semelhança do que pratica com os animais e a plantas, não se dispuser a aperfeiçoar-se física, intelectual e moralmente, criando o tipo equilibrado da espécie, expurgado dos defeitos e das taras mórbidas que se vêm acumulando desde a origem da humanidade".

Cabe então ao médico, que como sociólogo, higienista, clínico ou em qualquer esfera de sua profissão, aconselhar e educar, sanear e combater: aconselhar aos poderes públicos, educar o povo, sanear os focos, combater os males.

Só ao médico, pelo exercício de suas funções, em diária frequência dos hospitais, dos manicômios, dos sanatórios, dos asilos, das maternidades, dos consultórios, no conhecimento dos habitantes da cidade e dos da campanha, é dado fazer imagem real do que por ai vai de doença e de miséria, de doloroso e de triste, de abandono e de incúria.

Descartes escreveu: "É à medicina que cumpre pedir a solução dos problemas que mais interessam à grandeza e à felicidade da humanidade" e Lenz, professor da Universidade de Munique, em trabalho recente, comentou: "A tarefa da classe médica não consiste apenas no tratamento dos indivíduos, considerados avulsamente, pois a ela cabe o papel transcendente de dirigir o saneamento e o fortalecimento do povo".

O Sr. Magalhaes Netto - Tarefa muito mais segura essa, do que a outra.

O Sr. Nicolau Vergueiro - É imprescindível e urgente, e nisso não há o menor exagero, que o Estado, cômico de sua responsabilidade, olhe de frente, encare com seriedade a saúde de seu povo, política sanitária, principalmente o problema dos quatro grandes males que o corroem: a tuberculose, a lepra, a sífilis e a verminose.

Estabeleça-se, por outro lado, a política eugênica, aperfeiçoamento físico, moral e intelectual, trabalho constante e tenaz, inspirado em elevadas concepções, e, no decorrer dos anos, o Brasil terá uma população sadia e forte, trabalhadora e rica, alegre e garbosa.

O engrandecimento de qualquer nação sustenta-se em um fator básico: a saúde do povo.

Convém, a esta altura, transcrever as palavras de Renato Kehl: "Os desígnios da política eugênica não consistem na seleção de homens de alta mentalidade para formar a elite de gênios, nem a seleção de gigantes para organizar uma sub-raça, onde só se contam indivíduos de mais de dois metros de altura. A eugenia não propõe, em suma, a criação de novos tipos, mas a purgação do gênero humano de seus maus humores, a eliminação gradual dos seus elementos

nocivos, para o que indica remédios legais que, direta ou indiretamente, atuam como profiláticos e curativos na defesa e constituição de famílias sadias."

Política sanitária e política eugênica, mas política na alta e verdadeira acepção do termo, e nunca a desgraçada politicagem, bactéria virulenta, de oculta infiltração, que infecciona tudo o que há de bom e de útil, desvirtua as maiores aspirações, inutiliza os melhores esforços, afasta os realizadores honestos, estiola [murcha] as boas intenções e mata até as causas sagradas.

Já há em nosso país um programa de política eugênica, e muito bem podem ser aceitas quase todas as conclusões aprovadas pelo 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em São Paulo, e de que, com sobra de razões, deve orgulhar-se a ilustrada classe médica do grande Estado.

É um estudo magnífico, para o qual chamamos a atenção do Governo, que não pode querer a decadência de seu povo e que tem, mais do que dever, obrigação de, eficientemente, ampará-lo nessa derrocada de doença e de degeneração.

Cumpra adaptá-lo, desenvolvê-lo, a bem da defesa nacional de saúde e, neste particular, observa-se que vai por toda parte um anseio geral, que chega às raias do clamor, justificável, além de outras, até mesmo pela simples razão humanitária.

Serviço de inextinguível benemerência é a organização de um vasto plano de luta contra as devastadoras endemias, traçando, em lei, orientação uniforme, para, com decisão firme, uma campanha tenazmente praticada.

Direi, agora, algumas palavras sobre lepra, um dos males que, em nossa pátria, se alastra assustadora e progressivamente, e nada melhor do que a observação fria e serena das estatísticas, do número que, na interessante frase do nosso colega Pedro Rache, é um atestado vivo da sagacidade humana. Reservo-me, para de outra feita, tratar da sífilis, da malária e da tuberculose que, de passagem se diga, mata cada duas horas uma pessoa, no Rio de Janeiro, e ainda, segundo o boletim de demografia sanitária, desta cidade, a tuberculose, na semana de 9 a 15 de Agosto último, tomou a sua conta 17% do obituário, com 79 casos em 477. Este ano, até 15 de Agosto, o número de mortos, por essa terrível doença, atingiu aqui 2803!

Os dados, que trago ao conhecimento da Câmara e da Nação, de origem oficial, até Junho de 1935, me foram gentilmente oferecidos pelo Dr. Ernani Agrícola, ilustre diretor dos Serviços Sanitários nos Estados. Ei-los:

Diretoria dos Serviços Sanitários nos Estados

Dados sobre o problema da lepra no Brasil, em Junho de 1935, de acordo com as informações fornecidas pelos serviços sanitários estaduais:

- Amazonas-

Existe um leprosário, tipo asilo colônia.

Denominação: Leprosário Belisario Penna

Localização: 12 milhas acima de Manaus

Capacidade: 400 doentes

Área do terreno: 30.000 m<sup>2</sup>

Manutenção: Governo Estadual



Dispensário: Um em Manaus, denominado Oswaldo Cruz

Manutenção: Governo Estadual

Preventório: Um em Manaus

Denominação: Abrigo Menino Jesus

Manutenção: Governo Estadual

Número de leprosos: 2.280

Porcentagem de formas nervosas: 29%

Total provável de leprosos: 3000

Sociedade de proteção aos lázaros: Não existe.

-Pará-

Há no Pará dois leprosários, sendo um tipo hospital e outro, colônia agrícola.

Denominação: Hospital de Lázaros de Tocunduba e Lazaropolis do Prata.

Localização: O Hospital de Lázaros de Tocunduba está a 10 quilômetros de Belém e o Lazaropolis do Prata, no Município de João Pessoa, a 152 quilômetros da referida cidade.

Área: Lazaropolis do Prata 3600 hectares.

Capacidade: Tocunduba, 300 doentes; Lazaropolis do Prata, 500 doentes.

Manutenção: Governo do Estado com auxílio do Governo Federal e da Liga contra a Lepra.

Número de leprosos: 4000

Porcentagem de formas nervosas: 51%.

Dispensários: Um misto (Instituto de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas)

Manutenção: Governo do Estado

Preventório: Um, denominado Asilo Infantil Santa Therezinha, nos subúrbios de Belém.

Sociedade de Proteção aos Lázaros e Defesa contra a Lepra: Liga contra a Lepra.

-Maranhão-

Há um leprosário tipo colônia agrícola prestes a ser inaugurado e um asilo.

Denominação: Colônia de Leprosos do Bomfim e Hospital do Gavião

Localização: Na Ponta do Bomfim, a colônia e, em São Luiz, próximo do cemitério municipal, o asilo.

Capacidade: Colônia do Bomfim, 300 leitos; asilo 86.

Área: Colônia do Bomfim, 155,446 hectares; Asilo, não demarcada.

Manutenção: O asilo é mantido pela Sociedade Beneficente do Maranhão e a Colônia pelo Governo do Estado.

Para a construção da Colônia do Bomfim a União entrou com a importância de 700.000\$000.

Dispensário: há um em São Luiz.

Manutenção: Governo do Estado

Preventório: Não há.

Número de leprosos: 1.130

Total provável de leprosos: 1.500

Porcentagem de formas nervosas: 60%

Sociedade de Proteção aos Lázaros: Sociedade Beneficente do Maranhão.

-Piauí-

Há no estado em leprosário tipo colônia.

Denominação: Leprosário São Lázaro.

Localização: A cerca de 6 quilômetros da cidade de Parnaíba.

Capacidade: 60 doentes

Manutenção: Sociedade de Defesa contra a Lepra e pequenas subvenções.

Dispensário: Não há

Preventório: Não há

Sociedade e Defesa contra a Lepra de Parnaíba.

-Ceará-

Há um leprosário tipo colônia agrícola.

Denominação: Leprosário Antonio Diogo

Localização: Colônia Christina a 3 quilômetros de Canafistula, 14 da cidade de Redenção e 81, da Capital.

Capacidade: 200 doentes.

Área do terreno: 91.300 m<sup>2</sup>.

Manutenção: Subvenção do Estado, dos Municípios e socorros particulares.

Preventório: Um na Colônia Christina

Denominação: Creche Silva Araujo

Manutenção: Subvenções estaduais e municipais e socorros particulares

Dispensário: Um

Localização: Fortaleza

Manutenção: Governo Estadual

Total provável de leprosos: 1000

Porcentagem de formas nervosas: 75%

Sociedade de Proteção aos leprosos: não há.

-Rio Grande do Norte-

Há no Estado um leprosário tipo colônia.

Denominação: Villa S. Francisco de Assis.

Localização: Á 6 quilômetros de Natal.

Área: Já aproveitada, mil metros quadrados, podendo ser aumentada.

Capacidade: 100 doentes

Manutenção: Governo Estadual

Dispensário: não há

Preventório: Não há

Nº de leproso: 150

Porcentagem de formas nervosas: 20%

Sociedade de Proteção aos Lázaros: Sociedade de Assistência aos Leprosos; Defesa contra a Lepra de Natal.

-Paraíba-

Não ha leprosários na Paraíba.

Foi organizada a Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

Nº provável de leproso: 200

-Pernambuco-

Há no Estado em leprosário tipo hospital.

Denominação: Hospital dos Lázaros.

Localização: Em Recife, no distrito de Santo Amaro.

Capacidade: 250 doentes.

Manutenção: S. Casa de Misericórdia, que recebe subvenção do Governo Estadual.

Número de leproso: 1000

Dispensário: Não há

Preventório: Não há

Sociedade de Proteção aos Lázaros: Sociedade Pernambucana e Assistência aos Lázaros contra a Lepra.

-Alagoas-

Não há leprosário.

Dispensário: Um, em Maceió

Manutenção: Liga Alagoana contra a Lepra

Preventório: Não há

Numero de Leproso: 200

Sociedade de Proteção aos Lázaros: Liga Alagoana contra a Lepra.

-Sergipe-

Não há no Estado estabelecimento para abrigar leprosos.

Número provável de leprosos: 89

Sociedade de Proteção aos Lázarus: Não há

-Bahia-

Existe um leprosário, tipo hospital.

Denominação: Leprosário D. Rodrigo José de Menezes.

Capacidade: 56 doentes

Dispensário: Não há

Preventório: Não há

Número de leprosos: 300

Sociedade de Proteção aos Lázarus: Sociedade Bahiana de Assistência aos Lázarus e Defesa contra a Lepra.

- Espírito Santo-

Há no Estado um leprosário, tipo colônia agrícola.

Denominação: Colônia de Itanhenga.

Localização: Situado a 6 quilômetros de Cariacica e a 18 de Vitória.

Capacidade: 200 doentes

Área: 276 hectares.

Manutenção: Governo Estadual.

Dispensário: 8 mistos (lepra, doenças venéreas e dois serviços ambulantes)

Localização: Victoria, Cachoeira do Itapemirim, João Pessoa, Muquy, Alegre, Calçado, Colatina, Affonso Claudio.

Manutenção: Governos do Estado e Federal

Preventório; Não há

Número de leprosos: 451

Porcentagem de formas nervosas: 50%

Sociedade de Proteção aos Lázarus: Não há

-Rio de Janeiro (Estado)

Não há no Estado do Rio de Janeiro leprosários.

Dispensário: Ha um dispensário misto: lepra, sífilis e doenças venéreas, em Niterói.

Manutenção: Governo Estadual

Número de leprosos: 295

Total provável de leprosos: 800

Porcentagem de formas nervosas: 30%.

Sociedade de Proteção aos Leprosos: Sociedade Fluminense de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra. Esta sociedade está providenciando para construção de um preventório para filhos de lázaros.

Nota: O Governo da União contribuiu em 200.000.000 para que seja iniciada a construção de um leprosário tipo colônia agrícola. Já por adquirido o terreno com a área de 900.000 metros quadrados, próximo a Venda das Pedras, município de Itaboraí, e distante de Niterói, 46 quilômetros.

-Minas Gerais-

Há no Estado dois leprosários, sendo um tipo hospital e outro tipo colônia agrícola.

Denominação: Hospital de Lázaros de Sabará e Colônia Santa Izabel.

Localização: O Hospital de Lázaros de Sabará está a um quilômetro da cidade do mesmo nome. A Colônia Santa Izabel acha-se no município de Santa Quitéria e à distancia de 45 quilômetros da Capital.

Área: Hospital de Lázaros de Sabará, cinco alqueires; Colônia Santa Izabel, 140 alqueires.

Capacidade: No Hospital de Lázaros de Sabará, 60 doentes; na Colônia Santa Izabel, 980.

Manutenção: Governo Estadual.

Preventório: Um na Parada Carlos Chagas, da Estrada de Ferro Central do Brasil e distante da Colônia Santa Izabel, 5 quilômetros.

Denominação: Preventório São Tarcísio.

Manutenção: Construído e mantido pela sociedade Mineira de Proteção aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

Capacidade: 200 crianças.

Número de leproso: 8.693

Total provável: 10.000

Porcentagem de formas nervosas: 50%.

Sociedade de proteção aos Lázaros: Sociedade Mineira de Proteção aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, em Belo Horizonte; Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, em Juiz de Fora; Sociedade de Defesa contra a Lepra, em Muriaé e diversas filiais da Sociedade Mineira, em Oliveira e outros municípios.

-São Paulo-

Possui o estado de São Paulo 5 leprosários, sendo um tipo sanatório e 4, asilo-colônias.

Denominação: Sanatório Padre Bento; Asilo Colônia Santo Ângelo; Asilo Colônia Pirapitinguy; Asilo Colônia Cocaes e Asilo Colônia Aymorés.

Localização: Padre Bento, no município de Guarulhos, distante 5 quilômetros da cidade e à 17 de São Paulo; Santo Ângelo, no município de Mogy das Cruzes, distante 13 quilômetros

da cidade e 45 quilômetros de S. Paulo; Pirapitinguy no município de Itú, á 15 quilômetros da cidade e a 100 quilômetros de S. Paulo; Cocaes, no município de Casa Branca, distante da cidade 9 quilômetros e 250 quilômetros de S. Paulo; Aymorés, no município de Bauru, a 17 quilômetros da cidade e a 450 de S. Paulo.

Capacidade: Sanatório Padre Bento, 366 doentes; Asilo Colônia Santo Ângelo, 1173 doentes; Asilo Colônia Pirapitinguy, 1473 doentes; Asilo Colônia de Cocaes 1000 doentes e Asilo Colônia Aymores, 600.

Área: Padre Bento, 24 alqueires; S. Angelo 400 alqueires; Pirapitinguy, 600 hectares; Cocaes 200 alqueires e Aymores , 400 alqueires.

Manutenção: Governo do Estado

Dispensários: Funcionam sob a denominação de Dispensários de Moléstias da Pele, 1 na sede do Serviço de Lepra, 1 no Braz, funcionando juntamente com os serviços de sífilis e tuberculose; 1 no Bom Retiro, Capital; 1 em Jaçanã. Há no interior 6 médicos regionais com 2 estagiários em Jundiá e Amparo.

Manutenção: Governo do Estado.

Preventórios: Ha, no Estado 2: o de S. Theresinha do Menino Jesus, no município da Capital, da qual dista 35 quilômetros e o Preventório de Jacarehy, na cidade do mesmo nome.

Capacidade: Santa Theresinha, 230 crianças e Jacarehy, 80 crianças.

Manutenção: Santa Theresinha pela Associação Protetora do Asilo S. Theresinha, e o de Jacarehy, pelo Governo do Estado.

Número de leprosos: 8.000

Porcentagem de formas nervosas: 38%

Sociedade de Proteção aos Lázarus: Liga Padre Bento, de Itú; Liga de Assistência dos Lázarus de Santos; Liga de Assistência aos Lázarus, de São Carlos; Liga de Assistência aos Lázarus de Santa Adélia; Sociedade de Assistência aos Lázarus e Defesa contra a Lepra, Associação Protetora do Asilo Santa Theresinha.

- Paraná-

Há no Estado um leprosário tipo colônia.

Denominação: Leprosário São Roque.

Localização: No município de Piraquara, a 4 quilômetros da Villa e a 19 de Curitiba.

Área: 100 hectares.

Capacidade: 450 doentes

Manutenção: Governo Estadual.

Número de leprosos: 1.009

Total provável de leprosos: 1.500

Porcentagem de formas nervosas: 23%.

Dispensários: Não há

Preventórios: Um, denominado Abrigo Escolar.

Localização: Próximo ao leprosário São Roque

Manutenção: Governo Estadual.

Sociedade de Proteção aos Lázaros: Não existe.

-Santa Catarina-

Não existe leprosário no Estado.

Número de leprosos: 654

Dispensários: Não há

Sociedade de Proteção aos Lázaros: não há.

- Rio Grande do Sul-

Não existe leprosário no Estado.

Número de leprosos: 800

Total provável de leprosos: 1.200

Porcentagem de formas nervosas: 48%

Sociedade de Proteção aos Lázaros: Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra. Essa associação está desenvolvendo grande atividade para que seja construído um leprosário no Rio Grande do Sul, já tendo em cofre cerca de 300.000.000.

-Mato Grosso-

Há no Estado um leprosário, tipo hospital.

Denominação: Leprosário São João dos Lázaros.

Localização: Cuiabá.

Capacidade: 53 doentes

Dispensário: Não há.

Preventório: Não há.

Número de leprosos: 500

Sociedade de Proteção aos Lázaros: Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, de Campo Grande.

-Goiás-

Há 3 asilos para leprosos.

Denominação: Não tem denominação especial.

Localização: Ilha Bananal, Anápolis e Catalão.

Capacidade: 50 doentes

Área: Não determinada.

Dispensário: Não há

Preventório; Não há

Número de leprosos: 200

Sociedade de Proteção aos Lázaros: não há.

-Distrito Federal-

Há na cidade do Rio de Janeiro dois leprosários, sendo um tipo hospital e um hospital colônia.

Denominação: Hospital de Lázaros e hospital Colônia Curupaity.

Localização: O Hospital de Lázaros no bairro de São Cristovão e o Hospital Colônia de Curupaity em Jacarepaguá.

Capacidade: Hospital de Lázaros, 87 e Curupaity, 300.

Manutenção: O Hospital de Lázaros pela irmandade da Candelária e o Curupaity, pelo Governo da União.

Número de leprosos: 1.569

Sociedade de Proteção aos Lázaros: Federação das Associações de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, União dos Amigos dos Lázaros.

Preventório: Será brevemente instalado o Preventório pela Associação de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra.

-Acre-

Possui um leprosário tipo hospital colônia, com seis pavilhões de madeira e onze casas também de madeira.

Denominação: Leprosário Souza Araujo

Localização: Belo Jardim, a 16 quilômetros de Rio Branco, capital do Território do Acre.

Capacidade: 100 leitos.

Área do terreno: não demarcada.

Manutenção: Santa Casa de Misericórdia, de Rio Branco.

Dispensário: Não há.

Número de leprosos: 400

Formas nervosas: 50%

Total provável de leprosos: 700

Sociedade de Proteção aos Lázaros; Associação Pro- Lazareto Souza Araujo.

-O Sr. Figueiredo Rodrigues: - V. Ex. permite um aparte?

-O Sr. Nicolau vergueiro: - Com grande prazer.

-O Sr. Figueiredo Rodrigues:- Quando fui deputado, em 1922, consegui a criação de um fundo para o combate à lepra, que rendeu, no primeiro ano, perto de seis mil contos; no segundo ano, ascendeu a quase oito mil contos. A descontinuidade, porém, da administração brasileira



acabou com essa renda, e o problema ficou paralisado durante 12 anos. Deus permita que se cuide de novo do assunto.

O Sr. Magalhães Netto: - Aliás, no momento, se cuida, com muito interesse, de resolver o problema da lepra, graças, sobretudo, à atividade da Federação Brasileira de Assistência aos Lázarus, que, com campanhas repetidas, em todos os Estados do País, tem logrado a construção de leprosários, colônias e, sobretudo, de preventórios e patronatos-granjas, que representam uma grande contribuição no particular da profilaxia dessa moléstia.

O Sr. Nicolau Vergueiro: Agradeço aos ilustres colegas os brilhantes apartes com que me distinguiram. Tenho um segundo quadro, pelo qual se pode ver que, no Brasil, existem 31.920 leprosos fichados, e mais alguns esclarecimentos interessantes. Ei-lo:

-Amazonas-

Número de habitantes: 459.271

Número de leprosos: 1.280

Coeficiente por mil habitantes: 2,7

Nº de leitos atualmente: 400

Leitos necessários: 260

Total de leitos: 660

Nº de leprosários existentes: 1

Leprosários necessários: -

Total de leprosários: 1

-Pará-

Nº de habitantes: 1.616.403

Nº de leprosos: 4.000

Coeficiente por mil habitantes: 2,4

Nº de leitos atualmente: 853

Leitos necessários: 1747

Total de leitos: 2.600

Nº de leprosários existentes: 2

Leprosários necessários: 2

Total de leprosários: 4

-Maranhão-

Nº de habitantes: 1.242.399

Nº de leprosos: 1.130

Coeficiente por mil habitantes: 0,9

Nº de leitos atualmente: 300

Leitos necessários: 380  
Total de leitos: 680  
Nº de leprosários existentes: 1  
Leprosários necessários: 1  
Total de leprosários: 2  
-Piauí-  
Nº de habitantes: 887.055  
Nº de leproso: 200  
Coeficiente por mil habitantes: 0,2  
Nº de leitos atualmente: 50  
Leitos necessários: 80  
Total de leitos: 130  
Nº de leprosários existentes: 1  
Leprosários necessários: -  
Total de leprosários: 1  
-Ceará-  
Nº de habitantes: 1.739.062  
Nº de leproso: 800  
Coeficiente por mil habitantes: 0,4  
Nº de leitos atualmente: 208  
Leitos necessários: 350  
Total de leitos: 558  
Nº de leprosários existentes: 1  
Leprosários necessários: 1  
Total de leprosários: 2  
-Rio Grande do Norte-  
Nº de habitantes: 818.645  
Nº de leproso: 150  
Coeficiente por mil habitantes: 0,1  
Nº de leitos atualmente: 98  
Leitos necessários: 28  
Total de leitos: 126  
Nº de leprosários existentes: 1

Leprosários necessários: -  
Total de leprosários: 1  
-Paraíba-  
Nº de habitantes: 1.464.800  
Nº de leproso: 200  
Coeficiente por mil habitantes: 0,1  
Nº de leitos atualmente: -  
Leitos necessários: 130  
Total de leitos: 130  
Nº de leprosários existentes: -  
Leprosários necessários: 1  
Total de leprosários: 1  
-Pernambuco-  
Nº de habitantes: 3.146.678  
Nº de leproso; 1000  
Coeficiente por mil habitantes: 0,3  
N de leitos atualmente: 250  
Leitos necessários: 650  
Total de leitos: 900  
Nº de leprosários existentes: 1  
Leprosários necessários: 1  
Total de leprosários: 2  
-Alagoas-  
Nº de habitantes: 1.266.046  
Nº de leproso: 200  
Coeficiente por mil habitantes: 0,1  
Nº de leitos atualmente: -  
Leitos necessários: 150  
Total de leitos: 150  
Nº de leprosários existentes: -  
Leprosários necessários: 1  
Total de leprosários: 1  
-Sergipe-

Nº de habitantes: 572.922  
Nº de leproso: 89  
Coeficiente por mil habitantes: 0,1  
Nº de leitos atualmente: -  
Leitos necessários: 70  
Total de leitos: 70  
Nº de leproso existentes: -  
Nº de leproso necessários: 1  
Total de leproso: 1

-Bahia-

Nº de habitantes: 4.432.379  
Nº de leproso: 300  
Coeficiente por mil habitantes: 0,05  
Nº de leitos atualmente: 56  
Leitos necessários: 150  
Total de leitos: 206  
Nº de leproso existentes: 1  
Leproso necessários: -  
Total de leproso: 1

-Espírito Santo-

Nº de habitantes: 744.695  
Nº de leproso: 451  
Coeficiente por mil habitantes: 0,6  
Nº de leitos atualmente: 200  
Leitos necessários: 122  
Total de leitos: 322  
Nº de leproso existentes: 1  
Leproso necessários: -  
Total de leproso: 1

-Rio de Janeiro-

Nº de habitantes: 2.162.120  
Nº de leproso: 295  
Coeficiente por mil habitantes: 0,1

Nº de leitos atualmente: -  
Leitos necessários: 250  
Total de leitos: 250  
Nº de leprosários existentes: -  
Leprosários necessários: 1  
Total de leprosários: 1  
-Minas Gerais-  
Nº de habitantes: 8.024.177  
Nº de leproso: 8.693  
Coeficiente por mil habitantes: 1,0  
Nº de leitos atualmente: 1000  
Leitos necessários: 5700  
Total de leitos: 6.700  
Nº de leprosários existentes: 2  
Leprosários necessários; 3  
Total de leprosários; 5  
-São Paulo-  
Nº de habitantes: 7.199.418  
Nº de leproso: 8.000  
Coeficiente por mil habitantes: 1,1  
Nº de leitos atualmente: 4265  
Leitos necessários: 1735  
Total de leitos: 6000  
Nº de leprosários existentes: 5  
Leprosários necessários; -  
Total de leprosários: 5  
-Paraná-  
Nº de habitantes: 1.090.712  
Nº de leproso: 1009  
Coeficiente por mil habitantes: 0,9  
Nº de leitos atualmente: 600  
Leitos necessários: 150  
Total de leitos: 750

Nº de leprosários existentes: 1  
Leprosários necessários: -  
Total de leprosários: 1  
-Santa Catarina-  
Nº de habitantes: 1.061.113  
Nº de leproso: 654  
Coeficiente por mil habitantes: 0,6  
Nº de leitos atualmente: -  
Leitos necessários: 500  
Total de leitos: 500  
Nº de leprosários existentes: 1  
Leprosários necessários: 1  
Total de leprosários; 2  
-Rio Grande do Sul-  
Nº de habitantes: 3.263.944  
Nº de leproso: 800  
Coeficiente por mil habitantes: 0,2  
Nº de leitos atualmente: -  
Leitos necessários: 500  
Total de leitos: 500  
Nº de leprosários existentes: -  
Leprosários necessários: 1  
Total de leprosários: 1  
-Mato Grosso-  
Nº de habitantes; 391.480  
Nº de leproso; 500  
Coeficiente por mil habitantes: 1,2  
Nº de leitos atualmente: 53  
Leitos necessários: 250  
Total de leitos: 303  
Nº de leprosários existentes; 1  
Leprosários necessários: 1  
Total de leprosários: 2

-Goiás-

Nº de habitantes; 791.959

Nº de leproso: 200

Coefficiente por mil habitantes: 0,2

Nº de leitos atualmente: 50

Leitos necessários: 100

Total de leitos: 150

Nº de leprosários existentes: 1

Total de leprosários: 2

-Distrito Federal-

Nº de habitantes: 1.585.234

Nº de leproso: 1.569

Coefficiente por mil habitantes: 0,9

Nº de leitos existentes: 387

Leitos necessários; 613

Total de leitos: 1.000

N de leprosários existentes: 2

Leprosários necessários; -

Total de leprosários: 2

-Território do Acre-

Nº de habitantes; 121.583

Nº de leproso; 400

Coefficiente por mil habitantes: 3,2

Nº de leitos existentes: 55

Leitos necessários: 245

Total de leitos: 300

Nº de leprosários existentes: 1

Leprosários necessários; 2

Total de leprosários: 3

Recapitulando, em todo País, temos:

Nº de habitantes: 44.002.095

Nº de leproso: 31.920

Coefficiente por mil habitantes: 0,7

Nº de leitos atualmente: 8.825

Leitos necessários: 14.192

Total de leitos: 23.017

Nº de leprosários existentes: 23

Leprosários necessários: 18

Total de leprosários: 41

São, em cifra provável, em uma população de 44 milhões de habitantes, cerca de 40.000 doentes do mal de Lázaro!

Temos disponíveis 8.800 leitos, quando, em verdade, carecemos de mais de 23000!

Em funcionamento existem 18 leprosários, quando necessitamos de 41!

Espante o coeficiente de 0,7 por mil habitantes!

É certo que já temos, Srs. Deputados, em benefício desses infelizes, realizado alguma coisa, e negá-lo seria negar a luz solar, mas não é menos real, que não é tudo, e mesmo muito longe desse ideal estamos.

Cumpro, gostosamente, o dever de consignar aqui a seguinte opinião de Ernani Agrícola, em entrevista concedida, em o mês último, a "O Globo", desta Capital:

"Confesso que o que vi em São Paulo excedeu à minha expectativa. Estive no Preventório Santa Theresinha, no Sanatório Padre Bento, nos asilos colônias Santo Ângelo e Pirapitinguy. Na Capital, visitei os serviços de preparo de medicamentos, os dispensários e os serviços administrativos, no Departamento de Profilaxia da Lepra, o Instituto Paulista de Leprologia e a Biblioteca. São serviços otimamente organizados e funcionando com plena eficiência".

O Sr. Figueiredo Rodrigues: como o ilustre deputado Sr. Magalhães Netto chamou a atenção da Câmara para o que se está passando em vários Estados, devo dizer que no Ceará há uma instituição fundada por um grande benemérito, o Sr. Antonio Diogo. São, porém, recursos insignificantes em relação à gravidade do problema. Apenas interrompi o orador para dizer que o meu estado também está fazendo alguma coisa.

O Sr. Nicolau Vergueiro: Grato pela informação de V. Ex. - O Governador Armando de Salles Oliveira, em sua mensagem de 9 de Julho do corrente ano, apresentada à Assembleia Legislativa, escreve: "A endemia leprótica, que se estendia no Estado com a sua difusão lenta mas certa, foi considerada com desvelo pelo Governo, que está no firme propósito de extinguir o mal de Hansen, como o extinguiram os países civilizados."

O fichamento dos doentes de lepra, nesse Estado, em um trabalho intenso de vigilância para a descoberta de novos enfermos, desde 1924, tem sido o seguinte:

1924 – 378 doentes

1925 – 237 doentes

1926 – 282 doentes

1927 – 341 doentes

1928 – 804 doentes



1929 – 1312 doentes

1930 – 1082 doentes

1931 – 1005 doentes

1932 – 898 doentes

1933 – 1005 doentes

1934 – 1271 doentes

1935 – 1817 doentes

1936 – 470 doentes, até 30 de abril.

O Sr. Magalhães Netto: - Ai é que há uma grande falta: não se fez ainda o censo dos leprosos no Brasil.

O Sr. Nicolau Vergueiro: Eu me refiro apenas ao Estado de São Paulo.

O Sr. Magalhães Netto: - Censo completo, ao que saiba, só realizou o Espírito Santo; e censo parcial, muito aproximado de completo, o Estado de São Paulo.

O Sr. Nicolau Vergueiro: Em 1932, havia um ambulatório, três em 1933 e oito em 1935.

Mirem-se os outros Estados no espelho de São Paulo, interessado pela saúde de sua gente: edificante exemplo de perseverança e de inteligente trabalho.

Sr. Presidente e Srs. Deputados: Está, por hoje, findo o meu trabalho, tão obscuro quão sincero: é a sequência de estudo feito de boa fé e na melhor das intenções.

A Sra. Carlota Queiroz: - V. Ex. dá licença para um aparte?

O Sr. Nicolau Vergueiro: - Com todo o prazer, principalmente partindo de V. Ex.

A Sra. Carlota Queiroz: - Muito obrigada a V. Ex. Foi-me muito grato ouvir de V. Ex. referências ao serviço paulista.

O Sr. Nicolau Vergueiro: - Nada mais fiz que justiça.

A Sra. Carlota Queiroz: - Em relação ao Leprosário Santa Theresinha, que é, realmente, organização modelar, queria pedir licença para salientar a ação humanista e patriótica de uma senhora, D<sup>a</sup> Margarida Galvão Correa, que tem sido a organizadora de alguns desses serviços.

O Sr. Nicolau Vergueiro:- Folgo em incluir esse aparte ao meu discurso.

O Sr. Figueiredo Rodrigues: - Nesse ponto de caridade as senhoras paulistas dão exemplo digno de ser por todos imitado.

O Sr. Nicolau Vergueiro: - Concordo plenamente com V. Ex.

- Ficarei mais do que satisfeito se vislumbrar que contribui com um mínimo de impulso, com parcela insignificante, para melhorar a nossa raça, combatendo, ao mesmo tempo, os males que minam a saúde coletiva.

É imprescindível que lancemos um olhar para os nossos desgraçados doentes, que são em número não pequeno, e que lancemos um grito, que ecoe em todos os recantos do Brasil: tenhamos piedade dos nossos enfermos. O poder público, amparando-os realiza obra de elevado patriotismo, mas antes de tudo, pratica obra de rudimentar caridade.

Passo Fundo, 15 de outubro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 39-86.

Data : 16/10/1936

Título : 268 EUGENIA

Categoria: Memórias

Descrição: Este trabalho foi publicado pelo "Diário da Manhã", que aqui se publica, em 16 de Outubro do corrente ano.

Este trabalho foi publicado pelo "Diário da Manhã", que aqui se publica, em 16 de Outubro do corrente ano. Precedeu-o a seguinte nota: "Como publicamos, há dias, o Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, deputado federal, político de grande projeção na serra e conhecido médico aqui residente, prometeu aos leitores do "Diário" uma serie de interessantes artigos sobre eugenia. Na edição de hoje o Dr. Vergueiro publica o seu primeiro artigo. Nas próximas edições do "Diário" publicaremos os seguintes artigos da autoria do Dr. Vergueiro: Quem é Renato Kehl - Educação e Saúde - Duas opiniões e um esclarecimento - Sífilis, Tuberculose, Alcoolismo e Lepra. Esses artigos, que conseguimos como exclusividade para o "Diário da Manhã" são de grande interesse para o povo, que assim conhecerá importantes aspectos da medicina, no seio da Sociedade."

Eis o artigo:

Resolvendo escrever, em pequenos artigos, algo sobre eugenia, fixando principalmente o exame medico pré-nupcial, muito longe fica a ideia de me dirigir aos doutos, e muito menos de fazer literatura.

Não me preocupam, neste instante, dissertações para os homens de letras ou filósofos e os cientistas, mas o que sobremodo me interessa é levar ao alcance de todas as inteligências, de modo simples e claro, à grande massa anônima propulsora do progresso, alguns conhecimentos úteis, a fim de que, pouco a pouco, conheça certos perigos e saiba evitá-los, afastando-os do caminho.

É erro que se pode qualificar de crime, o casamento entre pessoas portadoras de moléstias transmissíveis, por contágio ou herança, ao outro cônjuge ou à sua descendência, tais

como a tuberculose, a sífilis, a lepra, a blenorragia, a idiotice, a imbecilidade e a alienação mental, sob qualquer de suas formas. É desgraça, na certa, não só para aqueles que contraem matrimônio, mas, e principalmente, para os filhos, que saem uns degenerados, inúteis para si mesmos, para a família e para a pátria: é peso morto na sociedade.

Renato Kehl já escreveu: "As prisões, as penitenciárias, os manicômios só serão despovoados, quando os homens e as mulheres compreenderem que a verdadeira significação do casamento e da geração, quando todos, enfim, se compenetrarem da monstruosidade, representada pela procriação de enfermiços, de imbecis, de alienados e de criminosos".

E porque permitir casamentos em tais condições?

Não seleciona o agricultor a boa semente para lançá-la ao solo?

O fazendeiro não rejeita, para reprodução, aos animais doentes e fracos, escolhendo os sadios e fortes?

Haverá quem permita, em um terreiro, um galo doente, de tipo fraco ou degenerado, ao lado de frangas robustas?

E se assim se procede, inteligentemente, com as plantas e os animais, porque não o fazer com o homem, ser superior e civilizado?

1. Pertencem a Julio Dantas, escritor e médico português, as seguintes frase: "Não se pode reconhecer a um enfermo, a um degenerado, a um débil, a um intoxicado grave o direito de perpetuar seu sofrimento, a sua disformidade e a sua miséria. A geração atual tem obrigação de defender as gerações futuras. Criar a dor é um crime perante a humanidade, criar a monstruosidade é um crime perante a raça. O casamento de certos doentes deve ser proibido". Restabelecer o homem dentro da harmonia de suas atividades fisiológicas e mentais é o principal fim da eugenia.

Mas o que eugenia?

Eia algumas definições:

Huerta – É a ciência e a arte da geração.

Ford – É a seleção nacional.

Pinard – É a puericultura antes do nascimento.

Houssay – É uma aplicação total das ciências biológicas.

Schreiber – É a pesquisa e aplicação de conhecimentos úteis à reprodução, à conservação e, sobretudo, o melhoramento da raça humana, libertando-a de suas taras mórbidas.

Renato Kehl – É a higiene da raça e constitui a ciência da felicidade, porque se esforça pela educação moral e física do homem, a fim de dotá-lo de qualidades ótimas, de fornecer-lhe elementos de paz na família, na sociedade e na humanidade.

Passo Fundo, 16 de Outubro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 87-92.

Data : 17/10/1936

Título : 269 RENATO KEHL

Categoria: Memórias

Descrição: Quem é Renato Kehl, já citado, no artigo anterior, duas vezes?

Renato Kehl

Este artigo foi publicado no mesmo jornal que o anterior, no dia 17 de Outubro de 1936.

-Quem é Renato Kehl, já citado, no artigo anterior, duas vezes?

Antes de tudo, é um medico brasileiro, e dos mais ilustres.

Foi-me apresentado pelo Dr. Dionysio Cabeda Silveira, á rua S. Gonçalo, Rio de Janeiro, no edificio da casa Bayer, de que é diretor medico.

De cerca de 40 anos, é pessoa assaz conhecida nos meios médicos do pais e do mundo: magnífica cultura em uma organização metódica.

Autor de diversos livros, colabora, com freqüência, em revistas científicas da Alemanha, da Suíça, da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos, onde se contam por centenas os seus trabalhos, cheios de ensinamentos e de conselhos.

Quem estuda, mormente em nossa Pátria, eugenia, não pode deixar á margem o nome de Renato Kehl, pois tem sido, trabalhados infatigável, o seu grande apostolo e é, nesse sentido, de modo incontestável, a maior autoridade.

Vem desenvolvendo, em estilo claro e simples, há muitos anos, e por todos os meios ao seu alcance, com tenacidade heróica, neste país, onde só se lê política e onde só se cuida de política, e isso mesmo muito mal, uma propaganda sobre o saneamento físico, intelectual e moral da raça.

Os seus livros, a bom juízo, merecem a qualificação de obras de ciência e de utilidade publica. Possuo, e guardo com carinho em minha biblioteca, alguns com expressivas dedicatórias, os seguintes:

Eugenia e Medicina Social

Melhoremos e prolonguemos a vida

Sexo e civilização

Lições de eugenia

Tipos vulgares

Bíblia da Saúde

Livro do Chefe da Família

Como escolher um bom marido e

Como escolher uma boa esposa.

Alem desses, tem publicado ainda:

Blatomyose, tese aprovada, em 1915, com distinção

Dicionário Popular de Medicina

A cura da fealdade

A Fada Hygia

Formulário de Beleza e de Conduta.

Pelo exposto, depreende-se do amor ao estudo, do seu profícuo trabalho e das suas magníficas intenções recomendo a leitura de suas obras aos chefes de família, aos moços e mesmo ás nossas jovens patricias, que não se devem casar dentro de uma criminosa ignorância, de funestos resultados, tão comuns na sociedade atual, onde impera, em geral, grande dose de mundanismo fútil.

“Como escolher um bom marido” é uma memória lida, na Capital da Republica, pelo seu autor, perante a Conferência pelo Progresso Feminino.

Passo Fundo, 17 de Outubro de 1936.

Data : 18/10/1936

Título : 270 EDUCAÇÃO E SAÚDE

Categoria: Memorias

Descrição: Este estudo foi publicado, pelo "Diário da Manhã", de Passo Fundo, em 18-10-1936.

Este estudo foi publicado, pelo "Diário da Manhã", de Passo Fundo, em 18-10-1936.

-Lendo "L'Homme cet inconnu" de Alexis Carrel, publicado este ano em Paris, deparei sobre eugenia que julga poder exercer uma grande influência sobre os destinos das raças, admiráveis conceitos.

Aconselha o exame médico pré-nupcial como uma necessidade, mas lembra a vantagem de uma apropriada educação. Por meio desta, pensa o cientista consagrado, far-se-á compreender aos moços a que perigos de expõem, casando-se me famílias, onde existem a sífilis, o câncer, a tuberculose, o nervosismo, a loucura ou a fraqueza de espírito. Tais famílias, observa ainda Carrel, são mais perigosas que os ladrões e os assassinos, e "nenhum ser humano tem o direito de dar a um outro ser humano uma vida de miséria, e muito menos ainda de procriar crianças destinadas à desgraças".

Se, por um lado, é incontestável que a nossa legislação matrimonial resente-se da falta da obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial, por outro, não é menos real, que carece o povo de determinados esclarecimentos, que, pouco a pouco, irão formando em seu espírito uma consciência patriótica e cívica, sob o ponto de vista eugênico.

Estou, pois, entre aqueles que pensam ser conveniente, e eis a razão principal dos meus artigos, num trabalho contínuo, teimoso mesmo de propaganda, e creio haver bem explanado esse assunto não só na justificação do projeto, que, em 12 de Agosto último, apresentei à Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados, regulamentando o art. 145 da Constituição Federal, como no discurso que ali proferi em 1º de Setembro.

É obra de benemerência a educação pública, que não deve ser confundida com instrução pública, que é coisa muito diferente.

Essa educação se fará por todos os meios, desde a escola primária à utilização do rádio.

O cinema, de que tanto, em geral, se gosta, é um elemento de primeira ordem para a difusão de certos ensinamentos médicos, de ordem social.

O professor, cuja função de educar e de instruir é importantíssima tarefa que se reflete indelével, marcando, muitas vezes, o desenrolar de uma existência, pode e deve iniciar o conhecimento de regras eugênicas nas escolas primárias ou secundárias.

Abro um pequeno parêntesis, e deixo a dedução ao espírito clarividente de cada um, para lembrar a frase de Bismarck, sobre a guerra de 1870: "Foi o mestre escola alemão que venceu".

A imprensa, sempre solicita a amparar as boas causas, aquelas que giram ao redor de ideias grandes e de sentimentos generosos, deve, na sua elevada função orientadora, auxiliar, de modo eficiente, o que mais ainda lhe dignifica, essa campanha, que só focaliza um fim: o bem da raça.

A primeira Conferência Pan-Americana de Eugenia, reunida em Havana, em fins de 1927, aprovou a seguinte proposição: "Será obrigatório o ensino de eugenia em todos os estabelecimentos de ensino secundário e superior."

No primeiro Congresso Brasileiro de Educação, também em 1927, levado a efeito em Curitiba, foi aprovado um idêntico dispositivo. Refere Renato Kehl que o ensino de eugenia faz parte do curso, com caráter obrigatório, em diversas universidades inglesas, alemãs e americanas, sendo ensinado em cadeiras especiais nas universidades de Londres, de Cambridge e de Munique, e de quase todas as grandes universidades da América do Norte.

E porque não ensaiar, como experiência ao menos, o seu estudo no Brasil?

A resposta é fácil: em matéria de ensino e saúde pública, os homens que o tem dirigido e o dirigem (quase escrevi o digeram) se tem despreocupado, criminosamente, dos dois grandes fatores básicos em que assenta uma nacionalidade: educação e saúde de seu povo.

Passo Fundo, 18 de Outubro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 96-101.

Data : 20/10/1936

Título : 271 DUAS OPINIÕES E UM ESCLARECIMENTO

Categoria: Memórias

Descrição: Este artigo, o quarto da série, foi publicado, em 20 de Outubro de 1936, pelo "Diário da Manhã".

Este artigo, o quarto da série, foi publicado, em 20 de Outubro de 1936, pelo "Diário da Manhã".

-A lei que protege o indivíduo, protege a sociedade, e, por tal, aquela que obriga o exame médico pré-nupcial, que nada mais é do que de proteção, é lei que se impõe.

Isso é mais do que lógico; chega mesmo a ser biológico.

No Brasil, os seus adeptos já são muitos, principalmente entre os médicos, e poderia citá-los em grande número, até profissionais de alto conceito social e de elevado renome médico.

Transcreverei apenas, para conhecimento público as expressivas e categóricas opiniões dos eminentes professores Afrânio Peixoto e Fernando Magalhães, duas figuras de reconhecido destaque e de projeção nacional.

"Ao aspecto social, coletivo da raça, das gerações vindouras, o exame médico pré-nupcial culmina. É a salvação da raça, pelo saneamento do amor e da família. Porque se exige uma folha corrida nos cartórios para um negócio ou um passaporte, e muito mais grave para a saúde, para a vida, para a felicidade do lar e da pátria não se exigir uma folha corrida sanitária? Indispensável. A lei, que em bem da raça, impede o casamento dos impúberes e dos parentes,

a despeito do amor que possam votar entre si, deve impedir o dos doentes, capazes de fazer mal a si e aos outros, os cidadãos futuros da Pátria".

"Vou aos extremos nesse assunto. Acho que o exame pré-nupcial deve ser exigido em lei, como um corolário lógico da defesa e da conservação social."

Embebido dessa teoria, e convicto de sua imensa beleza e de seus benéficos resultados, abalancei-me a apresentar o projeto de lei, que o "Diário da Manhã" me honrou com sua publicação. Embora merecesse as melhores referências da douta Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados, ainda não teve, infelizmente, andamento: a politicagem tudo absorve, estiola e mata.

A semente lá ficou, e consola-me a certeza de que há de um dia germinar.

Torna-se necessário, a esta altura, um pequeno esclarecimento. A eugenia não cuida de criar tipos excepcionais, pelo gênio ou pela altura; muito outro é o seu fim: procura evitar certas doenças na sua origem, propugnando pela boa e melhor saúde das gerações futuras. Não visa a criação de sábios ou de gigantes, mas não quer a produção de medíocres ou de tarados, prefere ficar na medianidade, isto é: o homem comum, mas de perfeito equilíbrio nervoso, de corpo e espírito normais, sadio e forte.

Os males que se refletem na família, como bomba destruidora, são, por sem dúvida, a sífilis, a lepra, a tuberculose e o alcoolismo, e sobre os quais diremos, em penadas rápidas, alguma coisa, em artigos sucessivos, de prático e de útil, o que baste para tirar a venda dos olhos de muita gente, principalmente das mães boas e sensatas, que tem obrigação, até para sua própria felicidade, de possuir certos conhecimentos.

Passo Fundo, 20 de Outubro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 101-105.

Data : 22/10/1936

Título : 272 SERVIÇO PÚBLICO

Categoria: Memórias

Descrição: O advogado A. Loures de Albuquerque, meu prezado amigo, residente, atualmente, em Santa Barbara, ...



## Serviço Publico

O advogado A. Loures de Albuquerque, meu prezado amigo, residente, atualmente, em Santa Barbara, município de Cruz Alta, enviou ao “Diário da Manhã” o seguinte artigo, intitulado “Serviço Publico” e que foi inserto no dia 21 deste.

O ilustre Dr. Nicolau Araujo vergueiro, deputado federal pela opposição rio-grandense, cujo nome declinamos com o respeito e admiração merecida, está escrevendo uma serie de artigos para esta folha, respeito ao problema que não duvidamos classificar: o máximo da nacionalidade: a eugenia.

Vazados em termos de alta precisão científica, ao mesmo tempo que em linguagem ao alcance de todos, enriquecidos com exemplos claros e significativos, os artigos de S. Exa., são de uma oportunidade única, em se tratando de preparar o povo para receber a instituição do exame pré-nupcial. Não temos, ao traçar estas linhas, outro objetivo que não seja o de aplaudir publica e sinceramente a S. Excia. Pelos serviços que vem prestando aos poderes legislativos do Pais, através do projeto elaborado para adoção do exame pré-nupcial, ponto de partida do aperfeiçoamento da raça.

Merece a atuação de V.Excia. os aplausos irrestritos de todos, e novamente daqueles que compreendem da alta importância do problema eugênico para o levantamento do nível do valor de uma Pátria.

A S. Excia. , pois, que lançando na Câmara Alta do Pais o estudo do problema, e aqui nas esferas menores da nossa vida vem divulgar o importante assunto, os nossos aplausos a tão relevante serviço publico.

Santa Barbara, 16-10-1936

(assinado A. Loures e Albuquerque)

Passo Fundo, 21 de Outubro de 1936.

Data : 22/10/1936

Título : 273 SÍFILIS

Categoria: Memorias

Descrição: Este artigo foi publicado no "Diário da Manhã", em duas partes, nos dias 21 e 22 de Outubro do corrente ano.

Este artigo foi publicado no "Diário da Manhã", em duas partes, nos dias 21 e 22 de Outubro do corrente ano.

– A sífilis, velha e terrível inimiga do homem, é a causa de um grande número de paralisias, de loucura, de epilepsia, de abortos, de cegueira, de surdez, de otites, de úlceras, de reumatismos, de tumores, de múltiplas degenerescências, de monstruosidades, etc. etc.

Ela é a responsável pelo elevado coeficiente de mortalidade infantil. É uma doença que não respeita órgão algum, ataca a todos e, onde se instala, produz estragos incalculáveis.

Data o seu aparecimento do século XV, e tem recebido varias denominações populares: mal galego, mal napolitano, mal gaulês, mal turco, mal francês, pois cada povo arrogava ao vizinho a sua origem.

Pela sua disseminação, recebeu até o nome de peste social.

Ela é transmitida pelo treponema pallidum, isolado, em 1906, por Schaudinn. Algum tempo depois, Wassermann estuda uma reação a que ligou o seu nome e, hoje, é excelente meio de diagnóstico. Em 1910, Ehrlich traz a ciência o 606 que, sofrendo alteração em sua composição química, em repetidas e pacientes observações, é atualmente o 914.

Em 1921, Levaditi fixa a ação dos sais de bismuto.

A sífilis, doença grave e de cortejo sinistro, é, entretanto, um mal curável, e três são os grandes medicamentos para o seu combate: mercúrio, arsênico e bismuto, mas quem tem contato, embora de minutos, com pessoa enferma, tem que se submeter a tratamento rigoroso, durante 4 a 5 anos.

Nós, no Brasil, não temos estatísticas a respeito do morbus-gallicus, mas pode-se calcular, com segurança, que 10% de sua população sofre desse mal, o que quer dizer que, em um censo de 45.000.000 de habitantes, temos 4.500.000 sifilíticos.

Essa percentagem não é exagerada, e chegam mesmo alguns escritores a elevá-la a 15 e até a 20.

Sei de um serviço clínico particular, só de cirurgia, no Rio de Janeiro, que exige, antes do ato operatório, a reação de Wassermann de todos os seus enfermos, e em dois anos, sobre 777 doentes tiveram 398 o Wassermann positivo, o que dá uma percentagem de pouco mais de 51% de sifilíticos.

O uso habitual do chimarrão, em rodas até de pessoas desconhecidas, em que a cuia vai passando de mão em mão e a bomba de boca em boca, é um dos frequentes meios de infecção, pois na boca são muito comuns as placas sifilíticas, além de ulcerações de diferentes classes como piorreia e outras.

Ao meu consultório tem vindo moços e moças, principalmente da campanha, queixando-se de aftas, que, bem examinadas, são, muitas vezes, placas sifilíticas, e que só atribuem o seu aparecimento ao uso do chimarrão, e o interessante é que, procurando contestar ao médico, vão, desde logo, dizendo: "Mas, Dr., não me doem". Pois é assim mesmo, as simples aftas são muito dolorosas, mas as placas sifilíticas, que no seu aspecto são parecidas, são completamente indolores.

O uso do chimarrão, tomado daquela maneira, deve ser, de todo, abolido. Além do perigo de contaminação, é o meio mais fácil, como disse conhecido político rio-grandense, de um cidadão cuspir na boca de outro, o que, considerando bem, não deixa de ser uma verdade.

Cada um deve ter a sua bomba, como cada um tem a sua escova de dentes. Passamos, agora, a alguns dados sobre mortalidade infantil e abortos.

Segundo Etienne, em 100 mulheres sífilíticas grávidas, 86 tem crianças doentes. Acrescenta que os sífilíticos congênitos morrem na proporção de 72% antes de seis meses e que 90% dos abortos são de causa sífilítica.

É um quadro que apavora!

Queyrat afirma que, em Paris, em 1926, houve mais de 40.000 abortos por sífilis e que, por motivo desta, morreram mais de 30.000 crianças do 3º ao 6º mês de vida.

E este não menos aterroriza!

Compulsando qualquer tratado de sífilis, seja donde for, encontram-se, a cada momento, estatísticas semelhantes. Aqui, em Passo Fundo, onde há uma classe médica já numerosa e seleta, cada profissional poderá dar depoimento do que se passa de horror com a sífilis em todos os setores da escala social.

A sua difusão, no Brasil, é tão grande que notável professor já obrigou a declarar que, em face de um doente, era sempre preciso se pensar "sífiliticamente".

Vamos, agora, a um caso concreto, dos muitos de minha clínica. Conheço uma senhora casada há 17 anos, e que teve, nos primeiros 12 anos, 8 filhos, não criando um só: 3 morreram dentro de poucos dias de vida, e 5 abortos. Em um natural estado de desânimo, de desalento e de desespero, marido e mulher me consultaram. Confirmado o diagnóstico, estabeleci rigorosa e perseverante medicação, e o resultado foi o seguinte: tem 2 lindos meninos, de magnífica aparência, e nos quais se continua o tratamento.

Nunca hei de me esquecer de uma pitoresca e dolorosa frase dessa desolada cliente: "Dr., eu sou uma fábrica de defuntinhos..." e desandou a chorar.

Essa senhora foi uma das moças mais lindas que conheci, e, hoje, está envelhecida, magra, alquebrada, feia enfim.

Mirem-se nesse exemplo.

Para terminar, vos direi que certo pastor protestante alemão, quando em seu país o casamento era o que é hoje no nosso, não realizava o ato matrimonial sem apresentação, de cada nubente, de uma apólice de recente seguro de vida, para o qual se obriga rigoroso exame médico. Pois bem, enquanto não for decretada a lei que regula o assunto, aconselho às jovens e aos jovens patricios, que pretendem casar, a exigência, um do outro, de atestado médico de saúde.

Não há a menor desconsideração de parte a parte; é exigência providencial, que evitará, por certo, muita tristeza, muita desgraça, muita lágrima, e é melhor prevenir que remediar.

Passo Fundo, 22 de Outubro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 108-115.

Data : 24/10/1936

Título : 274 TUBERCULOSE

Categoria: Memórias

Descrição: Foi, pelo "Diário da Manhã", publicado o trabalho sobre tuberculose, em duas partes, nos dias 23 e 24 de Outubro .

Foi, pelo "Diário da Manhã", publicado o trabalho sobre tuberculose, em duas partes, nos dias 23 e 24 de Outubro .

– A tuberculose é a doença que mais flagela o Brasil e um especialista calculou, recentemente, o seu número em 1 milhão.

Denominada peste branca, figura na primeira linha dos obituários de quase todas as cidades.

Na Capital da República, na linda cidade maravilhosa, fez, segundo o Boletim de Demografia Sanitária, em 30 anos, 123.138 vítimas, assim especificadas:

1903 a 1907 – 15.798

1908 a 1912 – 17.934

1913 a 1917 – 21.327

1918 a 1922 – 23.057

1923 a 1927 – 21.630

1928 a 1932 – 23.392

O que acima se diz significa pouco mais de 4.000 por ano, cerca de 400 por mês, 12 por dia, 1 de 2 em 2 horas!

Ainda este ano de 1936, até 15 de Agosto, matou ali 2803 pessoas, e só na semana de 6 a 15 daquele mês tomou a sua conta 17% do obituário, com 79 casos em 477.

Há 30 anos, Miguel Pereira lançou, como um grito de alarme, a célebre frase de tanta repercussão: "O Brasil é um vasto hospital".

De fato era, e ainda, infelizmente, o é.

Em verdade, nesse largo período de tempo, algo se tem realizado de útil em matéria de higiene, de saneamento, de tratamento e de hospitalização, mas, não é menos real, que muito, muitíssimo se precisa ainda fazer.

Consignamos já 4.500.000 sífilíticos, 1.000.000 de tuberculosos e 40.000 leprosos, afora o que por esse imenso Brasil vai em relação ao impaludismo, bócio, verminoses, tracoma, câncer, etc. etc.

A peste branca, bastante contagiosa, é causada por um gérmen, chamado bacilo de Koch, que se contém em grande quantidade nos escarros e nas fezes dos doentes.

Ao espirrar, tossir, ou mesmo falar, os seus portadores atiram ao ar o micróbio da moléstia que, com facilidade, se pode aspirar, donde o perigo de se ficar mui próximo deles.

Erro, e muito grave, é varrer o quarto de um tuberculoso, pois o catarro, atirado ao solo, seca-se em seguida, e o bacilo é espalhado na poeira que se respira, e nem mesmo se deve sacudir a poeira dos moveis.

Por esse motivo, o aposento desses enfermos deve ser limpo com panos molhados.

As moscas são um perigo, pois, pousando nas fezes e nas expectorações, carregam nas patas aos alimentos o gérmen maligno.

Os cães e os gatos, muito sensíveis à doença, podem ser seus propagadores.

Quanto ao leite de vacas enfermas, com mamite específica, as opiniões são divergentes; há quem afirme o contágio; outros negam-no, sob o fundamento de que o bacilo da tuberculose bovina é diferente do bacilo da tuberculose humana.

Mas, na dúvida, o que é aconselhável, no caso, é não aproveitar esse leite, a não ser depois de demorada fervura.

Não se utilizarão quaisquer objetos de tuberculosos. Suas roupas de cama e de uso habitual serão passadas em água quente, mas os travesseiros e os colchões têm que ser queimados, sob pena de certa contaminação.

Os prédios e os moveis sofrerão longa e boa desinfecção, e creio que a municipalidade se encarrega desse serviço.

A casa será aberta, para que entrem, o mais possível, os raios solares, pois os bacilos de Koch são pouco resistentes à luz direta do sol.

O Rio Grande do Sul tem, lastimavelmente, como todos os Estados, descuro o problema da tuberculose, e só agora se constrói, nas imediações de Porto Alegre, um modelar sanatório.

Aqui, em Passo Fundo, muitos são os tuberculosos que por ai vivem em cruel desamparo, mesmo de simples conforto, escarrando e disseminando o mal entre os sãos, nas ruas, na indústria, no comércio, por toda a parte enfim.

Nunca é demais insistir na necessidade de se promover uma vasta campanha anti-tuberculosa, nesta cidade.

Julgo que existe um dispositivo legal que obriga o médico comunicar à Prefeitura os casos de morte por tal entidade, mas penso que nunca se cumpriu essa boa exigência.

Se, de um lado, tomo a liberdade de chamar a atenção do digno Dr. Nelson Ehlers, operoso prefeito, e do dedicado Dr. Armando Vasconcellos, médico municipal, para esse assunto de suma importância, por outro, dirijo-me aos meus colegas que, dentro de seus conhecimentos, sabem avaliar a extensão do mal e as vantagens decorrentes de uma medida profilática.

O homem, em geral, é egoísta, e o portador do mal de Koch, num gesto de revolta contra o homem sadio, não procura, muitas vezes, evitar a transmissão: alguns, ao contrário, e disso poderia citar exemplos, procuram até espalhá-la. Existem, é verdade, nesse sentido, exceções, mas a regra comum é aquela.

O tuberculoso deve escarrar em vasos próprios, com solução de ácido fênico, que serão despejados em latrinas e lavados com água fervendo.

Tive, certa vez, e parece incrível em um hotel, oportunidade de observar um doente escarrar sobre areia em um pequeno caixão, e uma criada atirar, em seguida, seu conteúdo no meio da rua!

Quem, por obrigação de ofício ou de família, tem que viver em contato mais ou menos constante com tais enfermos, deve se cercar de rigorosas medidas de higiene.

Depois dessas rápidas considerações destinadas ao grande público, passo a dizer que os filhos dos tísicos são de constituição débil, mal conformados e apresentam notável atraso no crescimento, além de que manifestam especial predisposição pelo mal.

A mortalidade infantil, por tal causa, é assombrosa: "desde a vida fetal, por via congênita, sofrem as consequências da debilidade e da intoxicação materna".

O casamento, com tuberculoso, deve ser terminantemente proibido.

Passo Fundo, 24 de Outubro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 115-123.

Data : 03/11/1936

Título : 275 ALCOOLISMO

Categoria: Memórias

Descrição: O "Diário da Manhã", em seus números 272, 273, 274, 275, respectivamente de 27, 28, 29 e 30 de Outubro último, publicou o meu trabalho, sob a epígrafe acima.

O "Diário da Manhã", em seus números 272, 273, 274, 275, respectivamente de 27, 28, 29 e 30 de Outubro último, publicou o meu trabalho, sob a epígrafe acima.

-Iniciemos estas notas por dois expressivos casos, entre outros, de minha clínica.

Conheci, nesta cidade, uma senhora casada e com quatro filhos. O seu marido levava vida normal, e o seu primogênito, um rapagão sadio. Não sei lá porque motivos, e não vem ao caso, aquele homem entregou-se de todo e de modo desbragado [libertino], ao vício do álcool, que, desde logo, o dominou. A sua bebedeira foi uma só, porque emendava, nesse estado, digno de repulsa e de piedade, o dia com a noite, e durou alguns anos, até que seu fígado, em um gesto de revolta, levou-o desta para a outra vida. Nessa fase de constante embriaguez, em que o seu "desayuno" era um reforçado copo de caninha com açúcar, a desolada esposa teve mais três filhos, e todos assim: um surdo e mudo; o segundo, natimorto, e o último, surdo, mudo e epilético. Este já é falecido, mas o primeiro ainda vive. Aquela senhora contraiu matrimônio em segundas núpcias e, com tal esposo, cidadão morigerado e sem vícios, teve mais três filhos, todos sãos, sadios e fortes.

- Há, em um distrito deste município, um casal com dois filhos. O primeiro é um lindo tipo de homem, alto, robusto, alegre e trabalhador, contrastando com o seu irmão, raquítico, triste, abobalhado, mal pronunciando algumas palavras. Esse marido tornou-se ébrio inveterado depois do nascimento do primeiro filho, e ainda hoje arrasta o seu vício e a sua miséria neste vale de lágrimas.

O que acima se refere é uma prova da desgraçada ação do álcool, como influência degeneradora sobre o indivíduo e a sua prole: é flagelo pessoal e social.

O ébrio é mau cidadão, mau chefe de família e, principalmente, gerador de descendentes enfermos, o que, de modo significativo, testemunha a estatística de Etcheveria, que, sobre 472 filhos de alcoolistas, verificou:

107 mortes de convulsões infantis,

7 paralíticos gerais,

23 em outras paralisias,

23 natimortos,

3 surdos,

96 epiléticos,

2 suicidas,

5 atáxicos,

79 choreicos,

13 idiotas,

19 loucos,

16 histéricos, e só

79 sãos.

Escreve, e é bem interessante a observação, Renato Kehl: "quando só o pai é alcoolista, verificam-se 58% de casos de esterilidade, 22% de natimortos, 20% de vivos, porém doentes, fracos, epiléticos. Quando é a mãe, registram-se 25% de casos de esterilidade, 25% de natimortos e 50% de indivíduos normais. Como se vê, a intoxicação alcoólica paterna é predominante e mais grave. Quando ambos são alcoolistas, pai e mãe, mesmo discretos, as consequências tornam-se fatais, registrando-se 50% de natimortos e 50% de psicastênicos e de degenerados de várias ordens."

Revistem os que me lerem, a sua memória e, por certo e sem dificuldade, encontrarão exemplos que bem se podem encaixar nessas molduras.

O uso imoderado do álcool baixa o nível social do indivíduo, que abandona o trabalho e se torna vagabundo; reduz a sua figura a uma expressão ridícula e dolorosa; diminui ou extingue a sua moral e o seu conceito; leva-o a cometer as mais torpes abjeções; joga-o de ruína em ruína; atira-o de abismo em abismo e vai como veneno que é, degenerando pouco a pouco os seus tecidos, ferindo, a fundo, os seus órgãos, criando lesões as mais perigosas e fatais no coração, no cérebro, nos nervos, no estômago, nos rins, nos intestinos, etc.

Sua nefasta ação leva comumente à loucura, e os dados gráficos, a respeito, são muito elucidativos e dizem melhor que quaisquer palavras. Li há pouco, que entre 8.000 loucos, internados no Hospício Nacional, 2.000 têm como causa direta o álcool, e aqui, nesta cidade, se podem citar exemplos frequentes e clássicos de perturbação mental pelo mesmo motivo, e que até são de conhecimento público.

Se penetrarmos em uma cadeia, teremos oportunidade de observar o grande número de criminosos, levados ao ato delituoso, às vezes o mais bárbaro, sob a ação do álcool.

Países existem onde se considera essa ação como agravante do crime e outros, como dirimente. Inclino-me a partilhar da opinião dos primeiros, a não ser em casos especialíssimos. O indivíduo procura o álcool como estimulante de sua covardia ou de seus dormentes sentimentos de bandido. Os estudos de [Enrico] Ferri, sobre álcool e criminalidade, são concludentes e não deixam dúvida alguma.

Os trabalhos de Cezare Lombroso, criador da antropologia criminal, rasgaram ampla estrada e, desde essa época, a criminalidade é considerada como degenerescência, proveniente de perturbações orgânicas e de estigmas mórbidos.

É de Bianchi a pitoresca frase: "O álcool é o generoso amigo da criminalidade."

O álcool conduz, não raro, ao suicídio e poucos não são os que o ingerem para a prática do reprovável ato, procurando nele, como perturbador da razão um pouco de estúpida coragem para o seu estúpido modo de enfrentar os ásperos problemas de luta pela vida, principalmente quando a sorte parece-lhes desfavorecer.

Vejamos, agora, o que, sobre o álcool alimento e medicamento, escreveu o notável médico brasileiro Dr. Miguel Couto, falecido há pouco mais de um ano: "É mais barato um pedaço de pão, um torrão de açúcar do que o álcool alimento. Como medicamento, é o álcool inferior a todas as substâncias colocadas no grupo dos excitantes gerais, onde não se atesta a estricnina, a digitalina, a cânfora, etc. Assim, pois, nada vale o álcool como alimento e pouco como medicamento".

Já rabiscamos o essencial como comprovante do vício detestável, que abastarda a razão e avilta os sentimentos.



Chamo a atenção das minhas jovens patricias para que não se casem com alcoolistas, e das senhoras casadas, no sentido de desenvolverem todo empenho, dedicação e esforço para que seus maridos abandonem, de vez, os prazeres de Baco, mesmo os moderados.

Não quero, porém, terminar sem transcrever a impressionante descrição de Oscar Fontenelle: "A criatura mais inteligente e encantadora se vai transformando num mulambo imprestável e talvez asqueroso; o indivíduo mais sensato e ordeiro mudará de índole e tornará pelas veredas escusas que costumam conduzir à prática dos crimes. As pessoas mais robustas e ativas, que passam a frequentar as tabernas ou se entregam às libações, em breve se estiolam, encanecem, acometidas da velhice precoce, se tornam desleixadas e preguiçosas. Os indivíduos que eram bons e até exemplares cidadãos e chefes de família, perdem a compostura e a moralidade, brutalizam-se, acabam vagabundos e desclassificados, muitas vezes entre as grades dos presídios ou nos compartimentos dos manicômios. Mas, oh! Supremo pecado daqueles que se deixam arrastar para tão lóbregas paragens, o ébrio faz com que muitos inocentes venham a pagar os mais dolorosos tributos pelo seu satânico e bestial prazer".

Sabem, pergunto eu, quem são esses inocentes?

Apenas isso: os filhos, sangue do nosso sangue, carne de nossa carne.

Passo Fundo, 3 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 123-132.

Data : 04/11/1936

Título : 276 UMA ENTREVISTA POLITICA

Categoria: Memórias

Descrição: O "Diário da Manhã", de hoje, publicou a entrevista que se segue, com estas epígrafe e subepígrafe...

O "Diário da Manhã", de hoje, publicou a entrevista que se segue, com estas epígrafe e subepígrafe: Importante entrevista concedida ao Diário da Manhã pelo deputado federal Dr. Nicolau Vergueiro – A Frente Única coesa e unida – O grande problema em foco – Somos contra qualquer movimento armado:

– Regressou ontem da Capital do Estado, onde fora tomar parte na recente reunião da Comissão Central do Partido Republicano Rio-Grandense, o Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, deputado eleito pela Frente Única para representar os partidos coligados na Câmara Federal.

Ontem um dos redatores desta folha procurou ouvir o conhecido político passofundense, em seu gabinete, ao lado da Farmácia Central, sobre a situação política estadual, conturbada em virtude do rompimento do "modus-vivendi" firmado entre os partidos gaúchos em 17 de Janeiro do corrente ano.

Inteirado do nosso objetivo, o Dr. Vergueiro acedeu ao nosso pedido de uma entrevista, iniciando-a dizendo o seguinte: "Por intermédio do meu caro jornalista, sempre tão curioso, certamente por função do ofício, direi, atendendo à sua solicitação, aos meus correligionários da Frente Única, que esta, coesa e unida, continua, sem esmorecimentos, a cuidar do Bem do Rio Grande do Sul e do Brasil, propugnando pela paz, neste vasto país, onde, para agravar os seus males, regimes extremistas procuram solapar os alicerces da democracia". Prosseguindo nas suas declarações, o Dr. Vergueiro passa a tratar da sucessão presidencial da República, dizendo textualmente o seguinte: "O grande problema em foco é a sucessão presidencial, e nós, cônscios das nossas responsabilidades, visamos tão somente que ela se processe sem choques de qualquer espécie, que possam vir a perturbar a ordem e a tranquilidade, de que tanto carecemos".

O Dr. Vergueiro fez uma ligeira pausa. O jornalista procura, com certa habilidade, abordá-lo sobre a situação política estadual. O conhecido parlamentar deixa displicentemente que a cinza de seu charuto forme uma camada clara no fundo do cinzeiro e, medindo a sua responsabilidade em face do momento atual, declara-nos o seguinte: "Sobre a política do Estado, os jornais de Porto Alegre já trouxeram em seus últimos números, pormenorizada reportagem, historiando os acontecimentos. A Frente Única era pela continuação do "modus-vivendi" tal qual se combinou no começo deste ano. Não poderíamos tomar outros compromissos, a não serem os contidos na ata de 17 de Janeiro. Somos contra qualquer tentativa de movimento armado, parta de quem partir e, nesse sentido, manteremos absoluta intransigência". Após nova pausa, o Dr. Vergueiro prossegue: "O país está farto de revoluções e, o que é pior, grandemente desiludido, mas (a regra sempre tem exceções) contra a implantação do comunismo penso e creio que a nossa atitude é e será uma só: de combate decidido, e em qualquer terreno".

Respondendo à uma pergunta do jornalista, referente à sua viagem a Porto Alegre, o Dr. Vergueiro diz o seguinte: "Quanto à minha pessoa, para responder à sua pergunta, direi que, nesta época em que os relógios, no geral, não marcam bem, não fui à Capital do Estado acertar o meu. O meu relógio, apesar de ser, como bem pode apreciar, de tipo Roskopf [de bolso], vem funcionando, durante os 30 anos de minha carreira política com regularidade. Os poucos e pequenos desarranjos, que teve, foram sempre concertados pelo mesmo técnico de Irapuazinho, e aí é que está o segredo: não mudo de relojoeiro".

Para rematar a suas declarações, o nosso entrevistado ocupa-se da situação econômica do Estado, finalizando com as seguintes palavras: "O Rio Grande do Sul atravessa um momento de intensa atividade em todos os setores de sua vida, e o seu progresso só depende da Ordem e da Paz. Há por toda a parte um surto e anseio de trabalho e só devemos pensar em fomentá-lo, não criando embaraços que venham entorpecer, mesmo de leve, o seu desenvolvimento."

Passo Fundo, 4 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p.133-138.

Data : 06/11/1936

Título : 277 LEPROA

Categoria: Memórias

Descrição: Nos dias 4, 5 e 6 de Novembro corrente, o Diário da Manhã, que aqui é publicado, sob a direção do meu amigo Túlio Fontoura, inseriu o meu artigo, sobre "Lepra".

Nos dias 4, 5 e 6 de Novembro corrente, o Diário da Manhã, que aqui é publicado, sob a direção do meu amigo Túlio Fontoura, inseriu o meu artigo, sobre "Lepra".

– A lepra, morfeia ou mal de Lázaro, doença que, em geral, causa aversão e pânico, pelo aspecto horripilante e hediondo dos enfermos, é produzida por um bacilo que foi, em 1868, isolado e classificado por Armauer Hansen, médico norueguês.

Justifica-se perfeitamente o horror que se tem desse mal pelas suas múltiplas pústulas, pelas lesões destrutivas das mucosas do nariz, da boca, da faringe, da laringe, e pelas mutilações e deformações que produz, e esse horror data de todos os tempos, desde os mais remotos. O país do mundo que possui o maior número de leprosos é a Índia, vindo, em seguida, o Japão e a Indochina.

Diz o Dr. Oscar Fontenelle que os leprosos do mundo orçam por 2 milhões.

No Brasil, segundo os dados que nos foram, pessoalmente, fornecidos pelo Dr. Ernani Agrícola, diretor os Serviços Sanitários nos Estados, os leprosos, em número provável, estão assim distribuídos:

Amazonas - 3.000

Pará - 4.000

Maranhão - 1.500

Piauí - 200

Ceará - 1.000

Rio Grande do Norte - 200

Paraíba - 200

Pernambuco - 1.000  
Alagoas - 200  
Sergipe - 100  
Bahia - 300  
Espírito Santo - 300  
Rio de Janeiro - 800  
Minas Gerais - 10.000  
São Paulo - 8.000  
Paraná - 1.500  
Santa Catarina - 700  
Rio Grande do Sul - 1.200  
Mato Grosso - 500  
Goiás - 200  
Distrito Federal - 1.600  
Acre - 800

São, portanto, em cifra provável, cerca de 40.000 doentes de mal de Lázaro!

Temos em funcionamento, no país, apenas 18 leprosários com 8.800 leitos, quando, em verdade, carecemos de 41 com 23.000 leitos.

É certo que já temos feito, em benefício desses infelizes, alguma coisa de útil, que, entretanto, está muito longe do que precisa ser realizado. A lepra, diz o professor Burnet, é doença mais fácil de fazer desaparecer da terra do que a tuberculose e a sífilis.

O Estado, que mais sério tem levado o problema da morfeia, é São Paulo, e, ainda em Agosto deste ano, o Dr. Ernani Agrícola, em entrevista concedida ao "O Globo" do Rio de Janeiro, assim se expressa: "Confesso que o que vi em São Paulo excedeu a minha expectativa. Estive no Preventório Santa Therezinha, no Sanatório Padre Bento, nos asilos colônias Santo Ângelo e Pirapitinguy. Na Capital visitei os serviços de preparo de medicamentos, os dispensários e os serviços administrativos, no Departamento de Profilaxia da Lepra, o Instituto Paulista de Leprologia e a Biblioteca. São serviços otimamente organizados e financiado com plena eficiência."

O governador Armando de Salles Oliveira, em sua mensagem de 9 de Julho último, escreve: "A endemia leprótica, que se estendia no Estado com a sua difusão lenta mas certa, foi considerada com desvelo pelo governo, que está no firme propósito de extinguir o mal de Hansen, como o extinguiram os países civilizados."

Há em todo o estado bandeirante, nas cidades, na campanha e nos sertões, um trabalho intenso de vigilância para a descoberta de novos doentes e respectivo isolamento.

Na Noruega, há alguns anos, existiam milhares de leprosos, e hoje esse mal desapareceu, por completo, do seu território.

Diz-se, e com razão, que povo culto não tem lepra.

E o que se tem feito no Rio Grande do Sul?

Nada, ou quase nada.

Há, em Porto Alegre, um pequeno Serviço de Emergência, graças à dedicação e iniciativa do Dr. Raul di Primio, e, ultimamente, o Estado adquiriu um terreno para construção de grande e modelar leprosário, que, em breve, será uma realidade.

E é só!

Não há o menor serviço de fichamento, de isolamento, de tratamento: nada, nada.

Os leprosos podem andar livremente pelas ruas, exercer qualquer função, mesmo trabalhar em padarias, etc.

O isolamento do doente é imprescindível necessidade: para ele mesmo e para a coletividade.

Os casos de cura, em estabelecimentos apropriados, não são poucos, e tão somente aí, pelos cuidados e pelas prescrições especiais por modernos processos terapêuticos se podem observar.

A lepra, é questão pacífica e resolvida, não é moléstia congênita, nascendo sãos, imunes do mal, os filhos dos leprosos, que devem ser imediatamente afastados do convívio dos pais, sob pena de contaminação.

Neisser sustentou, em um Congresso em Berlim, a seguinte proposição: a propagação se faz pelo homem e de homem a homem; ninguém se torna leproso senão pelo contato de um leproso.

O leproso, quando espirra ou tosse, atira longe os bacilos, até a distância de pouco mais de metro. O contágio se faz pelas vias respiratórias, pelas vias digestivas ou pela pele.

O micróbio se encontra no pus das úlceras, nos tubérculos [nódulos], nas mucosidades nasal e bucofaríngeana, nas fezes e na descamação cutânea.

O mosquito pernilongo doméstico, chamado *Culex quinquefasciatus*, é, na opinião de Lutz e Peryassú, um propagador da lepra.

O germen pode também penetrar no organismo pelas escoriações e feridas da pele.

Da data do contágio ao aparecimento do mal, o que se denomina incubação, pode decorrer e prazo de 4 a 32 anos, mas, em geral é de 2 a 5 anos.

Sobre o tratamento da lepra, há uma notícia alvissareira, que bem mereceu todo apreço, principalmente por parte do célebre bacteriologista Kedrowsky, que, há mais de 30 anos, se consagra, com amor e dedicação, ao estudo da lepra: anunciou o telégrafo, há poucos meses, que aquele sábio descobrira uma vacina contra a lepra. A notícia é sensacional e, se verdadeira, está o mundo de parabéns. Terminei estas considerações, escritas como já declarei, tão só para os leigos em tais assuntos, e assim como todos desta série de pequenos artigos, com a seguinte transcrição de Renato Kehl: "A lepra é uma afecção de caráter crônico, de marcha tão lenta que leva anos a manifestar-se, durante os quais não se evidencia a menor perturbação; lá um dia aparecem manchas roxas no rosto e nos membros, cuja cor se acentua, torna-se parda na periferia ao mesmo tempo que esbranquiçada no centro; insensível ao sensível; a vítima, muitas vezes, machuca-se ou queima-se sem perceber. A insensibilidade da pele estende-se a largas regiões, sobretudo às extremidades, no sentido de luvas ou mangas. Os pelos caem, a pele se

espessa, se enodoa; os tubérculos aumentam de número, deformando extremamente a fisionomia do doente. Úlceras se abrem, sem tendência a cicatrização, e certos músculos se atrofiam. Por esta rápida descrição, calcula-se o martírio dos leprosos, cujas mãos e pés sofrem dolorosas mutilações, e cujo aspecto leonino da face causa tanto horror e comiseração.

Oxalá os estudos de Kedrowsky se confirmem, e o seu nome será então inscrito e glorificado entre os beneméritos da humanidade, como Pasteur, Roux, Ehrlich e tantos outros!

Passo Fundo, 6 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 138-148.

Data : 08/11/1936

Título : 278 AINDA A LEPROSA

Categoria: Memórias

Descrição: O "Diário da Manhã", em seus números 281 e 282, de 7 e 8 do corrente mês, publicou o seguinte artigo

O "Diário da Manhã", em seus números 281 e 282, de 7 e 8 do corrente mês, publicou o seguinte artigo:

– Como a lepra está se desenvolvendo no Rio Grande do Sul, onde já se calculam para mais de 1.200 doentes, não é demais insistir um pouco sobre o assunto, a fim de que se tenha sobre ele alguns conhecimentos práticos, embora superficiais.

O mal de Lázaro, assim denominado por ser referido em uma parábola cristã, tem hoje, segundo estudo publicado este ano, em São Paulo, pelo Dr. Zam, denominação científica moderna: polychrommorphose, e é "moléstia infecciosa, insidiosa, infiltrante, constituindo uma dessas enfermidades perigosíssimas, de transmissão fácil, tanto ou mais que a tuberculose, muito comum na sociedade atual".

Escreve o Dr. Zacharias Alves de Mello, cujas palavras transcrevo porque são uma magnífica síntese: "Uma vez evoluída, se declara por uma notável vermelhidão do rosto e pelo aparecimento nos membros inferiores e superiores de manchas anestésicas, desenvolvimento dos mamilos mamários, placas vermelhas ou violáceas pelo rosto, pele escamosa ao nível das articulações, mormente dos joelhos e braços, dilatação das paredes externas do nariz, infiltração e aumento dos pavilhões das orelhas, afastamento destes, acompanhando, às vezes, a todos

esses sintomas as formações neoplásicas, que se denominam lepromas. Estes se apresentam preferencialmente nas maçãs do rosto, nos músculos cubitais, tibiais, peroneais. O que há de mais notável em tudo isso, é que a polychrommorphose se apresenta sempre simetricamente. Este fato é científico, racional, preciso."

Além desse horror, que transforma o "homo sapiens" em quase monstro, o leproso, para maior infelicidade sua, espalha ao redor de si, o que bem se sente ao se penetrar em seu quarto, um cheiro de carne apodrecida e chamuscada ao fogo.

Vai, pelo país, incontida ânsia de melhorar a sorte desses desgraçados e frêmito constante de estudo no sentido do tratamento.

No Rio de Janeiro e, principalmente em São Paulo, são frequentes os congressos médicos, em que se debatem os problemas lepróticos, e estou convencido de que tanto esforço não será inútil e a morfeia deixará de ser um dia, quiçá breve, a clássica esfinge devoradora, que vem desafiando, por séculos, a argúcia e a inteligência humanas.

Passo, agora, a descrever três expressivos casos de lepra anestésica.

– Certo médico paulista, homem de muitos haveres e de família numerosa, estava à mesa, ao almoço, quando pediu a uma jovem empregada trazer mais pão.

No momento, a palestra, entre as senhoras, versava sobre modas, o que bastante estava interessando à criadinha.

Ligeiro, trouxe um pão grande, desses compridos, e começou a cortá-lo em fatias, prestando sempre atenção à conversa.

Nesse ínterim, o médico observa, com espanto, que a servente, sem se aperceber do sangue e sem revelar a menor dor, havia dado diversos pequenos talhos nos dedos da mão esquerda com que segurava o pão. Tratava-se de uma leprosa em início de moléstia ou sob forma frusta, já contagiosa, e que na aparência ainda nada revelava, mas o exame do muco nasal evidenciou a presença do bacilo de Hansen, e foi imediatamente internada em um sanatório.

– Orison Switt Marden inicia o seu livro "O crime do silêncio" com o relato seguinte: "Um notável juriconsulto que, em tempos idos, desempenhou um lugar especial nas ilhas Sandwich, tombou com a mão, inadvertidamente, em uma noite, uma lâmpada de petróleo, e ficou muito surpreendido por ter notado que o líquido inflamado não lhe causava dor alguma ao cair nessa mão. Chamou o médico, e a surpresa transformou-se em horror ao ouvir que estava atacado de lepra".

– O "Diário de Notícias" importante folha carioca, publicou, em suas colunas, em 30 de Setembro último, acompanhado dos retratos do pai infame e de sua infeliz filha, sob o título "Explorando uma filha de 14 anos, doente de uma enfermidade incurável" o horripilante telegrama de São Paulo, que, na íntegra, transcrevemos:

"São Paulo, 29 - Desde ontem toda a cidade comenta, da maneira mais descontraída, um fato que está despertando a atenção de quantos dele tiveram conhecimento. É no que se falava por toda a parte. Apareceu uma menina pondo arame pelo braço. Tudo parece não ir além de uma força criminosa e brutal.

Os espíritos crédulos apaixonaram-se, no entanto, pelo estranho "fenômeno" e o discutem acaloradamente. A menor chama-se Antônia. Tem 14 anos de idade e não é bonita na sua fisionomia de índia. No seu braço esquerdo, abaixo do cotovelo, abre-se, feia e sangrenta,

uma ferida. É desta chaga que o pai de Antônia, um caboclo de aspecto mau, olhar duro e modos antipáticos extrai os pedaços de arame, causando admiração aos que presenciam aquele espetáculo que, não resta dúvida, se deve à inconsciência de um explorador. A menina não chora, não grita. É que a lepra anestesiou-lhe algumas regiões do corpo, como sempre acontece às pessoas atacadas por essa terrível moléstia.

Após as primeiras "experiências" o pai da menor procurou a polícia para informá-la do fato que ele mesmo reputava mistério. As autoridades recomendaram-lhe dirigir-se a Santa casa e, para facilitar este trabalho, forneceram a guia em nome da menor. Mas o espertalhão deixou a capital.

Rumou para as vizinhanças da cidade. Encontra-se agora em Jaçanã, um lugarejo modesto, para onde seguem também romarias no desejo de testemunhar aquelas cenas. Lá o braço de Antônia continuará a expelir arame pela ferida.

Não se pode ocultar o quanto de revoltante esconde aquele "fenômeno". Todos estão certos de que o arame retirado pelo pai de Antônia do braço da menor é antes colocado por ele com o intermédio do mesmo instrumento de que mais tarde se utiliza para a verificação do "milagre".

A chaga, assim, aumenta, escancarando-se nos seus bordos vermelhos e repugnantes. A polícia, ciente desses detalhes, vai agir para por termo a abjeta exploração.”

Passo Fundo, 8 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 148-156.

Data : 09/11/1936

Título : 279 REATANDO RELAÇÕES

Categoria: Memórias

Descrição: Como consequência dos acontecimentos, que se desenrolaram no Rio Grande do Sul e no Brasil...

Como consequência dos acontecimentos, que se desenrolaram no Rio Grande do Sul e no Brasil, com o irrompimento da revolução constitucionalista, em 9 de Julho de 1932, em São Paulo, cortei relações pessoais e políticas com o general José Antonio Flôres da Cunha, então



interventor federal, neste Estado, e com o qual, até então, além de correligionários, colegas de Câmara estadual e federal, mantinha boas relações de amizade.

Em fins de Janeiro deste ano, depois da ata de 17 daquele mês, em que se estabeleceu, entre a Frente Única e o Partido Liberal, um "modus-vivendi" pelo qual passaram a colaborar, em caráter puramente administrativo, no governo do Estado, os meus amigos e companheiros Drs. Lindolfo Color e Raul Pilla, respectivamente secretários da Fazenda e da Agricultura, fui pelo Color e Luzardo convidado a ter entendimento pessoal com o Flôres, esquivando-me, com delicadeza, de tal, sob o fundamento de que ainda era cedo, de que, entre nós, existiam reservas pessoais e de que ainda não me esquecera do que passara eu no exílio e do que sofrera minha família, nesse tempo, em Passo Fundo.

No dia 26 de Agosto último, encontrava-me, na Câmara Federal, em uma tribuna especial, em companhia do meu prezado amigo Arthur Lângaro e sua Exma. Esposa, D<sup>a</sup> Dejanira, quando senti que, amigavelmente, tocavam-me no ombro direito. Voltei-me rápido, e deparei-me frente a frente com o Flôres.

A minha primeira impressão foi de que este se houvera enganado, e fiquei a olhá-lo firme e sério, em uma posição quase que de espanto. Mas o Flôres, desde logo, sorridente, abraçou-me, dizendo: "Vergueiro, meu velho amigo, quanto prazer tenho em te ver e te abraçar".

Respondi-lhe delicadamente; palestramos cerca de cinco minutos e retirei-me, pois tinha que assistir à reunião da Comissão de Saúde Pública, da qual sou membro.

Ao me despedir, o Flôres solicitou-me, em um tom de intimidade, para dizer algo ao Dr. Borges de Medeiros, com quem desejava conferenciar, o que transmiti.

No dia 10 de setembro, recebi dele, por motivo de moléstia em minha pessoa, o seguinte telegrama: "Deputado Nicolau Vergueiro. Câmara Federal. Rio. Visitando ilustre amigo, desejo já esteja em franca convalescença. Abraços (assinado) Flôres da Cunha".

Respondi, no mesmo dia, nos seguintes termos: "General Flôres da Cunha - Edifício Victor. Rio. Muito agradecido sua gentileza. Sábado próximo terei prazer procurá-lo pessoalmente. Cordial abraço. (assinado) Nicolau Vergueiro".

Fui, no dia aprazado, visitá-lo e então mantivemos longa palestra e sempre cordialmente. Quando embarcou, no Rio, para o Rio Grande do Sul, teve ainda a gentileza de me procurar, na Câmara, para despedir-se, o que fez, em termos, que muito me penhoraram. Dessa maneira, reatamos as nossas relações pessoais e de amizade.

Passo Fundo, 9 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 156-160.

Data : 10/11/1936

Título : 280 FABRÍCIO VIEIRA

Categoria: Memórias

Descrição: No 6º volume de minhas "Notas íntimas" à página 47, sob o título "Proposta indecente" relatei um fato ocorrido comigo e o coronel Fabrício Vieira, em 1918, nesta cidade.

No 6º volume de minhas "Notas íntimas" à página 47, sob o título "Proposta indecente" relatei um fato ocorrido comigo e o coronel Fabrício Vieira, em 1918, nesta cidade.

Fabrício Vieira faleceu este ano, em Maio, no Estado de Santa Catarina, e o jornal "A Noite" do Rio, com a epígrafe: "Morreu Fabrício Vieira - Uma longa vida de crimes" publicou, a seu respeito, uma notícia, que transcrevo apenas para evidenciar sua vida caudilhesca e como prova do quanto ele era capaz em matéria de banditismo: "Morreu Fabrício Vieira - Uma longa vida de crimes, Itajaí, 3 (serviço especial de A Noite) – Faleceu em Valões, município de Porto União, o coronel Fabrício Vieira, o mais famoso caudilho catarinense. O extinto celebrou-se com a formação repetida de bandos que, sob sua chefia, percorriam as zonas serranas do Estado, praticando assaltos, incendiando e matando. Participou das campanhas da antiga zona do Contestado, entre 1912 e 1915, combatendo ao lado das forças legais e aproveitando o ensejo para fazer largo derrame de dinheiro falso na compra de gado destinado à alimentação das tropas. Foi o autor do fuzilamento de quatro polacos na balsa do rio Iguaçu, próximo a localidade de Chapéu do Sol. Cometeu ainda vários e horrorosos crimes, sendo, afinal, preso e processado em Cerro Negro. Sua última proeza foi há dois anos, quando provocou o choque de dois trens próximo a estação de Jararaca, a fim de assaltar um tenente contador do exército, que conduzia fundos para o pagamento das tropas aquarteladas em Porto União. Preso e condenado, sofreu alguns meses de prisão. Sentindo-se já velho, pois estava com quase oitenta anos, refugiou-se no lugar onde acaba de falecer."

– Hoje, que seu corpo, tão afeito às lutas violentas, sofre a transformação da matéria, reduzindo-se a pó – "Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris" [Lembra-te homem, que és pó, e em pó te hás de converter]- da literatura católica, na quarta-feira de cinzas – peça a Deus que o perdoe dos seus erros e que tenha piedade de sua alma.

Passo Fundo, 10 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 161-163.

Data : 11/11/1936

Título : 281 O MEU QUISTO

Categoria: Memórias

Descrição: Há cerca de 15 anos, notei bem sobre a coluna vertebral, na altura da 8º vértebra dorsal, um pequeno quisto sebáceo...

Há cerca de 15 anos, notei bem sobre a coluna vertebral, na altura da 8º vértebra dorsal, um pequeno quisto sebáceo, que, pouco a pouco, foi aumentando de volume, até que este ano era do tamanho de uma noz grande.

Como em nada me incomodasse, fui o deixando, mas, no dia 1º de Setembro último, no Hotel do Castelo, no Rio de Janeiro, onde me hospedava, ao me baixar para pegar um jornal, abre-se, de repente, a janela e, ao levantar-me, sua ponta bateu, em cheio, no quisto.

Daí começou o mesmo a aumentar, rápido, de volume, a me doer constantemente e muito, tornando-se a pele vermelha ao redor e, de leve, violácea ao centro.

Chamei então o Dr. Mário Kroeff, que, a 7, às 9 horas da manhã, operou-me, com anestesia local, no Hospital Alemão.

No fim de 10 dias estava, de todo, restabelecido.

O Dr. Mário Kroeff, meu velho amigo e coestaduano, é atualmente um dos mais conceituados cirurgiões do Rio de Janeiro, havendo, nos últimos tempos, se dedicado ao tratamento do câncer pela diatermocoagulação.

Ainda este ano, o Dr. Bordier, de Lyon, fez, em meticoloso estudo, elogiosas referências aos trabalhos do Dr. Mario Kroeff, uma inteligência e uma cultura.

Rendo-lhe, de Passo Fundo, os meus sinceros agradecimentos.

Passo Fundo, 11 de novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 164-165.

Data : 12/11/1936

Título : 282 NEM FEBRE TEVE

Categoria: Memórias

Descrição: Em Janeiro deste ano, fui, em meu consultório, procurado pela Exma. Esposa do Sr. Carlos Mariante, que me levava, à exame, uma menina, sua filha.

Em Janeiro deste ano, fui, em meu consultório, procurado pela Exma. Esposa do Sr. Carlos Mariante, que me levava, à exame, uma menina, sua filha.

Diagnostica apendicite, fiz-lhe ver a conveniência de ouvir a opinião do Dr. Dino Caneva, meu amigo e conceituado cirurgião.

Concordando com o diagnóstico, o meu colega e eu aconselhamos a operação, e combinamos, por esta, o preço de 500\$000.

O ato operatório foi praticado com grande êxito, tanto que, cinco dias depois, retirávamos os pontos e, no oitavo, teve alta, curada.

Durante os meses de Fevereiro, Março, Abril e Maio mandamos aquele Sr. a respectiva conta.

Da última vez, zangou-se, ofendeu ao cobrador, tendo, entre outras, as seguintes expressões: "Conta de médico não se paga. É obrigação que eles têm de tratar e salvar os doentes e, demais, é caro, por isso que a operação não tem a menor importância, tanto que a doente nem febre teve depois. Não pago."

O que aí fica registrado foi ouvido pelo Vidal, chauffeur de praça e que é o cobrador das contas do Dr. Caneva.

A resposta é de uma estupidez brutal, e bem revela o péssimo caráter daquele cidadão, mas, como se diz vulgarmente, dor de barriga não dá uma só vez, aguardemos, pois que nada melhor do que um dia depois do outro.

Consigno aqui o nome de Carlos Mariante como o de um homem de maus sentimentos e o incluo na "black-list" dos relapsos caloteiros.

Passo Fundo, 12 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 166-168.

Data : 13/11/1936

Título : 283 SÓCIO FUNDADOR E BENEMÉRITO

Categoria: Memórias

Descrição: – Possuo, em meu arquivo, o diploma, que me foi expedido em 15 de Dezembro de 1915, de sócio fundador do Hospital de Caridade de Passo Fundo.

– Possuo, em meu arquivo, o diploma, que me foi expedido em 15 de Dezembro de 1915, de sócio fundador do Hospital de Caridade de Passo Fundo. É aquele documento assinado pelo presidente Francisco Antonino Xavier e Oliveira; pelo 1º secretário Luiz Meira; pelo 2º secretário Pindaro Annes; pelo superintendente Theodoro Ribas; pelo diretor de mês Antonio Fernandes da Motta; pelo representante da Assembleia Geral Ernesto Morsch e pelo tesoureiro João A. Reichmann.

– Guardo também, datado de Dezembro de 1918, o diploma de sócio fundador do Hospital de São Vicente de Paulo e que é assinado pelos Srs. Herculano Trindade e Dr. Moreno Loureiro Lima, respectivamente presidente e secretário daquele estabelecimento.

– Conservo, ainda, o diploma de sócio benemérito do Tiro de Guerra, 225, desta cidade. Esse título me foi concedido por haver eu doado a essa sociedade uma parte de terrenos para a construção do "stand" da mesma. O diploma, que é assinado pelos Srs. Antão Abade das Chagas e Geolar Caminha, presidente e secretário, traz a data de 7 de Maio de 1919. Mais tarde, em 16 de Dezembro de 1929, recebi do então secretário do Tiro 225, por motivo de ter sido dissolvida a sociedade, um ofício de agradecimento e colocando novamente à minha disposição a parte do terreno, que lhe havia cedido.

– Sou ainda sócio remido do Clube Pinheiro Machado, desta cidade, e da Sociedade Sul Rio-Grandense, com sede no Rio de Janeiro.

Passo Fundo, 13 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 168-180.

Data : 14/11/1936

Título : 284 UM INSIGNIFICANTE DONATIVO

Categoria: Memórias

Descrição: Recebi, em 16 de Dezembro de 1929, do Hospital São Vicente de Paulo, por intermédio do seu presidente Dr. Octacilio Ribas, o ofício que segue

Recebi, em 16 de Dezembro de 1929, do Hospital São Vicente de Paulo, por intermédio do seu presidente Dr. Octacilio Ribas, o ofício que segue:

"Ilmo. Sr. Dr. Nicolau Araujo Vergueiro – nesta cidade.

Acusamos o generoso oferecimento de V. S. na importância de 1:100\$000 (um conto e cem mil reis) destinado as instalações de águas e esgoto deste Hospital.

O vosso ato nada mais significa que o reflexo dos nobres sentimentos de caridade que sempre encontraram guarida em vosso coração: seja para saciar a sede e a fome dos infelizes, seja para amenizar, com a ciência médica, os males de seu corpo.

A terra está ligada aos seus por uma extensa escada luminosa, mas só conseguem galgá-la os que levam por bandeira a caridade: é que só ela tem a força irresistível de atrair para os bons os beneplácitos divinos.

Há neste Hospital, almas boas e simples que não esquecem, jamais, nas suas preces, de rogar ao Criador pelos seus grandes benfeitores.

Agradecendo em nome deste Hospital a vossa generosa doação, sou de V. S. Am<sup>o</sup> e Vdor: (assinado) Dr. Octacilio Ribas Presidente do Hospital de S.V. de Paulo"

Passo Fundo, 14 de novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p.170-172.

Data : 15/11/1936

Título : 285 SOCIEDADE PESTALOZZI

Categoria: Memórias

Descrição: Da Sociedade Pedagógica Pestalozzi, com sede em Porto Alegre, à rua dos Andradas, n<sup>o</sup> 1766, recebi em 8 de Julho de 1928, o seguinte ofício

Da Sociedade Pedagógica Pestalozzi, com sede em Porto Alegre, à rua dos Andradas, nº 1766, recebi em 8 de Julho de 1928, o seguinte ofício:

"Exmo. Sr. Dr. Nicolau Vergueiro -D. D. Deputado Estadual – Passo Fundo.

Temos a honra de comunicar-vos a aclamação de vosso nome como membro honorário da Sociedade Pedagógica Pestalozzi, fundada em 28 de Junho do corrente ano com o fim de promover a fundação de um instituto de psicopatologia, para educação de crianças débeis físicas e mentais.

Acreditando no interesse que tomareis por essa nova associação, de finalidades patrióticas e humanas, aguardamos a todo tempo a vossa colaboração julgada utilíssima e indispensável. Respeitosas saudações. De V. Ex. Am<sup>os</sup> Att<sup>s</sup> e Vens. (assinado) Dr. J. Moreira, professor da Faculdade de Medicina - Presidente; Dr. Raul Bittencourt, professor da Faculdade de Medicina - Vice Presidente e Thiago M. Würth - diretor do Instituto Pestalozzi- secretário.

- O professor Thiago Würth é um velho amigo meu, e nossas relações datam, desde 1920, época em que residiu na Colônia Selbach, então 9º distrito do município de Passo Fundo e, hoje, pertencente ao de Carazinho.

É um digno cidadão, que vem dedicando sua inteligência e atividade, há muitos anos, à educação de crianças anormais, e mantém, em Canoas, próximo de Porto Alegre, com grande sacrifício, um estabelecimento daquele gênero e que, por certo, merece toda proteção.

Autor de diversos trabalhos interessantes, tenho, em minha biblioteca, os seguintes: A educação dos anormais e A proteção à infância e à juventude.

Passo Fundo, 15 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 172-174.

Data : 16/11/1936

Título : 286 ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

Categoria: Memórias

Descrição: Nos primeiros dias do mês de Setembro do corrente ano, apresentei à Comissão de Finanças da Câmara de Deputados Federais uma emenda...

Nos primeiros dias do mês de Setembro do corrente ano, apresentei à Comissão de Finanças da Câmara de Deputados Federais uma emenda, consignando verba para construção de edifício, destinado ao Correio e ao Telégrafo, de Passo Fundo. Essa emenda, além de minha assinatura, levava mais as seguintes: Borges de Medeiros, João Carlos Machado, João Neves da Fontoura, Ricardo Machado, João Baptista Luzardo, Renato Barbosa, Victor Russomano, Barros Cassal, Camillo Mercio, Fanfa Ribas, Thompson Flores Netto, J. Macedo, Demétrio Xavier, Ascânio Tubino, Vespúcio de Abreu, Adalberto Correia, Raul Bittencourt, Annes Dias, Frederico Wollfenbüttel e Pedro Vergara, todos da representação gaúcha, sem distinção de partidos.

Quando apresentei aquela emenda, o fiz a pedido do meu amigo Arthur Lângaro, presidente da Associação Comercial de Passo Fundo, e que se achava, a passeio, no Rio de Janeiro.

A propósito, recebi então, assinado pelo vice-presidente, o seguinte ofício: "Passo Fundo, 25 de Setembro de 1936. Ilmo. Sr. Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, D.D. Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul – Rio – Acusamos, em nosso poder, a emenda que, por vosso intermédio e subscrita por toda a representação gaúcha, foi apresentada ao Orçamento da Receita e Despesa da República, para 1937, emenda essa incluindo a verba para construção do edifício dos Correios e Telégrafos, desta cidade.

Registramos, com a maior satisfação, os esforços que vindes despendendo, para dotar esta terra do que ela precisa e do que ela merece.

Passo Fundo, que tem em V. Ex. o seu melhor amigo, vos testemunha, por nosso intermédio, a sua admiração e o seu apreço.

Temos a honra de apresentar-vos cordiais saudações.

Associação Comercial de Passo Fundo (assinado) Walter Barbieux, vice-presidente em exercício.

Passo Fundo, 16 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 174-177.

Data : 17/11/1936

Título : 287 A TUBERCULOSE EM PASSO FUNDO

Categoria: Memórias

Descrição: No mesmo período de tempo, foram registrados 55 falecimentos sem assistência médica e 15 de meningite.



Pela estatística, que, gentilmente, me foi cedida pelo Sr. serventuário do cartório de óbitos e nascimentos, foram consignados, nesta cidade, de Julho de 1935 a Junho de 1936, 40 óbitos por tuberculose.

No mesmo período de tempo, foram registrados 55 falecimentos sem assistência médica e 15 de meningite.

Desses 55, se pode calcular, sem receio de errar, 25 por tuberculose; dos 15 de meningite, 7, no mínimo, devem ser da mesma causa, o que, somado, dá 72 por ano.

Isso significa 6 por mês ou 1 de 5 em 5 dias, o que, deveras, é de assustar uma população que não vai além de 18.000 almas, havendo, portanto, um coeficiente de mortalidade de 2,5 em 1000 habitantes, por tuberculose.

Bem conhecem os médicos como a peste branca se desenvolve, em crescendo, entre nós, e a população, em geral, bem compreende a extensão e a gravidade do mal.

Urge uma medida dos poderes públicos, seja qual for, não só em benefício desses enfermos como também em favor dos indivíduos sãos.

Passo Fundo pela sua altitude e pelo seu ameno clima serrano, foi, durante muito tempo, o ponto preferido pelos tuberculosos do Estado. Muitos eram os que, principalmente, no verão, vinham para cá a conselho médico, e, daí, a disseminação do mal que, pouco a pouco, foi se alastrando em todas as camadas sociais, mormente entre aqueles de precárias condições de vida. Além disso, nunca houve o menor serviço de profilaxia, de modo que tem a doença ampla e livre estrada por onde transitar.

O Dr. Armando Vasconcellos, atual médico municipal, é um profissional dedicado, cuja boa vontade todos reconhecem, mas o Dr. Vasconcellos precisa mais amparo do governo municipal, para melhor levar avante o seu esforço.

Por enquanto ele está só, e creio que não tem nem sequer um ajudante: é velho o brocardo [ditado]: uma andorinha só não faz verão.

Faz-me lembrar a história do nosso caboclo, que desejoso de trabalhar, foi pedir recursos ao Estado, obtendo em resposta: "Vá plantar". Mas como, se não tinha terra, nem semente, nem instrumentos agrários?

Passo Fundo não pode exigir mais daquele médico, que, além de tudo, ganha uma ninharia, 600\$000 por mês.

Ainda, em Outubro último, deu 604 consultas e atendeu 56 doentes hospitalizados!

Seria justo que seus vencimentos fossem, pelo menos, equiparados aos dos outros chefes de serviço, como da luz e do tesouro, que percebem 1.000\$000, e seria justo ainda que tivesse um pequeno e escolhido corpo de auxiliares para poder se preocupar com a higiene da cidade; de modo contrário, sou o primeiro a reconhecer que não lhe é possível empreender e realizar tarefa apreciável.

A municipalidade possui um desinfetor a formol, mas, ao que sei, ainda está virgem.

A desinfecção dos prédios por meio de enxofre, principalmente como aqui se faz, é uma burla, não surte efeito desejado e nada mais é do que perigosa tapeação, para usar de um termo da época.

A desinfecção tem que ser feita por formol, e a despesa, por prédio, não vai muito além de 20\$000: 1 litro de formol e ½; de querosene para o fogareiro.

Chamo a preciosa atenção do meu prezado e particular amigo Dr. Nelson Ehlers, perfeito municipal, para estas linhas e, conhecedor do seu caráter, estou certo de que não grito no deserto.

Preste à nossa terra um serviço de humanidade, mandando desinfetar os prédios onde habitam ou morreram doentes por tuberculose ou qualquer outra moléstia contagiosa, e, assim, terá os aplausos de toda a população e as bênçãos dos espíritos bem formados.

"Salus, ubi multa consilia" - onde há muita precaução, há salvação.

A saúde de um povo é a pedra fundamental em que se assenta uma nacionalidade: homem sadio é homem trabalhador; homem doente, por força do próprio mal, é a negação do trabalho...e sem trabalho não há e não poderá haver progresso.

- Este artigo foi publicado pelo "Diário da Manhã", no dia 12 de Novembro corrente, em seu número 285.

Passo Fundo, 17 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p.177-183.

Data : 18/11/1936

Título : 288 ASSOCIAÇÃO DOS CARTEIROS

Categoria: Memórias

Descrição: Reproduzo textualmente o ofício que recebi em 9 de Maio de 1935, quando, no Rio de Janeiro, me achava hospedado no Hotel Avenida.

Reproduzo textualmente o ofício que recebi em 9 de Maio de 1935, quando, no Rio de Janeiro, me achava hospedado no Hotel Avenida.

Transcrevo-o, como outros documentos, não o faço por vaidade, o que seria fútil e até ridículo, mas tenho apenas em mira a significação de, com exatidão, fazer sentir aos meus filhos e seus descendentes que não passei, por esta vida, inutilmente e em completa obscuridade.

- "Associação Benfíciente dos Carteiros - fundada em 25 de Janeiro de 1930 - sede: Avenida Rio Branco, 117. Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1936.

Exmo. Sr. Dr. Nicolau Vergueiro. A Associação Benfíciente dos Carteiros, tendo em vista o valor pessoal de V. Ex., resolveu, em Assembleia Geral, extraordinária, realizada em 8 do corrente, aclamar o honrado nome de V. Ex. benfeitor da Casa do Carteiro, que é uma instituição para o bem estar da família dos carteiros. Saúde e fraternidade (assinado) Zacharias Rosa - secretário".

Passo Fundo, 18 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 183-184.

Data : 19/11/1936

Título : 289 JOVINO SILVA

Categoria: Memórias

Descrição: É um tipo interessante e seria um cidadão aproveitável se, comumente, não se entregasse ao uso do álcool.

Visitou-me, hoje, Jovino Silva.

É um tipo interessante e seria um cidadão aproveitável se, comumente, não se entregasse ao uso do álcool.

Reside, nesta cidade, há cerca de 14 anos e conta de idade 47.

É casado com D<sup>a</sup> Lolita Bueno e tem 3 filhos, por nomes: Maria, Luiz e Celso.

D<sup>a</sup> Lolita é filha de um compadre e amigo Napoleão Cezar Bueno, falecido há muitos anos.

Jovino desenvolve sua atividade, fazendo seguros na Companhia Sul América.

Inteligente, mas sem cultura, faz, de vez em quando, os seus versos, principalmente de improviso.

É natural do ex-município de São Martinho, tendo nascido no lugar denominado Santa Luzia, cujo território pertence hoje ao município de Tupaciretã.

É um homem honesto e bom chefe de família: seu grande mal é entregar-se ao álcool.

Forneceu-me algumas poesias, que vou transcrever. Não são trabalhos pórticos de valor, mas tem todos eles em grande e especial tom irônico.

- No município de Soledade, apareceram, depois da revolução de 1932, muitos tipos, chamados de bombachudos, por usarem essa vestimenta, tipos facinorosos e capangas das autoridades. Celebrizaram-se, em pouco tempo, pelos seus crimes e façanhas, quase todos, senão todos, encobertos pelos dirigentes daquela terra. Jovino os mimoseia com as seguintes quadras:

"Soledade dá de tudo"

Soledade dá de tudo,

Isto é público e notório,

Pois criou o bombachudo,

Que suplanta o provisório

-/-

Soledade dá de tudo,

Do Fão naquelas bibocas

Desde o tipo bombachudo

A estirpe dos Candocas.

-/-

Até os tigres ficam mudos,

Lá bem no fundo das furnas,

Quando os reles bombachudos

Vão comparecer às urnas.

-/-

Os bombachudos estão

Pelo Rio Grande espalhados,

Mas na Palmeira é que tem

Os parentes mais chegados.

-/-

A bombacha sempre foi

Pelo gaúcho estimada,

Mas de 30 para cá

Está mui desprestigiada"

-A respeito dos soldados provisórios, ele, assim, os canta:

-Mote-

Provisório é bicho pobre,  
Que não tem nada de seu.  
Só tem saudades infindas  
Da vergonha que perdeu.

-Glosa-

Há muita gente no mundo  
Que não vale nem um cobre,  
Casta ruim, de vagabundo  
Provisório é bicho pobre.

-/-

Todos tem algo de nobre,  
Seja cristão ou ateu.  
O provisório é tão pobre  
Que não tem nada de seu.

-/-

Gente pior que o sol cobre,  
Detesta as coisas mais lindas,  
De tudo que é belo e nobre  
Só tem saudades infindas.

-/-

É tipo de alma barata,  
Não sabe para que nasceu  
E há de viver sempre a cata  
Da vergonha que perdeu.

- A propósito da profissão de advocacia, exercem-na aqui algumas pessoas, que particularmente são boas, mas que não tem a menor competência para aquele exercício. Entre outros, podem-se citar os Srs. Quinho e Lindolpho Engelsing. Dizem que este, para qualquer assunto cita o art. 87 do Código Penal. Pois bem, Jovino Silva, com certa graça, fez as duas quadrinhas abaixo:

"Esta república nova  
Deu com o país numa droga  
Nesta terra em que o Quinho,  
E até o Lindolpho advoga!

-----

A discutir comigo a lei  
Louco é aquele que se mete,  
Do código me aprofundei  
No artigo oitenta e sete.

- Aqui, em Passo Fundo, há um Sr. Aquilino Traslatti, ou Traslatti como reza certo diploma de advogado. Fez-se "doutor" de um dia para outro, e como andou fazendo alguns discursos em propaganda da candidatura do atual prefeito foi, por este, como recompensa, nomeado Consultor Jurídico da Prefeitura. Jovino Silva aplica-lhe esta sátira:

"Transla...ção  
Como um Fregoli se transforma  
E não se sabe porque forma  
De um mero solicitador  
Esta feliz criatura  
Com o título de Doutor  
Guindou-se da prefeitura  
A jurídico consultor."

- Reside, nesta cidade, o Sr. Mario Braga, chefe de numerosa família.  
Tanto ele, como esposa e como filhos são todos funcionários públicos.  
Jovino Silva os ironiza assim:

"Dinastia Bragantina"

Pobre D. Pedro banido  
Do seu Brasil tão querido  
Para a velha terra de França,  
Sofrendo abalo profundo,  
Longe estava de pensar  
Que aqui viria a reinar  
Neste nosso Passo Fundo  
A família de Braga...nça"

Não se pode contestar que Jovino tem uma certa veia poética, mas é pena que seja um homem grandemente inculto.

Passo Fundo, 19 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 184-191.

Data : 20/11/1936

Título : 290 A TUBERCULOSE EM 1916

Categoria: Memórias

Descrição: No jornal A Voz da Serra, de 15 de Abril de 1916, escrevi o seguinte artigo

No jornal A Voz da Serra, de 15 de Abril de 1916, escrevi o seguinte artigo:

– Não podemos negar, de maneira alguma, que, neste município, e principalmente nesta cidade, a tuberculose vem se alastrando assustadoramente. Grande tem sido o número de casos verificados e devemos tomar medidas urgentes e enérgicas, dispensar mesmo esforços enormes para diminuir, na medida do possível a sua marcha.

Só na cidade, em 12 meses, foram registrados, no respectivo cartório, 10 casos fatais e não nos consta que tenham sido, com rigor, desinfetados os prédios, onde eles se deram. Nesse número não estão incluídos os casos sem assistência médica.

Passo Fundo, ao lado de uma majestosa serra, possuindo uma água por excelência notável, digna mesmo de referência, gozando de um clima temperado e benigno, foi, sem o querer, sendo o refúgio de doentes atacados daquela enfermidade, que aqui vinham e vem ainda a procura de lenitivo para seus males.

Essas nossas boas condições climatéricas foram pouco a pouco sendo conhecidas em quase todo o Estado e, naturalmente, para este município começaram a afluir muitos desses doentes.

É verdade que alguns deles aqui faleceram; é verdade também que muitos obtiveram sensíveis melhoras e casos de cura, de restabelecimento pode-se também citar um ou outro com segurança; mas não é menos real que cada um deles se tornou um largo foco de disseminação, visto como a nossa higiene não tomou, até hoje, providência alguma de valor para evitar a propagação dessa entidade mórbida.

Foram essas considerações ligeiras, baseadas em conceitos outros de ordem elevada e digna, sem intenção de melindrar a quem quer que seja, que nos induziram a escrever estas linhas que, sendo endereçadas ao povo em geral, serão, por isso mesmo, muito simples e muito clara.

O código de posturas do município, no concernente à moléstias contagiosas, é bem explícito, obrigando a todo médico, sob pena de multa, a comunicar tais casos à municipalidade, para que ela, no desempenho de uma missão benemerita, ponha em prática as medidas que julgar convenientes. Parece-nos que esse dispositivo legal não é cumprido pelos Srs. Médicos e deve a municipalidade ser severa na sua aplicação: o bem é coletivo.

A desinfecção das casas é de inteira, de absoluta necessidade e, segundo sabemos, a intendência não possui os aparelhos próprios para tal fim: tomamos a liberdade de lembrar ao Tte. Cel. Pedro Lopes de Oliveira, sempre solícito, a aquisição dos mesmos, que são imprescindíveis. Dizemos e repetimos ser solícito, nesse como em outros assuntos de magna importância, que afetam diretamente a comunhão, o intendente deste vasto e futuroso município: a larga distribuição de vacina de Jenner; a manutenção e distribuição gratuita de vários sérums, entre eles o de Roux; a luta diária contra a hidrofobia, etc. etc. são de sobejo suficientes para que não mais careçamos de lembrar fatos que justifiquem a nossa afirmativa.

Há poucos meses ainda, o Dr. Fernando de Carvalho, como médico de higiene local, recentemente nomeado, em uma série de bem elaborados e criteriosos artigos, publicados no O Gaúcho, tratou da tuberculose, principalmente das precauções e serem tomadas para evitar o contágio.

Elas são indispensáveis e devem ser seguidas a risca: "a tuberculose é uma fábrica incessante de bacilos virulentos" na frase de Louis Rénon, da Faculdade de Medicina de Paris.

O agente produtor dessa cruel enfermidade foi descoberto por Koch, em 1882, descoberta essa que nada mais foi do que uma consequência dos memoráveis trabalhos de Pasteur, uma das maiores glórias da pátria de Joffre.

"Quod abundat non nocet" [o que abunda não prejudica], motivo porque também nós, em próximos artigos, trataremos da "esterilização humanitária" dos produtos do tuberculoso, iniciando o nosso estudo pelos escarros, fonte de contágio mais frequente e perigosa.

Passo Fundo, 20 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936, em Passo Fundo. p. 191-195.

Data : 21/11/1936

Título : 291 ANIVERSÁRIO DE 1915

Categoria: Memórias

Descrição: O Jornal O Gaúcho, em seu número de 13 de Março de 1915, assim noticiou o meu aniversário natalício, ocorrido a 7 daquele mês



O Jornal O Gaúcho, em seu número de 13 de Março de 1915, assim noticiou o meu aniversário natalício, ocorrido a 7 daquele mês:

- Conforme noticiáramos, passou, no dia 7 do corrente, a sua data natalícia, no aconchego amigo de sua estremecida família, de seus amigos e admiradores, o nosso denodado companheiro e amigo Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, muito digno deputado estadual e reputado clínico aqui residente.

Inúmeras foram as felicitações que S. S. recebeu nesse dia, por tão agradável motivo, não só de diversas partes do Estado, onde goza de justo renome, como de seus francos e entusiastas admiradores desta localidade, seu berço natal.

À noite, em seu elegante e vasto palacete, após a chegada de grande número de cavalheiros e senhoritas, o Dr. Vergueiro e sua Exma. Consorte, com a amabilidade que os caracteriza, improvisaram uma “soirée”, que prolongou-se até as 4 horas da manhã, debaixo da máxima cordialidade.

Ataviaram os salões do palacete Vergueiro as graciosas e distintas senhoritas: Abygail Araujo, Celina Valle, Mimosa Ferreira, René Coty, Leonor Oliveira Lima, Aracy Lima, Iracema e Antonina de Oliveira, Hilda Oliveira, Aidy Araujo, Alayde Schneider, Lolita Bueno, Amanda e Alayde Rocha e Alice Sperry.

Destacamos ainda os Srs. Coronel Gervasio Lucas Annes e família, Antonio Manoel Araujo e família, Eduardo Manoel Araujo e família, Julio Edolo de Carvalho e família, Brasilico Lima e família, Dr. Fernando de Carvalho e família, Dr. Oswaldo Caminha e família, Eugenio de Primio e família, Francisco Antonio e família, Candinha Araujo e família, e os jovens: Belmiro Guterres, Armando Annes, Jarbas Pinheiro, Mario Lima, Celeste Corá, Renato Sá Britto, Octaviano Lima, Mario Braga, Miguel Pinto de Moraes, José Maria Lima, Geraldino Xavier de Castro, Adão Bueno de Araujo, Pery Salgado, Emílio Homerich, Vespasiano Lima, Alcides Lima, Aristóteles Lima, Egydio Silveira, João Leite, Eduardo Crossetti e tantos outros, cujos nomes não podemos precisar.

À lauta mesa de doces, ao espoucar [disparar] de champanhe, usou da palavra o Sr. Antonio de Oliveira, que, em bela e eloquente oração, saudou o aniversariante e sua digníssima consorte.

Ao Dr. Vergueiro, O Gaucho cumprimenta com efusão de alma.

Passo Fundo, 21 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 1-4.

Data : 22/11/1936

Título : 292 ANIVERSÁRIO DE 1916

Categoria: Memórias

Descrição: O Gaúcho, em 11 de Março de 1916, deste modo se referiu ao meu aniversário

O Gaúcho, em 11 de Março de 1916, deste modo se referiu ao meu aniversário:

“Assinalou-se festivamente, no lar do ilustre clínico e nosso distinto amigo Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, a data de seu aniversário natalício ocorrido a 7 do fluente.

O palacete de sua residência, à avenida Brasil, esteve, a noite, repleto de amigos e admiradores que lhe foram expressar significativos votos de apreço e estima.

Amigos do prestativo médico promoveram uma reunião no Hotel Internacional, de onde, precedidos de uma banda musical, encaminharam-se para sua residência, a fim de lho tributar expressiva manifestação de afeto.

Ali chegando, usou da palavra o talentoso advogado Sr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira, o qual, no fluir espontâneo de seu verbo castiço, traduziu com felicidade, os sentimentos dos manifestantes, que muito o aplaudiram.

O Dr. Vergueiro, em breves e comovidas frases, agradeceu a manifestação de que era alvo e, parodiando Plauto no discurso célebre: “entrem, façam provisão de alegria e contem comigo sem o menor constrangimento” deu ingresso aos manifestantes, que foram fidalgamente obsequiados por S. S. e sua digníssima consorte d. Jovina Vergueiro.

Profusas mesas de finas iguarias e líquidos, foram servidos, sendo, então, o aniversariante e sua exma. Esposa saudados por diversos oradores.

Improvisou-se, em seguida, animado sarau que, entre manifestações de alegria intensa, prolongou-se até a madrugada seguinte.

Para maior brilho da encantadora festa, não faltou nem mesmo emocional nota de arte, fina e delicada.

Essa proporcionou-a a exímia pianista, nossa gentil patrícia Senhorita Ondina Bocanera, que executou seletos e difíceis trechos clássicos, sendo veementemente aplaudida.

O Gaúcho termina esta notícia, felicitando o ilustre aniversariante”.

Passo Fundo, 22 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 4-6.

Data : 23/11/1936

Título : 293 DEPOIS DE LONGA VIAGEM

Categoria: Memórias

Descrição: Noticiando o meu regresso à esta cidade, a “Voz da Serra”, publicou em 2 de Dezembro de 1916, a seguinte notícia

Noticiando o meu regresso à esta cidade, a “Voz da Serra”, publicou em 2 de Dezembro de 1916, a seguinte notícia:

A sociedade conterrânea experimentou, quarta-feira última, a grata satisfação de novamente receber em seu seio, de volta da Capital do Estado, onde há meses se achavam o Dr. Araujo Vergueiro e sua exma. Família.

O trem, que os conduzia, entrou na cidade ao espoucar incessante de foguetes de dinamite, e na parada na Avenida Brasil se achava postada uma vasta aglomeração de pessoas de todas as classes sociais, inclusive muitas senhoras e senhoritas, bem como o Colégio Elementar, representantes de associações e da imprensa e a banda de música do Tiro Brasileiro, n. 225.

Formou-se então um longo préstito, em cuja frente seguia, formado em alas o Colégio Elementar, levando o respectivo estandarte ao lado de outro onde, em campo azul claro orlado de fitas brancas seguras nas extremidades por duas meninas, se lia, em torno do seu retrato, este expressivo dístico: “Homenagem ao Dr. Araujo Vergueiro, Médico do Povo”.

Chegado o cortejo à residência do humanitário médico, foi intérprete da imponente manifestação o redator desta folha (Tte. João Baptista Cúrio de Carvalho) que procurou destacar as altas virtudes e os extraordinários serviços de S. S., bem conhecidos de todos, concluindo por brindá-lo e a sua exma. Família.

Visivelmente comovido, respondeu ele, em belo discurso, cujo apanhado, feito por um nosso companheiro de trabalho, passamos a reproduzir: (não transcrevo aqui esse discurso, porque o mesmo já faz parte destas “Notas” e está registrado no 3º volume, à pagina 188 [corresponde ao número 157: Discurso de agradecimento]).

Feito silêncio, a mesma Diva de Souza, acercando-se do Dr. Vergueiro, disse-lhe expressiva alocução em nome do Colégio Elementar, saudando-o e a sua exma. Família, e oferecendo um belo ramalhete de flores naturais.

Um dos traços mais significativos da manifestação em referência foi a espontaneidade e abundância de coração que a caracterizaram, oferecendo ensejo para ver-se quanto é estimado em nosso meio o ilustre Dr. Vergueiro, em cuja recepção se viam reunidos elementos de ambos partido políticos da terra, numa verdadeira consagração ao alto mérito de S. S., cujo nome, no trajeto do desembarque à sua residência, foi constantemente vivido.

Admiradores sinceros das nobres qualidades que caracterizaram o vulto querido deste conterrâneo, que constitui um título de ufania para a terra que lhe deu o berço, sentimo-nos verdadeiramente felizes em descrever as eloquentes homenagens que lhe foram prestadas e a sua exma. Família nessa ocasião, e cuja notícia, a largos traços feita, deixamos nesta coluna da folha que tem a honra de contá-lo no número de seus ilustres colaboradores.

Testemunhas do seu apostolado brilhantíssimo na ciência que professa com o mais alto mérito, e dos seus formosos dotes de coração e de espírito, predicados esses dos quais também é portadora a sua respeitabilíssima consorte, registramos essas homenagens como a expressão de verdadeira justiça do nosso meio, que assim demonstra saber dar o mérito devido a quem, como acontece com o Dr. Araujo Vergueiro, tanto e tanto se tem imposto ao apreço e à gratidão do povo.

Passo Fundo, 23 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 7-11.

Data : 24/11/1936

Título : 294 O FILHO DO DR. TENACK

Categoria: Memórias

Descrição: O Dr. Tenack Wilson de Souza, medico, natural de S. Luiz, capital do Estado do Maranhão, é um dos amigos que mais prezo, pela sua distinção, pelo seu caráter e pela sua lealdade.

O Dr. Tenack Wilson de Souza, medico, natural de S. Luiz, capital do Estado do Maranhão, é um dos amigos que mais prezo, pela sua distinção, pelo seu caráter e pela sua lealdade.

É um profissional de cultura e honesto. Veio clinicar em Passo Fundo em 1929, quando, pela primeira vez, fui eleito deputado federal. Deixei-o então, trabalhando em meu consultório e muito recomendei aos meus amigos e clientes. Daí para cá, a sua clínica vem, dia a dia, aumentando e, hoje, é uma das maiores da cidade.

Casou-se em 27 de Dezembro de 1935, em Boa Vista do Erechim, com a senhorita Marcemina Pagnoncelli, filha de Saulle Pagnoncelli, uma das maiores fortunas da região.

Em 18 deste mês, nasceu-lhe um garoto, a quem deu o nome de Ronald.

Pedi-me que abrisse o “Livro do Bebê” com uma dedicatória, o que fiz, ontem, nos seguintes termos:

Ronald – No terceiro dia de tua vida, venho consignar aqui os augúrios que faço pela tua felicidade. Peço a Deus que te torne um homem igual ao teu pai: talentoso, digno, leal, e que, de tua mãe, herde as lindas virtudes que emolduram o seu coração e os magníficos dotes que exornam o seu espírito.

E, assim, mais uma vez, se confirmará o brocardo latino: qualis pater, talis filius – 23-11-1936. (assinado) Nicolau Araujo Vergueiro.

Nesse mesmo dia, mandei-lhe, em uma folha de meu papel de receituário, e por mera brincadeira, as seguintes quadrinhas, escritas ao correr da pena:

Desejo ao “Dr.” Ronald  
De venturas messe farta,  
Que seja elegante, forte  
Igual aos jovens de Esparta.

De seu pai, a inteligência;  
De sua mãe, a bondade;  
A fortuna do seu vovô  
E na vida... lealdade

Tais são os sinceros votos,  
Que faço de coração,  
Ao querido “Dr.” Ronald,  
Neto lá do Maranhão.

Que seja gaúcho bravo,  
De botas, espora e laço,  
E com esses “pés quebrados”  
Envio afetuoso abraço.

Passo Fundo, 24 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 11-14.

Data : 25/11/1936

Título : 295 ELEIÇÃO ESTADUAL DE 1909

Categoria: Memórias

Descrição: A Federação, então órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, sob a chefia unipessoal do Dr. Borges de Medeiros, publicou em 7 de março de 1909, a relação dos candidatos à Assembleia dos Representantes.

A Federação, então órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, sob a chefia unipessoal do Dr. Borges de Medeiros, publicou em 7 de março de 1909, a relação dos candidatos à Assembleia dos Representantes.

Exatamente, nesse dia completei 27 anos de idade.

Eis o que escreveu a Federação, sob o título “Eleição Estadual”:

A Comissão Central do Partido Republicano, de acordo com o eminente chefe, exmo. Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros e com o pronunciamento dos órgãos locais, proclama candidatos à Assembleia dos Representantes do Estado, na eleição a realizar-se em 29 de março corrente:

1º distrito

Marcos Alencastro de Andrade, serventuário de justiça, residente em Porto Alegre.

Antônio Soares de Barcellos, comerciante, residente em Porto Alegre.

João Simplicio Alves de Carvalho, engenheiro militar, residente em Porto Alegre.

Luiz Englert, engenheiro, residente em Porto Alegre.

Arno Philipp, jornalista, residente em Porto Alegre.

Octávio Francisco da Rocha, engenheiro militar, residente em Porto Alegre.

Domingos Martins Pereira e Souza, industrialista, residente em Porto Alegre.

Armênio de Oliveira Jouvin, advogado, residente em Santa Maria.

2º distrito

José Penna de Moraes, jornalista, residente em Santa Maria.

Waldomiro de Castilho Lima, militar, residente em Porto Alegre.

Antônio Soares de Barros, comerciante, residente em Cruz Alta.

Firmino Paim Filho, advogado, residente em Vacaria.

Nicolau Vergueiro, médico, residente em Passo Fundo.

Salvador Ayres Pinheiro Machado, fazendeiro, residente em São Luiz.

3º distrito

Manoel de Freitas Valle Filho, capitalista, residente em Alegrete.

Sérgio Ulrich de Oliveira, advogado, residente em Uruguaiana.

José Octávio Gonçalves, fazendeiro, residente em Bagé.

João Benício da Silva, advogado, residente em Alegrete.

Emílio Guilayn, industrialista, residente em Bagé.

Galdino Santiago, médico, residente em Itaqui.

4º distrito

João Jacintho de Mendonça, advogado, residente em Pelotas.

José Gonçalves de Almeida, militar residente em Porto Alegre.

João José Pereira Parobé, engenheiro residente em Porto Alegre.

Trajano Augusto Lopes, proprietário residente em Rio Grande.

José Antônio Flôres da Cunha, advogado, residente em Livramento.

5º distrito

Joaquim Thomaz dos Santos e Silva Filho, militar, residente em Porto Alegre.

Arlindo de Freitas Leal, engenheiro, residente em Cachoeira.

Manoel Theófilo Barreto Vianna, engenheiro militar, residente em Porto Alegre.

Getúlio Vargas, advogado, residente em Porto Alegre.

Francisco Flôres da Cunha, fazendeiro, residente em Quaraí.

Alcides de Freitas Cruz, advogado, residente em Porto Alegre.

(assinados: Manoel Theófilo Barreto Vianna, Domingos Martins Pereira e Souza, Luiz Englert, os três com restrições quanto aos seus nomes.

Desses 32 candidatos, são vivos ainda os seguintes:

João Simplício Alves de Carvalho,

Armênio de Oliveira Jouvin,

Waldomiro de Castilho Lima,

Antônio Soares de Barros,

Firmino Paim Filho,

Nicolau Vergueiro,

Sérgio Ulrich de Oliveira,

Joaquim Luiz Ozório,

José Antônio Flôres da Cunha,

Arlindo de Freitas Leal,

Getúlio Vargas e

Francisco Flôres da Cunha.

Apenas 12!

Fui eleito nessa legislatura de 1909, como nas legislaturas de 1913, 1917, 1921 e 1925.

Fui também eleito deputado federal nas legislaturas de 1929 e 1935.

Exerci, entre outros, o cargo de presidente da Assembleia do Estado.

Passo Fundo, 25 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 14-19.

Data : 26/11/1936

Título : 296 UNIÃO ESPORTE CLUBE

Categoria: Memórias

Descrição: Eis a descrição de uma festa, realizada em 2 de julho de 1916, no União Esporte Clube, descrito pelo jornal A voz da Serra, em 8 daquele mês...

Eis a descrição de uma festa, realizada em 2 de julho de 1916, no União Esporte Clube, descrito pelo jornal A voz da Serra, em 8 daquele mês:

Realizou-se a 2 do fluente a posse da nova diretoria do União Esporte Clube.

Aberta a sessão pelo Sr. Cantídio Pinto de Moraes, então vice-presidente em exercício, ordenou se procedesse a leitura do relatório, servindo de secretário o Sr. Mario Braga.

Após esta formalidade, foi, por entre ruidosa salva de palmas, empossado no cargo de presidente o Sr. Cap. Jovino as Silva Freitas, que pronunciou caloroso discurso, donde resumara toda a sua reconhecida dedicação à causa do União Esporte Clube.

Seguiu-se a posse dos demais diretores.

Concedida a palavra ao orador oficial, Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, discorreu longa e eloquentemente sobre as condições lisonjeiras do União Esporte Clube, apelando para seus companheiros de diretoria, dos quais esperava real e eficaz concurso, para o desenvolvimento da sociedade.



Encerrada a sessão, o Sr. Presidente, que vinha de ser investido, ofereceu profusa taça de champanhe, sendo nessa ocasião, trocadas diversas saudações.

Após à posse, o Cap. Jovino, em seu nome e no dos Srs. Dr. Vergueiro, Oscar Cezar e Florêncio Antunes de Oliveira, propôs fossem considerados sócios beneméritos do União Esporte Clube os Srs. Cantídio Pinto de Moraes e João Baptista de Oliveira Mello, pelos relevantes serviços que lhe tem prestado. A proposta foi sufragada fervorosa e unanimemente pela Assembleia Geral, lavrando-se então a respectiva ata.

Por motivo de falecimento de parentes de sócios, foi o baile, com que se devia celebrar a posse, transferido para 4 do corrente, quando, de fato, teve lugar debaixo da maior galhardia.

Nesse ato, foi oferecida uma taça de champanhe ao Dr. Vergueiro, que se retirava, provisoriamente desta cidade, no dia imediato. Pelo Sr. Oscar Cezar, em belas frases, foi convidado o Cap. Jovino.

Falou após o Dr. Bittencourt Azambuja, brindando os Srs. Dr. Vergueiro e Cap. Jovino e salientando a justa e geral estima que esses distintos cavalheiros tem conquistado nesta terá e com os quais o orador disse se afanava de haver sempre mantido as melhores relações.

Respondendo em nome de ambos, o Dr. Vergueiro proferiu ardorosa alocução, saudando o Dr. Azambuja. Encerrou a série de brindes, o Sr. Adelino Pereira, diretor do Colégio Elementar.

“A Voz da Serra”, que se fez representar, agradece o convite que lhe foi gentilmente enviado.

Passo Fundo, 26 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 20-23.

Data : 27/11/1936

Título : 297 UM ARTIGO DO DR. NOBLE

Categoria: Memórias

Descrição: O Dr. Otacílio Teixeira Noble, médico que reside e clinica no Campo do Meio, sede do 2º distrito desse município, publicou no jornal “O Nacional”...

O Dr. Otacílio Teixeira Noble, médico que reside e clinica no Campo do Meio, sede do 2º distrito desse município, publicou no jornal “O Nacional” de 26 de novembro corrente, um criterioso e longo artigo, intitulado “O perigo maior” referente à sífilis.

O seu interessante trabalho é precedido dos seguintes conceitos, que me dizem respeito e, por isso, transcrevo essa parte.

“... Com muita simpatia li os artigos que o ilustre cientista Dr. Araujo Vergueiro tem publicado pela imprensa e sobre assuntos que se enquadram no substancioso capítulo da eugenia, ciência de Galton. Para um país novo, qual é o nosso, que carece de gerações mais fortes, representando valores positivos no futuro e paralelos, em confronto com as gerações dos demais países que cuidam muito a sério do aperfeiçoamento das suas raças, o problema sociológico do exame pré-nupcial, entre nós, é de máxima importância e altruística finalidade, merecendo especial atenção de todos os bons brasileiros. Louvado seja, pois, o cidadão benemérito, o patriota sincero que se propôs a apresentar e defender na Câmara Federal, um projeto de lei que visa afastar por meio de uma nova e precisa formalidade legal os fatores de degenerescência, que tanto infelicitam a nossa espécie brasileira-mestiça, fraca e completamente descurada”.

Passo Fundo, 27 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 23-25.

Data : 28/11/1936

Título : 298 O CONSELHO MUNICIPAL EM 1913

Categoria: Memórias

Descrição: O jornal “O Gaúcho” em seu número 50, de 21 de Dezembro de 1913, publicou o seguinte

O jornal “O Gaúcho” em seu número 50, de 21 de Dezembro de 1913, publicou o seguinte:

No dia 15 do corrente encerrou os trabalhos de sua reunião ordinária essa patriótica corporação, tendo votado, além de outras, a lei orçamentária do município para o exercício de 1914.

Encerrada a sessão desse dia, os conselheiros presentes, Srs. Claro Pereira Gomes, Ângelo Pretto, Argymiro de Quadros, Annibal da Silva Lemos e Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, ilustre e muito digno presidente do Conselho, passaram ao gabinete do intendente municipal, onde, com este, se acharam o Coronel Gervasio Lucas Annes, acatado chefe político local, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, ilustre advogado deste foro, Major Candido Marques da Rocha, juiz distrital da sede, capitão Jacintho Domingues Villanova, subintendente do 1º distrito e mais

funcionários municipais, e ali entregaram em mão do provecto intendente municipal, Coronel Pedro Lopes de Oliveira, a referida lei orçamentária.

Ao champanhe, que foi pelo intendente oferecido aos presentes, fez uso da palavra o Dr. Vergueiro, que saudou o município, representado na pessoa do seu esforçado administrador, Coronel Pedro Lopes de Oliveira, espírito prático, laborioso e justo que, com excelentes resultados, empenha-se no sentido de desenvolver o progresso do município.

Referiu-se, com encômios, ao nosso prestigioso chefe político local, ilustre Coronel Gervasio Lucas Annes, que tem sabido sempre, invariavelmente, manter a mais exemplar harmonia de vistas na sua direção local, com as altas administrações, que do município como do Estado, conservando inquebrantável a salutar disciplina partidária, que, para felicidade geral, implantou neste município.

Em seguida, fez-se ouvir a palavra acatada do mesmo ilustre chefe, agradecendo, com desvanecimentos, as honrosas referências que acabava de ouvir, acentuando, mais uma vez, que para o desempenho de sua missão política muito tem contribuído os esforços e devotamentos dos seus correligionários.

Terminou, em seu nome e no do coronel intendente, agradecendo ao patriótico Conselho Municipal a sua eficaz colaboração na obra administrativa do município.

O Gaúcho, que sente-se ufano em registrar tão salutares manifestações de solidariedade e máxima harmonia de vistas entre as corporações dirigentes do seu caro Passo Fundo, apresenta ao seu chefe local, ao intendente e conselho municipal efusivas saudações.

Passo Fundo, 28 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 25-28.

Data : 29/11/1936

Título : 299 MANIFESTAÇÃO EM 1909

Categoria: Memórias

Descrição: Quando fui, pela primeira vez, eleito deputado estadual, em 29 de Março de 1909, o O Gaúcho

Quando fui, pela primeira vez, eleito deputado estadual, em 29 de Março de 1909, o O Gaúcho, assim noticiou uma manifestação que me foi levada, em seu número 9, de 3 de Abril:

O nosso ilustre amigo Dr. Araujo Vergueiro foi alvo de uma entusiástica demonstração de apreço, no dia 29 de Março último, por motivo de sua eleição para o alto cargo de deputado à Assembleia dos Representantes do Estado.

À noite daquele dia, o Partido Republicano local, reunindo-se no Clube Pinheiro Machado, desfilou pela rua do Comércio em direção à casa de S. S., formando extenso préstito, puxado pela banda de música do maestro Claro Gomes e ao espocar incessante de foguetes.

Chegados os manifestantes à casa do esperançoso deputado, que se achava à porta, falou o nosso amigo Francisco Antonino Xavier e Oliveira, que, em inesperado discurso, saudou o Dr. Vergueiro, salientando a alta posição que iria ocupar e da qual era lícito tudo esperar pelo seu preparo científico e elevados dotes de caráter. Disse-lhe que ia substituir o nosso acatado chefe e amigo Coronel Gervasio que o indicou para a investidura e que, em tal posto, e como filho de Passo Fundo, tem que honrar os trabalhos de seu glorioso antecessor e as tradições passo-fundenses. Terminou dizendo estar convencido de que o Dr. Vergueiro desempenhará com brilho o nobre mandato que lhe foi conferido pelo pujante eleitorado do 2º círculo.

O Dr. Vergueiro, respondendo, proferiu substancioso discurso, agradecendo a manifestação e assegurando que seria ela mais um estímulo para que ele, na Assembleia, procurasse com o máximo empenho servir os interesses do seu Partido e da sua terra natal.

Em seguida entraram os manifestantes, sendo-lhes servidos finos líquidos e novamente usando da palavra o intérprete do Partido, que fez entusiástica saudação ao nosso ilustre chefe Sr. Coronel Gervasio Lucas Annes, rememorando a sua longa e gloriosa carreira política, saudação essa a que respondeu o mesmo coronel, em eloquente discurso, terminando por brindar o Dr. Borges de Medeiros, o senador Pinheiro machado e o Dr. Carlos Barbosa Gonçalves.

Seguiu-se com a palavra o nosso amigo Dr. Cunha e Silva, pronunciando formoso discurso de saudação ao Dr. Vergueiro.

Em seguida regressaram os manifestantes ao Clube Pinheiro Machado, sendo no trajeto vivamente aclamados o Coronel Gervasio, Dr. Vergueiro, Dr. Borges de Medeiros, senador Pinheiro Machado, Dr. Carlos Barbosa e outros vultos do Partido Republicano local.

No Clube, a reunião se prolongou até alta noite, em animada palestra, reinando sempre a maior cordialidade entre os presentes.

Entre os papeis esparsos, contidos neste volume, encontrar-se-ão um convite para a manifestação em referência, assim como uma das chapas eleitorais. Por esta, ver-se-á que a votação, neste município, foi a seguinte:

Vergueiro – 768 votos

Penna de Moraes – 727 votos

Firmino Paim – 711 votos

Soares de Barros – 744 votos

Waldomiro Lima – 713 votos

Salvador Pinheiro -736 votos

Passo Fundo, 29 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 29-33.

Data : 30/11/1936

Título : 300 ANIVERSÁRIO DO O GAÚCHO

Categoria: Memórias

Descrição: Em 20 de Dezembro de 1909, o jornal local “O Gaúcho” completou o seu 6º aniversário e, por tal razão, enviei-lhe as seguintes palavras

Em 20 de Dezembro de 1909, o jornal local “O Gaúcho” completou o seu 6º aniversário e, por tal razão, enviei-lhe as seguintes palavras:

Completa hoje o 6º aniversário “O Gaúcho” órgão do Partido Republicano Passofundense, chefiado pelo muito acatado amigo Coronel Gervasio Lucas Annes.

Os serviços prestados ao nosso Partido pelo “O Gaúcho” são de valor inestimável e suas páginas estão repletas de exemplos comprobatórios do que acima afirmamos.

Seguindo a norma de conduta, que traçou em seu primeiro número, ele tem sabido cumprir a risca o seu papel, quer colocando-se sempre ao lado do nosso pujante Partido, defendendo-o com denodo, quer tratando de importantes assuntos de interesse geral, quer se batendo por todas as ideias nobres e sentimentos elevados.

O signatário destas linhas, que tem acompanhado de perto a existência do “O Gaúcho” participando dos seus momentos de alegria e dos seus dissabores, ao registrar, nestas colunas, que o tem acolhido com carinho, o seu 6º aniversário, enche-se de intenso e verdadeiro júbilo, pois que conhece perfeitamente o quanto ele tem lutado e o quanto ele tem sabido vencer, de modo honroso sempre, o que é para nós uma recompensa, de que muito nos ufanamos no dia de hoje e nos anima a empregarmos todos os esforços pela sua existência, que é de utilidade real para a nossa amada terra.

O Coronel Gervasio Lucas Annes, a quem O Gaúcho muito deve, foi, desde a sua fundação, até há bem pouco tempo, o seu único diretor, passando o nosso prestigioso chefe, por inúmeros afazeres, esse encargo ao Dr. Inocêncio Borges da Rosa, honrado órgão do ministério público desta comarca, moço que, pelo seu talento, cultivou intelectual e critério, conduzirá, por certo, o nosso jornal a futuro brilhante.

Terminando, envio, com um punhado de flores, à direção do valente O Gaúcho muitas saudações, desejando-lhe longa existência e hipotecando-lhe todo o meu franco auxílio.

Decorridos alguns anos, depois do falecimento do Coronel Gervasio Lucas Annes, aquela folha caiu nas mãos de indivíduos maus e sem escrúpulos, desses que todos os meios servem, mesmo os indignos, para alcançar um fim, tornando-se um pasquim, que vomitou, sobre a sociedade de Passo Fundo, uma porção de insultos, de infâmias e de misérias, e tal foi o seu descrédito que, em pouco tempo, suspendeu a publicação.

Passo Fundo, 30 de Novembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 33-36.

Data : 01/12/1936

Título : 301 ELEIÇÃO ESTADUAL DE 1913

Categoria: Memórias

Descrição: Incluo neste meu arquivo uma das chapas de deputados à Assembleia dos Representantes do Estado, na eleição de 20 de Agosto de 1913.

Incluo neste meu arquivo uma das chapas de deputados à Assembleia dos Representantes do Estado, na eleição de 20 de Agosto de 1913.

Nessa eleição, pleiteou um lugar o Dr. Jorge Pinto, pelo Partido Federalista, e residente em Alegrete.

Aqui, em Passo Fundo, esse candidato obteve apenas 9 votos; eu obtive 1328 votos e os demais da chapa republicana 1323. O Dr. Jorge Pinto foi eleito sendo o primeiro opositor a tomar assento na Câmara Estadual. Eis a chapa do Partido Republicano:

- Antônio Soares de Barcellos, capitalista, residente em Porto Alegre.
- Arno Philipp, jornalista, residente em Porto Alegre.
- Ildefonso Soares Pinto, engenheiro militar, residente em Porto Alegre.
- Antônio Carlos Penafiel, médico residente em Porto Alegre.
- Álvaro Baptista, médico, residente em Porto Alegre.
- Possidônio Mancio da Cunha Junior, capitalista, residente em Porto Alegre.
- Marcos Alencastro de Andrade, proprietário, residente em Porto Alegre.

- Edmundo Henrique Teltscher Bastian, comerciante, residente em Porto Alegre.
- Pelagio Pereira de Almeida, advogado, residente em Porto Alegre.
- Emílio Guilayn, banqueiro, residente em Porto Alegre.
- Alcides de Freitas Cruz, advogado, residente em Porto Alegre.
- Manoel Theófilo Barreto Vianna, engenheiro militar, residente em Porto Alegre.
- Eurípedes Mostardeiro, industrialista, residente em Porto Alegre.
- Joaquim Maurício Cardoso, advogado, residente em Porto Alegre.
- Thimotheo Pereira da Rosa, advogado, residente em Porto Alegre.
- Alberto Bins, industrialista, residente em Porto Alegre.
- Frederico Linck, industrialista, residente em Porto Alegre.
- Eurybiades Dutra Villa, advogado, residente em Cruz Alta.
- Isidoro Neves da Fontoura, industrialista, residente em Cachoeira.
- Nicolau Araujo Vergueiro, médico, residente em Passo Fundo.
- Eurico Souza Leão Lustosa, advogado, residente em São Luiz Gonzaga.
- Octávio D'Avilla, advogado, residente em Itaqui.
- Carlos Cavalcante Mangabeira, farmacêutico militar, residente em Bagé.
- José Fredolino Prunes, advogado, residente em Alegrete.
- Sérgio Ulrich de Oliveira, advogado, residente em Uruguaiana.
- Francisco da Cunha Ramos, jornalista, residente em Pelotas.
- Virgílio José da Porciúncula Junior, industrialista residente em Rio Grande.
- Alberto Roberto Rosa, industrialista, residente em Pelotas.
- Arlindo de Freitas Leal, fazendeiro, residente em Cachoeira.
- Francisco Flôres da Cunha, fazendeiro, residente em Quaraí.
- Getúlio Dornelles Vargas, advogado, residente em São Borja.
- Alfredo Soares do Nascimento, engenheiro militar, residente em Rio Grande.

Da relação acima, 18 são falecidos:

Antônio Soares de Barcellos

Arno Philipp

Ildefonso Soares Pinto

Álvaro Baptista

Possidônio Mancio da Cunha Junior

Marcos Alencastro de Andrade

Edmundo Henrique Teltscher Bastian

Emílio Guilayn

Alcides de Freitas Cruz

Manoel Theófilo Barreto Vianna

Eurípedes Mostardeiro

Frederico Linck

Izidoro Neves da Fontoura

Octávio D'Avilla

Francisco da Cunha Ramos

Virgilino José da Porciúncula Junior

Alberto Roberto Rosa

Alfredo Soares do Nascimento

Passo Fundo, 1º de Dezembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 36-41.

Data : 02/12/1936

Título : 302 ELEIÇÃO ESTADUAL DE 1917

Categoria: Memórias

Descrição: Na eleição para deputados estaduais de 1917, foram os seguintes candidatos pelo Partido Republicano

Na eleição para deputados estaduais de 1917, foram os seguintes candidatos pelo Partido Republicano:

- Dr. Manoel Theófilo Barreto Vianna, militar, residente em Porto Alegre.
- Coronel Marcos Alencastro de Andrade, proprietário, residente em Porto Alegre.
- Dr. Possidônio Mancio da Cunha Junior, capitalista, residente em Porto Alegre.
- Antônio Carlos Penafiel, jornalista, residente em Porto Alegre.



- Tte. Cel. Arno Philipp, jornalista, residente em Porto Alegre.
- Cel. Antonio Joaquim Pereira da Silva, capitalista, residente em Porto Alegre.
- Tenente Coronel Antonio Chaves de Barcellos Filho, comerciante, residente em Porto Alegre.
- Tenente Coronel Edmundo Henrique Teltscher Bastian, comerciante, residente em Porto Alegre.
- Coronel Frederico Linck, industrialista, residente em Porto Alegre.
- Major Alberto Bins, industrialista, residente em Porto Alegre.
- Dr. Donário Lopes de Almeida, criador, residente em Porto Alegre.
- Dr. Raphael Escobar, advogado, residente em Porto Alegre.
- Coronel Alberto Roberto Rosa, industrialista, residente em Pelotas.
- Coronel Emílio Guilayn, banqueiro, residente em Porto Alegre.
- Francisco da Cunha Ramos, jornalista, residente em Pelotas.
- Coronel Virgilino José da Porciúncula Junior, industrialista residente em Rio Grande.
- Carlos Cavalcante Mangabeira, farmacêutico militar, residente em Bagé.
- Antônio Carneiro Monteiro, agrimensor, residente em Uruguaiana.
- Dr. Sérgio Ulrich de Oliveira, advogado, residente em Uruguaiana.
- Dr. Getúlio Dornelles Vargas, advogado, residente em São Borja.
- José Fredolino Prunes, advogado, residente em Alegrete.
- Dr. Eurybiades Dutra Villa, advogado, residente em Cruz Alta.
- Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, médico, residente em Passo Fundo.
- Dr. Pelagio Pereira de Almeida, advogado, residente em Santa Maria.
- Dr. Eurico Souza Leão Lustosa, advogado, residente em São Luiz.
- Coronel Francisco Flôres da Cunha, fazendeiro, residente em Quaraí.
- Coronel Horácio Gonçalves Borges, criador, residente em Cachoeira.
- Coronel José Antonio Pereira Rego, criador, residente em Rio Pardo.
- Dr. Manoel Vicente do Amaral, criador, residente em Santa Vitória.
- Padre Augusto Martins Cruz Jobim, sacerdote, residente em Santana do Livramento.
- Coronel Guilherme Goelzer Netto, capitalista, residente em São Leopoldo.
- Dr. Jacob Kroeff Netto, industrialista, residente em São Leopoldo.

Da relação acima apenas estão vivos 13, a saber:

Antônio Carlos Penafiel

Alberto Bins

Carlos Cavalcante Mangabeira

Sérgio Ulrich de Oliveira

Getúlio Dornelles Vargas

José Fredolino Prunes

Eurybiades Dutra Villa

Nicolau Araujo Vergueiro

Pelagio Pereira de Almeida

Eurico Souza Leão Lustosa

Francisco Flôres da Cunha

Guilherme Goelzer Netto

Jacob Kroeff Netto

Da chapa republicana, não foram eleitos os candidatos Raphael Escobar e Guilherme Goelzer Netto.

Passo Fundo, 2 de Dezembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 41-45.

Data : 10/12/1936

Título : 303 DISCURSO ÀS BACHARELANDAS

Categoria: Memórias

Descrição: Realizou-se, no Ginásio Notre Dame, desta cidade, ontem, 9 de Dezembro de 1936, a festa das bacharelandas deste ano.

Realizou-se, no Ginásio Notre Dame, desta cidade, ontem, 9 de Dezembro de 1936, a festa das bacharelandas deste ano. Foi paraninfo o Dr. Dino Caneva, e fizeram parte, do quadro, como

homenageados, o Sr. João De Cezaro e eu. É inspetor federal do mesmo ginásio o Sr. Emilio Stigler.

As bachareladas são:

Catharina Sittoni

Diva Miotto

Elda Mattello

Elisa Stigler

Eny Campphyeld

Geny Kruter e

Maria De Cezaro.

Elisa Stigler foi a oradora da turma.

Perante enorme e seletto auditório, pronunciei este discurso:

- Vim a esta casa de estudos e de orações, de vida intelectual e de vida espiritual, em que se dissipam as trevas pela luz da verdade, cumprir o dever de expressar agradecimentos pela gentileza que tivestes comigo, oh! Jovens patricias bachareladas! Ela é bem maior do que julgava, e se não fosse o quebrar do protocolo solene entraria, galhardamente, aqui, espargindo finas essências e cantando, em alta voz, o hino triunfal da vossa formatura.

Vira-se, agora, o feitiço contra o feiticeiro e eis que o homenageado passa, de um momento para outro e com entusiasmo, a homenagear, e bem mereceis o culto desse meu preito sincero e admirativo.

O vosso ilustre paraninfo, Dr. Dino Caneva, cujo nome amigo declino com vera simpatia, abriu, em belo preambulo, o primeiro volume de vossa existência intelectual, e eu quero apenas, para o que solicito vênias, vos dar um duplo conselho, que creio salutar: praticai sempre o bem sede sempre caridosas.

Que em vossos tenros corações, ainda não golpeados pelas agruras deste vale de lágrimas, nunca jamais se aninhe, mesmo de leve, um sentimento que não seja bom!

Praticai o bem sob todas as formas, mas não vos deveis esquecer que o ruído não faz bem e que o bem não faz ruído.

Essa é a verdadeira virtude, que contrasta, desconcertantemente, com o bem irritante daqueles que o praticam, procurando a sua máxima divulgação, para jactância pública de predicado, que nada mais é do que estulta vaidade e nada menos é do que ridículo orgulho. Leão XIII, o eminente pontífice, que encheu o mundo de notáveis encíclicas, como Rerum Novarum e outras, não se cansava de lembrar a marcha sempre em direção ao bem, e são palavras suas, aconselhando dirigir-se ao povo e trabalhar pelo seu bem: “Eis o ponto em que, com escrupulo cuidado, não cessamos de insistir”.

A santa de Lisieux, tão venerada Terezinha do Menino Jesus, não se fatigou de, em vida, exercitar o bem, e, pouco antes de entregar sua cândida alma ao Criador, teve a seguinte expressiva frase: “Je veux passer mon ciel à faire du bien sur la terre”.

Ruy Barbosa encerrou a sua brilhante conferência, proferida em 22 de setembro de 1983, em favor dos órfãos do Asilo de Nossa Senhora de Lourdes da Feira de Santana, por este modo eloquente e significativo: “Em suma, se a civilização tivesse de resumir-se numa palavra, lançada como a passagem dos espíritos entre a terra e o céu, caridade, tu serias essa palavra, a ponde ideal onde os homens se encontram com os anjos”.

Roldán, orador, poeta e político argentino, em memorável oração de caridade, refere: “Orar es llamar a las puertas del Cielo; pero, no lo dudeis Señoras: prodigar la beneficência es abrirlas”.

De vós é bem conhecido o milagre da rainha Santa Izabel que, em seu diário mister de caridade, transformou em flores, na presença de D. Diniz, os pães que trazia em seu regaço.

Diz-nos uma comovedora e sóbria narrativa inglesa: os empregados dos correios de Londres deram, certa vez, com uma carta, com o curioso endereço: “Para Deus, no Céu”. Aberta a mesma, encontraram, com espanto, um papelucho, assinado Carlitos, rabiscado assim: “Senhor Deus, é preciso que o Senhor veja isto. Minha mãe está enferma, meu pai não tem trabalho e eu...e eu sou muito pequeno.”

A carta, pela sua originalidade, teve ampla divulgação pela imprensa, e a caridade pelas mãos de nobres damas e até de circunspectos banqueiros, não se fez esperar, socorrendo aquela infeliz gente que, de fato, curtia dor e fome, na mais extrema penúria.

Cristo, antes de tudo, foi o apóstolo do Bem e o símbolo da Caridade.

Nos seus exemplos de bondade, caldeai a vossa educação; nas suas manifestações de amor, modelai a vossa vida; nos seus divinos ensinamentos, alicerçai a vossa fé, e, agora, para terminar, que vos ilumine a luz aquecedora do querido filho de Maria, que a Cruz seja a bússola que nos norteia neste áspero jornada, que a vossa felicidade tenha a perene frescura das flores matutinas e que a vossa passagem pelo planeta seja tão útil e tão benfazeja à humanidade, de modo que, no dia da ressurreição, possais comparecer, serenas e tranquilas, perante Deus, exclamando tão só: “cumpri, Senhor, na terra, cristãmente, o meu dever”.

Felicidades.

Passo Fundo, 10 de Dezembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 45-51.

Data : 31/12/1936

Título : 304 MINHA BIBLIOTECA

Categoria: Memórias

Descrição: Venho há muitos anos, e pouco a pouco, organizando minha biblioteca.

Venho há muitos anos, e pouco a pouco, organizando minha biblioteca. Em 31 de Dezembro de 1930, a mesma era constituída de 2.230 volumes, e na mesma data dos anos 1931, 1932, 1933, 1934 e 1935, respectivamente de 2500, 2630, 2754, 2926 e 3094. Hoje, último dia de 1936, já está com 3.265.

Estão distribuídos em 11 armários numerados. Tenho um catálogo geral por ordem alfabética.

Muitos são os livros que possuo com dedicatórias de pessoas amigas, entre as quais registro:

Antônio Augusto Borges de Medeiros

Ariosto Pinto

Adroaldo Mesquita da Costa

Aurélio Py

Aurélio Porto

Anníbal Falcão de Barros Cassal

Alcides Moreira Pereira

Antônio Reis – bispo

Alberto Ruschel

Armando Sobral

Armando Annes

Armando Barros Cassal

Álvaro Alencastro

Amador Bueno de Araujo

Armando Torres de Vasconcellos

Antônio Carraro

Alfredo Paiva e Mello

Abel Caminha

Anísio S. Teixeira

Armando Silveira

Arthur Ferreira Filho

Antônio da Costa e Silva

Belisário Penna

Buenaventura Caviglia Hijo

Balthazar Brum

Cezar Vergueiro  
Cincinato Braga  
Clarimundo Flores  
Dionysio Cabeda Silveira  
Djalma Forjaz  
Enéas Pires Ferreira  
Estevão Cruz  
Eurico Araujo  
Euclides Cunha Lopes  
Egysto Striata Filho  
Frederico Westphalen  
Frederico Falk  
Frederico Curio de Carvalho  
Frederico De Marco  
Francisco Antonino Xavier e Oliveira  
Francisco Benoni  
Francisco de Paula Lacerda Almeida Junior  
Fernando Carvalho  
Geraldino Xavier  
Honorino Malheiros  
Hyrán Bastos  
Heitor Annes Dias  
Henrique Giordani  
Irineu Torres de Vasconcellos  
Ibanez de Verney  
Ildefonso Simões Lopes Filho  
Ivo Barbedo  
João Neves da Fontoura  
João Baptista Luzardo  
João Maria Filho  
João Lubianca  
Jorge Vergueiro Silveiro  
José Hecker

José Margenat  
José Grimberg  
José Augusto Bezerra de Menezes  
José Fredolino Prunes  
Joaquim Luiz Osório  
Joaquim de Oliveira  
Julio Hecker  
Jaime Poggi  
J. B. Andreatti  
Leopoldo Villanova  
Luiz Guedes  
Luiz Vianna Filho  
Maria Vergueiro Malheiros  
Macário de Almeida  
Manuel Duarte  
Monteiro Lobato  
Nicolau Cristaldi  
Olympio Rocha  
Oscar Cezar  
Otto Prazeres  
Pedro Alexandrino de Borba  
Renato Kehl  
Ruy Vergueiro  
Renato Barbosa  
Roque Callage  
Tenack Wilson de Souza  
Tristão Ferreira  
Telemaco Pires  
Ulisses Nonohay  
Urbano dos Santos  
Vitor Russomano  
São ao todo 89, e talvez mais alguns que me hajam escapado em uma inspeção ligeira.

Finda, hoje, o ano de 1936. Agradeço a Deus o bem e as felicidades que me tem proporcionado, e, ao render-lhe a mais respeitosa homenagem, peço a sua divina proteção para mim e os meus, e que felizes e prósperos nos sejam os dias de 1937.

Passo Fundo, 31 de Dezembro de 1936.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p. 52-57.

Data : 02/01/1937

Título : 305 ESTEVÃO CRUZ

Categoria: Memórias

Descrição: Li, com inúmero pesar, no Correio do Povo, de Porto Alegre, em seu número de 25 de Dezembro último, a notícia do falecimento, no Rio de Janeiro...

Li, com inúmero pesar, no Correio do Povo, de Porto Alegre, em seu número de 25 de Dezembro último, a notícia do falecimento, no Rio de Janeiro, do meu prezado amigo, inditoso Estevão Cruz.

Muito jovem, de cultura invulgar, de gênio alegre e comunicativo, de caráter digno, bom e generoso, causou-me o seu passamento verdadeira tristeza, e daqui, do meu Passo Fundo, rogo, com fervor, a Deus pela sua alma.

Em meados de Setembro de 1936, encontrei-me com ele, no Rio, e, em agradável palestra, nos mantivemos alguns minutos em um café, na esquina da rua da Carioca com o largo do mesmo nome.

Soube aí que era noivo em São Paulo, e que, neste ano que corre, contrairia núpcias.

Viajei do Rio para São Paulo no noturno das 8 horas do 30 de Setembro, e Estevão Cruz viajou também no mesmo trem, em visita a sua noiva.

Tenho, em minha biblioteca, dois trabalhos seus: “Do grito, à palavra” publicado em 1931 e “Compendio de Filosofia” em 1933.

O primeiro traz a seguinte dedicatória:

“Ao ilustrado continuador de Hipócrates a Dr. Nicolau Araujo Vergueiro – uma das inteligências mais rutilantes que orientam as massas gaúchas, pró-democracia e liberdade, através a vastidão das coxilhas, no dorso opulento da serra, oferece o minúsculo Autor que



exíguo na envergadura intelectual, tem imenso o coração para aninhar um infinito de gratidão pelos reais favores que de sua generosidade esclarecida já recebeu. Passo Fundo, 15 de Janeiro de 1932.”

O outro traz a seguinte:

“Ao Dr. Nicolau Vergueiro, com grande apreço e estima, oferece o Autor. Porto Alegre, 30 de janeiro de 1933”.

Além desses estudos, publicou Estevão Cruz outros trabalhos: Teoria da Literatura, Antologia da Língua Portuguesa, Programa de Vernáculo, Programa de Latim e outros.

Atualmente residia no Rio, onde era representante da Livraria do Globo, de Porto Alegre.

O seu último trabalho, com que enriqueci as letras nacionais, foi: História Universal da Literatura.

Passo Fundo, 2 de Janeiro de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.57-59.

Data : 24/02/1937

Título : 306 UMA CONFERÊNCIA COM O FLÔRES

Categoria: Memórias

Descrição: Tendo os jornais do Estado do Rio Grande do Sul e São Paulo e os do Rio de Janeiro noticiado que eu tivera com o general Flores...

Tendo os jornais do Estado do Rio Grande do Sul e São Paulo e os do Rio de Janeiro noticiado que eu tivera com o general Flores uma grande e importante conferência política, explorando cada qual a seu modo, tive que, a respeito, dizer alguma coisa.

Procurado por um repórter do “Correio da Manhã” do Rio, na sala do café, assim me pronunciei, conforme consta daquele jornal do dia 22 de Janeiro de 1937: “Impressões do Sul, dadas pelo deputado Nicolau Vergueiro – Do sul, pouco se sabe. Entretanto percebe-se que o governador Flôres da Cunha continua em atitude de guarda. A propósito, pareceu-nos oportuno ouvir o deputado Nicolau Vergueiro, da Frente Única, que acaba de chegar do Sul. Respondeu-nos: Não tive, conforme se propalou, nenhuma conferência política com o general Flôres da Cunha. Fui, apenas, retribuindo gentilezas, fazer-lhe visita de cortesia: antes de tudo, prezo-me de ser

educado. As minhas relações pessoais e de amizade sempre pairam acima e à margem das minhas crenças políticas. Fui dos últimos a reatar relações com o general Flôres da Cunha, e quando apertei a mão que S. S. me estendeu, o fiz sinceramente, e sem interesses ocultos, como é do meu feitio e do meu caráter. Não sou companheiro político do general Flôres da Cunha nem do Sr. Getúlio Vargas e, nesse dissídio entre um e outro, só lastimarei se no meu Estado, por força das circunstâncias, for perturbada a ordem pública, de que tanto carecemos nesta maré montante de desenvolvimento e de trabalho, em todos os setores da vida do Rio Grande do Sul. O ambiente político do Estado é de grande expectativa, mas de inteira calma. De vez em quando, para perturbá-la, surge um boato, e o pior deles é a intervenção federal. Quanto aos “provisórios” de que me fala, é verdade que em alguns municípios tem gente reunida, e, ao que sei, a título de trabalhadores de estrada: no que resido: Passo Fundo, asseguro-lhe que não há, mesmo porque está ali localizado o terceiro regimento de cavalaria da Brigada Militar do Estado, com o efetivo aproximado de mil homens”.

- Regressei, ontem, do Rio, onde fui tomar parte nas sessões extraordinárias da Câmara Federal, demorando-me ali pouco mais de mês.

Passo Fundo, 24 de Fevereiro de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.60-62.

Data : 25/02/1937

Título : 307 UM DISCURSO NA CÂMARA

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciei no dia 2 de Fevereiro de 1937, conforme consta do “Diário do Poder Legislativo” do dia 4, n.º 540, à página 26.198, o seguinte pequeno discurso...

Pronunciei no dia 2 de Fevereiro de 1937, conforme consta do “Diário do Poder Legislativo” do dia 4, n.º 540, à página 26.198, o seguinte pequeno discurso:

“O Sr. Nicolau Vergueiro – (para explicação pessoal) – Sr. Presidente, coube-me, por indicação do deputado João Neves, líder da minha bancada, a tarefa honrosa de trazer ao conhecimento da Câmara e da Nação um ofício da Comissão Central da União Democrática Estudantil de Pelotas.

Os representantes da Frente única do Rio Grande do Sul, cuja orientação, nesse sentido, já é assaz conhecida, não regateiam seus veementes aplausos à mocidade estudiosa e patriótica de sua terra.

Eis o documento que vou ler:

“Exmos. Srs. Deputados da Frente Única Rio-grandense à Câmara Federal. Palácio Tiradentes. Rio de Janeiro. Respeitosas saudações. A comissão Central da União Democrática Estudantil de Pelotas tem o prazer de comunicar a Vossas Excelências a fundação nesta cidade, em 26 de Dezembro do ano findo, deste centro pró-democracia e contra os extremismos e espera que Vossas Excelências continuem lutando tenazmente a favor dos nobres ideais democráticos, a fim de impedir que as ideologias, vermelha e verde, logrem vencer em nossa Pátria, para completa felicidade e glória do Povo brasileiro.

Solicitamos aos ilustres representantes do nosso Estado que seja este officio lido nesse plenário, para que a Nação possa acompanhar o movimento patriótico desenvolvido pela mocidade a favor da ordem e das instituições democráticas, repelindo com todo o seu ardor qualquer ideia extremista. Sem mais, apresentamos as Vossas Excelências os nossos protestos de estima e consideração.

Pelotas, 15 de Janeiro de 1937.

Alcides G. Mendonça Lima, Carlos Francisco Casanovas, Jayme Gonçalves de Almeida, Antônio Ferreira Martins e Ernani Vaz Guimarães. Rua General Osório, 559”.

Passo às mãos de V. Ex. o original.

Era o que tinha a declarar (muito bem, muito bem).

Passo Fundo, 25 de Fevereiro de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.63-65.

Data : 01/03/1937

Título : 308 UMA ENTREVISTA AO CORREIO DO POVO

Categoria: Memórias

Descrição: Chegado, do Rio, a Porto alegre, pelo Aratimbó, a 21 do corrente, hospedei-me, como de costume, no Regina Hotel, onde, no dia 22...

Chegado, do Rio, a Porto alegre, pelo Aratimbó, a 21 do corrente, hospedei-me, como de costume, no Regina Hotel, onde, no dia 22, fui procurado por um representante do Correio do Povo para uma entrevista. Resolvi dizer algo, que foi não só publicado na íntegra por aquele diário como também transcrita em grande número de jornais do Rio Grande do Sul.

Eis a entrevista:

Ouvido o deputado Nicolau Vergueiro

Chegou, anteontem, do Rio de Janeiro, o deputado Nicolau Vergueiro, representante do Partido Republicano Rio-grandense na Câmara dos Deputados.

No cais do porto, recebeu os cumprimentos de amigos e correligionários, e mais tarde, onde se hospedou continuou a receber muitas visitas.

Pela manhã de ontem, o conhecido político e elemento destacado do Partido Republicano teve ocasião de receber um representante do “Correio do Povo” a quem fez interessantes declarações sobre o momento político.

Falando, primeiramente, de sua viagem, disse o seguinte:

“Não trago nenhuma missão política, nem tampouco incumbência qualquer do Dr. Borges de Medeiros. Venho ao Rio Grande do Sul a chamado de interesses particulares da minha profissão. Como é natural, porém, procurarei trocar impressões com os meus amigos sobre o atual momento político do país.”

E, após uma pausa, prossegue o representante republicano:

“A Frente Única aguarda, serena e confiante, o desenrolar dos acontecimentos. O ambiente é ainda de cerração, e nós estamos em atitude de expectativa, aguardando a convenção nacional para a escolha do candidato a suprema magistratura da nação”.

O deputado Vergueiro passa a referir-se, depois, às candidaturas presidenciais em gestação, dizendo-nos:

“Não temos por nenhum candidato preferencias ou prevenções. Muitos são os nomes vindos à tela: Oswaldo Aranha, Armando de Salles Oliveira, Góes Monteiro, Afonso Penna Junior, Levi Carneiro, José Carlos de Macedo Soares e Outros. Para mim, e faço questão de acentuar que falo em caráter inteiramente pessoal, aquele que reúne maiores probabilidades é o Sr. José Carlos de Macedo Soares”.

Indagamos, então, como encarava o próximo congresso dos dissidentes republicanos, convocado pelo Sr. Lindolfo Collor e, a propósito, nos disse o Dr. Vergueiro;

“Sobre o próximo congresso promovido pelo Sr. Lindolfo Collor posso assegurar-lhe que o Partido Republicano Rio-Grandense, pela palavra do eminente Dr. Borges de Medeiros desaprova, por completo, e, nesse sentido, ouvi do meu chefe categórica declaração de inteiro desacordo com essa reunião”.

A palestra desvia-se, naturalmente, para o exame de questões que se acham em debate na Câmara, e, à certa altura, o Sr. Nicolau Vergueiro refere-se ao incidente Pedro Vergara – Paulo Martins, motivado por certas relações em torno da questão do trigo, comentando: “Acho que o Sr. Pedro Vergara foi um tanto precipitado na sua comunicação à Câmara. Faço do colega Paulo Martins um elevado juízo, e estou convencido de que se trata de um homem digno, incapaz do ato que lhe foi atribuído.

A Comissão de Inquérito, composta dos Drs. Arthur Bernardes, Borges de Medeiros, Meira Junior, Salgado Filho e Arthur Neiva, até agora nada apurou contra aquele deputado. Logo que aquela comissão termine a sua tarefa, o Dr. Borges de Medeiros virá ao Rio Grande do Sul, o que penso será muito breve”.

Desejamos saber, então, como havia repercutido, no Rio, a entrevista do Sr. Renato Barbosa a propósito da tuberculose nos rebanhos bovinos do Rio Grande. O Sr. Nicolau Vergueiro atendeu-nos, frisando: “A entrevista do Sr. Renato Barbosa, sobre a tuberculose bovina nos rebanhos do Rio Grande do Sul, ecoou muito mal no Rio de Janeiro. O gabinete do Ministro da agricultura forneceu, há dias, a respeito, uma nota à imprensa, colocando a questão em seus devidos termos: em 1935, sobre 263.997 cabeças, matança feita só pelos frigoríficos, verificaram-se casos de tuberculose na percentagem de 0,17% (17 centésimos por cento) e, em 1936, sobre 853.000 cabeças, matança para exportação interestadual e internacional, a quota de tuberculose foi de 0,25% (25 centésimos por cento)”.

O deputado Nicolau Vergueiro fala-nos, então, sobre as suas atividades, na Câmara, dizendo-nos: “Sobre o meu projeto de lei, com referência ao exame médico pré-nupcial, tenho o desprazer de dizer-lhe que o mesmo está dormindo na Comissão de Saúde Pública. Em Maio próximo, em discurso que pretendo proferir, vou reclamar a vinda do projeto ao plenário e protestar pela injustificável demora de um assunto de tão relevante importância social. Muitos são os outros projetos de importância capital que tem tido a mesma sorte que o meu, e assim, geralmente acontece com todos os trabalhos que mais interessam à vida do país”.

Opera-se uma ligeira pausa e, a seguir, acrescenta o representante republicano: “Apresentarei, no decorrer da próxima sessão, um projeto de lei sobre a profilaxia do tracoma no Brasil, o que julgo ser de máximo interesse, em se tratando principalmente de um mal que está tomando um vasto surto de disseminação desenfreada no país”.

Finalizando a sua palestra, o Sr. Nicolau Vergueiro acentua: “Nesta sessão extraordinária, ocupei a tribuna parlamentar apenas uma vez, tecendo considerações e lendo um ofício dirigido à bancada da Frente Única na Câmara Federal pelo Centro Estudantil de Pelotas, a favor da pura democracia e contra todos os extremismos, quer da direita ou da esquerda, vermelhos ou verdes”.

Essa entrevista, pela sua atualidade, teve a mais ampla repercussão no Estado.

Passo Fundo, 1º de Março de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.66-73.

Data : 02/01/1937

Título : 309 ELEIÇÃO ESTADUAL DE 1925

Categoria: Memórias

Descrição: A Federação, então órgão do Partido Republicano, publicou, em Fevereiro de 1925, a seguinte

A Federação, então órgão do Partido Republicano, publicou, em Fevereiro de 1925, a seguinte:

“Proclamação

Devidamente autorizada, A Federação proclama candidatos do Partido Republicano à Assembleia dos Representantes, na eleição a realizar-se no dia 15 de Março próximo, os nossos ilustres correligionários.

1º distrito

Dr. Manoel Theófilo Barreto Vianna, professor, residente em Porto Alegre;

Desembargador Francisco de Souza Ribeiro Dantas, advogado, residente em Porto Alegre;

Dr. José Montauray de Aguiar Leitão, engenheiro civil, residente em Porto Alegre;

Ariosto Pinto, advogado, residente em Porto Alegre;

Dr. João Neves da Fontoura, advogado, residente em Cachoeira;

2º distrito

Dr. Armando Vitorino Prates, advogado, residente em São Vicente;

Dr. Anníbal Lopes Loureiro, advogado, residente em Cachoeira;

Major Alberto Bins, industrialista, residente em Porto Alegre;

Dr. Vitor Azevedo Bastian, banqueiro, residente em Porto Alegre;

Dr. Álvaro Sérgio Maserá, advogado, residente em Porto Alegre;

3º distrito

Coronel Frederico Linck, industrialista, residente em Porto Alegre;

Dr. Possidônio Mancio da Cunha Junior, industrialista, residente em Porto Alegre

Carlos Soares Bento, comerciante, residente em Porto Alegre.

Dr. Jacob Kroeff Netto, industrialista, residente em São Leopoldo.

4º distrito

Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, médico, residente em Passo Fundo;

Dr. Carlos Silveira Martins Leão, advogado, residente em Cruz Alta;

Dr. Aurélio de Lima Py, médico residente em Porto Alegre;

Tenente Coronel Arno Philipp, jornalista, residente em Porto Alegre;

5º distrito

Sérgio Ulrich de Oliveira, advogado, residente em Uruguaiana;

Padre Augusto Martins da Cruz Jobim, sacerdote, residente em Livramento;

João Lucas de Lima, fazendeiro, residente em Bagé;

José Fredolino Prunes, jornalista, residente em Alegrete;

6º distrito

Coronel Virgilino José da Porciúncula, capitalista residente em Rio Grande.

Dr. Donario Lopes de Almeida, fazendeiro em São João do Camaquã;

Dr. Manoel Luiz Osório, fazendeiro, residente em Pelotas;

Dr. Vitor Russomano, médico residente em Pelotas”.

Dessa relação, já são falecidos: Dr. Manoel Theófilo Barreto Vianna,

Desembargador Francisco de Souza Ribeiro Dantas,

Dr. Álvaro Sérgio Masera,

Coronel Frederico Linck,

Dr. Possidônio Mancio da Cunha

Dr. Carlos Silveira Martins Leão,

Tenente Coronel Arno Philipp,

Padre Augusto Martins da Cruz Jobim, e

Coronel Virgilino José da Porciúncula.

Nessa legislatura, fui eleito vice-presidente da assembleia logo em seu início, e no fim fui eleito presidente.

Passo Fundo, 2 de março de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.74-77.

Data : 03/03/1937

Título : 310 APPORELY

Categoria: Memórias

Descrição: Apparício Torelly, mais conhecido como Apporely, certa vez, em um café de Porto Alegre...

Apparício Torelly, mais conhecido como Apporely, certa vez, em um café de Porto Alegre, em 1917, dedicou-me o soneto abaixo, que improvisou no momento em que ali entraram algumas jovens da Cruz Vermelha Brasileira, angariando donativos.

Apporely é assaz conhecido em todo o Brasil, como poeta, boêmio e crítico.

Manteve, no Rio, durante muitos anos, o jornal A Manhã. Eis o soneto cujo original vai apenso:

“Ao Dr. Nicolau Vergueiro, como recordação.

Às moças da † Vermelha

A guerra, que assassina e que destrói,

Exige já meu sangue destemido!

Quanto grito de dor! Quanto gemido,

Que dilacera a alma e que corrói!

Se no campo da luta for ferido,

Hei de sorrir, feliz, como um herói!

Pois sucumbir assim, sendo atendido

Por uma deusa ideal... é bom que dói...

Sei muito bem que, à porta do hospital,

Entre muitos doutores de avental,

Com voz frouxa, a mão fria, o peito rouco;

Meus olhos baços, vendo à cabeceira

O vulto encantador d'uma enfermeira.

Fico bom da ferida e... morro louco.

10.11.1917. Apporely

Passo Fundo, 3 de Março de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian



Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.78-79.

Data : 15/03/1937

Título : 311 CRISTO E LÊNIN

Categoria: Memórias

Descrição: Proferi, ontem, na sede do Círculo Operário de Passo Fundo, perante enorme e repleta assistência, a seguinte conferência, cujo tema foi escolhido pelo próprio Círculo

Proferi, ontem, na sede do Círculo Operário de Passo Fundo, perante enorme e repleta assistência, a seguinte conferência, cujo tema foi escolhido pelo próprio Círculo:

Quando recebi o honroso convite que me foi endereçado por uma representação do Círculo Operário de Passo Fundo, para vir, neste plenário solene, a título de conferência, palestrar convosco, dupla dúvida assaltou-me o cérebro: a primeira, a escolha do assunto e a segunda, a insuficiência pessoal, agravada por inúmeros afazeres que, por assim dizer, tomam-me quase todas as horas úteis.

Negar-me, porém, não era possível, por isso que qualquer recusa por bem fundamentada e justa, poderia parecer descortesia ou desconsideração.

Muito longe de mim a ideia, mesmo vaga, de assim proceder, mormente em relação aos dignos operários de minha terra natal, constantes e enérgicos, francos e decididos, dedicados e sinceros propugnadores da grandiosa obra de progresso, tenazes e incorruptíveis obreiros de uma civilização cristã, e tanto mais quanto bem sabeis que, como médico, tenho, de contínuo, oportunidade de lhes penetrar o lar, nos momentos aflitos em que a vida bruxuleante distende os braços na ânsia natural de sua conservação, para lhes dar uma réstia de esperança ou lhes levar um raio de alegria e, quando não possível, pela contingência irreparável da morte, o conforto de uma palavra amiga.

Amigo dos operários de Passo Fundo, aqui estou, gostosamente, no cumprimento de um dever, que até chego a classificar de obrigação.

Na hora amarga e saburosa porque atravessa o mundo, quando todas as atenções se encontram voltadas para o labiríntico ferredouro da Europa na expectativa de dias tenebrosos, quando a heroica Espanha se vê a Braços com a mais cruenta das guerras civis, no momento de fúria armamentista que está estrangulando as finanças de muitos países, no instante em que o bolchevismo, ganancioso e louco, atira seus tentáculos em todas as direções, procurando asfixiar, ou melhor, esmagar as mais nobres e seculares instituições, nesta época de bancarrota da moral, de desmoronamento da razão e de desfalecimento da consciência, não se pode ocultar,

e de modo algum negar, que a nossa Pátria, pela sua privilegiada extensão territorial e pela sua incomensurável riqueza, é o grande alvo visado pelo corvejadores rasteiros do sangue e da tirania.

A onda devastadora e astuciosa do comunismo tem, é certo, batido, com insistência, às nossas praias, atirando, de vez em vez, ao seu solo, elementos indesejáveis, que visam transformar a amenidade do regime democrático, em que vivemos e prosperamos, no ambiente irrespirável e dantesco da Rússia.

Não resta dúvida que o Brasil, pelas suas imensas possibilidades e inexauríveis fontes de produção, seria ideal e magnífica presa, mas, tenho fé, enquanto Cristo perdurar no topo do Corcovado esse intento será vão, inútil e infrutífero. Posso assegurar-lhes que o governo da República está vigilante, agindo com serena energia, pronto a repelir qualquer intentona ou surpresa comunista, como, de modo expressivo, o fez, na Capital Federal, em 27 de Novembro de 1935.

Além disso, o povo brasileiro, cômico de suas responsabilidades e de suas prerrogativas constitucionais, educado na salutar doutrina cristã, não poupará esforços nem sacrifícios, mesmo do próprio sangue, para combater e liquidar o mal nefasto, que procura solapar o indivíduo, a família, o regime, a sociedade, a religião, a instrução, a ciência, a arte, a indústria, o comércio, a agricultura, tudo enfim.

Os adeptos de Moscou beberam inspirações em Lenin, Wladimir Ilitch Uliano; os devotos de todo mundo hauriram inspirações no filho de Maria – Jesus.

Ambos são fundadores de um sistema: bolchevismo e cristianismo.

Lenin e Cristo, antítese perfeita: o ódio e o amor, o mal e o bem, a treva e a luz, a mentira e a verdade, o destruidor e o construtor.

Comparar Lenin e Cristo é comparar o “camarada” ao amigo, a doença e a saúde, a serpente à estrela, o lodo à flor de laranjeira.

Tentemos rápido confronto, baseados na opinião de competentes e autoridades mundiais.

Escreveu René Fülöp Miller: “Sabemos, pela boca dos amigos e partidários de Lenin, o quanto ardia em ódio o seu pensamento todo, e tanto que essa exasperação, durante os últimos anos, chegou a produzir mudanças notáveis nos seus traços fisionômicos”.

Escreveu Sampaio Doria: “O russo considera, hoje, o maior estadista dos séculos, mas o universo o maior bandido que o mundo viu”. Escreveu Zinowieff: “O ódio era o elemento de Lenin; o grito cheio de dor do adversário, era para ele, “a mais bela música””.

Escreveu Alberto de Britto: “De Lenin se pode dizer o que de Atila escreveu Paul de Saint-Victor: “Parece que o quarto cavaleiro do Apocalipse se precipitou sobre a terra, montado num cavalo esquelético. E aquele que vinha montado se chamava a Morte; e o Inferno o seguia; o poder lhe foi dado sobre a terra para fazer morrerem os homens pela espada e pela fome. E quem não teria visto no exército de Atila o Inferno escoltando a morte”.

Escreveu Ramos de Oliveira: “Um coração cheio de ódio, um cérebro repleto de ironias, eis Lenin”.

Escreveu Gorky, em suas memórias, que, muitas vezes, tentou dissuadir Lenin de tanta crueldade.

Escreve Trotsky: “O camarada Lenin chegou à conclusão de que a mão de ferro era ele, ele tão somente”.

Escreveu o próprio Lenin: “O que mais me alegra é tão só o grito odioso da raiva e só conheço uma forma de reconciliação, tratando-se de adversários políticos: esmagar”.

E, agora, Jesus?

Jesus não admitia violências nem revoltas, pregava a paz entre os homens, exercitava o bem, praticava a caridade, curava os enfermos, mitigava os sofrimentos, amava as crianças, perdoava aos seus inimigos, apagava as labaredas do ódio, amparava os órfãos, sustentava a justiça, retratava a pureza, simbolizava a humildade, e os Evangelhos aí estão, em perpétuo incitamento de contestação, cheios de exemplos palpitantes que, à saciedade, comprovam as suas sentenças admiráveis: “Amai-vos uns aos outros”; “Deixai vir a mim os pequeninos”; “Perdoai-lhes, meu Pai, porque não sabem o que fazem”; “Bem aventurados os que choram, porque eles serão consolados”; “Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão consolados” e, assim, um imenso e interminável rosário de dogmas, cada qual mais edificante de bondade e de amor.

Escreveu Rénan: “Jesus nunca será ultrapassado. Entre todos os filhos dos homens, ninguém nasceu maior que Jesus”.

Escreveu João Jacques Rousseau: “Se a morte de Sócrates foi de um sábio, a morte de Cristo foi de um Deus”.

Escreveu Napoleão: “Ruem-se os tronos, quebram-se os cetros, desaparecem os impérios: só Cristo fica”.

Escreveu Ramos de Oliveira: “Os séculos se escoam, mas não se escoará jamais, do coração do gênero humano, o amor de Jesus. Não um homem morto, mas só um Deus ressuscitado poderia despertar amor assim tão imperecível”.

E, d'est'arte, difícil não seria vos citar a opinião de grandes nomes que a humanidade guarda eterna, com respeito e veneração:

Dante, cognominado o Homero do cristianismo;

Shakespeare, o maior poeta dramático da Inglaterra;

Pascal, geômetra, físico, filósofo e escritor francês, autor da “Apologia da religião cristã” e “Mistério de Jesus”;

Thomaz de Aquino, apelidado de Dr. Evangélico, o maior teólogo da Igreja;

Torquato Tasso, um dos mais notáveis poetas italianos;

Milton, autor do “Paraíso perdido”;

Chateaubriand, autor do “Gênio do Cristianismo”;

Descartes, o verdadeiro fundador da Filosofia moderna;

Bacon, notável chanceler inglês;

Bossuet, o gênio oratório;

Newton, o matemático por excelência;

Foch, o formidável general francês da guerra de 1914;

Simão Bolívar, intrépido fundador das repúblicas da Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Bolívia.

Ruy Barbosa, a “Águia de Haia” e a maior cerebração brasileira e tantas outras celebridades, como Fénelon, Racine, Schiller, Leibniz, etc.

Srs. – A civilização cristã é obra argamassada durante muitos e muitos séculos e está de tal modo constituída, que desafia todos os choques e embates, resistindo valentemente a todos os botes que lhe tem sido arremessados.

A dilatação do tempo, que tudo anestesia, corrói e destrói, vem, entretanto, aumentar, cada vez mais, a sua convicção, ressaltando a beleza inconfundível de seus preceitos, e, em decorrência, elevar o número de seus prosélitos.

É mais durável que o bronze, e não será uma teoria esdrúxula e daninha, que nada mais é do que o regime do sangue, da fome e da escravidão, que a venha derrocar ou destruir.

Cristianismo é antítese de comunismo: são sistemas completamente opostos, e, por inteiro, diferentes; repelem-se em todos os sentidos, pois um se baseia no amor e na bondade, e o outro na violência e na força.

Não quero e no momento não devo entrar no estudo das condições do operário russo e nem tão pouco na descrição do regime soviético: o tempo não permite e o lugar não é próprio, pois, além de ser tema enfadonho, é longo; mas tão só desejo chamar a vossa atenção para as palavras de Douillet: “A classe operária russa é a classe mais oprimida, mais explorada e mais infeliz do mundo”.

Entrai, agora, cada um, dentro da própria consciência, observai o desenrolar dos acontecimentos, examinai o vosso lar e as vossas posses, e vede a vossa apreciável situação econômica e moral, em pleno gozo da mais ampla liberdade, com todos os direitos assegurados por leis benéficas e protetoras: lei de acidentes no trabalho, lei de férias, caixas de aposentadorias e pensões, cooperativas, código de menores, sindicalização das classes patronais e operárias, e algumas outras que vem em amparo das vossas justas aspirações e do vosso direito.

Viveis livres em uma terra livre, forjando, em labor diário, as colunas mestras em que se assentam o progresso e o futuro do Brasil. O agricultor, por exemplo, tem, na Rússia, que vender o produto do seu trabalho ao Estado e pelo preço que este determinar; se não o fizer, será declarado burguês e, portanto, inimigo: o resultado do seu labor será imediatamente confiscado.

Continuai, assim, tendo Cristo por vosso lema, que, por certo, a felicidade vos sorrirá nos transe contínuos em que se debate a angústia humana.

Vede bem a brutalidade: no frontispício do Kremlin [Moscou] está gravado: “A religião é ópio para o povo”. Para o vosso bem, afastai sempre e sempre, do espírito as ideias subversivas ao regime democrático, e, mais, procurai com denodo, retirá-las do cérebro daqueles que, enganosamente, se deixam levar pelo canto da sereia, ou tomam em erro grosseiro, a nuvem por Juno.

Se é verdade que os bolchevistas tiraram os ricos dos seus palácios, não é menos real que despojaram os pobres dos seus tugúrios [barracos]. Nutro segura convicção de que os operários de Passo Fundo, cientes dos perigos dos tortuosos caminhos comunistas, não o trilharão jamais, tanto mais quanto são, antes de tudo, amantes extremosos de suas próprias famílias.

Quereis um exemplo, um só, do horror e da matança que tem ocorrido na Rússia?

É estatística, que vem consignada em vários autores; causa espanto e arrepio pela sua rude crueldade: sua simples enunciação produz frêmito de revolta e bramido de pavor.

Até 1921, foram, naquele país, assassinados pelos bolchevistas:

28 bispos,

1.215 sacerdotes,

54. 650 oficiais,

260.000 soldados

10.500 delegados de polícia,

48.500 agentes de polícia,

370.800 intelectuais

12.950 proprietários

192.350 operários e

815.100 camponeses.

Vejam, Srs., como os russos amam uns aos outros!

São, de tal jaez, os laços de sua solidariedade fraternal!

Saciaram e saciam o seu ódio em sangue irmão; ouviram e ouvem a orquestra satânica de gemidos; escutaram e escutam, pela noite afora, gritos de dor alucinante; gargalharam e gargalham às imprecações divinas; cravaram e cravam suas unhas em carne de seus patrícios, desde a mais tenra a mais esclerosada idade; assentaram a assentam, por fim, os alicerces de sua doutrina sobre cadáveres... e é sobre tal base que pretendem se impor ao mundo!

Não satisfeitos, ainda, do domínio terrorista de sua própria pátria, onde a revolução bolchevique destruiu toda e qualquer espécie de liberdade, procuram também, sedentos de mais sangue, famintos de mais carne e cobiçosos de mais território, difundir, pela face do planeta, a sua maldita e ruim concepção, que, em verdade, é caso de patologia.

O combate ao comunismo, diante do iminente perigo geral, tem que ser tenaz, contínuo, perseverante e sem vacilações, proporcional a incrível audácia e à extrema petulância do feroz adversário, que não escolhe meios para alcançar um fim.

Sejamos, muito e sempre, brasileiros, profundamente brasileiros, donos de nós mesmos, proprietários das nossas terras, senhores dos nossos lares, na posse plena dos direitos que uma constituição libérrima nos outorga, firmes e inabaláveis, repulsando, na vida individual ou coletiva, qualquer intervenção soviética.

E, agora, para terminar, com os meus melhores agradecimentos pela paciência e bondade de me ouvirdes, vos declaro que bem razão teve João Jacques Rousseau, quando disse: “O homem nasce naturalmente feliz, mas a sociedade o torna desgraçado”. E, a esta altura, pergunto-vos: Como evitar essa desgraça nesse mare-magnum de ciladas e de alçapões que a luta pela vida abre, constante e mais inesperadamente, ao homem?

Creio que a resposta é uma só: pela instrução. Sim, a instrução, mas a instrução cristã, que começa no lar, embalada pelos inesquecíveis cânticos maternos; vai pelas escolas, pela palavra

serena dos mestres; entra pelas oficinas, no deslizar das polias e no ranger das máquinas; espalha-se por todos os departamentos sociais, terminando nas tábuas do ataúde e nas pedras do sepulcro.

Tratai, cada vez mais, com inextinguível carinho, da instrução cristã dos vossos filhos, que, por certo, receberão os conhecimentos necessários para evitar os abrolhos e os precipícios do mundo, e para a necessária separação do joio do trigo, segundo a conhecida e notável parábola evangélica.

É de um grande filósofo a sentença: “É preciso trabalhar e instruir-se, porque o corpo do ignorante nada mais é do que o túmulo ambulante de sua alma”.

Trabalho e instrução, músculo e cérebro, força e inteligência, coragem e livre-arbítrio, ação e reação.

Operários de Passo Fundo, no dia em que comemorais, festivamente, o 5º aniversário da fundação do “1º Círculo no Rio Grande do Sul”, o vosso velho amigo, dando por finda a sua tarefa e a sua arenga, vos saúda cordial e efusivamente.

Passo Fundo, 15 de Março de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.79-101.

Data : 08/08/1937

Título : 312 UM OFÍCIO

Categoria: Memórias

Descrição: Eis o ofício que recebi do Sr. José Carlos de Macedo Soares, Ministro da Pasta da Justiça

Eis o ofício que recebi do Sr. José Carlos de Macedo Soares, Ministro da Pasta da Justiça:

“Rio, 10 de junho de 1937.

Sr. Deputado Nicolau Vergueiro, signatário da representação em favor dos presos sem culpa.

Em resposta ao apelo que me havíeis dirigido, solicitando a liberdade dos brasileiros e estrangeiros retidos nas prisões sem culpa formada e pronunciamento dos tribunais, tenho a honra de declarar-vos que um dos meus primeiros pensamentos ao assumir a direção deste Ministério, foi atender o problema de natureza tão delicada.

As visitas aos presídios desta Capital, empreendidas, como sabeis, para melhor conhecimento de suas verdadeiras necessidades, foram ditadas, outrossim, pelo objetivo de averiguar a situação daqueles detidos. Não vacilei em tomar a iniciativa já do vosso conhecimento.

Mais de 300 encarcerados já foram restituídos à liberdade, por ordem escrita do Sr. Cap. Filinto Müller, D. D. Chefe de Polícia.

Dentro das normas rígidas traçadas pelo Governo, é justo que sejam reparados os possíveis equívocos naturalmente oriundos do momento social brasileiro. Em face, porém, do desejo, de acertar, as portas das prisões abrem-se, agora, para aqueles que fizeram jus ao vosso apelo humanitário.

É o que tenho a honra de levar ao vosso conhecimento, apresentando-vos os protestos de minha elevada estima e distinta consideração.

O Ministro da Justiça e Negócios Interiores – (assinado) José Carlos de Macedo Soares

Passo Fundo, 8 de Agosto de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.101-103.

Data : 09/08/1937

Título : 313 UM DISCURSO NA CÂMARA

Categoria: Memórias

Descrição: Pronunciei, em 21 de Julho último; na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, o seguinte discurso...

Pronunciei, em 21 de Julho último; na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, o seguinte discurso:

– Volto, hoje, a tratar, de um dos assuntos que, pela sua excepcional relevância ao indivíduo e máximo interesse à nação, mais me tem preocupado ultimamente: a eugenia ou a higiene da raça.

Custa-se a acreditar que os dirigentes, responsáveis pelos destinos desta grande pátria, não tenham, até ao presente, cuidado com o preciso carinho de matéria de tal magnitude, que “estuda as leis da hereditariedade no que diz respeito à conservação e ao progresso do gênero humano,

no sentido de fomentar a reprodução dos melhores elementos e de restringir a fertilidade dos inferiores e incapazes”.

Ainda há poucos dias, tive oportunidade de ler o magnífico trabalho do desembargador Vicente Piragibe sobre “Infância abandonada e delinquente” em que o ilustre magistrado, estudando o sentido brasileiro do Serviço Social à infância, assim começa: “Ou salvamos a criança de hoje ou perderemos o Brasil de amanhã.”

Depois de impressionantes considerações sobre o Capital humano, Enfermidade Social, Herança, Influência do meio e outras, termina o seu estudo com uma conferência no laboratório de Biologia Infantil e do seguinte modo: “Não poderemos permanecer impassíveis, de braços cruzados, ante a sorte de milhões de brasileiros, ainda na infância ou em plena mocidade, que vivem algemados à miséria e à doença e que, desamparados caminharão para um cativo muito mais humilhante: o crime e o cárcere. É preciso defender o futuro do Brasil”

Aplaudo, sem reservas, os conceitos e as conclusões emitidas com o fim de melhorar o quadro atual do problema no Brasil.

É, porém, preferível prevenir a reprimir, evitar o mal a curá-lo, e só se pode atingir o melhor grau com a profilaxia da raça, dando a pátria crianças robustas e sadias, imunes de tara patológica.

Os homens que governam este país têm demonstrado, de público, desprezar os mais rudimentares princípios de política biológica. A sociedade deve, nesse sentido, ser comparada: é brutal permitir o nascimento de doentes e de anormais, peso morto e doloroso na sociedade.

Crime dos pais, a maior parte inconsciente, mas é crime consciente do poder público, que não se pode chamar à ignorância e que tem por dever impedir a geração de infelizes, de doentes e de criminosos.

Na recentíssima publicação “Século da Criança” brilhante trabalho do Dr. Oscar Clark, devotado estudioso dos problemas relativos à assistência social, conta o seu autor que sobre 4.300 reações de Wassermann, em crianças em idade escolar, verificou 1.211 resultados positivos, 28%, isto é, em cada grupo de 4 escolares há um com sífilis congênita. Em um total de 837 radioscopias e radiografias de pulmões de alunos, encontrou 41% doentes!

O meu projeto de lei, regulando o artigo 145 da Constituição Federal, sobre exame médico pré-nupcial, é um dos meios mais práticos de se erguer um dique à onda, cada vez maior, dos incapazes e dos doentes. É uma das faces mais interessantes da educação eugênica e necessitamos encará-la de frente para sua resolução, tão pronta quanto possível.

Porque não regulamentar e executar o exame médico pré-nupcial quando há três anos a nossa Carta Magna já o instituiu?

Será apenas simples idealismo por parte de alguns teimosos? Magnífico idealismo, que só visa o restabelecimento de brasileiro, que há de vir, dentro de linhas harmoniosas!

Será pura obsessão de alguns sonhadores? Abençoada obsessão, que só procura o império da saúde!

Será que a política absorve, neste país, todas as atenções e todos os cuidados?

Seja o que for; havemos, um dia, de triunfar, porque a causa é boa, e dentro de alguns anos aí estarão os resultados benéficos dessa lei protetora e salvadora.



Cumpra não desanimar: precisamos plantar para que a outra geração colha os frutos e não venha sofrer as desastrosas consequências do nosso descuido.

O Diário do Poder Legislativo de 15 de Agosto de 1936, publicando a ata da Comissão de Saúde Pública, inseriu, para estudo da mesma, a título de sugestões, um projeto de lei, de minha autoria, para regulamentação do artigo 145 da Constituição, relativo à apresentação pelos nubentes de prova de sanidade física e mental.

O mesmo jornal legislativo, de 2 de setembro daquele ano, consigna o discurso que aqui proferi sobre exame médico pré-nupcial. A Câmara dos Deputados da República Argentina, em sessão de 27 de Setembro de 1935, votou o projeto de lei, estabelecendo o certificado médico pré-nupcial. E aqui no Brasil?

Um projeto de lei que dorme há quase doze meses na Comissão de Saúde Pública!

Pouco se me importa que o meu projeto seja emendado, modificado por completo, substituído por outro, mas o que desejo é que surja um que venha bem servir à nacionalidade, zelando pelo aperfeiçoamento da raça: semelhante lei é necessidade brasileira.

Sr. Presidente, clamara para acordar é o que, neste momento, faço.

Passo Fundo, 9 de Agosto de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.103-110.

Data : 10/08/1937

Título : 314 DUQUE E WALLY

Categoria: Memórias

Descrição: Minha irmã Izaura fez-me presente, em Junho último, no Rio de Janeiro, de uma cachorrinha Fox...

Minha irmã Izaura fez-me presente, em Junho último, no Rio de Janeiro, de uma cachorrinha Fox, nascida em 18 de Fevereiro do corrente ano de 1937, à qual dei o nome de Wally.

Ela é um puro sangue: sua mãe Diana e seu pai Arlequim, de propriedade do Coronel Carlos Eiras e que são filhos de animais importados.

Ofereceram por Wally 300\$000. Comprei então, na mesma cidade, à rua 7 de Setembro, em exposição, um cãozinho da mesma raça e também nascido em Fevereiro deste ano, dia 15, e ao

qual chamei Duque. Foi-me entregue o seu pedigree, de puro sangue, que, em viagem, extraviou-se e, por isso, deixo de consignar sua filiação.

Trouxe-os para Passo Fundo, onde os cuido e trato com muito cuidado.

Duque custou-me 250\$000.

Desde o Rio e, principalmente, na longa viagem de estrada de ferro, via São Paulo Rio Grande, deram-me bastante trabalho e muita despesa, que calculo em cerca de 250\$000.

Vou deles tirar cria.

Dei-lhes os nomes de Duque e de Wally, porque estava em dia, naquele mês de Junho, nos maiores comentários dos jornais, das revistas cheias de fotografias, na tela dos cinemas e nas notícias da imprensa de todo o mundo, o casamento do ex-príncipe de Gales, ex-rei Eduardo VIII, atual Duque de Windsor, com uma americana, já divorciada duas vezes, de nome Wally Simpson.

Para a realização desse casamento, o príncipe de Gales renunciou ao trono da Inglaterra.

Wally Simpson é bem feia; seu marido, por certo, acha-a bonita.

Wally, filha de Diane e de Arlequim, é, de fato, linda, e o seu duque canino, com certeza, a achará mais do que linda.

Chegamos em Passo Fundo, depois de 72 horas consecutivas de viagem de trem, no dia 7 de Agosto, às 5 horas da manhã.

Passo Fundo, 10 de Agosto de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.110-112.

Data : 11/08/1937

Título : 315 OS ANIMAIS

Categoria: Memórias

Descrição: Li, em fim de 1936 “O livro de San Michele” de Axel Munthe e, em Junho de 1937, do mesmo autor

Li, em fim de 1936 “O livro de San Michele” de Axel Munthe e, em Junho de 1937, do mesmo autor, “O que o livro de San Michele não contou”. Não há dúvida de que este é um trabalho

interessante e bem digno do seu autor, mas classifico o outro como muito superior: um extraordinário, um grande livro.

De ambos, se verifica o grande amor do ilustre médico pelos animais, aos quais dedicava sempre muito afeto e não menos piedade, como comprovam vários de seus artigos.

Certa vez, Axel, em Nápoles, perdeu Tappio, o seu enorme cão favorito e que o acompanhava há muitos anos (dez). Ficou desesperado, quase louco e, a pedido do seu cônsul, toda a polícia daquela cidade recebeu ordem de procurar o cachorro.

Referindo-se a Axel, dizia o seu dedicado criado Cezar ao Sr. Cônsul: “Parla com lo cane como era um Cristiano” – fala com o cão como se fosse uma criatura humana – Enfim, depois de muitos dias de pesquisa, Don Salvatore Trapanese, um pobre, mas perigos homem da mais baixa camorra de Nápoles, e a quem Axel Munthe salvara um filho de cólera-morbo, motivo porque lhe era muito grato, o achou, entregando, desde logo, ao seu dono, sem querer a recompensa de muito dinheiro, que lhe fora oferecida: “Voi avete salvato la figlinola, io ho trovato lo cane – vá bene cosi!” – o senhor salvou minha filhinha, eu achei o cão – fica uma coisa pela outra!”

Assisti, na noite de 1º de Julho do corrente ano, no Rio de Janeiro, no cinema Broadway, a passagem de uma película brasileira, que focava diversas cenas da importante cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Entre estas, caça ao pombo, denominada tiro ao voo. Foram mortas com manifesta alegria, dos atiradores, muitas dezenas dessas lindas e amorosas aves e, depois, que fizeram delas?

Parece incrível: mandaram-nas todas, de presente, a um hospital de caridade!

Confesso que fiquei triste e revoltado em face dessa irreverência e disse, de mim para mim: maldita e falsa caridade à custa da vida desses infelizes pombos! São selvagens, brutos esses homens que, a fundo, revelam maus instintos, capazes de maiores brutalidades! E ainda chamam a tal gesto caridade! E chamam aquele Esporte?!

Sempre tive também muito amor aos animais: não gosto de caçadas, não possuo passarinhos engaiolados, não tenho animais acorrentados e detesto jardins zoológicos.

Vou, agora, para terminar, referir ligeiramente um fato ocorrido comigo, creio que nas minhas férias de 1901 ou 1902, quando segundo ou terceiro anista da medicina.

Passei-as em Passo Fundo, e, a convite do saudoso amigo Affonso Lima, fui passar alguns dias na fazenda do seu cunhado Ludgero Pereira da Cruz, no 3º distrito.

Certa tarde, atraídos pelo seu ronco característico, que faz enorme barulho, parecendo o de forte tempestade que se aproxima, fomos a um mato pouco distante, e fácil nos foi encontrar o bando de bugios. O meu companheiro atirou e matou um, e eu, ao apontar a arma para o outro, que era uma fêmea, mostrou-me esta, entre gritos alucinantes, diversas vezes, nos seus braços, o seu filho pequenino. Fiquei perplexo e horrorizado, e, por muita insistência minha, eu triste e aborrecido, o meu companheiro alegre, troçando de mim, saímos do local, lá deixando morto o desgraçado bugio, que mal algum nos fizera.

Esse acontecimento doloroso serviu-me de magnífica lição, porque, desde aí, observando melhor os animais e atendendo-os com mais benevolência, comecei a ter por eles um cuidado todo especial e, principalmente, carinhoso.

Passo Fundo, 11 de Agosto de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.113-118.

Data : 15/08/1937

Título : 316 UM BOLETIM

Categoria: Memórias

Descrição: Foi, hoje, largamente distribuído, nesta cidade e no interior do município, o primeiro boletim sobre a candidatura do Dr. José Américo de Almeida à presidência da República.

Foi, hoje, largamente distribuído, nesta cidade e no interior do município, o primeiro boletim sobre a candidatura do Dr. José Américo de Almeida à presidência da República. Aquele, que por mim foi redigido, leva assinatura de diversos correligionários.

Ei-lo:

Correligionário

“Temos o prazer de vos comunicar, solicitando a gentileza de transmitir aos demais companheiros da Frente Única e do Centro Cívico Getúlio Vargas que, em concorrida reunião, realizada no dia 11 do corrente, no Clube Pinheiro Machado, fomos eleitos no caráter de Comissão Central, para o fim especial de incrementar, no município, o serviço de qualificação eleitoral e o de propaganda da candidatura do eminente patricio Dr. José Américo de Almeida à presidência da República, no pleito de 3 de Janeiro próximo. Para a felicidade do Brasil, formemos, sem indecisão alguma, ao lado do ilustre paraibano, que é um trabalhador formidável, acostumado ao contato popular, sem luxo e sem preconceitos, servido por magnífica cultura, inteligência exuberante e honradez inatacável.

O nosso preclaro candidato bem concretiza as aspirações nacionais, no senso prático da realidade brasileira.

É o presidente que a Pátria está a reclamar, pela sua energia serena e pelo conhecimento perfeito dos assuntos que mais interessam a sua vitalidade, principalmente no grave instante porque atravessa o país, ameaçado por terríveis inimigos, que procuram, a ferro e a fogo, destruir a democracia, cujo salutar regime nada mais é do que o do povo, com o povo e pelo povo.

A causa que defendemos é a boa causa do Brasil, que necessita e quer seguir o seu glorioso destino, guiado por um presidente de caráter, de têmpera e de valor pessoal.

Não vos deixeis embair por tolos raciocínios; não vos embaleis em aparências enganosas; desprezai as ameaças daqueles que vos sufocam com impostos; pensai no vosso futuro e no futuro da República e mostrai, nas urnas, que sois, antes de tudo, brasileiros, votando em José Américo e cumprindo, assim, de sã consciência, o vosso dever cívico.

Levar a todos a certeza de que a nossa vitória, de Norte ao Sul, será estrondosa.

Passo Fundo está cansado de ser ludibriado e precisa reagir dentro da lei; meditai um pouco nestas palavras, que encerram uma verdade cristalina: o governo do Estado tudo prometeu à nossa terra, nada lhe deu e, o que é pior, retirou-lhe tudo o que pode.

Com os protestos de toda a estima e respeito, estamos inteiramente à vossas ordens, nesta cidade, no Centro José Américo. Avenida General Netto, 391, perto do edifício do Fórum, onde, com satisfação, esperamos receber aos vossas ordens.

Passo Fundo, 15 de Agosto de 1937.

Presidente de honra

Dr. Nicolau Araujo Vergueiro

Pelo Partido Republicano

Dr. Tenack Wilson de Souza

Dr. Mauro Pinheiro Machado

Frederico Graeff Filho

Hermínio Silveira

Affonso José da Silva Primo

Pelo Partido Libertador

Antônio Carlos Menna Barreto

Lino Schell de Quadros

João A. Miotto

Gomercindo dos Reis

Martins Zimmermann

Pelo Centro Cívico Getúlio Vargas

Arthur Ferreira Filho

Dr. Armando de Souza Kanters

Dr. Odalgiro Correia

Adão Kern

Philomeno Pereira Gomes

Passo Fundo, 15 de Agosto de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.118-122.

Data : 21/08/1937

Título : 317 INTRIGA QUE CAIU

Categoria: Memórias

Descrição: Tudo o Partido Republicano Liberal, de Passo Fundo, distribuindo, em boletim, o último discurso de João Becker, precedendo-o de comentários intrigantes, fiz, hoje, espalhar o seguinte, sob a epígrafe acima:

Tudo o Partido Republicano Liberal, de Passo Fundo, distribuindo, em boletim, o último discurso de João Becker, precedendo-o de comentários intrigantes, fiz, hoje, espalhar o seguinte, sob a epígrafe acima:

– Os nossos adversários, na vertiginosa queda em que marcham para o abismo da derrota, lançam mão de todos os recursos ao seu alcance, procurando segurar-se em todos os galhos, mesmo os mais frágeis, explorando os acontecimentos à mercê das suas paixões, deturpando-os de modo lastimável, a fim de criar ambiente de confusão, do qual pensam tirar partido.

Nós, porém, aqui estamos, na estacada, para o restabelecimento dos fatos e da verdade.

Ainda agora, a propósito do discurso do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, D. João Becker, distribuído fartamente em boletins, sob o título “Passo-fundenses, alerta”, usaram daquele meio.

Nada teríamos a ver com semelhante publicação, se não a fizessem preceder de comentários, em que a má fé impera e a verdade claudica, quando se referem ao eminente Dr. Getúlio Vargas, honrado presidente da República.

Equiparar a ação ponderada do preclaro rio-grandense com a atitude de força e de irreverência do integralismo e do comunismo é grosseria aplastante, ou, então, consequência de formidável cegueira mental.

Para respondê-los, esmagando e pulverizando suas perfídias, nos basta tão só transcrever do “Correio do Povo” de 5 de Agosto do corrente ano, o seguinte:

“O discurso de d. João Becker e o atual momento político do Rio Grande do Sul. O arcebispo metropolitano avistou-se com os representantes da Frente Única e da dissidência do P.R. Liberal – Agitaram-se nos últimos dias os círculos políticos desta capital, em face da interpretação dada a diversos conceitos contidos no discurso pronunciado pelo arcebispo metropolitano, D. João Becker, por ocasião do encerramento das solenidades do Primeiro Congresso Eucarístico do Rio Grande do Sul. O assunto passou logo a polarizar a atenção de todas as camadas, formando-se, a propósito, duas correntes de opinião, uma favorável, outra contrária ao significado que se emprestava a determinados trechos de caráter eminentemente político do discurso em referência.

Logo após o Congresso o deputado Adolpho Peña requereu à Assembleia Legislativa que se inserisse o discurso de D. João Becker nos anais, sendo o pedido encaminhado, de acordo com o regimento interno, para ser submetido a parecer, à Comissão Executiva.

Sucedeu, no entanto, que, nesse interim, foram endereçados vários telegramas ao arcebispo metropolitano em que se demonstrava a estranheza que causaram os conceitos políticos de seu discurso no espírito público.

D. João Becker convidou, então, vários representantes dos partidos oposicionistas para um entendimento a respeito, tendo sido designados pelas respectivas correntes dos Srs. Deputados Adroaldo Mesquita da Costa, Camillo Martins Costa e Cylon Rosa, que se mantiveram em demorada palestra com s. ex. Durante a palestra, o arcebispo metropolitano esclareceu aos representantes da Frente Única e da Dissidência do Partido Republicano Liberal que os conceitos políticos de seu discurso, que tantos comentários despertaram, se ajustavam exclusivamente aos movimentos revolucionários de 1924 e 1930, não à situação atual da política do Rio Grande e do país, apresentando diversos documentos que confirmavam as atitudes que adotara em tais oportunidades. Finalmente s. excia. Ainda deslavou que, na atual contenda política, quer manter-se em completa neutralidade, visto que tanto o governador do Rio Grande, como o presidente da República, lhe merecem o mesmo grau de consideração”.

Eis a verdade, que merece ser conhecida.

O rasteiro expediente, felizmente, não logrou nenhum resultado, por isso que não conseguiu impressionar a ninguém.

Os nossos patrícios da cidade, da campanha e da colônia, inteligentes e espertos, se bem sabem distinguir o joio do trigo, o falso do verdadeiro, melhor conhecem os homens desta terra: a eles cumpre julgar.

A sentença condenatória dessa exploração, que arrasta, ingloriosamente, o nome da mais alta autoridade eclesiástica do Estado, digna, por certo, de todo o respeito, já foi lavrado e é inapelável.

Passo Fundo, 21 de Agosto de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.123-128.

Data : 29/08/1937

Título : 318 COMÍCIO PRÓ JOSÉ AMÉRICO

Categoria: Memórias

Descrição: Realizou-se, hoje, à praça Marechal Floriano, nesta cidade, perante grande assistência, o primeiro comício pela candidatura do Dr. José Américo de Almeida à presidência da República.

Realizou-se, hoje, à praça Marechal Floriano, nesta cidade, perante grande assistência, o primeiro comício pela candidatura do Dr. José Américo de Almeida à presidência da República.

Foram, pela ordem, oradores os Drs. Nicolau Araujo Vergueiro, Mauro Pinheiro Machado, Armando de Souza Kanters e Odalgiro Correia.

Eis o meu discurso:

- Princípio de clarinada -

Neste luminoso dia, em que a natureza despertou cantando, como enamorada das nossas aspirações, nesta radiosa tarde, cheia de vida e de esperanças, em que o sol se mostra em todo o seu magnífico esplendor, cabe-me a honra, como sentinela avançada da Frente Única desta terra, de dar a primeira clarinada de “sentido” na luta cívica de 3 de Janeiro do próximo ano, chamando a postos os valorosos correligionários para a eleição do mas alto magistrado do país, cuja sorte depende do voto, que é, em síntese, nas democracias, a corporificação do pensamento político.

Aqui estou no cumprimento desse dever patriótico, empolgado de grande entusiasmo pelo maior pleito democrático da história brasileira.

É bom de ver que propulsiona-me o coração o mesmo ritmo de sempre: a fé inabalável pela nossa causa, cujo fogo sagrado mantive e mantenho aceso, dia a dia, sem um instante sequer de esmorecimento, apesar de todas as vicissitudes, de todos os contratempos e de todas as decepções oriundas da falsidade de certos homens.

Nós somos a voz daqueles que não traíram seus compromissos, nunca temeram os déspotas, jamais se intimidaram com as ameaças, em tempo nenhum se subjugaram aos prepotentes e nunca jamais venderam, por um prato de lentilhas ou por um milhão, a sua consciência.

- Estrada íngreme -

A estrada, é verdade, tem sido íngreme e longa, por vezes crivada de espinhos, marginada de cárceres e de túmulos, que felizmente já ficaram para trás, mas cuja recordação é hóspede habitual de nossa memória.



No passo cadenciado e firme da nossa resistência moral, barreira inexpugnável onde se esboroaram todas as cargas e todas as investidas, é que reside o valor indescritível dessa luta homérica, mostrando a vontade impávida e resoluta dos que dentro de suas convicções, sabem querer e são indomáveis.

Estamos quase no fim da áspera jornada e precisamos levar ao conhecimento dos nossos companheiros a certeza de que não muito longe está o despontar do dia, em que desfraldaremos, de vez, a rutilante bandeira da vitória.

- Torçam as orelhas -

Torçam as orelhas os usurpadores, empalideçam os trânsfugas, esperneiem os hipócritas, uivem os bajuladores, exasperem-se os maus e os desleais: na mesa do banquete, em que se come há 7 anos, só restam cascas, ossos e caroços.

- Hora cívica -

Aproxima-se a hora cívica e pacífica da prestação de contas e, pouco a pouco, vai o povo, esbulhado de seus direitos, recuperando suas franquias legais.

Quando dois partidos, como o Republicano e o Libertador, aliados desde 1930 e mais unidos desde 1932, atingem um longo período de vida, de trabalho constante e de atividade ininterrupta, podem vangloriar-se da conquista de títulos, que bem alto marcam a sua dignidade e proficiência.

Nessa marcha para frente, atravessaram juntos períodos amargos de dissabores e de adversidades, que hoje servem de fortes elos para sua maior compreensão e melhor entendimento.

Cresce, cada vez mais, diante de fatos altamente expressivos, a confiança do Rio Grande do Sul na ação da Frente Única que, longe de decepcionar, vem conquistando novos símbolos à gratidão pública, ao passo que os seus adversários, no tremor febril e farfalhante da manutenção do poder, vem se desprestigiando no conceito de todos, que não mais acreditam nos seus processos e, muito menos, nas suas promessas.

- Promessas -

Promessa como a de que Passo Fundo tinha o direito de saciar contra um governo não passa de, permitam-me repetir a gíria popular carioca: conversa mole para boi dormir. Que tem do atual governo, e de importância, a nossa terra conseguido?

Respondam: – Onde está a estrada de ferro do Irai?

Respondam agora: – Por onde cruza a decantada faixa de cimento que vai a Porto Alegre?

Respondam mais: – Onde o digno Dr. Nelson Ehlers, cuja administração honrada sou o primeiro a proclamar, conseguirá, com auxílio do Estado, o dinheiro para a realização do projeto de águas e de esgotos?

Respondam ainda: – Terá este município direito de explorar, para fins industriais, uma cascata encravada em seu próprio território?

Respondam ainda mais: – Cassaram-nos esse direito, já consignado em lei especial?

Respondam também: – Transferiram ou não esse direito a outro município?

Respondam além disso: – Onde fica localizada a estação experimental do trigo?

Respondam neste instante: – Por onde passam os trilhos da via férrea a Bento Gonçalves?

Respondam nesta hora: – Qual a providência, que tomou, para a construção, nesta cidade, do edifício dos correios e telégrafo?

Respondam neste momento: – Qual a sua interferência na localização, aqui, de uma agência do Banco do Brasil?

Respondam mais: – Em que prédio funciona a agência dos correios de Sede Teixeira?

Respondam enfim: – Qual o melhoramento concreto desse governo a Passo Fundo?

O povo de minha terra, do alto de sua soberania, estribado na sua dignidade, que lavre a sua sentença inapelável.

- O jogo -

Quanto a mim, senhores, só conheço uma realização: o jogo, “o grande putrefador” que aqui, até como deboche social, campeia livremente, sob todas as formas, roleta, bacarat, vispora [bingo], bicho, osso, etc., sugando a economia popular, corroendo, como cancro que é, os tecidos sãos, empobrecendo, arruinando, levando à miséria e ao suicídio, para gaudio e bem de alguns exploradores.

O Estado, como órgão de tutela social, e o Código Penal prevê o caso, não deve e não pode permitir o jogo, nem nos boliches nem nos grandes cassinos, instalados, com fartura de luxo, e todos os engodos, do Norte ao Sul do país?

Dizem, por aí, que essas casas de tabolagem pagam pesados impostos, mas para quem? Torno eu a perguntar.

Quem mete no bolso esse polpudo dinheiro?

Estou informado de que este tributo não entra para os cofres do município, a não serem as taxas consignadas na lei orçamentária.

E o resto?

A charada não é de difícil solução, ou melhor o mistério é fácil de desvendar.

- Dissidência liberal -

A formidável dissidência, que se formou, reunida, ultimamente, em brilhante e memorável congresso, abrindo enormes claros no seio do partido governamental, chefiada, na Assembleia de Estado, por um denodado grupo, de têmpera toledana e de caráter inamolgável, que não confunde disciplina com submissão, fatigada de assistir um verdadeiro rosário de abusos e de ilegalidades, é prova cabal de que o povo sul-rio-grandense defende os seus direitos conspurcados, num gesto de altivez e de dignidade, e eis como, de modo lapidar, se expressou o senador Augusto Simões Lopes: “Um partido não é o autoritarismo de um chefe e este não usufrui o monopólio da opinião”.

Aliados à Frente Única para o combate ao inimigo comum, já o Rio Grande do Sul percebe e sente os benefícios do embate.

Hosana a esses bravos gaúchos!

- Progresso, impostos e miséria -

O progresso, que se observa em todos os setores da vida, principalmente na fonte de comércio e das indústrias, não deve, de modo algum, ao Estado, como pensam os insensatos e gritam os vis acusadores a sua maior expansão.

O crescente desenvolvimento geral tem como causa imediata e direta a iniciativa particular, em poucos anos de paz, numa constante e ansiosa trepidação de trabalho permanente e produtivo, sobrepujando todos os obstáculos.

Aí está, um desafio de contestação, o delirante argumento de impostos, que vêm ferir não só aos poderosos, tantas vezes embaraçados para satisfazê-los, mas, e mais a fundo, aos pobres, que já vivem sem casaco e com a camisa suarenta em pedaços.

Para os magnatas, esquecidos de que há uma população, curtindo duras privações e rijas provações, que temperam o ânimo; para os ricos indecentes olvidados de que a doença chicoteia implacavelmente aos deserdados da fortuna; para os espertalhões que se encastelam em leis favorecedoras, criadas a dedo e a jeito; para os vivarachos desalmados que passam à tripa forra, amontoando, todos os anos, centenas, quiçá milhares de contos de reis; para semelhantes indivíduos a desgraça alheia, a infelicidade de um povo não têm a menor importância.

Enfim –

Enfim, meus amigos, aguardemos confiantes os acontecimentos, mantenhamo-nos na mesma intransigente posição, amemo-nos cada vez mais, porque os primeiros tons roxos da aurora, prenúncio de melhores dias, já aparecem no horizonte, assustando os fariseus políticos, que sempre temem a luz do sol.

- Extremismos -

É evidente que os extremismos, quer da direita, quer da esquerda, procuram golpear o regime democrático em que vivemos e queremos viver, em que prosperamos e queremos prosperar, e agora, mais do que nunca, em face das ameaças, das práticas e normas da democracia, que elementos suspeitos procuram solapar e destruir, que surgem de todos os quadrantes, precisamos defender as instituições em vigor com mais denodo, numa demonstração da vitalidade do povo brasileiro, e o entusiasmo despertado em todo o país, mormente no Rio Grande do Sul, pela candidatura do Dr. José Américo de Almeida, revela a confiança do povo e o seu máximo interesse pela salvação da democracia no Brasil.

Vivamos com o que é nosso, deixemos as ideologias esdrúxulas, as teorias exóticas, importadas de outros países: uma, o bárbaro comunismo que “permite tudo a todos” e outro, em que o juramento é renúncia da própria individualidade, inteira abdicação do eu, que afirma textualmente: “o nosso chefe (Plínio Salgado) dedica à tal opinião pública o maior solene desprezo” e ainda “a irreverência é o nosso método” e mais esta desconcertante declaração, que bem deveis gravar na vossa memória, para tê-la constantemente diante dos olhos: “Não viemos para nos submeter à opinião pública, mas para subjuga-la e fazer dela o que quisermos”

Tal é o espanto, pela sua brutalidade, que esses conceitos causam, que até parecem irreais, mas não estou fantasiando e tudo o quanto, nesse sentido, acabo de vos transmitir, lá está escrito no livro “Cartas aos camisas verdes” à página 199.

Regime de força, de absolutismo, de mandonismo, de cassação e de esmagamento da opinião pública, de escravidão enfim.

Defendamos o que é brasileiro: nem para a direita nem para a esquerda: para frente, com a democracia, que é a liberdade!

O atual pleito

Os dois candidatos

Atinentes considerações

O atual pleito presidencial da República é, para nós, de dupla significação, ambas capitais, uma de caráter geral e outra regional, e do seu resultado dirá, em breve, o futuro do Brasil e, principalmente, o deste Estado.

Eleito o nosso candidato, o ilustre Dr. José Américo de Almeida, e o será, não se iludam, pois está amparado pelas forças vivas da nação, abrem-se nos naturalmente as portas para a vitória final no Rio Grande do Sul.

Cerremos Fileiras, sem a mais leve indecisão, ao lado do preclaro paraibano, que é um trabalhador formidável, dotado de magnífica cultura, de brilhante inteligência, de energia serena e de inexpugnável honradez.

Com tais requisitos, bem encarna as aspirações nacionais e é bem o homem de que a Pátria precisa. Vindo de baixo, crescendo pouco a pouco, formando o seu espírito no senso prático da realidade brasileira, com o seu nacionalismo vigilante, é perfeito conhecedor das necessidades de todas as camadas sociais: é um desses homens que se tem feito a golpes de estudos e de trabalho eficiente, galgando as mais altas posições só pelo seu grande mérito, e a quem, com justiça, se pode aplicar o conceito de Rostand, sobre o subir sozinho.

José Américo de Almeida falou ao povo, pela primeira vez, em 31 de Julho último, na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro, a linguagem clara do cidadão sensato, que bem ama e quer servir à sua terra: o seu discurso foi uma notável lição de democracia e de brasilidade.

Não prometeu transformá-la em um paraíso, mas assegurou governa-la com a altivez e a honradez, compatíveis com o nosso caráter.

A propaganda de sua candidatura não é feita como quem faz reclame de panaceias medicinais a peso de ouro.

Os dois comícios, ali realizados, tiveram aspectos inteiramente diferentes: um, efetivado à noite, sob a luz de milhares de lâmpadas elétricas, com bancada reservadas, tribunas oficiais, tapetes da Pérsia, colunas artísticas, distribuição de distintivos esmaltados, balões e fogos de artifício, enfim, sob o luxo de príncipe encantado, por isso mesmo que o seu candidato, Sr. Armando de Salles, é um representante do capitalismo e dos palácios, genuína expressão da plutocracia; – o outro, levado a efeito numa praça pública, sob a luz do sol, sem a menor pompa artificial, sem nenhum ornamento, a não ser o comparecimento de todas as classes sociais e verdadeira vibração da massa popular, por isso mesmo que o seu candidato, Sr. José Américo de Almeida, é, por sua vez, lidima [autêntica] expressão da democracia e do nacionalismo.

Não dispõe de recursos para atirá-los nesse ridículo mercado de compra de votos e, se rico fora, do mesmo modo não o faria, por isso que o seu feitio moral repele semelhante indignidade, que avilta a quem recebe a mais rebaixa a quem paga.

Econômico e metódico, contrário a toda e qualquer opressão, não é o nosso candidato nascido na opulência, na riqueza e na abastança; não traz no bojo o vício dos políticos perdulários e esbanjadores, cujo programa é gastar, gastar mais, gastar sempre e, para isso, impiedosamente, sobrecarregam o povo de impostos.

Quereis ver como se tem gasto em São Paulo?

Em menos de 40 meses de administração pública do Sr. Armando de Salles, nos anos de 1934, 1935 e 1936, houve um déficit orçamentário de mais de 650 mil contos.

Quereis ver, agora, naquele período, o aumento de impostos em São Paulo?

Um escritório de representações, que pagava 1.000\$, passou a pagar 20:000\$000; uma alfaiataria passou de 1:000\$000 a 5:000\$000; os bancos de 30:000\$000 a 300:000\$000; os matadouros de 50:000\$000 a 1:000:000\$000; os depósitos de cimento de 500\$000 a 180:000\$000; de papeis e papelão de 1:000\$000 a 120.000\$000; de ferragens de 5:000\$000 a 150:000\$000; de fósforos de 2:000\$000 a 80:000\$000; de fazendas de 5:000\$000 a 100:000\$000; farmácia de 500\$000 a 5:000\$000 e assim por diante! Mirem-se os brasileiros nesse espelho e vejam a sorte que lhes espera se o nosso adversário fosse eleito!

A situação financeira do Brasil, que poderia e deveria ser oportuna, pelas excepcionais fontes de produção do país, está a pedir, para defesa de seu patrimônio, o governo de um homem que encare, de rijo, as suas melhores possibilidades, resolvendo estes problemas da maior importância para a vida da nação, procurando aumentar sua receita, não criando pesados gravames, mas no fomento de indústrias novas, no amparo das já existentes, no desenvolvimento do comércio, no plantio do trigo, na extração da borracha e muitos outros ramos de atividade, como a exploração do petróleo, o ouro líquido, que, por certo, e por si só, poderá, já não digo equilibrar, mas salvar a angústia do país, evitando, assim, que mandemos, o que não deixa de ser doloroso, aos Estados Unidos, os nossos financistas negociar outros compromissos, 60.000.000 de dólares, em moeda brasileira um milhão de contos, e novas protelações da nossa dívida externa, em grande atraso.

Do nobre Sr. Armando de Salles, ou melhor “imperial” como o adjetivou o seu correligionário Assis Chateaubriand, se pode dizer que o seu feitio e a sua formação afastam-no do contato popular, ao passo que de José Américo se pode afirmar que está vinculado, de perto, à massa e aos problemas que mais interessam à coletividade.

Não quero me furtar ao prazer de lembrar as suas próprias palavras, sobre seu nível único em todas as posições: “Ninguém dirá que me inclino de cima para baixo com o gesto constrangido de quem quer subir, descendo, para subir ainda mais, porque foi esse sempre o meu nível, em todas as posições. Sempre me achei, ombro a ombro, entre a gente pobre, com o homem da rua, na onda humana em que vivemos muitas vidas, esquecendo a nossa, para podermos sentir a própria humanidade. Como Ministro de Estado, minha mais elevada função de governo, não deixei esse convívio. Sentei-me nos bancos duros de bondes plebeus; andei, a pé, aos encontrões, de mistura com todas as camadas; entrei nos jardins abertos rodeado de guris que não tinham casa onde brincar; assisti à luta dos trabalhadores e chorei as lágrimas dos mártires no martírio da seca. Não sou um estranho no seio das massas. Nunca as olhei de cima, cheio de importância, como se fossem um lastro insignificante da nossa formação”.

José Américo de Almeida, educado na simplicidade e pureza de costumes da boa gente do nordeste, sem vaidade, sem orgulho, sem luxo, sem preconceitos subalternos, com inteligência,

cultura, capacidade de trabalho e honradez, predicados imprescindíveis ao homem de Estado, principalmente nesta época de derrocada moral, tem ainda a recomendá-lo o seu grande espírito de Brasilidade. Votar em um cidadão desse quilate é contribuir para o bem e para a felicidade do país e, ao mesmo tempo, para o seu próprio bem e a sua própria felicidade.

Ministro da Viação do governo provisório, mereceu, desde logo, a consideração, o respeito de seus patrícios pela sua ação vigilante e decidida pela causa pública, ação que não transige com as sanguessugas estrangeiras e, muito menos, com os inimigos da Pátria.

Entre outros, o seguinte fato, que revela sua ação construtora naquele posto de administração: o povo carioca era escorchado pela poderosa companhia inglesa Light and Powder, denominada “o polvo” na boca dos pequenos consumidores, com pesadas taxas de luz e de gás. Em 5 de Janeiro de 1934, depois de esgotados todos os anúncios suasórios de entendimento, José Américo baixou, corajosamente, o decreto número 23703, modificando as taxas contratuais, de modo que, segundo cálculos oficiais, a população do distrito federal fez, até abril do corrente ano, a espantosa economia:

Em luz – 200.585.398\$000

Em gás – 101.355.318\$000

- A Frente Única e eu -

A direção da Frente Única do Rio Grande do Sul, depois de observar o panorama nacional, cuja hora, que passa, preocupa os dirigentes da nação, ameaçada, de contínuo, por ferozes e ocultos inimigos, que procuram dar o golpe de um momento para outro, tramando as escuras, contra a vida constitucional; depois de somar sua enorme responsabilidade em face dos acontecimentos; depois de examinar detidamente o assunto da sucessão presidencial; ciente do seu dever, resolveu dar franco apoio aquela candidatura e aconselhá-la aos sufrágios dos seus correligionários.

Eu votarei em José Américo de Almeida e, cheio de convicção, recomendo o seu nome para receber os votos daqueles que, sobremodo, idolatram o Brasil, que necessita seguir o seu glorioso destino e querem vê-lo, num verdadeiro ambiente de ordem e de progresso, elevado ao maior conceito, dentro e fora de suas fronteiras.

- Fim de clarinada -

Ouvidas essas considerações, que são o reflexo puro e cristalino do modo de pensar e de agir do vosso velho chefe e amigo, que tem a ufania de dizer, de público e rajo, que nunca vos faltou com a verdade, nunca vos traiu, nunca lançou mão de subterfúgios nem de palavras dúbias ou meios indecorosos para ludibriar a vossa boa fé, e, igualmente, sempre esteve, ao vosso lado, como barra paralela, em todos os instantes, bons e maus, na defesa intransigente das aspirações coletivas e das garantias individuais, agora, senhores, meditai bem e muito e, guiados exclusivamente pelo vosso cérebro, comparecei às urnas, votai com desassombro, resolvi como quiserdes, como melhor julgardes, mesmo porque é certo: cada povo tem o governo que merece.

Ao deixar esta tribuna, levo a certeza de que o nosso Passo Fundo, pelo seu eleitorado que não sabe o que é corrupção, cumprirá, com galhardia, o seu dever cívico, em 3 de Janeiro próximo.

Aí fica o meu sincero aviso, aí está o meu sereno conselho, aí vos deixo o meu veemente apelo e assim termina esta primeira clarinada de “sentido” que, espero, ecoará em todos os recantos,

nas coxilhas e nas baixadas, nos campos e nos sertões, da cidade aos núcleos coloniais, das escolas às fábricas e às oficinas, penetrando na consciência dos homens livres, para maior glória da terra de Júlio de Castilhos e Gaspar Martins, como onda de esperança e hino de renascimento.

Passo Fundo, 29 de Agosto de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.129-157.

Data : 07/10/1937

Título : 319 BRAULIO ESTIVALLET

Categoria: Memórias

Descrição: Faleceu, no dia 10 de Setembro último, em Passo Fundo, o meu prezado amigo Braulio Estivallet e devo-lhe a consignaço, nestas “Notas íntimas” de uma palavra de sincera saudade.

Faleceu, no dia 10 de Setembro último, em Passo Fundo, o meu prezado amigo Braulio Estivallet e devo-lhe a consignaço, nestas “Notas íntimas” de uma palavra de sincera saudade.

Devia ter cerca de 50 anos de idade e era solteiro, vivendo há muito, talvez mais de 25 anos, com uma mulher por nome Izolina, cujo apelido era Ruiva. Esta era-lhe verdadeiramente dedicada, tendo irrepreensível procedimento e, por isso, Braulio deixou-lhe toda sua fortuna, que calculo em 200 contos.

Aquele amigo tinha um gênio muito folgazão e onde estivesse o manifestava sempre.

Era homem valente e disposto à luta, tendo prestado ao Partido Republicano, a que sempre pertenceu, relevantes serviços, quer na paz como na guerra. Nunca quis aceitar posto algum de oficial nos corpos revolucionários de 1923, 1925 e 1930, onde sempre esteve na primeira linha.

Fomos grandes amigos, e na estância que tinha arrendado, no 6º distrito, estive escondido quatro dias, quando, em 1933, vi-me obrigado a procurar a República Argentina para fugir da perseguição de José Antônio Flôres da Cunha, então interventor federal do Rio Grande do Sul.

Assisti, domingo último, a sua missa, na igreja da Candelária, em Homenagem à sua memória e também a do Dr. Victor Russomano, outro amigo e colega, recentemente falecido.

Braulio era caridoso, honesto, trabalhador e estou certo de que ele muito devia o seu progresso na vida à ação de Izolina, por isso que, em moço, dava-se ao jogo e um pouco ao álcool e, com

algum cuidado, bondade e perseverança, a sua companheira amiga o regenerou por completo, e ele mesmo, pouco antes de morrer, tal coisa me disse: “Devo tudo o que tenho à Izolina e tudo que tenho vou lhe deixar”.

Faleceu em consequência de insuficiência aórtica. Paz à sua alma.

Rio, 7 de Outubro de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.157-159.

Data : 09/10/1937

Título : 320 UMA EMENDA

Categoria: Memórias

Descrição: Ao projeto n.º 400 C, que orça a receita e fixa a despesa para o exercício financeiro de 1938, no Brasil, apresentei...

Ao projeto n.º 400 C, que orça a receita e fixa a despesa para o exercício financeiro de 1938, no Brasil, apresentei, a 5 do corrente mês, a seguinte emenda, que foi unanimemente aceita pela Comissão de Finanças, da Câmara dos Deputados:

- Emenda n.º...

Inclua-se, na Renda Ordinária, I-b – Renda de Tributos – Imposto de Consumo, o seguinte:

47A – Carbureto de cálcio – 200:000\$000

Justificação

A taxação do carbureto de cálcio, no imposto de consumo, foi indevidamente suprimida quando entrou em vigor o preceito constitucional sobre divisão tributária.

O art. 8º, alínea I, letra d, da Constituição declara competir privativamente aos Estados decretar impostos sobre “consumo de combustíveis de motor de explosão”. E como o carbureto estivesse incluído na tributação do consumo juntamente com a nafta e a gasolina, de modo errado se entendeu que se tratava de carburante da mesma natureza, impondo-se assim o seu cancelamento.

O restabelecimento desta taxação trará um aumento de cerca de 200:000\$000 à receita orçamentária.



A emenda visa incluir tal fonte de renda na rubrica competente – Imposto de Consumo – da espécie “Carbureto de cálcio”, com a estimativa de 200:00\$000, cobrado o imposto pela forma prescrita no §34 do art. 3º do decreto n.º 22.262, de 28 de Dezembro de 1932, 030 o quilograma ou fração, peso líquido, isto é selagem por guia, quando se tratar de produção nacional e, por verba, quando de origem estrangeira.

Sala das Sessões, 5 de Outubro de 1937. (assinado) Nicolau Vergueiro

Rio, 9 de Outubro de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.160-162.

Data : 10/10/1937

Título : 321 PALESTRA NA CÂMARA

Categoria: Memórias

Descrição: Preliminarmente, consigno que não dei entrevista alguma ao jornal “A Nota” que aqui, no Rio, se publica.

Preliminarmente, consigno que não dei entrevista alguma ao jornal “A Nota” que aqui, no Rio, se publica.

O que se passou foi o seguinte: estava eu, com os meus amigos deputados Fanfa Ribas e Vespúcio de Abreu, na sala do café da Câmara dos Deputados, quando de nós se aproximou um cavalheiro, deles conhecido, cujo nome ignoro e vim mais tarde a saber ser repórter daquela folha, entabulando palestra sobre assuntos gerais.

Logo depois retirou-se o deputado Vespúcio de Abreu e a conversa versou então sobre a política do Rio Grande do Sul e do país. Grande foi o meu espanto, quando, no outro dia, li impressa a nossa palestra íntima.

Nem eu nem Fanfa Ribas seríamos capazes, por mera educação, por isso que Vespúcio é nosso adversário político, de, daquele modo, nos externarmos em presença de um amigo particular, mas de outra orientação política.

Eis o que publicou A Nota, em seu número de ontem, 9 do corrente, à página 3ª – número 712- e que, afora o pequeno e necessário reparo acima, apreendeu bem o que dissemos:

“– O Sr. Nicolau Vergueiro, deputado gaúcho, estava ontem, na sala do café, da Câmara, em companhia dos Srs. Fanfa Ribas e Vespúcio de Abreu, quando nos avizinhamos...

Queríamos ouvir o parlamentar rio-grandense sobre o que ocorre no seu Estado, donde acaba de regressar.

– A situação é inalterável: aparato bélico, de parte a parte, estadual e federal, sem que isso influa na vida local, porque esse movimento é comum no Rio Grande, não causando espanto a ninguém.

– Qual o meio de pacificarmos o Rio Grande? – Insistimos.

– Em primeiro lugar, afastar do governo e do Estado o Flôres da Cunha.

– Em primeiro, segundo e terceiro lugares – adiantou o Sr. Fanfa Ribas.

– Bastaria isso?

– Bastaria, porque é justamente quem ameaça a paz rio-grandense.

– Que sugeriria a paz nacional?

– As eleições presidenciais.

– Acredita que haja eleição?

– Acredito.

Veio à tona a ideia em marcha de continuar o presidente Getúlio Vargas no governo.

O Sr. Fanfa Ribas encareceu a campanha do Dr. Geraldo Rocha, a quem elogiou calorosamente.

– É mais um elevado serviço que presta ao Brasil, disse o deputado gaúcho. E o que admira no grande articulista, não é apenas a condição e o brilho com que escreve, senão também o patriotismo, o desassombro e o desprendimento.

O Dr. Geraldo Rocha e Leal de Souza prestam nesta hora – acentuou o representante de Bagé – coerentes com os sentimentos da ala conservadora gaúcha, um grande serviço ao país e em particular ao Rio Grande.

– Conheci o Dr. Geraldo Rocha, interveio o Nicolau Vergueiro, há muitos anos, em viagem – ia com Pinheiro Machado e ele, em companhia de Farquhar – encontramos na linha de entroncamento. Vi Geraldo Rocha entreter palestra com Pinheiro Machado. E nunca mais o vi, lendo, porém, e com satisfação os seus trabalhos.”

Rio, 10 de Outubro de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.162-166.

Data : 14/10/1937

Título : 322 LACERDINHA

Categoria: Memórias

Descrição: Fui, a 7 do corrente mês, chamado por telefone, para atender ao Dr. Francisco de Paula Lacerda de Almeida Júnior...

Fui, a 7 do corrente mês, chamado por telefone, para atender ao Dr. Francisco de Paula Lacerda de Almeida Júnior, meu prezado e velho amigo, que atualmente reside aqui no Rio, à rua Octávio Correia, 91, na Urca.

Sempre dediquei ao Lacerdinha, como é mais conhecido, uma afeição muito grande, apesar de, por duas vezes, ter me afastado de suas relações, deixando até de cumprimentá-lo, por motivos de ordem política.

Nessas duas ocasiões, fui por ele procurado, dando-me as necessárias explicações.

Reconheço nesse meu amigo um grande talento, uma sólida cultura, um magnífico coração, mas, ao mesmo tempo, um espírito um tanto leviano, e esse tem sido o seu imenso mal na vida.

Sei que ele tem por mim viva dedicação, muita estima e inteira confiança, principalmente como médico, por isso que em Passo Fundo onde morou de 1924 a 1931, salvei-o, em 1928, de uma pneumonia grave: enfim, somos amigos.

Lacerda está, segundo me referiu, casado com uma senhora argentina, e o fez pela lei uruguaia, por isso que ele é divorciado pela lei do nosso país.

Do primeiro matrimônio, tem um único filho, que hoje deve ter pouco mais de 20 anos e por nome José. Este, ao que sei, está enfermo, creio que internado em um sanatório, em São Paulo.

Do segundo, tem também um menino, chamado Paulo, de cerca de 4 anos.

Não sei das condições financeiras do Lacerda, mas pelo que ouvi está envolvido em um grande negócio de terras, nas proximidades desta Capital, e do qual esperara, para breve, fabulosos lucros.

Sua atual esposa me referiu que os seus pais, residentes em Buenos Aires, são riquíssimos.

A casa em que reside, na Urca, é de propriedade da senhora e por ele foi comprada: está luxuosamente mobiliada.

Tenho a impressão de que o Lacerdinha, depois de tanto passo em falso na sua movimentada existência, havia agora acertado o bom caminho, mas eis que, de um momento para outro, surge-lhe pela frente um obstáculo de tal ordem que estou convencido de que não poderá transpô-lo: a tuberculose pulmonar.

Pelo exame que procedi, estabeleci, desde logo, esse terrível diagnóstico.

Pedi, então, uma radiografia e exame de catarro.

Tanto um como outro confirmam o mal.

Eis os resultados:

– Laboratório de Análises Clínicas

Rua da Assembleia, 38 – 1º andar

Drs. Paes Brasil, Piquet Carneiro e Necker Pinto.

Exame pedido: escarro – pesquisa do Bacilo de Koch

Resultado: Presença de numerosos bastonetes ácido álcool resistentes.

Observação: Resultado obtido sem homogeneização do escarro.

Rio 9.10.1937

(assinado) Paes Brasil

– Instituto Radiológico e Fisioterápico

Rua da Carioca, 48

Dr. Nelson Miranda

Radiografia dos pulmões do Dr. Lacerda de Almeida Júnior, 50 anos, 57k200gr de peso e 1m 65 cm de altura

Reação ganglionar bi hilar mais intensa no pulmão direito com infiltração fibro cascosa de parênquima nos dos pulmões com tendência à formação de imagens cavitárias.

Rio 8.10.1937.

(assinado) Dr. Nelson

– De tudo isso depreende-se que a gravidade é máxima.

Escreveu-me, a 9, o Lacerda o seguinte cartão:

Rio, 9-10-1937

Meu caro Vergueiro

Infelizmente o exame radiográfico foi positivo, como verás pela chapa junta. Disse-me o radiologista que a minha lesão é antiga e de forma parenquimosa (que é a pior)

Amanhã te espero. O meu amigo Paes Brasil estará aqui, entre 9 e 10 horas.

Abraço-te amigo velho e certo

(assinado) Lacerda Júnior.

– Fui, a 10, em sua residência, ter uma conferência com o Dr. Paes Brasil.

Encontramos o Lacerda e senhora desolados, tanto mais quanto o radiologista, na presença de ambos, fez, desumanamente, comentários positivos e claros sobre a gravidade e a extensão da moléstia.

Aconselhamos uma estação no Sanatório de Correias, nas proximidades de Petrópolis, mas o nosso amigo declarou que só poderá ir daqui há 20 dias mais ou menos.

Receitamos:

Cálcio Sandoz - 5cm<sup>3</sup> - e

Gadusan 10cm<sup>3</sup> para injeções endovenosas: uma pela manhã e outra à tarde.

E mais: solganol B oleoso, em doses progressivas – injeções intramusculares – duas por semana, sendo que nesses dias não fará cálcio nem gadusan.

Para uso interno:

Thiocol – 6,0

Benzoato de sódio – 6,0

Xarope de codeína – 40,0

Xarope de tolu – 160,0

M. Tome 3 colheres das de sopa por dia.

E mais:

Anemotrat – 1 vidro

M. T. 2 colheres das de sopa por dia.

Estabelecemos um severo regime de superalimentação e aconselhamos medidas de profilaxia, na casa. Enfim, medicação enérgica para um mal violento, antigo e já bem adiantado.

Tenho, daquele amigo, uma grande pena e muito desejo o seu restabelecimento, que duvido, pelas razões seguintes: extensão das lesões, idade já considerável, organismo enfraquecido, etc.

A febre, que nestes últimos 15 dias, variava de 38° a 40°, já declinou sensível: 37,1 a 38°.2.

Tenho feito visitas diárias.

Rio, 14 de Outubro de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.166-174.

Data : 26/10/1937

Título : 323 UMA NOTA DA A NOTA

Categoria: Memórias

Descrição: A Nota, jornal que aqui no Rio se publica, com 6 edições diárias, em seu número 728, de 25 de Outubro corrente...

A Nota, jornal que aqui no Rio se publica, com 6 edições diárias, em seu número 728, de 25 de Outubro corrente, publicou, na seção “Manobras políticas” a seguinte local:

“Para o Rio Grande seguirá, dentro em pouco, o deputado Nicolau Vergueiro, um dos próceres de maior atuação no momento político estadual. S. Excia. Que, em palestra anterior, com a reportagem da A Nota previu os acontecimentos gaúchos, vai entender-se com os seus correligionários sobre as resoluções a serem tomadas pelos dirigentes do Estado, na hora presente. Falando-nos, ontem, o representante rio-grandense disse que, a torno da semana da asa, a comemoração havia sido iniciada, no seu Estado: Com o voo do Flores para o Uruguai...”

Houve aqui, no Rio, uma semana dedicada aos aviadores nacionais, denominada “Semana da Asa” e coincidiu, com o início dela, a fuga do Flôres da Cunha, de avião, para a República do Uruguai, depois de ter renunciado, perante a Assembleia, o lugar de governador do Rio Grande do Sul.

Rio, 26 de Outubro se 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.174-179.

Data : 03/11/1937

Título : 324 ATESTADO MÉDICO

Categoria: Memórias

Descrição: Nos últimos anos, muito se tem, neste país, escrito sobre exame médico pré-nupcial, mas os seus governantes, absorvidos...

Nos últimos anos, muito se tem, neste país, escrito sobre exame médico pré-nupcial, mas os seus governantes, absorvidos, em geral, pela política, que lhes toma 80% das preocupações, têm, de modo censurável, posto de lado assunto de tamanha magnitude.

Faço-lhes justiça de crer que não desconheçam a matéria, mas, esquecendo-se das gerações vindouras, pouco importa que sejam ignorantes e doentias, só vêm em sua frente a atual, única que lhe pode dar o voto e do qual depende sua carreira e, por isso, necessário se torna só sejam resolvidos problemas que digam diretamente com o imediato, embora efêmero, interesse popular: é preciso agradecer a quem garante a estabilidade do poder. Esta atitude, até certo ponto, é natural e não merece acre recriminação, mas o revoltante é observar o seu excesso, de comum tocando às raias do ridículo e, de outro, o descaso com que encaram os temas de educação e de

saúde, linhas basilares em que repousam o futuro e a felicidade do povo, merecedoras, como fonte essencial da vida, de especial atenção por quem responsável pelos seus destinos.

Povo ou homem, sem educação e sem saúde, está destinado, cedo ou tarde, ao fracasso, ao aniquilamento e ao desaparecimento: isso é fatal. Chegam alguns políticos a ironizar aqueles que cuidam desses assuntos. À propósito, narrarei o expressivo fato: ao sair do elevador da Câmara dos Deputados, demandando o recinto das sessões, ouvi, com espanto, certo deputado, que se tem por importante e erudito, dizer a outro: “a sessão de hoje está muito cacete; toda a hora do expediente foi tomada pelo Acelino Leão, que tratou da profilaxia da lepra e outras tolices, com prejuízo para mim e para o país, pois ia trazer a Câmara, em momentoso discurso, documentos comprobatórios das arbitrariedades do delegado de polícia, em minha terra... que homem pau esse Acelino!...”

O Dr. Acelino é um dos representante mais operosos da Câmara: grande inteligência, sólida cultura, educação primorosa e médico ilustre.

Sempre o ouvi com a máxima atenção e interesse, pois são notáveis suas orações parlamentares, nas quais muito se tem a aprender.

Naquela casa do Congresso é frequente, quase regra geral, o orador, em tratando de assunto não político, ser ouvido por meia dúzia de colegas, embora disserte sobre matéria do mais alto interesse coletivo.

Como aquele enfatuado deputado, existem, em outro plano, certos homens, que passam a vida, atacando a Deus e a religião, exprobando aos que assistem a missa e ridicularizando aos que, respeitosa, tiram o chapéu ao passar por um templo; tudo, para tais impenitentes, é carolice, é pieguice, é bobagem. Para eles, Cristo é motivo constante de chacota, filho de carpinteiro, nasceu em estrebaria, deixou-se pregar à cruz e quejandos estribilhos achincalhadores, mas, na horada morte, ou mesmo em face de qualquer febrícula, agarram-se aos rosários, fazem as mais estapafúrdias promessas, dormem seguros ao crucifixo, enchem o quarto de imagens de santos, dependuram escapulários ao pescoço e medalhinhas ao peito da camisa.

Melhoram ou curam-se e, dentro em pouco, esquecem as promessas, relegam às gavetas os rosários, os crucifixos, as medalhas, os escapulários e chegam a envergonhar-se dos atos que praticaram, levando-os à conta do delírio febril, para recaírem, sempre e sempre, nas mesmas cenas. Só se lembram de Deus na hora da doença e, só nesse momento, é que dão valor à saúde.

Em certas regiões da China, cada família tem o seu médico, que percebe um tanto por mês e por pessoa, sendo obrigado, todos os dias, a visitar os seus clientes. Quando enferma uma delas, deixa de receber a cota correspondente e isso porque se julga que o médico deve, antes de tudo, cuidar da saúde dos seus clientes, evitando que os mesmos adoeçam: é espécie de zelador de saúde. Há também quem afirme, e são tantos os maldosos, que a família assim procede para que o médico não prolongue a doença.

O exame médico pré-nupcial tem em mira não só evitar que um cônjuge contamine a outro certas moléstias como também o aparecimento de gerações sadias e robustas.

Por toda a parte do mundo nota-se o mesmo movimento tendente a estabelecer determinadas e salutares regras para o bom casamento e instituição de lar feliz, expurgado, na medida do possível, da desgraça do mal contagioso ou hereditário.

Refere Van de Velde, no seu magnífico livro: “Capaz ou incapaz para o casamento” em que responde às perguntas “Posso, quero, ousar, devo casar-me” que no México são os atestados de saúde recomendados nos bondes, ônibus, vagões de estrada de ferro, onde se vêem cartazes com a figura de uma noiva em traje nupcial e a inscrição: “Não olhes para as joias, mas para o atestado de saúde que o teu noivo te trouxe”.

Desde alguns anos, principalmente depois da leitura dos trabalhos do Dr. Renato Kehl, venho, por todos os meios ao meu alcance, tribuna, imprensa, palestras, conferências, conselhos médicos, trabalhando sem cessar por uma lei que regulamente a matéria e pela formação de um estado de opinião pública em todos os setores sociais, de modo a poder se contar com o concurso consciente dos cidadãos.

Para a realização do exame médico obrigatório necessário se torna a coordenação de três elementos: sociedade, que dita a lei; indivíduo, que deve acatá-la e ciência médica, que a realiza.

Sobre a lei, consigna o art. 145 da Constituição Federal, promulgada em julho de 1934: “A lei regulará a apresentação pelos nubentes de provas de sanidade física e mental, tendo em atenção as condições regionais do país.”

Apresentei, em Agosto de 1936, à Comissão de Saúde Pública da Câmara dos Deputados, um longo projeto aquele respeito e o mesmo ali empacou, não tendo o menor andamento, apesar de todos os empenhos junto aos membros daquela comissão e apesar do enérgico protesto que, em discurso, proferi em plenário, em Janeiro do corrente ano.

Sei que não é só esse o projeto que, na Câmara, dorme indefinidamente; acontece nas várias comissões, e não em pequeno número, o mesmo com outros, também de grande necessidade pública.

Tomemos nota do brilhante e utilíssimo projeto do Dr. Borges de Medeiros, apresentado em Setembro deste ano, sobre o Código Rural, para vermos em quantos anos será lei.

A respeito do indivíduo, que deve acatar a lei, preciso é encaminhá-la no melhor sentido da boa compreensão do texto legal, a fim de não criar embaraços e dificuldades à sua execução e auxiliar o poder público no seu exato e perfeito cumprimento.

Prescreve o art. 138- alínea b: “Incumbe à União, aos Estados e aos Municípios, nos termos das leis respectivas, estimular a educação eugênica”.

Nesse sentido, posso asseverar que, até ao presente, nada, absolutamente nada se fez.

A educação eugênica seria realizada pelo Ministério da Educação e Saúde, entrando a União em acordo com os governos estaduais e municipais para sua perfeita execução em todo o território nacional.

O plano educacional seria efetivado pelo ensino e pela propaganda.

O ensino ministraria-se às escolas públicas e particulares primárias, profissionais, secundárias e normais e às massas organizadas, compreendendo o Exército Nacional, Marinha de Guerra, milícias estaduais, corpos de bombeiros, guardas-civis.

A propaganda, como elemento vulgarizador, far-se-ia pela imprensa leiga e técnica, pelo cinema educativo e pela radiodifusão.



Poderia ser criado o Conselho Nacional de Higiene da Raça, destinado aos estudos dos atinentes e magnos problemas sociais, como núcleo supremo coordenador e organizador dessa benemérita campanha nacional.

Tenho, em elaboração, um projeto de lei, a fim de atender o art. 138 – alínea b.

Seria o ideal se governo e povo, imbuídos de mesmos sentimentos, conjugassem esforços numa eloquente prova de civismo, n afirmação plena da mais ampla educação eugênica.

Em referencia à ciência médica, começo por asseverar a certeza de que os médicos receberão do melhor modo a lei que regular o assunto, por isso que ninguém, como eles, conhece a imperiosidade da mesma, em face do grande número de verdadeiros desastres que a cínica lhes tem dado ensejo de observar.

Não poucos são os médicos que têm verificado a transmissão de mal venéreo de um cônjuge a outro e não há, por certo, um só que não tenha constatado a ação nefasta da sífilis, da tuberculose, do alcoolismo, etc. nos recém-nascidos.

Vejamos o quadro desolador da natimortalidade do Rio de Janeiro. Todos os dados que vamos referir são oficiais e constam dos Boletins de Estatística Demógrafo Sanitária:

– Distrito Federal –

Total de nascimentos:

1921 – 35.871  
1922 – 37.819  
1923 – 35.548  
1924 – 36.699  
1925 – 35.548  
1926 – 38.168  
1927 – 37.233  
1928 – 38.117  
1929 – 39.042  
1930 – 38.076  
1931 – 33.368  
1932 – 32.447  
1933 – 31.573  
1934 – 33.674  
1935 – 36.586  
Total – 539.969

Natimortos:

1921 – 2.589

1922 – 2.743  
 1923 – 2.811  
 1924 – 2.810  
 1925 – 2.589  
 1926 – 2.571  
 1927 – 2.561  
 1928 – 2.656  
 1929 – 2.854  
 1930 – 3.010  
 1931 – 2.756  
 1932 – 2.768  
 1933 – 2.709  
 1934 – 2.891  
 1935 – 2.688  
 Total – 41.006

Vejam os, agora, os óbitos por idade, até 5 anos:

Anos	0 a 1	1 a 2	2 a 3	3 a 4	4 a 5	Total
1921	3.476	1.050	364	204	122	5.216
1922	2.479	1.247	537	227	136	4.626
1923	6.093	3.376	945	476	255	10.145
1924	5.326	2.066	877	416	243	8.928
1925	6.089	2.890	1.213	688	383	11.263
1926	6.298	2.203	1.002	595	378	10.476
1927	5.357	1.780	674	375	236	8.422
1928	5.820	2.380	1.041	510	322	10.073
1929	5.891	2.099	856	493	295	9.634
1930	5.697	1.996	848	380	248	9.169
1931	5.810	2.319	968	515	294	9.906
1932	5.343	1.995	829	441	297	9.908
1933	4.902	1.791	760	418	243	8.114
1934	5.395	1.942	740	431	242	8.750
1935	5.969	1.981	777	430	267	9.424

Total de óbitos de até 5 anos: 134.054

De tudo isso, depreende-se o triste e espantoso resultado seguinte:

Sobre 539.969 nascimentos ocorridos naqueles 15 anos, nasceram mortos e morreram até 5 anos 175.060!!

Lei salvadora e benemérita é a que procura evitar o nascimento de tarados, de loucos, de imbecis, de doentes.

Sejamos, antes de tudo, humanos e tenhamos mais amor a carne de nossa carne. Todo casal aspira um filho e o que perfeito, sadio, robusto para com o seu riso aumentar a felicidade do lar, e que desgraça maior do que vir um paralítico, louco, cego, imbecil, doente, enfim, para com suas caretas, trejeitos e gemidos desgraçar três existências?!

Alegam que o atestado médico para matrimônio é tarefa de maior responsabilidade para o clínico; essa verdade não se contesta, mas isso pouco importa, não deve ser motivo de recuo, por isso que todo profissional, à altura da missão que exerce, não foge, ao contrário assume sempre a responsabilidade dos atos que pratica e toda vida do médico é uma série ininterrupta de responsabilidades, cada qual maior. Isso não é obstáculo e não é aumento de peso.

Para os médicos relapsos haverá, como sempre houve, remédio eficaz no Código Penal.

O art. 145 faz referência às condições regionais do país. Pela sua extensão territorial ainda há muito lugarejo, vila ou cidade do interior sem médico.

Previendo essa falta procuro, no meu projeto, um meio de saná-la.

Temos, no Brasil, talvez 15 faculdades de medicina, disseminadas nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Distrito Federal, Rio, Minas Gerais e Bahia, onde se diplomam cerca de 1200 moços por ano e estes, geralmente, pela dificuldade da vida clínica nas grandes cidades, decorrente do grande número de médicos, muitos de alto conceito e justo renome nacional, procuram o interior, de modo que, pouco a pouco, aquela falta sensível vai desaparecendo.

Em Passo Fundo, por exemplo, há 30 anos, não havia um só médico formado e, hoje, na cidade, trabalham 14, sendo que nos distritos, como Marau, Sarandi e outros, exercem a profissão diversos facultativos. Com o aumento do número de médicos e com o crescente e notável progresso que se registra em todo o Brasil, dentro de algum tempo rara será a povoação sem um profissional.

Quebrando tabus ridículos e nefastos, não me fatigarei de trabalhar pelo ideal eugênico, que visa garantir melhor futuro aos destinos do Brasil e considero dever de patriotismo ilustrar e esclarecer a mocidade promissora, que, no entanto, marcha, muitas vezes, para o abismo do mal e da doença por não ter quem lhes mostre o caminho do bem e da saúde.

Todo candidato ao casamento deve saber se suas condições orgânicas são de tal ordem que possam levar ao novo lar, como garantia de estabilidade, a felicidade e a alegria, em vez da desgraça e da tristeza.

Aos noivos, sempre e sempre, é útil chamar sua atenção, despertar sua consciência, fazendo-lhes ver a imensa responsabilidade que assumem.

Consigno, com prazer, que depois do meu projeto de lei, têm vindo, em Passo Fundo, à minha consulta, diversos jovens, pedindo exame, solicitando tratamento prévio quando necessário e

atestado de saúde para casamento e posso asseverar que, em alguns casos, consequências desagradáveis já foram evitadas.

Para o bem coletivo, por amor à humanidade, pela grandeza do Brasil de amanhã, continuemos, sem esmorecimentos, a pregar esse novo evangelho de saúde: a eugenia ou a higiene da raça.

Pais de família, que só almejam o bem estar dos seus filhos; jovens, responsáveis pelo futuro de seu novo lar, deixem à margem certos preconceitos antigos, já abandonados pela elite dos povos civilizados, encarem, de olhos bem abertos, o problema do casamento não só pela sua face social e moral como também eugênica, procurem o seu médico de confiança, aconselhem-se com eles e, assim, poderão evitar irreparáveis males e garantir a felicidade de entes queridos.

Rio, 3 de Novembro de 1937.

Organização: Marinês Dors e Marco Antônio Damian

Fonte: VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. Volume 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937, redigido em Passo Fundo e no Rio de Janeiro. p.180-195.